

LUCAS1710

Carta aberta ao Corpo
Governante das
Testemunhas de Jeová

Os pecados cometidos durante a pandemia de Covid- 19

«Toda a Escritura é inspirada por Deus e benéfica para ensinar, para repreender, para endireitar as coisas, para disciplinar em justiça, a fim de que o homem de Deus seja plenamente competente, completamente equipado para toda a boa obra.»

2 Timóteo 3:16, 17

Prefácio

Gostaria de expressar a minha profunda gratidão ao autor pela coragem que demonstrou ao escrever esta obra. As realidades que ele descreve, nós as vivemos na própria pele. Através destas páginas, ele apresenta uma análise de notável perspicácia sobre os acontecimentos que marcaram o período de 2021 — assinalado pelo início da vacinação em massa — até 2024, ano da publicação deste livro. Este trabalho de memória revela-se fundamental: por um lado, oferece a muitas Testemunhas de Jeová as chaves para compreenderem plenamente o que se passou; por outro lado, constituirá um testemunho precioso para quem procurar, no futuro, entender a razão pela qual o Corpo Governante se afastou de princípios que, no entanto, sempre havia defendido rigorosamente nos seus escritos.

O autor teve o cuidado de circunscrever o seu estudo à esfera das Testemunhas de Jeová, baseando-se exclusivamente na *Tradução do Novo Mundo* e nas publicações da organização, entre as quais se destaca *A Sentinela*. Elogio, a esse respeito, o seu profundo conhecimento das Escrituras, bem como a sua capacidade de cruzar os versículos e de os fazer ecoar entre si.

Esta obra revestir-se-á igualmente de grande interesse para os juristas, que nela descobrirão as pontes possíveis entre os preceitos cristãos e os textos constitucionais. Num sentido mais amplo, é um convite a estender a reflexão a todas as confissões religiosas e, até mesmo, aos grupos humanos que reagiram de maneira muito semelhante durante este período sombrio da nossa história.

Que esta leitura o convide a sondar os próprios fundamentos da sua fé — um passo, de resto, essencial na vida de qualquer cristão e de qualquer ser humano —, bem como o lugar que concede ao seu próximo.

Ghislain Messe, professor, ancião durante 25 anos.

Prólogo

Infelizmente, há um assunto que se tornou impossível de abordar livremente nas congregações das Testemunhas de Jeová. Um tema tabu, e todos nós o sabemos.

Qualquer pessoa que fale sobre isso é imediatamente chamada à atenção pelos anciãos, sendo aconselhada a guardar silêncio. Expõe-se até à ameaça velada de ser acusada de fomentar "divisões" — uma acusação da qual todos conhecem a gravidade e as consequências de desassociação. Este assunto proibido não é outro senão a posição não bíblica adotada pelo Corpo Governante durante a pandemia de Covid-19, a sua tomada de posição a favor da vacinação e o cortejo de dificuldades que daí resultou.

Por que razão deveríamos passar em silêncio tal realidade? Por que fingir que nada aconteceu?

É certo que alguns argumentarão que o Corpo Governante se limitou a formular "sugestões amorosas", sem nunca impor a vacinação. A honestidade intelectual obriga, no entanto, a reconhecer que não foi esse o caso. Esta carta reúne as transcrições das diferentes Atualizações do Corpo Governante, bem como os *links* para os vídeos do *site* JW.org; tantas provas irrefutáveis de uma renúncia à neutralidade bíblica. Pior ainda, as Escrituras foram manifestamente deturpadas a fim de persuadir os publicadores de que Jeová Deus apoiava essas diretrizes.

Muitos irmãos e irmãs, que na altura pressentiam que "algo não estava bem", ainda não mediram toda a gravidade destes acontecimentos. Hoje, precisam de colocar os factos em perspetiva, juntar as peças deste *puzzle* para compreenderem o quadro geral. É a eles, bem como a quem desejar confrontar este assunto à luz das Escrituras, que esta carta se dirige.

Jeová é o "Deus da verdade" e Jesus Cristo lembrou que convém adorá-lo "com espírito e verdade" (Salmo 31:5; João 4:24). Alimentar ilusões ou minimizar o alcance do que se passou coloca-nos numa posição espiritual perigosa perante Jeová e o Seu Filho. As Escrituras alertam-nos de que aqueles que não aceitam o "amor à verdade" e escolhem negá-la incorrem na desaprovação divina por terem "sentido prazer na injustiça" (2 Tessalonicenses 2:10-12).

É correto fechar os olhos face a um desvio bíblico? Apoia a Bíblia realmente as teses transmitidas durante a pandemia nas Atualizações do Corpo Governante? Devemos obedecer cegamente, em detrimento do nosso próprio discernimento? Estas questões cruciais, e muitas outras, serão examinadas ao longo destas páginas.

Este escrito inspira-se na carta original que o autor destinava inicialmente à filial das Testemunhas de Jeová do seu país. Hoje, é partilhada no interesse de todos. O autor nutre a esperança de que, se a "futura pandemia" tão profetizada vier a surgir, estas linhas preservem alguns de qualquer coerção prejudicial à sua integridade física e espiritual.

Não se trata aqui de prescrever nem de proibir qualquer tratamento médico; a saúde de cada um é da sua própria responsabilidade e da sua família. Se há uma verdade que ressalta destas páginas, é a de que ninguém se deve arrogar o direito de decidir pelos outros, nem pretender indevidamente que os seus próprios conselhos são ditados por Deus.

Aviso sobre Direitos de Autor

O «uso justo» é permitido para fins como a crítica, o comentário, a reportagem noticiosa, o ensino, o estudo e a investigação. O uso justo é uma utilização permitida pela lei dos direitos de autor que, de outra forma, poderia constituir uma infração. A utilização sem fins lucrativos, educativa ou pessoal enquadra-se neste uso justo.

Todas as citações bíblicas e vídeos aqui analisados podem ser visualizados no *site* JW.ORG e encontram-se acessíveis ao público.
<https://www.jw.org/>

Autor

LUCAS1710, de um lugar remoto e esquecido da América do Sul.
1/8/2024

Tradução

Ghislain Messe 31/07/2026

Acesso online

https://eventos-adversos-jw.org/carta_aberta/

Versões digitais em PDF e EPUB.

Acesso através das plataformas Apple Books e Amazon.

Versão impressa disponível na Amazon.

Idiomas disponíveis: espanhol, inglês, francês, alemão, croata, italiano, húngaro, polaco, romeno e português.

Índice

INTRODUÇÃO

Que razões motivam tal conclusão? 12

Qual será, então, o cerne do nosso assunto? 12

Porque é que este livro é tornado público em vez de permanecer privado?

Alguns esclarecimentos necessários 19

O meu percurso pessoal

A nossa posição face à vacinação

A minha posição pessoal face à vacinação 25

Argumentos apresentados pelos nossos irmãos e irmãs que recusam a vacinação

O argumento da “pureza física” (2 Coríntios 7:1) 30

O argumento do respeito pela vida e da santidade do sangue (Êxodo 21:22, 23) 32

O argumento da integridade genética (Salmo 139:15, 16) 33

O argumento da vigilância face a práticas idolátricas (1 Coríntios 10:20) 36

O argumento da pharmakeia (Gálatas 5:19-21) 39

Conclusões relativas aos argumentos apresentados 40

O pensamento divino sobre a vacinação: uma questão de liberdade cristã

Uma aplicação direta às decisões médicas 44

O ponto de vista oficial da nossa organização (Até abril de 2021) 46

O argumento de 1 Coríntios capítulo 8 49

O argumento de 1 Coríntios capítulo 10 55

O argumento de Romanos capítulo 14	61
A VACINAÇÃO E AS AUTORIDADES HUMANAS	67
RESUMO DO PONTO DE VISTA DA BÍBLIA SOBRE A VACINAÇÃO	
Síntese dos princípios orientadores por passagem bíblica	71
PROBLEMAS ENCONTRADOS DURANTE A PANDEMIA	
OS FACTOS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19	
ATUALIZAÇÃO DO CORPO GOVERNANTE N.º 6 DE 2021 APRESENTADA POR SAMUEL HERD	80
ATUALIZAÇÃO DO CORPO GOVERNANTE N.º 7 DE 2021 APRESENTADA POR GERRIT LÖSCH	93
ATUALIZAÇÃO DO CORPO GOVERNANTE N.º 8 DE 2021 APRESENTADA POR STEPHEN LETT	107
ATUALIZAÇÃO DO CORPO GOVERNANTE N.º 9 DE 2021 APRESENTADA POR DAVID SPLANE	119
ATUALIZAÇÃO DO CORPO GOVERNANTE N.º 10 DE 2021 APRESENTADA POR ANTHONY MORRIS	151
ATUALIZAÇÃO DO CORPO GOVERNANTE N.º 1 DE 2022 APRESENTADA POR KENNETH COOK	160
O QUE VOCÊS FIZERAM APÓS A PANDEMIA	
CONCLUSÕES DAS ATUALIZAÇÕES, CARTAS E DISCURSOS	
É HORA DE FAZER UM BALANÇO	
PECADOS COMETIDOS	
CONTRA JEOVÁ E A SUA PALAVRA	204
CONTRA JESUS CRISTO E OS IRMÃOS	227

EM DESACORDO COM OS REQUISITOS PARA UM ANCIÃO

IRREPREENSÍVEL; LIVRE DE ACUSAÇÃO; QUE TENHA UM BOM TESTEMUNHO DE PESSOAS DE FORA DA CONGREGAÇÃO (1 TIMÓTEO 3:2, 7, 8, 10; TITO 1:6, 7)
284

SENSATO (1 TIMÓTEO 3:2) 286

HOSPITALEIRO (1 TIMÓTEO 3:2; TITO 1:8) 287

QUALIFICADO PARA ENSINAR (1 TIMÓTEO 3:2) 288

NÃO ESPANCADOR, MAS RAZOÁVEL, NÃO BRIGÃO (1 TIMÓTEO 3:3; TITO 1:7) 291

NÃO AUTOWILLFUL, MAS NÃO OBSTINADO (TITO 1:7)
292

LEAL (TITO 1:8) 294

NECESSIDADE URGENTE DE UM COMISSÃO JUDICIAL

POR QUE NÃO ENVIEI UM LIVRO MAIS CEDO?

Jeffrey Winder: Sermos Modestos Beneficia os Outros (Mat. 22:39) 299

Jeffrey Winder: Como é Que a Luz Fica Mais Clara? 312

EFEITO SOBRE OS IRMÃOS E IRMÃS

NECESSIDADE URGENTE DE UM ARREPENDIMENTO PÚBLICO

PROBLEMAS NO HORIZONTE

AMIZADE INDEVIDA COM A FERA SELVAGEM 357

A PERIGOSA DOUTRINA DAS INSTRUÇÕES FUTURAS “ILLÓGICAS, ESTRANHAS E DIFÍCEIS DE APLICAR” 372

O ESCLARECIMENTO SOBRE A IDENTIDADE DO ESCRAVO FIEL E PRUDENTE 381

GUERRA OU PAZ NA CONGREGAÇÃO?

Anexo 1 - Carta enviada a todos os betelitas e servos a tempo inteiro para os incitar a vacinarem-se

Anexo 2 - Carta para pressionar os anciãos a vacinarem-se

Anexo 3 - Carta de acompanhamento do livro, enviada ao Corpo Governante e às filiais

Anexo 4 - Comissão de disciplina religiosa do Corpo Governante de 14 de julho de 2025

INTRODUÇÃO

Queridos irmãos do Corpo Governante,

É com um profundo sentimento de responsabilidade que hoje tomo da pena, movido pela convicção de que cometeram uma falta de extrema gravidade, a qual me é impossível silenciar. Se se tratasse de uma fraqueza menor, teria de bom grado optado por não a levar em conta, em harmonia com os conselhos das Escrituras e com a misericórdia que Jeová demonstra diariamente para connosco; é forçoso constatar, infelizmente, que a realidade é bem diferente.

É certo que a Palavra de Deus nos lembra de que:

Salmos 130:3

«Se vigiasses os erros, ó Jah, Quem é que poderia ficar de pé, ó Jeová?»

E também:

Colossenses 3:13

«Continuem a suportar-se uns aos outros e a perdoar-se uns aos outros liberalmente, mesmo que alguém tenha razão para queixa contra outro. Assim como Jeová vos perdoou liberalmente, vocês devem fazer o mesmo.»

Mas as Escrituras dizem-nos também:

Gálatas 6:1

«Irmãos, mesmo que um homem, sem se aperceber, dê um passo em falso, vocês que têm qualificações espirituais tentem reajustar tal homem num espírito de brandura. Mas que cada um olhe para si mesmo, para que não seja tentado também.»

Assim, espera-se que o cristão saiba discernir, com amor, as fraquezas que devem ser cobertas e aquelas que é imperativo retificar. O assunto que vou desenvolver é de vital importância, tanto para si como para toda a família de irmãos; fingir que nada aconteceu não demonstraria, de modo algum, verdadeiro amor. Para dizer a verdade, o que está em jogo aqui é uma questão de vida ou de morte, e espero sinceramente que dê a isso a máxima consideração.

Nas páginas que se seguem, não julgarei as suas intenções, pois não tenho o poder de sondar os corações. Se Jeová “vê o que o coração é”, os homens, por sua vez, veem “apenas o que aparece aos olhos” (1 Sam. 16:7). Portanto, irei ater-me a factos tangíveis, manifestos para todos e verificáveis por qualquer pessoa de forma inegável, certificando-me de apoiar escrupulosamente cada uma das minhas afirmações.

A gravidade da situação que vou expor exige que uma comissão de irmãos qualificados se reúna consigo, a fim de esclarecer as razões profundas que motivaram as suas ações.

Que razões motivam tal conclusão?

João lembra-nos disso:

1 João 1:8-10

«Se fazemos a declaração: “Não temos pecado”, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós. Se confessamos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e purificar-nos de toda a injustiça. Se fazemos a declaração: “Nós não pecámos”, fazemos dele um mentiroso, e a sua palavra não está em nós.»

Permanecer impenitente diante do pecado e não se esforçar, por todos os meios, para reparar o mal causado constitui uma falta de imensa gravidade. Como bem sabemos, as intenções mais louváveis não podem expiar uma transgressão; apenas a expressão de um arrependimento sincero permite apagar a sua mancha.

Qual será, então, o cerne do nosso assunto?

O apóstolo Paulo lembrou que os cristãos maduros têm as suas “faculdades de discernimento treinadas para saber distinguir tanto o bem como o mal” (Hebreus 5:14). Tratar-se-á aqui dos desvios trágicos relacionados com a política de vacinação, e daqueles irmãos e irmãs que, infelizmente, viram a sua saúde arruinada ou perderam a vida durante a pandemia da Covid-19. Se formos incapazes de analisar estes factos e de os debater à luz dos critérios bíblicos, é a nossa própria maturidade espiritual que está em falta. No entanto, discernir o bem do mal é a exigência fundamental do homem espiritual.

Nestas páginas, queridos irmãos do Corpo Governante, é a vossa responsabilidade individual que será posta em evidência por terem promovido a vacinação no seio das congregações. É verdade que o exame de tal assunto se revela doloroso, mas é imperioso fazê-lo, pois, se não aprendermos as lições, a história repetir-se-á, como demonstrarei mais adiante.

Não ignoro que o vosso primeiro reflexo será invocar a vossa neutralidade. Sem dúvida, argumentarão que nunca impuseram a vacinação a ninguém, alegando terem formulado apenas “sugestões” benevolentes. Argumentarão também que a saúde é da exclusiva responsabilidade de cada um. Contudo, o exame dos factos desmente esta postura: existem provas tangíveis que é impossível ignorar.

Para citar apenas um exemplo entre muitos outros, na Atualização do Corpo Governante N.º 10 de 2021, o irmão Anthony Morris declara, logo aos vinte e cinco segundos:

[https://www.jw.org/finder?](https://www.jw.org/finder?srcid=share&wtlocale=TPO&lank=docid-702021091_1_VIDEO)

[srcid=share&wtlocale=TPO&lank=docid-702021091_1_VIDEO](https://www.jw.org/finder?srcid=share&wtlocale=TPO&lank=docid-702021091_1_VIDEO)

Se o link acima não funcionar: <https://ody.sh/Wbd6MoOBWm>

«Não deixamos de orar por todos aqueles que perderam pessoas amadas. Nos últimos dias, tem-se ouvido falar muito nos meios de comunicação social sobre a nova variante Ómicron. Atualmente, ainda há muitas incógnitas.

Mas, irmãos e irmãs, não entremos em pânico. Continuemos a aplicar todas as precauções que já deram provas: o uso de máscara, o distanciamento físico, lavar as mãos frequentemente e, se for possível, vacinar-se.»

O irmão Morris afirma, de forma inequívoca, que é recomendável vacinar-se, sob o pretexto de que “isso funciona”.

Sem sequer abrir o debate sobre a eficácia real ou suposta desta terapia, é forçoso reconhecer que a vacinação constituía apenas uma opção médica entre outras, e de modo algum uma solução única. A título de exemplo, muitas pessoas optaram por tratar a Covid-19 recorrendo à ivermectina, para citar apenas esta alternativa. Convém, aliás, lembrar que as substâncias administradas na altura tinham um carácter

experimental e tinham beneficiado apenas de autorizações de emergência.

Por definição, a “neutralidade” exige que não se tome partido perante opiniões divergentes. Permanecer neutro em matéria de tratamentos médicos face à Covid-19 deveria ter consistido em não privilegiar nenhum, deixando a cada um a liberdade de optar pela abordagem terapêutica que lhe parecesse mais sensata. A partir do momento em que se promove publicamente um tratamento específico, toma-se, de facto, uma posição, e a neutralidade deixa de existir. Ao escolherem defender abertamente a vacinação e ao usarem a vossa autoridade teocrática para inclinar a balança nesse sentido, assumem *de facto* a responsabilidade pelas consequências que daí resultam.

É verdade que a imperfeição humana nos expõe a todos ao erro, e todos nós tropeçamos em palavras.

O discípulo Tiago lembra-nos disso, aliás, nestes termos:

Tiago 3:1-5

«Não devia haver muitos entre vocês a tornarem-se instrutores, meus irmãos, pois sabem que nós receberemos um julgamento mais pesado. Pois todos nós tropeçamos muitas vezes. Se alguém não tropeça em palavra, é homem perfeito, capaz de refrear também todo o seu corpo. Se colocamos freios na boca dos cavalos para que nos obedeçam, guiamos também todo o seu corpo. Vejam também os navios: embora sejam grandes e impelidos por ventos fortes, são dirigidos por um leme muito pequeno, para onde o timoneiro deseja ir. Do mesmo modo, a língua é uma parte pequena do corpo, mas gaba-se de grandes coisas. Vejam como basta uma simples centelha para incendiar uma grande floresta!»

Mesmo movidos pelas intenções mais puras, a nossa imperfeição como instrutores expõe-nos ao risco de tropeçar em palavras e de acender, mesmo sem querer, um verdadeiro “fogo”. É um obstáculo que todo o instrutor da verdade bíblica tem de admitir e contra o qual deve, imperativamente, precaver-se.

No entanto, as declarações do irmão Anthony Morris não podem ser reduzidas a um simples lapso de linguagem cometido por inadvertência. Todo o Corpo Governante, de várias formas e repetidamente,

orquestrou a promoção desta terapia, tal como demonstrarei ao longo destas páginas. Tratou-se de uma linha de conduta deliberada, cujos efeitos se revelaram dramáticos e devastadores; as provas disso são tão abundantes quanto irrefutáveis. Foi este incentivo repetido à vacinação, conjugado com a difusão de vários conceitos preocupantes nas nossas publicações, que me impôs o dever de vos enviar esta carta.

Porque é que este livro é tornado público em vez de permanecer privado?

Num primeiro momento, tinha decidido enviar este escrito de forma estritamente confidencial à sucursal do meu país, antes de o fazer chegar a vós em janeiro de 2024. Esta escolha inicial foi motivada por considerações específicas sobre as quais voltarei em detalhe mais adiante. Ninguém suspeitava do teor destas páginas — nem mesmo a minha esposa, que é, no entanto, a minha confidente mais íntima —, e a minha intenção era preservar este segredo. O princípio bíblico que tinha ditado esta primeira abordagem foi o seguinte:

Mateus 18:15

«Além disso, se o teu irmão cometer um pecado, vai e mostra-lhe o seu erro, somente entre ti e ele. Se ele te ouvir, ganhaste o teu irmão.»

Jesus indica aqui, de forma inequívoca, que tais assuntos devem ser resolvidos na intimidade, sem serem expostos publicamente. No entanto, um acontecimento veio mudar os meus planos. Devido a uma situação familiar que não convém expor aqui, tive de desistir do envio desta correspondência, o que me mergulhou num terrível tormento.

Tinha registado ali dezenas de páginas — uma análise exaustiva apoiada em provas manifestas. O que deveria eu fazer com todo esse trabalho? Além disso, a minha consciência atormentava-me cruelmente. Eu detinha elementos que me pareciam de capital importância, não apenas para vós, mas para todos os meus companheiros cristãos. Assistir à degradação da saúde de tantos irmãos e irmãs, no preciso momento em que se vislumbra uma nova pandemia, era profundamente alarmante. Tanto mais que, da vossa parte, nada deixava prever uma tomada de consciência da gravidade das vossas ações.

O livro de Provérbios declara, aliás:

Provérbios 24:11, 12

«Livra os que estão a ser levados para a morte; Salva os que estão a cambalear para a matança. Se disseres: “Mas não sabíamos de nada”, Será que Aquele que examina os corações não o discernirá? Sim, Aquele que te observa

saberá E retribuirá a cada homem segundo as suas ações.»

Se eu escolhesse calar-me, não poderia alegar que não “sabia de nada” no Dia do Julgamento, perante “aquele que examina os corações”. A evidência impunha-se a mim: eu estava plenamente consciente da situação e, ao manter-me em silêncio, temia parecer covarde aos olhos de Deus e de Jesus Cristo. Ora, não ignoramos que os covardes têm a sua parte “no lago que arde com fogo e enxofre” (Apocalipse 21:8). Quem iria querer incorrer em tal condenação? Amordaçar a minha consciência no silêncio equivalia, portanto, a poluir-me espiritualmente e a renunciar à minha integridade perante Deus. Foi neste profundo tormento que meditei sobre o alcance das instruções de Mateus, capítulo 18, onde está escrito:

Mateus 18:15-17

«Além disso, se o teu irmão cometer um pecado, vai e mostra-lhe o seu erro, somente entre ti e ele. Se ele te ouvir, ganhaste o teu irmão. Porém, se não te ouvir, leva contigo mais um ou dois, para que, com base no depoimento de duas ou três testemunhas, toda a questão seja estabelecida. Se ele não os ouvir, comunica-o à congregação. Se não ouvir nem mesmo a congregação, seja ele para ti apenas como um homem das nações e como um cobrador de impostos.»

O primeiro passo consiste em conversar em privado; se essa abordagem se revelar vã, passa-se para o segundo. Este ordena que se envolvam “testemunhas”. No caso de um novo fracasso, vem então o terceiro e último passo: “falar à congregação”, isto é, neste contexto, levar o assunto ao conhecimento da família mundial de irmãos.

Sendo assim, o meu plano inicial de manter esta carta confidencial deixou de fazer sentido. De facto, outros cristãos já vos tinham enviado correspondência sobre este assunto específico, sem que, por isso, tivessem mudado a vossa posição: o PASSO 1 já tinha, portanto, sido dado.

Vós recebestes centenas, se não milhares de cartas, enquanto muitos publicadores apresentavam as suas queixas às filiais locais. Estas filiais funcionaram, assim, como TESTEMUNHAS, mas nada mudou e vós persististes em não reconhecer o vosso erro: o PASSO 2 chegava ao fim.

Compreendi então que uma abordagem puramente individual da minha parte teria provavelmente sofrido o mesmo destino que o rolo escrito por Jeremias e destinado ao rei Joaquim, que “o cortou com um canivete de secretário e o lançou no fogo” (Jeremias 36:22-24). Ou pior ainda, poderia esperar uma reação semelhante à de Amazias: “Por acaso nomeámos-te conselheiro do rei? Para! Porque devias ser morto?” (2 Crónicas 25:16). Os meus esforços isolados estavam condenados a permanecer estéreis.

Será esta uma visão errada? O que aconteceu àqueles que ousaram insistir no assunto que me preparo para desenvolver? Voltaremos mais tarde ao destino reservado a muitos dos meus antecessores.

Ora, Jesus estipulou que, se os passos preliminares falhassem, conviria “falar à congregação” (PASSO 3). E a congregação, como referi, designa toda a família de irmãos. As Escrituras fornecem-nos, aliás, um precedente notável na carta aos Gálatas, sobre o qual me deterei mais adiante.

O apóstolo Paulo repreendeu Pedro publicamente diante da congregação de Antioquia. No entanto, vós ensinais que Pedro pertencia ao corpo governante do primeiro século, e afirmais basear o vosso próprio funcionamento nesse modelo apostólico, não é verdade?

Paulo repreendeu Pedro porque a atitude deste último estava a desencaminhar a congregação. Quantas pessoas foram afetadas por isso? Cem, duzentas, talvez trezentas almas? E, acima de tudo, houve perda de vidas humanas? Certamente que não.

Da vossa parte, foram milhões de irmãos e irmãs que vós induzistes em erro na questão da vacinação. Se a falta de Pedro exigia uma repreensão pública, com quanta mais razão a vossa o exige hoje! Pedro não tinha recebido nenhum aviso prévio; vós, por outro lado, fostes alertados repetidas vezes, mas preferistes não dar qualquer importância.

O apóstolo João registou este ensinamento de Jesus Cristo:

1 João 1:5

«Esta é a mensagem que ouvimos dele e que vos anunciamos: Deus é luz, e não há nenhuma escuridão nele.»

“Deus é luz”, e é por isso que os seus servos são chamados a ser “filhos da luz” (1 Tessalonicenses 5:5). As suas ações realizam-se à luz do dia,

nunca na escuridão. A verdade, por natureza, não teme a claridade. É por isso que esta carta será tornada pública, acessível a todos os irmãos e irmãs em todo o mundo que desejarem tomar conhecimento dela. Afinal de contas, as verdades bíblicas ensinadas por Jesus Cristo não têm como objetivo permanecer em segredo: devem ser “pregadas do alto dos telhados”.

Mateus 10:27

«O que eu vos digo na escuridão, digam-no na luz; e o que é sussurrado aos vossos ouvidos, preguem-no dos terraços das casas.»

Alguns esclarecimentos necessários

Na redação deste documento, certifiquei-me de cumprir várias diretrizes essenciais.

1 Tessalonicenses 5:12, 13

«Pedimos agora, irmãos, que respeitem os que trabalham arduamente no vosso meio, que vos presidem no Senhor e que vos aconselham. Tenham a mais alta consideração por eles, com amor, por causa do seu trabalho. Sejam pacíficos uns com os outros.»

Vós contaís com muitos anos de serviço dedicado em benefício da família de irmãos, o que eu respeito profundamente. Além disso, a presente abordagem visa ser pacífica e esforça-se por seguir escrupulosamente os passos prescritos por Jesus Cristo. A primeira carta a Timóteo lembra-nos, aliás:

1 Timóteo 5:1, 2

«Não repreendas severamente um homem idoso. Em vez disso, aconselha-o bondosamente como a um pai; aos jovens, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães; às jovens, como a irmãs, com toda a castidade.»

A vossa idade avançada impõe igualmente respeito e deve transparecer nas minhas palavras. Por isso, se ao longo da vossa leitura perceberem qualquer forma de desrespeito, grosseria ou dureza, saibam, por favor, que essa não era, de modo algum, a minha intenção.

Esta abordagem é ditada pelo amor e não nutro qualquer ressentimento em relação a vós. Para dizer a verdade, tenho orado regularmente a

vosso favor, desejando sinceramente o vosso sucesso espiritual. Tomo Jeová e Jesus Cristo por testemunhas, eles que sondam os meandros do meu coração. Como bem sabem, queridos irmãos, é impossível pedir sinceramente as bênçãos divinas por alguém que se rejeita.

A palavra escrita priva o leitor da inflexão da voz, o que por vezes pode dar margem a mal-entendidos. Além disso, esta carta, originalmente redigida em espanhol, teve de ser traduzida para vos ser acessível. Estes fatores combinados poderiam fazer-vos crer, erradamente, que adoto um tom veemente ou irreverente. Se tal sentimento vos passar pela mente, peço-vos que suspendam a leitura por um instante e imaginem esta realidade: a minha voz está cheia de profunda deferência, o meu ritmo é calmo e, apesar da gravidade do assunto, é com um sorriso fraternal que me dirijo a vós.

No entanto, tenham em mente que, se a minha voz chegasse distintamente aos vossos ouvidos, perceberiam nela a certeza de alguém plenamente convencido. Esta firmeza não procede, de modo algum, de uma confiança presumida na minha própria pessoa, mas encontra a sua fonte nas palavras do salmista, quando declara:

Salmos 16:8

«Mantenho constantemente Jeová diante de mim. Nunca serei abalado, porque ele está à minha direita.»

Tenho as Escrituras — a própria Palavra de Jeová — ao meu lado, por assim dizer à “minha direita”; essa é a única razão da minha absoluta certeza quanto aos elementos que vos apresento.

Aspiro sinceramente e com humildade que esta correspondência exerça uma influência benéfica sobre as vossas pessoas, bem como sobre toda a congregação.

O meu percurso pessoal

Não abordarei o meu percurso em pormenor, visto que a minha pessoa pouco importa; apenas conta a validade do meu argumento. No entanto, compreendo que, quando um desconhecido se apresenta para levantar uma questão crucial, seja natural querer saber quem ele é. É por essa razão que partilho convosco estes breves elementos essenciais, a fim de vos esclarecer sobre a minha mentalidade e sobre o que move a minha abordagem.

O meu batismo remonta a várias décadas atrás, quando ainda era adolescente. Desde então, nunca fui desassociado, nem repreendido, nem me associei formalmente de outra forma [ou: nunca me dissocie], e nunca caí na inatividade. Em momento algum abandonei a congregação ou os meus irmãos. Não fui infiel à minha esposa, não alimentei a minha mente com pornografia, e não abandonei a Deus secretamente, nem levei uma vida dupla. Certamente, estou longe de ser perfeito e, como qualquer pessoa, tenho de trabalhar no meu progresso espiritual; contudo, nunca deixei de amar a Jeová nem de lhe ser fiel. Tenho a mente aberta e guardo-me de qualquer ação que possa comprometer a paz da congregação, cujo valor compreendo plenamente.

Que certeza desejo transmitir-vos com este testemunho?

Não sou um apóstata, nem um transgressor, e muito menos um homem possuído pelo espírito de Corá, que procura contestar a autoridade de algum “Moisés antitípico”. Faço questão de que as coisas fiquem bem claras, para que não se tente desacreditar-me, insinuando que motivos obscuros ou malevolência guiam a minha pena.

Queridos irmãos, guardo também em mente esta exortação do apóstolo Paulo:

Atos 20:29, 30

«Sei que, depois de eu me ir embora, entrarão no vosso meio lobos ferozes, que não tratarão o rebanho com ternura, e mesmo dentre vocês surgirão homens que dirão coisas deturpadas para arrastar os discípulos atrás de si.»

Aquietem o vosso coração, meus irmãos, não sou um “lobo cruel” que procura proferir “coisas deturpadas”. Sou apenas uma “ovelha humilde”

de Cristo, profundamente preocupada com a linha de conduta que adotaram e com o impacto dela sobre a congregação. Não tenho a mínima intenção de “atrair os discípulos” atrás de mim, e não procuro nenhuma importância indevida neste assunto. É precisamente por essa razão que escolhi preservar o meu anonimato.

Se desejarem associar-me a uma identidade, chamem-me simplesmente LUCAS1710. Afinal de contas, a redação desta correspondência é apenas o cumprimento daquilo que eu “devia fazer”, e isso não me confere mérito algum. As verdades que exponho aqui apenas traduzem em voz alta o que muitos pensam em silêncio.

Queridos irmãos do Corpo Governante, sirvo fielmente ao nosso Deus há décadas e tenho a firme intenção de permanecer apegado a ele por toda a eternidade.

Naturalmente, nada no meu percurso me autoriza, por iniciativa própria, a dar-vos conselhos. As Escrituras especificam, aliás, na carta aos Gálatas, que o ato de reajustar outra pessoa está reservado àqueles que preenchem condições bem precisas. Apenas os que têm “qualificações espirituais” estão habilitados a reajustar um homem que dá “um passo em falso” (Gálatas 6:1). Portanto, é indispensável estar em harmonia com o espírito de Deus para corrigir alguém que cometeu uma falta.

A este respeito, Paulo dirigiu a Timóteo — e por extensão a cada um de nós — esta recomendação:

2 Timóteo 3:16, 17

«Toda a Escritura é inspirada por Deus e benéfica para ensinar, para repreender, para endireitar as coisas, para disciplinar em justiça, a fim de que o homem de Deus seja plenamente competente, completamente equipado para toda a boa obra.»

O que qualifica alguém para dar conselhos é o facto de estar em harmonia com a Palavra de Deus, visto que esta foi produzida pelo seu espírito. Usá-la-ei e não me desviarei dela ao longo de toda esta carta. É por isso que posso “repreender” e estar “plenamente equipado para toda a boa obra”.

É isso, aliás, o que é dito na carta aos Tessalonicenses:

1 Tessalonicenses 2:3-5

«Pois a exortação que damos não vem de erro nem de impureza, nem é enganosa, mas, visto que Deus nos aprovou para sermos incumbidos das boas novas, assim falamos para agradar não a homens, mas a Deus, que examina o nosso coração. De facto, sabem que nunca bajulámos ninguém, nem usámos de fingimento com intenções gananciosas; Deus é testemunha!»

Se, além de permanecermos inabalavelmente apegados à mensagem bíblica sem nunca a adulterar, falarmos “para agradar não a homens, mas a Deus”, somos então “julgados dignos” de confiança segundo o ponto de vista de Jeová. Sendo assim, o meu argumento não se deixará levar por nenhuma lisonja nem se apoiará em nenhum “elogio” hipócrita; conformar-me-ei estritamente à objetividade das Escrituras, como se espera de qualquer autêntico servo de Deus, e Jeová será “testemunha”.

Espero sinceramente que abordem a leitura desta carta com a mesma disposição de espírito do rei David, quando declarou:

Salmos 141:5

«Se o justo me surrasses, seria um ato de amor leal; Se me repreendesses, seria como óleo sobre a minha cabeça, Que a minha cabeça nunca recusaria. Continuarei a orar, mesmo durante as suas calamidades.»

Sim, queridos irmãos do Corpo Governante, aspiro sinceramente a que as repreensões deste escrito sejam para vós como “óleo sobre a cabeça”, e que o vosso coração não as rejeite.

A nossa posição face à vacinação

Parece-me de capital importância esclarecer aqui a minha postura, a fim de dissipar qualquer equívoco e evitar que esta correspondência seja erroneamente assimilada a uma forma de “propaganda antivacina”. A minha linha de conduta nesta questão nunca variou: respeito plenamente a escolha daqueles que decidem vacinar-se, tal como respeito a liberdade daqueles que se recusam a fazê-lo. Traduzo este respeito em ações ao não exercer nenhuma pressão sobre os outros para os levar a ceder às minhas convicções pessoais. Continuo convencido de que cada indivíduo deve assumir a responsabilidade pelas suas escolhas, em conformidade com o que relembram as Escrituras na carta aos Gálatas:

Gálatas 6:5

«Pois cada um levará a sua própria carga.»

Não ignoramos que a pandemia suscitou vivas controvérsias entre defensores e opositores da vacinação. Na realidade, muito antes de apresentarem as Atualizações do Corpo Governante sobre este assunto, e antes mesmo de as vacinas serem colocadas no mercado, o rumo dos acontecimentos já me fazia prever o surgimento de tais tensões. Percebi rapidamente o perigo que a questão da vacinação representava, bem como o risco de ver escolhas individuais fraturarem a paz e a unidade da congregação.

Na véspera da sua morte, Jesus dirigiu, aliás, uma súplica pungente a Jeová, pedindo expressamente que os seus discípulos — tanto os do primeiro século como os vindouros — permanecessem em união perfeita com ele.

João 17:20, 21

«Peço-te não somente por estes, mas também por aqueles que depositem fé em mim por meio das palavras deles, para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em união comigo e eu estou em união contigo, para que eles também estejam em união connosco, a fim de que o mundo acredite que tu me enviaste.»

Jesus exigiu uma unidade absoluta no seio da sua congregação. Parecia, portanto, evidente que deixar surgir divisões sobre tais assuntos entrava

em contradição direta com a vontade expressa de Cristo, o nosso Cabeça e Rei. Por isso, receava profundamente que este assunto específico viesse a dividir os irmãos.

É por esta razão que, ao longo das nossas conversas pessoais ou durante o serviço de campo, lembrei sempre a todos a necessidade de mantermos a nossa neutralidade absoluta em assuntos médicos, a fim de não deixarmos que a nossa paz fosse comprometida. A paz não se alcança impondo as nossas opiniões aos outros; ela decorre do respeito e do amor que demonstramos ao próximo, mesmo quando os nossos pontos de vista divergem.

Pela minha parte, mantive firmemente essa neutralidade, guiado pela compreensão dos princípios bíblicos que nunca temi defender abertamente. Deste modo, trabalhei para manter a calma no seio da congregação, o que nos permitiu preservar um espírito positivo e permanecer unidos apesar das nossas divergências de opinião. A congregação à qual eu pertencia esforçava-se por refletir o espírito de Deus, e todos nela eram profundamente respeitados.

A minha posição pessoal face à vacinação

Embora a minha postura pública continue a ser de neutralidade absoluta e eu me abstenha de recomendar qualquer tratamento médico, a minha convicção pessoal sobre esta questão é firme e resoluta. No que diz respeito à COVID-19, e potencialmente a outras patologias, fiz a escolha de não me vacinar e não tenho a mínima intenção de o fazer no futuro.

No entanto, esta nem sempre foi a minha linha de conduta, pois aceitei muitas vacinas no passado; a última delas foi contra o tétano, recebida há anos após me ter aleijado com um prego enferrujado, o que me pareceu, na altura, ser a melhor decisão. Tenho o direito de nutrir uma convicção pessoal, da mesma forma que qualquer outra pessoa, e esse direito deve ser respeitado.

Desejo, contudo, expor brevemente as razões que me levaram a adotar esta posição. Esclareço, para todos os efeitos, que a minha abordagem não visa de modo algum impor o meu ponto de vista aos outros. Ao expressar as minhas motivações, também não procuro desacreditar a vossa própria sensibilidade; vós dispondes de total liberdade de escolha. O meu único objetivo é esclarecer-vos sobre os motivos que me levaram a recusar, a título pessoal, a vacinação.

A este respeito, sinto-me no dever de vos confiar o meu sentimento: parece-me que vós não compreendeis realmente a posição dos irmãos que recusam ser vacinados, nem os motivos profundos que os movem. As vossas próprias declarações demonstraram-no claramente, como provarei mais à frente. Ora, é indispensável para a paz da congregação que compreendais aqueles que, como eu, têm uma reflexão diferente da vossa.

É neste espírito que o apóstolo Paulo lembra aos coríntios:

1 Coríntios 9:20-22

«Para os judeus, tornei-me como judeu, para ganhar os judeus; para os debaixo de lei, tornei-me como debaixo de lei — embora eu mesmo não esteja debaixo de lei —, para ganhar os debaixo de lei. Para os sem lei, tornei-me como sem lei — embora eu não esteja sem lei para com Deus, mas esteja debaixo de lei para com Cristo —, para ganhar os sem lei. Para os fracos, tornei-me fraco, para ganhar os fracos. Tornei-me todas as coisas para pessoas de todos os tipos, para de todos os modos possíveis salvar alguns.»

O apóstolo Paulo esforçava-se por se colocar no lugar daqueles cuja sensibilidade diferia da sua, fazendo um verdadeiro esforço para os compreender a fim de melhor os ajudar. Peço-vos, de certa forma, que se façam “não vacinados” com os “não vacinados”, pelo menos durante o tempo de leitura desta parte da minha carta. Esta abordagem permitir-vos-á compreender melhor o ponto de vista de uma parte dos vossos irmãos e irmãs.

Solicito a vossa escuta paciente, reiterando que o meu objetivo não é convencer-vos. Desejo simplesmente expor-vos o caminho intelectual que me conduziu a esta decisão. Compreender este raciocínio permitir-vos-á medir a magnitude do equívoco que foi cometido.

Resumo de seguida os fatores cardinais que me levaram a realizar investigações aprofundadas sobre o assunto das vacinas.

Em primeiro lugar, como mencionei, eu não tinha nenhuma queixa parental contra a vacinação antes do início da pandemia. No entanto, a partir do momento em que foi anunciado que as vacinas contra a COVID-19 beneficiariam de autorizações “de emergência”, nutri grandes preocupações. Residindo num país em desenvolvimento, sei perfeitamente o que reveste a noção de “aprovação de emergência”.

Aos meus olhos, isso assemelha-se a dispensar os protocolos de segurança habituais e a tolerar uma difusão maciça com o mínimo de controlos, para não dizer nenhum.

Além disso, constatei que um grande centro hospitalar do meu país tratava a COVID-19 por meio da ivermectina, obtendo excelentes resultados. Enquanto alguns profissionais recorriam a esta molécula, outros recusavam-se a fazê-lo. A constatação foi inequívoca: os pacientes que receberam ivermectina não desenvolveram formas graves, ao passo que os outros viram os seus sintomas agravar-se. Centenas de médicos participaram, aliás, nestas observações.

Contudo, a ivermectina, utilizada há meio século e reputada pela sua inocuidade, foi objeto de um denegrimento sistemático por parte dos meios de comunicação social e dos organismos públicos. O seu uso foi proibido, e o médico responsável por este estudo clínico foi demitido e ameaçado. Em contrapartida, a tecnologia do mRNA era apresentada como a solução ideal, embora nunca tivesse sido testada desta forma em grande escala. Esta anomalia despertou as minhas suspeitas: a lógica elementar ditava apoiar-se numa molécula conhecida e segura como a ivermectina, em vez de realizar uma experimentação humana com produtos inovadores e potencialmente de risco. Porquê tamanha obstinação?

Esta contradição flagrante determinou-me a realizar uma investigação minuciosa sobre as empresas farmacêuticas envolvidas e sobre a natureza destas vacinas. Algo, em todo este assunto, parecia-me profundamente suspeito.

De resto, as Escrituras dão-nos este sábio conselho:

Provérbios 27:12

«A pessoa prudente vê o perigo e esconde-se, Mas os inexperientes vão em frente e sofrem as consequências.»

Provérbios 14:15

«A pessoa ingénua acredita em qualquer palavra, Mas quem é prudente pensa bem antes de cada passo.»

Desejoso de demonstrar a “prudência” recomendada pelas Sagradas Escrituras, tomei a decisão de examinar a situação mais de perto, e as minhas descobertas deixaram-me profundamente estupefacto.

Constatei que várias das empresas farmacêuticas encarregues de fabricar as vacinas carregavam um pesado historial de corrupção. Tinham sido condenadas no passado a pagar milhões de dólares em indemnizações e foram consideradas culpadas de suborno de pessoas influentes. Sendo estas condenações públicas, qualquer pessoa as pode verificar facilmente. Para mim, era evidente que estas entidades não eram dignas de confiança. Se eu soubesse que um dos meus vizinhos roubava os outros, não compraria nada na sua mão e manter-me-ia afastado. Sendo assim, como poderia confiar a minha saúde a estruturas corrompidas, notoriamente conhecidas por terem comercializado produtos nocivos?

As minhas investigações também me lembraram que a segurança de uma vacina exige, normalmente, longos anos de ensaios clínicos. No entanto, os meios de comunicação social afirmavam em uníssono que esta etapa já não era necessária, o que era de um absurdo total. Se se pode perdoar tal equívoco a um leigo, os profissionais de saúde, por sua vez, estudaram estes protocolos e conhecem perfeitamente o seu rigor e a sua duração regulamentar. Sendo assim, porque é que médicos iam para os estúdios de televisão sancionar tais aberrações?

É verdade que profissionais íntegros levantaram a voz publicamente para denunciar estes desvios, mas foram sistematicamente silenciados e as suas carreiras foram “destruídas”. Tornou-se flagrante aos meus olhos que a comunicação social e os canais oficiais orquestravam uma propaganda vacinal ditada por interesses mercantis, em detrimento da saúde pública. Um excelente artigo da *Despertar!* de dezembro de 2013, intitulado “Pode-se acreditar na comunicação social?”, analisa aliás estes mecanismos com grande acuidade, e os seus detalhes pertinentes pesaram grandemente na minha tomada de decisão.

A corrida desenfreada destas multinacionais para conseguir contratos estatais de vários milhares de milhões de dólares, conjugada com a sua corrupção sistémica e com a isenção de regras das autorizações de emergência, fazia-me prever um verdadeiro desastre sanitário. Tudo isto me impeliu a redobrar de vigilância e a não dar crédito cego aos discursos oficiais. Depois de ter refletido maduramente sobre a questão da vacinação à luz dos princípios bíblicos, fixei a minha posição pessoal, firme e definitiva: não me vou vacinar.

À parte desta falta de confiança legítima na indústria farmacêutica, não detalharei aqui a totalidade dos meus argumentos pessoais. Abstenho-me voluntariamente de o fazer, pois não procuro defender as minhas ideias nem convencer-vos. Como já salientei, a minha pessoa pouco importa. Em contrapartida, faço questão de vos expor de seguida os motivos pelos quais muitos outros irmãos, com quem tive a oportunidade de conversar, também recusaram esta vacinação. Como é evidente, as motivações variam de cristão para cristão; cada um conserva a sua própria sensibilidade. No entanto, os argumentos que me preparo para desenvolver sintetizam o pensamento da quase totalidade deles. Compreender o raciocínio dos nossos companheiros é um passo essencial para preservar a paz no seio da congregação.

Argumentos apresentados pelos nossos irmãos e irmãs que recusam a vacinação

Estes argumentos já vos foram submetidos repetidas vezes através de numerosas correspondências pessoais, sem que tenhais, ao que parece, avaliado a real dimensão da consciência dos vossos irmãos. No entanto, visto que muitos companheiros desconhecem o teor destas objeções, parece-me necessário expô-las aqui. Além disso, após analisar a substância destes argumentos, aplicar-me-ei a verificar, à luz das Escrituras, se a postura destes irmãos é legítima ou não.

Quais são, então, as motivações destes irmãos e irmãs que se recusam a vacinar? Agem eles por espírito de partido político? Serão movidos pela rebeldia? Seria por credulidade, deixando-se influenciar pelas correntes deste mundo? Faltará-lhes fé ao ponto de recusarem confiar naqueles que os lideram? Ou será que a estes cristãos falta simplesmente amor ao próximo?

Examinemos estes argumentos um a um, a fim de discernir o que realmente os sustenta. Permiti-me, contudo, reiterar uma precisão capital: ao expor estes pontos de vista, a minha intenção não é, de modo algum, levar outros irmãos a adotá-los. É por isso que me abstei de multiplicar referências ou declarações. A minha abordagem não visa convencer; procura explicitar factos para vos permitir compreender o raciocínio daqueles que tomam tais decisões. Cada indivíduo possui o direito inalienável de consentir ou não na vacinação, e essa escolha exige respeito. Limito-me a ser o eco do pensamento de outrem.

Aspiro a que, em conformidade com o conselho de Tiago 1:19, vos mostreis “prontos para ouvir” o que se segue.

O argumento da “pureza física” (2 Coríntios 7:1)

O primeiro argumento invocado por muitos irmãos para recusar estas vacinas apoia-se diretamente nas palavras de 2 Coríntios 7:1. Ali está escrito:

2 Coríntios 7:1

«Portanto, amados, visto que temos estas promessas,+

purifiquemo-nos de toda a imundície da carne e do espírito,
aperfeiçoando a santidade no temor de Deus.»

Este texto bíblico é-nos particularmente familiar. Embora as Escrituras não condenem explicitamente o uso do tabaco, esta passagem é sistematicamente aplicada para demonstrar que um cristão não deve fumar, e esta aplicação é plenamente legítima. O cigarro contamina o organismo com substâncias nocivas e altera a mente ao escravizar o indivíduo a um vício, o que se assemelha a uma forma de idolatria face aos desejos da carne. É por isso que nos abstermos de fumar: agir de outro modo seria transgredir este princípio divino.

Qual é, então, a relação entre esta recomendação bíblica e a vacinação?

Muitas vacinas contêm adjuvantes tais como o mercúrio ou o alumínio, bem como outros componentes que estes irmãos consideram muito mais tóxicos do que o fumo do tabaco; além disso, uma infinidade de estudos associa o surgimento de diversas patologias às campanhas de vacinação. É por esta razão que um grande número de irmãos e irmãs recusa a injeção: recusam categoricamente aviltar o seu corpo e fazem questão de preservar a sua pureza física.

Queridos irmãos do Corpo Governante, se estes companheiros aceitassem vacinar-se, experimentariam o mesmo sentimento de contaminação espiritual que os irmãos sentiriam ao levar um cigarro aos lábios. Naturalmente, trata-se aqui de uma avaliação que depende da consciência individual. Contudo, este raciocínio deveria ser perfeitamente inteligível para cada um de vós, visto que repousa exatamente no mesmo mecanismo lógico que aplicamos ao tabagismo.

Permiti-me, sendo assim, submeter-vos estas breves perguntas, queridos irmãos do Corpo Governante:

Se o chefe de Estado do vosso país vos ordenasse que fumassem um cigarro, obedecer-lhe-iam? Se as autoridades legislassem para vos obrigar a fumar de seis em seis meses, cederiam a essa exigência?

Certamente que não. E para justificar a vossa recusa, lembrar-me-iam, e com toda a razão, que “temos de obedecer a Deus como governante em vez de a homens” (Atos 5:29). Ou talvez citassem esta regra de ouro: “Portanto, paguem a César o que é de César, mas a Deus o que é de Deus”, opondo assim uma recusa categórica a essa imposição (Mateus 22:21).

A vossa posição seria irrepreensível: nenhum poder humano nos pode constringer a violar o que a nossa consciência perante Deus considera íntegro. É precisamente esse mesmo motivo que guia muitos irmãos e irmãs quando recusam a vacinação, mesmo quando o Estado tenta torná-la obrigatória. A autoridade de “César” termina onde começa a consciência cristã, a partir do momento em que um servo de Deus encara esse ato médico como um atentado à sua pureza. É de capital importância que compreendais a validade deste argumento de consciência, pois ele procede de uma lógica idêntica àquela que todos nós defendemos face ao tabaco.

O argumento do respeito pela vida e da santidade do sangue (Êxodo 21:22, 23)

A Lei que Jeová tinha dado a Israel estipulava de maneira categórica que quem quer que causasse a morte de um filho por nascer cometia um ato de uma gravidade absoluta. Mesmo que o drama ocorresse de forma accidental, a justiça divina exigia “alma por alma” (Êxodo 21:22, 23). Resulta explicitamente deste mandamento que, para Jeová, a vida de um feto possui um valor idêntico à de uma pessoa nascida. Consequentemente, a interrupção voluntária da gravidez, ou aborto provocado, constitui aos olhos de Deus um pecado capital, assimilado a um homicídio.

Que relação tem este imperativo moral com a questão da vacinação?

Basta efetuar investigações aprofundadas para constatar que a indústria farmacêutica recorre a linhagens de células extraídas de embriões humanos abortados. Estas culturas celulares são utilizadas ou diretamente na composição de certos produtos, ou em diversas etapas cruciais da investigação, dos testes e do processo de fabrico.

Tal realidade fere profundamente a sensibilidade espiritual de muitos cristãos. A perspectiva de introduzir no seu organismo um produto cujo desenvolvimento está intimamente ligado à destruição de vidas humanas inocentes desperta neles um sentimento agudo de aviltamento perante o nosso Deus. Os irmãos e irmãs que se abstêm por este motivo consideram que, ao aceitarem tal injeção, carregariam uma parte de responsabilidade moral ao tornarem-se os consumidores finais de um procedimento que reprovam.

À semelhança do apóstolo Paulo, eles perguntam-se: “Não são os que comem os sacrifícios parceiros do altar?” (1 Coríntios 10:18).

Consentir em receber um produto médico indissociável de práticas que consideram impuras dá a estes companheiros o sentimento de pactuar com métodos contrários às leis divinas. Consideram que agir assim seria o mesmo que sancionar a instrumentalização e a profanação da vida humana.

Sendo assim, se estes irmãos e irmãs se deixassem vacinar contra a sua vontade, violariam deliberadamente a sua consciência. Este argumento junta-se, aliás, ao anterior: ultrajar a própria consciência equivale a “contaminar o seu espírito”, ao passo que as Escrituras nos exortam a purificar-nos de toda a imundície da carne e do espírito.

O argumento da integridade genética (Salmo 139:15, 16)

O salmista escreveu sob inspiração:

Salmos 139:15, 16

«Os meus ossos não estavam escondidos de ti Quando fui formado secretamente, Quando fui tecido nas profundezas da terra. Os teus olhos viram-me até mesmo quando eu era um embrião; Todas as suas partes estavam escritas no teu livro, No que diz respeito aos dias em que foram formadas, Antes de qualquer uma delas existir.»

Este texto poético assume uma dimensão impressionante na nossa época. Este “livro” divino onde todas as partes do nosso corpo estão registadas antes do seu surgimento encontra um eco direto na descoberta do ADN. O código genético é, por essência, o livro de instruções escrito pelo próprio Criador nas nossas células.

Permiti-me fazer-vos esta pergunta, queridos irmãos do Corpo Governante: ousariam alterar ou modificar as declarações registadas na Bíblia?

A vossa resposta seria certamente negativa, e lembrariam sem dúvida os avisos solenes de Apocalipse 22:18, 19 contra quem quer que acrescente ou tire palavras dos rolos sagrados. Tal reação é plenamente legítima, visto que modificar a Palavra de Deus constitui um pecado grave e um ato de arrogância espiritual.

Apocalipse 22:18, 19

«Declaro a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste rolo: se alguém fizer um acréscimo a estas coisas, Deus vai acrescentar-lhe as pragas que estão escritas neste rolo; e, se alguém tirar qualquer coisa das palavras do rolo desta profecia, Deus vai tirar-lhe a sua parte das árvores da vida e da cidade santa, que estão descritas neste rolo.»

Estabelecendo um paralelo direto com este princípio de respeito, muitos irmãos que se abstêm da vacinação baseiam-se no seguinte raciocínio:

“Se o ADN é o ‘livro de Deus’ e Jeová registou nele as suas instruções... com que direito viria eu modificar o meu próprio código genético? Não será um ato de arrogância tentar alterar as células do meu corpo, no âmago das quais o ‘dedo de Deus’ deixou a sua marca?”

Partindo desta constatação, muitos consideram que receber uma vacina baseada na tecnologia do mRNA constitui uma grave transgressão, e é por essa razão que se recusam a fazê-lo. Aos seus olhos, a tecnologia do mRNA introduzida por estas injeções visa fornecer instruções exógenas e reescrever a programação celular — embora os discursos oficiais pretendam o contrário, sob o pretexto de corrigir falhas ou prevenir patologias. Este procedimento assemelha-se, segundo eles, a uma forma de “terapia génica”, que envolve modificações genéticas à escala celular, um assunto sobre o qual as nossas próprias publicações já destacaram o alcance ético.

Para uma grande parte destes irmãos, a finalidade terapêutica pouco importa; eles percebem nisso um pecado manifesto e uma intrusão ilegítima na esfera exclusiva de Deus.

Na realidade, esta aversão à alteração da ordem natural encontra um forte eco histórico: antes do Dilúvio, os demónios entregaram-se precisamente a uniões contra a natureza com as mulheres, levando ao surgimento dos nefilins, seres híbridos cuja pureza genética original tinha sido corrompida e alterada (Génesis 6:1-4). É por isso que estes cristãos sentem uma profunda repulsa por qualquer procedimento que modifique o que Deus criou natural e, com mais forte razão, o código genético.

Para guiar a sua reflexão, inspiram-se diretamente no método de raciocínio de Jesus. Quando questionado sobre o divórcio, o Cristo relembrou as palavras de Jeová relativas a Adão e Eva: “os dois serão uma só carne” (Mateus 19:5, 6). Desta constatação original, Jesus Cristo tirou uma conclusão límpida: “Portanto, o que Deus pôs sob o mesmo jugo, não o separe o homem.”

Deus não tinha formulado, nesse momento, uma lei explícita que proibisse o divórcio; contudo, o que Jeová tinha enunciado bastava para Jesus. Ele não necessitava de um decreto de proibição formal, pois sabia discernir a vontade divina e deduzir dela a regra de conduta ideal. Se o homem e a mulher deviam formar “uma só carne”, tornava-se evidente que o divórcio se opunha ao propósito do Criador. Era assim que Jesus Cristo raciocinava, e cabe-nos imitá-lo, a ele que era plenamente guiado pelo espírito santo nos seus ensinamentos e ações.

Além disso, Deus decretou em relação à flora e à fauna que estas deviam produzir “segundo a sua espécie” (Gênesis 1:11, 24). Parece claro que o propósito divino estabeleceu fronteiras biológicas imutáveis, inscritas no próprio cerne do ADN. O direito exclusivo de determinar e fixar essas barreiras pertence unicamente ao Criador.

Sendo assim, moldando a sua lógica pela de Jesus, que conclusão tiram estes irmãos destas verdades?

Para eles, a evidência é absoluta: estes princípios universais bastam amplamente para rejeitar a tecnologia do mRNA, os organismos geneticamente modificados e tudo o que viole a ordem biológica estabelecida por Deus. Consideram não necessitar de nenhuma diretriz humana nem de “ninguém que lhes ensine” o que é a pureza criativa, pois confiam na orientação de Deus e na força do seu espírito santo.

1 João 2:27

«E, no vosso caso, a unção que receberam dele permanece em vocês, e não precisam de que alguém vos ensine. No entanto, a unção da parte dele, que é verdadeira e não é nenhuma mentira, ensina-vos todas as coisas. Assim como ela vos ensinou, permaneçam em união com ele.»

Aos seus olhos, autorizar a medicina moderna a alterar esta “Palavra de Deus” inscrita no próprio cerne das nossas células equivaleria a rejeitar o propósito do Criador. Veem nisso uma forma de confiança idolátrica

depositada em “curandeiros humanos” que, apesar das suas pretensões, agem às cegas diante da complexidade da criação.

Romanos 3:4

«Certamente que não! Mas que Deus seja verdadeiro, mesmo que todos os homens sejam mentirosos, assim como está escrito: “Para que fique provado que és justo nas tuas palavras e venças quando fores julgado.”»

É por isso que estes irmãos confiam totalmente no sistema imunitário tal como Deus o concebeu, e as pretensões dos “peritos” que ambicionam aperfeiçoá-lo deixam-nos indiferentes. Eles avaliam a pretensa sabedoria médica deste sistema de coisas à luz do que o apóstolo Paulo lembrou aos coríntios:

1 Coríntios 3:19, 20

«Porque a sabedoria deste mundo é tolice perante Deus, pois está escrito: “Ele apanha os sábios na sua própria astúcia.” E também: “Jeová sabe que os raciocínios dos sábios são fúteis.”»

Em comparação com a sabedoria infinita inscrita no cerne das nossas células e do nosso sistema imunitário, os conhecimentos médicos atuais, por mais avançados que sejam, não passam de meros e obscuros tateios.

Para estes irmãos, autorizar a medicina a introduzir novas instruções no âmago das suas células é uma pura loucura. Comparam isso à reação de pais a quem se pedisse para confiar um relógio mecânico de grande valor a uma criança de cinco anos, para que ela alterasse as engrenagens e reorganizasse as peças. Mesmo que a criança jurasse, olhos nos olhos, que conseguiria aperfeiçoá-lo, nenhuns pais sensatos lho deixariam nas mãos. Sabem perfeitamente que a criança não compreende absolutamente nada da complexidade do mecanismo, que correria o risco de danificar definitivamente a obra-prima do fabricante e que o objeto nunca mais funcionaria como antes.

O argumento da vigilância face a práticas idolátricas (1 Coríntios 10:20)

Outro argumento apresentado por alguns irmãos e irmãs para justificar a sua recusa da vacinação baseia-se nas palavras do apóstolo Paulo:

1 Coríntios 10:20

«Não; mas digo que o que as nações sacrificam, sacrificam-no a demónios, e não a Deus. E eu não quero que vocês se tornem participantes de nada com os demónios.»

A história bíblica lembra-nos que na Antiguidade, durante as grandes epidemias e pragas, os sacerdotes dos deuses falsos assediavam o povo para obter sacrifícios, chegando por vezes a exigir vidas humanas. Estas divindades cruéis impunham verdadeiros “testes de fé”, como o ato de “queimar os seus filhos e as suas filhas no fogo” (Jeremias 32:35).

O que respondiam os falsos sacerdotes e os seus devotos a quem recusasse entregar os seus próprios filhos a tal infâmia? Ouviam-se, sem dúvida, declarações tais como:

“Devem sacrificar-se pelo bem comum.” “Não querem que esta praga pare?” “Demonstrem a vossa fé para com as divindades.” “Não contestem a autoridade dos sacerdotes, o saber deles supera o vosso.” “Se recusarem participar, estão a colocar a vida de toda a comunidade em perigo.”

Contudo, por trás destes apelos prementes à solidariedade e à devoção escondia-se uma realidade sinistra: estas oferendas eram, de facto, apresentadas a demónios.

Para muitos cristãos, o fervor quase religioso que envolveu a gestão da pandemia ecoou como uma forma moderna desse fervor idolátrico, orquestrado por novos “sacerdotes”. Aqueles que optaram por não se vacinar foram rejeitados, desprezados, ridicularizados e marginalizados. Alguns peritos médicos e representantes das empresas farmacêuticas comportaram-se como guardiães de um dogma absoluto, esforçando-se por destruir a reputação de quem quer que ousasse questionar as suas diretrizes. Exigia-se da população uma confiança cega, como se a palavra deles fosse uma verdade divina infalível e estas vacinas representassem a única salvação para a humanidade. Muitos sentiram que se lhes pedia que fechassem os olhos e se entregassem de corpo e alma a este sistema.

Além disso, quando os não vacinados se viram proibidos de aceder a instituições bancárias, ao comércio ou mesmo a estruturas de saúde, perceberam nisso um eco impressionante das profecias do Apocalipse.

O texto sagrado estipula que a “fera” imporia restrições tais como “ninguém pudesse comprar ou vender”, a menos que tivesse a sua marca (Apocalipse 13:17).

Que não haja qualquer mal-entendido: nenhum dos irmãos que recusam a vacina comete o erro de equiparar esta injeção médica à “marca da fera”. No entanto, diante da pressão social e estatal, muitos discerniram os contornos da “personalidade” desta fera: um sistema sufocante, totalitário, que procura alienar a liberdade de consciência, o que contrasta de forma flagrante com a verdadeira liberdade dos filhos de Deus.

Estes companheiros sentem que os bastidores desta crise sanitária ocultam uma influência espiritual pouco saudável e abusiva. Guiados por um reflexo de prudência legítima, preferem manter-se afastados de uma atmosfera que consideram viciada. Tal como um odor suspeito nos impele intuitivamente a afastarmo-nos de um local sem que saibamos a sua origem exata, a consciência deles move-os à reserva.

De resto, é notável constatar que, para tornar efetiva a proibição profética de “comprar e vender”, o sistema mundial necessita de infraestruturas tecnológicas capazes de identificar instantaneamente quem se submete às regras e quem se liberta delas. De que serviria tal meio de controlo se a identidade de cada um não pudesse ser lida e verificada em tempo real? A este respeito, a crise sanitária acelerou a implementação planetária das identidades digitais e das ferramentas de rastreabilidade. Aos olhos destes irmãos, estamos talvez a assistir aos primórdios técnicos do sistema de vigilância global descrito nas Escrituras.

Embora seja verdade que a natureza exata desta marca profética permanece ligada a uma questão de adoração futura, os acontecimentos recentes demonstram que a restrição económica de “comprar e vender” não tem nada de puramente simbólico. Materializou-se diante dos nossos olhos de forma muito concreta.

Quem quer que tenha vivido este período recusando a injeção pôde sentir o peso desta histeria coletiva. Este clima de opressão leva hoje muitos servos de Deus a rejeitar este tratamento, convictos de que ele se inscreve, de perto ou de longe, nos desígnios enganosos do adversário.

O argumento da *pharmakeia* (Gálatas 5:19-21)

Nas Escrituras, o apóstolo Paulo inclui o “espiritismo” entre as obras da carne (Gálatas 5:19-21). O termo grego original aqui utilizado é *pharmakeia* (φαρμακεία), a raiz da qual derivam as nossas palavras contemporâneas “farmácia”, “farmacêutico” e outros derivados médicos.

Na Antiguidade, este vocábulo estava intimamente ligado a práticas de feitiçaria, a rituais espíritos e à manipulação de substâncias ou venenos. Os praticantes das artes ocultas recorriam a estas preparações para alterar as faculdades físicas e mentais dos indivíduos, procurando assim submetê-los ao seu controlo e facilitar a sua ligação com as forças demoníacas.

À luz dos elementos mencionados anteriormente, alguns irmãos e irmãs estabelecem um paralelo e consideram que consentir em receber esta vacina contra a COVID-19 equivaleria a expor-se ao pecado da *pharmakeia*. O caminho lógico da sua reflexão conduz os seus pensamentos inexoravelmente a esta conclusão.

Naturalmente, esta posição não implica um rejeito absoluto e dogmático de toda a medicina moderna. Por exemplo, temos a certeza de que Lucas, “o médico amado”, não exercia a sua arte recorrendo a práticas que dependessem da *pharmakeia* (Colossenses 4:14).

Além disso, o próprio Jesus declarou:

Lucas 5:31

«Em resposta, Jesus disse-lhes: “Os que têm saúde não precisam de médico, mas sim os doentes.»

Temos a certeza de que Jesus Cristo nunca encorajou ninguém a recorrer à *pharmakeia*, mas sim que validava a iniciativa de consultar praticantes íntegros, à imagem de Lucas. É por isso que, perante as circunstâncias particulares que envolvem a vacina contra a COVID-19 e tudo o que foi exposto anteriormente, estes companheiros optam por se abster destas preparações específicas e preferem orientar-se para profissionais de saúde que proponham terapêuticas alternativas.

Para vos permitir avaliar bem a situação deles: se estes irmãos e irmãs fossem constrangidos a receber esta injeção, experimentaríamos o mesmo sentimento de decadência espiritual que os irmãos sentiriam diante de

qualquer outra das “obras da carne” (Gálatas 5:19-21). Assim como os irmãos recusam categoricamente o mais pequeno compromisso com esses desvios, a consciência destes cristãos não poderia suportar tal vacinação. Agir contra a sua vontade dar-lhes-ia a dolorosa impressão de pactuar com práticas idolátricas e de transigir com as forças espirituais malignas.

Conclusões relativas aos argumentos apresentados

Poderia alongar a lista de argumentos que os nossos companheiros apresentam para recusar a vacinação, mas os que acabo de expor bastam amplamente. A grande maioria dos irmãos e irmãs que fizeram essa escolha fi-lo apoiando-se num destes motivos ou numa combinação deles.

Como mencionei, o meu objetivo era simplesmente explicitar brevemente estas posições a fim de permitir uma compreensão global. Não procuro de modo algum convencer-vos, e é por isso que não multipliquei as fontes documentais. Se esse tivesse sido o meu objetivo, poderia ter escrito um livro inteiro e aprofundado consideravelmente esta problemática. Contudo, o direito de consentir ou não num ato médico pertence a cada um, e respeito plenamente essa liberdade.

À luz de tudo o que precede, podemos tirar várias conclusões fundamentais quanto às motivações profundas que levaram estes cristãos a manterem-se firmes face às pressões e discriminações sofridas durante a crise sanitária:

- Recusam a vacinação por profunda aversão ao Adversário e aos seus demónios.
- Consideram que este ato médico viola princípios bíblicos fundamentais.
- São movidos pelo desejo profundo de preservar a sua pureza perante Jeová.
- Aplicam-se a obedecer ao mandamento de ‘ser santos, porque Jeová é santo’ (1 Pedro 1:15, 16).
- Para eles, aceitar esta injeção equivaleria simplesmente a contaminar ‘a sua carne e o seu espírito’ (2 Coríntios 7:1).
- A sua posição é ditada pelo rigor da sua consciência cristã.

- Ceder à pressão equivaleria, segundo a sua percepção, a cometer um pecado contra Jeová.

Sendo assim, as imposições dos “xamãs modernos” ou as diretrizes do próprio “governante deste mundo” não têm qualquer peso aos seus olhos, visto que colocam o debate num plano estritamente espiritual. É manifesto que a sua postura não tem qualquer coloração política e não procede de um espírito de rebeldia, nem de uma falta de amor ao próximo. É uma posição de pura consciência, intimamente ligada à sua adoração a Deus.

Uma posição face à vida e à saúde

Deve-se deduzir daí que, ao recusarem a vacinação, estes irmãos e irmãs negligenciam a sua saúde ou manifestam um desejo de morrer?

Tal conclusão seria um contrasenso absoluto. Quando pessoas do mundo nos acusam de querer morrer porque recusamos transfusões de sangue, o que lhes respondemos? Afirmamos com firmeza que amamos a vida, que respeitamos a saúde e que escolhemos simplesmente recorrer a terapêuticas alternativas — tratamentos que não entram em conflito com as leis divinas. A nossa organização editou, aliás, dezenas de publicações que analisam e defendem os direitos dos doentes sob este prisma preciso.

Deveria, portanto, ser perfeitamente natural para qualquer membro da congregação compreender que um cristão não vacinado que opta por outras vias médicas está apenas a exercer esse mesmo direito legítimo. Durante a pandemia, muitos destes irmãos recorreram a outros protocolos e remédios que consideravam mais seguros e mais respeitadores do seu organismo, preferindo confiar na eficácia do sistema imunitário concebido por Deus, bem como em terapias naturais.

O seu sentimento geral poderia resumir-se da seguinte forma:

“Porque deveria eu correr o risco de receber uma substância experimental, potencialmente perigosa e que, além disso, fere a minha consciência espiritual? Prefiro privilegiar métodos que considero saudáveis e comprovados.”

A sua escolha baseia-se, assim, numa análise amadurecida da relação benefício/risco. De facto, estes irmãos estão geralmente muito bem documentados sobre a questão da vacinação; estão-no até, em média, muito mais do que os defensores da injeção.

Contudo, uma questão essencial permanece: estará a posição destes irmãos solidamente ancorada nas Escrituras? E como deveríamos abordar esta problemática à luz dos conselhos fornecidos nas publicações do escravo fiel e prudente? É este o ponto que me proponho analisar agora.

O pensamento divino sobre a vacinação: uma questão de liberdade cristã

A posição bíblica sobre esta questão revela-se de uma clareza absoluta e de uma grande simplicidade de aplicação. Para se certificar disso, basta abrir a Palavra de Deus e examinar atentamente os princípios registados no capítulo 14 da carta aos Romanos. Ali está escrito:

Romanos 14:1-4

«Acolham o homem que tem fraquezas na fé, mas não façam julgamentos sobre opiniões divergentes. Um homem tem fé para comer de tudo, mas o homem que é fraco só come verduras. Quem come não menospreze aquele que não come, e quem não come não julgue aquele que come, pois Deus o acolheu. Quem és tu para julgares o servo de outro? É para o seu próprio senhor que ele fica de pé ou cai. De facto, ele ficará de pé, pois Jeová pode fazê-lo ficar de pé.»

Nesta porção das Escrituras, o apóstolo aborda a questão dos hábitos alimentares, que criava então divisões: alguns cristãos consideravam que podiam comer de tudo, ao passo que outros se abstinham de consumir carne, temendo nomeadamente que esta tivesse sido “oferecida aos ídolos”. Nessa época, era de facto costume entre os pagãos sacrificar animais às suas divindades antes de revender os pedaços nos mercados públicos. O dilema para os membros da congregação do primeiro século consistia em determinar se era espiritualmente aceitável comprar e consumir essa carne. Alguns cristãos viam nisso uma contaminação, enquanto outros, fortes no seu conhecimento, consideravam esse ato como algo sem consequências.

Diante desta situação, Paulo explica que estas duas categorias de irmãos têm pleno fundamento para tomar a sua própria decisão, e que ninguém tem o direito de ditar a sua conduta a outrem. Ele insiste no facto de que não nos devemos julgar mutuamente nestas questões de consciência. Por que razão formula ele este aviso? Ele prossegue nestes termos:

Romanos 14:5-8

«Uma pessoa considera um dia mais importante do que o

outro, ao passo que outra pessoa considera todos os dias iguais; que cada um esteja plenamente convencido na sua própria mente. Quem guarda o dia, guarda-o para Jeová. E quem come, come para Jeová, pois agradece a Deus; e quem não come, não come para Jeová, e mesmo assim agradece a Deus. De facto, nenhum de nós vive apenas para si mesmo, e ninguém morre apenas para si mesmo. Pois, se vivemos, vivemos para Jeová; se morremos, morremos para Jeová. Portanto, quer vivamos, quer morramos, pertencemos a Jeová. Pois foi com este objetivo que Cristo morreu e voltou a viver: para ser Senhor tanto dos mortos como dos vivos.»

Parece claro que aquele que “come” essa carne e agradece a Deus pelo seu sustento demonstra o seu apego a Jeová. Inversamente, aquele que “não come” abstém-se por motivo de consciência, pelo desejo de agradar a Jeová. Assim, qualquer que seja a opção escolhida, ambos os cristãos manifestam a mesma vontade sincera de servir a Deus.

O apóstolo Paulo conclui o seu raciocínio com esta pergunta penetrante:

Romanos 14:10-12

«Mas porque é que julgas o teu irmão? Ou, porque é que menosprezas o teu irmão? Pois todos nós compareceremos perante o tribunal de Deus. Porque está escrito: “‘Tão certo como eu vivo’, diz Jeová, ‘diante de mim todo o joelho se dobrará, e toda a língua reconhecerá abertamente a Deus’.” Assim, cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus.»

Uma aplicação direta às decisões médicas

Parece, deste modo, indiscutível que nunca deveríamos incitar outrem a moldar as suas escolhas pelas nossas, nem dar-lhe a entender que comete uma falta ao decidir de forma diferente em questões que dependem puramente da consciência cristã. Os princípios destacados pelo apóstolo Paulo aplicam-se com uma relevância absoluta às escolhas pessoais relativas à vacinação e aos tratamentos médicos.

Como analisámos, os irmãos e irmãs que se abstêm da vacinação fazem-no por motivo de consciência para com Deus, movidos pelo temor sincero de cometer um pecado. Inversamente, aqueles que optam por receber a injeção estão convictos de estar a proteger a sua vida e

consideram agir de maneira responsável diante do Criador. Esta situação é, portanto, em tudo análoga às divergências que agitavam a congregação do primeiro século a respeito do consumo de carne sacrificada aos ídolos.

Sendo assim, somos levados a esta conclusão fundamental, tão crucial que convém sublinhá-la com força:

Decidir não se vacinar é espiritualmente equivalente a decidir não consumir carne sacrificada aos ídolos.

Para compreender plenamente o pensamento de Deus sobre esta questão, basta fazer uma substituição terminológica no texto sagrado e substituir o debate sobre a carne pelo debate sobre a vacinação, visto que o verdadeiro alicerce do raciocínio de Paulo se baseia no respeito pela consciência individual.

Ao aplicar esta chave de leitura ao capítulo 14 da carta aos Romanos, as diretrizes divinas tornam-se de uma clareza límpida:

- Jeová aceita tanto o cristão vacinado como o cristão não vacinado, desde que a sua decisão seja tomada livremente e em consciência diante dele.
- Jeová condena qualquer tentativa de impor as nossas opiniões ou as nossas escolhas pessoais aos nossos companheiros na fé.
- Jeová rejeita o desprezo ou o julgamento para com um irmão ou uma irmã que optou por uma posição diferente da nossa.
- Cada servo de Deus responderá individualmente perante o tribunal de Deus pelas decisões médicas que tiver tomado.

Preservar a paz da congregação

Decorre destes princípios que uma escolha terapêutica, qualquer que seja, não deveria em caso algum tornar-se uma fonte de divisão ou de discórdia no seio da congregação cristã. Se surgem tensões ou fraturas, é unicamente porque as pessoas envolvidas se afastam do espírito das Escrituras e deixam de aplicar a regra de ouro de ‘não ir além do que está escrito’ (1 Coríntios 4:6).

Esta verdade é de uma grande simplicidade. Contudo, é forçoso constatar que o alcance deste princípio de liberdade cristã foi, por vezes, difícil de apreender durante a crise da COVID-19. A fim de alicerçar

definitivamente esta lógica e de dissipar qualquer ambiguidade, examinemos outros exemplos concretos.

O ponto de vista oficial da nossa organização (Até abril de 2021)

Para compreender bem a constância dos princípios espirituais aplicáveis à saúde, convém recorrer às diretrizes oficiais publicadas pela nossa organização antes da viragem da crise sanitária. A expressão mais clara e completa desta posição encontra-se em *A Sentinela* de 15 de setembro de 2015, nas páginas 8 a 12. <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2015682>

Este artigo de estudo, intitulado “Será que a sua consciência é um guia seguro?”, lança os próprios alicerces da liberdade de escolha em matéria de saúde. É notável constatar que a análise se apoia precisamente em vários versículos de Romanos, capítulo 14.

De facto, a ilustração principal no início do artigo é particularmente reveladora: retrata a banca de um talho na Antiguidade, onde dois cristãos parecem estar em desacordo sobre a conveniência de comprar carne que tinha servido num culto idólatrico. Este paralelo visual remete-nos diretamente para as instruções que o apóstolo Paulo também registou na sua primeira carta aos Coríntios. A escolha de tal ilustração demonstra de forma incontestável que a nossa organização associa intimamente a gestão das divergências de consciência no primeiro século — como a da carne sacrificada — à maneira como os cristãos de hoje devem encarar as suas decisões médicas.

A partir do parágrafo 6, o artigo aplica explicitamente estes princípios bíblicos ao domínio da saúde e das escolhas terapêuticas pessoais. Várias declarações revelam-se aqui de uma importância capital. Por exemplo, após lembrar que alguns companheiros consultam por vezes outros membros da congregação para obter pareceres médicos, o parágrafo 7 enuncia esta diretriz clara:

«Nem as filiais nem os anciãos nas congregações estão autorizados a tomar decisões sobre tratamentos de saúde por uma Testemunha de Jeová, mesmo que ela peça isso. (Gál. 6:5) Naturalmente, pode-se mostrar à pessoa princípios bíblicos que ela deve levar em conta ao tomar sua decisão.»

Este lembrete oficial destaca uma verdade fundamental:

Ninguém tem autoridade para se substituir à consciência de outrem para impor escolhas terapêuticas, aplicando-se esta reserva de pleno direito inclusive aos irmãos com responsabilidades na congregação.

Após apresentar vários lembretes práticos essenciais sobre a prudência a ter face às diversas ofertas de cuidados de saúde, o parágrafo 9 acrescenta este esclarecimento indispensável:

«O cristão razoável não impõe a outros suas opiniões.»

Esta nova declaração põe em relevo outra diretriz essencial:

É contrário aos princípios cristãos pressionar os nossos companheiros a fim de os fazer aderir às nossas convicções médicas pessoais.

Após evocar o caso concreto de um casal que se esforçava por convencer os membros da congregação a adotar as suas próprias escolhas terapêuticas, o parágrafo acrescenta este aviso:

«Eles convenceram alguns irmãos a usar os suplementos, mas outros decidiram não usar. Com o tempo, os resultados prometidos não foram alcançados, o que gerou um grande ressentimento entre os irmãos. O casal tinha o direito de fazer uma escolha pessoal sobre determinada dieta e suplementos, mas será que foi razoável deixar que questões de saúde pusessem em risco a união da congregação? Por um tempo, os cristãos na Roma antiga tinham opiniões divergentes sobre comer certos alimentos e guardar certos dias. Que conselho Paulo deu a eles? Sobre a questão de guardar dias, ele disse: “Uma pessoa considera um dia mais importante que outro, ao passo que outra pessoa considera todos os dias iguais; que cada um esteja plenamente convencido na sua própria mente.” Era importante não pôr uma pedra de tropeço diante de outros.
— Leia Romanos 14:5, 13, 15, 19, 20.»

Resulta destes elementos que as diretrizes registadas neste artigo de estudo se harmonizam em tudo com os princípios imutáveis de Romanos, capítulo 14, analisados anteriormente. Além disso, o parágrafo admite explicitamente que o desrespeito por estas

recomendações é de natureza a introduzir divisões e a fraturar a unidade da congregação.

Prosseguindo o seu raciocínio, o parágrafo 10 traz este esclarecimento fundamental:

«Se não conseguimos entender por que um irmão tomou certa decisão num assunto pessoal, não devemos nos precipitar em julgá-lo ou pressioná-lo a mudar de ideia. Talvez a consciência dele ainda seja “fraca” e precise de mais treinamento, ou pode ser que ela seja sensível demais em algumas questões. (1 Cor. 8:11, 12) Por outro lado, pode ser que nossa própria consciência precise se ajustar mais aos princípios divinos. Em questões como as de saúde, cada um de nós deve estar disposto a tomar uma decisão pessoal e aceitar a responsabilidade que acompanha a decisão.»

Esta última consideração põe em luz uma exigência de crescimento espiritual:

Quem quer que tenha dificuldade em compreender estas verdades bíblicas deve fazer uma reflexão mais profunda a fim de moldar o seu pensamento segundo as normas fixadas por Jeová.

Poderia multiplicar as referências a outros artigos publicados no nosso *site* oficial, mas a diretriz permanece inalterada e não deixa margem para qualquer ambiguidade.

Para complementar esta análise histórica, é particularmente instrutivo examinar a comunicação oficial dirigida aos corpos de anciãos na primavera da crise sanitária. Na carta S-147 com data de abril de 2021, no ponto 3, a seguinte diretriz foi levada ao conhecimento de cada congregação local:

“ **3. Decisões pessoais durante a pandemia.** Em certas regiões do mundo, os governos começaram a disponibilizar ao público as vacinas contra a COVID-19.

Vaciná-se é uma decisão pessoal (Gálatas 6:5). Portanto, o amor cristão consiste em respeitar a decisão que cada um toma com base na sua consciência treinada pela Bíblia, e não forçar ninguém a fazer o mesmo que nós. ”

Esta diretriz ecoou a partir da tribuna de cada Salão do Reino em todo o mundo. Subscrevo plenamente esta instrução, que reflete fielmente a linha de conduta que sempre me esforcei por seguir na minha vida cristã.

Fica assim estabelecido que, até abril de 2021, as instruções em vigor no seio da congregação proibiam formalmente qualquer tentativa de pressão ou de ingerência que visasse orientar as escolhas terapêuticas dos nossos companheiros em matéria de vacinação. Este ensinamento, cheio de sabedoria, baseava-se no alicerce inabalável das Escrituras Sagradas.

A fim de compreender melhor o alcance destes princípios e de avaliar a sua permanência, proponho-me agora aprofundar a nossa reflexão, analisando mais de perto os contextos históricos e doutrinários das cartas do apóstolo Paulo aos Coríntios e aos Romanos.

O argumento de 1 Coríntios capítulo 8

Como estabeleci anteriormente, a recusa da vacinação é espiritualmente equivalente à recusa de consumir carne sacrificada aos ídolos. Se pudéssemos interrogar um cristão do primeiro século sobre os motivos da sua abstinência, a sua resposta seria inequívoca:

“Adoro a Jeová com devoção exclusiva; não poderia honrar outras divindades nem participar no seu culto.”

Para apoiar a sua posição, este irmão não hesitaria em fazer referência às numerosas passagens das Escrituras que condenam firmemente a idolatria, fazendo delas uma aplicação pessoal estrita. É exatamente a mesma abordagem que adotam hoje os nossos companheiros que recusam a injeção.

Todos os cristãos que optam por não se vacinar associam essa decisão a princípios bíblicos bem precisos. Agem por motivo de consciência, guiados pela vontade de preservar a integridade do seu corpo — em conformidade com o convite de 2 Coríntios 7:1 — ou pelo temor de transigir com o que assimilam à *pharmakeia* (Gálatas 5:19-21).

Sendo assim, é particularmente instrutivo examinar os detalhes que o apóstolo Paulo acrescenta na sua primeira carta aos Coríntios, no capítulo 8. Para conduzir esta análise com toda a clareza necessária, adotarei o seguinte método: apresentação do texto bíblico, explicação

do pensamento inicial do apóstolo Paulo no seu contexto histórico e aplicação direta destes princípios à questão da vacinação.

Esta abordagem metódica permitir-nos-á identificar com precisão o pensamento divino sobre esta problemática contemporânea.

1 Coríntios 8:1-3

«Agora, quanto aos alimentos oferecidos a ídolos: sabemos que todos nós temos conhecimento. O conhecimento enche a pessoa de orgulho, mas o amor edifica. Se alguém pensa que sabe alguma coisa, ainda não a sabe como deveria. Contudo, se alguém ama a Deus, esse é conhecido por ele.»

O apóstolo Paulo começa a sua argumentação dirigindo-se ao grupo que formava então a maioria no seio da congregação de Corinto: os cristãos que não viam qualquer inconveniente em consumir carne sacrificada aos ídolos. Paulo inclui-se a si mesmo na lógica deles e reconhece que eles possuem um “conhecimento” correto da situação — a saber, que um ídolo não é nada e que a carne continua a ser apenas alimento. No entanto, ele avisa-os imediatamente de um perigo espiritual: tal conhecimento, se for desprovido de empatia, pode ‘encher de orgulho excessivo’. Ele lembra a estes irmãos que o conhecimento humano continua a ser sempre limitado, mesmo quando se está convencido de deter a verdade absoluta sobre um assunto, e insiste no facto de que “o amor edifica” e supera em muito o mero saber.

Aplicação moderna à questão da vacinação

Se o apóstolo Paulo se dirigisse às congregações da nossa época, usaria uma linguagem idêntica para com o grupo maioritário de irmãos e irmãs que optaram por se vacinar sem ver nisso qualquer inconveniente espiritual.

Ele conceder-lhes-ia de bom grado que a sua decisão se baseia num determinado conhecimento médico ou científico que consideram exato. Todavia, lembrar-lhes-ia com firmeza que o mais importante nesta crise não é saber quem tem razão no plano científico ou sanitário, mas sim demonstrar amor cristão. Porque se esse “conhecimento” gerar desprezo ou um sentimento de superioridade para com aqueles que fizeram uma escolha diferente, torna-se uma fonte de pecado. O amor

pelos nossos companheiros deve imperativamente prevalecer sobre as nossas certezas pessoais.

1 Coríntios 8:4-6

«Quanto a comer alimentos oferecidos a ídolos, sabemos que o ídolo não é nada no mundo, e que não há outro Deus, senão um só. Pois, embora haja os que são chamados deuses, quer no céu, quer na terra, assim como há muitos “deuses” e muitos “senhores”, para nós há realmente um só Deus, o Pai, de quem procedem todas as coisas, e nós existimos para ele; e há um só Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem todas as coisas são, e nós existimos por meio dele.»

Nesta etapa da sua argumentação, o apóstolo Paulo empenha-se em estabelecer uma base sólida de entendimento comum com os cristãos que consomem carne sacrificial. Trata-se de uma abordagem pedagógica cheia de tato: antes de corrigir a sua falta de consideração para com os mais fracos, ele começa por validar os pontos de verdade com os quais estão de acordo. Paulo afirma, assim, que “o ídolo não é nada no mundo” e que há apenas “um só Deus, o Pai”. Ao formular as coisas desta maneira, ele mostra claramente que partilha da sua rejeição total do culto pagão e que considera, tal como eles, os ídolos como meras invenções humanas.

Aplicação moderna à questão da vacinação

Transposta para a situação sanitária atual, a abordagem de Paulo para com os irmãos e irmãs vacinados traduzir-se-ia na mesma busca de consenso e de empatia.

O apóstolo dar-lhes-ia a entender que compreende perfeitamente os alicerces da sua escolha pessoal. Conceder-lhes-ia de bom grado que têm o direito de não se sentir convencidos pelos argumentos de ordem profética, espiritual ou relacionados com a *pharmakeia* que outros cristãos invocam para recusar a injeção. Paulo validaria o facto de que, na mente deles, receber uma vacina não é de modo algum um ato de infidelidade a Jeová, e que cada um é plenamente livre de tirar as suas próprias conclusões face aos dados de que dispõe.

1 Coríntios 8:7,8

«No entanto, nem todos têm este conhecimento. Alguns,

porém, devido à familiaridade que tinham com os ídolos, comem o alimento como algo sacrificado a um ídolo, e a consciência deles, que é fraca, fica contaminada. Todavia, o alimento não nos aproximará de Deus; não seremos piores se não comermos, nem melhores se comermos.»

É aqui que o apóstolo Paulo introduz uma retificação indispensável. Ele confronta os cristãos que se julgavam fortes com uma realidade que eles deixavam de levar em conta: nem todos os membros da congregação possuem o mesmo desapego. Paulo explica que alguns irmãos, ainda marcados pelos seus hábitos passados, têm uma consciência “fraca”, isto é, mais sensível, mais escrupulosa e mais facilmente ferida face à carne sacrificial. Se estes cristãos de consciência frágil se deixassem influenciar ao ponto de consumir esse alimento, agiriam contra as suas próprias convicções profundas e violariam a sua consciência. Para acalmar o debate, Paulo lembra um princípio fundamental: o alimento em si não nos aproxima de Deus; não perdemos nada se não comermos, e não ganhamos nada se comermos.

Aplicação moderna à questão da vacinação

Transposto para a nossa época, o raciocínio do apóstolo Paulo dirigir-se-ia diretamente ao grupo dos cristãos vacinados para despertar a sua empatia fraternal.

Paulo faria-os notar que muitos irmãos e irmãs possuem uma consciência altamente sensível que os proíbe de aceitar esse produto médico. Ele sublinharia com força que, se estes companheiros se vacinassem sob pressão social ou colegial, agiriam ao desprezo das suas convicções íntimas, o que prejudicaria gravemente a sua espiritualidade. Por fim, Paulo lembraria a toda a congregação que, em última análise, o facto de ter recebido ou não uma injeção não é de modo algum o que define o nosso valor ou a nossa posição espiritual perante Jeová.

1 Coríntios 8:9, 10

«Contudo, tenham cuidado para que o vosso direito de escolha não se torne de algum modo uma pedra de tropeço para os que são fracos. Pois, se alguém te vir a ti, que tens conhecimento, a tomar uma refeição no templo de um ídolo, será que a consciência daquele que é fraco não ficará ousada a ponto de ele comer alimentos oferecidos a ídolos?»

Aqui, Paulo lembra àqueles que consomem carne sacrificada aos ídolos que têm o direito mais estrito de o fazer, mas exorta-os à prudência a fim de não se tornarem uma pedra de tropeço para outrem. Este lembrete ecoa diretamente as palavras do Cristo que o apóstolo tinha manifestamente em mente.

Lucas 17:1, 2

«Depois, ele disse aos discípulos: “É inevitável que surjam motivos para tropeço. Contudo, ai daquele por meio de quem eles surgem! Seria melhor para ele que lhe pendurassem ao pescoço uma pedra de moinho e que fosse lançado ao mar, do que fazer tropeçar um destes pequenos.»

O apóstolo Paulo lembra com gravidade ao grupo de cristãos que consomem carne sacrificial que é espiritualmente muito perigoso fazer os outros tropeçar.

Para ilustrar o seu argumento, Paulo encena uma situação concreta: um cristão influente, forte no seu conhecimento, é visto a comer carne no próprio templo de um ídolo, sob os olhos de um irmão de consciência frágil. O apóstolo sublinha aqui que, em razão da sua posição ou da sua segurança, as escolhas destes irmãos podem exercer uma pressão moral prejudicial sobre aqueles que hesitam. É precisamente isto o que acontece quando alguém exhibe as suas decisões ou age ostensivamente diante dos outros, sabendo perfeitamente que isso os choca. Este exibicionismo espiritual é aqui simbolizado pelo facto de se sentar publicamente à mesa num templo pagão.

Aplicação moderna à questão da vacinação

Se o apóstolo Paulo se dirigisse às congregações de hoje, usaria exatamente a mesma linguagem com os cristãos vacinados. Embora ninguém conteste o seu direito mais estrito de receber esse tratamento médico, Paulo instá-los-ia a zelar para que a sua liberdade não se tornasse uma causa de tropeço para os seus companheiros.

Ele explicar-lhes-ia que gabar-se de estar vacinado, tornar públicas decisões estritamente pessoais ou demonstrar uma atitude moralista pode desestabilizar a fé de outrem. Este perigo é tanto mais real quando estes comportamentos emanam de irmãos que assumem responsabilidades ou beneficiam de uma certa influência na

congregação. Ao verem estes exemplos, cristãos convictos de que é espiritualmente errado vacinarem-se poderiam sentir-se compelidos a ceder sob o peso da autoridade, violando assim a sua própria consciência.

Parece, portanto, inegável que a atitude dos cristãos vacinados pode fazer tropeçar os seus irmãos e irmãs, em particular se forem exercidas pressões para impor a inoculação àqueles que a recusam por motivo de consciência.

1 Coríntios 8:11-13

«Assim, pelo conhecimento que tens, aquele que é fraco está a ser arruinado, o teu irmão pelo qual Cristo morreu. Quando pecam assim contra os vossos irmãos e ferem a sua consciência fraca, pecam contra Cristo. É por isso que, se o alimento fizer o meu irmão tropeçar, nunca mais comerei carne alguma, para que eu não faça o meu irmão tropeçar.»

O apóstolo Paulo conclui o seu raciocínio lançando um aviso de extrema gravidade àqueles que persistem em consumir carne sacrificial ao desprezo dos escrúpulos de outrem: ele dá-lhes a entender que, ao agirem assim, estão a “ferir” os seus companheiros. Mais grave ainda, Paulo afirma que, ao chocarem uma consciência fraca, estão a ‘pecar contra os seus irmãos e contra o Cristo’, visto que violam deliberadamente a lei régia do amor. A sua conclusão é inequívoca: se for necessário renunciar definitivamente a consumir carne para não fazer tropeçar um irmão, ele resolver-se-á a isso sem hesitar.

Aplicação moderna à questão da vacinação

Transposta para a nossa época, esta conclusão lembra aos cristãos vacinados que, se levarem um irmão relutante a aceitar a injeção contra a sua vontade, estarão a prejudicar gravemente a sua espiritualidade. Exercer pressões morais para fazer ceder um companheiro não vacinado constitui, segundo a lógica de Paulo, um pecado direto contra esse irmão e contra o Cristo, visto que isso empurra um membro da congregação a renegar as suas convicções íntimas. O apóstolo concluiria que, se uma escolha terapêutica pessoal for uma fonte de tropeço ou de divisão, a mais elementar prudência cristã exige que não se gabe dela, não a torne pública e zele pelo respeito de cada um.

Síntese: Ideias-chave de 1 Coríntios 8 aplicadas à vacinação

Ver sículo	Princípio do primeiro século (A carne)	Aplicação moderna (A vacinação)
v. 1-3	O conhecimento enche de orgulho, mas o amor	As certezas científicas ou médicas importam menos do que a
v. 4-6	O ídolo não é nada; o cristão é livre diante	Cada um é livre de aceitar ou não os argumentos de ordem profética
v. 7-8	O alimento não nos aproxima de Deus; os	Estar vacinado ou não estar é uma escolha estritamente pessoal que
v. 9-1	O exibicionismo espiritual (comer num	Exibir o estatuto vacinal, tirar partido dele ou usar da sua
v. 11-1	Fazer ceder um irmão ao desprezo da sua	Forçar ou incitar um companheiro não vacinado a ceder feriria a sua
v. 13	Renunciar aos seus direitos por amor para	Demonstrar discrição absoluta e abster-se de qualquer insistência

O argumento de 1 Coríntios capítulo 10

Continuemos o nosso exame das Escrituras analisando o capítulo 10 da primeira carta aos Coríntios, segundo o mesmo método aplicado ao capítulo 8.

Nos primeiros onze versículos, o apóstolo Paulo traça um quadro histórico das falhas que levaram muitos israelitas a morrer no deserto, embora tivessem inicialmente a aprovação divina. Ele lembra como a idolatria, a imoralidade sexual e a falta de fé causaram a sua ruína. Após sublinhar que estes relatos do passado foram registados para nos servir de aviso na nossa época, o apóstolo enuncia esta verdade essencial:

1 Coríntios 10:11-13

«Estas coisas aconteceram-lhes como exemplos e foram escritas como aviso para nós, para quem o fim dos sistemas de coisas já chegou. Portanto, quem pensa estar de pé tenha cuidado para não cair. Não vos sobreveio nenhuma tentação a não ser as que são comuns aos homens. Mas Deus é fiel e não deixará que sejam tentados além do que podem suportar; mas, quando vier a tentação, ele também providenciará a saída, para que a possam suportar.»

Após rever estes avisos trágicos da história de Israel, o apóstolo Paulo lembra aos cristãos de Corinto — em particular àqueles que se julgavam

fortes e espiritualmente invulneráveis — que os relatos bíblicos têm um valor educativo fundamental. Ele dirige-lhes esta advertência solene: “Quem pensa estar de pé, agrade-se para que não caia.” A segurança excessiva que demonstravam ao frequentar ambientes associados ao culto pagão expunha-os a um naufrágio espiritual. No entanto, Paulo não os deixa sem esperança: dá-lhes a certeza de que, perante cada prova ou tentação, Jeová é fiel e providenciará sempre a saída necessária para que a possam suportar.

Aplicação moderna à questão da vacinação

Transposta para o contexto da crise sanitária, esta exortação dirige-se diretamente ao grupo dos irmãos vacinados. O apóstolo lembrar-lhes-ia que os exemplos da História Sagrada existem para guiar as nossas escolhas presentes.

Paulo convidá-los-ia a não demonstrar um excesso de confiança em si mesmos, nem a imaginar que estão a salvo de qualquer falha espiritual sob o pretexto de se conformarem a uma opinião maioritária ou oficial. Ao examinarem os erros do passado, compreenderiam que um cristão pode “cair” a partir do momento em que começa a basear a sua segurança em instituições humanas, em certezas científicas, ou quando passa a desprezar a consciência dos seus irmãos.

1 Coríntios 10:14-21

«Portanto, meus amados, fujam da idolatria. Falo-vos como a homens de discernimento; julguem vocês mesmos o que eu digo. Será que o cálice de bênção que abençoamos não é uma participação no sangue do Cristo? O pão que partimos não é uma participação no corpo do Cristo? Visto que há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, pois todos participamos daquele único pão. Olhem para o Israel natural: Não são participantes com o altar os que comem dos sacrifícios? Então, o que quero eu dizer com isto? Que aquilo que se sacrifica a um ídolo é alguma coisa, ou que o ídolo é alguma coisa? Não; mas digo que o que as nações sacrificam, sacrificam-no a demónios, e não a Deus. E eu não quero que vocês se tornem participantes de nada com os demónios. Vocês não podem beber o cálice de Jeová e o cálice de demónios; não podem participar da “mesa de Jeová” e da mesa de demónios.»

Apoiando-se nas faltas trágicas de Israel, o apóstolo Paulo lança uma ordem categórica aos seus irmãos de Corinto: “Fujam da idolatria.” Para fundamentar o seu argumento, ele traça um paralelo entre a comunhão espiritual da Refeição Noturna do Senhor, o sistema sacrificial do antigo Israel e os banquetes pagãos. Embora Paulo reafirme com força que um ídolo ou a carne que lhe é oferecida não são nada em si mesmos, ele introduz uma nuance crucial: ao participarem conscientemente em refeições rituais no recinto de um templo pagão, estes cristãos estavam a associar-se, sem necessariamente se darem conta, à “mesa de demónios”. O apóstolo estabelece, assim, uma distinção clara entre comprar carne de origem sacrificial no mercado público para a sua própria subsistência e sentar-se ostensivamente no coração de uma cerimónia idólatra. Por meio desta demonstração, Paulo convida os coríntios a uma profunda introspeção.

Aplicação moderna à questão da vacinação

Transposto para a nossa época, este aviso do apóstolo Paulo toma a forma de um apelo à máxima vigilância espiritual dirigido aos cristãos vacinados, exortando-os a precaverem-se contra qualquer forma de idolatria moderna.

Paulo conceder-lhes-ia que a vacina, como procedimento médico, não tem nenhum valor religioso intrínseco. No entanto, ele incitá-los-ia a examinar se, por falta de discernimento, não correm o risco de transigir com princípios divinos ou de se associar indiretamente a práticas contrárias às Escrituras (ecoando os argumentos de ordem ética levantados pelos não vacinados). Na sua grande sabedoria, o apóstolo não imporia uma regra rígida ou uma proibição absoluta, tal como não o fizera em relação à carne. O seu objetivo seria despertar a consciência deles, visto que o que está em jogo é de importância crucial: trata-se da sua relação pessoal com Jeová.

Dado que os produtos médicos não são todos idênticos na sua composição ou no seu método de fabrico, cabe a cada cristão informar-se e realizar uma reflexão rigorosa antes de fazer a sua escolha. Esta questão não pode ser tratada de forma leviana. A lembrança da sentença divina que atingiu os israelitas devido à sua falha espiritual deve incitar aqueles que consideram a vacinação a ponderar as suas decisões com a máxima gravidade.

«Tudo é permitido, mas nem tudo é vantajoso. Tudo é permitido, mas nem tudo edifica. Que cada um persista em procurar não a sua própria vantagem, mas a da outra pessoa.»

O apóstolo Paulo concede novamente aos cristãos de Corinto que lhes é permitido consumir carne, mas exorta-os a avaliar seriamente o alcance dos seus atos. Ele estabelece este princípio fundamental: não é porque uma ação é autorizada que ela é espiritualmente benéfica ou edificante. Sendo assim, a liberdade cristã não deve ser vivida de forma egoísta; em todas as circunstâncias, cada um deve procurar primeiro “o bem, não o seu próprio, mas o de outrem”.

Aplicação moderna à questão da vacinação

Transposta para o assunto da vacinação, esta diretriz dirige-se diretamente ao grupo dos irmãos vacinados. Paulo conceder-lhes-ia que têm o direito mais estrito de recorrer a este tratamento médico.

No entanto, lembrar-lhes-ia que a simples detenção de um direito não garante que o seu exercício seja a melhor solução espiritual para a congregação. O elemento determinante que cada cristão deve ponderar com gravidade não é apenas o seu próprio conforto ou a sua segurança sanitária, mas sim o impacto direto das suas escolhas e da sua atitude sobre a consciência e a fé dos seus companheiros cristãos.

1 Coríntios 10:25-30

«Comam de tudo o que se vende no talho, sem fazer perguntas por causa da vossa consciência, pois “a Jeová pertence a terra e tudo o que há nela”. Se algum descrente vos convidar para uma refeição, e vocês quiserem ir, comam de tudo o que se puser à vossa frente, sem fazer perguntas por causa da vossa consciência. Mas, se alguém vos disser: “Isto é algo oferecido em sacrifício”, não comam, por causa daquele que vos disse isso e por causa da consciência. Não me refiro à vossa própria consciência, mas à da outra pessoa. Pois, porque é que a minha liberdade deveria ser julgada pela consciência de outro? Se dou graças quando participo numa refeição, porque haveria eu de ser criticado por causa daquilo pelo qual dou graças?»

O apóstolo Paulo aplica agora os seus princípios a uma situação da vida quotidiana: a compra de alimentos no mercado público. Ele explica que um cristão pode consumir sem escrúpulos a carne que ali é vendida, sem necessidade de fazer perguntas por motivo de consciência. No entanto, a situação muda radicalmente se um terceiro intervier e especificar explicitamente: “Isto é carne sacrificada a ídolos.” Neste caso específico, Paulo estipula que o cristão se deve abster de a comer. O apóstolo clarifica imediatamente o seu pensamento: esta abstinência não é ditada pela consciência de quem come, mas sim pelo respeito pela consciência do outro, a fim de não o chocar nem o fazer tropeçar.

Aplicação moderna à questão da vacinação

Transposto para a questão da vacinação, este princípio de deferência cristã dirige-se diretamente aos irmãos e irmãs vacinados. Paulo conceder-lhes-ia que têm a liberdade de escolher o tratamento médico que julgam oportuno para si mesmos.

Contudo, se companheiros de adoração lhes manifestarem as suas graves reservas espirituais — destacando as ligações que alguns destes produtos podem ter, pela sua composição ou origem, com práticas contrárias às Escrituras ou eticamente condenáveis —, os cristãos vacinados têm o dever de agir com amor. Isto significa que se devem abster de exhibir a sua situação, de defender obstinadamente o seu ponto de vista ou de se gabar do seu estatuto vacinal diante de irmãos que consideram essa iniciativa como uma violação da sua consciência. A preservação da paz espiritual do nosso próximo deve sempre prevalecer sobre a afirmação das nossas liberdades individuais.

1 Coríntios 10:31-33

«Portanto, quer comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam todas as coisas para a glória de Deus. Não se tornem motivo de tropeço para judeus, nem para gregos, nem para a congregação de Deus, assim como eu tento agradar a todos em todas as coisas, não procurando a minha própria vantagem, mas a do maior número de pessoas, para que sejam salvas.»

O apóstolo Paulo coroa a sua argumentação com um princípio universal que deve guiar cada aspeto da vida cristã: “Quer comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus.” Quer se trate de consumir carne ou de exercer qualquer outro direito

pessoal, o objetivo supremo continua a ser refletir a santidade divina. É por isso que Paulo insiste na responsabilidade de ‘evitar tornar-se causa de tropeço’ para outrem. A verdadeira liberdade cristã mede-se pela nossa disposição de colocar a “vantagem” espiritual dos nossos irmãos à frente dos nossos próprios desejos.

Aplicação moderna à questão da vacinação

Transposta para o debate sanitário, esta regra de ouro lembra aos cristãos vacinados que a sua prioridade absoluta deve ser a glória de Jeová, e não o triunfo das suas opiniões pessoais.

Paulo exortá-los-ia instantaneamente a não fazer tropeçar os não vacinados através da sua atitude ou das suas palavras. Em vez de se focarem no seu próprio benefício, no seu conforto ou no seu sentimento de segurança, são convidados a privilegiar constantemente a vantagem espiritual, psicológica e emocional dos membros não vacinados da congregação, a fim de preservar a unidade do povo de Deus.

Síntese: Ideias-chave de 1 Coríntios 10 aplicadas à vacinação

- **Vigilância contra o excesso de confiança:** Os cristãos vacinados devem acautelar-se para não se tornarem excessivamente confiantes. Uma forma de idolatria moderna — como a confiança cega em sistemas humanos — pode esconder-se subtilmente por trás de escolhas puramente pessoais. (1 Cor. 10:12-14)
- **Discernimento espiritual:** É imperativo certificar-se, por meio de um exame minucioso dos produtos e da sua origem, de que as nossas escolhas de saúde não nos levam, sem sabermos, a participar na “mesa de demónios”. (1 Cor. 10:15-21)
- **A legitimidade não é o único critério:** As pessoas vacinadas têm o direito estrito de receber esse tratamento, mas o exercício de um direito não significa automaticamente que essa seja a decisão mais vantajosa para a paz da congregação. (1 Cor. 10:23)
- **Altruísmo cristão:** Os cristãos vacinados têm o dever teocrático de procurar ativamente a vantagem espiritual dos seus irmãos não vacinados. (1 Cor. 10:24)
- **Discrição absoluta:** Embora seja perfeitamente permitido vacinar-se, seria totalmente inapropriado gabar-se disso ou

exibir o seu estatuto diante de companheiros que o recusam por motivo de consciência. (1 Cor. 10:25-28)

- **Respeito escrupuloso:** Os vacinados devem tratar a consciência dos não vacinados com a máxima consideração, sem nunca a violar nem desprezar. (1 Cor. 10:29, 30)
- **Zelo pela unidade:** Evitar a todo o custo tornar-se uma causa de tropeço para os não vacinados continua a ser a regra absoluta para honrar a Jeová. (1 Cor. 10:31, 32)
- **A teocracia acima das opiniões:** O essencial é conformar-se estritamente com os padrões de amor de Deus, deixando em segundo plano as nossas preferências ou certezas humanas. (1 Cor. 10:33)

O argumento de Romanos capítulo 14

Embora alguns aspetos gerais deste capítulo já tenham sido abordados a título de introdução, convém agora realizar uma análise detalhada de Romanos 14, segundo o mesmo método rigoroso aplicado aos capítulos 8 e 10 da primeira carta aos Coríntios.

Constatamos, de facto, que o apóstolo Paulo trata aqui novamente de uma problemática idêntica: a do consumo de alimentos associados a práticas rituais ou percebidos como impuros por alguns cristãos. Este debate do primeiro século sobre a pureza alimentar apresenta uma analogia impressionante com as discussões modernas em torno da questão da vacinação, visto que, em ambos os casos, são as liberdades individuais, as convicções íntimas e os motivos de consciência que se encontram confrontados no seio da congregação.

Romanos 14:1-4

«Acolham o homem que tem fraquezas na fé, mas não façam julgamentos sobre opiniões divergentes. Um homem tem fé para comer de tudo, mas o homem que é fraco só come verduras. Quem come não menospreze aquele que não come, e quem não come não julgue aquele que come, pois Deus o acolheu. Quem és tu para julgares o servo de outro? É para o seu próprio senhor que ele fica de pé ou cai. De facto, ele ficará de pé, pois Jeová pode fazê-lo ficar de pé.»

O apóstolo Paulo introduz a sua argumentação estabelecendo uma regra de ouro para a vida da congregação: “Acolham o homem que tem fraquezas na fé.” Ele proíbe desde logo que se acolha tal companheiro para “tomar decisões sobre questões de consciência” ou para decidir por ele. Diante da divergência entre aqueles que se julgam autorizados a comer de tudo e os que se abstêm por escrúpulo espiritual, Paulo exige um respeito mútuo estrito: que o que come “não despreze” o que não come, e que o que não come “não julgue” o que come. O apóstolo lembra com firmeza que cada cristão é servo de Deus, e não dos seus irmãos, e que cabe unicamente a Jeová fazer com que o seu servo “fique de pé”.

Aplicação moderna à questão da vacinação

Transposta para a situação sanitária, esta diretriz do apóstolo Paulo lança as bases para uma coexistência fraternal pacífica, isenta de qualquer espírito de superioridade.

Se Paulo se dirigisse às congregações de hoje, lembraria firmemente aos cristãos vacinados que não desprezem os seus irmãos não vacinados, evitando considerá-los ignorantes ou imprudentes. Da mesma forma, exortaria com a mesma força os cristãos não vacinados a não julgarem nem condenarem os vacinados, guardando-se de questionar a sua espiritualidade ou a sua confiança em Jeová. O apóstolo insistiria no facto de que a vacinação é uma questão de escolha estritamente pessoal. Por conseguinte, ninguém tem o direito de fazer pressão sobre outrem, de impor a sua opinião ou de se posicionar como juiz das decisões íntimas dos seus companheiros cristãos.

Romanos 14:5-12

«Uma pessoa considera um dia mais importante do que o outro, ao passo que outra pessoa considera todos os dias iguais; que cada um esteja plenamente convencido na sua própria mente. Quem guarda o dia, guarda-o para Jeová. E quem come, come para Jeová, pois agradece a Deus; e quem não come, não come para Jeová, e mesmo assim agradece a Deus. De facto, nenhum de nós vive apenas para si mesmo, e ninguém morre apenas para si mesmo. Pois, se vivemos, vivemos para Jeová; se morremos, morremos para Jeová. Portanto, quer vivamos, quer morramos, pertencemos a Jeová. Pois foi com este objetivo

que Cristo morreu e voltou a viver: para ser Senhor tanto dos mortos como dos vivos. Mas porque é que julgas o teu irmão? Ou, porque é que menosprezas o teu irmão? Pois todos nós compareceremos perante o tribunal de Deus. Porque está escrito: “‘Tão certo como eu vivo’, diz Jeová, ‘diante de mim todo o joelho se dobrará, e toda a língua reconhecerá abertamente a Deus’.” Assim, cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus.»

Para aprofundar o seu raciocínio, o apóstolo Paulo encena dois cristãos portadores de convicções opostas, mas animados pelo mesmo desejo de honrar a Deus. Quer um escolha consumir de tudo, quer o outro se abstenha, o apóstolo sublinha que tanto um como o outro agem “para Jeová” e lhe dão graças. Visto que o Cristo morreu e voltou à vida para ser “Senhor tanto de mortos como de vivos”, cada crente depende da sua autoridade exclusiva. Com base nesta constatação, Paulo demonstra a incongruência absoluta de alguém se erigir em censor dos seus companheiros: “Mas tu, por que julgas o teu irmão? Ou tu também, por que desprezas o teu irmão?” O apóstolo lembra a cada um a realidade do tribunal de Deus, perante o qual “cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus”.

Aplicação moderna à questão da vacinação

Transposta para o campo da vacinação, esta lição lembra com força que as motivações profundas dos irmãos, independentemente da sua escolha, procedem de um mesmo desejo de agradar a Deus.

Se Paulo estivesse entre nós hoje, faria notar que o cristão que escolhe vacinar-se fá-lo muitas vezes com a convicção de preservar a vida, um dom sagrado de Deus, ao passo que o cristão que o recusa age com a certeza de preservar a integridade da sua consciência e do seu corpo perante o seu Criador. Ambos os grupos agem por convicção íntima, guiados pelo seu apego aos princípios divinos. Sendo assim, é totalmente inapropriado que os irmãos se desprezem ou se julguem mutuamente por causa de uma decisão médica. Visto que somos todos irmãos e pertencemos todos ao Cristo, devemos lembrar-nos de que ninguém é responsável pelas escolhas do seu companheiro, e que cada um terá de prestar contas pessoalmente perante o tribunal de Deus.

Romanos 14:13-18

«Portanto, não nos julguemos mais uns aos outros, mas,

em vez disso, estejam determinados a não pôr uma pedra de tropeço ou um obstáculo diante de um irmão. (Sei e estou convencido no Senhor Jesus de que nada é impuro em si mesmo; apenas quando alguém considera algo impuro, então, para ele é impuro.) Pois, se o teu irmão se ofende por causa de um alimento, já não estás a andar de acordo com o amor. Não arruines, pelo teu alimento, aquele por quem Cristo morreu. Portanto, não deixem que se fale mal do bem que fazem. Pois o Reino de Deus não é uma questão de comida e bebida, mas de justiça, paz e alegria com espírito santo. Pois quem trabalha desta forma como escravo para Cristo agrada a Deus e tem a aprovação dos homens.»

O apóstolo Paulo exorta os cristãos de Roma a deixarem definitivamente de se julgar uns aos outros, para, em vez disso, tomarem uma resolução firme: “Estejam determinados a não colocar diante de um irmão uma pedra de tropeço ou um obstáculo.” Retomando o fio condutor da sua carta aos Coríntios, Paulo aborda a percepção subjetiva da pureza. Embora esteja pessoalmente convencido, no Senhor Jesus, de que nada é impuro em si mesmo, ele estabelece um princípio absoluto: “Se um homem considerar que uma coisa é impura, ela é impura para ele.” Empurrar um irmão a agir contra as suas convicções profundas equivale a destruí-lo espiritualmente. Paulo adverte solenemente que a falta de consideração daqueles que se julgam fortes expõe a congregação ao descrédito: “Não deixem, pois, que se fale mal do bem que fazem.” Por fim, ele lembra a verdadeira natureza do cristianismo: “Porque o Reino de Deus não significa comer e beber, mas justiça, paz e alegria por meio de espírito santo.”

Aplicação moderna à questão da vacinação

Transposto para o debate sobre a vacinação, este aviso do apóstolo Paulo dirige-se diretamente aos cristãos vacinados, convidando-os à máxima contenção a fim de não colocarem obstáculos espirituais no caminho dos não vacinados.

Paulo lembraria que, se um cristão não vacinado percebe esse tratamento médico como ética ou espiritualmente comprometido, essa convicção deve ser escrupulosamente respeitada: para esse irmão, a inoculação seria uma violação da sua integridade moral. O apóstolo daria a entender aos irmãos vacinados que eles correm o risco de

“arruinar” a espiritualidade de um companheiro se exercerem sobre ele uma pressão psicológica ou social para o constranger a ceder.

Agir assim e insistir em impor opiniões médicas só suscitaria críticas legítimas e mancharia a reputação da congregação. O apóstolo insistiria no facto de que o Reino de Deus não tem qualquer relação com tomadas de posição sobre tratamentos terapêuticos. Forçar a mão de outrem contradiz a justiça cristã, quebra a paz da congregação e opõe-se manifestamente à ação do espírito santo de Deus.

Romanos 14:19-23

«Assim, empenhemo-nos pelas coisas que promovem a paz e pelas coisas que edificam uns aos outros. Parem de demolir a obra de Deus só por causa do alimento. É verdade que todas as coisas são puras, mas é prejudicial para o homem comer, se isso for causa para tropeço. É melhor não comer carne, nem beber vinho, nem fazer nada que leve o teu irmão a tropeçar. A fé que tens, guarda-a para ti diante de Deus. Feliz é aquele que não se condena a si mesmo por aquilo que aprova. Mas, se alguém tem dúvidas e come, já está condenado, porque não come com base na fé. E tudo o que não se baseia na fé é pecado.»

O apóstolo Paulo conclui a sua exposição traçando uma linha de conduta clara para a congregação de Roma: “Eis por que nos empenhamos pelas coisas que promovem a paz e pelas coisas que são para a edificação mútua.” Ele adverte solenemente quem quer que insista em impor as suas escolhas alimentares pessoais, afirmando que tal atitude equivale a “demolir a obra de Deus”, agindo contra o seu propósito de unidade. Paulo reafirma que, se um alimento é percebido como espiritualmente ou moralmente prejudicial por um irmão, ele torna-se efetivamente impuro para ele, independentemente do que os outros pensem. O amor exige, portanto, a abstinência de qualquer ação que possa chocar outrem. A sua conclusão é inequívoca: se um cristão tem dúvidas sobre a legitimidade de um ato e o comete sob a pressão daqueles que o cercam, “já está condenado [...] porque não age por convicção. Realmente, tudo o que não procede da convicção é pecado”.

Aplicação moderna à questão da vacinação

Transposta para o debate contemporâneo sobre a vacinação, esta conclusão do apóstolo Paulo constitui um apelo urgente à manutenção da paz cristã e à rejeição de divisões fraternais.

Paulo lembraria aos cristãos vacinados que, ao tentarem convencer, influenciar ou fazer ceder os não vacinados, correriam o risco de “demolir” a edificação espiritual da congregação e de se opor ao propósito divino. O apóstolo insistiria no facto de que, se um irmão ou uma irmã considera em sã consciência que esse tratamento médico é errado, deve abster-se dele. Forçar tal companheiro a capitular equivaleria a fazê-lo pecar contra a sua própria consciência. Não importam as certezas ou os benefícios que os vacinados julguem discernir na sua própria escolha: se empurrarem um membro da congregação a violar as suas convicções íntimas, carregarão a pesada responsabilidade de ter levado o seu irmão ao pecado.

Síntese: Ideias-chave de Romanos 14 aplicadas à vacinação

- **Soberania da escolha pessoal:** Ninguém deve intrometer-se nas decisões de outrem nem tentar escolher por ele em matéria de vacinação; o respeito mútuo deve prevalecer. (Rom. 14:1)
- **Rejeição do desprezo e do julgamento:** Os cristãos vacinados e não vacinados têm o dever de se abster de qualquer desprezo recíproco e de banir todo o julgamento temático. (Rom. 14:2-4)
- **Não ingerência espiritual:** Desde que um cristão tome a sua decisão em harmonia com a sua consciência perante Jeová, é intolerável contestar a sua escolha ou tentar abalar a sua convicção por condescendência. (Rom. 14:5-11)
- **Introspecção individual:** Cada servo de Deus deve concentrar-se no seu próprio percurso espiritual e nas suas próprias responsabilidades, em vez de escrutinar as decisões médicas dos seus irmãos. (Rom. 14:12)
- **Vigilância contra o tropeço:** Os cristãos vacinados devem zelar escrupulosamente para não colocarem obstáculos ou pedras de tropeço diante dos não vacinados. (Rom. 14:13, 21)
- **Sacralidade da consciência:** Se um irmão está convencido de que uma vacina é prejudicial para a sua espiritualidade, essa escolha impõe-se a ele; se ceder a uma pressão externa, comete

um pecado por renegar as suas convicções. (Rom. 14:14, 20, 21, 23)

- **Falta de amor e ruína espiritual:** Insistir com um não vacinado para que se conforme à maioria trai uma falta de amor fraternal e pode causar a sua ruína espiritual. (Rom. 14:15)
- **Preservação da reputação da congregação:** Querer impor convicções sanitárias e forçar a adesão de outrem é uma conduta censurável que expõe a congregação ao descrédito. (Rom. 14:16)
- **Alinhamento pelo espírito de Deus:** A insistência e a coação opõem-se diretamente aos valores fundamentais do Reino de Deus, a saber, a justiça, a paz e a alegria por meio de espírito santo. (Rom. 14:17, 18)

Conclusão geral sobre o alcance universal dos princípios

Embora o quadro de Romanos 14 encene as advertências dirigidas pelo apóstolo Paulo ao grupo dos que comiam carne (o grupo maioritário que se considerava “forte”, análogo aos cristãos vacinados), a conclusão desta análise bíblica reveste-se de um alcance universal.

Os princípios teocráticos gravados neste capítulo empenham a responsabilidade de todos os irmãos e irmãs, sem distinção. Independentemente da posição terapêutica adotada, o amor e o respeito mútuo continuam a ser os mandamentos supremos. Manifestar esse amor no seio do povo de Jeová exige excluir de forma absoluta qualquer forma de assédio, de pressão psicológica, de censura ou de denegrimento relativamente às escolhas médicas pessoais dos nossos companheiros cristãos.

A VACINAÇÃO E AS AUTORIDADES HUMANAS

O exame minucioso das publicações da organização, combinado com a análise exegética de 1 Coríntios 8, 10 e Romanos 14, conduz a uma conclusão teocrática inegável: um cristão que, intimamente convencido de que um tratamento médico é errado, cedesse à coação para receber a injeção, cometeria um pecado contra Jeová ao violar deliberadamente a sua consciência. A manutenção da integridade espiritual exige, portanto, nunca capitular perante as pressões.

Sendo assim, surge uma questão crucial: qual deve ser a nossa posição se uma autoridade secular promulgar diretrizes imperativas ou exercer pressões diretas para impor a vacinação àqueles que a recusam?

Para qualquer Testemunha de Jeová, a resposta bíblica é de uma clareza absoluta. Aplicamos espontaneamente o axioma fundamental enunciado por Jesus Cristo:

“Portanto, paguem a César o que é de César, mas a Deus o que é de Deus.” — Mateus 22:21.

Se os governos humanos (“César”) têm o direito de legislar sobre impostos ou sobre a ordem pública, não têm qualquer legitimidade para se apropriarem daquilo que pertence exclusivamente a Deus: a nossa vida, o nosso corpo e a integridade da nossa consciência guiada pelo seu espírito. Diante de tal intrusão, cada cristão adota como sua a declaração histórica do apóstolo Pedro e dos outros apóstolos perante o Sinédrio:

“Temos de obedecer a Deus como governante em vez de a homens.” — Atos 5:29.

Independentemente da formulação adotada, o princípio permanece imutável: a soberania de Deus e os imperativos da consciência cristã suplantam sistematicamente os decretos dos governantes humanos.

A defesa legal dos direitos constitucionais: os precedentes paulinos

Diante de disposições legais injustas ou coercivas, o cristão não está desamparado e dispõe de fundamentos jurídicos universais, tais como o princípio do *Habeas Corpus* ou o direito fundamental à inviolabilidade corporal (“seja dono do seu corpo”), para fazer valer as garantias constitucionais reconhecidas na maioria das nações.

Esta postura de defesa legal está em direta consonância com o exemplo do apóstolo Paulo. Quando era tratado de forma injusta ou ilegal por funcionários civis, Paulo não hesitava em invocar o seu estatuto e as proteções da lei romana quando estas lhe eram favoráveis:

- **Atos 16:37-39:** Em Filipos, ele recusa uma libertação secreta e exige que os magistrados romanos venham pessoalmente reconhecer em público a violação dos seus direitos de cidadão.

- **Atos 25:10-12:** Diante do governador Festo, constatando que os seus direitos estão ameaçados, ele pronuncia a fórmula legal decisiva: “Apelo para César!”

A nossa organização contemporânea sempre seguiu este modelo apostólico com um sucesso notável. Há décadas que a estrutura jurídica das Testemunhas de Jeová utiliza de forma sistemática o aparelho legislativo e constitucional das nações para contestar os decretos governamentais que exigem que os crentes transgridam a vontade divina. Os arquivos do nosso *site* oficial e das nossas revistas estão repletos de inúmeros relatórios de vitórias jurídicas que ilustram esta estratégia de defesa da liberdade de consciência.

A posição oficial da organização: A Sentinela de 1 de novembro de 1990

Para fundamentar esta análise, convém recorrer às diretrizes doutrinárias claras publicadas pelo escravo fiel e prudente. A este respeito, o artigo principal publicado em *A Sentinela* de 1 de novembro de 1990, intitulado “A Nossa Sujeição às Autoridades Superiores É Relativa”, constitui uma referência de relevo que merece atenção especial.

No subtópico “Sujeição relativa”, o parágrafo 10 desse artigo especifica de forma muito clara a posição que o cristão deve adotar quando as exigências do Estado colidem com a lei divina:

«Visto que as Testemunhas de Jeová são submissas à autoridade humana, por que foram executados Franz Reiter e muitos outros? Porque a nossa submissão é relativa, e a autoridade nem sempre reconhece que há limites bíblicos para o que ela pode exigir. Se a autoridade exige algo que choca a consciência cristã bem treinada, ela passa além dos limites que Deus lhe concedeu. Foi isto o que Jesus indicou quando disse: ‘Paguem . . . a César o que é de César, mas a Deus o que é de Deus.’ (Mateus 22:21) Quando César exige o que pertence a Deus, temos de reconhecer que a vontade de Deus tem primazia.»

Continuando a sua demonstração sobre os limites da autoridade do Estado, o artigo desenvolve este pensamento no parágrafo 12, que acrescenta uma precisão essencial:

«Os servos de Deus sempre reconheceram que há limites para a sujeição que podem conscientemente demonstrar às

autoridades superiores. Nos dias em que Moisés nasceu no Egito, Faraó ordenou que duas parteiras hebréias matassem todos os recém-nascidos do sexo masculino, mas elas preservaram a vida dos meninos. Agiram mal por desobedecerem a Faraó? Não, elas escutaram a consciência dada por Deus, e ele as abençoou por isso. (Êxodo 1:15-20) Quando Israel estava no exílio em Babilônia, Nabucodonosor ordenou que os seus funcionários, incluindo os hebreus Sadraque, Mesaque e Abednego, se curvassem diante de uma imagem de ouro na planície de Dura. Os três hebreus recusaram-se a obedecer. Agiram mal? Não, porque cumprir a ordem do rei significaria desobedecer à lei de Deus. — Êxodo 20:4, 5; Daniel 3»

Torna-se, assim, incontestável que, mesmo diante de medidas governamentais coercivas ou de obrigações legais estritas, os cristãos cuja consciência reprova a vacinação devem permanecer inabaláveis, recusando-se a transigir ou a trair as suas convicções íntimas. Esta posição não se baseia numa interpretação pessoal ou isolada; está solidamente fundamentada nas Escrituras Sagradas, bem como nas diretrizes constantes das nossas publicações, como pode verificar qualquer pessoa que examine as pesquisas disponíveis na biblioteca *online* do nosso *site* oficial.

RESUMO DO PONTO DE VISTA DA BÍBLIA SOBRE A VACINAÇÃO

A análise minuciosa realizada ao longo deste documento demonstra de forma irrefutável que se pode estabelecer um paralelo exegético rigoroso entre a liberdade de consumir “carne sacrificada a ídolos” no primeiro século e a decisão de recorrer à vacinação na nossa época. Cada cristão dispõe, sob o olhar de Jeová, do direito mais estrito de determinar o seu próprio rumo de ação nesta matéria, sem ter de temer a crítica ou a censura dos seus companheiros.

As Escrituras Sagradas não carecem de diretrizes a este respeito. Pelo contrário, os princípios divinos que regem as questões de consciência fornecem um quadro completo, capaz de guiar o povo de Deus diante de qualquer situação ou crise sanitária futura. Pretender que a Palavra de Deus não contém nenhuma indicação sobre estes assuntos demonstraria uma falta de profundidade no exame das Escrituras.

Síntese dos princípios orientadores por passagem bíblica

1. Os ensinamentos cardeais de 1 Coríntios 8

- **A primazia do amor:** Receber a vacina ou abster-se dela continua a ser uma consideração secundária; a prioridade absoluta do cristão é manifestar um amor altruísta para com os seus irmãos. (1 Cor. 8:1-3)
- **Uma condição espiritual inalterada:** Estar vacinado ou não estar não altera em nada o valor de um cristão aos olhos de Deus, nem o torna espiritualmente superior. (1 Cor. 8:8, 9)
- **A legitimidade das escolhas individuais:** Alguns irmãos escolhem vacinar-se e outros recusam fazê-lo; ambas as decisões são plenamente legítimas e respeitáveis. (1 Cor. 8)
- **O drama da consciência violada:** Se um cristão oposto à vacinação ceder a uma coação exterior e receber a injeção, comete uma falta grave ao violar a sua consciência. (1 Cor. 8:11, 12)

- **A sensibilidade dos escrúpulos de consciência:** Os irmãos e irmãs que recusam a vacina manifestam uma sensibilidade particular sobre esta questão, a qual não deve, de modo algum, ser ignorada ou desprezada. (1 Cor. 8:9)
- **A proibição da ostentação e da coação:** Seria totalmente inapropriado que um cristão vacinado exibisse o seu estatuto ou utilizasse a sua autoridade, os seus conhecimentos ou a sua posição para impor as suas opiniões aos não vacinados. (1 Cor. 8:10)
- **Um pecado contra o Cristo:** Exercer uma pressão psicológica ou social sobre um não vacinado ao ponto de o fazer ceder equivale a pecar diretamente contra o seu irmão e contra o Cristo. (1 Cor. 8:12)
- **A ruine espiritual de outrem:** Forçar a mão de um companheiro cristão numa escolha de saúde pode provocar a sua ruína espiritual, ao afetar a sua relação com Deus. (1 Cor. 8:11, 12)

2. Os imperativos de vigilância de 1 Coríntios 10

- **A armadilha do excesso de confiança:** Os cristãos vacinados devem acautelar-se para não manifestarem uma confiança cega nos sistemas humanos, o que se assemelharia a uma forma oculta de idolatria. (1 Cor. 10:12-14)
- **A exigência de pureza espiritual:** Convém certificar-se de que, ao aceitar um produto médico, não se está a participar, por falta de discernimento, na “mesa de demónios”. (1 Cor. 10:15-22)
- **A distinção entre legalidade e conveniência:** Ter o direito de se vacinar não significa que o exercício desse direito seja a decisão mais edificante ou a mais vantajosa para a congregação. (1 Cor. 10:23, 24)
- **A discrição e o respeito mútuo:** Embora a vacinação seja permitida, a decência teocrática exige que não se faça ostentação dela perante irmãos cuja consciência reprova tal iniciativa. (1 Cor. 10:25-30)
- **A glória de Deus como única bússola:** Cada ação deve visar refletir a santidade divina, zelando escrupulosamente para não se tornar causa de tropeço para ninguém. (1 Cor. 10:31-33)

3. As regras de convivência de Romanos 14

- **A proibição de decidir por outrem:** Ninguém pode intrometer-se na consciência de um irmão nem tomar decisões terapêuticas por ele. (Rom. 14:1)
- **A erradicação do desprezo e do julgamento:** As divergências sanitárias não devem dar lugar a nenhum desprezo por parte dos vacinados, nem a nenhum julgamento por parte dos não vacinados. (Rom. 14:2-4)
- **A autonomia do servo perante o seu Amo:** Desde que um cristão tome uma decisão com a intenção sincera de honrar a Deus, a sua atitude é sagrada e nenhum terceiro pode interferir. (Rom. 14:5-11)
- **A responsabilidade individual:** Cada crente deve concentrar os seus esforços espirituais nas suas próprias escolhas perante Jeová, em vez de fiscalizar as dos outros. (Rom. 14:12)
- **A gravidade do pecado por influência:** Pressionar um não vacinado a capitular quando ele considera o produto errado equivale a fazê-lo tropeçar e a levá-lo ao pecado, visto que o ato deixa de ser ditado pela convicção. (Rom. 14:13, 14, 20-23)
- **A oposição ao espírito santo:** Querer impor as suas convicções médicas e forçar a adesão no seio da congregação é uma conduta destrutiva que se opõe à justiça, à paz e à alegria produzidas pelo espírito de Deus. (Rom. 14:15-18)

Conclusão sobre a atitude perante as exigências do mundo

Por último, se autoridades governamentais ou instituições seculares tentassem impor, por meio de coação, a obrigatoriedade da vacinação a um cristão cuja consciência a ela se opõe, a linha de conduta teocrática permanece de uma simplicidade absoluta.

Fortalecido pelo ensino da Palavra de Deus e apoiado pelos precedentes históricos da nossa organização, cada Testemunha de Jeová — do mais maduro ao mais jovem — sabe que deve prestar a sua lealdade suprema ao Soberano do universo, declarando com fé: “Temos de obedecer a Deus como governante em vez de a homens” (Atos 5:29). A preservação de uma consciência limpa perante Jeová suplantará sempre os decretos dos governantes humanos.

PROBLEMAS ENCONTRADOS DURANTE A PANDEMIA

Queridos irmãos do Corpo Governante,

Após ter relembrado os fundamentos bíblicos que regem a questão da vacinação e sublinhado a neutralidade histórica das nossas publicações no que diz respeito às escolhas terapêuticas, expus os motivos pessoais e bíblicos que me conduziram, bem como a muitos outros irmãos, a recusar este tratamento médico por motivo de consciência.

À luz desta análise exegética e doutrinal, solicito agora a vossa benevolente atenção para uma série de questões cruciais relativas à atitude que cada cristão deve cultivar no seio da congregação.

Se eu escolhesse adotar uma postura militante, como julgariam a minha atitude se tentasse influenciar ou convencer os meus companheiros cristãos a recusar a vacinação? O que pensariam de mim se manifestasse desprezo para com os irmãos e irmãs vacinados, rotulando-os como pessoas espiritualmente fracas? Qual seria a vossa reação se eu me permitisse questionar a integridade ou a lealdade deles para com Jeová com base, simplesmente, nas suas decisões médicas pessoais?

Para responder a tais interrogações, não há dúvida de que se apoiariam nas diretrizes inspiradas de Romanos, capítulo 14, ecoando os mesmos princípios que acabámos de examinar juntos.

Romanos 14:1-10

«Acolham o homem que tem fraquezas na fé, mas não façam julgamentos sobre opiniões divergentes. Um homem tem fé para comer de tudo, mas o homem que é fraco só come verduras. Quem come não menospreze aquele que não come, e quem não come não julgue aquele que come, pois Deus o acolheu. Quem és tu para julgares o servo de outro? É para o seu próprio senhor que ele fica de pé ou cai. De facto, ele ficará de pé, pois Jeová pode fazê-lo ficar de pé. Uma pessoa considera um dia mais importante do que o outro, ao passo que outra pessoa considera todos os dias iguais; que cada um esteja plenamente convencido na sua própria mente. Quem guarda o dia, guarda-o para

Jeová. E quem come, come para Jeová, pois agradece a Deus; e quem não come, não come para Jeová, e mesmo assim agradece a Deus. De facto, nenhum de nós vive apenas para si mesmo, e ninguém morre apenas para si mesmo. Pois, se vivemos, vivemos para Jeová; se morremos, morremos para Jeová. Portanto, quer vivamos, quer morramos, pertencemos a Jeová. Pois foi com este objetivo que Cristo morreu e voltou a viver: para ser Senhor tanto dos mortos como dos vivos. Mas porque é que julgas o teu irmão? Ou, porque é que menosprezas o teu irmão? Pois todos nós compareceremos perante o tribunal de Deus.»

Os irmãos estabeleceriam, sem dúvida, essa analogia rigorosa entre o consumo de carne sacrificada a ídolos e o recurso à vacinação. Esforçar-se-iam por me fazer compreender que o julgamento mútuo não tem cabimento entre nós, lembrando-me as diretrizes de *A Sentinela* anteriormente mencionadas. Lembrar-me-iam de que “quem come, come para Jeová”; ou seja, que o cristão que escolhe vacinar-se fá-lo com a convicção íntima de preservar a sua saúde e de proteger a vida, o que é uma atitude sincera aos seus olhos.

Na verdade, tal correção da vossa parte seria plenamente justificada. Se eu me permitisse rotular os irmãos vacinados como pecadores ou idólatras, tornar-me-ia um fator de divisão no seio da congregação.

Com toda a certeza, confrontar-me-iam com esta pergunta marcante de Romanos 14:4: “Quem és tu para julgar o servo de outro?” Eu aceitaria essa admoestação com profunda gratidão, pois, se tentasse impor as minhas escolhas pessoais a outrem e forçar os meus irmãos a imitar-me, cometeria um pecado e teria grande necessidade de ser reajustado.

É fundamental gravar esta verdade básica:

SE EU TENTASSE FORÇAR OS OUTROS A IMITAR-ME, PECARIA E TERIA NECESSIDADE DE SER CORRIGIDO.

Este pecado não seria uma mera divergência de opiniões; tratar-se-ia de uma ofensa direta contra Jeová e a sua Palavra inspirada, contra Jesus Cristo, nosso Senhor, e contra a condição espiritual dos meus irmãos.

Sendo assim, caberia à vossa responsabilidade pastoral e ao vosso dever teocrático corrigir-me, em harmonia com o princípio de amor registado em Gálatas 6:1:

Gálatas 6:1

«Irmãos, mesmo que um homem, sem se aperceber, dê um passo em falso, vocês que têm qualificações espirituais tentem reajustar tal homem num espírito de brandura. Mas que cada um olhe para si mesmo, para que não seja tentado também.»

Mas, na realidade, queridos irmãos, eu não falhei nas minhas obrigações cristãs. Soube manter o meu lugar no seio da congregação, apesar das minhas convicções pessoais e íntimas. No entanto, é com uma profunda gravidade e uma grande tristeza que me vejo obrigado a declarar-vos que foram os irmãos que não mantiveram o vosso lugar.

Os irmãos cometeram uma transgressão maior e um pecado de extrema gravidade. As faltas espirituais assim acumuladas revestem-se de um carácter de tal importância que não podem ser passadas em silêncio. A própria natureza destas falhas exige que os vossos atos sejam alvo de um exame minucioso e rigoroso por parte de uma comissão judicativa, como me disponho a demonstrar detalhadamente.

Sendo assim, irei agora registar as provas formais das minhas afirmações, factos estes que são verificáveis por qualquer pessoa que decida debruçar-se sobre eles. Estes elementos factuais destinam-se a ser integrados no processo da instância religiosa que deve, imperativamente, ser constituída para examinar as decisões que os irmãos julgaram por bem tomar.

Ver no anexo 4 a comissão judicativa que teve lugar em 14 de julho de 2025..

OS FACTOS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

1. O contexto da crise e a atmosfera mediática

Convém esclarecer novamente que esta iniciativa não visa julgar as vossas motivações profundas ou intenções pessoais. Se fosse necessário expressar uma opinião, poder-se-ia considerar que os irmãos agiram com a convicção de estarem a fazer o bem, mas que cometeram um erro de avaliação maior. No entanto, as intenções importam pouco perante a realidade dos atos. A análise que se segue baseia-se exclusivamente em factos materiais e facilmente verificáveis, registados na Atualização do Corpo Governante, bem como em diversos programas oficiais transmitidos na plataforma JW.org.

Para medir a gravidade das decisões tomadas, é indispensável contextualizar estas intervenções no seu período histórico. Em 2021, em plena pandemia da COVID-19, a população mundial foi alvo de uma insistente campanha mediática a favor de uma vacinação em massa. Os canais de informação oficiais apresentavam estes produtos como “seguros e eficazes”, embora, nessa fase, beneficiassem apenas de uma simples autorização de introdução no mercado em condições de emergência.

Uma grande parte dos cidadãos não estava informada sobre os riscos potenciais e os efeitos secundários, o que tornava impossível a formulação de um consentimento médico realmente esclarecido. Paralelamente, os governos assinavam contratos de fornecimento confidenciais com os laboratórios farmacêuticos, recusando-se a divulgar as suas cláusulas. Enquanto muitos profissionais de saúde independentes alertavam para os perigos potenciais destas terapias génicas, os estúdios de televisão difundiam um discurso unânime afirmando a sua total inocuidade. Qualquer voz discordante ou crítica em relação à doutrina sanitária oficial era imediatamente desqualificada, marginalizada e catalogada como negacionista ou defensora de teorias da conspiração, abafando assim qualquer discussão sobre os tratamentos alternativos existentes.

2. A preservação inicial da paz no seio das congregações

Perante esta polarização social extrema, a sabedoria teocrática mais elementar ditava que se mantivesse uma estrita neutralidade e que não se tomasse nenhum partido. No seio das congregações locais, a situação refletia fielmente essas divisões externas: cerca de metade dos irmãos e irmãs tinha escolhido receber a injeção, enquanto a outra metade, por falta de confiança, a recusava.

Convém, no entanto, sublinhar a atitude exemplar dos publicadores nesse período: antes da intervenção do Corpo Governante, não havia a lamentar nenhuma disputa, controvérsia ou divisão notável nas congregações. Apesar de convicções pessoais profundas e divergentes, os irmãos e irmãs coabitavam pacificamente e não tentavam impor as suas opiniões médicas a outrem. Esta paz cristã era o resultado direto do respeito pela posição bíblica tradicional e pela neutralidade demonstrada pela organização até abril de 2021.

O ponto de rutura ocorreu durante esse mês de abril de 2021, com o envio de uma diretriz escrita confidencial dirigida especificamente aos corpos de anciãos.

3. A diretriz de abril de 2021 (Carta S-147)

Na comunicação oficial com a referência S-147-F_202104, no ponto 3, os corpos de anciãos receberam a instrução formal de encorajar a congregação através da leitura do seguinte texto:

«3. Decisões pessoais durante a pandemia. Em algumas regiões do mundo, os governos começaram a disponibilizar ao público as vacinas contra a COVID-19. Vacinar-se é uma decisão pessoal (Gálatas 6:5). Portanto, o amor cristão consiste em respeitar a decisão que cada um toma com base na sua consciência treinada pela Bíblia, e não forçar ninguém a fazer o mesmo que nós.»

Este texto foi lido publicamente a partir da tribuna de todos os Salões do Reino em todo o mundo e transmitia a mensagem apropriada. Assim, até abril de 2021, nenhum publicador ou irmão com responsabilidades podia exercer pressão ou tentar influenciar outrem relativamente às escolhas terapêuticas associadas à vacinação.

É a partir desta data marcante e deste contexto preciso que convém analisar, de forma cronológica, cada uma das vossas intervenções nas diferentes Atualizações do Corpo Governante.

Para que este exame factual faça pleno sentido e a força das provas seja totalmente compreendida, é indispensável manter em mente os fundamentos doutrinários e bíblicos estabelecidos nas secções anteriores deste documento, a saber:

- [Argumentos apresentados pelos nossos irmãos e irmãs que recusam a vacinação](#)
- [O pensamento divino sobre a vacinação: uma questão de liberdade cristã](#)

A assimilação completa dos motivos legítimos pelos quais muitos irmãos e irmãs recusaram a vacinação, combinada com uma compreensão estrita da posição bíblica sobre o respeito pela consciência, revela-se absolutamente indispensável para medir a gravidade espiritual das vossas intervenções passadas. A este respeito, a síntese dos princípios orientadores que extraímos do exame minucioso de 1 Coríntios 8, 10 e Romanos 14 constituirá a grelha de leitura teocrática objetiva e incontestável ao longo de toda esta análise factual.

- [RESUMO DO PONTO DE VISTA DA BÍBLIA SOBRE A VACINAÇÃO](#)

É, portanto, com um profundo sentido de responsabilidade cristã que vos convido agora, queridos irmãos, a examinarem atentamente o vosso coração e as vossas ações no “espelho da palavra de Deus” (Tiago 1:23).

ATUALIZAÇÃO DO CORPO GOVERNANTE N.º 6 DE 2021 APRESENTADA POR SAMUEL HERD



[https://www.jw.org/finder?
srcid=share&wtlocale=TPO&lank=docid-702021079_1_VIDEO](https://www.jw.org/finder?srcid=share&wtlocale=TPO&lank=docid-702021079_1_VIDEO)

Se o link acima não funcionar: <https://ody.sh/hwV5aGDYNG>

Este relatório inicial, apresentado pelo irmão Samuel Herd, marcou o ponto de partida das dificuldades no seio da congregação mundial. A secção que retém a nossa atenção, tendo em conta o assunto doutrinal e médico tratado, situa-se logo no primeiro minuto da gravação (a partir de 0 minutos e 43 segundos). Após uma breve introdução sobre a propagação mundial da pandemia, o relatório aborda imediatamente o cerne da questão.

A quarta frase desta declaração oficial estipula explicitamente:

«Em outras regiões do mundo, a vacinação abrandou a propagação do vírus. Estamos a fazer o nosso máximo para ajudar os betelitas e os outros servos especiais de tempo integral a vacinarem-se, caso o desejem.»

A afirmação de que “a vacinação abrandou a propagação do vírus” constitui uma declaração extremamente imprudente, proferida num clima social e médico que era, no entanto, muito controverso. Nesse período, muitos profissionais de saúde já defendiam que estas injeções não travavam a transmissão e que corriam o risco de provocar efeitos

secundários graves, superiores aos riscos associados ao próprio vírus. Em contrapartida, os meios de comunicação social de massa difundiam um discurso unânime.

Uma estrita neutralidade cristã teria exigido que não se tomasse partido e que se deixasse cada servo de Deus exercer o seu livre-arbítrio e discernimento. Como demonstrado anteriormente, a neutralidade absoluta continua a ser a única posição bíblica equilibrada. Contudo, ao replicar estas afirmações, o Corpo Governante adotou claramente a linha narrativa e a propaganda dos canais de informação seculares.

A evolução dos acontecimentos veio, aliás, colocar em evidência a inexactidão destas declarações. Em 10 de outubro de 2022, durante uma audição perante a comissão especial sobre a pandemia de COVID-19 no Parlamento Europeu, Janine Small, então presidente dos mercados internacionais da Pfizer, admitiu explicitamente que a sua vacina nunca tinha sido testada para avaliar a interrupção da transmissão do vírus antes de ser lançada no mercado, tendo a empresa se concentrado na avaliação da redução das formas graves da doença e das hospitalizações.

Por conseguinte, quando as campanhas públicas afirmavam que a vacinação protegia o próximo contra a infeção, estavam a induzir a população em erro com base em dados inexistentes. Ao reproduzirem estes mesmos argumentos oficiais, os irmãos cometeram o erro de tomar posição sobre um tema científico altamente instável e discutível.

Além da questão da transmissão, e mesmo admitindo uma diminuição das hospitalizações, subsiste uma interrogação fundamental: a que preço? Qual era a verdadeira relação benefício/risco desta intervenção médica? Os testemunhos de inúmeras pessoas que sofrem de efeitos secundários pós-vacinação a longo prazo são eloquentes. Os arrependimentos expressos por uma multidão de pessoas vacinadas convergem para um mesmo sentimento: o de terem sido enganadas devido à falta de honestidade das instâncias oficiais.

Embora o relatório conceda que os betelitas e os servos especiais de tempo integral apenas receberão a injeção “caso o desejem”, a formulação imediatamente seguinte vem contradizer essa aparente liberdade de escolha:

«Ficamos felizes por vos dizer que cerca de 50% dos betelitas em todo o mundo já se vacinaram até agora. Aqui

nos Estados Unidos, mais de 98% da família do Betel decidiu vacinar-se.»

Irmãos do Corpo Governante, à luz desta declaração lamentável, desejo submeter à vossa reflexão algumas perguntas diretas. Se, no decorrer de uma reunião cristã, eu tomasse a iniciativa de afirmar o seguinte a partir da tribuna:

“Fico feliz por vos dizer, irmãos, que quase metade da nossa congregação não está vacinada e decidiu não receber este produto, e que noutras congregações a proporção dos que se abstêm dele é ainda maior.”

Considerariam que, ao proferir tais palavras, eu estaria a respeitar a neutralidade exigida nesta questão? Uma declaração deste tipo não colocaria os irmãos e irmãs vacinados numa posição de manifesto desconforto? Não correria o risco de gerar neles um sentimento de culpa injustificado?

Fica claro que, por meio desta Atualização do Corpo Governante, os irmãos incentivaram os publicadores a vacinarem-se, dando a entender indiretamente que a escolha de se abster era repreensível ou inferior no aspeto espiritual. Podem objetivamente contestar isso? No entanto, os princípios bíblicos analisados anteriormente relembram que é indispensável nunca desprezar ou ignorar a consciência alheia.

A vacinação continua a ser um tratamento médico entre outros na gestão da COVID-19. Promovê-la publicamente revela-se tão prejudicial quanto tentar impor qualquer outra terapêutica. A análise das Escrituras apresentada neste dossiê põe em evidência o perigo de tais iniciativas.

Se eu decidisse expor publicamente a partir da tribuna as virtudes da ivermectina ou de qualquer outro protocolo alternativo, o corpo de anciãos local não hesitaria em intervir para me corrigir. Sendo assim, surge uma questão de fundo: por que razão a autoridade central se autoriza a promover orientações médicas privadas quando proíbe os publicadores de o fazer? No seio da minha congregação, abstenho-me escrupulosamente de divulgar as minhas opiniões pessoais porque sei que tal procedimento violaria a ordem teocrática. Esforço-me, deste modo, por ‘imitar o que é bom, e não o que é mau’ (3 João 11).

Além disso, o facto de apresentar como exemplo as estatísticas de vacinação dos membros do Betel constituiu uma pressão psicológica

inegável sobre a comunidade de irmãos. Os irmãos não ignoram que a grande maioria das Testemunhas de Jeová considera as decisões dos servos especiais de tempo integral como um modelo a seguir. Utilizar estes dados estatísticos equivalia, de facto, a direccionar todos os crentes para uma aceitação global do produto.

Dando continuidade à sua declaração, o irmão Herd acrescenta as seguintes palavras:

«A regulamentação no estado de Nova Iorque concede agora mais liberdades às pessoas que estão vacinadas. Graças a estas novas medidas governamentais, conseguimos retomar algumas das nossas atividades no Betel.

Todos ficámos muito felizes por as autoridades permitirem que os que estão vacinados se reúnam novamente. Isto significa que agora podemos tomar as nossas refeições todos juntos nas salas de jantar e reunir-nos para o estudo de *A Sentinela*.»

Os irmãos não ignoravam que muitíssimos irmãos e irmãs em todo o mundo recusavam esta injeção por estritas razões de consciência. Permitam-me, por isso, submeter à vossa reflexão a seguinte analogia:

Se um governo secular proibisse as nossas reuniões cristãs, estipulando ao mesmo tempo que a autorização para nos voltarmos a reunir estaria condicionada ao canto do hino nacional, aceitariam ceder? Julgariam que a necessidade de realizar as nossas reuniões justificaria violar a nossa neutralidade cristã?

Os irmãos objetariam, sem dúvida, que estas duas situações não são comparáveis. No entanto, no que se refere à integridade da consciência cristã, não é exatamente o mesmo princípio que está em causa? O carácter sagrado da consciência não pode ser fragmentado ou negociado em função da natureza da imposição, como demonstram os argumentos desenvolvidos na secção seguinte:

- [Argumentos apresentados pelos nossos irmãos e irmãs que recusam a vacinação](#)

As Escrituras Sagradas encerram esta questão de forma categórica, estabelecendo a responsabilidade de cada um perante a lei divina. Com efeito, a Bíblia declara:

Romanos 14:13, 14

«Portanto, não nos julguemos mais uns aos outros, mas, em vez disso, estejam determinados a não pôr uma pedra de tropeço ou um obstáculo diante de um irmão. (Sei e estou convencido no Senhor Jesus de que nada é impuro em si mesmo; apenas quando alguém considera algo impuro, então, para ele é impuro.)»

A partir do momento em que considero estes tratamentos médicos como espiritualmente contaminados, qualquer tentativa da vossa parte que vise incentivar-me à vacinação sob o pretexto de poder reencontrar os meus companheiros cristãos constitui uma clara ultrapassagem das prerrogativas teocráticas. Tal procedimento instrumentaliza a aflição emocional e a vulnerabilidade de muitos irmãos e irmãs que, isolados e provados pela crise, sofriam cruelmente com a ausência de convivência fraternal física.

No plano puramente médico, tendo eu próprio contraído a COVID-19, desenvolvi imunidade natural. Nesse período, os dados científicos já estabeleciam que os anticorpos adquiridos após uma infeção ofereciam uma proteção superior e mais duradoura do que a conferida pelas injeções de síntese. Contudo, desprezando estes dados comprovados, as autoridades seculares recusaram-se a reconhecer esta imunidade natural, optando por impor uma política vacinal indiferenciada através de medidas de coação extremas.

As regulamentações estatais que visavam segregar e isolar as pessoas não vacinadas eram totalmente injustificadas. Embora não se trate, de modo algum, de incentivar à rebelião contra as autoridades superiores, convém lembrar que “César” dispõe de poderosos meios de influência, capazes de enviesar as decisões dos responsáveis públicos e de gerar disposições legais iníquas.

Como sublinhado anteriormente, os recursos jurídicos fundamentais, tais como o *Habeas corpus* ou o princípio da inviolabilidade do corpo humano, foram concebidos precisamente para erguer uma barreira contra os abusos de poder dos agentes do Estado que transgridem o

quadro constitucional. Por conseguinte, a obediência às leis humanas permanece sempre relativa e condicional.

Perante estes desvios mundanos, qual foi a realidade vivida pelos membros não vacinados da família do Betel? Será que os irmãos vacinados manifestaram o amor cristão indo ao seu encontro para partilhar momentos de companheirismo espiritual? Não terão eles sido, pelo contrário, constrangidos a um isolamento estrito nos seus quartos, sobrecarregados por um sentimento de culpa totalmente artificial devido a uma escolha terapêutica que dependia exclusivamente da consciência, enquanto o resto da comunidade prosseguia com as suas atividades e momentos de descontração?

Embora tal descrição possa, à primeira vista, parecer excessiva, o exame da continuação da intervenção do irmão Samuel Herd vem confirmar a fundamentação desta constatação:

«Que alegria estarmos aqui reunidos de novo! Foi realmente um momento alegre quando nos conseguimos reunir todos para o estudo de *A Sentinela*! Claro que vacinar-se ou não é uma escolha pessoal.

Em que é que um cristão deve refletir antes de tomar uma decisão? Primeiro: as Testemunhas de Jeová não têm nenhum motivo para recusar a vacinação por razões religiosas.

Segundo: estamos em plena pandemia. Até 9 de julho, mais de 19 000 dos nossos queridos irmãos e irmãs tinham morrido por causa do vírus.

Terceiro: em alguns países, as ‘autoridades superiores’ tornaram a vacinação obrigatória para todos os seus cidadãos. Noutros países, as autoridades superiores não impuseram a vacinação, mas incentivam fortemente os seus cidadãos a vacinarem-se. Cada um de nós deve pesar cuidadosamente todos estes elementos antes de tomar a sua decisão.»

O orador afirmou que os membros da família do Betel estavam “felizes por estarem novamente juntos”. Uma declaração destas levanta uma questão dolorosa: o que terão sentido os voluntários confinados nos

seus quartos, excluídos da sala de jantar comum devido à sua escolha terapêutica, ao ouvirem estas palavras? Poderá uma segregação destas ser legitimamente uma fonte de alegria? Pode-se decentemente pretender que a família do Betel estava “reunida” quando uma parte dos seus membros era deliberadamente mantida à parte pela aplicação das vossas próprias diretrizes?

A título de analogia, se eu declarasse publicamente: “A minha família reuniu-se ontem para uma refeição e senti uma imensa alegria por estarmos todos juntos”, quando o meu próprio irmão tivesse sido excluído da mesa, não se sentiria ele profundamente rejeitado? Em tais condições, qualquer regozijo da minha parte seria o reflexo de uma insensibilidade total.

Antes de prosseguir com o exame das declarações do irmão Samuel Herd, convém analisar um mecanismo psicológico fundamental por meio da seguinte ilustração:

Imagine que seguro um doce em cada mão e que o convidado a escolher um deles. Antes de se pronunciar, faço-lhe a seguinte precisão: “O doce que está na minha mão direita foi apanhado do chão”.

A sua escolha recairá mecanicamente sobre o da esquerda, não é verdade? Terá então a ilusão de ter exercido o seu livre-arbítrio, visto que a decisão final lhe pertencia. No entanto, a sua liberdade de escolha foi subtilmente direcionada. Se eu lhe tivesse revelado também que o doce da mão esquerda tinha acabado de ser retirado da boca de um animal, a sua avaliação teria sido totalmente diferente; talvez preferisse o primeiro, ou rejeitasse ambos.

Esta demonstração coloca em evidência uma verdade incontestável:

DIZER APENAS UMA PARTE DA VERDADE E OCULTAR INFORMAÇÕES É UMA FORMA DE MANIPULAÇÃO.

Convém insistir na gravidade deste princípio:

DIZER APENAS UMA PARTE DA VERDADE E OCULTAR INFORMAÇÕES É UMA FORMA DE MANIPULAÇÃO.

Trata-se, na realidade, de um abuso de confiança caracterizado, visto que o interlocutor alimenta a ilusão de uma decisão autónoma quando o seu consentimento foi enviesado pela retenção de dados indispensáveis.

É à luz deste mecanismo que nos cabe agora examinar a continuação do relatório do irmão Herd. Quais foram, na prática, os únicos e exclusivos fatores que o Corpo Governante incentivou os irmãos a analisar antes de tomarem a sua decisão?

O primeiro ponto

«Primeiro: as Testemunhas de Jeová não têm nenhum motivo para recusar a vacinação por razões religiosas.»

Esta afirmação reflete apenas uma fração da verdade. Para preservar a nossa neutralidade histórica, a formulação exata deveria ter sido a seguinte:

“Como denominação religiosa, as Testemunhas de Jeová não são a favor nem contra a vacinação.”

A comparação entre estas duas declarações coloca em evidência uma divergência doutrinal maior. Enquanto a segunda formulação permanece estritamente neutra e em conformidade com o conjunto das nossas publicações passadas, as palavras proferidas pelo irmão Samuel Herd direcionam explicitamente o ouvinte para a aceitação da vacinação.

Sendo assim, levantam-se várias questões fundamentais: por que razões a declaração do irmão Herd se afasta da neutralidade cristã exigida? Que autoridade teocrática permite alterar a posição oficial da organização relativamente à liberdade de escolha em matéria terapêutica?

Além disso, ao erguer o facto de que “a nossa religião não é contra as vacinas” como um argumento de peso para guiar a decisão dos publicadores, o orador aplica precisamente o mecanismo de retenção e direcionamento de informação analisado anteriormente. Esta apresentação enviesada assemelha-se a uma tentativa de pressão psicológica que visa fazer aceitar a injeção em detrimento do livre-arbítrio. Por que razão insinuar assim que a escolha vacinal não é uma questão que dependa exclusivamente da consciência individual? Será tal postura conforme ao respeito pela consciência alheia, tal como ordenado em 1 Coríntios 8:10, na Epístola aos Romanos, e no seio dos próprios artigos de *A Sentinela* citados anteriormente?

O segundo ponto

«Segundo: estamos em plena pandemia. Até 9 de julho, mais de 19 000 dos nossos queridos irmãos e irmãs tinham morrido por causa do vírus.»

Será que uma tal insistência visa fazer nascer em nós um sentimento de culpa artificial? Nós, irmãos e irmãs que fizemos a escolha de não receber estas injeções, amamos os nossos companheiros cristãos com a mesma intensidade e com a mesma sinceridade que aqueles que as aceitaram. O nosso amor fraternal não é de modo algum inferior ao vosso. Da mesma forma, a nossa decisão terapêutica não pode ser interpretada como uma falta de respeito pelo caráter sagrado da vida. O nosso procedimento consiste simplesmente em preservar a nossa saúde por meio de outras abordagens médicas, que consideramos mais seguras e mais eficazes para o nosso próprio corpo.

No entanto, as vossas declarações deixam insidiosamente a entender que aqueles que se abstêm da vacinação carecem de amor e de consideração para com a comunidade. Ao instrumentalizarem a memória dolorosa dos irmãos e irmãs falecidos para influenciar as consciências, os irmãos tentam fazer recair sobre os não vacinados uma responsabilidade moral totalmente injustificada nesses dramas. Ao agirem assim, os irmãos reproduziram os métodos de culpabilização do mundo secular contra uma minoria, com o único propósito de promover uma política vacinal global.

O terceiro ponto

«Terceiro: em alguns países, as ‘autoridades superiores’ tornaram a vacinação obrigatória para todos os seus cidadãos.»

Nenhuma autoridade secular dispõe de legitimidade para impor tratamentos médicos de natureza experimental que comportem riscos de efeitos secundários graves. Os decretos ou disposições regulamentares adotados nesse sentido revelam-se fundamentalmente contrários aos princípios constitucionais que protegem a inviolabilidade da pessoa humana. Na ordem jurídica, é a Constituição do país que encarna a autoridade de “César”, e não os agentes públicos ou as portarias provisórias que lhes transgridem o espírito. Os tribunais e as cortes de justiça são precisamente instituídos para arbitrar e sancionar estes abusos de poder.

O Corpo Governante domina perfeitamente esta distinção: as numerosas comunicações publicadas na plataforma JW.org — das quais várias foram referenciadas neste documento — testemunham-no amplamente. Quando um Estado restringe arbitrariamente a obra de evangelização, a organização não hesita em recorrer às mais altas instâncias judiciais para fazer valer os seus direitos à liberdade de culto e de expressão. Tal procedimento não é, de modo algum, uma rebelião contra “César”, mas sim um recurso legítimo à proteção das leis fundamentais.

O próprio apóstolo Paulo fez uso dos seus direitos de cidadão romano para erguer uma barreira contra os abusos de funcionários locais. Sendo assim, por que razão não manifestaram a mesma determinação para defender os direitos fundamentais dos vossos irmãos e irmãs não vacinados perante o árbitro?

As Escrituras Sagradas relembram com força a obrigação de agir com justiça e de defender o oprimido. Com efeito, a Bíblia declara:

1 Pedro 3:8

«Por fim, sejam todos unidos na mente, tenham empatia, amor fraternal, terna compaixão e humildade.»

As Escrituras ordenam-nos a ‘estar unidos na mesma mente’ (1 Coríntios 1:10), uma unidade que se manifesta precisamente pelo respeito mútuo pelas nossas consciências, independentemente das nossas decisões terapêuticas pessoais. Onde estavam “o amor fraternal, a empatia e a terna compaixão” (1 Pedro 3:8) para com os irmãos e irmãs que não desejavam receber estas injeções? Serão as orientações que os irmãos forneceram uma prova de “humildade”, ou traíam o facto de considerarem a posição dos não vacinados como espiritualmente inferior, ao ponto de os quererem coagir a abandoná-la?

O meu corpo pertence exclusivamente a Jeová; eu sou uma das suas “ovelhas” e não um sujeito de experimentação no seio do laboratório de multinacionais farmacêuticas ou de líderes seculares influenciados por interesses financeiros. Incentivar os publicadores a submeterem-se cegamente a diretrizes governamentais numa situação de manifesta injustiça constitui uma falta grave.

Como foi lembrado, a nossa organização dispõe de décadas de pesquisa e de centenas de publicações que analisam a sujeição relativa

às autoridades superiores sempre que a consciência cristã está envolvida. No entanto, nenhuma destas nuances teocráticas capitais foi mencionada pelo irmão Herd. Diante dos nossos olhos, as verdades bíblicas fundamentais foram passadas em silêncio.

Relembremos, nesta fase, a conclusão da nossa ilustração:

DIZER UMA PARTE DA VERDADE E OCULTAR INFORMAÇÕES É UMA FORMA DE MANIPULAÇÃO.

Os argumentos desenvolvidos neste relatório oficial não tinham outro objetivo senão direcionar e pressionar os irmãos a aceitarem a injeção. Dados e princípios bíblicos de capital importância foram ocultados a fim de manter os ouvintes na ilusão de que estavam a exercer o seu livre-arbítrio.

Se o Corpo Governante tivesse realmente preservado a sua neutralidade, teria exposto os factos de maneira equilibrada, lembrando que milhares de servos de Deus optavam por outras abordagens médicas e que cada cristão permanecia plenamente livre na sua decisão perante Jeová.

Para estar em conformidade com a verdade e com a neutralidade cristã, o relatório apresentado pelo irmão Herd deveria ter estipulado o seguinte:

«Evidentemente, cada cristão deve decidir se quer vacinar-se ou não. Mas que fatores poderia levar em conta para tomar essa decisão?

Primeiro: como religião, as Testemunhas de Jeová não são a favor nem contra as vacinas, pelo que devemos deixar-nos guiar pela nossa consciência.

Segundo: estamos em plena pandemia. Até 9 de julho, mais de 19 000 dos nossos queridos irmãos tinham morrido por causa do vírus. Isto faz-nos refletir sobre o facto de que não nos devemos demorar e de que devemos decidir como nos proteger e como proteger os outros. Cada remédio ou tratamento médico tem vantagens e desvantagens; é necessário informar-se sobre os possíveis riscos e benefícios e comparar diferentes alternativas antes de tomar uma decisão. Na verdade, as vacinas contra a

COVID são um tratamento experimental para o qual deve ser fornecido um consentimento esclarecido. Alguns decidiram recorrer a tratamentos naturais; cada chefe de família deve avaliar sob oração o que fazer. A Bíblia incentiva-nos a certificarmo-nos de todas as coisas. (1 Tessalonicenses 5:21)

Terceiro: em alguns países, as autoridades superiores adotaram leis que exigem que todos os cidadãos se vacinem. Embora saibamos que devemos obedecer a 'César', lembremo-nos de que a nossa consciência é superior a qualquer governo e às suas leis, visto que a sujeição é relativa. Devemos pagar 'a César o que é de César, mas a Deus o que é de Deus'. (Mateus 22:21)»

O exame comparativo entre os princípios bíblicos imutáveis e as declarações do irmão Samuel Herd coloca em evidência uma realidade incontestável. Sendo assim, impõe-se uma questão de fundo: qual das duas posições — esta argumentação baseada no histórico das nossas publicações ou aquele relatório oficial — adere fielmente às Escrituras? Pode-se objetivamente afirmar que o irmão Herd preservou a neutralidade cristã e se manteve no quadro bíblico?

É manifesto que esta declaração oficial se afastou das verdades doutrinárias fundamentais, recorrendo a uma apresentação seletiva dos factos para direccionar as consciências e coagir o livre-arbítrio dos publicadores. A constatação é inequívoca: dados científicos e teocráticos vitais foram deliberadamente passados em silêncio a fim de infletir a decisão dos irmãos numa direcção determinada antecipadamente pela autoridade central.

Onde se encontravam, neste procedimento, o respeito sagrado pela consciência individual e a preservação da liberdade de escolha concedida pelo Criador aos seus servos? Uma tal transgressão dos princípios da estrutura teocrática constitui uma falta espiritual caracterizada.

As Escrituras Sagradas condenam de forma inequívoca qualquer tentativa de impor um fardo injustificado sobre a consciência alheia ou de a desencaminhar. Com efeito, a Bíblia declara:

Deuterónimo 4:2

«Não acrescentem nada às palavras que vos ordeno e não lhes tirem nada; guardem os mandamentos de Jeová, vosso Deus, que vos ordeno.»

Irmãos, parece evidente que, no decorrer desta Atualização, os princípios bíblicos fundamentais foram postos de lado para impor a ideia de que os cristãos que recusavam a vacinação adotavam uma postura desprovida de bom senso. Ora, afastar-se dos princípios bíblicos equivale, de facto, a afastar-se das leis e das exigências de Jeová.

Procurar-se-á talvez invalidar a minha análise alegando que demonstro uma sensibilidade excessiva, que tenho falta de discernimento ou que exagero o alcance destas declarações. Zeloso por permanecer objetivo e por conceder o benefício da dúvida, convido-vos a examinar o relatório oficial seguinte a fim de determinar se as minhas conclusões são ditadas por um sentimento pessoal ou pela realidade dos factos.

Para dizer a verdade, após ter assistido a este primeiro relatório, lembro-me de ter feito a mim mesmo esta reflexão tranquilizadora:

“É certo que centenas de irmãos e irmãs farão saber ao Corpo Governante que esta Atualização se afasta da neutralidade cristã. Esta orientação será seguramente retificada na próxima comunicação oficial. Não há motivo para preocupação.”

ATUALIZAÇÃO DO CORPO GOVERNANTE N.º 7 DE 2021 APRESENTADA POR GERRIT LÖSCH



[https://www.jw.org/finder?
srcid=share&wtlocale=TPO&lank=docid-702021082_1_VIDEO](https://www.jw.org/finder?srcid=share&wtlocale=TPO&lank=docid-702021082_1_VIDEO)

Se o link acima não funcionar: <https://ody.sh/ymzX5vrvdh>

Seria oportuno saber precisamente quantas correspondências vos foram dirigidas para apoiar as minhas palavras e comentar a Atualização n.º 6 de 2021. Os irmãos receberam seguramente numerosas cartas, bem como a expressão de profundos questionamentos. Isso foi levado em conta aquando da elaboração da Atualização n.º 7?

Quando um irmão sente um mal-estar relativamente a declarações que fez, ele tem certamente o desejo sincero de esclarecer a situação. Vejamos, portanto, o que declara o irmão Lösch na secção dedicada a este assunto (a partir do minuto 02:10):

«Na última Atualização do Corpo Governante, o irmão Herd disse que ‘cerca de 50% dos betelitas no mundo inteiro se tinham vacinado até então’. No início, parecia impossível obter vacinas em alguns países do mundo. Mas é incrível ver que hoje, mais de 80% da nossa família mundial do Betel, ou seja, mais de 19 000 betelitas estão vacinados, e estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance para ajudar as filiais que ainda não conseguiram obter vacinas.

Como sabem, ao proteger a família do Betel, protegemos o fornecimento de alimento espiritual e garantimos as atividades espirituais nos quatro cantos do mundo. Em nome do Corpo Governante, obrigado, queridos irmãos e irmãs, pela vossa magnífica cooperação com todas as providências tomadas durante a pandemia. Houve muitas mudanças em pouco tempo, mas vocês foram fantásticos.»

Queridos Irmãos,

Seria possível contestar que a neutralidade exigida perante as escolhas de ordem médica tenha sido comprometida? O irmão Lösch estipulou que “cuidar da saúde da família do Betel” implicava submeter-se à vacinação, precisando que, graças às providências tomadas, “80% do pessoal de Betel está vacinado”.

Foram empreendidas diligências semelhantes a fim de tornar acessível a ivermectina, cuja eficácia contra a COVID-19 foi evidenciada por resultados brilhantes na Índia bem como no Japão?

Se um membro da família do Betel tivesse expressado o desejo de recorrer a uma terapêutica alternativa em vez da vacina, será que a sua decisão teria sido acolhida com benevolência, no respeito absoluto pela sua consciência cristã e sem a menor parcialidade? Gozavam os betelitas de uma inteira liberdade de escolha quanto ao seu tratamento, ou tinham de conformar-se exclusivamente às diretrizes preconizadas?

Estando em contacto com membros desta comunidade, eu não poderia ignorar o destino reservado àqueles que escolheram não receber esta vacina: foi-lhes necessário, simplesmente, deixar o Betel.

A neutralidade — do latim *neuter*, que significa “nem um nem outro” — consiste em não tomar partido e em abster-se de qualquer ingerência num litígio ou numa divergência de opiniões. Aplicada ao domínio médico, esta neutralidade exige que a pessoa se abstenha de recomendar um tratamento em detrimento de outro, quer se trate de vacinas ou de ivermectina. Ser neutro equivale a incentivar cada cristão a exercer o seu próprio julgamento, ao abrigo de qualquer forma de pressão.

É manifesto que, quando os irmãos declaram fornecer vacinas para preservar a saúde dos irmãos e irmãs, uma multidão deles se sente moralmente constrangida a seguir o vosso exemplo. Escolher não se

vacinar equivalia, então, a afastar-se do caminho traçado e, implicitamente, a expor-se ao perigo. Ora, nós não ignoramos que um publicador que expresse uma sensibilidade diferente se expõe ao olhar reprovador da comunidade. Muitos não dispõem da força moral necessária para suportar tal desaprovação. Esta realidade não vos podia escapar; é por isso que tal posição não se poderia assemelhar a um simples equívoco, mas assemelha-se antes, a meu ver, a um abuso de autoridade.

Lembram-se das observações que eu havia formulado aquando da minha análise desta passagem bíblica?

1 Coríntios 8:10, 11

«Pois, se alguém te vir a ti, que tens conhecimento, a tomar uma refeição no templo de um ídolo, será que a consciência daquele que é fraco não ficará ousada a ponto de ele comer alimentos oferecidos a ídolos? Assim, pelo conhecimento que tens, aquele que é fraco está a ser arruinado, o teu irmão pelo qual Cristo morreu.»

Fica evidente que foi exercida uma pressão sobre a consciência dos irmãos e irmãs a nível mundial, instando-os a se harmonizarem com as suas próprias diretrizes. Agir assim equivale a “pecar”, conforme demonstra o texto bíblico acima mencionado. Além disso, os irmãos argumentam que a administração dessas vacinas visa preservar a saúde da família Betel e garantir a dispensação do “alimento espiritual”. De forma implícita, insinuam assim que aqueles que optam por não se vacinar estão a negligenciar a sua própria saúde e a colocar obstáculos à difusão deste alimento espiritual.

A fim de avaliar a gravidade de tal situação, consideremos o seguinte cenário. Eu tinha anteriormente apresentado uma ilustração fictícia: suponhamos que, do alto da tribuna duma assembleia, eu elogiasse a metade da assistência que permaneceu sem se vacinar, ao mesmo tempo que promovia publicamente as virtudes da ivermectina. Escolhi este exemplo para destacar o quão inapropriado seria recomendar um tratamento médico numa reunião cristã. Continuemos esta reflexão.

Imaginem que, ao descer da tribuna, vários irmãos vacinados se dirigissem a mim para expressar o seu profundo mal-estar perante as minhas palavras. Eles confessam que se sentem julgados por não terem tomado a mesma decisão que eu. Preocupado em tranquilizá-los,

consolo-os afirmando que interpretaram mal as minhas intenções, que jamais me permitiria censurá-los; reitero-lhes o meu afeto fraternal e o meu respeito pelas suas escolhas pessoais. No entanto, na reunião seguinte, declaro novamente perante toda a congregação a minha grande alegria por constatar que, dos 50% de irmãos inicialmente não vacinados, mais de metade persistiram na sua decisão e optam agora por se tratar exclusivamente com ivermectina.

E faço então a seguinte pergunta à assistência: “Porque é que é primordial administrar ivermectina aos nossos irmãos e irmãs?” Ao que respondo: “Porque essa é a nossa forma de zelar pela saúde dos nossos companheiros cristãos.”

Dirijo-me a vós, irmãos do Corpo Governante, e pergunto: Que sentimento terão então esses irmãos e irmãs vacinados que, no entanto, me tinham manifestado o seu desacordo? Não se sentirão condenados, com a amarga impressão de que os seus sentimentos são totalmente ignorados? Não verão alguns nisso uma forma de desdém para com eles?

Na realidade, queridos irmãos, receberam centenas de cartas e telefonemas sobre este assunto. No entanto, longe de retificar as declarações feitas no boletim informativo n.º 6, persistiram nesse caminho, acentuando assim o mal-estar.

O irmão Lösch não se fica por aí; ele desenvolve agora um raciocínio muito elaborado, manifestamente concebido para influenciar as consciências. Ele introduz a sua argumentação abordando o tema da unidade, como se pode observar a seguir (a partir do minuto 06:08).

“E temos realmente de continuar a proteger a nossa unidade. O que é a unidade? É o “caráter do que é um, único”, um “estado harmonioso”. Notem como o apóstolo Paulo descreve o que devemos fazer para preservar a unidade em Efésios 4:3. Diz: “esforçando-se diligentemente para manter a unidade do espírito no vínculo unificador da paz”. Reparem que exige esforço manter a nossa unidade. Paulo disse que devemos ‘esforçar-nos diligentemente’, ou trabalhar arduamente nisso. O que poderia ameaçar a nossa unidade? Vejamos, o que aconteceria se nos tornássemos apaixonados demais por assuntos que

dividem? A Bíblia prediz em 2 Timóteo capítulo 3 que os homens seriam “egoístas”, ou “amantes de si mesmos”, “não dispostos a acordos” e “ferozes”. É isso o que vemos no mundo atualmente. As pessoas estão “não dispostas a acordos”. Elas tornam-se rapidamente virulentas, adotando posições radicais em todo o tipo de assuntos.”

Concordo plenamente que a unidade é fundamental e que atesta que Deus nos dirige por meio do seu espírito. Na verdade, essa unidade reflete-se em cada letra e em cada livro das Escrituras. A título de ilustração, para citar apenas uma passagem entre tantas outras, eu poderia mencionar esta:

Filipenses 1:27

«Somente comportem-se de uma maneira digna das boas novas a respeito do Cristo, a fim de que, quer eu vá visitá-los, quer esteja ausente, eu ouça notícias suas e saiba que vocês se mantêm firmes em um só espírito, com uma só alma, esforçando-se lado a lado pela fé das boas novas»

É manifesto, como sublinha a carta aos Filipenses, que nos cabe fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para preservar a unidade, lutando “lado a lado, com uma só alma” com os nossos irmãos e irmãs, ou seja, ‘comportando-nos de uma maneira digna’ das boas novas que pregamos. É igualmente exato que não deveríamos de modo algum fragilizar essa unidade por insistir em opiniões pessoais. Sobre todos estes pontos, partilho inteiramente da opinião do irmão Lösch. No entanto, a continuação do seu raciocínio revela o seu verdadeiro objetivo quando declara:

«Nós, cristãos, não fazemos parte do mundo, mantemo-nos à margem dos debates. Por exemplo, quem diria que o uso de máscara para impedir a transmissão de uma doença se tornaria assunto de debate?

Quando éramos pequenos, os nossos pais ensinaram-nos a colocar a mão à frente da boca quando tossimos ou espirramos.

Na sua preciosa Palavra, Jeová definiu muitas medidas práticas destinadas a impedir a propagação de doenças. Como, então, o uso de máscara pôde tornar-se um assunto

de polémica para alguns? De onde pode vir essa forma de pensar?

Temos de nos manter cautelosos. Estamos todos expostos ao pensamento do mundo, seja na TV, na Internet, no trabalho ou na escola. Há muitos sites na internet que defendem teorias da conspiração.

Se não formos cautelosos, poderíamos acabar por nos apaixonar por estes debates. Correríamos o risco de dar ouvidos a “a voz de estranhos”, em vez de escutar o canal utilizado por Jeová, “o escravo fiel e prudente”.»

Permitam-me expor a minha reflexão quanto ao uso de máscaras de proteção. Estas últimas revelam-se incapazes de impedir a inalação de partículas de fumo. Ora, visto que essas partículas são de um tamanho superior ao dos vírus, é evidente que se as primeiras atravessam a malha do tecido, os segundos entram por ela com a mesma facilidade. Longe de ser uma conjectura da minha parte, este facto é corroborado por muitos médicos, bem como por autoridades de saúde, e baseia-se numa literatura científica comprovada. Se um elefante passa por um portão sem dificuldade, poder-se-á por um momento conceber que um rato ficaria ali bloqueado?

É verdade que a máscara pode ter certa utilidade para as pessoas doentes, servindo de barreira contra as projeções de fluidos ao espirrar. No entanto, embora eu tivesse conhecimento destas limitações, sempre me conformei ao seu uso por espírito de cooperação e para não causar tropeço. Todos os irmãos se sujeitavam a isso de bom grado, e não tenho conhecimento de nenhum companheiro que tenha insistido em esquivar-se.

Apesar disso, o irmão Lösch empenha-se em associar estas reticências a “teorias da conspiração” e aos desvios de “muitos sites da internet”. Contudo, todos sabem que, naquele período, o verdadeiro pomo da discórdia residia na eficácia das vacinas. Alguns consideravam-nas resolutamente prejudiciais, uma opinião partilhada por muitos irmãos. Na realidade, a questão das máscaras quase não levantava controvérsia na altura.

O irmão afirma em seguida que nos cabe escutar os “representantes de Jeová”, a saber, “o escravo fiel e prudente” — que corresponde, segundo

a vossa definição, ao Corpo Governante —, em vez de dar ouvidos a supostas teorias conspiratórias.

Impõe-se então uma pergunta óbvia: em que campo específico deveríamos seguir as vossas diretrizes em detrimento de qualquer outra consideração? Tratava-se verdadeiramente do uso de máscaras, ou visavam, implicitamente, a questão das vacinas?

O irmão prossegue nestes termos:

«Quanto mais nos aproximamos do fim deste mundo, mais indispensável será escutar este canal para a nossa segurança e espiritualidade. É por esta razão, queridos irmãos e irmãs, que vos prezamos tanto.

Assim que percebem que o espírito de Jeová orienta o Corpo Governante a ir numa determinada direção, são céleres em segui-la. E, em resultado disso, desfrutamos de uma unidade inestimável. Isto lembra-me o exemplo bíblico de Naamã.

Por meio de um mensageiro, o profeta Eliseu disse a Naamã que ficaria curado da sua lepra se se banhasse sete vezes no Jordão. Como reagiu Naamã? Convido-vos a ler comigo 2 Reis 5:11, 12: “Naamã ficou furioso e foi-se embora, dizendo: ‘Eu pensei: “Ele certamente sairá, ficará de pé e invocará o nome de Jeová, seu Deus, moverá a mão de um lado para o outro sobre o lugar afetado e curará a lepra.” Não são o Abana e o Farpar, os rios de Damasco, melhores do que todas as águas de Israel? Não me poderia banhar neles e ficar limpo?’ Com isso, ele virou-se e foi-se embora indignado.” Naamã tinha a sua própria opinião sobre a forma como deveria ser curado. Ele tinha convicções fortes.

Mas Jeová via as coisas de modo diferente. Para ser curado, Naamã teria de se humilhar e deixar-se guiar pelo canal que Jeová utilizava. Naamã teve dificuldade em aceitar isso, mas os seus servos compreenderam bem a situação. O que lhe disseram para fazer? E qual foi o resultado?

Leiamos os versículos 13 e 14: “Os seus servos aproximaram-se então dele e disseram: ‘Meu pai, se o profeta lhe tivesse pedido para fazer algo difícil, o senhor não o teria feito? Quanto mais agora que ele lhe disse apenas: “Lave-se e fique limpo!”’ Ele desceu então e mergulhou sete vezes no Jordão, de acordo com a palavra do homem do verdadeiro Deus. Então, a sua carne tornou-se novamente como a carne de um rapazinho, e ele ficou limpo.”

Que lição tiramos disto? Assim como Naamã, nós podemos ter alguma dificuldade em aceitar certas coisas, especialmente se tivermos uma convicção forte. Mas uma coisa é certa: se seguirmos a orientação dada pelo canal que Jeová utiliza, seremos abençoados e, o que é mais importante, manteremo-nos unidos.»

Ao ouvir estas palavras, fiquei tomado de estupefação; se eu fosse um antigo israelita, teria certamente ‘rasgado as minhas vestes’, ter-me-ia revestido de ‘pano de saco’ e teria deitado ‘cinza sobre a minha cabeça’.

No entanto, *A Sentinela* de 15 de setembro de 2015, nas páginas 8 a 12, estipula claramente que ninguém está autorizado a recomendar tratamentos de ordem médica!

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2015682>

Falei sobre isso neste parágrafo:

O ponto de vista oficial da nossa organização (Até abril de 2021) Ora, no caso presente, o exemplo de Eliseu é invocado para demonstrar que os “representantes de Jeová” têm legitimidade para prescrever a conduta a adotar para obter a cura. Trata-se de um ajuste doutrinal desprovido de qualquer fundamento e de uma profunda distorção das Escrituras. O irmão Lösch não evoca simplesmente o uso de máscaras; ele trata, na realidade, de verdadeiras terapêuticas curativas.

O irmão sublinha que Naamã nutria as suas próprias concepções quanto à sua cura, ao passo que Jeová tinha um propósito diferente. De facto, o irmão Lösch insiste no facto de que às vezes pode ser “muito difícil aceitar uma ideia”, mas que nos cabe, ainda assim, seguir os representantes de Jeová, visto que o espírito de Deus os guia

precisamente nessa direção. Segundo ele, tal obediência concorre imediatamente para a preservação da unidade.

Por que razões é que tal raciocínio se desvia dos princípios bíblicos?

Em primeiro lugar, Eliseu não possuía nenhuma competência em medicina e ignorava até a própria existência de microrganismos; ele limitava-se a transmitir as instruções de Jeová, tendo sido divinamente inspirado. Em contrapartida, queridos irmãos, os irmãos não são inspirados por Deus — como reconhece explicitamente *A Sentinela* — e não são infalíveis.

Na revista *A Sentinela* de fevereiro de 2017, nas páginas 23 a 28, o parágrafo 12 estipula inclusive:

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2017283>

«O Corpo Governante não recebe revelações da parte de Deus nem é perfeito. Por isso, ele pode cometer erros ao explicar assuntos da Bíblia ou ao dar orientações. Tanto é que no Índice encontramos o assunto “Esclarecimento de Crenças”, com uma lista de ajustes em nosso entendimento da Bíblia desde 1870.»

Além disso, as águas do Jordão não possuíam em si mesmas nenhuma virtude curativa; se assim fosse, os enfermos ainda hoje se apressariam a ir lá para serem imersos e curados. O que permitiu a cura de Naamã foi a sua obediência a uma diretriz divina, por meio da realização de um milagre. A sua restauração foi obra direta da mão de Jeová, e não o resultado das propriedades do meio empregado.

Por outro lado, dispomos de princípios claros, que mencionei anteriormente, os quais atestam que as decisões de ordem médica pertencem estritamente ao âmbito pessoal; ninguém se pode substituir a elas nem impô-las a outrem. Por que razões é que os conselhos registados em Romanos, capítulo 14, ou em 1 Coríntios, capítulos 8 e 10, não foram citados?

Queridos irmãos, poderá o espírito de Deus guiar-vos numa tal abordagem quando esta entra em contradição com as Escrituras inspiradas por esse mesmo espírito? Será que Jeová se contradiz? Teria ele inspirado ao apóstolo Paulo instruções precisas na Bíblia para que, nos nossos dias, esse mesmo espírito vos levasse a ensinar o contrário?

Quem vos conferiu autoridade quanto às escolhas terapêuticas que nos cabem? Será que o relato de Eliseu vos autoriza verdadeiramente a decretar que os nossos companheiros devem submeter-se à vacinação?

Ao distorcerem o exemplo de Eliseu para incentivar a aceitação da vacina, desviaram-se da posição bíblica de estrita neutralidade. Além disso, isso favoreceu a difusão da ideia errônea de que Jeová estaria na origem desta campanha de vacinação. Desde a difusão do *Boletim Informativo do Corpo Governante* n.º 6 de 2021, a comunidade de irmãos percebeu claramente que a organização se estava a tornar promotora destes tratamentos, o que motivou o envio de muitas cartas de reclamação. Agora, invocam a unidade para exigir que sigamos as diretrizes sanitárias dispensadas pelos representantes de Jeová, ou seja, por vós mesmos. Fica flagrantemente evidente que julgaram preferível que os irmãos e irmãs fossem vacinados e que, se alguns deles não compreendessem a necessidade disso, cabia-lhes calar as suas opiniões pessoais para se conformarem com as vossas perspetivas. É precisamente essa a lição que tentam transmitir através do relato de Eliseu.

O que aconteceu, então, ao respeito devido à consciência alheia, tão magnificamente exposto no artigo de *A Sentinela* de 2015?

As palavras do irmão Lösch assemelham-se, de toda a evidência, a um subtil ajuste doutrinal a favor da vacinação. Tentar influenciar a consciência dos vossos companheiros numa questão destas constitui nada menos do que uma violação dos princípios divinos. Além disso, insinuem que aqueles que se desviam das vossas recomendações põem em risco a unidade e, por isso, opõem-se ao próprio Jeová. Deixam a entender que todos os autores dessas correspondências estão cativos de teorias da conspiração. Por que razões agem assim? Porquê lançar o descrédito e menosprezar a sensibilidade de irmãos cujas opiniões diferem das vossas?

Os irmãos não ignoram que aqueles que recusam a vacinação o fazem por motivos de consciência, sem contudo procurarem fazer proselitismo em torno das suas convicções. Tal como no *Boletim Informativo* n.º 6, fingem ignorar a realidade dessa consciência cristã, reduzindo as suas reservas à influência de teses conspiratórias. Tal atitude assemelha-se a um desprezo para com os vossos irmãos, uma posição que o capítulo 14 da carta aos Romanos condena explicitamente, como já sublinhei.

Romanos 14:5-10

«Uma pessoa considera um dia mais importante que outro, ao passo que outra pessoa considera todos os dias iguais; que cada um esteja plenamente convencido na sua própria mente. Quem guarda o dia, guarda-o para Jeová. E quem come, come para Jeová, pois agradece a Deus; e quem não come, deixa de comer para Jeová, e mesmo assim agradece a Deus. De fato, nenhum de nós vive somente para si mesmo, e ninguém morre somente para si mesmo. Pois, se vivemos, vivemos para Jeová; se morremos, morremos para Jeová. Portanto, quer vivamos, quer morramos, pertencemos a Jeová. Pois com este objetivo Cristo morreu e voltou a viver: para ser Senhor tanto dos mortos como dos vivos. Mas por que você julga o seu irmão? E você, por que menospreza o seu irmão? Pois todos nós compareceremos perante o tribunal de Deus.»

Queridos irmãos do Corpo Governante, as minhas palavras não pretendem de modo algum significar que eu conteste a necessidade de reajustar a nossa compreensão doutrinal em certas circunstâncias. Se se verificar que uma das nossas crenças se baseia numa interpretação errada, cabe-nos retificá-la com humildade. No entanto, qualquer refinamento desta natureza tem de se apoiar imperativamente no alicerce sólido das Escrituras.

Ora, os irmãos abalaram um ensinamento claro que prevalecia entre nós, segundo o qual ninguém se pode arrogar o direito de decidir assuntos de ordem médica em lugar de outrem. Esta posição está, contudo, solidamente ancorada na Bíblia. Se os irmãos consideram hoje que ela constituía um equívoco, cabe-vos demonstrar em que medida a revista anteriormente mencionada aplicava de forma errada o conjunto das passagens bíblicas que citava. Na ausência de tal demonstração, os irmãos não dispõem de nenhuma autoridade legítima para transmitir um ensinamento contrário.

A invocação do relato de Eliseu assemelha-se manifestamente a uma instrumentalização textual que visa justificar uma postura alheia aos princípios bíblicos e, assim, promover a vacinação. Certamente, se um cristão fizer a escolha livre e pessoal de se submeter a esse tratamento, a sua decisão deve ser plenamente respeitada. No entanto, os irmãos afirmam à comunidade que o espírito de Deus guia os vossos passos e

que a obediência nos é exigida, mesmo que a lógica de tal diretriz nos escape, apoiando-se no texto de Efésios 4:3. Segundo este raciocínio, qualquer falta desta obediência equivaleria a atentar contra a unidade e, por conseguinte, a opor-se ao próprio Deus.

Ao agirem assim, irmão Lösch, bem como todos os membros do Corpo Governante, os irmãos fazem uso do nome divino para impor conceitos puramente pessoais, o que se reveste de uma inegável gravidade espiritual. A fim de ilustrar o meu argumento, gostaria de chamar a vossa atenção para um exemplo registado na terceira carta de João. O apóstolo dirige-se ali ao seu querido companheiro Gaio nestes termos:

3 João 9-12

«Escrevi algo à congregação, mas Diótrefes, que gosta de ocupar o primeiro lugar entre eles, não aceita nada de nós com respeito. É por isso que, se eu for aí, trarei à atenção as coisas que ele tem feito, as calúnias que tem espalhado sobre nós. Não satisfeito com isso, ele se recusa a receber os irmãos com respeito e tenta impedir e expulsar da congregação aqueles que querem recebê-los. Amado, não imite o que é mau, mas imite o que é bom. Quem faz o bem se origina de Deus. Quem faz o mal não viu a Deus. Todos eles falam bem de Demétrio, inclusive a própria verdade. De fato, nós também testemunhamos a favor dele, e você sabe que o testemunho que damos é verdadeiro.»

Diótrefes empenhava-se em expulsar certos irmãos da congregação pelo único motivo de eles não se conformarem às suas diretrizes. O apóstolo João recorda expressamente que a conduta de Diótrefes era má e que não devia, de modo algum, ser imitada. Imaginemos por um momento que, através de uma viagem no tempo, nos fosse permitido encontrar Diótrefes a fim de lhe dirigir esta pergunta: “Diótrefes, por que razões procuras banir da congregação os irmãos que se recusam a submeter-se à tua autoridade? Ignoras que tal agir é contrário às Escrituras? Terás perdido o senso de medida?”

Ao que Diótrefes responderia infalivelmente: “Jeová estabeleceu-me como seu representante no seio da congregação; por conseguinte, estes irmãos, ao desobedecerem às minhas instruções, comprometem a paz da comunidade. Visto que Cristo ordenou que sejamos um, estes opositores afastam-se da voz do Pastor Principal. Uma vez que se levantam contra Cristo, cabe-me de pleno direito excluí-los. Afasto-os

porque não manifestam o espírito de Deus e rejeitam a unidade. Estes irmãos desconhecem a direção do espírito e opõem-se ao nosso amoroso Pai.”

Deixar-nos-íamos seduzir pela retórica hipotética deste Diótrefes? Conseguiriam os seus argumentos falaciosos enganar-nos?

Queridos irmãos, fica flagrantemente evidente que Diótrefes se tinha transformado num líder despótico, incapaz de tolerar que alguém se desviasse das suas perspetivas. Era o próprio Diótrefes quem entristecia o espírito pela sua vontade de dominar sobre os seus companheiros. Se nenhum de nós deseja identificar-se com tal personagem, somos forçados a perguntar-nos: o que é que os irmãos realizaram de diferente através deste boletim informativo?

Longe de respeitarem a consciência cristã dos vossos irmãos, sustentam com insistência que quem quer que se recuse a conformar-se opõe-se ao espírito de Deus e fragiliza a unidade. Não se assemelha tal postura de perto ao Diótrefes fictício mencionado anteriormente?

A unidade cristã não se pode confundir com uma uniformidade de pensamento absoluta. A verdadeira unidade manifesta-se quando honramos o próximo, mesmo quando se expressam divergências em assuntos de consciência, e zelando para que essas sensibilidades diferentes não quebrem os nossos vínculos afetivos. São aqueles que se esforçam nesse sentido que possuem o espírito de Deus.

Antes da difusão destes boletins informativos, a serenidade prevalecia no seio das congregações; ora, a introdução destes conceitos alheios às Escrituras abalou essa harmonia. Ao imporem estas perspetivas e ao lançarem o descrédito sobre aqueles que se recusam a aderir-las sob o pretexto de que estariam a romper a unidade, os irmãos demonstram que esta abordagem não procede do espírito santo. Tal ensinamento semeia a semente da discórdia, ora a divisão é contrária ao fruto do espírito e inclui-se entre as obras da carne, segundo os termos de Gálatas 5:19-21.

Sem dúvida que me objetarão que estas conclusões não passam do fruto da minha imaginação e procedem de um mal-entendido. Examinemos, portanto, o boletim informativo seguinte para avaliar a relevância da minha análise. Nesta etapa, já não eram centenas, mas certamente milhares de reclamações que vos chegavam. De que

maneira foram acolhidas estas profundas lamentações no boletim informativo n.º 8 de 2021?

ATUALIZAÇÃO DO CORPO GOVERNANTE N.º 8 DE 2021 APRESENTADA POR STEPHEN LETT



[https://www.jw.org/finder?
srcid=share&wtlocale=TPO&lank=docid-702021085_1_VIDEO](https://www.jw.org/finder?srcid=share&wtlocale=TPO&lank=docid-702021085_1_VIDEO)

Caso o link acima não funcione: <https://ody.sh/3GiePqPEum>

Após a difusão do *Boletim Informativo do Corpo Governante* número 7, os irmãos foram certamente destinatários de inúmeras reclamações por terem, dessa forma, incentivado a vacinação. Quantos milhares de cartas e telefonemas vos chegaram para sublinhar que as vossas declarações se desviavam dos princípios bíblicos? Será que prestaram a mínima atenção a estas lamentações? De toda a evidência, não foi isso o que aconteceu, a julgar pelo teor do boletim informativo n.º 8.

Este boletim informativo abre, de facto, com estas palavras, ao minuto 00:35:

«Mas, para começar, tenho alguns dados importantes sobre a vacinação contra a Covid-19 para vos transmitir. Nós amamos-vos genuinamente a todos muito e trata-se de uma questão de vida ou de morte: por isso, decidimos partilhar convosco o que sabemos sobre este assunto.

Desde 1 de junho, nos Estados Unidos, 1.407 publicadores foram hospitalizados por causa da Covid-19 ou porque

tinham sintomas. Entre eles, menos de um por cento estavam totalmente vacinados. Infelizmente, durante esse mesmo período nos Estados Unidos, 486 irmãos e irmãs faleceram devido à Covid-19.

Entre eles, menos de um por cento estavam totalmente vacinados. E, de acordo com as nossas informações, os que estavam vacinados e que faleceram tinham outros problemas graves de saúde. Estes poucos números dão realmente que pensar.

Podemos também dizer-vos que, dos 22.000 betelitas e dos 44.000 outros servos especiais em tempo integral que foram vacinados, foram relatados apenas quatro casos de reações graves que possam estar ligadas à vacinação.

Mas felizmente, sabemos hoje que estas pessoas estão bem e que o seu estado geral está estável.

Damos-vos todas estas informações para que possam refletir nelas quando tomarem a vossa decisão sobre a vacinação. Pensamos que não seria demonstrar amor reter estas informações de vós.

Como diz Provérbios 3:27: “Não recuses fazer o bem a quem de direito”. Sabemos que pode ser difícil tomar uma decisão sábia quando diferentes opiniões e relatórios contraditórios nos são fornecidos pelo mundo.»

Como atesta esta sequência, os irmãos introduzem as vossas palavras qualificando a vacinação como uma questão de “vida ou de morte”, o que dá a entender que recusar a injeção condenaria inevitavelmente à morte, uma afirmação desmentida pelos factos. Na realidade, tentam apoiar esta perspetiva submetendo-nos estatísticas observadas em Betel, ao mesmo tempo que afirmam que estes dados nos são comunicados a fim de preservar o nosso livre-arbítrio vacinal.

No entanto, assim como demonstrei através da analogia dos “doces”, a apresentação de dados tendenciosos constitui um processo de manipulação destinado a orientar a escolha para uma decisão tomada antecipadamente. Fica claramente evidente que estes números foram instrumentalizados para suscitar preocupação e forçar a adesão.

A realidade dos dados então disponíveis punha em evidência que a população infantil beneficiava de uma imunidade quase total perante a COVID-19. Por outro lado, existiam protocolos terapêuticos, à semelhança da ivermectina, um medicamento acessível e desprovido de efeitos secundários notáveis. Diversas análises demonstravam igualmente que a infeção pelo vírus conferia uma imunidade natural duradoura, nitidamente superior à prometida pelas soluções vacinais.

Uma outra realidade desse período residia na natureza experimental destas vacinas, cujo impacto a longo prazo no organismo permanecia desconhecido. Muitos médicos produziram então estatísticas e alertas preocupantes. Um virologista alemão afirmou, por exemplo, que estas injeções alteravam o sistema imunitário inato: <https://euskalnews.com/2021/06/un-virologo-aleman-afirma-que-las-vacunas-COVID-destruyen-el-sistema-inmunologico-innato/>

Além disso, certas publicações sugeriam que os indivíduos vacinados corriam o risco de desenvolver uma síndrome de imunodeficiência adquirida a curto prazo. Para o ilustrar, relatórios que interpretavam os dados oficiais do governo alemão projetavam tal desfecho para o final do mês de janeiro de 2022: <https://expose-news.com/2022/01/02/german-gov-data-suggests-fully-vaccinated-developing-ade/>

A existência de problemas cardíacos pós-vacinais estava igualmente documentada, como testemunha este alerta publicado oito meses antes da difusão do vosso boletim informativo, sinalizando lesões em pacientes jovens: <https://www.nbcconnecticut.com/news/coronavirus/connecticut-confirms-at-least-18-cases-of-apparent-heart-problems-in-young-people-after-COVID-19-vaccination/2494534/>

Enquanto os relatos de lesões cardíacas em crianças se multiplicavam, sumidades do mundo médico advertiam que as campanhas de vacinação em massa corriam o risco de gerar novas variantes do vírus: <https://www.epochtimes.fr/vaccins-contre-covid-19-entraineront-variants-mutes-1803205.html>

A título de ilustração, o professor Luc Montagnier, prémio Nobel da medicina, codescobridor do vírus da SIDA em 1983 e docente durante três décadas no Instituto Pasteur, declarava a este respeito:

“Estamos numa situação muito grave. Há pessoas a morrer de miocardite e de problemas cardiovasculares por causa

das VACINAS... Qualquer morte devida a um medicamento ou a uma vacina, mesmo que se trate de casos isolados, deve ser considerada como algo muito grave e, quando há muitas mortes, então deveríamos considerar isso como um problema.”

Estava igualmente estabelecido que o risco de letalidade associado à COVID-19 se revelava praticamente nulo em indivíduos sem comorbilidades, ao passo que a incidência de efeitos secundários associados às injeções se mostrava preocupante.

No entanto, os irmãos passaram debaixo de silêncio a totalidade destes elementos. Qualquer observador que efetue pesquisas retrospectivas sobre os dados disponíveis nesse período pode facilmente constatar que apresentaram apenas uma vertente parcial das estatísticas. Tal abordagem visava manifestamente orientar a escolha dos vossos ouvintes a favor da vacinação, omitindo dados que eram, contudo, cruciais para o exercício de um julgamento pessoal esclarecido. Se me fosse possível registar aqui milhares de referências documentadas e validadas que atestam as falhas destas terapêuticas, tal enumeração tornaria esta correspondência interminável.

O futuro permitiu determinar se estas preocupações eram fundamentadas. No entanto, perante tal situação, a retidão e a sabedoria exigiam que se mantivesse uma estrita neutralidade, a fim de permitir que cada um se decidisse em total liberdade, ao abrigo de qualquer forma de pressão.

Lembram-se, a este respeito, do parágrafo 9 de *A Sentinela* que citei anteriormente?

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2015682>

Trata ali de tratamentos médicos e de problemas de saúde:

«O cristão razoável não impõe a outros suas opiniões. Num país europeu, um casal começou a incentivar fortemente uma dieta e o consumo de certos suplementos alimentares. Eles convenceram alguns irmãos a usar os suplementos, mas outros decidiram não usar. Com o tempo, os resultados prometidos não foram alcançados, o que gerou um grande ressentimento entre os irmãos. O casal tinha o direito de fazer uma escolha pessoal sobre determinada dieta e

suplementos, mas será que foi razoável deixar que questões de saúde pusessem em risco a união da congregação? Por um tempo, os cristãos na Roma antiga tinham opiniões divergentes sobre comer certos alimentos e guardar certos dias. Que conselho Paulo deu a eles? Sobre a questão de guardar dias, ele disse: “Uma pessoa considera um dia mais importante que outro, ao passo que outra pessoa considera todos os dias iguais; que cada um esteja plenamente convencido na sua própria mente.” Era importante não pôr uma pedra de tropeço diante de outros.
— Leia Romanos 14:5, 13, 15, 19, 20.»

Era importante seguir estas instruções à letra, pela única e exclusiva razão de que se baseavam nas Escrituras. Além disso, é evidente que, se os irmãos recomendam vacinas e os nossos companheiros sofrem efeitos secundários por se conformarem com as vossas perspectivas, eles nutrirão amargura em relação a vós, movidos pelo sentimento de terem sido manipulados e enganados. No entanto, longe de reconhecerem isso, orientaram a informação de modo a dar a entender que a recusa da vacinação equivalia a uma sentença de morte. Segundo a vossa apresentação, a única saída salutar consistia em submeter-se à injeção para estar em segurança, sob pena de correr o risco de perder a vida.

Evidentemente, um viés de raciocínio conhecido como “falso dilema” foi aproveitado para incitar os irmãos e irmãs a vacinarem-se. Essa falácia consiste em reduzir uma situação complexa a duas opções exclusivas, quando na realidade existem uma ou mais vias alternativas que foram deliberadamente passadas sob silêncio.

De acréscimo, parece muito frágil argumentar que 66.000 betelitas e servos em tempo integral não desenvolveram nenhuma reação grave para daí concluir que todos nós deveríamos seguir o exemplo. Será que os irmãos ignoram que os efeitos deletérios de uma terapêutica podem levar anos a manifestar-se? Se fizéssemos um inquérito minucioso a todos esses irmãos e irmãs hoje, que balanço nos fariam do seu estado de saúde?

O irmão Lett afirmou: “Não seria demonstrar amor reter estas informações de vós.”

Sendo assim, por que não nos demonstram esse mesmo amor revelando-nos, com o recuo necessário, como se encontram hoje estes companheiros que receberam o esquema vacinal completo? Por que razões se abstêm de nos comunicar as estatísticas atuais?

Muitos são os irmãos que, tendo-vos concedido a sua confiança, sentem hoje uma profunda indignação. A título de ilustração, eis um espaço onde vários dos nossos companheiros, vacinados segundo as vossas recomendações, testemunham a sua situação presente: <https://adverse-events-jw.org/>

Então, o irmão Lett continua dizendo:

«Pode, portanto, ser difícil saber em quem acreditar. Mas os números que acabamos de dar foram relatados pelos nossos irmãos, por isso podemos ter confiança.

Esperamos que isto vos seja útil. Estamos cientes de que não se trata aqui de um estudo científico. Mas podemos transmitir-vos o que os nossos irmãos observaram. Dado que temos esta informação, queremos que saibam o que nós sabemos.

Obviamente, também devemos levar em conta as diretrizes dadas pelas autoridades superiores. Em alguns países, os governos votam leis para tornar a vacinação obrigatória para os seus cidadãos. Noutros países, esta é fortemente recomendada.

Como reagimos a tais diretrizes? O livro *‘Mantenha-se no Amor de Deus’* destaca esta ideia importante: Notem bem. “Hoje, Jeová permite que os governos humanos tenham certa autoridade, e nós devemos respeitá-los. Eles mantêm a ordem no país e fornecem aos cidadãos os serviços necessários. Os cristãos obedecem à instrução encontrada em Romanos 13:1-7. Nós respeitamos as ‘autoridades superiores’ e obedecemos às leis do país onde vivemos. Essas leis podem ter um impacto na nossa família, nos nossos negócios ou nos nossos bens.

Além disso, a nota de estudo de Romanos 13:5 diz o seguinte: “O cristão sujeita-se aos governos humanos desde que uma ordem não vá contra as leis de Deus.”

Trata-se, portanto, de outro fator sério que cada um de nós querará considerar cuidadosamente em oração ao tomar a sua decisão.

Graças a mais de 99% da família de Betel dos Estados Unidos estar totalmente vacinada, conseguimos abrir o acesso a mais atividades no próprio seio de Betel, em conformidade com os regulamentos do estado de Nova Iorque.»

Certamente, estes dados emanam dos nossos irmãos e ninguém põe em dúvida a sua integridade; no entanto, o raciocínio peca por uma falha evidente. Será que estas estatísticas especificam o impacto destas injeções nas irmãs grávidas? Fornecem a mínima indicação quanto aos seus efeitos nas crianças? Informam sobre as patologias suscetíveis de aparecer três meses após a inoculação? O que dizer das afeções que se manifestam ao fim de um ano, de dois anos, ou mesmo de cinco anos?

Os especialistas em vacinologia sabem perfeitamente que a homologação de uma vacina requer mais de uma década de ensaios clínicos, como recordei anteriormente. Ora, estes produtos baseados em terapias génicas beneficiaram de uma autorização de emergência e são administrados sem o recuo necessário nem a menor garantia.

Sendo assim, serão os elementos transmitidos pelos irmãos realmente provantes? Infelizmente, revelam-se insuficientes para esclarecer escolhas de tamanha gravidade; embora partilhadas com louváveis intenções, estas estatísticas não nos são de nenhum auxílio. Contudo, estas observações parciais, e consequentemente arriscadas, são colocadas em destaque para incitar os nossos companheiros a vacinarem-se, instilando a ideia de que a recusa da injeção traduziria uma falta de obediência.

Além disso, o irmão Lett acrescenta:

«Estamos cientes de que não se trata aqui de um estudo científico. Mas podemos transmitir-vos o que os nossos

irmãos observaram. Dado que temos esta informação, queremos que saibam o que nós sabemos.»

A este respeito, impõe-se novamente uma pergunta: que constatação fazem hoje esses mesmos irmãos, agora totalmente vacinados, com o recuo destes últimos anos? Partilharão com a comunidade os elementos de que dispõem atualmente, com a mesma transparência que demonstraram aqui? Voltaremos a este ponto mais adiante.

Convém igualmente notar a progressão espetacular, de um boletim informativo para o outro, das taxas de vacinação anunciadas. Inicialmente de 50%, depois de 80%, atingem agora o limiar de 99% no seio da filial dos Estados Unidos. Tais proporções revelam-se nitidamente superiores às médias observadas à escala mundial, o que demonstra que os nossos companheiros se vacinaram em conformidade direta com os vossos incentivos. Se assim não tivesse sido, a cobertura vacinal entre eles teria permanecido semelhante à do resto da população de cada país. Sendo assim, a vossa responsabilidade direta está plenamente em causa nesta situação.

É igualmente manifesto que esta taxa que roça a perfeição estatística se explica, muito provavelmente, pelo facto de terem afastado de Betel todos os voluntários que se recusavam a submeter-se a esta terapêutica. Apenas aqueles que obedeceram foram mantidos nas suas funções. No entanto, o exame dos dados relativos a outras categorias, tais como os anciãos e os pioneiros — que detalharei mais à frente —, permite afirmar que os irmãos carregam a responsabilidade direta por esta taxa de injeção particularmente elevada entre os irmãos.

Seguidamente, os irmãos mencionam de novo as autoridades superiores, recordando que os líderes de muitos países exigem a vacinação e que nos cabe manifestar-lhes respeito, colocando o capítulo treze da carta aos Romanos como alicerce. Reitero-o: a realidade jurídica é que a obrigação vacinal se revelava ilegítima e colidia de frente com os direitos fundamentais de que goza cada cidadão. Os líderes que ratificaram tais decretos violaram a constituição do seu próprio país, enveredando por caminhos ilegais. Perante tal abuso de poder, qualquer cidadão tem fundamento para recorrer aos tribunais a fim de fazer valer os seus direitos; nenhum governo pode constranger os seus administrados a participar em experimentações médicas.

De facto, assim como vos expus e como atestam os milhares de cartas que vos chegaram, a consciência individual prevalece sobre as exigências das autoridades superiores. Nenhum dos nossos companheiros recusa a injeção por espírito de sedição para com o Estado, mas unicamente por fidelidade à sua consciência cristã.

Suster que deveríamos aceitar a administração de substâncias experimentais pelo único motivo de os líderes o ordenarem é um argumento desprovido de fundamento. Contudo, em momento algum os irmãos fazem menção da consciência, limitando-se a afirmar que, perante a coação, a obediência se impõe. Esta omissão deliberada é reveladora: demonstra que tomaram o partido de incitar toda a comunidade mundial à vacinação, sem lhe expor de maneira equilibrada os princípios bíblicos que regem tal situação.

Estes princípios estão, no entanto, claramente enunciados em várias das nossas publicações; por que razões os passam debaixo de silêncio? A título de exemplo, o artigo de *A Sentinela* de 1 de maio de 1996, páginas 15 a 20, intitulado “Pague a César o que é de César”, estipula o seguinte:

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1996332>

«Naturalmente, a preocupação primária dos servos de Jeová é pagar de volta a Deus as coisas de Deus. (Salmo 116:12-14) Ao fazerem isso, porém, não se esquecem de que Jesus disse que eles têm de render certas coisas a César. Sua consciência treinada pela Bíblia exige que considerem com oração até que ponto podem pagar de volta a César o que ele demanda. (Romanos 13:7) Nos tempos modernos, muitos juristas reconhecem que o poder governamental tem limites, e que o povo e os governos em toda a parte estão sujeitos à lei natural.

O apóstolo Paulo referiu-se a esta lei natural quando escreveu a respeito das pessoas do mundo: “Aquilo que se pode saber sobre Deus é manifesto entre eles, porque Deus lho manifestou. Pois as suas qualidades invisíveis são claramente vistas desde a criação do mundo em diante, porque são percebidas por meio das coisas feitas, mesmo seu sempiterno poder e Divindade, de modo que eles são inescusáveis.” Quando descrentes aceitam a lei natural,

esta até afeta a consciência deles. De modo que Paulo disse adicionalmente: “Sempre que pessoas das nações, que não têm lei, fazem por natureza as coisas da lei, tais pessoas, embora não tenham lei, são uma lei para si mesmas. Elas é que são quem demonstra que a matéria da lei está escrita nos seus corações, ao passo que a sua consciência lhes dá testemunho.” — Romanos 1:19, 20; 2:14, 15.

No século 18, o famoso jurista inglês, William Blackstone, escreveu: “Esta lei da natureza [a lei natural], sendo coeva da [mesma idade da] humanidade e ditada pelo próprio Deus, é, naturalmente, superior em obrigatoriedade a qualquer outra. É válida em todo o globo, em todos os países, em todas as épocas: não há leis humanas que sejam de qualquer validade se forem contrárias a esta.” Blackstone prosseguiu, falando sobre a “lei revelada”, conforme encontrada na Bíblia, e comentou: “Destas duas bases, a lei da natureza e a lei de revelação, dependem todas as leis humanas; quer dizer, não se deve admitir nenhuma lei humana que as contradiga.” Isto está em harmonia com o que Jesus disse sobre Deus e César, conforme registrado em Marcos 12:17. É evidente que há campos em que Deus limita o que César pode exigir do cristão. O Sinédrio desviou-se exatamente para tal campo quando ordenou aos apóstolos que parassem de pregar a respeito de Jesus. Por isso, os apóstolos responderam corretamente: “Temos de obedecer a Deus como governante antes que aos homens.” — Atos 5:28, 29. »

Fica assim evidente, de forma inequívoca, que a obrigação vacinal colide de frente com os princípios da “lei natural”. Embora este artigo desenvolva outras ilustrações, ele põe em evidência que a autoridade de “César” sofre limites objetivos e não poderia, em caso algum, suplantar a consciência individual. Por que razões é que esta verdade bíblica foi passada debaixo de silêncio no momento exato em que deveria ter guiado a nossa reflexão?

Tendo esta realidade sido ocultada, a comunidade foi indevidamente levada a crer que uma obediência cega se impunha em nome do capítulo treze da carta aos Romanos. Poderão os irmãos fazer abstração de décadas de ensinamentos registados nas nossas publicações sobre este assunto? É manifesto que estão a torcer o sentido das Escrituras a fim de apoiar uma linha de conduta preestabelecida a favor da vacinação. Tal abordagem reveste-se de uma gravidade espiritual extrema, visto que as verdades bíblicas devem ser expostas com retidão, e não dissimuladas.

Seguidamente, o irmão Lett declara:

«Isto permitiu que a família de Betel participasse na refeição da Escola de Gileade e assistisse à formatura que teve lugar a 11 de setembro. Nenhum convidado de fora de Betel esteve presente nestes dois eventos.

Além disso, os membros da família de Betel dos Estados Unidos totalmente vacinados receberam permissão para tirar férias para visitar as suas famílias e amigos, tomando as precauções apropriadas enquanto estão fora de Betel.

De facto, até à data de 24 de setembro, mais de 3.975 membros da família de Betel dos Estados Unidos totalmente vacinados viajaram em agosto e setembro.

Ao regressarem a Betel, eles respeitam medidas de confinamento adaptadas e, alguns dias mais tarde, são testados para a Covid-19.

Dos 3.975 testados, apenas 4 casos de Covid foram detetados. Dois deles contraíram uma forma leve durante as suas férias e já estavam recuperados antes de voltar a Betel. Os outros dois que testaram positivo no seu regresso também tiveram sintomas leves que desapareceram rapidamente. Todos os quatro estão completamente recuperados.

Temos a alegria de vos dizer que esta disposição será em breve alargada aos betelitas na maioria das nossas filiais em todo o mundo. Estamos em condições de aplicar esta

disposição nas filiais onde mais de 90% da família de Betel esteja totalmente vacinada.»

Fica claramente evidente que o incentivo à vacinação se tornou sistemático a partir do momento em que foi fixado o objetivo de 90%, o que exerceu uma restrição moral temível sobre aqueles que se recusavam. Quem aceitaria de bom grado ser estigmatizado no seio dos “famosos 10%” marginais? A privacidade daquele que escolhia não se vacinar era, assim, relegada à condição de ato de insubmissão para com a autoridade e de desconfiança em relação à organização.

Além disso, a suspensão das férias e das visitas familiares em Betel, condicionada ao alcance deste limiar de 90%, instalou um clima pesado. Como podia um cristão resolvido a preservar a sua integridade física progredir em tal ambiente?

Imaginemos a cena durante uma adoração matinal em Betel: “Queridos irmãos, a taxa de vacinação no seio da nossa comunidade atingiu agora os 88%. Basta-nos progredir 2% para que as restrições sejam levantadas, permitindo-nos finalmente reencontrar as nossas famílias e os nossos entes queridos.” (Aplausos unânimes do auditório).

Num contexto destes, os raros companheiros não vacinados viam-se investidos da culpa de impor a toda a comunidade a continuação do confinamento devido às suas escolhas terapêuticas pessoais. Tal método afasta-se do respeito devido aos sentimentos e à liberdade de consciência alheia. Impõe-se, então, uma pergunta legítima: era concedida a estes irmãos a liberdade de deixar Betel, ou ficavam confinados aos seus quartos até que a sua resolução fraquejasse? Irão os irmãos pretender ainda que as decisões individuais eram plenamente honradas?

Sob o efeito deste boletim informativo, muitos pais que inicialmente recusavam estas injeções para si mesmos e para os seus filhos resignaram-se a submeter-se a elas, cedendo unicamente à pressão psicológica que os irmãos exerceram. Detalharemos este aspeto mais adiante.

Fixemos agora a nossa atenção no boletim informativo número 9 do ano de 2021, a fim de analisar o teor das vossas declarações.

ATUALIZAÇÃO DO CORPO GOVERNANTE N.º 9 DE 2021 APRESENTADA POR DAVID SPLANE



[https://www.jw.org/finder?
srcid=share&wtlocale=TPO&link=docid-702021088_1_VIDEO](https://www.jw.org/finder?srcid=share&wtlocale=TPO&link=docid-702021088_1_VIDEO)

Caso o link acima não funcione: <https://ody.sh/xSjXTnLzwf>

«Hoje, convido-vos a refletir sobre a bondade de Jeová e sobre a forma como ele guia o seu povo durante a pandemia.

Tenho a certeza de que todos concordamos com o que diz o escritor do Salmo 27:13: ‘Se eu não tivesse fé em que veria a bondade de Jeová na terra dos viventes...’ ‘Onde estaria eu?’ Isto merece reflexão, não acham?

Que felicidade pertencer à organização de Jeová e receber a sua direção e os seus conselhos! Perguntamo-nos onde estaríamos sem ela, neste mundo completamente perdido e dividido!

Com os olhos da fé, conseguem ver Jeová a dirigir o seu povo hoje?

Bem, sabemos que ele se preocupa com o nosso bem-estar espiritual. Mas e quanto ao nosso bem-estar físico, a nossa saúde? Será que ele se preocupa com isso? E, nesse caso,

como é que ele faz para nos dar bons conselhos mesmo nessa área?»

É ali afirmado que “Deus guia-nos para continuarmos na terra dos viventes”, e aceitar isso faz parte da própria essência da fé. Certamente, ninguém poderia discordar disso, mas é precisamente aí que surgem as dificuldades. O irmão Splane levanta então a questão de saber se a direção divina — transmitida por intermédio da sua organização — abrange “o nosso bem-estar físico, a nossa saúde”.

Nenhum de nós ignora o teor da resposta! Esta está, aliás, registada de maneira explícita no artigo de *A Sentinela* de 2015 que mencionei anteriormente, onde é estipulado:

«7 Nem a comissão de filial nem os anciãos da congregação têm autoridade para ditar a decisão de uma Testemunha de Jeová quanto a tratamentos médicos, mesmo que ela pergunte o que deve fazer. (Gál. 6:5) É claro que eles podem trazer à atenção dela princípios bíblicos que talvez influenciem a sua decisão.»

À evidência, não vos cabe substituir o nosso livre-arbítrio, sendo essa a vontade expressa de Jeová. No entanto, será esse o sentido das palavras do irmão Splane? Ele prossegue nestes termos:

«Para responder, refletamos na promessa que Jeová faz no Salmo 32:8. Conhecemos este versículo, mas vamos analisá-lo sob um ângulo particular. Portanto, Salmo 32:8. Lemos: ‘Eu — [é Jeová quem fala] — vou dar-te perspicácia e instruir-te no caminho em que deves andar. Vou aconselhar-te com os meus olhos fixos em ti.’ Portanto, aqui, Jeová promete-nos que nos dará os conselhos de que necessitamos.

Mas conselhos sobre que assunto? Na época dos israelitas, será que Jeová se preocupava com a saúde e a segurança dos seus adoradores? Claro que sim! Ele disse-lhes para colocarem os doentes de quarentena, para não comerem certos animais porque podiam transmitir-lhes doenças ou causar-lhes outros problemas de saúde.

Ele disse-lhes para construírem um parapeito ao redor do seu terraço para que ninguém caísse.

Ele amava o seu povo e queria protegê-lo. Jeová não mudou. Ele ainda se preocupa com a saúde e a segurança dos seus servos. E no salmo que acabamos de ler, ele promete dar-nos perspicácia, instruir-nos e aconselhar-nos.

Como é que ele faz isso hoje? Nos nossos dias, ele utiliza a sua organização. Em alguns países, há desacordos e debates sem fim sobre a forma de gerir a pandemia.

As pessoas já não querem ouvir falar de máscaras e já não respeitam o distanciamento físico, mesmo onde essas medidas são necessárias.

Isso faz-nos pensar no que o apóstolo Paulo escreveu em 1 Coríntios 14:33. Conhecemos bem este versículo. ‘Deus não é Deus de desordem, mas de paz’, diz a Bíblia.

Quando vemos a desordem que há no mundo, é evidente que Jeová não o apoia. Mas nós, graças à organização de Jeová, recebemos instruções claras desde o início. E agradecemos a Jeová por isso.

Como prova, os Friss hírek a vezetőtestületől* que recebemos recentemente do Corpo Governante. Que direção cheia de amor Jeová nos dá, que bondade da sua parte! No último boletim informativo, o irmão Lett disse algo de muito importante.

Ele destacou que as informações que nos são dadas a respeito da pandemia vêm dos nossos irmãos, portanto, de pessoas dignas de confiança. Elas não são influenciadas por ideias pessoais ou opiniões políticas.»

O nosso companheiro apoia-se no livro dos Salmos para recordar que Jeová nos instrui no “caminho em que devemos andar”. Invoca a seguir, a título de ilustração, as medidas profiláticas da Lei mosaica. Certamente, ninguém contesta que Jeová tenha inspirado esses preceitos a Moisés; essas orientações eram divinamente inspiradas e transmitidas por intermédio de um anjo. No entanto, a vossa argumentação pressupõe que Jeová opera hoje de maneira idêntica,

dispensando-nos diretrizes sanitárias por meio do canal da sua organização.

Ao assimilarem as vossas próprias recomendações a decretos divinos divinamente inspirados e portados por mensageiros celestes, insinuam indevidamente beneficiar de inspiração divina. Tal pretensão revela-se manifestamente infundada e entra em contradição direta com as verdades enunciadas nas nossas próprias publicações, que registei mais acima. Os irmãos instrumentalizam, assim, o nome de Deus para dobrar a vontade dos vossos ouvintes.

São seguidamente evocados o uso de máscara e o distanciamento físico, precauções às quais nenhum dos irmãos do meu conhecimento se opôs, como já sublinhei. Este condicionamento assemelha-se a uma preparação psicológica do auditório com vista às declarações posteriores. Depois, os irmãos mencionam a confusão reinante no mundo para demonstrar que este está desprovido da direção de Jeová. Por meio deste contraste, sugerem explicitamente que os nossos companheiros que dessem ouvidos a opiniões divergentes se afastariam da orientação divina, afirmando deliberadamente que “a organização dá-nos instruções claras, ao contrário do mundo”.

Quais são, então, essas instruções claras? Esta é a pergunta legítima que se impõe a cada um de nós. A que é que o irmão Splane se refere precisamente? Limita-se a evocar as máscaras e as medidas de distanciamento?

Ele recorda que os boletins informativos do Corpo Governante nos dispensam orientações, acrescentando que o irmão Lett terá declarado, no boletim informativo número 8 do ano de 2021, que nos cabia depositar a nossa confiança nos nossos irmãos, bem como nos dados que eles apresentavam. Ora, o que formulou exatamente o irmão Lett? Os seus termos exatos foram os seguintes:

«Mas, para começar, tenho alguns dados importantes a respeito da vacinação contra a Covid-19 para vos transmitir. Nós amamos-vos realmente muito a todos e trata-se de uma questão de vida ou de morte: por isso, decidimos partilhar convosco o que sabemos sobre este assunto.

[Ele evoca muitos dados que incentivam a vacinação e continua].

Pode, portanto, ser difícil saber em quem acreditar. Mas os números que acabamos de dar foram relatados pelos nossos irmãos, por isso podemos ter confiança.»

Fica evidente, de toda a certeza, que o irmão Splane se refere à vacinação, e de modo algum apenas às medidas de distanciamento físico ou ao uso de máscara. Irão os irmãos pretender ainda negar que orquestram a promoção destas injeções por vias indiretas? Induzem nos nossos companheiros a ideia de que recusar a vacinação equivale a rejeitar os conselhos divinos. É indubitavelmente por esta razão que o irmão Splane tratou especificamente da escolha vacinal, argumentando que as estatísticas apresentadas o tinham convencido pessoalmente a dar esse passo.

Sendo assim, o irmão Splane expressa-se nestes termos:

«E eles amam-nos. Querem o melhor para nós. Alguém poderia dizer: ‘Será que eles sabem realmente do que estão a falar?’ Mas, no fundo, a verdadeira pergunta não será antes: ‘Será que Jeová sabe do que está a falar?’

Para dizer as coisas de outra forma: ‘Será que eu acredito realmente que Jeová dirige a sua organização? Estou convencido de que Jeová dá perspicácia aos seus servos para que continuem na “terra dos viventes”, como diz o salmo?’»

Fica incontestável que, nesta etapa, os irmãos eram objeto de milhares de cartas de protesto por terem encorajado a vacinação. Estas objeções apoiavam-se nas Escrituras, de tal modo era manifesto que se afastavam da verdade. Manifestamente, estas correspondências que punham em luz as vossas falhas importunaram-vos, assim como concede o irmão Splane quando formula esta interrogação: “Alguém poderia dizer: ‘Será que eles sabem realmente do que estão a falar?’”

Perante estes alertas, a sabedoria deveria ter-vos conduzido a admitir que ultrapassavam as vossas prerrogativas ao tentarem impor as vossas escolhas pessoais, assim como muitos companheiros vos fizeram notar com benignidade.

Contudo, os irmãos sustentam que a verdadeira pergunta a dirigir àqueles que formularam essas observações é, em realidade: “Será que Jeová sabe do que está a falar?”.

Por esta fórmula, pressupõem de maneira implícita que a promoção vacinal a que se entregam emana diretamente de Jeová, e que contestar as vossas orientações equivale a contestar a própria soberania divina. Como podem pretender que quem quer que questione as vossas decisões está, em realidade, a questionar a Deus? Se o Altíssimo apoiasse as diligências que recomendam, estas não poderiam ser invalidadas pela sua Palavra inspirada. A menos que se considere que Jeová se possa contradizer a si mesmo.

Atribuir a si mesmo uma forma de inspiração divina em decisões de ordem secular reveste-se de um carácter particularmente alarmante e profano. Nenhum de vós foi o recetor de uma revelação teocrática direta, à semelhança de Moisés, para formular tais asserções. Cabe-vos, ao mesmo título que ao conjunto das Testemunhas de Jeová, conformarem-se estritamente com as Escrituras e com os ensinamentos registados nas nossas publicações. Ora, por repetidas vezes, estas últimas recordam com clareza que as escolhas terapêuticas pertencem ao estrito domínio privado e que nunca nos cabe dobrar a vontade alheia.

Em realidade, os irmãos instilam a ideia de que recusar os tratamentos médicos de que orquestram a promoção equivale a duvidar da direção divina concedida aos seus servos fiéis. Tal acusação assemelha-se a calúnia, visto que lançam publicamente o descrédito sobre aqueles que se afastam das vossas perspectivas, tachando-os de carecer de fé no Criador. A gravidade de tal procedimento é extrema: a piedade dos nossos companheiros encontra-se assim posta em causa pelo único motivo de recusarem submeter-se a uma terapêutica mundial altamente controversa.

Os irmãos ensinam, deste modo, que consentir na injeção equivale a consentir na vontade divina. À inversa, a vontade de Deus, tal como é explicitada na Bíblia e nas publicações cristãs, exige que cada indivíduo determine a sua conduta em total liberdade. Nenhum tratamento médico deveria ser objeto de uma apologia teocrática, pertencendo o conjunto destas questões à consciência individual, assim como demonstrei.

Para justificar a vossa postura, o irmão Splane introduz em seguida um raciocínio totalmente alheio às Escrituras e desprovido de lógica. Ao ouvir estas palavras, a estupefação disputou o lugar com a

incompreensão, de tal modo tal argumentação se revela aberrante e prejudicial para a comunidade. Ele declara nestes termos: "Para retomar uma pergunta que fazemos frequentemente na pregação: 'Será que Deus se preocupa realmente conosco?'

«Permitiria Jeová que o Corpo Governante e os seus ajudantes, os missionários, a imensa maioria dos betelitas e outros servos de tempo integral seguissem medidas de proteção ou recebessem uma vacina se isso fosse perigoso para eles?

Uma coisa é certa: Jeová quer que os irmãos da sede mundial continuem a produzir o alimento espiritual. Ele faz questão de que a atividade dos Betéis e a pregação continuem.

E, para isso, devemos continuar na 'terra dos vivos'.

E o que dizer da profecia que anuncia que uma 'grande multidão, que nenhum homem era capaz de contar,' virá da grande tribulação? O nosso Deus não tem nada a ver com o faraó do Egito, que quis exterminar toda uma geração de adoradores de Jeová.

Estamos absolutamente seguros de que Jeová se preocupa com a saúde e a segurança dos seus servos, e de que ele nos guia, um pouco como se nos dissesse: 'Este é o caminho. Andem nele.'»

A aberração deste raciocínio revela-se a tal ponto estonteante que fui constringido a visionar esta sequência por várias vezes, de tanta incredulidade que me invadia. O pressuposto que ela veicula sugere que, se a maioria das Testemunhas de Jeová se submete à vacinação e Jeová o tolera, essa terapêutica não poderia ser deletéria nem causar o menor prejuízo.

A profecia relativa à grande multidão é assim invocada para apoiar esta tese.

Ora, esta profecia estipula no livro do Apocalipse:

Apocalipse 7:9-17

Depois disso eu vi uma grande multidão, que nenhum

homem era capaz de contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de compridas vestes brancas, e havia folhas de palmeiras nas suas mãos. Clamavam em alta voz: “Devemos a salvação ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro.” Todos os anjos estavam em pé ao redor do trono, dos anciãos e das quatro criaturas viventes; e eles se prostraram com o rosto no chão diante do trono e adoraram a Deus, dizendo: “Amém! O louvor, a glória, a sabedoria, o agradecimento, a honra, o poder e a força sejam ao nosso Deus para todo o sempre. Amém.” Em vista disso, um dos anciãos me disse: “Quem são esses que vestem compridas vestes brancas, e de onde vieram?” Assim, eu lhe disse imediatamente: “Meu senhor, é o senhor quem sabe.” Ele me disse: “Esses são os que saem da grande tribulação; eles lavaram suas vestes compridas e as embranqueceram no sangue do Cordeiro. É por isso que estão diante do trono de Deus, e lhe prestam serviço sagrado dia e noite no seu templo; Aquele que está sentado no trono estenderá a sua tenda sobre eles. Não terão mais fome, nem terão mais sede; e nem o sol nem o calor abrasador os castigarão, porque o Cordeiro, que está no meio do trono, os pastoreará e os guiará a fontes de água da vida. E Deus enxugará toda lágrima dos olhos deles.”»

O argumento do irmão Splane pressupõe que, visto que uma “grande multidão” deve imperativamente atravessar viva a grande tribulação para receber a sua recompensa, esta substância não poderia revelar-se nociva; se assim fosse, o próprio cumprimento da profecia ver-se-ia comprometido. Ora, este raciocínio procede exatamente da mesma lógica que a empregada por Satanás quando tentou Jesus no deserto. O Diabo citou então o Salmo noventa e um a Cristo, intimando-o:

Mateus 4:6

«e lhe disse: “Se você é filho de Deus, jogue-se para baixo, pois está escrito: ‘Ele dará aos seus anjos uma ordem referente a você’ e ‘Eles o carregarão nas mãos, para que não bata com o pé numa pedra’.”»

O raciocínio do Diabo consistia em afirmar que, visto que os Salmos atestavam que o Cristo se beneficiaria da proteção de mensageiros celestiais e que a profecia devia se cumprir sem falta, ele podia se lançar

no vazio sem temer o menor ferimento. No entanto, o Cristo deu-lhe esta resposta:

Mateus 4:7

«Jesus lhe disse: “Também está escrito: ‘Não ponha Jeová, seu Deus, à prova.’”»

O Cristo rejeitou categoricamente esse raciocínio falacioso. Sendo assim, meus irmãos, ao propagarem tal argumentação no decorrer deste ponto de atualidade, vocês estão incitando toda a comunidade a pôr Jeová à prova. Essa conclusão não procede do meu próprio julgamento, mas sim das próprias declarações de Jesus Cristo.

É verdade que todos nós ansiamos continuar na “terra dos vivos”; no entanto, a que interpretação dos Salmos devemos nos ajustar: à de Satanás ou à do Filho de Deus? Visto que está estabelecido que essas substâncias têm caráter experimental e que muitos profissionais de saúde emitiram alertas quanto à sua segurança, a escolha de tomar a injeção envolve inegavelmente um risco. Contudo, vocês sugerem que se submeter à vacinação para se alinhar com a maioria, apesar dos perigos identificados, atrairá a bênção divina e nos protegerá de qualquer dano sob o argumento de que uma profecia precisa se cumprir. Ora, agir dessa forma é precisamente tentar a Deus, o oposto do que Jesus Cristo ensinou. Trata-se de uma verdade espiritual elementar, um fundamento da instrução cristã.

Foi profundamente lamentável ouvir tal argumentação. A fragilidade desse raciocínio é tão manifesta que lança descrédito sobre a sua aptidão para ensinar a Palavra de Deus. A esse respeito, o texto sagrado contém outro exemplo, curiosamente omitido, que se enquadra diretamente na sequência dessa reflexão. Esse relato encontra-se na conclusão longa do Evangelho de Marcos, ausente em alguns manuscritos antigos, no capítulo dezesseis.

Marcos 16:18

«com suas mãos apanharão serpentes, e, se beberem algo mortífero, isso não lhes fará nenhum mal. Porão suas mãos sobre doentes, e eles ficarão bons.»

Esse trecho declara que aqueles que exercem fé poderão ‘pegar em serpentes venenosas e beber qualquer coisa mortal’ sem sofrer dano algum. Ora, essa mensagem é indevidamente atribuída a Jesus Cristo.

Hoje em dia, certos movimentos religiosos, como o “Movimento de Santidade”, expõem-se voluntariamente a picadas de répteis baseando-se cegamente nessa variante textual apócrifa, o que resulta na morte por envenenamento de muitos de seus fiéis. Estes últimos consideram precisamente o manejo de criaturas venenosas como a expressão máxima de sua devoção.

Será que os líderes dessas comunidades transmitem a verdade? Será que esse desfecho falacioso do Evangelho de Marcos é inspirado pelo Altíssimo ou procede de uma artimanha do Diabo para desencaminhar os crentes?

Os conceitos que vocês veicularam por meio do irmão Splane mostram-se totalmente errôneos e se desviam dos ensinamentos autênticos das Escrituras; eles partilham da mesma falsidade que essa conclusão apócrifa de Marcos. Em vez de ecoarem as palavras de Jesus, vocês passaram a propagar uma lógica análoga à do Tentador, o que constitui o cúmulo absoluto. Como um desvio doutrinal desse nível pôde ser validado?

Sob a influência desse ensino, muitos companheiros de adoração consentiram em tomar a injeção e viram sua saúde ser prejudicada, convencidos de que estavam atendendo a um requisito divino. Esses irmãos e irmãs tinham a certeza de que seriam divinamente protegidos, apesar dos riscos que percebiam objetivamente. Na realidade, nossos companheiros se expuseram a essa “picada”, persuadidos de que cumpriam a vontade de Jeová.

Sendo assim, não nos cabe de modo algum zombar da cegueira daqueles que manipulam serpentes, pois nossos próprios irmãos foram levados a adotar uma atitude similar sob o impulso de vocês, aceitando ingerir o que, ainda assim, assimilavam a um “veneno”.

Antes de prosseguir com o exame dos pontos de atualidade, desejo abrir um breve parêntese a fim de sintetizar as conclusões que se impõem diante dos elementos analisados até o momento.

PRIMEIRO PARÊNTESE

O APÓSTOLO PAULO, OS GÁLATAS E A SUA ATITUDE

A primeira etapa da minha abordagem consiste em revisar os solenes lembretes do apóstolo Paulo ao registrar a sua carta aos Gálatas. O apóstolo introduz as suas palavras nestes termos:

Gálatas 1:6-9

«Estou admirado de que vocês estejam se afastando tão depressa Daquele que os chamou com a bondade imerecida de Cristo, para seguirem outro tipo de boas novas. Não que haja outras boas novas, mas há alguns que estão perturbando vocês e querendo distorcer as boas novas a respeito do Cristo. No entanto, mesmo que um de nós ou um anjo do céu lhes declare como boas novas algo além das boas novas que lhes declaramos, que ele seja amaldiçoado. Como acabamos de dizer, digo agora novamente: Quem quer que esteja lhes declarando como boas novas algo além daquilo que vocês aceitaram, seja amaldiçoado.»

É evidente que o apóstolo Paulo sentia uma profunda preocupação diante da influência de homens de destaque que promoviam a circuncisão nas congregações da Galácia. A sua apreensão com respeito às ações dessas figuras proeminentes era tamanha que ele chegou a proclamar que, se “um anjo do céu declarasse como boas novas algo além do que está escrito, que seja amaldiçoado”. Desse modo, ele indicava aos gálatas que deviam se guardar de qualquer confiança cega, fosse em sua própria pessoa, fosse em relação aos seus companheiros. Paulo pretendia enfatizar com força que nunca devemos nos deixar subjugar pelo prestígio ou pela autoridade de um indivíduo, uma ideia central que ele reitera repetidas vezes e sob diversas formas ao longo de sua carta. A fim de fixar definitivamente essa verdade na mente deles, ele relata mais adiante uma experiência instrutiva:

Galates 2:1-8

«Então, 14 anos depois, subi novamente a Jerusalém, com Barnabé, levando também Tito comigo. Subi por causa de uma revelação, e eu apresentei aos irmãos as boas novas que estou pregando entre as nações. Mas fiz isso em particular, diante dos homens que eram bem-conceituados, para ter certeza de que eu não estava correndo, ou não tivesse corrido, em vão. Contudo, nem mesmo Tito, que estava comigo, foi obrigado a ser circuncidado, embora

fosse grego. Mas essa questão surgiu por causa dos falsos irmãos introduzidos sorrateiramente, que se infiltraram para espionar a liberdade que desfrutamos em união com Cristo Jesus, a fim de nos escravizar completamente; não cedemos a eles, não, nem por um momento, para que a verdade das boas novas continuasse com vocês. Mas, quanto aos que pareciam importantes — o que eles eram não faz diferença para mim, pois Deus não julga o homem pela aparência —, esses homens bem-conceituados não me transmitiram nada de novo. Pelo contrário, quando viram que eu tinha sido incumbido das boas novas aos incircuncisos, assim como Pedro tinha sido aos circuncisos — pois aquele que deu a Pedro os poderes necessários para um apostolado aos circuncisos deu também a mim poderes para com os que são das nações»

O apóstolo Paulo enfatiza por meio desse relato que, não obstante a preeminência e a autoridade desses personagens, a posição deles pouco lhe importava. Ele lembra, com toda a razão, que o Altíssimo não se deixa levar pelas aparências, ecoando as verdades atemporais registradas em 1 Samuel 16:7:

1 Samuel 16:7

«Mas Jeová disse a Samuel: “Não olhe para a sua aparência nem para a sua altura, pois o rejeitei. Porque Deus não vê como o homem vê; o homem vê a aparência, mas Jeová vê o coração.”»

Naturalmente, tal postura não poderia ser assimilada a uma falta de respeito para com os apóstolos. O exame do texto no seu contexto revela que Paulo exortava os gálatas a não se deixarem intimidar, mesmo por colunas da congregação, caso estes se desviassem da verdade das boas novas. É precisamente por essa razão que ele relata a firmeza que demonstrou, recusando-se a ceder diante dos judaizantes na congregação de Jerusalém.

Essa oposição resoluta perante membros influentes da comunidade de Jerusalém — combate no qual, segundo as suas próprias palavras, ele não “cedeu por submissão, nem por uma hora sequer”, a fim de preservar “a verdade das boas novas” — constituía uma lição explícita para os gálatas. Ele indicava-lhes, sem ambiguidade, a conduta a adotar quando uma figura de autoridade se afastava das verdades reveladas.

Desejoso de fixar definitivamente essa diretriz, o apóstolo leva a demonstração mais longe ao relatar o seu desacordo com Pedro, um dos representantes mais proeminentes e universalmente reconhecidos da comunidade cristã primitiva.

Gálatas 2:11-14

«No entanto, quando Cefas chegou a Antioquia, eu me opus a ele face a face, porque ele estava claramente errado. Pois, antes da chegada de certos homens da parte de Tiago, ele comia com pessoas das nações; mas, quando eles chegaram, parou de fazer isso e se separou dessas pessoas, temendo os da classe circuncisa. Os outros judeus também se juntaram a ele nesse fingimento, de modo que até mesmo Barnabé se deixou levar pelo fingimento deles. Mas, quando vi que eles não estavam andando de acordo com a verdade das boas novas, eu disse a Cefas na frente de todos eles: “Se você, embora seja judeu, vive como as nações, e não como os judeus, como pode obrigar as pessoas das nações a viver segundo as práticas judaicas?”»

O apóstolo Pedro sabia muito bem que o Altíssimo aceitava agora as pessoas das nações, visto que ele próprio tinha sido o instrumento escolhido no caso de Cornélio e recebera visões explícitas a esse respeito. Infelizmente, cedendo à influência de terceiros, ele acabou por se isolar e rejeitar os crentes de origem gentia e incircuncisos. A autoridade de que Pedro desfrutava era tão considerável que a sua atitude arrastou toda a congregação nesse desvio. Diante dessa deriva, Paulo confrontou-o com uma correção pública, constatando que ele não estava andando diretamente de acordo com a verdade das boas novas.

Esses relatos heráldicos nos ensinam que, independentemente da posição daquele que se desvia, mesmo que seja uma coluna da congregação da estatura de Pedro, uma repreensão mostra-se não apenas possível, mas imperativa. Se Jeová cuidou para que esses fatos fossem preservados no texto sagrado, é precisamente para nos traçar uma linha de conduta idêntica quando confrontados com uma falha análoga. Há, contudo, outra lição, mais sutil, que desejo colocar em destaque.

Na sua carta, Paulo censura Pedro por ter “forçado” as pessoas das nações a viver como os judeus. Seria correto imaginar Pedro intimando

verbalmente a assistência a não mais partilhar a mesa com os cristãos incuncisos? Terá sido essa a sua atitude? Militou ele abertamente em favor dessas restrições?

Na realidade, Pedro mantinha um silêncio absoluto, mas a eloquência das suas ações supria as suas palavras. A sua postura traduzia explicitamente o seu pensamento, sem que ele precisasse articular uma única sílaba. Com certeza, se Pedro tivesse tentado se justificar perante Paulo argumentando: “Não dei nenhuma diretriz, são os outros que interpretam mal as minhas ações”, tal desculpa teria sido considerada falaciosa, e podemos nos alegrar por ele não ter tentado encobrir a sua falta.

O paralelo com a atitude de vocês é impressionante. Nos pontos de atualidade 6 a 9 do ano de 2021, é verdade que vocês nunca ordenaram de forma literal que alguém se submetesse à injeção. Isso é uma realidade fatual. No entanto, esse argumento formal mostra-se ilusório: ao ouvirem esses pontos de atualidade, todos os irmãos e irmãs entenderam legitimamente que a vacinação condicionava a nossa permanência na “terra dos viventes”. Essa foi a interpretação unânime da comunidade. Cada ponto de atualidade foi metodicamente orquestrado para incutir a ideia de que essas terapias constituíam a única via validada pela organização.

Susterão vocês que essa não era a sua intenção e que os milhões de fiéis que assistiam a esses programas foram vítimas da sua própria imaginação? Alegarão que respeitavam o livre-arbítrio de cada um sem exercer a menor coerção psicológica?

Por meio dos pontos de atualidade 6 a 9 de 2021, vocês abdicaram da sua neutralidade cristã para se intrometerem num debate secular que escapava totalmente às vossas prerrogativas. Além disso, revestidos da vossa autoridade, exerceram uma forma de intimidação moral para inclinar as consciências ao alinhamento. Até este ponto da minha análise, a vossa falta apresenta semelhanças com a de Pedro, embora já a supere em método.

De fato, se Pedro falhou sob o impacto da pressão social, é impensável imaginar que ele tenha tentado conceituar o seu erro, ou que tenha tentado legitimá-lo perante Paulo erguendo a sua falha à categoria de doutrina. Vocês, em contrapartida, apesar das numerosas cartas de protesto que recebiam, persistiram com rigor administrativo, ponto de

atualidade após ponto de atualidade, em impor orientações contrárias às Escrituras. Vocês chegaram a ocultar princípios bíblicos cardeais e a alterar de forma indigna o alcance de vários textos sagrados, instrumentalizando o nome divino para suscitar temor e exigir submissão.

Em outras palavras, embora tenham evitado ordens diretas, a vossa responsabilidade mostra-se muito mais pesada do que a de Pedro. A partir do ponto de atualidade número 10 de 2021, a gravidade das vossas ações suplantou definitivamente o erro do apóstolo, como demonstrarei mais adiante. A falta de Pedro pareceria quase venial em vista das declarações registradas nessa décima parte.

O objetivo geral da carta aos Gálatas encerra um ensino vital para os nossos dias. Vocês gostam de traçar um paralelo constante entre o vosso corpo diretivo e os apóstolos do primeiro século, reivindicando a sua herança e o seu modelo institucional. Sendo assim, que lição se deve tirar do fato de Paulo ter repreendido Pedro publicamente, perante a congregação reunida? Estaria Paulo animado por um espírito de rebelião ou de rancor? Seria ele movido pelo ciúme? Se a sua ação não devesse servir de exemplo, por que razão o espírito santo teria registrado tal exemplo nas Escrituras?

CARTA AOS CORPOS DE ANCIÃOS DE 27 DE SETEMBRO DE 2021

Outro elemento digno de nota reside na carta dirigida aos corpos de anciãos, enviada a todas as congregações nessa data específica, e da qual desejo colocar em destaque alguns pontos fundamentais. Essa correspondência abre-se com estas declarações:

«PARA OS ANCIÃOS

27 de setembro de 2021

1. **Vacinação contra a Covid-19 e respeito pelas autoridades superiores: A nossa preocupação e o nosso amor por vocês movem-nos a enviar esta comunicação importante (1 Cor. 12:25). Devido à atual pandemia, num número cada vez maior de países, as autoridades públicas estão a tornar a vacinação contra a Covid-19 obrigatória para os seus cidadãos, ou então a incentivá-la fortemente. Os recentes pontos de atualidade do Corpo Governante**

ajudaram o povo de Jeová a compreender o ponto de vista do escravo fiel sobre este assunto.»

Esta correspondência é focada na crise sanitária relacionada com a COVID-19 e no papel atribuído às autoridades superiores. Convém notar o uso específico da expressão “autoridades superiores” em detrimento do termo mais comum “governos”. Essa nuance semântica, embora sutil, esclarece de maneira límpida a finalidade da vossa atitude. O texto enuncia que as instâncias estatais “ordenam e incentivam fortemente” a vacinação aos cidadãos. Com certeza, tal injunção não seria por si só suficiente para constranger um cristão se a sua consciência treinada pela Bíblia se opusesse a isso, assim como as Escrituras e as nossas próprias publicações explicaram muitas vezes.

Contudo, na sequência desse preâmbulo, a carta estipula que os pontos de atualidade do Corpo Governante “ajudaram a compreender como o escravo vê a questão”. Estamos aqui diante de uma confissão inegável: os pontos de atualidade foram expressamente instrumentalizados para orientar a congregação a favor dessas terapias, materializando assim uma renúncia flagrante à neutralidade cristã em matéria médica e uma subserviência às potências deste mundo. Por meio desta diretriz, vocês exortavam os fiéis a pagar de volta a “César” o que pertence exclusivamente à soberania de Deus. Além disso, os vossos lembretes visavam explicitamente a vacinação, ultrapassando as simples recomendações relativas ao uso de máscara ou às medidas de distanciamento social.

A carta prossegue, então, nestes termos:

«2. Filiais relataram que alguns anciãos expressaram opiniões pessoais bem fortes ao criticarem a vacinação contra a Covid-19. Por que é que isso é preocupante? Romanos 13:1 explica que “as autoridades existentes foram colocadas nas suas posições por Deus”. Além disso, a nota de estudo sobre Romanos 13:5 diz o seguinte: “O cristão sujeita-se aos governos humanos desde que uma ordem não vá contra as leis de Deus.” Lemos em Romanos 13:2: “Quem se opõe à autoridade [pública], opõe-se à ordem de Deus.” Portanto, os anciãos devem ter o cuidado de não expressar nenhuma opinião pessoal que vá contra as instruções das autoridades superiores. Se um ancião tiver

essa atitude, deve parar imediatamente (Mat. 22:21; Rom. 13:4-7). Caso contrário, poderá tornar-se culpado de causar divisões na congregação.»

Por qual razão as filiais relatam que alguns anciãos expressaram a sua recusa em se submeter à vacinação? Não dispõem eles de livre-arbítrio para decidir sobre isso? Não têm eles o direito de declarar abertamente a sua posição? Por que lhes seria proibido expressar o teor da sua escolha?

Inversamente, surge uma questão legítima: será que inúmeros anciãos não formularam com força a sua firme resolução de se vacinarem?

Lembro-me de que, por ocasião das reuniões por videoconferência, alguns deles se vangloriavam publicamente do número de doses recebidas. Mais ainda, assim que um membro da congregação recebia a injeção, era objeto de felicitações públicas. Essas marcas de aprovação eram depois divulgadas nos grupos de mensagens da congregação, à vista de todos, significando sem ambiguidade que a vacinação era considerada como a única via justa e altamente incentivada.

Por que razão os anciãos que se expressam favoravelmente a respeito dessas terapias gozam de total liberdade, ao passo que aqueles que formulam a sua oposição são objeto de um relato por parte da filial? Tal assimetria de tratamento não constitui uma prova flagrante de parcialidade e injustiça? Não proclamou o apóstolo Pedro, contudo, que “Deus não é parcial”?

Esse estado de coisas demonstra de maneira irrefutável que a neutralidade em matéria de escolhas terapêuticas foi sacrificada. Se cada indivíduo possui o direito inalienável de decidir sobre a sua saúde e de mencionar as suas convicções, é, por outro lado, inadmissível tentar influenciar ou manipular outros para impor a sua própria escolha.

A carta qualifica como preocupante a atitude dos anciãos que anunciam a sua decisão de não recorrer à vacina. Em que é que isso é alarmante, tratando-se de uma opção pessoal perfeitamente legítima, razoável e baseada nas Escrituras?

A realidade é que as instâncias governamentais recomendam e exigem essa medida. Ora, assim como demonstrei, tal argumentação mostra-se profundamente falaciosa. Nenhum poder secular seria capaz de constranger um cristão a transgredir a sua consciência treinada pelas

Escrituras, visto que a autoridade da consciência sobrepuja a dos governos. O site jw.org encerra centenas de artigos que apoiam essa verdade há décadas. No entanto, vocês reiteram os mesmos sofismas, ocultando conscientemente os ensinamentos bíblicos indispensáveis para a preservação da nossa consciência cristã.

Romanos 13:1, 2

«Todos estejam sujeitos às autoridades superiores, pois não há autoridade sem a permissão de Deus; as autoridades existentes foram colocadas por Deus em suas posições relativas. Portanto, quem toma posição contra a autoridade toma posição contra a ordem estabelecida por Deus; os que tomam posição contra ela trarão condenação sobre si mesmos.»

Em que sentido um irmão que recusa a vacinação se opõe à autoridade civil? Se eu faço a escolha pessoal de rejeitar essa injeção, é movido pela certeza de que o meu corpo pertence a Deus, e não aos governantes políticos, e de que me recuso a introduzir nele substâncias que julgo contaminantes. Onde reside a rebelião em tal atitude? Jeová não conferiu de modo algum às potências seculares uma autoridade absoluta sobre as suas criaturas e a integridade do seu corpo. Aquele que recebeu a plenitude da autoridade é um só, e trata-se de Jesus Cristo, assim como ele próprio proclamou:

Mateus 28:18

«Jesus se aproximou e lhes disse: “Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra.»

Por qual razão deveríamos ceder a governantes terrestres, cujos dias estão contados, uma prerrogativa que o Pai conferiu exclusivamente ao seu Filho?

É nessa mesma lógica que o apóstolo Paulo declara ainda:

1 Coríntios 6:19, 20

«Vocês não sabem que o seu corpo é o templo do espírito santo, que está em vocês e que lhes foi dado por Deus? Além disso, vocês não pertencem a si mesmos, pois foram comprados por um preço. Portanto, glorifiquem a Deus no corpo de vocês.»

Irmãos, “não sabem que o vosso corpo é o templo do espírito santo” e que pertence somente a Deus? Ignoram que “vocês não pertencem a si mesmos” porque “foram comprados por um alto preço”? Nenhum governo deste mundo detém legitimidade sobre a nossa integridade física, visto que o nosso corpo permanece como propriedade exclusiva do Criador. Em suma, a aplicação que vocês fazem dos escritos de Paulo aos Romanos para impor o silêncio aos anciãos mostra-se teologicamente errônea e desprovida de qualquer fundamento.

Posteriormente, vocês invocam Romanos 13:5, sem contudo transcrever o texto na vossa correspondência, limitando-se a enunciar:

«a nota de estudo sobre Romanos 13:5 diz o seguinte: ‘O cristão sujeita-se aos governos humanos desde que uma ordem não vá contra as leis de Deus.’»

Por qual razão vocês omitiram a transcrição da passagem bíblica à qual fazem referência? Esse texto, contudo, enuncia:

Romanos 13:5

«Portanto, é necessário que vocês estejam em sujeição, não somente por causa dessa ira, mas também por causa da sua consciência.»

Através dessas linhas, Paulo indica de maneira límpida que o motor da nossa sujeição às autoridades seculares reside na “nossa consciência”, e não no mero temor da punição. Sendo assim, poderia o apóstolo nos exortar a obedecer aos governos se tal obediência violasse a nossa consciência? Manifestamente não.

Contudo, vocês passam por alto a noção de consciência para dar importância apenas às “leis de Deus”, referindo-se exclusivamente aos mandamentos escritos. Esquecem-se a esse ponto das declarações de Jeremias, que Paulo coloca em destaque na sua carta aos Hebreus, no capítulo 10?

Jeremias 31:33, 34

«Pois este é o pacto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias”, diz Jeová. “Porei a minha lei no seu íntimo e a escreverei no seu coração. E eu me tornarei o seu Deus, e eles se tornarão o meu povo.” “E não ensinarão mais cada um ao seu próximo e cada um ao seu irmão, dizendo: ‘Conheçam a Jeová!’ Porque todos eles me conhecerão,

desde o menor até o maior”, diz Jeová. “Pois perdoarei o seu erro e não me lembrarei mais do seu pecado.”»

O cristão possui agora “a lei escrita no seu coração” e “não precisa de que alguém lhe ensine” o que é correto ou condenável, visto que a sua consciência guiada pelo espírito santo supre a regra escrita. Por meio das vossas declarações, vocês tentam sugerir que, estando o texto bíblico omissivo sobre a questão vacinal, nenhuma objeção legítima poderia ser formulada — uma postura teológica errônea que o irmão Herd, inclusive, defendeu por ocasião do ponto de atualidade número 6 do ano de 2021.

O vosso desígnio é manifestamente lançar o descrédito sobre a multidão de irmãos que invocaram o imperativo da sua consciência nas numerosas cartas que vos dirigiram. A título de ilustração, a Bíblia não menciona explicitamente a proibição de consumir cocaína. Deveria eu, por isso, submeter-me a ela caso as autoridades civis decidissem constranger-me a isso?

O que prevalece são os princípios bíblicos, e não apenas a letra da lei, uma realidade que não vos escapa. Se a nossa devoção se limitasse ao respeito estrito dos decretos formalizados, estaríamos a reproduzir a atitude dos fariseus que Jesus condenou pelo seu formalismo sem coração. Como podem vocês pretender que o silêncio das Escrituras sobre a vacinação priva o cristão de qualquer direito de oposição, sob o pretexto de que tal injunção não violaria nenhuma lei divina escrita? Essa ordem choca de frente com a lei de Deus que muitos de nós carregamos no nosso íntimo, gravada de maneira indelével pelo espírito santo.

O raciocínio que vocês constroem mostra-se tão indigente que é quase constrangedor ter de o refutar. Aliás, imediatamente após ter exposto os princípios de Romanos capítulo 13, o apóstolo Paulo consagra a totalidade do capítulo 14 a dissecar a questão da consciência.

De fato, um único capítulo separa esses dois desenvolvimentos. Embora eu já tenha invocado esta passagem em repetidas ocasiões, a sua relevância exige que seja lembrada até que fique gravada nas nossas memórias. Ali está registrado:

Romanos 14:3-6

«Quem come não menospreze aquele que não come, e

quem não come não julgue aquele que come, pois Deus o acolheu. Quem é você para julgar o servo de outro? É para o seu próprio senhor que ele fica de pé ou cai. De fato, ele ficará de pé, pois Jeová pode fazê-lo ficar de pé. Uma pessoa considera um dia mais importante que outro, ao passo que outra pessoa considera todos os dias iguais; que cada um esteja plenamente convencido na sua própria mente. Quem guarda o dia, guarda-o para Jeová. E quem come, come para Jeová, pois agradece a Deus; e quem não come, deixa de comer para Jeová, e mesmo assim agradece a Deus.»

O apóstolo tratava do respeito devido à consciência alheia em campos tão pessoais como o consumo de alimentos sacrificados aos ídolos, e já demonstrei nesta correspondência de que modo esse princípio se aplica de maneira idêntica à questão das vacinas.

Pretenderiam vocês fazer os irmãos acreditar que Paulo teria aprovado que se aceitassem tratamentos experimentais de olhos fechados, pelo único motivo de as autoridades civis o exigirem e com desprezo pela sua própria consciência? Tentam insinuar que teria sido essa a recomendação do apóstolo?

Se Paulo tivesse defendido tal postura, ter-se-ia desmentido flagrantemente a si mesmo, particularmente após a memorável repreensão que acabara de dirigir a Pedro.

É, aliás, em termos inequívocos que ele conclui o capítulo 14 da sua carta aos Romanos:

Romanos 14:22, 23

«A fé que você tem, guarde-a para si diante de Deus. Feliz é aquele que não condena a si mesmo por aquilo que aprova. Mas, se alguém tem dúvidas e come, já está condenado, porque não come com base na fé. E tudo o que não se baseia na fé é pecado.»

É evidente que o apóstolo Paulo não incentiva ninguém a violar a sua consciência; na realidade, ele estipula expressamente que tal transgressão constitui um pecado. Visto que ensina que agir contra a própria consciência é uma falta diante de Deus, ele não poderia conceber que os irmãos cedessem às exigências das autoridades seculares e submetessem os seus corpos à vacinação se esse ato

chocasse as suas convicções mais profundas. Esta mesma verdade teológica impregna os capítulos 8 e 10 da sua primeira carta aos Coríntios, que já detalhei.

Ao descontextualizarem os escritos de Paulo, vocês alteraram-nos a fim de dar a ilusão de que o texto bíblico apoiava as vossas diretrizes partidárias em favor da vacinação e de uma submissão cega aos governos.

Que olhar lançaria Paulo sobre o tratamento que vocês deram aos seus escritos? Que sentimento experimentaria ele ao ouvir as vossas declarações nos pontos de atualidade?

A sua reação não deixa margem para dúvidas, pois ele próprio a registrou:

2 Coríntios 11:29

«Quem está fraco, sem que eu também me sinta fraco?
Quem tropeça, sem que eu fique enfurecido?»

O apóstolo experimentava uma viva indignação quando um único irmão era levado a tropeçar; quanto mais o estaria ao ver a congregação empurrada para o pecado pela falsificação dos seus próprios escritos! A presente carta aberta, à semelhança das que a precederam, causa em vocês alguma perturbação? Sejam gratos por não ser o apóstolo Paulo em pessoa a dirigir-se a vocês, pois ele empregaria sem dúvida termos de uma severidade extrema para condenar a deformação que fizeram sofrer às suas palavras. Lembrem-se de que as suas cartas tinham “peso e força” e que ele não recuava diante de ninguém. Ou alimentam a ilusão de que ele se manteria em silêncio pelo facto de vocês constituírem o atual Corpo Governante? Apagaram das vossas memórias a repreensão pública que Paulo infligiu a Pedro?

Além disso, o próprio Pedro avisa-nos expressamente contra o perigo de torcer o sentido das Escrituras e das cartas de Paulo:

2 Pedro 3:16

«falando dessas coisas como faz em todas as suas cartas.
No entanto, algumas coisas nelas são difíceis de entender,
e essas coisas os ignorantes*

e instáveis estão distorcendo, assim como fazem também

com o restante das Escrituras, para a sua própria destruição.»

Charos irmãos do Corpo Governante, não invoco esta passagem para vos ofender ou suscitar a vossa irritação; cito-a pela força da evidência, de tão fielmente que se aplica à situação presente e nos revela o olhar que Deus lança sobre esta questão. Estas declarações não provêm da minha própria iniciativa: torcer o sentido das Escrituras reveste-se de uma gravidade espiritual extrema.

Sem dúvida alguma, nenhum de nós desejaria ser classificado de “ignorante” em razão de um uso abusivo da Palavra de Deus. Para nos preservarmos disso, cumpre-nos velar com a mais alta vigilância sobre as nossas palavras e os nossos ensinamentos, visto que as nossas próprias vidas dependem disso.

Por outro lado, no âmbito da correspondência que transmitiram, as palavras de Jesus Cristo são igualmente solicitadas quando ele declara:

Mateus 22:21

«Responderam: “De César.” Então ele lhes disse: “Portanto, paguem a César o que é de César, mas a Deus o que é de Deus.”»

Uma tal aplicação mostra-se manifestamente errônea: todos os Testemunhas de Jeová que fazem a escolha de recusar a vacinação agem assim movidos pela convicção de que essas substâncias atentariam contra a sua integridade física de uma forma ou de outra. Reiterando, o nosso corpo não pertence de modo algum a “César”, mas exclusivamente a Deus. O nosso ser físico faz parte das “coisas de Deus”, e não das “coisas de César”.

Qual era, portanto, o verdadeiro desígnio de Jesus Cristo a esse respeito? Imediatamente após ter expulsado os comerciantes do templo, ele proferiu estas palavras:

João 2:18-21

«Em vista disso, os judeus lhe perguntaram: “Que sinal você pode nos mostrar como prova de que tem autoridade para fazer essas coisas?” Jesus lhes respondeu: “Derrubem este templo, e em três dias eu o levantarei.” Então os judeus disseram: “Este templo foi construído em 46 anos, e você o levantará em três dias?” Mas o templo de que ele

falava era o seu corpo.»

Com total clareza, evidencia-se assim que, para Jesus Cristo, o seu próprio corpo constituía o “templo de Deus”; não poderia, portanto, em caso algum, pertencer a “César”. É essa mesma verdade que o apóstolo Paulo colocou em destaque na sua célebre metáfora do corpo, quando escreveu:

1 Coríntios 12:12, 13, 27

«Pois, assim como o corpo é um só, mas tem muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos, são um só corpo, assim também é o Cristo. Pois todos nós fomos batizados por um só espírito para formar um só corpo, quer judeus quer gregos, quer escravos quer livres, e a todos nós se deu de beber de um só espírito.»

«Ora, vocês são o corpo de Cristo, e cada um de vocês, individualmente, é membro desse corpo.»

Por conseguinte, as autoridades civis não detêm nenhuma legitimidade para impor uma inoculação vacinal, ainda que legislassem nesse sentido. Ao convocarem as declarações de Jesus Cristo, vocês alteram do mesmo modo o seu alcance, visto que o vosso desígnio é manifestamente instrumentalizar as suas palavras a fim de reduzir os anciãos ao silêncio e sufocar a expressão das suas convicções sobre a questão das vacinas. Concebem por um único instante que Jesus Cristo nos incentivaria a introduzir substâncias incertas no nosso organismo — esse “templo de Deus” —, pelo motivo de a injunção dos governantes terrestres a isso nos constranger?

Esta verdade cardinal segundo a qual o nosso corpo é o santuário do Altíssimo não é uma simples consideração paulina; foi ensinada pelo próprio Jesus Cristo e resplandece com uma perfeita limpidez através do texto bíblico. Sendo assim, nenhum governante submetido aos “ídolos” deste mundo poderia reivindicar o menor direito de ingerência sobre a nossa integridade física.

2 Coríntios 6:16

«E que acordo há entre o templo de Deus e os ídolos? Pois nós somos templo de um Deus vivente, como Deus disse: “Residirei entre eles e andarei entre eles, e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.”»

Além disso, a vossa correspondência intimou aos anciãos a obrigação de “cessar toda a oposição” e ameaçou-os de serem considerados culpados de ter “provocado divisões”. Uma tal asserção deixa qualquer um perplexo: antes da difusão desses pontos de atualidade, os irmãos vacinados e não vacinados coexistiam numa paz perfeita. Foi apenas na sequência das vossas intervenções que aqueles que faziam a escolha de não se vacinar começaram a sofrer uma forma de marginalização. As fraturas no seio da congregação foram geradas por VOCÊS, e não pelos anciãos que se limitavam a expressar uma opinião pessoal sem nunca constranger ninguém a imitá-los.

Por qual razão nos seria proibido evocar livremente os motivos que nos levam a recusar esta vacinação? Já não dispomos da liberdade de partilhar escolhas de ordem privada desde que nenhuma coerção seja exercida sobre outrem? Torna-se inevitável perguntar se as seguintes palavras não encontram, na presente circunstância, o seu cumprimento:

2 Coríntios 3:17

«Ora, Jeová é o Espírito, e onde está o espírito de Jeová, ali há liberdade.»

De tais diretrizes podem verdadeiramente emanar do espírito de Deus? Não procedem antes desse outro espírito que o discípulo Tiago retrata quando escreve:

Tiago 3:14-16

«Mas, se vocês têm no coração ciúme amargo e rivalidade, não se gabem, não mintam contra a verdade. Essa não é a sabedoria que desce de cima; é terrena, animal, demoníaca. Porque onde houver ciúme e rivalidade, ali haverá também desordem e todo tipo de coisa ruim.»

O termo traduzido por “espírito contencioso” [ou “espírito lutador”] corresponde ao grego *erithia* (ou *eritheia*; ἐριθεία, G2052), para o qual o dicionário de Vine fornece a seguinte definição:

“ *erithia* (ou *-eia*) (ἐ' ριθί' α G2052), designa a ambição, a busca dos próprios interesses, a rivalidade, sendo a obstinação uma ideia subjacente à palavra; por conseguinte, denota a formação de um partido. Deriva não de *eris*, luta, mas de *erithos*, mercenário; daí o sentido de

tentar obter adeptos, de ‘divisões’; é traduzido na Versão do Meio [VM] por ‘fações’.”

Esta declaração de Tiago põe em luz que a fonte do tumulto reside na vossa própria decisão de constituir uma facção partidária em favor da vacinação no seio da congregação, ao mesmo tempo que lançam o opróbrio sobre todo aquele que aspira a preservar uma estrita neutralidade bíblica. É por meio de uma tal abordagem que os textos bíblicos se encontram desnaturalizados e que a “verdade” é contestada. Uma tal linha de conduta no seio da congregação reveste-se de uma gravidade tão profunda que gera necessariamente “desordem e coisas detestáveis”, relegando essa ideologia ao posto das concepções “terrestres, animais, demoníacas”.

Reitero-o, não tomem disso nenhuma ofensa: estas condenações não procedem da minha própria iniciativa, são as próprias Escrituras que se expressam.

Faço questão de lembrar que, quando os irmãos me perguntavam sobre o meu estado vacinal, eu lhes dizia que, na minha qualidade de ancião, preferia manter o silêncio a fim de não exercer nenhuma influência sobre a sua escolha. Ao contrário, os outros anciãos da congregação apressavam-se, assim que um cristão não estava vacinado, em visitá-lo para exortá-lo a conformar-se aos pontos de atualidade e, por extensão, a receber a injeção. Pela minha parte, permaneci numa neutralidade absoluta, em conformidade com os princípios da Bíblia, apesar das convicções pessoais que nutria sobre esta questão.

A carta de comunicação prossegue o seu desenvolvimento nestes termos:

«3. Em Romanos 16:17, os anciãos recebem esta exortação: «[Fiquem] de olho naqueles que criam divisões e situações que fazem tropeçar, coisas contrárias ao ensinamento que vocês aprenderam; e evitem-nos.» Segundo a Bíblia, os anciãos têm, portanto, a responsabilidade de dar conselhos a qualquer cristão, incluindo um ancião, que cause divisões na congregação (Gál. 6:1). Os superintendentes de circuito acompanharão de perto a situação. Nós vos felicitamos, caros irmãos, por permanecerem ‘firmemente apegados’ à Palavra de Deus,

por promoverem a unidade da congregação e por darem o exemplo ao 'honrar' as autoridades públicas (Tito 1:9; 1 Pedro 2:13-17). Agradecemos a vossa cooperação neste domínio e aproveitamos a oportunidade para vos assegurar de todo o nosso amor fraterno.

PARA OS COORDENADORES DOS CORPOS DE ANCIÃOS

1. Comunicação para os anciãos: Queiram organizar uma reunião do corpo de anciãos esta semana a fim de discutir a comunicação para os anciãos, bem como os versículos fornecidos como referência.»

Este parágrafo põe em evidência a maneira como os anciãos que escolheram não receber a vacinação foram alvo de pressões constantes e de ameaças veladas, vendo-se acusados indevidamente de fraturar a congregação e de se libertarem do respeito devido às autoridades. São calúnias e manobras de intimidação manifestamente incompatíveis com o amor cristão. Ao recusarmos esta injeção, nós, os anciãos, não fazemos mais do que exercer a liberdade de consciência que nos é divinamente concedida.

A bem dizer, a exortação de Tito 1:9 aplica-se de forma inteiramente impressionante à situação presente, quando estipula, a respeito das qualificações do ancião:

Tito 1:9

«apegar-se firmemente à palavra fiel com respeito à sua arte de ensino, para que possa tanto encorajar por meio do ensinamento sadio como repreender os que o contradizem.»

Assim, anciãos não vacinados vêm-se repreendidos, acusados de «não aderir ao ensino bíblico ou à palavra fiel».

Mas qual foi a realidade dos factos? A realidade é que VOCÊS não aderiram ao ensino bíblico relativo à neutralidade, e que VOCÊS não respeitaram a consciência alheia ao lançar o opróbrio sobre aqueles que escolheram recusar a vacinação. A bem dizer, uma pergunta impõe-se: como podem defender decorosamente a convocação de um texto que ordena evitar aqueles que se desviam dos ensinamentos que recebemos, quando são vocês mesmos que abandonam a neutralidade? Dispomos

de décadas de publicações oficiais que estipulam que a nossa organização não se imiscui nas escolhas médicas e que nenhum tratamento deve ser preconizado; ora, vocês simplesmente ocultaram-nas.

VOCÊS abandonaram a neutralidade para se juntarem à facção partidária da vacina, e VOCÊS ousam depois acusar aqueles que permanecem firmes de serem os autores de divisões! Uma tal atitude não trairá uma arrogância e uma soberba particularmente manifestas? Aqueles que abjuraram as suas convicções passadas foram vocês, e não os anciãos que decidiram livremente não se vacinar, respeitando simultaneamente a escolha daqueles que a isso se submetiam.

AQUELES QUE INTRODUZIRAM UMA NOVA DOUTRINA, ABANDONANDO A ANTIGA, FORAM VOCÊS, E NÃO OS ANCIÃOS QUE VOCÊS AMEAÇAM.

Além disso, solicitam a interpelação de 1 Pedro 2:13-17 no âmbito da vossa correspondência, instrumentalizando as palavras do apóstolo para impor a vacinação. Após terem desnaturado as palavras de Jesus, dificilmente surpreende que façam sofrer o mesmo tratamento às de Pedro.

Aí está, no entanto, consignado:

1 Pedro 2:13-17

«Por causa do Senhor, sujeitem-se a toda criação humana, quer a um rei, como superior, quer a governadores, como enviados por ele para punir malfeitores e louvar os que fazem o bem. Pois é da vontade de Deus que, por fazer o bem, vocês silenciem a conversa ignorante de homens insensatos. Sejam como pessoas livres, usando a sua liberdade não como disfarce para fazer o que é errado, mas para serem escravos de Deus. Honrem a homens de todo tipo, tenham amor pela inteira fraternidade, tenham temor de Deus, honrem o rei.»

Esta passagem não apoia de modo algum as vossas asserções. Nela se estipula que a nossa submissão ao «rei» procede dos mesmos princípios expressos por Paulo aos Romanos. A nossa deferência é requerida na medida em que as autoridades «fazem o bem», e unicamente quando nos ordenam que o realizemos. Ou pretenderiam ditar-nos que, em caso de ordem perniciosa da parte dos governos, a obediência permaneceria o nosso dever?

O texto precisa que esta submissão se exerce «POR CAUSA DO SENHOR». Esta formulação atesta de maneira incontestável que «o Senhor» supera as autoridades terrestres, visto ser ele a própria fonte da ordem de a elas se submeter. Uma vez mais, faço a pergunta: Jesus Cristo exige das suas ovelhas que ajam em desprezo da sua consciência, que dobrem o joelho e recebam uma vacinação contra a sua vontade?

Além disso, este mesmo escrito recorda-nos a nossa identidade fundamental: somos «ESCRAVOS DE DEUS» — e não os sujeitos dos governos ou das multinacionais farmacêuticas. Acrescenta que, para lá da honra devida ao rei, devemos viver no «TEMOR DE DEUS». Incumbenos, portanto, encontrar o justo equilíbrio entre as exigências divinas e os decretos dos reis humanos. Ora, como alcançá-lo?

É precisamente a essa interrogação que Pedro responde nos versículos subsequentes, que a vossa correspondência deixa infelizmente no silêncio.

1 Pedro 2:18-20

«Que os servos estejam sujeitos aos seus senhores com todo o temor que lhes é devido, não somente aos bons e razoáveis, mas também aos que são difíceis de agradar. Pois, quando alguém suporta dificuldades e sofre injustamente por causa da sua consciência diante de Deus, isso é agradável. Pois que mérito vocês têm se são espancados por pecarem e suportam isso? Mas, se vocês suportam sofrimento porque estão fazendo o bem, isso é agradável a Deus.»

Aqui exprimem-se os mesmos princípios que os enunciados anteriormente a respeito dos governadores; trata-se de pensamentos paralelos, enriquecidos contudo com algumas precisões fundamentais. Neles se especifica que, se suportamos o sofrimento por fidelidade à nossa «consciência», isso encontra favor junto de Deus.

Sendo assim, como poderíamos sofrer para obedecer à nossa consciência se tivéssemos de a ocultar para nos submeter às autoridades civis, tal como deixam entender? Se tivéssemos de a calar, o cumprimento deste texto bíblico tornar-se-ia impossível, visto que o sofrimento decorre precisamente da nossa recusa em obedecer às exigências estatais. Esta passagem põe magistralmente em relevo que Pedro não ensina em caso algum uma obediência absoluta para com os

governantes terrestres ou qualquer outra pessoa, sendo esta última reservada exclusivamente a Deus.

É manifesto que a consciência prima sobre qualquer forma de autoridade humana. A submissão ao governo só pode exercer-se se não ferir as nossas convicções íntimas, pois somos guiados pelo espírito de Deus e não pelos governantes deste mundo. A bem dizer, o texto destaca que é agradável a Deus que preservemos a integridade da nossa consciência, apesar das pressões e das tribulações que as autoridades nos possam impor. Por uma simples dedução lógica, chegamos à conclusão de que Jeová reprova que ajamos em desprezo da nossa consciência, uma verdade já corroborada por outros escritos sagrados.

DEUS EXIGE QUE PRESERVEMOS A NOSSA CONSCIÊNCIA APESAR DAS PRESSÕES.

Que olhar lança então Jeová sobre aqueles que sobrecarregam os seus servos, exercendo sobre eles pressões e proferindo ameaças em razão dos seus escrúpulos de consciência?

A segunda epístola aos Tessalonicenses traz-nos essa resposta:

2 Tessalonicenses 1:5-7

«Isso é uma prova do julgamento justo de Deus e resulta em vocês serem considerados dignos do Reino de Deus, pelo qual, de fato, estão sofrendo. Pois realmente é justo da parte de Deus retribuir com tribulação aos que lhes causam tribulação. Mas vocês, que sofrem tribulação, receberão alívio junto conosco por ocasião da revelação do Senhor Jesus desde o céu, com os seus anjos poderosos,»

Não exprimo estas reflexões para suscitar a vossa irritação, mas para pôr em relevo a gravidade inerente ao facto de ameaçar e tentar subjugar um servo de Deus desejoso de seguir a sua consciência.

Além disso, estipularam explicitamente na vossa diretriz que o superintendente de circuito asseguraria um «acompanhamento rigoroso», semelhante a uma vigilância policial, e que uma reunião extraordinária deveria ser convocada para impor aos anciãos a leitura desta correspondência, bem como das passagens bíblicas. Uma tal medida revela sem ambiguidade o vosso desígnio de exercer uma coerção moral intensa a fim de reduzir ao silêncio todo o irmão que nutra uma convicção divergente da vossa. Ao longo desses

ajuntamentos, os anciãos em desacordo com as vossas orientações viam ser-lhes brandida a ameaça de serem acusados de provocar divisões, uma incriminação de que todos conhecemos o desfecho potencial: a exclusão da congregação. É profundamente alarmante que, por meio desta carta, façam abstração da própria existência da consciência cristã.

Se esta realidade não vos era estranha, por que razão omitiram lembrar a primazia da consciência sobre as injunções governamentais? Ocultar os princípios bíblicos equivale a uma rejeição pura e simples da palavra de Deus. O aviso de Paulo ressoa aqui com uma força singular: «Se renegamos, ele também nos renegará» (2 Timóteo 2:12).

Nesta lamentável missiva, vocês intimam-nos a dobrar-nos perante as autoridades seculares, ainda que estas exijam a inoculação de substâncias suspeitas e experimentais; na falta disso, vemo-nos taxados de sedição e expostos aos vossos furores pelo único erro de ter expressado verdades bíblicas. Este documento demonstra de maneira inegável que vocês alteraram o sentido dos escritos sagrados para legitimar posições pessoais, enquanto perseguem irmãos que não fizeram mais do que exercer a sua liberdade de consciência.

Para falar sem rodeios, a vossa comunicação dirigida aos anciãos resume-se a esta substância: «ANCIÃOS, SUBMETAM-SE AO SILÊNCIO E ABANDONEM O VOSSO CORPO AO ESTADO, SOB PENA DE SOFREREM AS CONSEQUÊNCIAS.»

É digno de pastores ameaçar os vossos irmãos desta forma? Teria sido oportuno recordar a reação dos apóstolos e dos discípulos de Cristo perante uma conjuntura semelhante:

Atos 4:29

«E agora, Jeová, dá atenção às ameaças deles e concede que os teus escravos continuem a falar a tua palavra com toda a coragem,»

Irmãos, os discípulos de Cristo NUNCA proferem a menor ameaça; pelo contrário, eles suportam as daqueles que moldam o seu agir pelo dos fariseus. Não se trata de modo algum de uma alegação da minha autoria: quem quer que escrutine as Escrituras Sagradas faz essa constatação evidente. A correspondência dirigida aos anciãos constituía, em verdade, um ultraje.

Posteriormente, o ponto de atualidade n.º 10 de 2021 veio agravar este desvio, tal como demonstraremos a seguir.

ATUALIZAÇÃO DO CORPO GOVERNANTE N.º 10 DE 2021 APRESENTADA POR ANTHONY MORRIS



[https://www.jw.org/finder?
srcid=share&wtlocale=TPO&lank=docid-702021091_1_VIDEO](https://www.jw.org/finder?srcid=share&wtlocale=TPO&lank=docid-702021091_1_VIDEO)

Se o link acima não funcionar: <https://ody.sh/JOwNuriEJf>

Como sublinhei anteriormente, até à transmissão da Atualização do Corpo Governante n.º 9 de 2021, tinham-se absterido de recomendar explicitamente a vacinação, preferindo agir por meios indiretos e insidiosos. Foi a partir da Atualização n.º 10 que deram o passo para a injunção direta. Esta comunicação começa nos seguintes termos:

«Nesta Atualização, vamos ver como podemos fazer bom uso do nosso tempo durante a pandemia. Mas antes, gostaríamos de vos dar algumas notícias. É com o coração apertado que vos anunciamos que, até 10 de dezembro, a COVID-19 tinha tirado a vida a 25 658 dos nossos irmãos e irmãs. Não deixamos de orar por todos os que perderam seres amados. Nestes últimos dias, ouviu-se falar muito nos meios de comunicação sobre a nova variante Ómicron. De momento, há muitas incógnitas. Mas, irmãos e irmãs, não entremos em pânico. Continuemos a aplicar todas as precauções que já deram provas: o uso de máscara, o distanciamento físico, lavar frequentemente as mãos e, se

possível, vacinar-se. Na Atualização número 7 de 2021, o irmão Lösch dizia que mais de 80% da família internacional de Betel estava vacinada. Temos a alegria de vos informar que, hoje, mais de 99% da família de Betel está vacinada. E esse é também o caso de mais de 95% dos servos especiais a tempo inteiro não betelitas.»

Aqui, afirmavam sem a sombra de uma hesitação e sem o menor pudor a eficácia desta terapêutica, decretando que devíamos "se possível, vacinar-nos todos". Apresentavam, além disso, como motivo de alegria o facto de se ter atingido uma taxa de vacinação de 99% em Betel e de 95% entre os servos especiais a tempo inteiro. Tal declaração soa como uma verdadeira afronta infligida aos milhares de irmãos que vos tinham enviado cartas a exigir o respeito pela sua integridade.

Com esta postura, ocultavam deliberadamente a multidão de dados que evidenciam os efeitos secundários deletérios destas substâncias. A sabedoria ditava, contudo, que se conformassem com os princípios bíblicos, observando uma estrita neutralidade perante uma controvérsia tão aguda; no entanto, escolheram tomar PUBLICAMENTE o partido da facção vacinal, usando da vossa influência para impor as vossas opiniões. O facto de terem agido em pleno conhecimento de causa, sabendo perfeitamente que a consciência de muitos irmãos e irmãs ficava ferida com isso, só agrava a natureza da vossa falta.

Convém, além disso, deter-nos na progressão destas taxas no seio de Betel. Como demonstrei anteriormente, estas percentagens superam em muito as médias nacionais, o que atesta de forma incontestável que estes irmãos só cederam sob o efeito das vossas pressões; tal alinhamento estatístico nunca teria ocorrido espontaneamente.

Por fim, declaravam sentir "alegria" ao publicar estes dados, o que deixa entender, por antítese, que um resultado inferior teria provocado a vossa aflição. Esta retórica tende a depreciar e a remeter para a margem as convicções dos cristãos opostos a esta injeção, com o mais total desprezo pelos seus sentimentos. Por que razão infligem tal tratamento aos vossos companheiros e demonstram por eles tal desdém?

É então que o irmão Morris formula a seguinte observação:

«Muitos dos nossos irmãos e irmãs constataram certas vantagens em estar vacinados. Por exemplo, em certas

regiões da Bulgária, os padres dizem que as vacinas são um 'veneno do Diabo'. Portanto, há fortes pressões contra a vacinação. Apesar disso, depois de terem assistido às Atualizações do Corpo Governante, uma irmã e o seu marido decidiram vacinar-se.»

Aqui, afirmam sem rodeios que uma multidão de pessoas retirou imensos benefícios desta vacinação, uma alegação manifestamente destinada a incitar os vossos irmãos a imitar-vos. A realidade factual é, contudo, muito diferente: muitos dos nossos companheiros perderam a vida no seguimento desta injeção, enquanto outros se encontram hoje incapacitados ou afetados por patologias graves. Por que razão passam em silêncio a integridade destes dados?

Se um comerciante vos gabasse os méritos de um artigo, dizendo-vos que este só apresenta vantagens, para mais tarde descobrirem que vos tinha dissimulado conscientemente o arrependimento da maioria dos compradores, realizariam essa compra? Não dedicariam antes toda a vossa atenção a verificar a veracidade das suas afirmações? Tal vendedor parecer-vos-ia ainda digno de confiança?

Ocultar informações capitais suscetíveis de influenciar a decisão de outrem é fruto de manipulação e de engano, tal como evidenciei através da analogia dos "doces". Limitam-se a exaltar pretensos benefícios individuais, fingindo ignorar os avisos repetidos da comunidade médica e os inúmeros testemunhos relativos aos efeitos secundários. Por que razão não fazem, em momento algum, menção às sequelas irreversíveis e às mortes ocorridas logo após a inoculação?

Além disso, como lembrei, a inocuidade e a eficácia de uma terapêutica não podem ser avaliadas num período de apenas algumas semanas. O desenvolvimento de uma vacina requer tradicionalmente ANOS de ensaios clínicos — geralmente de cinco a dez anos — acompanhados de protocolos de seguimento rigorosos a fim de atestar a sua segurança. Muitos irmãos que, num primeiro momento, pareciam não sofrer de mal algum, figuram hoje entre os que lutam contra cancro, trombozes ou afeções cardíacas, e que CHORAM DE FORMA INCONSOLÁVEL por terem depositado a sua confiança nas vossas diretrizes. Pela minha parte, convivo com uma multidão de pessoas vacinadas mergulhadas no arrependimento, mas não conheço absolutamente nenhum não vacinado que aspire hoje a receber a injeção.

Por outro lado, lançam o opróbrio sobre os dignitários religiosos da Bulgária que qualificam estas vacinas de "venenos do Diabo". Se eles ensinam que Deus é o autor de tal declaração, a sua posição é manifestamente errada, visto que Jeová não lhes transmitiu nenhum oráculo nesse sentido. Além disso, seriam culpados de discriminação para com aqueles que escolhem exercer o seu livre-arbítrio vacinando-se. Se desejam nutrir a convicção íntima de que estas vacinas contra a COVID-19 são maléficas, isso insere-se na sua liberdade de pensamento, mas está-lhes vedado erigir essa opinião pessoal em dogma divino.

Contudo, visto que se fazem seus acusadores, surge uma interrogação legítima: será mais aceitável ensinar que a vacinação corresponde à vontade de Jeová, como sugerem implicitamente? Em que é que a vossa atitude difere, no fundo, da desses líderes religiosos búlgaros?

Enquanto eles pretendem que a vacina emana do Diabo, vocês defendem, pelos vossos atos e discursos, que ela "provém" de Jeová. Eles cometem exatamente a mesma falta que vocês: cedem ao espírito partidário, mas em sentido inverso. Tomam, uns como os outros, posição sobre uma estrita questão de consciência, usurpando um direito que Deus nunca vos concedeu.

Sendo assim, quando apontam o dedo aos padres da Bulgária, deveriam meditar na resposta que Jesus vos dirige:

Mateus 7:1-5

Parem de julgar, para que não sejam julgados; pois, com o julgamento com que julgam, vocês serão julgados, e com a medida com que medem, medirão a vocês. Então, por que você olha para o cisco no olho do seu irmão, mas não percebe que há uma trave no seu próprio olho? Ou, como você pode dizer ao seu irmão: 'Deixe-me tirar o cisco do seu olho', quando há uma trave no seu próprio olho? Hipócrita! Tire primeiro a trave do seu próprio olho e depois verá claramente como tirar o cisco do olho do seu irmão.»

A vossa "escolha" situa-se nos antípodas da dos padres búlgaros que põem no pelourinho, mas a vossa atitude é fundamentalmente idêntica. Eles representam o "polo sul" de um íman do qual vocês constituem o "polo norte"; uns e outros procedem de um mesmo "magnetismo", de valor igual mas de polaridade invertida. A única via íntegra consistia em preservar uma estrita neutralidade, à semelhança da linha de conduta

que pessoalmente adotei ao lado de muitos outros irmãos. Embora nutra convicções íntimas extremamente firmes contra esta vacinação, não as impus a ninguém e guardei-me bem de pretender que escutar-me equivalia a escutar o próprio Jeová, como vocês ousam fazer. Censuram nos outros os mesmos defeitos que cometem.

A bem dizer, a leitura das vossas declarações suscita uma interrogação legítima: insinuem que aqueles que recusam a injeção se assemelham a falsos irmãos? Foram recetores de uma multidão de cartas nas quais cristãos associavam estas substâncias à ação do Diabo. Como demonstrei na secção desta correspondência intitulada "Argumentos apresentados pelos nossos irmãos e irmãs que recusam a vacinação", muitos dos nossos amados companheiros discernem motivos imperiosos para aderir a esta leitura dos factos, e essa realidade não vos é desconhecida. Parece que os censuram de forma insidiosa através desta Atualização do Corpo Governante; se tinham consciência dos seus escrúpulos, a decência moral deveria ter-vos incitado a eludir este assunto a fim de não ferir inutilmente os vossos irmãos.

Com que autoridade vos arrogais o direito de decretar de forma perentória que as vacinas contra a COVID-19 não têm qualquer relação com o Diabo? Tal afirmação equivale a defender perante um cristão do primeiro século, resolvido a abster-se de "carnes sacrificadas a ídolos", que ele pode consumi-las sem a sombra de um remorso sob o pretexto de que o alimento em si não está corrompido. Ora, já evidenciei o facto de que as Escrituras condenam sem equívoco tal leviandade. Se um servo de Deus escolhe nutrir tal convicção num nível estritamente individual, em que é que isso lhe seria proibido? Quem vos investiu do direito de reger a consciência alheia?

Paulo disse:

2 Coríntios 1:24

«Não é que sejamos os donos da sua fé, mas somos colaboradores para a sua alegria, pois é pela sua fé que vocês estão de pé.»

Paulo de modo algum se considerava o "amo da fé" de outrem; ele traduzia essa postura respeitando escrupulosamente a consciência individual dos seus companheiros, afirmando-se simplesmente como um "colaborador" para a sua alegria. Ao escolherem decidir em lugar de outrem, agem como "colaboradores" ou erigem-se em "amos" da fé dos

vossos irmãos? Tais declarações concorrem para a alegria dos fiéis ou mergulham-nos na aflição?

É profundamente lamentável que façam assim abstração da consciência individual, censurando cristãos que vos manifestaram a sua viva inquietação, chegando ao ponto de os assimilar implicitamente aos partidários da religião falsa. Não reprovam as Escrituras tal condenação?

Além disso, argumentam com a existência de uma pressão social que visa dissuadir as pessoas de se vacinarem; ora, a realidade factual demonstra que a verdadeira coerção se exercia em sentido inverso. Afirmo-o por ter eu mesmo suportado a violência dessa imposição, não apenas por parte do mundo, mas igualmente da vossa parte, através de comunicações como esta Atualização do Corpo Governante. Por todo o mundo, os cidadãos sofreram intimidações e foram entregues à vindicta dos meios de comunicação e dos governos pela sua recusa da injeção. É dramático que tenham capitulado perante esta injustiça secular e que se tenham tornado, por vossa vez, os vetores de uma discriminação fundada na consciência.

A este respeito, o testemunho que apresentam sobre esse casal que, após ter assistido às "Atualizações do Corpo Governante", resolveu receber a vacina, constitui uma ilustração flagrante da vossa atitude. Trata-se de um confissão inegável: estas intervenções oficiais perseguiram o objetivo deliberado de influenciar a decisão dos irmãos e irmãs para os levar à vacinação. Se o vosso intento tivesse sido realmente o de preservar uma estrita neutralidade, NUNCA teriam exposto tal exemplo.

Esta comunicação prossegue a sua exposição nos seguintes termos:

«Mais tarde, a chefe da irmã ligou-lhe a dizer que, para cumprir as normas do governo, ela não poderia vir trabalhar enquanto não estivesse vacinada. Esta senhora ficou muito surpreendida ao saber que a irmã já estava vacinada! Na verdade, ela era até a única empregada vacinada. Todas as outras tiveram de ser despedidas. A chefe do serviço perguntou à irmã se não teria amigas vacinadas que pudessem substituir essas pessoas despedidas. Esta senhora ligou depois para outras Testemunhas do seu conhecimento para saber se tinham amigas vacinadas à

procura de emprego. Nessa mesma noite, quase a totalidade dos postos estava preenchida. A responsável pelo pessoal perguntou às irmãs: 'Como é que vocês conhecem tanta gente vacinada?' As irmãs puderam dar um excelente testemunho. Ao todo, 14 irmãs e 1 estudante da Bíblia foram contratadas porque tinham seguido as sábias recomendações e os princípios bíblicos comunicados em diferentes Atualizações do Corpo Governante.»

Este testemunho visa manifestamente persuadir o espectador de que as pessoas vacinadas beneficiaram de bênçãos divinas por terem seguido "os conselhos e os princípios bíblicos mencionados nas Atualizações do Corpo Governante". A bem dizer, está explicitamente estipulado que estas Atualizações constituíam "conselhos" imperativos que deviam ser postos em prática. Sendo assim, de que orientações se trata? Existe apenas uma alternativa: referem-se às incitações indiretas que pontuavam cada uma das vossas comunicações anteriores.

Seria, aliás, revelador saber se estes irmãos e irmãs foram poupados aos efeitos secundários. Embora preveja desenvolver este ponto mais tarde, a realidade é que muitos dos nossos companheiros nutrem hoje profundos arrependimentos em relação à sua decisão.

Além disso, em muitos países onde os assalariados foram abusivamente despedidos devido à sua recusa vacinal, a justiça administrativa ordenou indemnizações substanciais e a reintegração dos funcionários, qualificando essas medidas de ilegais e inconstitucionais. Os litígios jurisprudenciais não faltaram, à semelhança das grandes resoluções judiciais em que empregadores foram condenados a pagar milhões de dólares para resolver processos ligados às obrigações vacinais, garantindo o regresso ao emprego dos trabalhadores despedidos. As ações da empresa que empregava essa irmã eram, portanto, iníquas e contrárias ao direito, o que expôs logicamente essa entidade a vagas de contencioso.

Perante isto, impõe-se uma interrogação dolorosa: como está a saúde destas irmãs hoje? Desenvolveram patologias graves, à semelhança de tantos irmãos cuja saúde foi sacrificada? Pensam sinceramente que foi uma decisão sábia conformar-se com as vossas sugestões? Qual seria a vossa posição se estas pessoas se encontrassem agora na incapacidade total de trabalhar, atingidas pela doença ou pela deficiência, enquanto

os seus antigos colegas reintegram as suas funções, cercados de PEDIDOS DE DESCULPA FORMAIS pela injustiça sofrida? Considerariam essas irmãs que ainda fizeram a escolha certa? Valia a pena o sacrifício? Quem assumirá doravante o encargo financeiro e humano destas afeções crónicas? Tomarão esses custos a vosso cargo, ou esquivar-se-ão retorquindo: "Tratava-se de uma decisão pessoal, cabe-vos assumir a responsabilidade"?

Como demonstrei, os princípios bíblicos que invocam foram manifestamente instrumentalizados para respaldar a vacinação, enquanto os verdadeiros preceitos bíblicos foram pura e simplesmente ocultados. A atitude do irmão Morris revela-se extremamente perigosa; é, de facto, de observação constante que, quando as ovelhas sofrem os danos de tais orientações, a indignação legítima desperta. É uma falta teocrática e espiritual de extrema gravidade, que põe seriamente em causa a vossa legitimidade como pastores do rebanho de Deus.

Vocês ousam pretender, com uma audácia desconcertante, que foi dado um excelente testemunho neste caso. É uma inverdade absoluta. Um bom testemunho consiste em permanecer inabalável no respeito pelas normas bíblicas e em não se imiscuir nas controvérsias seculares, apesar das pressões envolventes.

Ao tornarem-se cúmplices da discriminação, da injustiça e do desprezo pelas escolhas alheias, lançam o descrédito sobre o nome de Deus, e não têm de modo algum motivo para se orgulharem. Pelo vosso alinhamento partidário com a política vacinal, fecharam a porta da pregação àqueles que se opunham a essa medida, cumprindo assim a sentença das Escrituras:

Romanos 2:24

«Pois “o nome de Deus está sendo blasfemado entre as nações por causa de vocês”, assim como está escrito.»

Aqueles que recusavam a vacinação e que assistiram a estas Atualizações do Corpo Governante deduziram legitimamente que vocês avançavam por um caminho errado, rejeitando desde logo qualquer perspectiva de estudar a Bíblia na companhia das Testemunhas. Ao alterarem o sentido das Escrituras para legitimarem as vossas posições pessoais, lançaram o descrédito sobre a própria Bíblia, bem como sobre o nome de Deus. Doravante, nenhuma pessoa oposta a esta terapêutica

concederá o menor crédito à mensagem que levamos, cabendo a culpa ao vosso deplorável exemplo.

Esta comunicação fornece a prova irrefutável de que orquestraram deliberadamente a promoção da vacinação e que o fizeram em pleno conhecimento de causa, quando sabiam perfeitamente que uma multidão dos nossos irmãos nutria profundos escrúpulos em relação a estes tratamentos duvidosos. Não hesitaram em assimilá-los aos devotos da religião falsa a fim de minar a sua honorabilidade perante a congregação e de servir os vossos próprios desígnios, agindo nisso com uma obstinação culpável.

Contudo, este desvio não se fica por aqui; analisemos agora o teor das declarações que continuam a propagar no seio da Atualização do Corpo Governante seguinte, sempre sobre o assunto da vacinação.

ATUALIZAÇÃO DO CORPO GOVERNANTE N.º 1 DE 2022 APRESENTADA POR KENNETH COOK



[https://www.jw.org/finder?
srcid=share&wtlocale=TPO&lank=docid-702022003_1_VIDEO](https://www.jw.org/finder?srcid=share&wtlocale=TPO&lank=docid-702022003_1_VIDEO)

Se o *link* acima não funcionar: <https://ody.sh/CPZiT4EvKi>

A Atualização começa com estas palavras:

«Irmãos e irmãs, bem-vindos a esta Atualização! A variante Ómicron da COVID-19 espalhou-se rapidamente pelo mundo. O número de casos explodiu. Ficamos tristes por vos anunciar que, até sexta-feira, 21 de janeiro, 26 813 irmãos e irmãs morreram devido à COVID-19. Mas também há factos encorajadores. Para os que estão vacinados, a infeção pela Ómicron é muitas vezes mais ligeira e não leva à hospitalização ou à morte. Por exemplo, talvez tenham ouvido falar de uma vaga de Ómicron em Porto Rico. Talvez saibam também que a taxa de vacinação lá é muito elevada. Embora tenham sido relatados 551 casos entre os nossos irmãos e irmãs durante essa vaga, apenas três irmãos morreram. E, pelo que sabemos, todos eles tinham outros problemas graves de saúde. Embora uma morte seja sempre demais, ficamos contudo aliviados por terem

morrido tão poucos. Partilhamos o vosso sofrimento, vocês que perderam um ser amado. Por favor, continuem a ter cuidado. A pandemia não acabou e temos de continuar a tomar medidas práticas para proteger a nossa vida e a nossa saúde. Além da pandemia, os acontecimentos mundiais que ocorreram recentemente fazem-nos refletir.»

Aqui, fazem-se eco, mais uma vez, da doxa secular a favor destas injeções, omitindo conscientemente a evocação dos protocolos terapêuticos alternativos, que passam em silêncio como se nunca tivessem existido. Ocultam igualmente os efeitos indesejáveis, bem como as inquietações legítimas expressas por muitos membros da comunidade médica. Ao apresentarem estas substâncias como seguras, eficazes e como a única tábua de salvação, reiteram o mesmo argumento ansiogénico destilado desde o primeiro dia: UM DILEMA ABSOLUTO ENTRE A VACINAÇÃO OU A MORTE. Esta abordagem é manifestamente parcial e iníqua; os cristãos devem preservar a sua neutralidade nas questões de ordem médica, tal como recordei por diversas vezes.

Demonstram aqui, além disso, a vossa vontade de influenciar a escolha dos irmãos, manipulando os dados factuais e afastando-se da linha bíblica. A bem dizer, caros irmãos, nem sequer analisam estas estatísticas com o rigor necessário. O irmão Cook refere o falecimento de 26 813 dos nossos companheiros num total de 8 648 048 Testemunhas no mundo, o que equivale a uma proporção de 1 morte por cada 324 irmãos. Ora, a população mundial ascende a cerca de 8 mil milhões de indivíduos e, nas datas fixadas por este relatório, o número global de mortes atribuídas à COVID-19 ascendia a 5 620 000, ou seja, um rácio de 1 morte por cada 1 423 pessoas.

Em outras palavras, onde se lamentam 30 mortes por 10 000 Testemunhas, a média mundial regista apenas 7 mortes por 10 000 pessoas. Estes números revelam de forma implacável que a mortalidade no seio das nossas congregações foi pelo menos quatro vezes superior à do resto do mundo. Sendo assim, como pode o irmão Cook afirmar decentemente: "Ficamos contudo aliviados por terem morrido tão poucos"?

A MORTALIDADE ENTRE OS IRMÃOS É QUATRO VEZES SUPERIOR À MÉDIA MUNDIAL!

Não seria legítimo esperar uma realidade diametralmente oposta se estas substâncias apresentassem a inocuidade e a eficácia que lhes atribuem? Se levanto esta questão, é porque, em razão das vossas diretrizes contrárias aos princípios bíblicos, mais de 99,9% dos nossos irmãos receberam um esquema vacinal completo, incluindo vários reforços. De facto, o corpo de anciãos e de pioneiros contabiliza em média mais de 5 doses recebidas. A população mundial está, na sua média, nitidamente menos injetada do que qualquer Testemunha de Jeová e regista, contudo, uma taxa de mortalidade inferior. Tal constatação estatística não deveria despertar a vossa vigilância? Se estas vacinas possuísem uma eficácia real, as populações mais massivamente injetadas — à semelhança da nossa comunidade internacional — não deveriam apresentar uma mortalidade muito menor do que os grupos menos vacinados? Não é a minha abordagem estritamente lógica e racional?

Apesar destes indicadores alarmantes, o irmão Cook persiste em defender que devemos continuar a "fazer o necessário para proteger as nossas vidas e a nossa saúde". A que medidas faz ele aqui alusão?

Após ter dispensado algumas recomendações, declara ao minuto 11:35:

«É tão triste ver simples medidas de proteção sanitária como o uso de máscara, a lavagem das mãos, o distanciamento físico e a vacinação tornarem-se controvérsias, ou até questões políticas! Alguns dos nossos irmãos e irmãs são influenciados pelos pontos de vista políticos das pessoas à sua volta. Alguns vão à *Internet* e são profundamente influenciados por *sites* que parecem de confiança, mas que na verdade contêm propaganda política. Queridos irmãos e irmãs, tenham cuidado. Não é por algo aparecer numa página *web* que parece oficial que é verdade. Temos mesmo de rejeitar o 'espírito do mundo' e permanecer neutros. As palavras de Jesus vêm mesmo a calhar! Ele disse: 'Prestem atenção a vocês mesmos', porquê? 'Para que o vosso coração nunca fique carregado.' Mantenhamos os olhos fixos no Reino de Deus, a única solução para os problemas deste mundo. O que ajudou algumas famílias a manterem-se despertas? Vamos descobrir juntos ao assistir ao seguinte vídeo.»

Aqui, o orador defende explicitamente que debater a vacinação é uma atitude repreensível e "triste". Ele erige, assim, estas injeções contra a COVID-19 à categoria de verdade absoluta e incontestável; ora, o que se revela verdadeiramente **REPREENSÍVEL E TRISTE** é a vossa obstinação em querer impor as vossas opiniões a outrem, libertando-vos das Escrituras e sobrecarregando de críticas aqueles de nós que ousam colocar-vos perante as vossas responsabilidades.

De facto, o irmão Cook assimila estas vacinas ao simples gesto de lavar as mãos, englobando-as sob o vocábulo genérico de "medidas de saúde". Pode-se decentemente colocar no mesmo plano a higiene das mãos e uma terapia génica que consiste em introduzir ARN no coração das nossas células para lhes ordenar que sintetizem uma substância patogénica comprovada, a saber, a proteína *Spike*? Lavar as mãos equivale a injetar uma substância química de emergência, administrada sem a menor garantia terapêutica? Não existe um único médico na Terra para contestar o fundamento do lavar das mãos ou a sua eficácia. Apresenta a comunidade médica a mesma certeza unânime quanto à inocuidade e à eficácia destas vacinas?

Além disso, ele argumenta que muitos irmãos — esses mesmos que recusavam a injeção — se deixariam enganar pela "política e pelos *sites da internet*" que evocam os riscos vacinais. Ao acusá-los de ingerência política, concluem que eles "esquecem o Reino de Deus e adotam o espírito do mundo". Contudo, estes cristãos que resistem às vossas pressões permanecem plenamente conscientes da soberania deste Reino e do seu **ÚNICO REI, JESUS CRISTO**; é precisamente por essa razão que recusaram respaldar as aberrações doutrinárias que vocês veiculam.

Irmãos, é manifesto que aqueles que se imiscuem na arena política e abraçam o espírito do mundo são vocês mesmos; nenhum servo de Deus recusa a vacinação por motivos partidários. Não ignoram que os opositores a este tratamento se apoiam em fundamentos idênticos aos expostos no limiar desta correspondência. Apesar disso, varrem os seus argumentos com um aceno de mão e fingem acreditar que eles se envolvem em debates seculares. É uma **MENTIRA DESPUDORADA**.

Sendo assim, se abandonam o espírito da Bíblia para moldar a vossa atuação pelos métodos dos governantes deste sistema, qual de nós dois manifesta verdadeiramente "o espírito do mundo"? Será o cristão não vacinado, ou vocês mesmos? A resposta impõe-se por si mesma.

1 Coríntios 2:12, 13

«E nós não recebemos o espírito do mundo, mas o espírito que vem de Deus, para que soubéssemos as coisas que nos foram dadas bondosamente por Deus. Dessas coisas também falamos, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com as ensinadas pelo espírito, ao explicarmos assuntos espirituais com palavras espirituais.»

Dispensaram, através desta Atualização e das comunicações anteriores, ensinamentos ditados pelo "espírito", tais como estão consignados nas Escrituras Sagradas, ou tornaram-se os vetores de uma doutrina forjada pela "sabedoria humana"? Em suma, vão buscar estas orientações e estas injunções à fonte divina ou no seio das estruturas deste mundo?

É do conhecimento público que as vacinas contra a COVID-19 foram objeto de uma promoção massiva por parte de toda a classe política mundial, apoiada pelos interesses financeiros de multinacionais farmacêuticas de moralidade manifestamente comprometida. Uma multidão de cientistas e de profissionais de saúde íntegros denunciaram corajosamente esta conivência, com provas a apoiar.

Sendo assim, incriminar irmãos cujo único erro é quererem deixar-se guiar pela sua consciência cristã — quando vocês mesmos se conformam com as agendas das instâncias seculares — constitui um profundo insulto. A gravidade da vossa atitude reside no facto de imputarem caluniosamente a inocentes os exatos desvios que vocês cometem. As vossas próprias declarações selam a vossa condenação.

Mateus 12:36, 37

«Eu lhes digo que os homens prestarão contas no Dia do Julgamento por toda declaração sem valor que fizerem; pois pelas suas palavras você será declarado justo e pelas suas palavras será condenado.»

Uma entrevista profundamente lamentável é então projetada, atribuindo-se o objetivo manifesto de perpetuar a manipulação das consciências no seio da comunidade. O interveniente começa a sua alocução nestes termos:

«— Durante a pandemia, foi realmente difícil manter bons hábitos e foi muito fácil adquirir maus hábitos.

— Durante o confinamento, passei mais tempo em frente ao meu computador, e isso perturbou o meu ritmo de sono.

— Tive de rever os meus hábitos, porque os maus hábitos são fáceis de adquirir, mas difíceis de perder. Por isso, fiz uma espécie de terapia de substituição, como lhe chamo, ou seja, parar de me entorpecer em frente à televisão para ver algo mais proveitoso, o nosso canal de televisão, a JW Broadcasting.

— Como passava muito tempo a ver televisão, ouvia muitas informações negativas sobre as vacinas. E isso dava-me medo.

— Ouvir demasiadas notícias deixava-me sob pressão, por isso, durante algum tempo, resisti à ideia de me vacinar.»

Através deste relato, sustentam abertamente que os opositores à vacinação são movidos pela influência deletéria dos meios de comunicação televisivos e dos fluxos de notícias ansiogénicos. Ao agirem desta forma, insinuem que os cristãos refratários à injeção são desprovidos de qualquer fundamento bíblico e que cedem unicamente à desinformação, tornando-se assim presas dóceis do sistema do Diabo. Isto é desconsiderar de forma desdenhosa as convicções íntimas de outrem. Contudo, não ignoram os motivos imperiosos que guiam os nossos irmãos e irmãs; foram os destinatários, por intermédio das filiais, de múltiplas sínteses dando conta dos milhares de cartas enviadas pelos publicadores.

Na realidade, manejam aqui a falácia do "homem de palha". Este estratagema retórico consiste em apoderar-se da posição de um contraditor para a desnaturar ou exagerar, até a tornar perfeitamente grotesca e ilógica. Caricaturam os argumentos dos vossos companheiros a fim de os expor ao achincalhe do resto da comunidade e de os compelir a capitular sob o efeito da pressão do grupo. É indigno de pastores recorrer a tais técnicas de manipulação psicológica para impor pontos de vista puramente pessoais.

Posteriormente, o interveniente acrescenta esta precisão:

«Pedimos muitas vezes conselho a Jeová em oração. À medida que chegavam, as Atualizações do Corpo

Governante vinham mesmo a calhar e ajudaram-nos a tomar as decisões corretas.

— Quando a pandemia começou, fiquei com muito tempo livre e, por isso, ia constantemente às redes sociais ou estava sempre ligada.

— A Adoração em Família foi para nós uma excelente oportunidade para falar sobre as redes sociais, perguntarmo-nos o que Jeová pensa sobre isso e ver como encontrar o equilíbrio sem as eliminar completamente, para continuarmos a ser donos delas e não escravos.

— Foi acontecendo aos poucos, mas, no final, eliminei as minhas redes sociais e fixei um limite para as outras aplicações que, antes, me consumiam muito tempo.»

Resulta desta entrevista uma implicação indubitável: as Atualizações teriam como vocação ditar-nos precisamente "que decisões tomar e revelar-nos o pensamento de Jeová". Ora, a análise destas comunicações demonstra um incentivo sistemático à vacinação. Confirmam assim, mais uma vez, a vossa pretensão de fazer de Jeová o garante divino desta campanha terapêutica, quando as Escrituras Sagradas estabelecem de forma explícita o princípio da responsabilidade individual perante as escolhas de consciência.

O interveniente afirma ter tomado "a melhor decisão" ao renunciar às suas reticências iniciais após ter dado ouvidos aos pretensos "conselhos" de Jeová. A este ritmo, o artifício desta encenação torna-se tão grosseiro que não escaparia nem sequer à perspicácia de uma criança.

Irmãos do Corpo Governante, tal postura assemelha-se puramente e simplesmente a uma blasfémia. Jeová não vos transmitiu nenhum oráculo nesse sentido; limitaram-se a retransmitir as injunções do mundo, tornando-se os promotores dos seus interesses. Ao agirem assim, ousaram colocar os decretos da "Fera" imunda na boca sagrada de Jeová.

Além disso, lançam o descrédito sobre o conjunto dos canais de informação seculares para melhor reservar a exclusividade da palavra à plataforma JW.ORG, essa mesma que orchestra a propaganda vacinal

através das suas Atualizações e dos seus artigos conexos. De que autoridade se valem para se erigirem em árbitros da verdade médica?

Jesus Cristo declarou, contudo: "Os que têm saúde não precisam de médico, mas sim os doentes" (Lucas 5:31). É à comunidade médica, e não à vossa instância, que pertence preconizar protocolos terapêuticos, detendo cada indivíduo o direito inalienável de escolher os profissionais em quem deposita a sua confiança.

Ou formulariam hoje a pretensão de defender que o "médico" evocado por Jesus constitui um "tipo profético" prefigurando a autoridade do "Escravo Fiel e Prudente"? Seria do vosso próprio magistério que Cristo fazia aqui menção?

A entrevista prossegue e termina com estas palavras:

«— As Atualizações do Corpo Governante foram a nossa tábua de salvação. Ajudaram-nos verdadeiramente a manter sempre o rumo em tudo o que fazíamos. A nós, pais, mostraram-nos a direção certa, e sentimo-nos guiados durante toda a pandemia e encorajados ao mesmo tempo. — Pude perceber que Jeová respondia às minhas orações mais do que nunca e vi como ele apoia cada um de nós neste período difícil, porque penso que nenhum de nós conseguiria atravessar esta pandemia sem ele.»

Segundo as declarações do irmão Cook, estas Atualizações têm como vocação ensinar aos pais "o que devem fazer". Ora, qual é o balanço das instruções dispensadas por estes canais até ao dia de hoje? Intimaram-nos a ordem de nos submetermos à vacinação e de não levantar qualquer objeção perante esta diretriz, sob pena de sermos acusados de contestar a autoridade de Jeová e de demonstrar uma flagrante falta de fé. Sendo assim, a vossa responsabilidade está plenamente empenhada na decisão de muitos pais de receberem eles próprios a injeção e de a imporem aos seus filhos.

A injunção que daí decorre é do mais explícito que há:

"DEVEMOS VACINAR-NOS, VACINAR-NOS, VACINAR-NOS E CONTINUAR A VACINAR-NOS TANTAS VEZES QUANTAS NOS FOREM ORDENADAS, PORQUE JEOVÁ ASSIM O QUER."

Esta troca é manifestamente erigida em modelo absoluto do pensamento e da conduta a adotar para assegurar a aprovação divina, sendo-nos fornecida uma demonstração suplementar pelas observações de encerramento desta entrevista:

«Estamos orgulhosos destas famílias que permaneceram vigilantes perante os perigos espirituais. Viram como contrabalançaram o isolamento social? Contactam os outros regularmente. Utilizam a videoconferência para permanecer próximos das suas congregações e dos seus amigos. Notaram como trataram a questão das redes sociais? Discutiram-no em família e decidiram reduzir o tempo que lhes dedicavam ou deixar de as utilizar. Aumentaram o tempo passado em família, nomeadamente fazendo atividades agradáveis ao ar livre. E o que fizeram quando a sua neutralidade foi posta à prova? Oraram a Jeová e confiaram nas informações fornecidas pelo 'Escravo Fiel e Prudente' quando tomaram decisões pessoais.»

Aqui é sublinhado que "permanecer vigilantes" equivale a submeter-se às Atualizações, o que equivale puramente e simplesmente a aceitar a vacinação, visto que o conjunto destas comunicações desde o número 6 do ano de 2021 converge para esse único objetivo. Além disso, sustentam que observar uma estrita "neutralidade" consiste em depositar a sua confiança nos relatórios entregues pelo "Escravo Fiel e Prudente", relatórios esses que se resumem invariavelmente a um incentivo para receber a injeção. Tal argumentação confina com o absurdo: a verdadeira neutralidade exige precisamente que nos abstenhamos de impor as nossas próprias convicções a outrem. Contudo, foi a abordagem inversa que orquestraram, por múltiplos meios, ao longo das vossas Atualizações.

É, por conseguinte, insensato acusar de forma insidiosa os irmãos refratários à vacinação de terem quebrado a sua neutralidade cristã. Tal como demonstrei anteriormente, o seu posicionamento está totalmente isento de qualquer consideração política. Em termos claros, reiterar tal imputação assemelha-se a uma calúnia e a uma difamação orquestradas perante a congregação, visando compelir estes cristãos a ceder sob o peso da pressão comunitária. Trata-se de um pecado grave, cuja natureza transgressora já antes evidenciei.

Esta secção termina, então, com a seguinte declaração:

«Muito em breve, o dia de Jeová virá sobre toda a Terra. É vital que nos mantenhamos despertos. Hoje não é o momento para estarmos espiritualmente adormecidos ou distraídos! Lembrem-se das palavras de Jesus em Lucas 21:36: 'Portanto, mantenham-se acordados, fazendo todo o tempo súplicas para que consigam escapar de todas estas coisas que têm de acontecer e ficar em pé diante do Filho do Homem.' Ao suplicarmos a Jeová com fervor e ao aplicarmos as excelentes instruções que recebemos, é certo que vamos conseguir! Da sede mundial das Testemunhas de Jeová, isto foi a JW Broadcasting!»

Esta Atualização encerra-se afirmando que nos cabe permanecer "despertos" para escapar à destruição final e "ficar em pé diante do Filho do Homem". Para esse fim, é-nos ordenado "levar em conta as excelentes instruções de Jeová". Ora, quais são elas, na realidade, no vosso espírito? É flagrante que, para vocês, esta diretriz se confunde com a obrigação vacinal, essa mesma que é martelada com insistência ao longo de cada uma das vossas comunicações.

Assim, segundo a vossa lógica, para "ir em frente, sobreviver ao dia do Armagedom e ficar em pé diante de Jesus Cristo", teríamos imperativamente de receber esta injeção; seria sob essa única condição que seríamos considerados "despertos" e que "Jeová nos concederia o seu apoio", contanto que "obedecêssemos às instruções do Escravo Fiel e Prudente".

Caros irmãos do Corpo Governante, interroguem agora a vossa consciência e, voltando os vossos olhares para o céu, respondam solenemente a estas perguntas:

Podem afirmar em toda a honestidade, em face do conjunto das vossas declarações anteriores, que não abdicaram da vossa neutralidade cristã?

Podem sustentar, diante de Jeová e de Jesus Cristo, que não orquestraram a promoção desta vacinação?

SEGUNDO PARÊNTESES

A "temporada de caça aos não vacinados" abriu-se então no seio de cada congregação. Foi o trauma de uma verdadeira deflagração.

Vocês não podiam ignorar que uma franja da comunidade adotaria uma postura intransigente no seguimento de tal injunção; contudo, mantiveram as vossas posições, demonstrando uma negligência e uma irresponsabilidade culposas. Era-vos impossível ocultar essa realidade. Sabiam, sim ou não, que os irmãos não vacinados iriam ser submetidos a uma coação impiedosa para se curvarem perante a autoridade do "Escravo Fiel e Prudente", isto é, perante a vossa?

O meu testemunho pessoal ilustra, a este respeito, o calvário suportado por uma multidão de dissidentes. Imediatamente após a difusão da Atualização do Corpo Governante número 10 do ano de 2021, os anciãos da minha congregação significaram-me diretamente, durante uma entrevista, que eu devia conformar-me com a vacinação, com o fundamento de que essa diretriz aí estava explicitamente formulada. Até então, limitavam-se a manifestar reprovação contra mim através de olhares desaprovadores, sem nunca me terem abordado para iniciar um diálogo sobre esse assunto.

Na realidade, forneceram a muitos corpos de anciãos "uma arma carregada" e um "sinal verde" para se atacarem aqueles que recusavam a injeção. É precisamente o desvio a que assistimos no dia seguinte à Atualização do Corpo Governante número 10 de 2021: a partir daí, quem quer que recusasse o tratamento viu-se catalogado como desobediente e rebelde.

Durante as reuniões para o serviço de campo, ouvi pessoalmente companheiros proferirem afirmações desta natureza: "O Corpo Governante foi de uma clareza límpida: quem ousaria ainda recusar a vacina?" "Abster-se da vacinação equivale a desobedecer a Jeová e à sua organização!" "Que Testemunha de Jeová FIDEL recusaria submeter-se a ela?"

Estas declarações eram proferidas com soberba na própria presença de irmãos não vacinados. A pressão psicológica revelava-se insustentável, ao ponto de vários deles, derrotados por uma tensão emocional intolerável, acabarem por capitular e aceitar a injeção.

Por terem sido compelidos a violar a sua própria consciência, estes cristãos pecaram por vossa culpa. Lembram-se dos avisos do apóstolo Paulo? Empurrar um irmão a transigir com a sua consciência equivale a "ruiná-lo" e a fazê-lo "pecar". Não é o meu próprio veredito, é o ensino formal das Escrituras.

A minha esposa acabou por se abster de participar nas reuniões para o serviço de campo por *Zoom*, a fim de se esquivar aos ASSALTOS dos "zelotas" da vacina. Estes últimos prevaleciam-se agora de um livre-trânsito "divino". Tendo o Escravo Fiel e Prudente legitimado as suas convicções, a "caça às bruxas" podia livremente começar.

É doloroso admiti-lo, mas a maior parte daqueles que tinham permanecido firmes na sua recusa acabaram por ceder na sequência das Atualizações do Corpo Governante número 10 de 2021 e número 1 de 2022, com o único objetivo de preservar os seus laços fraternos e evitar a exclusão social. As vozes dissidentes começaram a apagar-se sob o efeito desta inquisição. Esta provação foi tanto mais cruel quanto nenhum destes irmãos alimentava um espírito de sedição ou de rebelião; assentiram, portanto, em "fechar os olhos" e ingerir uma substância que consideravam, contudo, nociva para o seu organismo.

Antes da difusão destas intervenções, no mínimo tendenciosas, coexistíamos na paz e no respeito mútuo das nossas divergências de opinião, porque medíamos o valor da unidade orgânica resultante da neutralidade cristã. Mas ao erigirem as vossas preferências pessoais em dogmas divinos, semearam os germes da discórdia e do cisma no seio das congregações.

Ora, estas dissensões são classificadas por Paulo, no capítulo 5 da sua carta aos Gálatas, entre as "obras da carne". Estes desvios carnaais opõem-se de forma diametral ao fruto do espírito de Deus.

Gálatas 5:22, 23

«Por outro lado, o fruto do espírito é: amor, alegria, paz, paciência, bondade, benignidade, fé, brandura, autodomínio. Contra tais coisas não há lei.»

Todas estas virtudes cristãs parecem ter desaparecido das nossas congregações, varridas pelos conceitos contrários às Escrituras que vocês propagavam nas vossas Atualizações — declarações que se alinhavam ponto por ponto com a retórica das multinacionais farmacêuticas e das estruturas do sistema de Satanás. À semelhança de muitos companheiros, recusei curvar-me perante esta formidável coação, o que desencadeou confrontos de uma hostilidade extrema com o corpo de anciãos. Não só tínhamos de enfrentar a virulência do mundo secular, como, em vez de encontrar o "refresco" prometido no

seio da comunidade, íamos às reuniões com a certeza de ali sofrer verdadeiros "ataques psicológicos".

Permitam-me relatar-vos a experiência de uma amiga próxima da nossa família. Solícita em preservar um modo de vida respeitador das leis da natureza e intimamente convencida da nocividade desta injeção, recusava este tratamento. Contudo, submetida a tal opressão, veio a confiar-nos este funesto desígnio: "Sei perfeitamente que esta vacina alterará a minha saúde; é por isso que resolvi recebê-la e tomar, no próprio dia, um tratamento de desintoxicação para tentar eliminar o veneno que terei introduzido no meu organismo."

Embora reprove fundamentalmente tal lógica, menciono-a aqui para vos colocar perante a aflição emocional inaudita que geraram nos nossos caros irmãos e irmãs.

ELES PREFERIRAM ABSORVER O QUE CONSIDERAVAM UM VENENO PARA ESCAPAR À PRESSÃO QUE VOCÊS EXERCIAM SOBRE ELES!

Consideram isso uma obra louvável? Persistem em negar que transgrediram os limites da vossa autoridade? Esta irmã acabou por renunciar à injeção, não sem nos ter dirigido este último grito do coração: "Não posso mais, as minhas forças abandonam-me. Se continuarem a perseguir-me, vou vacinar-me; e se tiver de morrer disso, que assim seja, talvez seja a melhor saída."

Mais uma vez, pergunto-vos: medem o alcance dos vossos atos para com o rebanho?

A minha esposa, embora tenha permanecido inabalável — e o permanecerá para sempre —, possui uma sensibilidade mais viva do que a minha; esta violência moral mergulhou-a numa profunda depressão nervosa. Os meus dias decorriam em lágrimas, impotente perante a sua agonia psicológica. Perante a repetição destas agressões espirituais, também ela me confiou o seu desejo de morrer. Durante este período sombrio, faltou-me o sono, esmagado pela carga de uma tensão prestes a explodir. Os anciãos observavam-me com uma suspeita constante, procurando o meio de me expor publicamente para me encurralar à submissão.

É concebível, é cristão perpetuar tal clima de terror em torno da minha pessoa, quando eu não fazia mais do que exercer o meu direito fundamental de decidir o que entra no MEU PRÓPRIO CORPO?

O conteúdo das vossas Atualizações do Corpo Governante legitimou e encorajou o assédio exercido pelos publicadores. Quem quer que recusasse a injeção via-se qualificado de homem carnal, de rebelde e de ovelha ranhosa em vias de perdição. É fortes neste aval que os anciãos empreenderam visitas pastorais direcionadas, visando compelir os recalcitrantes a curvarem-se perante o que chamavam "as instruções de Jeová".

Vocês não podem esquivar-se à responsabilidade destes desvios, porque instilaram esta visão deletéria em cada uma das vossas intervenções. Ousariam lançar a culpa sobre os pastores locais sob o pretexto da vossa ignorância? Ousariam pretender que NUNCA PROMOVERAM ESTA VISÃO das coisas? Caros irmãos do Corpo Governante, o exame das Atualizações que analisei basta para demonstrar que vocês são os instigadores deste desastre.

Foi neste clima de altruísmo fingido e de malevolência comprovada que os anciãos da minha congregação resolveram armar-me uma armadilha. Maquinaram uma encenação macabra, cuidadosamente orquestrada, a fim de me compelir a fazer a apologia pública da vacinação perante a congregação, sabendo perfeitamente que eu era contra. Era uma manobra de uma perversidade absoluta.

O desígnio era límpido: quebrar a minha resistência ou expor-me aos olhos de todos como um sedicioso rebelde às ordens do "Escravo Fiel e Prudente". Apanhado na armadilha desta emboscada artificial, eu dispunha apenas de alguns segundos para reagir. Nenhuma saída honrosa me era deixada.

Senti então uma aflição de uma intensidade que já não experimentava há décadas. As minhas memórias trouxeram-me de volta ao dia dos meus 17 anos, quando estudava a Bíblia há apenas alguns meses. Na escola, exigiram de mim que cantasse o hino nacional; perante a minha recusa, um professor encheu-me de injúrias e intimidou-me perante os meus colegas. Lembro-me de ter estado prestes a capitular, aterrorizado pelo opróbrio geral, mas mantive-me firme por temor de pecar contra Jeová. O medo de trair o meu Deus e de decair do seu favor prevaleceu sobre o medo dos homens. Nesse dia, a tentação ergueu-se diante de mim, de uma proximidade assustadora. Foi a prova de fogo da minha juventude.

Hoje, forte com décadas de serviço sagrado, se tivesse de enfrentar uma situação análoga numa sala de aula, triunfaria sobre esse obstáculo com uma facilidade desconcertante e sorriria do arroubo desse homem. Contudo, esse sentimento esquecido há anos — essa impressão terrorífica de estar encurralado ao pecado e à idolatria —, senti-o novamente sob a pressão dos meus próprios irmãos. Não vaciei um único instante, mas tive a sensação física de que estes anciãos depositavam diante de mim "carne sacrificada aos ídolos" para me obrigar a consumi-la. O trauma espiritual era idêntico: sentia o olhar de Jeová pesar sobre mim enquanto a iniquidade me cercava.

Foi uma experiência horrível, da qual tinha sido preservado desde a minha adolescência, eu que sempre fugi do mal. E eis que pastores dispunham esta armadilha sob os meus passos para me levar a renegada o meu Deus. Se tivesse subscrito estes conceitos anti-bíblicos, a minha integridade espiritual teria sido irremediavelmente corrompida e tenho a certeza de que Deus me teria rejeitado. Em plena consciência de causa, capitular teria equivalido a uma apostasia de facto, um abandono deliberado de Jeová.

Porquê ter-me infligido tal suplício? Estes homens que eu frequentava há décadas traíram-me para se conformarem com "mandamentos de homens" emanados dos vossos escritórios. A minha recusa em curvar-me designou-me à sua vindicta.

Seguiu-se uma sucessão de audiências perante o conjunto do corpo de anciãos e o superintendente de circuito. Ao longo destas sessões, desdobraram todo o arsenal da retórica, da mentira e das falsas declarações para me fazer admitir o meu pretenso extravio. Não cedi um centímetro. Opus as verdades imutáveis das Escrituras à sua liga, mas eles não queriam saber.

Tinha-se tornado perfeitamente estéril citar a Bíblia ou evocar as publicações anteriores à Atualização do Corpo Governante número 6 do ano de 2021 — essas mesmas que definiam a neutralidade autêntica e o respeito pela consciência cristã. Segundo os seus próprios termos, convinha avançar "ao ritmo do carro celestial de Jeová" e aceitar as mutações sem pestanejar. Ao ouvi-los, eu era um fóssil agarrado ao passado. "Tens de reiniciar o teu *software*", disseram-me.

Revelaram-se incapazes de compreender que as normas da verdade divina não flutuam ao sabor das oportunidades políticas. Não

compreenderam que a Palavra de Deus é inalterável. Recusando prostrar-me perante os seus dogmas humanos e curvar-me sob o seu jugo, apresentei a minha demissão do meu cargo de ancião.

A partir desse instante, a máquina de difamar pôs-se em marcha, sujando a minha honra. Devo confessar nunca ter experimentado tamanha dor. Sem pretender a perfeição, nunca traí Jeová e dediquei a minha vida a fugir do vício. Contudo, estes pastores trataram-me como um apóstata, um homem destituído de fé e de lealdade para com o Criador.

Para quem quer que ame a Deus com um amor sincero, o trauma de tal injustiça é de uma amargura infinita. Assistir impotente à proliferação de calúnias escritas e verbais, ver a sua reputação pisada sem qualquer meio de defesa, constituiu uma prova de resistência absoluta. Suportar os seus olhares carregados de suspeita e aguentar, durante as reuniões, comentários manifestamente cinzelados para me "golpear" no coração, foi uma experiência de uma tristeza indescritível.

Muito felizmente, no meio desta tempestade, as palavras consoladoras de Jesus Cristo voltam-me à mente:

Lucas 6:22, 23

«Felizes serão vocês sempre que os homens os odiarem, e sempre que os excluïrem, os insultarem e declararem maldito o seu nome, por causa do Filho do Homem. Alegrem-se quando isso acontecer e pulem de alegria, porque a sua recompensa é grande no céu, pois essas são as mesmas coisas que os antepassados deles faziam aos profetas.»

Despojaram-me da minha honra e pisaram a minha reputação, mas permaneceram impotentes para me arrebataram a minha recompensa celestial.

Foi então que a profundidade das declarações do apóstolo Paulo me apareceu em toda a sua verdade:

Filipenses 1:29

«Porque vocês receberam o privilégio, pela causa de Cristo, não somente de depositar nele a sua fé, mas também de sofrer por ele.»

É certamente um privilégio sofrer pela causa da verdade, e devemos aceitá-lo com resignação. Não deixa de ser verdade que esta provação foi de uma amargura absoluta, e que continua a sê-lo ainda hoje.

Se retrato este percurso, é para dele tirar uma conclusão essencial. A minha situação pessoal conferia-me certos trunfos e, em suma, não me fica bem queixar-me. Dotado de um temperamento firme e resoluto, tinha longos anos de serviço na arte de sustentar e defender convicções perante grandes auditórios, mesmo que tivesse de me manter sozinho contra todos. A minha vivência no cargo de ancião há décadas tinha-me conferido uma sólida experiência. Já não era permeável à pressão dos pares nem às manobras de intimidação; tinha deixado há muito tempo de ser aquele adolescente de dezassete anos intimidado pela autoridade de um professor.

Contudo, apesar destas disposições, os suplícios morais que me infligiram feriram-me profundamente. É precisamente esta constatação que desperta em mim uma imensa compaixão por outrem: não posso deixar de pensar nos sofrimentos daqueles irmãos que nunca tinham tido de enfrentar a autoridade de um ancião. O que aconteceu aos companheiros tímidos e introvertidos? Que calvário viveram as almas de uma sensibilidade emocional mais viva do que a minha? Como resistiram aqueles que se encontravam cruelmente isolados? E o que dizer dos nossos jovens, cuja personalidade espiritual estava ainda em plena formação?

Vocês mesmos, em conjunto com os "zelotas da vacinação", literalmente "esmagaram e humilharam" uma multidão destas ovelhas indefesas.

A este respeito, o profeta Ezequiel dirige esta acusação aos pastores de Israel relativamente ao rebanho de Jeová:

Ezequiel 34:4-6

«Não fortaleceram as fracas, nem trataram as doentes, nem enfaixaram as que estavam feridas, nem trouxeram de volta as desgarradas, nem foram procurar as perdidas; em vez disso, vocês as dominaram com dureza e tirania. Assim, elas foram espalhadas porque não havia pastor; elas foram espalhadas e se tornaram alimento para todos os animais selvagens. Minhas ovelhas se perderam por todos os montes e por todas as colinas elevadas; minhas ovelhas foram espalhadas por toda a face da terra, sem que

ninguém fosse procurá-las, nem fosse buscá-las.»

Esta sentença divina fustiga os pastores por "não terem fortalecido a ovelha fraca, nem curado a ovelha doente, por não terem atado a ferida da que estava ferida e por não terem procurado a que se tinha extraviado".

Se Jeová condenava com tanta severidade os pastores de Israel pela sua culposa INAÇÃO, que veredito pronunciará ele contra VOCÊS, que são a CAUSA direta de todos estes tormentos? Que castigo vos reserva ele por terem tornado as suas ovelhas DOENTES? O que fará ele de vocês por terem literalmente "ESMAGADO OS MEMBROS" do seu rebanho? Que contas vos pedirá ele por lhes terem infligido uma aflição tão INTENSA? Qual será a vossa retribuição por as terem DISPERSADO?

A opressão sofrida por estas pobres ovelhas ultrapassa de longe aquela que eu próprio suportei. Perante esta violência moral, uma multidão delas acabou por capitular e por pecar, enquanto outras, mergulhando no desespero, resolveram abandonar tudo e afastar-se.

Talvez objetem: "Nada saberia justificar que se abandone a Deus... nem sequer as falhas dos nossos irmãos!"

Tal afirmação é indiscutivelmente verdadeira; mas as declarações de Jesus Cristo não deixam de ser, contudo, igualmente temíveis e imperativas:

Lucas 17:1, 2

«Então ele disse aos seus discípulos: "É inevitável que surjam motivos para tropeço. Contudo, ai daquele por meio de quem eles surgem! Seria melhor para ele que pendurassem no seu pescoço uma pedra de moinho e que fosse lançado no mar, do que ele fazer tropeçar um destes pequenos.»

Vocês pisaram estes "pequenos", e as vossas diretrizes contrárias às Escrituras causaram a queda espiritual de uma multidão de crentes. Jesus Cristo enuncia sem ambiguidade a gravidade absoluta de tal pecado quando declara: "Aí do homem por quem vem o escândalo." Ora, os "vetores" pelos quais este "escândalo" adveio não são outros senão as vossas Atualizações manipuladoras. É o próprio Jesus Cristo quem pronuncia aqui a vossa condenação.

Há companheiros que suportaram suplícios muito mais cruéis do que os meus, e o relato das suas tragédias apaga até o direito de me queixar. Se vi a minha honra enxovalhada, não sofri a desassociação. Outros, em contrapartida, foram desassociados pelo único erro de terem tomado o partido da verdade. Podem sequer conceber o dilaceramento de um cristão que ama perdidamente a Jeová e que se ouve publicamente despojado da sua identidade espiritual, antes de ser colocado à margem por todo o conjunto dos seus companheiros de vida? Medem o drama destas existências despedaçadas por terem permanecido fiéis aos princípios bíblicos que vocês mesmos desertaram ao abdicar da vossa neutralidade?

Outros ainda viram o seu lar dilacerar-se e conflitos fraticidas eclodir no seio da sua família, sob o efeito das injunções dispensadas nas vossas Atualizações. O que aconteceu àqueles que não pouparam esforços, sem sucesso, para convencer os seus entes queridos de que Jeová não era o inspirador de tais diretrizes? Que sentimentos habitam hoje estes irmãos cujos cônjuges ou filhos estão atingidos por patologias incapacitantes imputáveis a esta vacinação? Qual é o luto daqueles que viram os seus pais ou amigos falecerem após terem recebido a injeção? Por favor, o que imaginam que eles sentem quando vos ouvem martelar que as instruções ditadas durante a pandemia eram as MELHORES e que emanavam de Jeová? Não pensam que estes servos de Deus estão presas, no mínimo, de uma amargura e de um ressentimento profundos?

Este período terá constituído uma prova de fé devastadora e um trauma sem precedentes para os membros da congregação. Eu poderia encher centenas de páginas para fundamentar esta constatação, mas isso não modificaria em nada a evidência da conclusão. Até este ponto, a demonstração é implacável.

Contudo, no dia seguinte à difusão da Atualização número 1 do ano de 2022, novos acontecimentos vieram agravar esta situação.

O QUE VOCÊS FIZERAM APÓS A PANDEMIA

A "histeria" coletiva ligada à COVID-19 dissipou-se à escala mundial de forma quase simultânea. Tudo se passou como se uma instância superior tivesse ordenado encerrar esta sequência, originando o levantamento imediato de todas as medidas de coação. Abster-me-ei aqui de analisar as engrenagens de tal fenómeno, não sendo esse o objeto da presente correspondência. Contudo, força é constatar que, do vosso lado igualmente, a retórica vacinal cessou do dia para a noite. Convém, no entanto, registar os seguintes factos.

O acesso às escolas teocráticas, quer se trate da escola de anciãos quer da de pioneiros, permaneceu estritamente condicionado à obrigação vacinal. Quem quer que não apresentasse um esquema vacinal integralmente em dia via oposta uma recusa liminar e o acesso às aulas proibido. Esta política de exclusão está explicitamente formalizada na diretiva endereçada aos corpos de anciãos com data de 19 de dezembro de 2022, a qual estipula:

«PARA OS ANCIÃOS

1. Requisito em matéria de vacinação para os que cursam uma escola teocrática: Apenas os que estão completamente vacinados contra a Covid-19 poderão assistir presencialmente aos cursos de uma escola teocrática. Isto diz respeito à Escola do Serviço de Pioneiro, à Escola do Ministério do Reino, à Escola para Anciãos de Congregação, bem como à Escola para Evangelizadores do Reino. Além disso, as autoridades de saúde assinalam que se beneficia de uma melhor proteção contra a Covid-19 se as doses de reforço estiverem em dia.
2. No que diz respeito à Escola do Ministério do Reino, à Escola para Anciãos de Congregação e à Escola para Evangelizadores do Reino, não está previsto que os alunos sigam os cursos por videoconferência. Os anciãos que assistirem aos cursos da Escola do Ministério do Reino poderão comunicar oralmente o que tiver sido dito aos anciãos que não puderem

estar presentes devido a doença, deficiência ou outra situação.

3. No que diz respeito à Escola do Serviço de Pioneiro, normalmente não está previsto que os alunos sigam os cursos por videoconferência. Em casos raros, o superintendente de circuito pode fazer uma exceção para um pioneiro cuja situação seja invulgar, por exemplo, um pioneiro que seja muito idoso ou que sofra de uma doença grave. Os pioneiros que não estejam vacinados ou que estejam hesitantes quanto à ideia de assistir aos cursos presencialmente poderão, talvez, estar em condições de assistir a uma sessão da escola que se realize mais tarde.»

Esta política constrangeu uma multidão de irmãos e irmãs a submeterem-se à injeção, com o único propósito de não serem privados destas formações ou de escaparem ao opróbrio de uma verificação inquisitória do seu estatuto vacinal. Conheço pessoalmente anciãos que, embora gravemente indispostos pelas duas primeiras injeções, resolveram completar o seu esquema vacinal com o único fim de poderem ser admitidos à escola, sacrificando a sua saúde no altar de uma pretensa exemplaridade em matéria de obediência.

É precisamente em razão destas diretivas que os pioneiros, os anciãos e os irmãos investidos de responsabilidades teocráticas figuram hoje entre os grupos mais vacinados do mundo. Por que razão se recusou propor aos ministros não vacinados seguir este programa de ensino por meio da videoconferência? Por que razão a imunidade natural foi tão deliberadamente ocultada?

Os laboratórios farmacêuticos confessaram, contudo, perante o Parlamento Europeu que as suas vacinas nunca tinham sido testadas para assegurar a sua capacidade de conter a transmissão do vírus — facto que a realidade epidemiológica, aliás, amplamente confirmou. A ação destas substâncias visava exclusivamente, pelo menos em teoria, atenuar a gravidade dos sintomas e evitar a hospitalização. A partir daí, subordinar o acesso aos privilégios espirituais a tal obrigação terapêutica era totalmente desprovido de fundamento.

O pretexto que invocam — a saber, que "as autoridades de saúde assinalam que se beneficia de uma melhor proteção contra a Covid-19 se as doses de reforço estiverem em dia" — é improcedente. Se uma instância governamental tivesse promulgado uma LEI proibindo formalmente a reunião de pessoas não vacinadas, a obediência às autoridades superiores teria tornado essa exigência legítima, não sendo a rebelião contra a lei uma opção cristã. Embora, em tal circunstância, tese sido necessário invocar o princípio fundamental da liberdade individual — o próprio espírito do *habeas corpus* —, e suspender qualquer exigência interna enquanto se aguardava que uma arbitragem judicial viesse resolver o litígio.

Se sustento que uma ação de justiça contra o Estado se impunha em tal cenário, é porque uma tal legislação hipotética teria sido manifestamente inconstitucional e discriminatória. Não poderíamos convalidar os preconceitos nem segregar indivíduos em função das suas escolhas terapêuticas, uma vez que tal abordagem choca de frente com a justiça distributiva de Deus.

Ora, no caso presente, nenhuma lei desta natureza existia. Os governos limitavam-se a RECOMENDAR a atualização das doses de reforço vacinais; as próprias autoridades civis abstinham-se de qualquer coação. Contudo, vocês exigiram-na. Como ousaram ultrapassar a esse ponto o magistério civil?

É, aliás, revelador constatar que as vossas diretivas previam derrogações por motivos ligados à idade ou à doença. Em outras palavras, era-vos perfeitamente facultativo introduzir uma cláusula de isenção por imperativos de consciência, se tal tivesse sido a vossa vontade; escolheram conscientemente ocultá-la. Por que razão? Postulam que a liberdade de consciência cristã é um conceito caduco? Declaram, com efeito:

«Os pioneiros que não estejam vacinados ou que estejam hesitantes quanto à ideia de assistir aos cursos presencialmente poderão, talvez, estar em condições de assistir a uma sessão da escola que se realize mais tarde.»

Vocês limitam-se a evocar a situação daqueles que não estão vacinados, omitindo deliberadamente o caso daqueles que se recusam a submeter-se a ela por imperativo de consciência. Por este silêncio, fingem

acreditar que é impossível para um cristão, em toda a boa-fé e guiado pela sua consciência, rejeitar esta prescrição terapêutica.

Se admitissem publicamente que motivos de consciência ditam a escolha de alguns, o caráter iníquo e discriminatório da vossa regulamentação explodiria aos olhos de todos. É precisamente para evitar abrir esta "caixa de Pandora" que eludem a questão, contentando-se em sugerir que, talvez ulteriormente, estes irmãos "estarão em condições de assistir" aos cursos. O que se deve entender por uma tal fórmula?

Por que não declarar explicitamente: "esta regra é suscetível de evoluir no futuro"? Por que se esmeram em fazer cair a inteira responsabilidade desta situação sobre os anciãos e os pioneiros, isentando-se da vossa? Não são vocês, contudo, os instigadores desta norma injusta? Que "posição" deverão estes irmãos adotar, segundo vocês? Não é necessária uma grande sagacidade para adivinhar a condição implícita que exigem deles para obterem o seu direito de entrada.

Estas mesmas orientações transparecem de forma flagrante na diretiva intitulada "Precauções de segurança para frequentar as escolas teocráticas S-294_S". Ali está consignado o seguinte:

«3. Vacina e dose de reforço. Toda a pessoa que frequente as escolas teocráticas deve estar inteiramente vacinada contra a COVID-19. Tendo em conta o tempo decorrido desde a vacinação inicial, considere receber as últimas doses de reforço da vacina contra a COVID-19. As autoridades de saúde assinalam que se beneficia de uma melhor proteção contra a Covid-19 se as doses de reforço estiverem em dia. 4. Tome precauções sanitárias adicionais. Para a sua segurança e para proteger os outros assistentes, por favor considere seriamente tomar precauções sanitárias adicionais na semana anterior e durante a escola. Por exemplo, considere usar máscara quando assistir às reuniões da congregação, participar no ministério, utilizar os transportes públicos e realizar outras atividades em locais públicos. Na medida do possível, minimize as compras não essenciais e outras atividades em espaços fechados que o possam expor

desnecessariamente à COVID-19. Recomenda-se a realização de um teste de rastreio da COVID-19 nos dias anteriores ao início das escolas, caso exista um teste disponível localmente. Para detetar mais eficazmente a infeção, alguns testes À COVID-19, tais como os testes domésticos ou os testes antigénicos rápidos, devem ser repetidos num intervalo de 24 a 36 horas.»

Por esta diretiva, vocês ultrapassam um limiar crítico ao exigirem dos participantes que se submetam a testes PCR, um procedimento que muitos irmãos consideram invasivo e cujo próprio criador tinha sublinhado os limites quanto ao uso diagnóstico em massa que dele foi feito.

Além disso, persistem em apresentar a vacinação e os seus reforços sucessivos como o único baluarte sanitário legítimo. Em momento algum recordam o dever de neutralidade cristã perante as controvérsias médicas, nem a obrigação teocrática de respeitar o livre-arbítrio e as decisões terapêuticas de outrem.

Ao agirem assim, importam para o seio da congregação critérios partidários e grelhas de leitura moldadas pelos interesses da classe política e da indústria farmacêutica. Ora, a submissão às autoridades seculares para onde começa a transgressão das leis divinas. A postura que adotam choca de frente com o preceito mais fundamental das Escrituras: a lei do amor, a qual proíbe coagir a consciência de um companheiro para lhe impor a sua própria vontade.

Pretenderiam justificar-se abrigando-se atrás das recomendações dos organismos públicos? Como podem racionalmente EXIGIR o que as instâncias civis se limitam a RECOMENDAR?

Tamanha obstinação leva-me a perguntar se esta exigência não dissimulava, em realidade, um protocolo de avaliação latente. Por este filtro, os ministros não vacinados encontravam-se mecanicamente identificados, oferecendo um instantâneo preciso da taxa de lealdade dos pioneiros e dos anciãos para com as diretivas do **Corpo Governante**. Tratando-se do direito fundamental ao segredo médico, era-vos juridicamente impossível ordenar aos coordenadores do corpo de anciãos que procedessem a um recenseamento dos estatutos vacinais. Contudo, ao editarem esta cláusula de exclusão, a ausência de um irmão

a estas sessões de ensino valia como sinalização indireta. Era esse o verdadeiro desígnio desta medida aberrante? Trata-se de enumerar os supostos "rebeldes" que recusavam ainda curvar-se?

Aliás, a manutenção desta restrição prolongava insidiosamente o *leitmotiv* das vossas Atualizações: a afirmação segundo a qual a vacinação constituía a única via cristã exemplar. Não ignoram que os anciãos e os pioneiros são erigidos em modelos para o rebanho. O sinal enviado era, portanto, unívoco, encarregando implicitamente estes exemplos locais de repercutirem esta pressão moral sobre o resto da congregação.

Subordinar o acesso à instrução teocrática à injeção regular de substâncias médicas equivale, de facto, a instaurar um teste de lealdade para com o "Escravo" (isto é, para com vocês mesmos). É tanto mais flagrante quanto a ação destas vacinas se limitava, pela própria confissão dos laboratórios, à redução das formas graves e das hospitalizações — permanecendo a eficácia real desta promessa um outro debate.

Tornaram-se culpados de discriminação por motivos de ordem estritamente médica. Que olhar deitam sobre estes irmãos íntegros que viram o acesso a estas escolas ser-lhes proibido em razão das suas convicções? Foram atirados às feras da opinião pública da congregação, estigmatizados como sediciosos para com as vossas instruções. Tratou-se ali de uma estratégia manifesta de coação pelo grupo.

Na continuação deste documento, trarei à luz as sequelas profundas que estas diretivas deletérias deixaram nestes companheiros injustamente provados, e analisarei outros aspetos da vossa gestão pós-pandémica.

CONCLUSÕES DAS ATUALIZAÇÕES, CARTAS E DISCURSOS

Para coroar o conjunto destas diretivas, quer se trate das vossas alocações quer das vossas correspondências oficiais, formalizaram o vosso pensamento nas páginas do vosso principal órgão doutrinário. Assim, na edição de *A Sentinela* de julho de 2022, está consignado o seguinte:

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2022481>

«16 Alguns talvez achem que a organização está sendo cautelosa demais durante a pandemia. Mas fica cada vez mais claro que a organização está nos dando a melhor orientação. (Mat. 11:19) Quando pensamos na maneira amorosa em como Jesus está liderando seu povo, temos certeza de que não importa o que aconteça no futuro, Jeová e seu Filho amoroso sempre vão cuidar de nós. — Leia Hebreus 13:5, 6.»

Por estes termos, afirmam de forma perentória que "as medidas que tomaram eram apropriadas", chegando ao ponto de sustentar que o próprio Jesus Cristo orquestrou a nossa submissão a estas diretivas.

A fim de fundamentar tal alegação, convocam as palavras de Cristo que estipulam:

Mateus 11:19

«O Filho do Homem veio comendo e bebendo, mas elas dizem: ‘Vejam! Um homem glutão e dado a beber vinho, amigo de cobradores de impostos e de pecadores.’ No entanto, a sabedoria se prova justa pelas suas obras.»

Jesus enuncia aqui com uma clareza límpida que a pertinência e a sabedoria de uma afirmação, de um comportamento ou de uma linha de conduta se medem exclusivamente à luz dos seus frutos. Este ensino de Cristo encontra uma ressonância perfeita na sua célebre metáfora da boa e da má árvore, quando declara:

Lucas 6:43, 44

«Pois nenhuma árvore boa produz fruto ruim, e nenhuma

árvore ruim produz fruto bom. Pois toda árvore é conhecida pelo seu próprio fruto. Por exemplo, não se colhem figos de espinheiros, nem uvas de uma planta espinhosa.»

O princípio é límpido: basta avaliar o "fruto" para determinar a sabedoria intrínseca de um conselho ou de uma diretiva.

É manifesto que procuram envolver-se na autoridade soberana de Jesus Cristo a fim de imunizar as vossas Atualizações contra qualquer crítica, e é precisamente com esse desígnio que o usam como padrinho. Por esta manobra, quem quer que ouse contestar ou emitir reservas sobre as vossas instruções vê-se subtilmente acusado de contestar o próprio Jesus Cristo, cuja perfeição é absoluta.

Ora, sabemos que Cristo não saberia contradizer-se e que as suas orientações não saberiam, em caso algum, gerar "frutos podres". Se Jesus enunciou esta regra de avaliação, foi precisamente para nos dar o meio de identificar os seus ensinamentos autênticos e de os dissociar das doutrinas adulteradas. É por isso que esta grelha de análise é perfeitamente legítima e que convém colocar a questão sem a menor apreensão: que frutos as vossas instruções realmente produziram no encaixe destas Atualizações? Trata-se verdadeiramente de diretivas inspiradas por Jesus Cristo?

O exame factual das vossas Atualizações impõe a todos a constatação esmagadora que se segue:

- A promoção ativa e inegável de terapias génicas contra a COVID-19, substâncias então experimentais e potencialmente deletérias.
- A relegação para segundo plano, para não dizer o abandono puro e simples, de pilares doutrinários fundamentais tais como a neutralidade cristã, o respeito absoluto pela consciência de outrem, o exercício do amor fraterno e a proibição de julgar o seu próximo.
- A distorção manifesta dos textos sagrados a fim de fundamentar uma postura vacinal partidária, constituindo uma ofensa direta contra a Palavra de Deus.
- O extravio do povo de Deus, a quem se fez crer que Jeová exigia esta submissão médica — uma alegação espiritualmente grave.

- A amálgama enganosa que erigia a aceitação da injeção em critério de elevada espiritualidade, enquanto a recusa terapêutica era assimilada a um ato de rebelião aberta contra Jeová.
- A introdução da Discórdia e do cisma no seio da congregação cristã, desvios explicitamente classificados entre as "obras da carne" e antinômicos do "fruto do espírito".
- O sequestro moral dos dissidentes, expostos a um assédio verbal e a assaltos psicológicos, chegando até à desassociação daqueles que ousavam proclamar a verdade para denunciar estes desvios.
- O desprezo ostentado perante a aflição de milhares de servos fiéis, cujas solicitações escritas permaneceram letra morta enquanto se tentava forçar o seu consentimento.
- A queda espiritual de uma multidão de crentes que, prostrados por este posicionamento dogmático, acabaram por tropeçar e abandonar tudo.
- O alinhamento servil com as prescrições dos governos humanos assujeitados ao sistema do Diabo, em detrimento da elevada estatura da neutralidade bíblica.

Muitos outros agravos poderiam somar-se a esta lista, mas estes elementos, por si só, bastam para selar o veredito.

Caros irmãos do Corpo Governante, reitero-vos, portanto, a minha pergunta: que frutos as vossas instruções geraram aquando da difusão destas Atualizações? Era essa a obra de Jesus Cristo?

A realidade é de uma clareza cegante: os frutos colhidos são "frutos podres" e não refletem em nada a "elevada sabedoria" que atribuem a vós mesmos. Não foi a voz de Jesus Cristo que a congregação ouviu através de vós, embora tenham tentado fazer crer isso ao rebanho. O fruto dos ensinamentos de Jesus Cristo é de uma excelência imutável, e ele próprio declarou:

Mateus 5:17-19

«Não pensem que vim destruir a Lei ou os Profetas. Não vim destruir, mas cumprir. Eu lhes garanto que será mais fácil passarem céu e terra do que passar a menor letra ou um só traço de uma letra da Lei, sem que tudo se cumpra. Portanto, quem violar o menor desses mandamentos e

ensinar outros a fazer o mesmo será chamado menor com relação ao Reino dos céus. Mas quem os cumprir e ensinar será chamado grande com relação ao Reino dos céus.»

Jesus Cristo NUNCA transgrediu a lei de Jeová; submeteu-se a ela e ensinou o respeito pelo "menor destes mandamentos". Longe de abolir a lei divina, magnificou o seu alcance pela sua obediência perfeita. Em verdade, estipulou que a medida da grandeza ou da insignificância de um homem no Reino dos céus depende da sua fidelidade em observar e ensinar corretamente o menor destes preceitos.

Inversamente, as diretivas que editaram eram partidárias, errôneas e, sob muitos aspetos, totalmente aberrantes. Ao agirem assim, violaram os decretos fundamentais das Escrituras, pecando deliberadamente contra a lei de Cristo e o mandamento supremo do amor. Em reiteradas ocasiões, suplantaram a lei de Jeová para impor as vossas próprias doutrinas humanas.

A partir daí, qual é a vossa estatura espiritual segundo os critérios imutáveis fixados por Jesus Cristo? Como ousam pretender, nos vossos periódicos, que dispensaram "as melhores instruções que podia haver"? Como podem persistir em sustentar que elas se revelaram de uma "elevada sabedoria"?

A reiteração obsessiva de uma mentira não saberia transformá-la em verdade. O profeta Isaías recorda-nos esta sentença temível:

Isaías 5:20, 21

«Ai dos que dizem que o bom é mau e que o mau é bom,
Os que põem a escuridão no lugar da luz e a luz no lugar da
escuridão, Os que trocam o amargo pelo doce e o doce pelo
amargo! Ai dos que são sábios aos seus próprios olhos

E sensatos do seu ponto de vista!»

Membros do Corpo Governante, não reiteram vocês precisamente a falta que o profeta Isaías tão severamente condenou? Ao martelarem que está provado que as vossas "instruções eram as melhores", não substituem insidiosamente "o amargo pelo doce"? Ao qualificarem de "muito sábias" diretivas no entanto deletérias, não demonstram com arrogância que são "sábios aos vossos próprios olhos"?

É propriamente indigno, para não dizer blasfemo, que recusem reconhecer os vossos erros e que persistam em travestir as vossas

opções terapêuticas pessoais numa direção incontestável de Jesus Cristo. Nem Jeová nem o seu Filho são os autores dos desastres e das fraturas que provocaram no seio da congregação cristã.

Contudo, a prova do tempo veio trazer outra prova irrefutável quanto à natureza destes "frutos podres".

É HORA DE FAZER UM BALANÇO

Uma análise retrospectiva dos fatos exige agora que se faça um inventário sem concessões. Na edição de *A Sentinela* de julho de 2023, vocês reiteram certos axiomas que saturam de forma obsessiva as suas publicações. Nela consta o seguinte:

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2023485>

«12 Informações enganosas. Satanás usa “vão engano” e as “coisas elementares do mundo” para enganar e dividir as pessoas. (Col. 2:8) Na época dos apóstolos, isso incluía filosofias humanas, ensinamentos judaicos que não estavam baseados nas Escrituras e o ensino de que os cristãos eram obrigados a obedecer à Lei mosaica. Essas ideias eram enganosas porque afastavam as pessoas de Jeová, a verdadeira Fonte da sabedoria. Hoje, Satanás usa a mídia e as redes sociais para espalhar teorias da conspiração e notícias falsas promovidas por líderes políticos. Isso aconteceu muito durante a pandemia da covid-19. Muitos sofreram com ansiedade porque deram atenção a essas informações falsas. Mas as Testemunhas de Jeová que escutaram as orientações dadas pela organização evitaram esse problema. — Mat. 24:45.»

Com essas declarações, vocês tentam desacreditar qualquer pessoa que apresente reservas, equiparando a dúvida a vulgares teorias da conspiração e atribuindo essas vozes divergentes à influência do Diabo e do seu sistema. Além disso, vocês sustentam abertamente que, embora tenham circulado muitas informações falsas durante a crise sanitária — ponto em que concordo plenamente com vocês —, aqueles que se deixaram guiar pelas diretrizes das suas atualizações «poupam a si mesmos de ansiedades excessivas» em comparação com aqueles que deram atenção a esses alertas supostamente infundados.

Será que essas afirmações resistem ao teste dos fatos? Antes de entrar no cerne desta análise, gostaria de fazer um esclarecimento essencial. Como mencionei no início desta correspondência, tomei a decisão pessoal de não receber essas injeções, à semelhança de muitos outros companheiros. No entanto, respeito profundamente a liberdade de

escolha daqueles que tomaram a decisão oposta, estando convencido de que o livre-arbítrio é um direito inalienável. Ao avaliar a veracidade das suas declarações, a minha intenção não é de modo algum fazer proselitismo nem impor as minhas convicções aos outros.

Mantenho uma estrita neutralidade pública sobre esta questão, uma postura que deveria ser a de qualquer cristão preocupado em respeitar o seu próximo. Jeová Deus deseja que cada indivíduo examine as evidências de que dispõe para decidir em total liberdade, livre de qualquer pressão moral, e que assuma depois a responsabilidade pelas suas escolhas. É neste espírito de clareza, e para evitar qualquer mal-entendido, que apresento aqui dados objetivos, verificáveis por todos, a fim de confrontar as suas afirmações com a realidade.

O recuo de que dispomos hoje oferece-nos um acesso inédito a uma multidão de dados que faltavam no auge da crise. Pesquisas universitárias aprofundadas, bem como as conclusões de cientistas e de instituições de primeiro plano, permitem agora medir os efeitos a longo prazo desta campanha de vacinação. Se fosse para apresentar a totalidade das referências disponíveis, esta carta torná-se-ia interminável. Limitar-me-ei, portanto, a citar alguns exemplos documentados, não para iniciar uma polêmica, mas para ilustrar o meu ponto de vista com fontes acadêmicas e oficiais.

Quem quer que aceite fazer um exame atento pode tomar a medida do balanço da vacinação contra a COVID-19. A título de ilustração, diretórios que compilam milhares de estudos avaliados por pares põem em evidência a realidade e a diversidade dos efeitos indesejáveis associados a essas injeções.

Permitam-me fazer-lhes a pergunta, membros do Corpo Governante: será que os irmãos e irmãs que consentiram em tomar a injeção dispunham desses dados relativos aos efeitos secundários? As agências de notícias oficiais e os canais de informação que vocês ergueram como referências incontornáveis alguma vez os mencionaram?

É forçoso constatar que a maioria dos nossos contemporâneos abordou esses tratamentos com a garantia de uma total inocuidade, precisamente porque a mídia oficial, de quem vocês retransmitiram a palavra, o repetiu à exaustão. Ao ocultar a complexidade da realidade científica, vocês orientaram decisões que teriam sido, sem dúvida, muito diferentes se as consciências tivessem sido plenamente esclarecidas. Os

grandes meios de comunicação enviesaram o consentimento das populações ao ocultar setores inteiros da pesquisa e das estatísticas de saúde.

Consideremos, por exemplo, a rigorosa análise epidemiológica realizada no hemisfério sul, abrangendo dados demográficos de 17 países. Este relatório evidencia uma correlação estatística notável entre as ondas de vacinação em massa e índices de excesso de mortalidade, dados oriundos dos registros civis oficiais que qualquer cidadão pode consultar.

Pergunto-lhes novamente: esses indicadores estatísticos foram sequer mencionados pelas fontes de informação que vocês recomendaram? Não acham que o povo de Deus tinha o direito de conhecer estes elementos para decidir com total conhecimento de causa, ao abrigo de qualquer manipulação? Por que tal omertà sobre estes dados públicos?

Este fenômeno não se limita a uma região isolada. Na Nova Zelândia, a publicação de dados internos por um denunciante da administração de saúde trouxe à luz grandes discrepâncias estatísticas relativas à mortalidade pós-vacinal, revelando à luz do dia as medidas de retenção de informação praticadas pelas autoridades civis. Este homem é hoje objeto de processos judiciais por ter quebrado este segredo de Estado. Quantas pessoas estão informadas do teor destas revelações? Que grande meio de comunicação se fez eco delas? Por que abafar tais fatos, quando eles legitimam a mais elementar das prudências?

Por outro lado, várias nações revisaram as suas recomendações, ou até suspenderam a utilização de alguns destes produtos para grandes faixas da população, devido aos riscos cardiovasculares ou a casos de mortes súbitas constatados pelos seus próprios comitês de farmacovigilância — à imagem das decisões tomadas na Islândia ou em diferentes países do Norte da Europa, tais como a Finlândia, a Suécia, a Noruega e a Dinamarca.

Sendo assim, como explicar que outros Estados se obstinem em decretar que estes produtos estão isentos de riscos? Se soubessem que um tratamento prescrito por um médico é objeto de uma proibição ou de uma restrição rigorosa num país vizinho devido a efeitos letais, tomá-lo-iam sem hesitar? Por que as autoridades de saúde ocidentais que VOCÊS RECOMENDAM se absteram, muitas vezes, de informar os cidadãos sobre estas divergências internacionais?

Para além dos dados clínicos, os processos judiciais e o vazamento de informações permitiram levantar o véu sobre as cláusulas de confidencialidade dos contratos de fornecimento assinados entre as multinacionais farmacêuticas e instâncias como a Comissão Europeia ou os governos sul-africano e colombiano.

O exame minucioso destes documentos jurídicos revela que os discursos políticos que afirmavam o caráter comprovado e sem risco dos produtos estavam em flagrante contradição com os termos contratuais aceitos. As cláusulas estipulam explicitamente o caráter experimental das substâncias entregues e consagram a exoneração total de responsabilidade civil e financeira dos fabricantes em caso de efeitos deletérios.

Não se trata aqui de adotar uma postura política, mas de chamar as coisas pelo seu nome. O dicionário define a mentira como uma alteração deliberada da verdade com o objetivo de enganar, persuadir ou ocultar uma realidade. Os tomadores de decisão públicos que garantiram a inocuidade absoluta destas terapias ocultaram conscientemente os termos dos compromissos que assinavam em segredo.

Nesses atos contratuais, os laboratórios estipulam em pratos limpos que NÃO PODERIAM PREVER OS EFEITOS A LONGO PRAZO DESTAS INJEÇÕES NO ORGANISMO HUMANO, motivando assim a sua exigência de imunidade jurídica. Os governos aceitaram estas condições ao mesmo tempo que afirmavam aos cidadãos que a segurança dos produtos estava cientificamente selada. Não é isto uma patente tentativa de engano? Teriam as cláusulas sido assinadas com a mesma docilidade se os cidadãos tivessem podido ler que os próprios fabricantes se recusavam a assumir a sua responsabilidade?

O ponto 5.6 do contrato de compra celebrado entre o governo da Colômbia e a empresa Pfizer ilustra perfeitamente esta realidade; nele está estipulado:

«5.6. Reconhecimento do Comprador. O Comprador reconhece que a Vacina e os materiais associados, bem como os seus componentes e materiais constitutivos, estão a ser desenvolvidos rapidamente devido à emergência da pandemia de COVID-19 e continuarão a ser estudados

após o fornecimento da Vacina ao Comprador, conforme previsto no presente Acordo. O Comprador reconhece ainda que os efeitos e a eficácia a longo prazo da vacina não são atualmente conhecidos e que a vacina pode ter efeitos indesejáveis desconhecidos. Além disso, na medida em que seja aplicável, o Comprador reconhece que o Produto não será serializado.»

É precisamente devido a esses incumprimentos contratuais e à dissimulação comprovada de efeitos letais que foram iniciados processos judiciais contra vários responsáveis políticos e de saúde ao redor do mundo, nomeadamente na Itália. Sendo assim, como justificar o silêncio quase absoluto que envolve estes desenvolvimentos judiciais? Por que os grandes meios de comunicação não fazem manchete de um tal escândalo sanitário mundial? É forçoso constatar que a mídia oficial persiste em difundir a tese de uma inocuidade absoluta, relegando os alertas de farmacovigilância à condição de fatos diversos insignificantes.

Paralelamente, a comunidade científica independente continua a acumular dados alarmantes. Pesquisadores, nomeadamente em instituições prestigiadas como a Universidade de Cambridge, evidenciaram perturbações imunológicas de grande escala numa proporção não negligenciável de indivíduos vacinados, semelhantes a uma síndrome de imunodeficiência adquirida induzida.

Por sua vez, a empresa Pfizer foi forçada a reconhecer oficialmente o risco de miocardite associado aos seus lotes terapêuticos. Segundo diversas análises clínicas, a taxa de incidência destas patologias cardíacas revela-se particularmente preocupante, até porque a literatura médica clássica estabelece que uma parte significativa das insuficiências cardíacas agudas apresenta um prognóstico sombrio a médio prazo. Os alertas emanados de profissionais de saúde, de médicos militares ou de serviços de emergência multiplicam-se à escala internacional para denunciar um aumento inédito de patologias cardiovasculares e de tumores de progressão fulgurante.

O caso do condado de King, no Estado de Washington, é a este respeito particularmente revelador: um estudo coescrito pelo Dr. Peter McCullough evidencia um aumento espetacular das mortes de origem cardíaca entre 2020 e 2023, numa população vacinada em quase 98%.

Ora, por efeito das suas diretrizes coercivas, a nossa comunidade mundial apresenta uma taxa de cobertura vacinal ainda mais elevada. Se considerarmos o caso dos anciãos, dos membros da família de Betel e dos pioneiros, a obrigação de estar «em dia» no calendário de reforços para ter acesso às escolas teocráticas implica que a quase totalidade deles recebeu múltiplas injeções. Que balanço estatístico deveríamos então fazer no seio das nossas próprias congregações? Se um pesquisador da estatura do Dr. McCullough quisesse medir o impacto real destas campanhas de massa, bastar-lhe-ia analisar a situação epidemiológica das congregações locais. Foi por vossa exclusiva vontade que os servos de Jeová figuram hoje entre os grupos mais medicalizados do mundo.

Deveria decretar-se que a totalidade destes cientistas, destes denunciadores e destes estudos clínicos participam de uma fraude generalizada ou de uma maquinação diabólica? Sustentar uma tal tese equivaleria a fechar-se numa postura ideológica desconectada da realidade.

A abundância de dados é agora incontornável para quem quer que se recuse a fechar os olhos. Mas, para além dos números, a realidade impõe-se por si mesma no nosso dia a dia. Os serviços de cardiologia pediátrica enfrentam um fluxo sem precedentes de jovens pacientes. A minha esposa e eu dirigimos estudos bíblicos por videoconferência em todo o país; embora essas pessoas tenham todas tomado a decisão de se vacinar — o que atesta a nossa estrita neutralidade durante as nossas conversas —, constatamos que desenvolvem enfermidades incomuns. Uma das nossas estudantes sofre hoje de uma degeneração neurológica grave, ao ponto de o seu próprio médico lhe ter proibido formalmente qualquer nova injeção. O seu marido sofre, por sua vez, de graves problemas cardíacos.

Observamos com os nossos próprios olhos uma multiplicação anormal de mortes súbitas em indivíduos em perfeita saúde, de cancros agressivos e de colapsos imunológicos que privam os nossos irmãos da capacidade de se curarem de enfermidades benignas. Pretenderiam vocês que estes dramas diários são apenas fruto da nossa imaginação ou de supostos vieses cognitivos, sob o pretexto de que as suas publicações nunca os mencionam?

Não se trata aqui de contestar o direito de um indivíduo de escolher a sua terapia com total conhecimento de causa. Se uma pessoa, devidamente informada dos riscos envolvidos, decide submeter-se a um protocolo médico, a sua escolha deve ser respeitada. Em contrapartida, incentivar uma população a receber um produto garantindo-lhe a sua segurança, ao mesmo tempo que se lhe ocultam os dados de farmacovigilância, equivale a uma manipulação mental. Para retomar a analogia dos doces mencionada anteriormente, privar o cristão dos elementos necessários para um consentimento esclarecido equivale a enviar o seu julgamento para lhe extorquir uma obediência cega.

A única via da sabedoria cristã consistia em manter uma estrita neutralidade e deixar cada consciência diante da sua responsabilidade perante Deus. Ao empurrar o rebanho para se conformar com as exigências de autoridades seculares cuja parcialidade é hoje comprovada, vocês falharam na vossa missão de proteção espiritual.

Mais grave ainda, vocês acusaram de tibieza espiritual ou de politização os irmãos que se entregavam à sua consciência bíblica, ao mesmo tempo que ergueram a grande mídia como dispensadora da verdade. Segundo a vossa grelha de leitura, a palavra oficial fazia fé, e qualquer objeção era de origem satânica. No entanto, o que declara a Palavra de Deus sobre este assunto?

Apocalipse 12:9

«Assim, foi lançado para baixo o grande dragão, a serpente original, o chamado Diabo e Satanás, que está enganando toda a terra habitada. Ele foi lançado para baixo, à terra, e os seus anjos foram lançados para baixo junto com ele.»

A questão fundamental resume-se a isto: por quais mecanismos precisos consegue o Diabo enganar «toda a terra habitada», ou seja, uma população mundial que ultrapassa agora os oito bilhões de indivíduos? Que vetores de influência é necessário mobilizar para alienar simultaneamente uma tal multidão?

Para subverter a humanidade inteira, o recurso aos meios de informação DE MASSA E OFICIAIS impõe-se como uma necessidade absoluta; não existe nenhuma outra alternativa técnica. Se o Governante deste mundo limitasse a sua ação a plataformas confidenciais ou a canais digitais alternativos, não conseguiria seduzir nem um por cento da população

mundial, visto que esses espaços são sistematicamente estigmatizados e ignorados pela imensa maioria do gênero humano.

Ora, o que reiteram à exaustão, como mensageiros dóceis, esses meios de comunicação de grande audiência que — segundo as chaves de leitura do livro de Revelação — se encontram EVIDENTEMENTE sob o domínio do Maligno? Eles proclamam em uníssono o dogma de uma vacinação segura e eficaz, ao mesmo tempo que ocultam os indicadores clínicos capazes de esclarecer o livre-arbítrio dos cidadãos.

Se confessamos a veracidade das Escrituras quando elas atestam que Satanás engana toda a criação, a mais elementar lógica espiritual impõe alimentar uma profunda desconfiança em relação às narrativas institucionais e examinar com extrema vigilância as ordens de opinião do pensamento oficial. Sendo assim, membros do Corpo Governante, por qual estranha inversão doutrinária nos ordenaram a adotar a postura oposta?

Além disso, vocês qualificam como um desvio intelectual o fato de conceber a existência de conspirações seculares. Tal afirmação beira o absurdo, visto que o próprio Diabo urdiu a maior conspiração da história universal contra a soberania de Deus, arquitetando nas sombras um império planetário cuja existência a maioria dos nossos contemporâneos nem sequer suspeita. A maquinação mais perfeita é precisamente aquela que consegue dissimular a identidade dos seus instigadores. Acreditam as massas sequer que Satanás governa as nações? O retumbante aviso do apóstolo Paulo lembra-nos, no entanto, o seguinte:

Efésios 6:11, 12

«Vistam a armadura completa de Deus, para que possam se manter firmes contra as artimanhas do Diabo; pois temos uma luta, não contra sangue e carne, mas contra os governos, contra as autoridades, contra os governantes mundiais desta escuridão, contra as forças espirituais malignas nos lugares celestiais.»

É manifesto que as forças demoníacas operam a partir das trevas espirituais sob a égide de Satanás, instrumentalizando atores humanos para realizar os seus desígnios sombrios. Pretenderiam vocês fazer-nos crer que nenhum destes instrumentos terrestres tem consciência dos desafios ou das dinâmicas em jogo? Podem decentemente sustentar que a organização do Diabo é desprovida de agentes seculares que o

servem conscientemente e executam as suas orientações? Pensam que o Governante deste mundo avança sem um plano de conjunto, ao sabor de uma simples improvisação?

Em conformidade com os ensinamentos de Jesus Cristo, o Diabo está à frente de «um reino» cuja perpetuidade ele assegura impiedosamente. Ora, à semelhança de qualquer estrutura de poder, esta hegemonia repousa sobre metas estratégicas, objetivos definidos e instâncias dirigentes.

A própria semântica é aqui inequívoca, visto que uma conspiração se define rigorosamente como:

«Um acordo secreto entre várias pessoas (militares, grupos armados ou civis) com o objetivo de derrubar o poder estabelecido, de apoderar-se dele, de o conservar ou de atentar contra a vida de personalidades influentes, a fim de desestabilizar o funcionamento de uma estrutura jurídica. Esta coalizão de interesses pode operar-se à escala individual ou por conta de uma entidade coletiva, quer se trate de uma corporação financeira, de uma nação ou de uma instância supranacional.»

Deveria então decretar-se, apenas pela vossa palavra, que as conspirações pertencem ao mito? Negamos a existência de círculos de influência determinados a sujeitar os seus semelhantes para consolidar e perpetuar o seu domínio? De que maneira, no vosso entender, mantém Satanás o seu império maléfico? Pode uma tal estrutura subsistir por si mesma, na inércia e sem a menor coordenação logística?

Ordenar aos irmãos que rejeitem por princípio a existência de qualquer maquinaria equivale a ocultar os mecanismos fundamentais pelos quais Satanás consolida o seu domínio sobre o gênero humano.

A este respeito, é singular constatar que o Corpo Governante, em uníssono com a totalidade dos servos de Deus, identifica a Organização das Nações Unidas à «fera» profetizada no livro de Revelação. Ora, a respeito desta entidade internacional, as Sagradas Escrituras registram esta revelação crucial:

Apocalipse 13:6-8

«E ela abriu a boca em blasfêmias contra Deus para blasfemar contra o seu nome e contra a sua morada, sim, contra os que moram no céu. Foi-lhe permitido travar guerra com os santos e vencê-los, e foi-lhe dada autoridade sobre toda tribo, povo, língua e nação. Todos os que moram na

terra a adorarão. Desde a fundação do mundo, o nome de
nem sequer um deles foi escrito no rolo da vida do Cordeiro
que foi morto.»

É teologicamente indiscutível que a Organização das Nações Unidas, sob a sua forma atual ou através das suas mutações futuras, representa um perigo maior para a humanidade. As Escrituras retratam-na como uma entidade blasfema que exige uma lealdade absoluta, selando assim a perda espiritual daqueles que nela confiam. Sendo assim, nenhuma complacência em relação a ela é permitida.

Ora, quais são os eixos diretrizes promovidos hoje por esta instância internacional? Ela coloca no centro das suas prioridades a luta contra a «desinformação» e o imperativo de reforçar a adesão pública às campanhas de vacinação. Pode-se decentemente imaginar que a «fera» esteja subitamente animada de benevolência e do desejo de proteger as populações?

Os fatos demonstram que a ONU e as suas agências especializadas, nomeadamente a OMS, editaram protocolos específicos destinados às comunidades religiosas. Os seus próprios documentos oficiais revelam uma estratégia deliberada visando instrumentalizar os líderes espirituais para vencer as reticências terapêuticas e combater as análises divergentes.

Por um paralelismo impressionante, a linha de conduta que vocês impuseram alinha-se EXATAMENTE com os roteiros destas instâncias internacionais, como atestam os documentos de orientação distribuídos aos diferentes grupos confessionais. Diante de uma tal convergência, coloca-se a questão de saber se contatos ou recomendações diretas guiaram o vosso posicionamento. Enquanto essas instâncias abordaram as representações religiosas à escala global, terá a nossa organização sido a única a escapar a esta ofensiva de influência?

Será uma simples coincidência se os vossos avisos contra as teorias de conspiração e a vossa exigência de dar crédito apenas aos canais institucionais copiam ponto por ponto a retórica da «fera»? Por que retransmitir a mesma mensagem que a entidade da qual a Bíblia nos pede para desconfiar? Se esta potência profética ordena seguir cegamente as fontes oficiais, a vigilância cristã mais elementar não exigia que dela nos afastássemos? O livro de Revelação não a retrata como uma figura protetora, mas como uma força de engano universal.

Se ela deve enganar as nações, não utilizará precisamente as estruturas oficiais que ordena seguir sem espírito crítico?

Não se trata aqui de pôr em causa as intenções individuais dos funcionários destas instituições, mas de se ater ao veredito da Palavra de Deus, que identifica estas estruturas como instrumentos do sistema atual. A nossa comunidade devia manter uma separação absoluta em relação a estes círculos de influência. Como puderam atribuir estas diretrizes ao espírito de Jeová, quando a trajetória global parece ter sido balizada pelas orientações da «fera»? A observação estrita das Escrituras não deveria ter prevalecido sobre os memorandos das agências seculares?

Ao abandonarem a neutralidade bíblica para se tornarem vetores de ideias promovidas pelas estruturas deste mundo, vocês criaram uma situação de uma gravidade inédita, que exige esclarecimentos de grande importância.

No periódico citado anteriormente, vocês sustentavam que os irmãos que seguiram as instruções das suas atualizações se tinham preservado das dificuldades, ao contrário das vozes divergentes. A realidade no terreno desmente cruelmente esta afirmação. No início desta crise, uma parte significativa do corpo de irmãos manifestava reservas lógicas; foi sob a pressão moral dos vossos discursos que a cobertura vacinal atingiu proporções quase absolutas. Milhares de companheiros, apesar de efeitos secundários iniciais, continuaram a receber as doses de reforço por dever de obediência, convencidos de estarem a cumprir a vontade de Jeová. Vocês carregam assim a responsabilidade de ter orientado a escolha médica de milhões de crentes.

Um cálculo estatístico rigoroso traz à luz a extensão desta responsabilidade. Pode-se estimar que quase quatro milhões de irmãos se submeteram a estas injeções sob o efeito direto das vossas exortações administrativas. Se aplicarmos a este grupo as taxas de incidência enumeradas pela farmacovigilância relativas às miocardites e ao seu prognóstico de evolução a médio prazo, as projeções revelam-se trágicas. Apenas com base nestas patologias cardiovasculares, a responsabilidade moral de milhares de mortes prematuras nos próximos anos poderia ser-lhes imputada.

E este balanço omite os casos de mortes súbitas, o aumento de tumores agressivos ou os danos pediátricos documentados pela pesquisa

epidemiológica. Estes dramas não são abstrações; afetam a vida de famílias inteiras que abdicaram da sua prudência pessoal por confiança nas vossas palavras. Uma tal situação compromete de forma crítica a responsabilidade da nossa liderança espiritual.

Continuo convencido de que vocês não estavam animados de nenhuma intenção malévola e que julgavam estar a transmitir as melhores diretrizes possíveis. No entanto, os princípios bíblicos relativos à responsabilidade coletiva e à negligência não dependem das intenções. Se um condutor omite a manutenção dos componentes de segurança do seu veículo após ter sido formalmente alertado do perigo, a sua declarada boa-fé não o exonera das consequências de um acidente; tal leviandade resultaria na sua destituição imediata de qualquer cargo de responsabilidade.

Diante da gravidade destes fatos e do prejuízo sofrido pelo rebanho, parece indispensável que uma comissão de exame imparcial e guiada pelo espírito de Deus se debruce sobre estas decisões a fim de avaliar as suas consequências teocráticas.

Em última análise, a afirmação de que os irmãos que demonstraram uma obediência cega foram os que se saíram melhor é contradita pelos fatos. Estes servos sinceros enfrentam hoje complicações de saúde que poderiam ter sido evitadas. Eles estavam convencidos de estar a obedecer a um mandamento divino, quando na realidade se conformavam, por vosso intermédio, às agendas de instâncias seculares das quais tinham o direito de desconfiar.

PECADOS COMETIDOS

Apresenta-se abaixo a exposição dos pecados graves cometidos no auge da crise sanitária, bem como daqueles cuja evidência se impôs posteriormente. O meu objetivo não é de modo algum imitar Satanás, o grande «acusador dos nossos irmãos» (Revelação 12:10). O Adversário move processos contra os servos de Deus porque os destina à destruição; quanto a mim, se trago à luz as vossas falhas, é porque a gravidade dessas faltas proíbe qualquer silêncio e exige um exame de consciência imediato.

Por que nos é impossível passar em silêncio tais desvios? Os motivos são múltiplos, e limitar-me-ei aqui a formular alguns princípios fundamentais entre as dezenas de argumentos bíblicos que seria legítimo invocar.

Levítico 5:1

«Se alguém ouvir uma convocação pública para prestar depoimento e não relatar algo de que foi testemunha, que viu ou de que ficou sabendo, estará cometendo um pecado e responderá pelo seu erro.»

As Escrituras estipulam de maneira categórica que quem quer que «compreenda e veja» a transgressão, mas opte por manter o silêncio, torna-se cúmplice de um «erro e terá de responder por isso perante Jeová». Recuso-me a carregar a responsabilidade de uma tal falta e a comprometer a minha posição perante o Supremo Soberano. É este dever sagrado que me impõe falar hoje.

Provérbios 24:11, 12

«Livre os que estão sendo levados para a morte; Salve os que estão cambaleando para a matança. Se você disser: “Mas não sabíamos de nada”, Será que Aquele que examina os corações não discernirá isso? Sim, Aquele que observa você saberá E retribuirá a cada homem segundo as suas ações.»

Se negligenciarmos a reparação das consequências dos vossos atos, a vida de muitos outros irmãos será posta em perigo, e violaremos deliberadamente o mandamento de Provérbios que nos ordena «resgatar» aqueles que estão sendo arrastados para a morte. É para

ecoar essa imperiosa necessidade que Jesus Cristo proferiu estas palavras fundamentais:

Mateus 25:41-46

«Então dirá aos à sua esquerda: ‘Afastem-se de mim, amaldiçoados; vão para o fogo eterno preparado para o Diabo e seus anjos. Pois fiquei com fome, mas vocês não me deram nada para comer; e fiquei com sede, mas vocês não me deram nada para beber. Eu era um estranho, mas vocês não me receberam hospitaleiramente; estava nu, mas vocês não me vestiram; doente e na prisão, mas vocês não cuidaram de mim.’ Então eles também responderão: ‘Senhor, quando foi que o vimos com fome, ou com sede, ou como um estranho, ou nu, ou doente, ou na prisão, e não o servimos?’ Então ele lhes responderá: ‘Eu lhes digo a verdade: O que vocês não fizeram a um destes menores, a mim não o fizeram.’ Estes partirão para o decepamento eterno; mas os justos, para a vida eterna.»

Jesus Cristo condena sem equívoco o fato de negar o bem àqueles a quem ele é devido. Se faltarmos à obrigação de prover «alimento e vestuário» aos nossos irmãos na indigência, sofremos a sua desaprovação. Se omitirmos visitar e apoiar os «doentes», caminhamos para a nossa ruína. Sendo assim, como poderia o Rei Jesus Cristo aprovar a nossa atitude se constatasse que, diante de diretrizes equivocadas que afetam a saúde física e espiritual dos nossos companheiros, optamos por manter o silêncio?

Se nos resignássemos ao mutismo, seríamos com razão classificados entre os «bodes» durante o julgamento real, por termos escolhido a passividade. O Cristo não admite qualquer neutralidade diante da aflição: ele condena formalmente a INAÇÃO.

Tito 1:10, 11

«Pois há muitos homens rebeldes, faladores fúteis e enganadores, especialmente os que se apegam à circuncisão. É preciso calar a boca deles, porque esses homens persistem em arruinar famílias inteiras, ensinando coisas que não devem, visando ganho desonesto.»

O apóstolo Paulo estipulou claramente que, quando um ensino se desvia da verdade, torna-se imperativo «fechar a boca» daqueles que o

propagam, a fim de preservar «famílias inteiras» de profundos estragos. Longe de ser uma atitude hostil, é o amor sincero pelo rebanho que dita tal firmeza.

2 Tessalonicenses 3:14, 15

«Mas, se alguém não for obediente ao que dizemos nesta carta, tomem nota dele e parem de se associar com ele, para que fique envergonhado. Contudo, não o considerem como inimigo, mas continuem a aconselhá-lo como irmão.»

O apóstolo Paulo lembra com sabedoria que, se um irmão «desobedece às Escrituras» e persiste obstinadamente nos seus próprios caminhos, ele deve «ser tomado em nota» aos olhos da congregação a fim de que «fique envergonhado» dos seus atos; no entanto, não deve ser tratado como um inimigo, mas admoestado com o afeto devido a um irmão, na esperança do seu restabelecimento espiritual.

As transgressões desta gravidade, cujas repercussões abalam o rebanho, não podem ser passadas em silêncio: devem ser formalmente expostas, tanto para levar os culpados ao arrependimento como para preservar a integridade da congregação. É precisamente esse o objetivo da minha iniciativa. Registro estes fatos para que sejam incluídos no processo da comissão imparcial que terá de decidir sobre a vossa responsabilidade, e para que cada irmão que ler esta correspondência possa discernir a verdade.

CONTRA JEOVÁ E A SUA PALAVRA

Limitar-me-ei a expor três transgressões maiores a fim de pôr em evidência a gravidade excepcional da situação.

FALSA PROFECIA

Na enciclopédia bíblica *Estudo Perspicaz das Escrituras*, no volume 3, sob o verbete «PROFETA», encontra-se registrada esta definição doutrinária:

«Alguém por meio de quem são tornadas conhecidas a vontade e a intenção de Deus. (Lu 1:70; At 3:18-21) Embora a etimologia do termo hebraico traduzido por profeta (*naví*) seja incerta, o uso deste termo específico mostra que os verdadeiros profetas não eram meros anunciadores, mas porta-vozes de Deus, 'homens do verdadeiro Deus' com

mensagens inspiradas. (1Rs 12:22; 2Rs 4:9; 23:17) Eles se achavam no ‘grupo íntimo de Deus’, a quem ele revelava seu ‘assunto confidencial’. — Je 23:18; Am 3:7; 1Rs 17:1; veja VIDENTE. O termo grego *profétes* significa literalmente ‘alguém que fala abertamente’ [gr.: *pro*, ‘antes’ ou ‘diante de’, e *phemí*, ‘dizer’], e assim descreve um proclamador, alguém que torna conhecidas mensagens atribuídas a uma fonte divina. (Veja Tit 1:12.)»

Conclui-se daí que não é de modo algum necessário predizer o futuro para ser qualificado como profeta no sentido bíblico. O termo designa fundamentalmente aquele que se torna o vetor de uma mensagem atribuída a uma fonte divina. Por correlação, um «falso profeta» entende-se como quem quer que propague uma mensagem equivocada, imputando indevidamente a sua origem a Deus. É precisamente essa a razão pela qual a obra *Estudo Perspicaz das Escrituras*, sob o subtítulo «Como identificar os verdadeiros profetas e os falsos», estipula o seguinte:

“ Às vezes, como nos casos de Moisés, Elias, Eliseu e Jesus, os profetas de Deus realizavam obras milagrosas que atestavam a autenticidade de sua mensagem e de seu cargo. Contudo, nem todos os profetas realizaram tais obras de poder. Os três critérios para se reconhecer o verdadeiro profeta, segundo estabelecidos por Moisés, eram: O verdadeiro profeta falava em nome de Jeová; as coisas preditas se cumpriam (De 18:20-22); e as suas profecias tinham de promover a adoração verdadeira, estando em harmonia com a palavra e os mandamentos já revelados de Deus (De 13:1-4). Este último critério era provavelmente o mais importante e o mais decisivo, pois um impostor podia usar hipocritamente o nome de Deus e, por coincidência, a sua predição podia se cumprir. No entanto, como já se viu, o verdadeiro profeta não era única ou mesmo principalmente um preditor. Antes, era um defensor da justiça, e suas mensagens tratavam primordialmente de padrões morais e de sua aplicação. Expressava a mente de Deus sobre os assuntos. ”

Este parágrafo demonstra com clareza que um autêntico porta-voz de Deus jamais poderia contradizer ou renegar a Palavra revelada, visto que a sua missão consiste em defender invariavelmente a justiça divina. A obra *Estudo Perspicaz das Escrituras* destaca com razão este critério decisivo: a legitimidade de um profeta repousa sobre a conformidade absoluta do seu ensino com os mandamentos de Jeová.

No entanto, convenceram a comunidade dos irmãos de que a vacinação em massa correspondia a uma vontade de Jeová. Ora, trata-se de uma inverdade manifesta, visto que o Supremo Soberano nunca se pronunciou sobre essa questão médica. Afirmaram, contudo, que o espírito santo guiava as vossas instruções e que a obediência a essas diretrizes constituía a única garantia da unidade cristã. Todavia, conforme expus, as Escrituras e as vossas próprias publicações condenavam tal ingerência.

Para qualificar tal desvio, o próprio Jesus Cristo proferiu estas palavras categóricas:

João 16:13, 14

«No entanto, quando ele vier, o espírito da verdade, ele os guiará a toda a verdade, pois não falará de sua própria iniciativa, mas falará o que ouvir e declarará a vocês as coisas que virão. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e o declarará a vocês.»

O próprio espírito santo não fala de sua própria iniciativa, visto que se conforma em todos os pontos com a Palavra de Deus. Sendo assim, como ousam atribuir as vossas opções pessoais e humanas às operações desse espírito?

Certamente, o erro é inerente à imperfeição humana, e vocês mesmos registraram essa realidade nos vossos escritos, conforme lembrei anteriormente:

«O Corpo Governante não é inspirado nem infalível. Portanto, ele pode errar em assuntos doutrinários ou organizacionais. De fato, o *Índice das Publicações da Torre de Vigia* inclui o verbete “Esclarecimento de Crenças”, que traz uma lista de ajustes no nosso entendimento da Bíblia desde 1870. É claro que Jesus não disse que o escravo fiel produziria alimento espiritual perfeito.»

Se concedem o mínimo crédito às vossas próprias declarações escritas, como justificam tal contradição nos fatos? Lembrem-se, para citar apenas um exemplo flagrante, das declarações feitas pelo irmão Splane durante o Relatório do Corpo Governante N.º 9 de 2021: ele afirmava ali de maneira categórica que contestar as orientações da liderança espiritual equivalia a contestar o próprio Jeová. A questão impõe-se então com insistência: agiram em conformidade com os princípios de humildade ensinados nas vossas próprias publicações? Se admitem REALMENTE estar sujeitos ao erro, sobre que fundamento bíblico exigem uma obediência tão absoluta e incondicional?

Certamente, o Cristo não garantiu que o «alimento espiritual» dispensado estaria isento de qualquer imperfeição humana, mas especificou que se trataria de um alimento autêntico. Ora, a função primária de um alimento é nutrir, sustentar o organismo e preservar a vida e a saúde.

Pensem por um instante que o Cristo distribui um alimento espiritual ou prático capaz de provocar a doença e o definhamento? O que foi que dispensaram concretamente através dos vossos diferentes relatórios do Corpo Governante? Forçoso é constatar que uma multidão de companheiros que se conformaram com as diretrizes desta «mesa» perderam a vida ou sofrem graves danos fisiológicos. Em vez de permanecerem na «terra dos vivos», muitos repousam agora na terra dos mortos, em contradição direta com a esperança do Salmo 27:13.

Esta deriva é tanto mais imperdoável quanto receberam inúmeras correspondências da parte de irmãos e irmãs vigilantes, demonstrando-vos de maneira fundamentada que se estavam a extraviar. Em vez de examinarem esses alertas com a modéstia cristã exigida, demonstraram obstinação, recusando-se a dar ouvidos aos avisos do rebanho. Pior ainda, optaram por incriminar os vossos próprios irmãos e suspeitar da sua fidelidade em vez de questionarem a vontade de Jeová, esquecendo os próprios princípios enunciados pelo irmão Splane.

Reivindicaram indevidamente a autoridade do nome divino para coagir a consciência alheia e impor medidas que Jeová nunca ditou nem prescreveu. Na realidade, a palavra de ordem de uma vacinação generalizada e sem discernimento emanava exclusivamente do sistema de Satanás. Apropriaram-se dela para a revestir de uma pretensa legitimidade teocrática.

Ao colocarem as palavras de ordem da «fera» — cuja natureza blasfema a Bíblia denuncia — na boca pura de Jeová, fizeram um uso indigno e profano do nome divino. Lançaram o descrédito sobre a santidade desse nome, no mesmo momento em que as Escrituras atestam de maneira constante que Jeová nunca deixa impune tal profanação.

Êxodo 20:7

«Não use o nome de Jeová, seu Deus, em vão, pois Jeová não deixará impune aquele que usar Seu nome em vão. »

É agora rigorosamente inegável que atribuíram a Deus uma mensagem equivocada, e isto apesar de múltiplos avisos prévios. Tal configuração corresponde ponto por ponto à definição bíblica dos FALSOS PROFETAS.

Meço plenamente a austeridade e a gravidade de tal constatação para vocês, caros irmãos. Contudo, conforme especifiquei desde o preâmbulo desta correspondência, o meu objetivo não é recorrer a «palavras lisonjeiras», mas expor-lhes a verdade sem rodeios, visto que «não [falo] para agradar a homens, mas a Deus». (1 Tessalonicenses 2:3-5). Exigiriam da minha parte uma postura mentirosa, consistente em validar as vossas decisões ou em qualificar de «diretrizes de Jeová» escolhas puramente seculares? A minha integridade cristã proíbe-me tal complacência.

Qual é, portanto, o veredito das Santas Escrituras a respeito daqueles que se extraviam no caminho das falsas profecias? Os precedentes e os avisos abundam no texto sagrado, visto que este assunto reveste uma importância capital para a pureza da congregação. A fim de preservar a concisão do meu texto, limitar-me-ei a alguns exemplos particularmente edificantes.

O apóstolo Pedro, sob inspiração, registrou nomeadamente este aviso solene:

2 Pedro 2:1, 2

«No entanto, houve também falsos profetas entre o povo, assim como haverá falsos instrutores entre vocês. Esses introduzirão sutilmente seitas destrutivas e negarão até mesmo o dono que os comprou, trazendo sobre si mesmos uma destruição rápida. Além disso, muitos seguirão sua conduta insolente, e, por causa deles, as pessoas falarão mal do caminho da verdade.»

O apóstolo precisa com clareza que, tal como no seio do antigo povo de Deus, surgiram entre os cristãos «falsos profetas». A emergência de tal desvio na nossa época não deveria, portanto, surpreender a congregação. O texto sagrado sublinha que esses elementos introduziriam sutilmente «seitas destrutivas».

O termo grego empregado aqui pelo escritor bíblico é *hairesis* (αἵρεσις, G139). Segundo o dicionário de referência de W.E. Vine (*Vine's Expository Dictionary of New Testament Words*), este vocábulo reveste o significado específico seguinte:

«*Hairesis* (αἵρεσις, G139) denota: (a) uma escolha (de *haireomai*, escolher); depois, aquilo que é escolhido e, portanto, uma opinião, especialmente uma opinião obstinada, em substituição à submissão ao poder da verdade, e que conduz à divisão e à formação de seitas (Gál 5:20); tais opiniões errôneas são muitas vezes o resultado de preferências pessoais ou de esperanças de proveito; veja 2Pe 2:1, onde «destrutivas» significa que levam à ruína; (b) uma seita.»

Sustentaram uma «opinião obstinada» que se encontrou indevidamente colocada acima da «verdade», abrindo assim o caminho para «a divisão e a ruína» da casa de Deus. O caráter «obstinado» designa aqui essa propensão para impor teimosamente a sua própria vontade por um capricho, a despeito das provas do seu extravio, por pura «preferência pessoal».

Ademais, o texto inspirado precisa que esses «falsos profetas» chegariam a «renegar o proprietário que os comprou», isto é, Jesus Cristo. Como pode tal apostasia prática operar-se permanecendo ancorada no próprio seio da congregação? Os apóstolos Pedro e Judas, tratando do mesmo perigo, explicam que essa infidelidade se introduz «em segredo»: ela consiste em rejeitar clandestinamente os preceitos do Cristo para lhes substituir concepções puramente humanas.

Examinem a vossa consciência diante de Deus e respondam a esta pergunta: não é precisamente esse o desvio para o qual a retórica dos vossos relatórios do Corpo Governante vos arrastou?

Para ilustrar o próprio fundamento da autoridade cristã, Jesus enunciou este princípio imutável:

Mateus 5:23-26

«Então, se você levar a sua dádiva ao altar e ali se lembrar de que o seu irmão tem algo contra você, deixe a sua dádiva ali na frente do altar e vá. Faça primeiro as pazes com o seu irmão, então volte e ofereça a sua dádiva. “Resolva rapidamente as questões com seu adversário, enquanto está com ele a caminho do tribunal, para não acontecer que o adversário o entregue ao juiz, e o juiz ao oficial de justiça, e você seja lançado na prisão. Eu lhe digo categoricamente: Você de modo algum sairá de lá até pagar a sua última pequena moeda.»

Sabem perfeitamente que uma multidão de irmãos sente uma profunda aflição e uma justa indignação em razão do prejuízo que as vossas diretrizes de vacinação lhes causaram. Estes companheiros detêm uma «razão para queixa» contra vocês. Alguns tiveram até a dor de perder membros da sua família ou amigos íntimos no seguimento das vossas recomendações prementes.

Contudo, segundo o preceito explícito do Cristo, antes de oferecer qualquer «dádiva a Deus», é imperativo reconhecer os seus erros e reconciliar-se com os seus irmãos. Deixaram porventura a vossa «dádiva ali, diante do altar», para irem ativamente ao seu encontro e reestabelecer a paz? Longe de medirem o alcance desta obrigação bíblica, recusam até a ideia de reconhecer os vossos lapsos. Tal atitude equivale a rejeitar disfarçadamente a autoridade direta e os mandamentos do Cristo.

Em vez de uma sã atitude de arrependimento, saturam o ensino da congregação com artigos e comentários focados unilateralmente no perdão e no esquecimento, omitindo cuidadosamente o dever de ir solicitar o perdão daqueles que se ofenderam. Esta orientação é particularmente manifesta no artigo «Pode perseverar apesar das decepções» de *A Sentinela* de março de 2024. Sob o subtítulo «PERSEVERE QUANDO UM IRMÃO OU UMA IRMÃ O MAGOA», é estipulado o seguinte:

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2024322>

«3 Desafio. Alguns irmãos podem ter uma personalidade que nos deixe irritados, outros talvez nos trataram mal ou fizeram algo que nos deixou desapontados. Até os anciãos

da congregação às vezes cometem erros. Essas situações fazem com que alguns duvidem da organização de Jeová. Em vez de continuarem servindo a Jeová “ombro a ombro” com os irmãos, eles talvez parem de falar com aqueles que os ofenderam e até deixem de ir às reuniões. (Sof. 3:9) Será que fazer isso é sábio? Vamos ver o que podemos aprender de um personagem bíblico que passou por uma situação parecida.

6 Lição. Jeová quer que continuemos a mostrar amor pelos irmãos. (Leia 1 João 4:7.) Quando um irmão não nos trata como deveria, não queremos pensar que ele fez isso de propósito. Precisamos lembrar que ele está se esforçando para fazer as coisas da maneira de Jeová. (Pro. 12:18) Jeová ama seus servos fiéis, apesar dos erros que cometem. Ele continua sendo nosso amigo e não guarda mágoa de nós. Nós somos muito gratos por Jeová nos perdoar, e por isso temos que imitá-lo e perdoar outros também. — Efé. 4:32–5:1.»

Estes preceitos, que revestem uma aparência de grande piedade, vocês os reiteram repetidas vezes. Se é teocraticamente exato que o cristão deve cultivar o perdão, o Cristo estabeleceu com igual firmeza a obrigação de pedir desculpas e de reparar os seus erros. Por que passam sob silêncio o mandamento de ir ao encontro do nosso próximo quando o ofendemos, a fim de endireitar as coisas?

Esta profusão repentina de artigos e discursos focados unilateralmente no perdão obrigatório não poderia ser fortuita. Não seria esta a prova de que cada vez mais irmãos e irmãs tomam consciência da gravidade das faltas que cometeram durante a pandemia? Ao agirem assim, tentam sufocar as censuras legítimas do rebanho sob o peso de uma culpabilização doutrinária.

Para denunciar tal hipocrisia religiosa, Jesus proferiu estas palavras inequívocas:

Lucas 17:3-5

«Prestem atenção a si mesmos. Se o seu irmão cometer um pecado, censure-o e, se ele se arrepender, perdoe-lhe.

Mesmo que ele peque contra você sete vezes por dia e volte a você sete vezes, dizendo: ‘Eu me arrependo’, você tem de lhe perdoar.” Os apóstolos disseram então ao Senhor: “Dê-nos mais fé.”»

A mensagem do Cristo é de uma clareza absoluta: se um irmão cometer uma falta grave, o nosso dever é «repreendê-lo» — uma obrigação bíblica à qual me conformo para com vocês através desta correspondência, por obediência a Jesus Cristo — e, se ele manifestar arrependimento, devemos então conceder-lhe o nosso perdão. Pouco importa a frequência com que ele expressa os seus lamentos: se a sua atitude for sincera, o perdão deve ser-lhe concedido sem reservas, à imagem da misericórdia que Deus manifesta para conosco.

Contudo, quantas vezes pronunciaram as palavras «lamento» ou «pedimos perdão»? Nem uma única vez. Esperam realmente que o rebanho perdoe e faça tábula rasa de maneira unilateral, sem que tenham jamais formulado o menor lamento nem empreendido a reparação do prejuízo causado?

Se é indispensável passar por alto as ofensas menores do dia a dia, a situação presente reveste uma gravidade excepcional. Não se trata de uma simples divergência de opiniões: vidas humanas foram destruídas, companheiros morreram.

Diante de transgressões de tal magnitude, podemos decentemente esperar o perdão de Jeová sem passar pelo caminho do arrependimento? Exigem dos irmãos uma complacência que o próprio Deus não manifesta para com os pecadores impenitentes?

Ao saturarem as publicações de artigos que coagem as consciências ao perdão imediato, tentam elidir a vossa própria responsabilidade. Invertem insidiosamente os papéis, fazendo cair o peso da culpa sobre as vítimas das vossas orientações doutrinárias, ao arrepio dos princípios bíblicos mais elementares. Tal instrumentalização da Escritura constitui precisamente essa maneira disfarçada de «renegarem» a Jesus Cristo que o apóstolo Pedro denunciava, alterando profundamente a natureza do amor cristão que ele ensinou. Este procedimento, consistente em esvaziar os preceitos do Cristo da sua substância, encontra-se aliás em muitos outros dos vossos ensinamentos, como desenvolverei mais adiante.

O texto inspirado estipula de maneira solene que uma «destruição» rápida aguarda os promotores de tais desvios. Este aviso sublinha o

perigo espiritual iminente que pende sobre vocês e põe em evidência a urgência absoluta de constituir uma comissão de anciãos qualificados para examinar o vosso caso, no interesse superior do vosso próprio salvamento.

Rogo-lhes, caros irmãos, não se ofendam com a rigidez das minhas palavras. A maturidade cristã exige olhar a realidade de frente. As Escrituras Sagradas agem como um espelho infalível no qual nos devemos examinar com honestidade, mesmo que a imagem por ele refletida se revele dolorosa de aceitar. (Tiago 1:23, 24)

Infelizmente, outra profecia de Pedro realizou-se diante dos nossos olhos no seguimento dos vossos relatórios do Corpo Governante. Numerosos irmãos, moldando-se pela vossa atitude, «imitaram-no» no desprezo, na marginalização e na perseguição dos seus companheiros não vacinados. Por este comportamento indigno, foram por sua vez arrastados pelo «caminho dos falsos profetas».

O apóstolo Pedro não forjou por si mesmo este conceito de «falsos profetas»; ele tinha recebido a instrução direta da boca de Jesus Cristo, que enunciara esta advertência fundamental:

Mateus 7:15-20

«Tomem cuidado com os falsos profetas, que se chegam a vocês em pele de ovelha, mas que por dentro são lobos vorazes. Pelos seus frutos vocês os reconhecerão. Será que se colhem uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Do mesmo modo, toda árvore boa produz fruto bom, mas toda árvore ruim produz fruto imprestável. A árvore boa não pode dar fruto imprestável, nem pode a árvore ruim produzir fruto bom. Toda árvore que não produz fruto bom é cortada e lançada no fogo. Realmente, então, pelos seus frutos vocês reconhecerão esses homens.»

Mais uma vez, faço a pergunta: se fosse impossível que falsos profetas surgissem no próprio seio da congregação, por qual razão Jesus ordenaria aos seus próprios discípulos que ficassem de guarda? É evidente que este perigo se esconde no próprio interior da congregação.

Já expus com clareza o ponto em que os apóstolos Pedro e João concordam com esta constatação, e poderia multiplicar as referências bíblicas para demonstrar que a ameaça dos «falsos profetas» origina-se do meio dos irmãos. O próprio Jesus Cristo, na sua grande profecia

sobre o período do fim, reitera por várias vezes as suas advertências contra os falsos profetas, confirmando que eles surgiriam do próprio seio da comunidade cristã (Mateus 24).

Caros irmãos, a análise dos fatos demonstra que o «fruto» que produziram se revela dramaticamente mau. Esta amarga constatação decorre diretamente da propagação de ideias estranhas à verdade bíblica, bem como do pecado consistente em proferir falsas profecias, atribuindo-as indevidamente a Deus.

O Cristo acrescenta com intenção que esses «falsos profetas» se assemelham a «lobos vorazes». Certamente, ninguém deseja ver-se assimilado a um predador. Contudo, qual é a ação de um lobo voraz sobre uma ovelha? Ele devora-a e tira-lhe a vida.

Foi precisamente esse o sorte que sofreram numerosos companheiros que, tendo depositado a sua confiança nas vossas instruções equivocadas, perderam a vida no seguimento dessa vacinação. Outros tropeçaram e afundaram-se na morte espiritual. É impossível negar a gravidade excepcional das vossas intervenções por ocasião dos relatórios do Corpo Governante de 2021 e 2022, atos que as Santas Escrituras condenam sem equívoco.

Para além destas consequências dramáticas, o pecado de «falsa profecia» gera inelutavelmente a «apostasia».

O léxico oficial da nossa biblioteca teocrática define este termo da seguinte forma:

«O nome grego *apostasía* vem de um verbo que significa literalmente «afastar-se de». Tem o sentido de «deserção», «abandono» ou «rebelião». Nas Escrituras Gregas Cristãs, é usado para falar daqueles que renegam a adoração verdadeira (Pr 11:9; At 21:21; 2Th 2:3).»

Vocês «abandonaram, desertaram e rebelaram-se» contra os ensinamentos fundamentais das Escrituras a fim de promover as vossas concepções pessoais, que depois atribuíram indevidamente a Jeová. Ao escolherem ignorar os princípios bíblicos e ao recusarem obstinadamente qualquer correção, colocam-se precisamente na situação que a Bíblia qualifica de apostasia.

O manual da organização destinado aos superintendentes, “*Cuidem do Rebanho de Deus*”, estabelece claramente no capítulo 12, parágrafo 39, os critérios de tal desvio:

«3) Promover deliberadamente ensinos contrários à verdade bíblica (2 Jo. 7, 9, 10; *lvs* p. 245; *it-1* pp. 159-160). Se alguém tiver dúvidas sinceras sobre os ensinos bíblicos das Testemunhas de Jeová, deve-se ajudá-lo. Deve-se prestar ajuda com bondade (2 Tim. 2:16-19, 23-26; Jud. 22, 23). Se um cristão persistir em discutir ensinos falsos ou em promovê-los deliberadamente, isso pode ser apostasia ou levar a ela. Se ele não reagir favoravelmente após um primeiro e um segundo aviso, deve ser formada uma comissão judicativa (Tito 3:10, 11; *w86* 1/4 pp. 30-31).»

Este manual de disciplina religiosa menciona explicitamente a apostasia como um motivo imperativo para a formação de uma comissão judicativa. As vossas ações correspondem em todos os pontos a estes critérios, visto que «promovem deliberadamente ensinos contrários à verdade bíblica» e «persistem em promover ensinos falsos». Ademais, não ignoraram apenas «um primeiro e um segundo aviso», mas sim milhares de petições e alertas escritos, sem lhes conceder a menor consideração.

Assim, as palavras proféticas que o apóstolo Paulo dirigiu aos anciãos de Éfeso cumprem-se diante dos nossos olhos:

Atos 20:30

«e dentre vocês mesmos surgirão homens que falarão coisas deturpadas para arrastar os discípulos atrás de si.»

Arrastaram o rebanho após vocês, impelindo-o a abandonar a sua estrita neutralidade cristã para se juntar às fileiras dos «defensores das vacinas». Ao agirem assim, infligiram maus-tratos espirituais e psicológicos a todos aqueles que escolhiam permanecer fiéis aos ensinos claros das Escrituras e que recusavam curvar-se diante de exigências humanas.

As provas das vossas ações são irrefutáveis: existem numerosas vídeos e correspondências oficiais nas quais a comunidade inteira pode constatar o que fizeram publicamente, bem como a maneira como afastaram e

ocultaram deliberadamente as verdades bíblicas para promover conceitos profanos e estranhos.

À luz destes fatos, é agora de uma clareza absoluta que uma comissão judicativa deve ser formada sem demora a fim de os confrontar com as vossas responsabilidades e, se possível, trazê-los de volta à razão.

ADULTÉRIO ESPIRITUAL

O livro *Estudo Perspicaz das Escrituras* (volume 1) explicita este conceito sublinhando que o adultério espiritual ocorre quando uma comunidade ou indivíduos que afirmam ser dedicados a Deus e estar vinculados a um pacto com ele rompem este laço de fidelidade.

Segundo esta obra de referência, isto concretiza-se principalmente de duas maneiras: por um lado, ao criar amizade com o mundo ou ao adotar as suas mentalidades e os seus sistemas políticos, e, por outro lado, ao introduzir falsas doutrinas e adoração impura no seio da congregação. A obra apoia-se nomeadamente nas palavras do apóstolo Tiago, que qualifica de «adúlteras» as pessoas que procuram a amizade do mundo, constituindo-se assim inimigas de Deus.

Eis como o texto prossegue para fazer a ligação com a sua argumentação:

“ No sentido espiritual, é «adúltero» aquele que está ligado a Jeová por um pacto e se mostra infiel. Assim, a nação de Israel, que estava ligada a Deus pelo pacto da Lei, tornou-se culpada de adultério espiritual por se entregar a práticas da religião falsa, nomeadamente por participar em ritos ligados ao culto do sexo e por desprezar o sétimo mandamento (Jr 3:8, 9; 5:7, 8; 9:2; 13:27; 23:10; Os 7:4). Foi por razões análogas que Jesus qualificou de adúltera a geração dos judeus da sua época (Mt 12:39; Mc 8:38). Do mesmo modo hoje, se cristãos dedicados a Jeová e admitidos no novo pacto se poluírem com o atual sistema de coisas, cometem adultério espiritual. — Tg 4:4. ”

O texto de Tiago 4:4, citado no final do trecho, diz o seguinte:

Tiago 4:4

«Adúlteras, vocês não sabem que a amizade com o mundo é inimizade com Deus? Portanto, quem quer ser amigo do

«mundo faz de si mesmo um inimigo de Deus.»

Ao longo de todas as Escrituras, numerosas passagens demonstram claramente que depositar a sua confiança nas nações, nos indivíduos ou nas organizações deste sistema em vez de em Jeová equivale a tornar-se culpado de um verdadeiro adultério espiritual, ao estabelecer uma «amizade com o mundo». O profeta Isaías pôs em evidência este desvio a respeito dos antigos israelitas ao declarar:

Isaías 30:1-3

«“Ai dos filhos obstinados”, diz Jeová, “Que executam planos que não procedem de mim, Que fazem alianças, mas não com a orientação do meu espírito, E assim acumulam pecado sobre pecado. Eles descem ao Egito sem me consultar, Para se abrigar sob a proteção de Faraó E se refugiar na sombra do Egito! Mas a proteção de Faraó se tornará para vocês motivo de vergonha; E o refúgio na sombra do Egito, causa de humilhação.»

Os israelitas não puseram em prática a palavra de Jeová, preferindo confiar nos «planos do Egito» que, como sabemos, representa o mundo de Satanás. Concluíram «pactos com o Egito» e rejeitaram a «direção do espírito de Deus».

Da mesma maneira, seguiram à letra as instruções da «Fera» em vez de se conformarem com os princípios bíblicos. Perseguraram os vossos irmãos não vacinados e exerceram pressões sobre eles, moldando a vossa atitude pela do mundo. Transpuseram assim e executaram escrupulosamente, no próprio seio da congregação cristã, os planos elaborados por este sistema.

Desde então, uma pergunta se impõe: quem deve ditar a agenda da nossa organização, Jeová ou o mundo de Satanás? Foi o «Egito» que vos guiou durante a pandemia, ou foi Jeová?

À semelhança dos israelitas, «acrescentaram obstinadamente pecado sobre pecado» por ocasião de cada relatório do Corpo Governante, afastando-se cada vez mais das Escrituras para adotarem os «planos do mundo» em detrimento dos de Jeová, contudo claramente expostos na sua Palavra por meio do «seu espírito».

Abandonaram as declarações de Jeová e recusaram consultar a sua boca, escolhendo antes submeter-se às injunções da «Fera deste

mundo». Tal comportamento resulta de infidelidade e de traição. Como puderam desnaturar as Escrituras com o único fim de comprazer à «Fera» e apoiar os seus desígnios? Esqueceram-se do que a Bíblia declara a respeito de «Babilônia, a Grande», a grande prostituta?

Apocalipse 17:3-6

«Ele me levou no poder do espírito para um deserto. E vi uma mulher sentada numa fera cor de escarlate que estava cheia de nomes blasfemos e tinha sete cabeças e dez chifres. A mulher estava vestida de púrpura e escarlate, estava adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas, e tinha na mão um cálice de ouro cheio de coisas repugnantes e das coisas impuras da sua imoralidade sexual. Na sua testa estava escrito um nome, um mistério: “Babilônia, a Grande, a mãe das prostitutas e das coisas repugnantes da terra.” Vi que a mulher estava embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus.»

A prostituta chamada «Babilônia, a Grande» mantém uma amizade culposa com a «fera selvagem» e carrega a responsabilidade de ter derramado «o sangue das testemunhas de Jesus». O que reserva, portanto, Jeová a «Babilônia, a Grande» em retribuição do seu adultério e da sua prostituição espiritual? Eis o que ele declara:

Apocalipse 18:4-8

«Ouvi outra voz vinda do céu dizer: “Saíam dela, meu povo, se não quiserem ser cúmplices dos pecados dela e se não quiserem receber parte das suas pragas. Pois os pecados dela se acumularam até o céu, e Deus se lembrou dos atos injustos dela. Paguem-lhe na mesma moeda, sim, paguem-lhe em dobro pelo que ela fez; no cálice em que ela preparou a bebida, preparem uma porção dupla para ela. Na mesma medida em que ela se glorificou e viveu em luxo desavergonhado, deem-lhe tormento e luto. Porque ela diz no coração: ‘Estou sentada como rainha, não sou viúva e nunca verei luto.’ É por isso que as pragas dela — morte, luto e fome — virão num só dia, e ela será completamente queimada no fogo, porque Jeová Deus, quem a julga, é forte.»

Os pecados de «Babilônia, a Grande» «acumularam-se até ao céu», e Deus vai destruí-la para sempre. Embora exibisse uma arrogância soberba, imaginando-se ao abrigo de todo o mal, o seu julgamento está selado. Jeová exige que o seu povo não tenha qualquer contato com a sua «fornicação espiritual» e recusa que ele se torne cúmplice dos seus desvios.

Este exemplo profético deve incitar-nos a medir plenamente a gravidade dos vossos próprios atos. Ao estabelecerem uma «relação adúltera» com este sistema, provocaram a morte física e espiritual de numerosos irmãos.

Pensam realmente que o Deus que pune «Babilônia, a Grande» pela sua infidelidade e por ter derramado «o sangue das testemunhas de Jesus» fechará os olhos diante das vossas ações? Se ele a condena por ter entregue à morte as suas ovelhas, permanecerá sem agir perante o sangue que vocês mesmos derramaram? A menos que haja um arrependimento sincero e profundo, o julgamento divino contra vocês será terrível.

O livro de Provérbios declara a este respeito:

Provérbios 30:20

«Este é o caminho de uma mulher adúltera: Ela come, limpa a boca E diz: “Não fiz nada de errado.”»

Continuar a negar um pecado tão evidente confirma que esta relação adúltera ainda está em vigor. É agora da mais alta urgência que uma comissão de anciãos se reúna para os confrontar com a vossa falta de arrependimento, e que examine esta situação crítica para o vosso próprio bem espiritual.

ABANDONO DAS ESCRITURAS

Já mencionei este assunto por várias vezes, mas gostaria de sublinhar aqui a extrema gravidade desta questão. Os capítulos 28 e 29 do livro de Isaías contêm declarações de importância capital relativas aos líderes de Israel, palavras que se aplicam de forma impressionante à situação que estamos a analisar.

O primeiro versículo do capítulo 28 declara:

Isaías 28:1

«Ai da coroa ostentosa dos bêbados de Efraim, E da sua

gloriosa beleza, que não passa de uma flor que murcha, Na cabeça do vale fértil dos que foram vencidos pelo vinho!»

O julgamento aproxima-se para os «ébrios de Efraim». Quem são eles precisamente? Os versículos seguintes revelam-no sem equívoco:

Isaías 28:7, 8

«Até mesmo estes se perdem por causa do vinho; A bebida alcoólica os faz cambalear. Sacerdote e profeta se perdem por causa do álcool; O vinho os deixa confusos, E eles cambaleiam por causa da bebida alcoólica; Perdem-se nas suas visões, E cometem erros no julgamento. Pois as mesas deles estão cheias de vômito repugnante — Não há nenhum lugar limpo.»

Estamos falando aqui dos “sacerdotes e profetas”, e surge uma pergunta legítima: será que Jeová os condenou apenas pelo consumo excessivo de bebidas alcoólicas? No capítulo 29, ele se dirige a esses mesmos líderes e revela o verdadeiro motivo:

Isaías 29:9, 10

«Fiquem espantados e perplexos; Ceguem-se e fiquem cegos. Eles estão embriagados, mas não com vinho; Cambaleiam, mas não por causa da bebida alcoólica. Pois Jeová derramou sobre vocês um espírito de profundo sono; Ele fechou os seus olhos, os profetas, E cobriu as suas cabeças, os videntes.»

Essa embriaguez era, na realidade, espiritual e simbólica. Assim, o que representa o “vômito” que suja as mesas? Embora seja especialmente desagradável mencionar uma imagem como essa, é indispensável compreender o seu alcance.

O artigo intitulado “Quem são os embriagados espirituais?”, publicado na *A Sentinela* de 1.º de junho de 1991, lança o seguinte esclarecimento:

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1991404>

«12 Isaías prossegue: “Ficaram confusos em resultado do vinho, andaram vagueando em resultado da bebida inebriante; perderam-se na sua visão, vacilaram quanto à decisão, porque as próprias mesas ficaram todas cheias de vômito asqueroso — não há lugar sem ele.” (Isaías 28:7b, 8) E provável que, em seu estado de embriaguez,

alguns literalmente vomitassem no templo. Mas, pior ainda, os sacerdotes e os profetas que deviam dar orientação religiosa vomitavam imundície espiritual. Ademais, com exceção de uns poucos fiéis, os julgamentos dos profetas foram pervertidos, e previam coisas falsas para a nação. Jeová puniria Judá por esta impureza espiritual.»

Jeová considerava os ensinamentos desses sacerdotes e profetas como um vômito repugnante. Deus usou intencionalmente essa imagem impressionante para nos fazer entender a sua indignação quando alguém espalha mentiras em seu nome. Isso mostra até que ponto tal infidelidade revolta o nosso Pai celestial.

O versículo 13 do capítulo 29 acrescenta o seguinte detalhe:

Isaías 29:13

«Jeová diz: “Este povo se aproxima de mim com a boca E me honra com os lábios, Mas o seu coração está muito longe de mim; E a adoração que me prestam se baseia em regras de homens, que lhes foram ensinadas.»

Jesus Cristo aplicou esse mesmo versículo para condenar os fariseus e os seus ensinamentos. É evidente, portanto, que ensinar conceitos humanos ou “mandamentos de homens” em vez da Palavra de Deus equivale, aos olhos de Jeová, a profanar as mesas depositando nelas “vômito”. Esse julgamento não vem de mim, mas do próprio Jeová.

A *Sentinela* de 15 de janeiro de 1967 (página 51) faz uma aplicação moderna especialmente marcante nestes termos:

« “As igrejas modernistas ensinam novas doutrinas para estarem à altura dos nossos tempos, mas os seus ensinamentos remodelados não servem para a pregação do Evangelho. Os modernistas rejeitam a Bíblia como mito, lenda ou, no máximo, como boa literatura. Em vez disso, advogam a ciência, a evolução, a psicologia e a psiquiatria. Portanto, Deus declara abertamente à cristandade que as suas mesas ‘estão cheias de vômito’. [Is. 28:8.]” »

Uma conclusão lógica se impõe: se um instrutor espiritual ministra ensinamentos baseados na evolução, na psicologia humana ou na ciência deste mundo em contradição com as Escrituras, ele apresenta aos seus

ouvintes um alimento semelhante a esse “vômito repugnante”. É exatamente assim que o nosso Deus considera tal desvio.

Diante disso, o que Deus pensa da sua atitude e das suas diretrizes durante a pandemia? Como ele os considera quando vocês afirmam às suas “ovelhas” que elas devem se vacinar, alegando agir de acordo com a vontade dele? Como ele os vê quando vocês deturpam os textos bíblicos, tendo como consequência direta provocar divisões no meio da congregação? Não é isso um rejeição pura e simples das Escrituras?

O alimento que vocês ministram às ovelhas é nutritivo e sadio? Por três vezes, o Cristo ordenou a Pedro — e, por meio dele, a todos nós: “Cuide das minhas ovelhinhas” (João 21:17).

De que natureza é, então, o “alimento” com o qual vocês alimentaram as “ovelhinhas” de Jesus Cristo? Não deveriam ter imitado a Jeová, o Grande Pastor, que conduz o seu povo a pastagens saudias e verdes?

Salmos 23:1, 2

«Jeová é o meu Pastor. Nada me faltará. Ele me faz deitar em verdes pastagens E me conduz a lugares de descanso bem regados.»

Mais uma vez, eu lhes pergunto: de que vocês alimentaram as “ovelhinhas” de Jesus Cristo? Foi dessa “grama fresca e sadia” de que elas precisam, ou de uma erva daninha amarelada e seca?

Membros do Corpo Governante, para tomar a medida da situação, imaginemos a seguinte cena:

Uma ovelhinha pasta pacificamente, sem a menor preocupação. De repente, Samuel agarra bruscamente as suas duas patas traseiras. Assustada, a ovelha tenta se libertar e começa a se debater, mas Gerrit a pega imediatamente pelas patas dianteiras, deixando-a totalmente imóvel.

Então Stephen surge e a segura pelo pescoço para impedi-la de mover a cabeça. É nesse momento que David se aproxima e abre a sua boca à força. Aterrorizada e impotente, a ovelha não entende o que está acontecendo com ela quando vê Tony se aproximar, com uma colher grande na mão.

Tony começa então a despejar à força esse vômito quente e fumegante na boca dela. A ovelha é forçada a engolir tudo; ela está em lágrimas,

recusando essa agressão. Enquanto ela sofre esse tratamento, Kenneth afaga a sua cabeça para fingir consolá-la e lhe diz: “Coma tudo, ovelhinha. Coma tudo, não deixe nem uma só gota. Foi Jeová quem preparou este alimento saboroso para você.” Enquanto isso, Jesus Cristo está bem ao lado e observa a cena.

Vocês alegarão que essa descrição é uma invenção? Infelizmente, não é: é a exata ilustração do que vocês fizeram as ovelhas de Jesus Cristo sofrerem. As provas estão acessíveis em centenas de línguas no site jw.org, em cada relatório do Corpo Governante em que vocês exerceram vergonhosamente pressões sobre os nossos irmãos para os forçar à vacinação. Essas declarações estão gravadas; vocês não podem, portanto, negá-las.

No entanto, o alimento imposto a essas pobres ovelhas não era apenas ruim; era ainda muito pior. O profeta Malaquias declara sobre este assunto:

Malaquias 1:6-8

«‘O filho honra o pai; e o servo, seu senhor. Portanto, se eu sou o pai, onde está a honra que me devem? E, se eu sou o senhor, onde está o temor que me devem?’ diz Jeová dos exércitos a vocês, sacerdotes, que desprezam o meu nome. “Mas vocês dizem: “Como desprezamos o teu nome?” “‘Apresentando alimento impuro no meu altar.’ “E vocês dizem: “Como te tornamos impuro?” “‘Dizendo: “A mesa de Jeová é desprezível.” E, ao apresentar um animal cego como sacrifício, dizem: “Não faz mal.” E, ao apresentar um animal manco ou doente, dizem: “Não faz mal.”’ “Por favor, tente apresentá-los ao seu governador. Será que ele se agradará de você ou o receberá com favor?” diz Jeová dos exércitos.»

Os sacerdotes da época de Malaquias incorreram em condenação por aceitarem animais defeituosos na “mesa de Jeová”. Embora tenham ousado perguntar: “Em que sentido te profanamos?”, o próprio procedimento deles, no ver de Deus, desprezava o seu santo nome.

Sendo assim, o que Jeová teria dito a esses sacerdotes se tivessem ousado colocar “vômito” sobre o altar do templo? Pior ainda: se essa impureza viesse diretamente dos inimigos de Deus e esses sacerdotes

repetissem: “Em que sentido te profanamos?”, como ele reagiria contra eles?

No entanto, foi exatamente isso o que vocês fizeram: introduziram as palavras impuras da “Fera” na “mesa de Jeová”, fazendo nossos irmãos acreditar que se tratava de um alimento espiritual sadio fornecido pelo nosso Deus. Vocês os exortaram a “consumir esse alimento”, insinuando que, se recusassem, estariam demonstrando falta de fé, infidelidade e opondo-se à unidade da congregação.

No entanto, as Escrituras qualificam a “Fera” como “coisa repugnante” (Marcos 13:14). Na opinião de vocês, como Jeová olha para vocês e para as suas ações? O pecado dos sacerdotes do tempo de Malaquias parece muito menor em comparação com o que vocês cometeram; é, portanto, o próprio Jeová quem pronuncia a sua condenação.

Continuando o seu relato, Isaías descreve a reação dos “embriagados de Efraim” e a resposta que ousam lhe dar:

Isaías 28:9, 10

«E agora, por favor, apelem a Deus, para que ele nos mostre favor. Com essas ofertas das suas mãos, será que ele receberá a algum de vocês com favor?» diz Jeová dos exércitos. “E quem entre vocês está disposto a fechar as portas? Pois vocês nem mesmo acendem o meu altar sem cobrar. Não me agrado de vocês”, diz Jeová dos exércitos, “nem tenho prazer em nenhuma oferta das suas mãos”.»

A *Sentinela* de 1.º de junho de 1991, páginas 15 e 16, diz o seguinte:

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1991404>

«15 No oitavo século AEC, Isaías expôs o proceder errado dos líderes espirituais de Judá, em especial. Como reagiram eles? Com ódio! Tendo Isaías persistido em soar os avisos de Deus, os líderes religiosos replicaram: “A quem se instruirá em conhecimento e a quem se fará compreender o que se ouviu? Os que foram desmamados do leite, os que foram afastados dos peitos?” (Isaías 28:9) Sim, será que Isaías pensava que estava falando a bebezinhos? Os líderes religiosos de Jerusalém consideravam-se homens formados, plenamente capazes

de tomar as suas próprias decisões. Não eram obrigados a ouvir os incômodos avisos de Isaías.

16 Aqueles religiosos até mesmo ridicularizavam a obra de pregação de Isaías. Salmodiavam-lhe: “Pois é ‘ordem sobre ordem, ordem sobre ordem, cordel de medir sobre cordel de medir, cordel de medir sobre cordel de medir, um pouco aqui, um pouco ali.’” (Isaías 28:10) ‘Isaías repete sempre as mesmas coisas’, diziam. ‘Ele persiste em dizer: “Isto é o que Jeová ordenou! Isto é o que Jeová ordenou! Esta é a norma de Jeová! Esta é a norma de Jeová!”’ No hebraico original, Isaías 28:10 é um verso repetitivo, um tanto parecido com um versinho para crianças. E era assim que os líderes religiosos consideravam o profeta, repetitivo e infantil.»

Irmãos, como vocês encararam todas as cartas que receberam sobre este mesmo assunto? Consideraram-nas uma simples amolação? Acharam que as observações de muitos irmãos carecem de respeito sob o pretexto de que vocês “não são crianças”, mas sim “adultos” que não têm de prestar contas a ninguém?

Consideram que esta carta é infantil e que as minhas palavras são sem sentido? Se muitos irmãos se viram obrigados a escrever repetidas vezes sobre este mesmo tema, não é porque a sua atitude seja infantil.

Eu mesmo repeti as mesmas verdades sob diferentes formas, empilhando “regra sobre regra, mandamento sobre mandamento”, multiplicando os ângulos de abordagem e os argumentos bíblicos. O objetivo era tornar este assunto indiscutível, visto que vocês se recusam a escutar e a entender. Tudo o que desenvolvi até aqui poderia caber em poucas páginas, mas, se eu tivesse sido tão conciso, vocês teriam descartado tudo com um simples aceno de mão sob um pretexto qualquer. Se reitero estes argumentos, não é por obsessão, mas para demonstrar que não se trata nem de um simples engano nem de um incidente isolado.

É precisamente isso o que o profeta Isaías traz à luz quando declara:

Isaías 28:14-19

«Portanto, ouçam a palavra de Jeová, homens arrogantes,

Governantes deste povo, que estão em Jerusalém, Pois vocês dizem: “Fizemos um pacto com a Morte, E fizemos um acordo com a Sepultura. Quando a forte inundação vier, Ela não nos atingirá, Pois fizemos da mentira o nosso refúgio E nos escondemos na falsidade.” Por isso, assim diz o Soberano Senhor Jeová: “Vejam! Eu ponho como alicerce em Sião uma pedra provada, A preciosa pedra angular de um alicerce seguro. Ninguém que exercer fé ficará em pânico. E vou fazer da justiça a corda de medir, E da retidão o nível. O granizo arrasará o refúgio das mentiras, E as águas inundarão o esconderijo. Seu pacto com a Morte será desfeito, E seu acordo com a Sepultura não ficará de pé. Quando a forte inundação vier, Vocês serão arrasados por ela. Toda vez que vier, Ela os levará embora; Pois virá manhã após manhã, Durante o dia e durante a noite. Só o pavor fará com que entendam a mensagem.”»

Jeová considera uma “jactância” não escutar os avisos e diz que os “embriagados de Efraim” achavam que tinham um “pacto com a Sepultura”. Eles acreditavam que nada de mal lhes aconteceria, confiavam em si mesmos e achavam que a “enxurrada” não os atingiria, mas Deus lhes diz que o seu “pacto com a Morte” seria dissolvido e que eles seriam “varridos”.

A “pedra angular” e a importância de se apoiar nela são profetizadas. Sabemos que aqui se fala de Jesus Cristo e ele mesmo citou essa parte quando disse, no final do Sermão do Monte:

Mateus 7:24-29

«Portanto, todo aquele que ouve essas minhas palavras e as pratica será como um homem prudente, que construiu sua casa sobre a rocha. E caiu a chuva, vieram as inundações, e os ventos sopraram com força contra aquela casa, mas ela não desmoronou, pois tinha sido fundada sobre a rocha. Além disso, todo aquele que ouve essas minhas palavras e não as pratica será como um homem tolo, que construiu sua casa sobre a areia. E caiu a chuva, vieram as inundações, e os ventos sopraram e bateram contra aquela casa, e ela desmoronou, e foi grande a sua queda.” Quando Jesus terminou de falar essas palavras, o efeito foi que as multidões ficaram maravilhadas com seu modo de ensinar, pois ele as ensinava como quem tinha

autoridade, e não como seus escribas.»

A verdadeira fé em Jesus Cristo se demonstra por colocar em prática os seus ensinamentos, e não por apenas escutar as suas palavras. Tal fé garante que, quando a “enxurrada” vier, a nossa casa permanecerá de pé. A “rocha” mencionada pelo Cristo, sobre a qual a casa está solidamente construída, representa a aplicação concreta dos seus preceitos. Por outro lado, a “areia” simboliza a sabedoria humana e as filosofias deste mundo, que serão varridas com tudo o que repousa sobre elas.

Em que vocês realmente se apoiaram para redigir os seus relatórios do Corpo Governante? Depositaram a sua confiança nas diretrizes da OMS e da ONU, ou nos ensinamentos de Jesus Cristo? Vocês vão persistir nessa atitude ou aceitarão reconhecer o seu desvio?

Membros do Corpo Governante, não faço estas observações para provocar a sua indignação. O meu único objetivo é fazê-los compreender a gravidade da situação, e fazê-los entender por que é agora indispensável que vocês compareçam perante uma comissão judicativa, a fim de determinar as medidas necessárias.

CONTRA JESUS CRISTO E OS IRMÃOS

PROMOÇÃO DA IDOLATRIA

Embora eu já tenha analisado este texto, faço questão de citá-lo novamente, visto que a sua compreensão é essencial para a continuação do nosso exame:

1 Coríntios 8:10-12

«Pois, se alguém vir você, que tem conhecimento, tomando uma refeição no templo de um ídolo, será que a consciência daquele que é fraco não ficará ousada a ponto de ele comer alimentos oferecidos a ídolos? Assim, pelo conhecimento que você tem, está sendo arruinado aquele que é fraco, seu irmão pelo qual Cristo morreu. Quando vocês pecam assim contra os seus irmãos e ferem a consciência fraca deles, estão pecando contra Cristo. É por isso que, se o alimento fizer o meu irmão tropeçar, nunca mais comerei carne alguma, para que eu não faça o meu irmão tropeçar.»

É inegável que o fato de ter incentivado os nossos irmãos a se vacinarem constitui um pecado. Todos os que aceitaram essa inoculação, ignorando os avisos da sua própria consciência para se submeterem cegamente às

suas diretrizes, pecaram; e vocês, por sua vez, pecaram contra eles. Mais grave ainda, vocês pecaram contra o próprio Jesus Cristo, como demonstra este relato. Por qual razão isso é um pecado contra o Cristo? O apóstolo Pedro explica isso nestes termos:

1 Pedro 3:18

«Pois Cristo morreu de uma vez para sempre pelos pecados, um justo pelos injustos, a fim de conduzir vocês a Deus. Ele foi morto na carne, mas recebeu vida no espírito.»

Jesus Cristo morreu para purificar o pecado das suas ovelhas. Portanto, incentivá-las a pecar equivale a profanar o sacrifício que ele ofereceu a favor delas. Quem quer que peque se afasta de Deus, ao passo que a vontade do Cristo é precisamente nos aproximar do seu Pai.

Se um irmão decide livremente se vacinar, a sua decisão deve ser respeitada. Por outro lado, se um irmão recusa essa inoculação no início, mas acaba decidindo se submeter às suas diretrizes em violação das suas convicções íntimas, ele comete um pecado. Ao agir assim, ele ultrapassa os limites da sua própria consciência e cede a uma autoridade humana, em vez de seguir a lei que Deus gravou no seu coração.

O profeta Jeremias declara sobre este assunto:

Jeremias 31:33, 34

«“Pois este é o pacto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias”, diz Jeová. “Porei a minha lei no seu íntimo e a escreverei no seu coração. E eu me tornarei o seu Deus, e eles se tornarão o meu povo.” “E não ensinarão mais cada um ao seu próximo e cada um ao seu irmão, dizendo: ‘Conheçam a Jeová!’ Porque todos eles me conhecerão, desde o menor até o maior”, diz Jeová. “Pois perdorei o seu erro e não me lembrarei mais do seu pecado.”»

Se Jeová é o nosso Deus e se ele escreveu a sua lei em nossos corações por meio do seu espírito, transgredir a própria consciência equivale a rejeitar a Deus e a sua lei em favor de uma autoridade que se considera erroneamente como superior. Portanto, agir contra a consciência constitui um ato de idolatria em relação a um objeto ou a um humano; e foi lamentavelmente esse comportamento que vocês incentivaram.

Como Jesus Cristo vê essa questão? No livro de Revelação, no capítulo 2, as congregações são representadas por candelabros no meio dos quais o Cristo está de pé. As diversas situações que marcaram essas sete congregações foram registradas para a instrução de todos nós, pois representam de modo profético o conjunto da congregação cristã.

O Cabeça da congregação dirige-se individualmente a cada uma delas para lhe dar conselhos específicos. Examinemos o que Jesus Cristo declara à antiga congregação de Tiatira:

Apocalipse 2:18-23

«Ao anjo da congregação em Tiatira escreva: Estas coisas diz o Filho de Deus, aquele cujos olhos são como chama ardente e cujos pés são como cobre refinado: ‘Conheço as suas ações, o seu amor, a sua fé, o seu ministério e a sua perseverança, e sei que as suas ações recentes são mais numerosas do que as anteriores. “Contudo, tenho o seguinte contra você: você tolera aquela mulher Jezabel, que se diz profetisa e ensina e desencaminha os meus escravos, induzindo-os a cometer imoralidade sexual e a comer coisas sacrificadas a ídolos. E eu dei a ela tempo para se arrepender, mas ela não quer se arrepender da sua imoralidade sexual. Portanto, estou para lançá-la num leito de doença; e os que cometem adultério com ela, em grande tribulação, a menos que se arrependam das ações dela. E matarei os filhos dela com praga mortífera, de modo que todas as congregações saberão que eu sou aquele que examina os pensamentos mais íntimos e o coração, e lhes pagarei individualmente segundo as suas ações.»

Depois de elogiar a congregação de Tiatira por suas obras e sua perseverança, Jesus Cristo passa diretamente a denunciar a influência de uma mulher a quem chama de “Jezabel”.

Ignoramos a identidade exata dessa “Jezabel”; podia tratar-se de uma pessoa real ou de um grupo de mulheres que manifestavam traços de caráter similares aos da perversa rainha Jezabel da época de Elias. Essa rainha impiedosa perseguia os servos de Jeová e impunha agressivamente o culto de Baal.

A “Jezabel” de Tiatira, por sua vez, pretendia-se “profetisa”. Em outras palavras, agindo a partir do próprio íntimo da congregação, ela divulgava falsas mensagens que atribuía mentirosamente a Jeová. Apresentava-se

aos outros como um canal ou intermediário pelo qual Deus transmitia instruções aos seus servos. Essas falsas revelações vinham acompanhadas de ensinamentos perniciosos que incentivavam os escravos do Cristo a cometer atos sexuais imorais e a “comer coisas sacrificadas a ídolos”.

É evidente que as falsas profecias de “Jezabel” levaram os membros da congregação de Tiatira a violar a sua própria consciência, deixando-se enganar por preceitos falsamente atribuídos ao único Deus verdadeiro. Esse desvio infelizmente arrastou os irmãos para a fornicção e o adultério espirituais — o que corresponde, em termos teológicos, à idolatria.

Jesus Cristo apresenta-se como aquele que tem “os olhos como chama de fogo”, destacando assim que nada pode escapar ao seu olhar aguçado. Sendo assim, por que ele não golpeou “Jezabel” instantaneamente? Por que tolerou a sua presença no meio da congregação?

Ele mesmo explica que “lhe deu tempo para que se arrependesse”. No entanto, esse período de clemência estava chegando ao fim e o julgamento ia cair sobre ela, bem como sobre os seus partidários. É notável notar que a punição não visava apenas “Jezabel”, mas igualmente todos os que se haviam deixado seduzir pelos seus pecados. Se não se arrependessem, o fato de terem sido enganados não os isentaria da punição.

Esse princípio divino nos lembra a condenação de Eva, quando Jeová lhe pediu contas depois de ela ter comido do fruto proibido:

Gênesis 3:13

«Jeová Deus disse então à mulher: “O que você fez?” A mulher respondeu: “A serpente me enganou, por isso comi.”»

Ela tentou se desculpar lançando a culpa sobre a serpente, declarando: “A serpente me enganou.” No entanto, essa desculpa não abrandou o julgamento de Jeová, e o mesmo se aplica a qualquer pessoa que se deixa enganar: cada um permanece plenamente responsável por suas crenças e terá de prestar contas perante Deus.

Da mesma forma, os cristãos de Tiatira não podiam se esconder atrás do fato de que “Jezabel” os havia induzido em erro para se exonerarem da

sua falta; eles precisavam reconhecer o seu pecado e manifestar um arrependimento sincero. Além disso, Jesus Cristo censurava abertamente a congregação por “tolerar” essa mulher, o que demonstra que ele esperava que os seus servos tomassem medidas concretas.

Imaginemos que tivéssemos vivido em Tiatira antes do envio dessa mensagem profética, e que tivéssemos avisado os anciãos de que “Jezabel” estava espalhando mentiras. Suponhamos que eles nos tivessem respondido: “A congregação está nas mãos do Cristo. Não se adiantem ao carro de Jeová; se ele quiser puni-la, fará isso no seu devido tempo. Precisamos simplesmente esperar e orar.”

Tal atitude teria sido profundamente equivocada, visto que a vontade expressa de Jesus Cristo era precisamente que eles agissem e parassem de ter uma atitude complacente! Agir implicava denunciar essa “Jezabel” e tomar medidas disciplinares contra as suas práticas impuras, e era exatamente isso o que os membros da congregação deveriam ter feito.

Visto que falharam no seu dever, Jesus Cristo teve de intervir ele mesmo. Esse episódio prova de maneira indiscutível que a responsabilidade de agir contra essa influência cabia em primeiro lugar aos seus servos. A severidade da punição infligida a essa mulher ilustra sem ambiguidade a indignação do Cabeça da congregação diante das conivências que ali eram toleradas.

É muito justamente que o apóstolo Paulo, como mencionei anteriormente, avisa nestes termos:

Hebreus 13:8

«Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre.»

É manifesto que as suas ações desagradam ao Cristo e constituem um pecado, pois “ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre”. Vocês agiram à maneira da “Jezabel” de Tiatira ao divulgarem “falsas profecias”, insinuando repetidas vezes nos seus relatórios do Corpo Governante que Jeová exigia a vacinação de todos os irmãos. Na realidade, essas diretrizes emanavam de um “outro deus”, a OMS, e não do nosso Deus Jeová.

Os irmãos que calaram a sua consciência para aceitar essa inoculação pecaram por culpa de vocês. Vocês pecaram assim contra os seus irmãos e contra o Cristo por incentivarem a idolatria. Felizmente, muitos dos

nossos companheiros arrependeram-se amargamente de ter cedido às suas pressões, e o nosso Deus de amor já lhes concedeu o seu perdão.

Os únicos que não tropeçaram nesta provação são aqueles que escolheram ser vacinados em total liberdade, com base numa decisão pessoal e bem informada. Por outro lado, quem quer que considerasse no seu íntimo que era errado agir assim, mas acabou por ceder, cometeu um pecado. Por culpa de vocês, esse cristão “comeu coisas sacrificadas a ídolos”, imitando contra a sua vontade os membros da congregação de Tiatira que se haviam deixado desviar por “Jezabel”.

Tiago 4:17

«Portanto, se alguém sabe fazer o que é certo e ainda assim não o faz, está pecando.»

Ignoramos se a “Jezabel” de Tiatira acabou por se arrepender. Por outro lado, é manifesto que vocês não demonstraram nenhum arrependimento pelas suas ações. O verdadeiro arrependimento exige de fato que se peça desculpas sinceras àqueles que foram prejudicados e que se faça tudo o que for possível para reparar o dano causado. No entanto, vocês não empreenderam nada disso e, como demonstrei mais adiante, não têm a menor intenção de o fazer. Foi precisamente essa constatação que me impeliu a dirigir-lhes esta carta.

Imaginando que o tempo apaga as faltas, acham que o Cristo se esqueceu deste assunto sob o pretexto de que vários anos se passaram? Acham que ele aprova o seu comportamento em razão da sua aparente inação?

O salmista responde de forma incisiva a essa ilusão:

Salmos 50:21

«Quando você fez essas coisas, eu fiquei calado; Então você pensou que eu seria como você. Mas agora vou repreendê-lo E vou apresentar a minha causa contra você.»

O silêncio de Jesus Cristo e de Jeová diante da sua conduta no meio da congregação não significa de modo algum que eles aproveem as suas ações. Se vocês e os seus partidários se recusarem a demonstrar um arrependimento sincero, o destino reservado a “Jezabel” cairá inevitavelmente sobre vocês. Esse tempo que se passou constituía na realidade um período de clemência para lhes permitir que se corrigissem. Durante todo esse período, o Cristo esperava que os seus

servos tomassem medidas para extirpar essa “falsa profecia” da congregação, à imagem do que ele exigia em Tiatira. Acreditam verdadeiramente que aquele cujos olhos são como “chama de fogo” se esqueceu deste assunto?

Lembrem-se de que ele anunciou que a punição ocorreria aos olhos de todos a fim de servir de aviso: “Assim, todas as congregações saberão que eu sou aquele que sonda os rins e os corações, e darei a cada um de vocês segundo as suas obras.”

Alguns alegarão ter agido para Jeová, e isso é exato; mas convém recordar a situação em Tiatira. Essa congregação era composta de adoradores de Jeová que se haviam deixado enganar por “Jezabel”, a qual profetizava ela também no “nome” de Jeová.

Esse exemplo foi registrado nas Escrituras para guiar o nosso julgamento e nos fazer medir o perigo de se submeter cegamente a supostos “canais” ou intermediários pelos quais se supõe que Deus se expressa. Não devemos conceder nenhum crédito a um profeta autoproclamado. O exemplo de Tiatira destaca com força que não podemos nos esconder atrás do dever de obediência para com aqueles que nos tomam a dianteira a fim de justificar uma submissão cega.

É verdade que Jeová se mostra disposto a perdoar os nossos desvios, mas sob a condição expressa de que reconheçamos humildemente os nossos erros, sem procurar desculpas nem lançar a inteira responsabilidade sobre “Jezabel”. Em última análise, cabe a cada um de nós a decisão de a “tolerar” ou de a rejeitar.

A fim de ilustrar este princípio e destacar a perfeita coerência das Escrituras, examinemos outro exemplo histórico. Imaginemos que nos encontrássemos ao pé do monte Sinai, no aguardo do retorno de Moisés, e que fôssemos testemunhas da seguinte cena:

Êxodo 32:1-5

«Enquanto isso, vendo que Moisés estava demorando em descer do monte, o povo se reuniu em volta de Arão e lhe disse: “Vamos! Faça para nós um deus que vá à nossa frente, pois não sabemos o que aconteceu com esse Moisés, o homem que nos tirou da terra do Egito.” Então Arão lhes disse: “Tirem os brincos de ouro das orelhas das suas esposas, dos seus filhos e das suas filhas, e tragam-

nos a mim.” E assim todo o povo tirou os brincos de ouro das orelhas e os levou a Arão. Ele pegou então o ouro que eles trouxeram e o moldou com uma talhadeira, fazendo com ele uma estátua em forma de bezerro. E eles começaram a dizer: “Este é o seu Deus, ó Israel, que o tirou da terra do Egito!” Quando Arão viu isso, construiu um altar diante do bezerro. Então Arão proclamou: “Amanhã haverá uma festividade para Jeová.”»

O que teríamos feito se fôssemos testemunhas de tal espetáculo? O povo estava em júbilo, levado pelo entusiasmo da festa que Arão havia proclamado para o dia seguinte. Teríamos participado nela?

Hoje, afirmamos com certeza que jamais teríamos cometido tal infâmia. Contudo, imagine por um instante os nossos parentes e amigos nos lançando estas acusações diante da nossa recusa em obedecer:

“Por que te recusas a te juntar à festa? Por que não adoras a Jeová?”

Esta ajuntamento foi organizado pelo próprio Arão, o homem escolhido por Jeová, aquele mesmo que realizou milagres prodigiosos pela sua própria mão! Ousas duvidar dele?

Terás já esquecido que Arão foi designado como a ‘boca de Deus’ para proclamar a sua vontade perante o Faraó? Julgas-te mais sábio do que ele?

Se esta celebração fosse condenável, como alegas, por que razão Jeová a toleraria? Acusas-nos de adorar um falso deus, mas isso é uma mentira: esta festa é celebrada em honra do nosso Deus Jeová!

Não sabes que Deus exige que estejamos unidos no seu culto? Não te rebeles contra Jeová e contra os seus representantes!”

Ter-nos-íamos deixado abalar por estes argumentos falaciosos? Ao ver a nossa família e os nossos companheiros a prepararem-se para as festividades, teríamos capitulado diante da pressão da maioria? Ou teríamos tirado forças para resistir à autoridade falha de Arão?

Sem dúvida, a pressão popular era avassaladora, pois o relato especifica que “todo o povo arrancou as arrecadas de ouro que estavam nas suas orelhas e as trouxe a Arão”.

Êxodo 32:6

«Assim, levantaram-se cedo no dia seguinte, fizeram ofertas

queimadas e apresentaram sacrifícios de participação em comum. Depois o povo se sentou para comer e beber. Então se levantaram para se divertir.»

Como constatamos, os israelitas começaram a oferecer “holocaustos e sacrifícios de participação em comum” a Jeová, visto que a festa havia sido inicialmente decretada em sua honra. O erro deles foi querer representar visualmente o Deus invisível sob as formas de um bezerro de ouro moldado por Arão. Eles não adoravam conscientemente uma divindade estrangeira; pretendiam adorar a Jeová por meio de uma falsa representação da sua pessoa, ao passo que Jeová não tem, evidentemente, a forma de um animal.

Este é um ponto de importância capital que convém reiterar com força:

A maioria do povo estava intimamente convencida de adorar a Jeová por meio do bezerro de ouro que Arão havia fabricado!

Contudo, como é que Jeová encarou essa celebração organizada em sua honra? Que caso fez ele dos holocaustos e dos sacrifícios de participação em comum que os seus próprios adoradores lhe apresentavam com fervor?

A Escritura mostra que, longe de ser tocado pela sua devoção, Jeová considerou esse ato como uma apostasia imediata e uma profanação do seu pacto. A sua ira acendeu-se contra o povo e contra Arão, demonstrando que uma adoração que viola os seus mandamentos diretos — mesmo que seja realizada com sinceridade e sob a liderança dos seus representantes oficiais — continua a ser uma abominação aos seus olhos.

Êxodo 32:7-10

«Jeová disse a Moisés: “Vá, desça, porque o seu povo, que você tirou da terra do Egito, se corrompeu. Desviaram-se depressa do caminho que ordenei que seguissem. Fizeram para si uma estátua em forma de bezerro, e estão se curvando diante dela, oferecendo-lhe sacrifícios e dizendo: ‘Este é o seu Deus, ó Israel, que o tirou da terra do Egito.’” Jeová disse ainda a Moisés: “Vi que esse povo é obstinado. Portanto, não tente me impedir de exterminá-los na minha ira ardente; e farei de você uma grande nação no lugar deles.”»

Essa constatação confirma de maneira irrefutável o que foi desenvolvido anteriormente. Os israelitas afirmavam que esse bezerro era o Deus que os havia feito subir da terra do Egito. Ignoravam eles que tinha sido Jeová quem os havia libertado da escravidão? Absolutamente não! Mesmo as crianças tinham plena consciência disso. Eles simplesmente quiseram dar uma forma visível a Jeová por meio dessa imagem, e foi por essa razão precisa que anunciaram uma festa em seu nome. Contudo, como é que Jeová encarava a situação? Partilhava ele do ponto de vista deles?

Aos olhos de Jeová, o povo se havia corrompido e se havia desviado rapidamente do caminho que ele lhes tinha prescrito. O Altíssimo declarou que os sacrifícios eram na realidade oferecidos ao próprio bezerro de ouro, e não à sua pessoa. Como é possível tal conclusão, quando a festa tinha sido explicitamente decretada em honra de Jeová? Seria possível que Arão, o representante designado de Deus, tivesse organizado a celebração e dirigido os sacrifícios para Jeová, e que este os tivesse rejeitado?

A realidade é implacável: quais quer que tivessem sido as suas intenções ou as suas crenças, eles adoravam uma falsa representação de Jeová sob as formas de um animal. Arão moldou essa falsificação e induziu o povo em erro, fazendo-o crer que prestava um culto legítimo ao Deus verdadeiro durante essa solenidade. Esse episódio demonstra que a nossa percepção pessoal da adoração pouco importa; o que conta é nos certificar de que servimos a Deus segundo as suas exigências exatas.

O povo não podia, contudo, alegar ignorância, pois conhecia o primeiro mandamento que estipulava:

Êxodo 20:1-6

«Então Deus disse todas estas palavras: “Eu sou Jeová, seu Deus, que o tirou da terra do Egito, a terra da escravidão. Não tenha outros deuses além de mim. “Não faça para você imagem esculpida, nem representação de algo que há nos céus, em cima, ou na terra, embaixo, ou nas águas abaixo da terra. Não se curve diante delas nem as sirva, pois eu, Jeová, seu Deus, sou um Deus que exige devoção exclusiva e traz punição pelo erro dos pais sobre os filhos, sobre a terceira geração e sobre a quarta geração daqueles que me odeiam, mas que demonstra amor leal até

pela milésima geração daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.»

Além disso, imediatamente após ter enunciado esse mandamento, Moisés dirigiu-lhes este aviso específico:

Êxodo 20:22, 23

«Então Jeová disse a Moisés: “Isto é o que você deve dizer aos israelitas: ‘Vocês mesmos viram que lhes falei desde os céus. Não façam deuses de prata para adorá-los além de mim, nem façam deuses de ouro para vocês.»

Imediatamente após ter proferido estas palavras, Moisés tomou a seguinte ação:

Êxodo 24:7, 8

«Então ele pegou o livro do pacto e o leu em voz alta ao povo. E eles disseram: “Estamos dispostos a fazer tudo o que Jeová falou, e seremos obedientes.” Portanto, Moisés pegou o sangue e o aspergiu sobre o povo, e disse: “Este é o sangue do pacto que Jeová fez com vocês em harmonia com todas essas palavras.”»

Todos os israelitas haviam declarado unanimemente que serviriam a Jeová e compreendiam perfeitamente a proibição de adorar outras divindades. Como é então possível que, escassos dias mais tarde, todo um povo tenha chegado a adorar a Jeová por meio de um bezerro de ouro, e isso sob a liderança direta de Arão? Que mecanismo de justificativa mental terão eles ativado para legitimar tal desvio?

O raciocínio deles baseava-se provavelmente na ideia de que esse comportamento não equivalia a recorrer a deuses estranhos, mas que o uso de imagens era aceitável para representar a Jeová, desde que a adoração final lhe fosse destinada.

Foi precisamente esse argumento que Arão parece ter validado quando proclamou uma “festividade para Jeová”. Foi sem dúvida essa mesma linha de defesa que acabou por convencer os últimos hesitantes, incentivando-os a participar nas festividades com a certeza de honrarem o seu Deus. Talvez até dissessem no seu íntimo: “Se este sacrifício é oferecido a Jeová, ele não me pode culpar por isso.”

Na mente deles, essa celebração era tanto mais legítima quanto beneficiava da aprovação de Arão, o representante designado de Jeová.

Sendo assim, como é que isso poderia ser errado? Faço novamente a pergunta: ter-nos-íamos deixado enganar, nós também, por tal lógica?

Contudo, o relato inspirado revela que o furor de Jeová foi tão aceso que ele resolveu por um instante exterminá-los. Esse desvio não tinha nada de um pecado venial, e sabemos que um grande número de pessoas perdeu a vida ali.

O apóstolo Paulo tira uma lição universal desse episódio quando declara:

1 Coríntios 10:1-7

«Irmãos, quero que vocês saibam que os nossos antepassados estiveram todos debaixo da nuvem e todos passaram pelo mar, todos foram batizados em Moisés, por meio da nuvem e do mar, todos comeram o mesmo alimento espiritual e todos beberam a mesma bebida espiritual. Pois bebiam da rocha espiritual que os seguia, e essa rocha representava o Cristo. Contudo, Deus não se agradou da maioria deles, pois foram mortos no deserto. Essas coisas se tornaram exemplos para nós, para que não desejemos coisas prejudiciais, como eles desejaram. Não se tornem idólatras, como alguns deles se tornaram; assim como está escrito: “O povo se sentou para comer e beber. Então se levantaram para se divertir.”»

O apóstolo Paulo faz alusão explícita ao episódio trágico do bezerro de ouro ao explicar que esses acontecimentos foram registrados nas Escrituras para nos servir de aviso, a fim de que “não nos tornemos idólatras, como alguns deles se tornaram”. Pode um cristão sincero, plenamente consciente de que só existe um único Deus verdadeiro, cair na idolatria? Pode uma Testemunha de Jeová hoje adorar um “bezerro de ouro” moderno, à semelhança dos israelitas? Se tal perigo fosse ilusório, o apóstolo Paulo nunca se teria dado ao trabalho de suscitar a questão com tanta insistência.

É uma constatação dolorosa. Muitos dos nossos companheiros afirmariam sem hesitar que jamais teriam capitulado diante do bezerro de ouro de Arão; e, no entanto, vocês moldaram um semelhante com as suas próprias mãos.

Arão fabricou uma falsa representação de Jeová, e a sua atitude foi idêntica. Ao insinuarem que Jeová exigia dos irmãos que aceitassem

essa inoculação, vocês impeliram uma multidão deles a violar a sua consciência, transgredindo assim a lei divina gravada no seu coração. Essa lei espiritual foi contudo inscrita pelo mesmo espírito que outrora gravou o Decálogo nas tábuas de pedra. Ao se submeterem a essa obrigação vacinal contra as suas convicções íntimas, esses cristãos ofereceram o seu próprio corpo em sacrifício a um falso “Jeová” da sua invenção, praticando um ato de idolatria caracterizado. Na mente deles, estavam convencidos de servir a Deus e de lhe agradar, moldando a sua atitude pela dos israelitas no deserto.

O “deus” que vocês ergueram não manifestava nenhum respeito pela consciência individual; o seu único objetivo era impor a vacinação universal. Esse “deus” exigia uma submissão cega às diretrizes das instituições deste sistema de coisas. Esse “deus” julgava condenável o fato de informar os nossos companheiros sobre os riscos potenciais que tínhamos detetado. Esse “deus” reclamava a punição ou a marginalização de quem quer que ousasse questionar a utilidade real desses produtos. Esse “deus” exigia a desassociação ou a destituição da congregação de todo irmão que assumisse publicamente uma posição divergente da sua. Esse “deus” que vocês conceberam de todas as peças não era senão um bezerro de ouro moderno, e esse fetiche nada tinha em comum com o nosso Deus Jeová.

Vocês exigiram sacrifícios em nome desse ídolo: cada um foi instado a estender o braço e a receber essa injeção para dar prova da sua fé. Afirmaram repetidamente que a voz desse bezerro de ouro se confundia com a de Jeová, quando na realidade não era assim. Era preciso introduzir essa substância no seu organismo para selar a sua obediência e demonstrar a sua devoção para com a sua autoridade.

À imagem de Arão, vocês abusaram gravemente da sua influência para desviar o povo de Deus. Muitos irmãos percebiam contudo os princípios bíblicos envolvidos e compreendiam que as suas diretrizes eram erradas. Infelizmente, escolheram curvar-se diante da sua posição, renunciando ao seu próprio discernimento espiritual como os israelitas haviam feito diante da Lei. Ao agirem assim, esses irmãos tropeçaram e pecaram por culpa de vocês, reproduzindo o drama do Sinai.

Êxodo 23:2

«Não vá atrás da multidão para fazer o mal; ao prestar depoimento, você não deve perverter a justiça para apoiar a

multidão.»

Constatando que a multidão se aderiu à adoração do bezerro de ouro, muitos israelitas deixaram-se levar pelo movimento da maioria. Foi exatamente esse fenômeno que as suas diretrizes provocaram. Os seus incentivos repetidos e insistentes geraram a pressão de grupo necessária para quebrar a resistência daqueles que se esforçavam por preservar a integridade da sua consciência, levando-os finalmente a capitular.

Jeová estabeleceu claramente que o povo se havia corrompido sob a influência direta e por culpa de Arão. No que se refere a tal responsabilidade espiritual e às consequências das más companhias, lembrou-se de modo memorável aos coríntios:

1 Coríntios 3:17

«Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá;
pois o templo de Deus é santo, e vocês são esse templo.»

O termo grego traduzido por “destrói” ou “corrompe” neste contexto é *ftheiro* (φθείρω, Strong G5351).

Segundo o Dicionário Explicativo de Palavras do Novo Testamento, de Vine (*Vine's Expository Dictionary of New Testament Words*), esta palavra reveste-se de um significado particularmente profundo e rigoroso:

« *ftheiro* (φθείρω, G5351) significa destruir corrompendo, conduzindo assim a um estado pior; (a) é usado neste sentido sobre o efeito das más companhias no proceder dos crentes, e assim sobre o efeito da associação com aqueles que negam a verdade e têm falsas doutrinas (1 Cor. 15:33; era um dito do poeta pagão Menandro e tornou-se um provérbio bem conhecido); em 2 Cor. 7:2, sobre os efeitos de transações desonestas, mergulhando as pessoas na necessidade (uma acusação que tinha sido feita contra Paulo); em 2 Cor. 11:3, sobre os efeitos na mente (ou pensamentos) dos crentes ao corrompê-los de uma “sinceridade e pureza devidas ao Cristo”; em Efésios 4:22, intransitivamente, quanto à velha personalidade, “defeituosa”, “moralmente corrompida, em vias de ruína total” (Moule), “segundo os seus desejos enganosos”; em

Revelação 19:2, metaforicamente, sobre a meretriz babilônica, corrompendo os habitantes da terra por meio da sua falsa religião.

(b) No sentido de destruir, é usado no que tange a causar dano à congregação local ao removê-la dessa condição de santidade de vida e pureza de doutrina na qual ela deveria permanecer (1 Cor. 3:17: “destruir”), e da destruição retributiva da parte de Deus do infrator culpado desse pecado, ele o “destruirá”; sobre os efeitos do trabalho de falsos e abomináveis instrutores sobre si mesmos (2 Ped. 2:12; alguns textos têm *kataftheiro*; e Judas 10: “se corrompem”). Veja DESTRUIR, PERDER, PERECER, VICIAR. »

Torna-se assim evidente, com absoluta clareza, segundo os avisos do apóstolo Paulo, que corromper os discípulos do Cristo por espalhar falsos ensinamentos ou doutrinas humanas constitui um pecado de extrema gravidade, que Deus pune com severidade. Foi precisamente nessa falta que Arão caiu ao capitular diante da pressão popular.

Eis a constatação inequívoca que Moisés fez a esse respeito quando desceu do monte:

Deuteronômio 9:20

«Jeová estava tão irado com Arão que estava pronto para destruí-lo, mas eu fiz súplicas a favor de Arão naquela ocasião também.»

Arão esteve prestes a perder a vida por causa dessa defecção e só devotou a sua salvação ao seu arrependimento sincero, bem como à intercessão fervorosa de Moisés; sem isso, a justiça de Jeová o teria destruído. Da mesma maneira, vocês pecaram contra o Cristo e contra a totalidade dos irmãos que impeliram a violar a sua consciência, arrastando-os assim para uma forma de idolatria.

Como destaquei anteriormente, se um companheiro escolheu receber essa injeção com a plena convicção de agir da melhor forma, essa censura não se aplica à sua pessoa. Por outro lado, aqueles que consideravam no seu íntimo que essa atitude era errada, mas que cederam sob o seu impulso, cometeram um pecado ao “comer um alimento que consideravam impuro”.

Foi precisamente essa situação que o apóstolo Paulo retratava na passagem que citei acima, quando declarava:

Romanos 14:13-15

«Portanto, não julgemos mais uns aos outros, mas, em vez disso, estejam determinados a não pôr uma pedra de tropeço ou um obstáculo diante de um irmão. (Sei e estou convencido no Senhor Jesus que nada é impuro em si mesmo; somente quando alguém considera algo como impuro, então para ele é impuro.) Pois, se o seu irmão se ofende por causa de um alimento, você não está mais andando de acordo com o amor. Não arruíne, pelo seu alimento, aquele pelo qual Cristo morreu.»

Toda esta análise demonstra de maneira irrefutável que as suas ações constituem um pecado grave que exige um tratamento da mais alta urgência. O Cristo repreendeu severamente a congregação de Tiatira por ter “tolerado essa mulher Jezabel” e suportado os seus desvios. Por meio desse reparo, ele significava que os seus servos deviam imperativamente agir, e não ficar de braços cruzados a observar os malefícios de “Jezabel” numa passividade culpável.

Passaram-se agora vários anos — um tempo que deveria ter sido aproveitado para demonstrar um arrependimento sincero e reparar os seus erros. Vocês beneficiaram de um amplo período de clemência; sendo assim, as suas ações não podem mais ser toleradas no meio da comunidade cristã, e foi precisamente isso que motivou a redação desta carta.

Saibam que vocês carregam a inteira responsabilidade das suas ações e que terão de prestar contas perante a congregação mundial.

FALTA DE AMOR

Demonstrei que vários mandamentos de Jesus foram deliberadamente ignorados ou desvirtuados; contudo, a falha mais grave e mais condenável continua a ser, sem a menor dúvida, a flagrante falta de amor para com os irmãos. O próprio Cristo estabeleceu a regra de ouro da nossa identidade espiritual quando declarou:

João 15:12

«Este é o meu mandamento: Amem uns aos outros, assim como eu amei vocês.»

Demonstraram realmente para com os seus irmãos o amor que o Cristo expressamente ordenou? É verdade que, a cada Friss hírek a vezetőtestületől, vocês repetiram de maneira quase sistemática que nos amavam, e até que nos amavam “realmente muito”. No entanto, é profundamente lamentável que as suas ações não tenham sido o reflexo do que o apóstolo João registrou a respeito do amor autêntico:

1 João 3:18

«Filhinhos, devemos amar não em palavras nem com a língua, mas em ações e em verdade.»

O verdadeiro amor manifesta-se por ações concretas, e não apenas por belas palavras. O texto da carta aos Romanos, que destaquei anteriormente, formula aliás essa exigência de maneira cristalina ao estipular:

Romanos 14:15

«Pois, se o seu irmão se ofende por causa de um alimento, você não está mais andando de acordo com o amor. Não arruíne, pelo seu alimento, aquele pelo qual Cristo morreu.»

Já demonstrei que o fato de consumir carne sacrificada a ídolos equivale, para alguns irmãos, a aceitar essa vacinação. Portanto, para quem quer que se empenhe em discernir os princípios subjacentes em vez de aplicar simples regras rígidas, este texto enuncia uma verdade incontestável:

Romanos 14:15

«Pois, se o seu irmão fica magoado por causa da [VACINA], você já não está andando de acordo com o amor. Não arruíne, por causa da sua [VACINA], aquele por quem Cristo morreu.»

Vocês exerceram pressões, caluniaram, difamaram e fizeram sofrer muitos irmãos; quebraram amizades de longa data e obrigaram companheiros a entrar em conflitos dolorosos com os seus parentes, com os anciãos e com os membros da congregação. Diante dessa aflição, alguns tropeçaram e naufragaram na fé, ao passo que outros mergulharam no amargor ou no ódio ao verem morrer os seus entes queridos.

Pouco importa que todo esse sofrimento tenha sido orquestrado sob a capa de um sorriso bondoso e de palavras melífluas: nada disso procede

do amor cristão, tudo isso constitui de maneira flagrante “as obras da carne”.

O apóstolo Paulo traça um retrato inequívoco desses comportamentos destrutivos quando declara:

Gálatas 5:19-21

«As obras da carne são claramente vistas. Elas são: imoralidade sexual, impureza, conduta insolente, idolatria, ocultismo, inimizades, brigas, ciúme, acessos de ira, discórdias, divisões, formação de seitas, inveja, embriaguez, festas descontroladas e coisas como essas. Eu estou advertindo vocês a respeito dessas coisas, do mesmo modo como já os adverti: os que praticam tais coisas não herdarão o Reino de Deus.»

É assim manifesto que uma grande parte do que vocês provocaram, embora vestindo-o falsamente com o nome de amor, procedia na realidade “da idolatria, das inimizades, das brigas, do ciúme, dos acessos de ira, das dissensões, das divisões, das facções e de coisas semelhantes”.

Essa falta de amor fraternal atingiu uma gravidade tal que desejo colocá-la em perspectiva por meio da ilustração que o Cristo escolheu para magnificar a própria quintessência da compaixão. No relato do bom samaritano, Jesus declara:

Lucas 10:29-37

«Mas, querendo se mostrar justo, o homem perguntou a Jesus: “Quem é realmente o meu próximo?” Em resposta, Jesus disse: “Um homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos de assaltantes, que lhe arrancaram tudo, o espancaram e foram embora, deixando-o quase morto. Por coincidência, um sacerdote descia por aquela estrada, mas, quando o viu, passou pelo lado oposto. Do mesmo modo, um levita, quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo lado oposto. Mas certo samaritano, viajando pela estrada, o encontrou e, ao vê-lo, teve pena. De modo que se aproximou dele e enfaixou seus ferimentos, derramando neles azeite e vinho. Então o pôs no seu próprio animal, o levou a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro e disse: ‘Cuide dele e, tudo o que você gastar além disso, eu lhe pagarei quando

voltar.’ Qual desses três você acha que mostrou ser o próximo do homem que caiu nas mãos de assaltantes?” Ele respondeu: “Aquele que agiu misericordiosamente com ele.” Jesus lhe disse então: “Vá e faça você o mesmo.”»

Nessa ilustração memorável, Jesus destaca a importância crucial de um amor manifestado em ação: o samaritano não se desdobra em discursos sobre o dever; ele simplesmente age. Esse relato traz à luz a maneira como Jeová avalia o que suportamos em decorrência das suas diretrizes durante a crise sanitária.

Para compreender bem o alcance desse exame, imaginemos uma variante dessa cena (o Cristo não nos levará isso a mal): suponhamos que o samaritano não tivesse simplesmente encontrado aquele judeu caído quase morto à beira do caminho, mas que ele próprio tivesse sido o instrumento da sua desgraça. Imaginemos que, na curva de um caminho estreito, o samaritano, sem a menor intenção maldosa, tivesse atingido com o seu carro aquele judeu que caminhava distraído, precipitando-o assim no fundo de um desfiladeiro. O homem se vê com as duas pernas quebradas, gravemente ferido, inconsciente e com a cabeça sangrando entre as rochas.

Seria concebível ver o samaritano fugir a toda a velocidade, abandonando aquele infeliz ao seu triste destino no fundo do abismo? Fingiria ele indiferença, pretendendo que nada de grave tinha acontecido? Certamente não!

Se o samaritano estava disposto a socorrer um desconhecido que outros tinham agredido e abandonado, QUANTO MAIS ELE PRESTARIA ASSISTÊNCIA A UMA PESSOA QUE ELE PRÓPRIO TIVESSE FERIDO INVOLUNTARIAMENTE?!

Torna-se agora manifesto que vocês abdicaram da neutralidade cristã ao escolherem recomendar aos irmãos produtos médicos experimentais e arriscados. Vocês apresentaram-lhes essas “instruções” como emanando do próprio Jeová, exercendo uma pressão moral extraordinária para que cada um se submetesse aos seus pontos de vista. Esse procedimento era profundamente errado e permanece indiscutível, como esta acusação estabeleceu acima.

Certamente, devemos admitir que errar é humano e que todos nós podemos causar dano a outros involuntariamente, pelas nossas palavras ou ações. Em tais circunstâncias, esperamos legitimamente se beneficiar

de misericórdia e receber uma segunda oportunidade. No entanto, tal restauração exige um passo indispensável: pedir sinceramente perdão, demonstrar um profundo arrependimento e esforçar-se, na medida do possível, por reparar o prejuízo causado.

Empreenderam vocês tal passo? Expressaram o seu amor ao “atadura” e “curar” aqueles que feriram profundamente com essas diretrizes “estranhas, ilógicas e irrealistas”? Comportaram-se à imagem do samaritano da nossa ilustração modificada?

Infelizmente, é forçoso constatar que não. É doloroso reconhecê-lo, mas vocês situam-se nos antípodas do amor manifestado pelo samaritano, pois este vinha em ajuda de vítimas pelas quais não era responsável. Reitero: o samaritano do relato de Jesus socorreu um homem ferido por outros. Quanto a vocês, recusaram-se a prestar socorro àqueles que vocês mesmos golpearam, tornando-se assim a antítese absoluta desse homem bom.

- O samaritano encontrou um desconhecido ferido no caminho; vocês abandonaram os seus próprios irmãos à beira do caminho.
- O samaritano encontrou-o quase morto; as suas recomendações deixaram uma multidão quase morta, e outros perderam mesmo a vida.
- O samaritano atou e tratou das feridas; eles sofriam, e vocês recusaram-se a pensar as suas feridas.
- O samaritano tomou o homem a seu cargo empenhando os seus próprios recursos financeiros; vocês declinam toda a responsabilidade e negam os fatos.

Tal atitude é profundamente lamentável e desvia-se dramaticamente do mandamento do amor deixado pelo Cristo. Sendo assim, se não agiram como o samaritano, com quem se identificam? Alguns sugerirão que imitaram o sacerdote e o levita que desviaram o olhar. A realidade é bem pior: vocês não demonstraram simplesmente indiferença.

Em verdade, o seu comportamento assemelha-se ao dos salteadores que despojaram e espancaram aquele viajante. Por que formular tal censura? Porque esses malfeitores despojaram aquele homem do que ele possuía antes de o deixarem como morto. Ora, qual é a posse mais preciosa que recebemos e que as Escrituras nos ordenam preservar acima de tudo?

O apóstolo Paulo recorda-o com força a Timóteo na sua primeira carta, quando escreve:

1 Timóteo 1:18, 19

«Confio a você essa instrução, Timóteo, meu filho, em harmonia com as profecias que foram feitas a respeito de você, a fim de que, em conformidade com elas, você continue travando o bom combate, mantendo a fé e uma boa consciência, a qual alguns rejeitaram, o que os levou a naufragar na fé.»

E ele lhe recorda, com ainda mais insistência, na sua segunda carta:

2 Timóteo 1:13, 14

«Apegue-se ao padrão de palavras sadias que você ouviu de mim, com a fé e o amor que resultam da união com Cristo Jesus. Guarde, por meio do espírito santo que mora em nós, esse precioso bem que lhe foi confiado.»

Esse “modelo de palavras salutareis”, essas verdades bíblicas imutáveis, bem como a nossa fé profunda, constituem o “belo depósito” que nos cumpre proteger, sem nunca permitir que ninguém nos despoje dele. As Escrituras incentivam-nos a travar um verdadeiro combate espiritual para preservar intactos “o belo depósito que nos foi confiado” e a “nossa consciência”.

Lamentavelmente, durante as comunicações oficiais apresentadas durante a crise sanitária, princípios fundamentais como a consciência cristã e a nossa sagrada “capacidade de raciocínio” (Romanos 12:1) foram literalmente arrebatados aos irmãos, para serem substituídos por uma exigência de obediência cega.

Os nossos companheiros foram “despojados do seu tesouro” espiritual sob os golpes de um bombardeamento psicológico repetido, mês após mês, a cada Friss hírek a vezetőtestületől, até que, exaustos por essa pressão constante, muitos acabaram por ceder. Ao capitularem, a sua espiritualidade foi profundamente ferida. Além disso, muitos deles sofrem hoje graves sequelas físicas por terem depositado a sua confiança em diretrizes erradas, o que alterou profundamente a sua saúde. Substituir as “palavras sadias” das Escrituras por orientações deletérias acabou por adoecer e levar prematuramente muitos dos nossos irmãos.

O que fizeram os salteadores na ilustração de Jesus? Abandonaram a sua vítima no chão depois de a terem espancado. A situação dos nossos irmãos não é idêntica? Não os abandonaram à sua sorte?

Esses pobres companheiros encontram-se hoje contestados, rebaixados e deixados espiritualmente quase mortos, sem sequer a liberdade de desabafar a sua dor junto dos anciãos ou dos superintendentes de circuito. Se tentam fazê-lo, esses superintendentes imitam a reação do sacerdote e do levita: desviam o olhar e passam de largo, como se nada fosse. Agem como se os sofrimentos físicos, espirituais e emocionais que esses cristãos atravessam fossem puramente imaginários, carregando-se também de um pecado ao fingirem ignorar esses feridos.

Tenho pessoalmente conhecimento de situações em que anciãos repreenderam publicadores pelo simples fato de mencionarem os efeitos secundários indesejáveis ligados a essa injeção, sob o pretexto de que tais declarações arriscavam abalar a confiança da congregação em vocês e nas suas instruções. Tal atitude da parte desses anciãos é ainda mais grave do que a do sacerdote e do levita, que se tinham limitado a passar de largo.

Para medir bem o alcance desses atos, modifiquemos novamente a ilustração de Jesus:

Suponhamos que o sacerdote e o levita se aproximam do homem ensanguentado e lhe aconselham a não se deter na sua dor, mas antes a ostentar um largo sorriso, cuidando de não abrir demasiado a boca. O homem ferido, ao preço de um imenso esforço, pergunta-lhes por que deveria dissimular o seu sofrimento dessa forma. Os dois homens respondem-lhe então:

“Você tem vários dentes quebrados e o sangue corre dos seus lábios; se abrir demasiado a boca, os transeuntes dar-se-ão conta e isso arrisca incomodá-los.”

Depois, indiferentes, retomam o seu caminho.

Pode-se decentemente qualificar tal comportamento de amor cristão? É, contudo, exatamente assim que se comportam muitos anciãos hoje. Ao recusarem ouvir a aflição dos nossos irmãos, tornam-se cúmplices das suas faltas, intimando-os a calarem-se e a fazerem como se nada se tivesse passado.

Após ter enunciado a ilustração do bom samaritano, Jesus Cristo deu esta ordem: “Vai e faz o mesmo.” Prezados irmãos do Corpo Governante, é nosso dever imperioso contribuir para atar as feridas dos nossos companheiros e prestar-lhes o apoio afetivo e espiritual indispensável para enfrentar esta dolorosa provação. Não podemos tolerar mais a atitude do sacerdote e do levita, que consiste em negar a evidência da crise. Agir assim é desrespeitar o amor autêntico e infringir deliberadamente o segundo grande mandamento da Lei.

É em razão desta falta flagrante de amor que vocês têm hoje de enfrentar um comissão judicativa encarregada de examinar as suas ações. Além disso, todos os irmãos investidos de responsabilidades teocráticas devem ser repreendidos e instruídos a fim de realizarem o que é correto, em vez de seguirem o seu lamentável exemplo.

Por fim, o seu déficit de amor cristão transparece de maneira flagrante na perseguição dos irmãos que tiveram a coragem de proclamar a verdade — uma hostilidade que as suas diretrizes alimentaram amplamente. O apóstolo João aborda precisamente esta realidade, no prolongamento direto do texto que citei anteriormente, quando escreve:

1 João 3:10-18

«Desta forma sabemos quem são os filhos de Deus e quem são os filhos do Diabo: aquele que não pratica a justiça não se origina de Deus, nem aquele que não ama o seu irmão. Porque esta é a mensagem que vocês ouviram desde o princípio: devemos amar uns aos outros; não como Caim, que se originou do Maligno e matou o seu irmão. E por que motivo o matou? Porque as suas próprias obras eram más, mas as do seu irmão eram justas. Não se admirem, irmãos, de que o mundo os odeia. Nós sabemos que passamos da morte para a vida porque amamos os irmãos. Quem não ama permanece na morte. Todo aquele que odeia o seu irmão é assassino, e vocês sabem que a vida eterna não permanece em nenhum assassino. Por meio disto chegamos a conhecer o amor: ele entregou a vida por nós, e nós temos a obrigação de entregar a vida pelos nossos irmãos. Mas se alguém tem os bens deste mundo e vê o seu irmão passando necessidade, e ainda assim se recusa a lhe mostrar compaixão, de que modo o amor a Deus

permanece nele? Filhinhos, devemos amar não em palavras nem com a língua, mas em ações e em verdade.»

Aqui, a Escritura estabelece uma linha de demarcação clara entre os “filhos de Deus e os filhos do Diabo”, mostrando que é precisamente a presença ou a ausência de amor que permite diferenciá-los. Naturalmente, a minha intenção não é acusá-los de serem “filhos do Diabo”; procuro unicamente colocar em relevo a gravidade excepcional das suas ações e demonstrar por que razão devemos rejeitar categoricamente as atitudes que vocês manifestaram, visto que não refletem em nada o caráter do nosso Pai celestial.

Quando o apóstolo João registou estas linhas, o seu objetivo não era insultar os seus leitores, que eram os seus próprios irmãos espirituais. Da mesma maneira, o meu desejo mais sincero é fazê-los tomar consciência da gravidade que implica tal falta de amor fraternal. É com esse único e exclusivo objetivo que cito estas Escrituras inspiradas. Sendo assim, não se ofendam com esta comparação. Como já destaquei, devemos demonstrar a maturidade espiritual necessária para encarar os fatos de frente, tais como são.

João recorda que, desde o princípio, a mensagem recebida é cristalina: “devemos amar-nos uns aos outros”. Ele evoca a seguir o contraexemplo trágico de Caim, que “originava-se do Maligno e esfaqueou o seu irmão”. O apóstolo leva a reflexão mais longe ao afirmar que “todo aquele que odeia o seu irmão é um homicida”.

Por que razão expressa-se a Escritura desta forma, quando o ódio e o homicídio físico são duas realidades distintas? Os tribunais humanos estabelecem uma diferença maior entre essas duas faltas. Por que razão parece então Jeová avaliá-las da mesma maneira? Na realidade, João não inventou este princípio; ele limitava-se a inspirar-se nas próprias palavras de Jesus, que declarava no seu Sermão do Monte:

Mateus 5:21, 22

«Vocês ouviram que se disse aos dos tempos antigos: ‘Não assassine, e quem cometer um assassinato prestará contas ao tribunal de justiça.’ No entanto, eu lhes digo que todo aquele que continuar irado com seu irmão terá de prestar contas ao tribunal de justiça; e quem se dirigir a seu irmão com uma palavra imprópria de desprezo terá de prestar contas ao Supremo Tribunal; ao passo que quem disser:

‘Tolo imprestável!’ estará sujeito à Geena ardente.»

O Cristo demonstrou assim que o julgamento de Deus não se limita ao ato de homicídio em si mesmo, mas que condena com a mesma rigidez as disposições do espírito e os sentimentos que o geram, sendo o salto para o ato muitas vezes apenas uma questão de circunstâncias. Na nossa época, por exemplo, um insulto sofrido em público resultará geralmente numa simples resposta verbal por parte da vítima. Há dois séculos, esse mesmo afronta teria lavado a honra em sangue num duelo até à morte. Em tempos ainda mais recuados, o ofensor poderia ter sido executado no local, sem qualquer outro processo.

Em cada uma destas situações, o amargor e a ira subjacentes permanecem estritamente idênticos; são unicamente as barreiras culturais, geográficas ou temporais que determinam se estes impulsos interiores se concretizam ou não num homicídio. Sendo assim, é perfeitamente lógico que um Deus justo e atemporal sonde o coração muito mais profundamente do que o fazem as leis humanas e os seus critérios limitados. Seria injusto que a justiça divina tratasse um homicida de há dois mil anos de maneira mais severa do que um homem de hoje que nutre um ódio feroz, mas se abstém de matar unicamente porque o quadro legal da sua época o dissuade. Se este último tivesse vivido no primeiro século, os seus sentimentos tê-lo-iam levado aos mesmos extremos, se não pior.

É por isso que, aos olhos de Jeová, o ato criminoso é apenas a manifestação visível do pecado, cuja verdadeira raiz é o ódio. À luz deste princípio espiritual, a questão coloca-se com uma gravidade temível: como avalia Jeová a maneira como vocês agiram?

Muitos irmãos que tiveram a coragem de lhes apresentar a verdade foram objeto de uma perseguição implacável e foram marcados com o selo da dissidência. Os seus nomes foram expostos e caluniados. Outros, incapazes de apoiar os ensinamentos errados introduzidos no meio da congregação, recusaram-se a fazer concessões na sua consciência; foram levados perante comissões judicativas e pura e simplesmente desassociados. Pouco importava que se apoiassem nas Escrituras e demonstrassem os seus erros: foram expulsos da comunidade sob o falso pretexto de provocarem divisões. Por vossa exclusiva culpa, estes companheiros encontram-se hoje totalmente cortados das suas famílias

e dos seus amigos mais íntimos. Como considera o Deus de justiça tais iniquidades?

Façamos um salto de cinco séculos para trás e transponhamos esta mesma hostilidade contra a verdade para o contexto da época. Qual teria sido o fim destes cristãos fiéis? Por se terem oposto a dogmas errados e terem contestado a autoridade religiosa estabelecida, estes irmãos teriam terminado a sua vida na fogueira ou no fim de uma corda. A aversão contra a verdade divina permanece inalterada; apenas o quadro histórico e cultural difere.

Da mesma forma, quando comissões judicativas se obstinam hoje em “raciocinar” com um cristão exercendo sobre ele uma pressão psicológica intolerável para o obrigar a retratar-se das suas convicções, a que podemos comparar este método? Não é senão a versão moderna das sessões de tortura medievais destinadas a arrancar a retratação e o arrependimento do herético. Os mecanismos psicológicos são idênticos; apenas o século mudou.

Pensam realmente que a ausência de fogueiras basta para os absolver perante o tribunal divino? Imaginam que, se nutrem tal animosidade contra a verdade, não seriam capazes de reproduzir os atos dos monges, dos sacerdotes e dos inquisidores de outrora? A única realidade que os distingue deles é que vocês evoluem numa época em que o direito civil não lhes concede o poder de morte. Os algozes da Idade Média, por sua vez, dispunham do aparelho de Estado para aniquilar fisicamente aqueles que proclamavam a verdade.

É precisamente este mecanismo de intolerância que a revista *Despertai!* de 8 de maio de 1997 trazia à luz na página 18, parágrafos 1 e 2, no artigo intitulado “O julgamento e a execução de um ‘herege’”, quando declarava:

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/101997327>

«NUM lado da sala sombria do tribunal está a mesa dos juízes, elevada e imponente. Acima do lugar do presidente, no centro, há um dossel de pano escuro e, sobre esse, uma grande cruz de madeira que se destaca no recinto. Diante do presidente, o banco dos réus.

Com frequência descreviam-se assim os tribunais da sinistra Inquisição Católica. A acusação terrível levantada

contra os infelizes acusados era “heresia”, uma palavra que evoca imagens de tortura e execução por queima na estaca. A Inquisição (do verbo latino inquiri, “fazer pesquisas, procurar saber”) era um tribunal eclesiástico especial, instituído para eliminar heresias, ou seja, opiniões ou doutrinas que não concordassem com o ensino católico-romano tradicional.»

O que era passível da pena de morte há apenas alguns séculos era qualificado de “heresia” e, como destaca claramente esta revista, tratava-se de “ideias ou doutrinas que se desviavam da ortodoxia católica romana”.

Por que razão, então, os nossos irmãos foram perseguidos durante a pandemia? Pela mesma razão: para erradicar o que vocês consideravam uma heresia, ou seja, convicções ou análises que se desviavam da sua ortodoxia.

Todos esses companheiros fiéis que defenderam a verdade bíblica e científica teriam pago com a vida a sua integridade se tivessem ousado agir assim há quinhentos anos. É precisamente por isso que o Cristo condenou as intenções profundas e os sentimentos do coração: porque a animosidade contra o verdadeiro permanece inalterada, seja qual for o período da história, demonstrando assim a justiça suprema e atemporal de Jeová. É por isso que o apóstolo João afirma com tanta exatidão que “todo aquele que odeia o seu irmão é um homicida”.

Para compreender bem este mecanismo, recordemos por que razão Caim assassinou Abel. Ele fá-lo-ia porque a retidão do seu irmão tinha colocado em luz as suas próprias obras más, e porque ele se revelou incapaz de o suportar. Se Caim vivesse na nossa época e se a mesma situação se apresentasse, chegaria ele ao homicídio físico? Provavelmente não, pois o temor das leis civis e da prisão o dissuadiria; limitar-se-ia a nutrir um ódio feroz no seu íntimo. Mas, aos olhos do Soberano do universo, o resultado permanece idêntico: os sentimentos de Caim seriam condenados por Deus com a mesma severidade, quer resultassem quer não num ato criminoso.

Sendo assim, foi por amor à verdade ou por aversão a ela que vocês e os seus apoiantes diretos orquestraram a perseguição de todos aqueles que proclamaram a verdade durante esta crise sanitária? O estado de

espírito que manifestaram teria, noutro contexto histórico e cultural, levado inevitavelmente à execução de quem quer que ousasse emitir a menor crítica contra vocês.

O Cristo Jesus já tinha desmascarado essa propensão para a intolerância religiosa quando declarou aos fariseus:

Mateus 23:34-39

«É por essa razão que eu estou lhes enviando profetas, sábios e instrutores públicos. A alguns deles vocês matarão e pregarão em estacas, e a outros açoitarão nas suas sinagogas e perseguirão de cidade em cidade, para que venha sobre vocês todo o sangue justo derramado na terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem vocês assassinaram entre o santuário e o altar. Eu garanto a vocês: Todas essas coisas virão sobre esta geração. “Jerusalém, Jerusalém, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados . . . Quantas vezes eu quis ajuntar seus filhos, assim como a galinha ajunta seus pintinhos debaixo das asas! Mas vocês não quiseram. Agora a sua casa ficará abandonada. Pois eu lhes digo: De agora em diante, vocês de modo algum me verão, até que digam: ‘Bendito é aquele que vem em nome de Jeová!’»

Notem que o Cristo especifica que os fariseus “matariam profetas e instrutores” e os açoitariam nas suas sinagogas; eles recusavam-se a reconhecer que esses mensageiros tinham sido expressamente enviados por Jesus Cristo. O Instrutor acrescenta que eles seriam responsáveis por todo o sangue derramado, “desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias”, tendo este último sido, segundo as suas próprias palavras, “assassinado” por eles.

Como podiam eles ser culpados do assassinato de homens que nunca tinham conhecido pessoalmente? Simplesmente porque esses líderes religiosos manifestavam exatamente o mesmo estado de espírito de Caim na origem, perpetuando uma linhagem de intolerância ao longo da história humana. Eles escolheram identificar-se com essa “geração” cujo primeiro representante humano foi Caim quando perseguiu o seu irmão, e cujo “pai” espiritual não é outro senão Satanás, o Diabo. É precisamente por essa razão que o apóstolo João opõe tão claramente os “filhos de Deus” aos “filhos do Diabo”.

Os verdadeiros filhos de Deus nunca perseguiram ninguém em toda a história da humanidade; pelo contrário, foram sempre os alvos dos imitadores de Caim. E, tal como ele, esses perseguidores ostentam uma marca distintiva indiscutível: o ódio para com os seus irmãos. Esse espírito de animosidade, consoante a zona geográfica ou as restrições da época, traduziu-se ora na execução física dos enviados de Jeová, ora em açoites e vexames. Mas esses desfechos são meramente circunstanciais; é a disposição do coração que o nosso Deus condena de maneira absoluta, seja qual for o resultado prático.

Sendo assim, adotarão vocês hoje a mesma linha de defesa que os fariseus no seu tempo?

Mateus 23:30

«e dizem: ‘Se nós tivéssemos vivido nos dias dos nossos antepassados, não teríamos participado com eles em derramar o sangue dos profetas.’»

A realidade é que vocês teriam agido exatamente como eles, pois a sua determinação em atacar aqueles que proclamam a verdade e em impor obstinadamente os seus próprios pontos de vista é em tudo idêntica. Prezados irmãos do Corpo Governante, quero pedir-lhes, com a mão no coração e o olhar voltado para o céu, que respondam a esta pergunta essencial:

Se descobrissem a minha identidade e a congregação à qual estou associado, que sorte me reservariam? Teriam a mesma reação que o rei Davi quando exclamou:

Salmos 141:5

«Se o justo me surrassse, seria um ato de amor leal; Se me repreendesse, seria como óleo sobre a minha cabeça, Que a minha cabeça nunca recusaria. Continuarei orando, mesmo nas suas calamidades.»

Fui injusto com vocês? Não, pois a totalidade desta acusação repousa sobre os princípios imutáveis de Jeová, registrados nas Escrituras Sagradas, que mobilizei repetidas vezes para “corrigir e repreender”, em conformidade com as exigências da justiça divina. Consideram vocês os termos desta carta “como óleo sobre a sua cabeça” e acolhê-los-ão com bondade? Estariam dispostos a interceder a meu favor no meu “dano”, à

imagem das orações que dirijo por vocês? Ou prefeririam, pelo contrário, fazer cair a “desgraça” sobre mim?

Entrariam em contato com a filial do meu país a fim de encarregar anciãos de me convocar perante uma comissão judicativa, sob o pretexto de “me ajudar a raciocinar”? Acusar-me-iam de apostasia e de intenções divisionistas, exercendo sobre mim uma coerção moral para obter a minha submissão? Se, apesar dessas intimidações, eu permanecesse inabalável nas minhas convicções — consciente de que capitular equivaleria a trair Jeová e Jesus Cristo —, pronunciariam a minha desassociação da congregação? Ordenariam que fosse proclamada perante toda a comunidade essa sentença que destrói vidas, para que todos me rejeitassem e me tratassem como um pária?

Se tivessem de desdobrar tais estratégias contra a minha pessoa, o seu comportamento inscrever-se-ia em linha reta no da Inquisição católica romana de outrora. Basta analisar os autos dessa época sombria para constatar que os considerados pelos quais os “hereges” eram levados à fogueira visavam invariavelmente “preservar a unidade da doutrina, evitar os cismas e conjurar a confusão”. São exatamente os mesmos argumentos que vocês invocam hoje para perseguir quem quer que coloque em luz as suas falhas.

Devo uma enorme gratidão ao fato de ter nascido na nossa época em vez desses séculos de trevas; pois ter a coragem de lhes dirigir tal missiva enquanto a Europa se curvava sob o jugo de pretensos “vigários de Cristo” ter-me-ia inevitavelmente levado ao suplício do fogo.

Pensam que estou a exagerar? Examinem a sua consciência em toda a honestidade e respondam: o que teriam feito se, investidos do mesmo poder teológico, tivessem recebido esta carta no contexto cultural da Idade Média? Vocês dedicam regularmente artigos biográficos para honrar a memória dos mártires dos tempos antigos. Ao agirem assim, vocês não fazem, em certo sentido, senão “construir os túmulos dos profetas e decorar os túmulos dos justos”. Contudo, se essas testemunhas do passado estivessem diante de vocês hoje para lhes fazer as repreensões que lhes formulo, não lhes fariam passar pelo mesmo destino que os seus algozes de outrora (Mateus 23:29)? Compreendem agora por que razão Jeová, na sua sabedoria infinita, se liberta dos códigos jurídicos humanos para sondar e condenar as motivações profundas do coração?

Prezados irmãos, é imperativo que meçam a gravidade destes avisos. Queiram prestar uma escuta atenta ao conselho premente que o apóstolo Paulo formulava nestes termos:

2 Coríntios 13:5

«Persistam em examinar se estão na fé; persistam em pôr à prova o que vocês mesmos são. Ou não reconhecem que Jesus Cristo está em união com vocês? A menos que estejam reprovados.»

Cabe-lhes agora suplicar ao nosso Deus e implorar a ajuda do seu espírito santo, a fim de que ele ilumine o seu entendimento e lhes conceda o discernimento necessário para perceber a sua vontade perante este trágico balanço. A falta de amor fraternal é um fato agora indiscutível: vocês pecaram gravemente contra o Cristo Jesus e contra os seus irmãos espirituais.

CULPA DE SANGUE

A culpa de sangue constitui um pecado de uma gravidade absoluta aos olhos do Soberano do universo. As tábuas da Lei, gravadas pelo próprio dedo de Deus, proclamam-no aliás em termos imutáveis:

Êxodo 20:13

«Não assassine.»

De fato, o apóstolo João afirma de maneira categórica, assim como recordei acima, que “nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nele” (1 João 3:15). Em outras palavras, ao carregar a responsabilidade pelo sangue derramado, é o nosso próprio futuro eterno que comprometemos de forma dramática.

Saibam que me é profundamente doloroso insistir novamente sobre este ponto, mas a demonstração está feita: uma multidão dos nossos queridos companheiros perdeu a vida, e outros a perderão ainda, como consequência direta das orientações vinculativas divulgadas por ocasião de cada Friss hírek a vezetőtestületől oficiais. Esse drama ocorreu porque vocês lhes inspiraram uma confiança cega em afirmações erradas, chegando ao ponto de instrumentalizar o nome do nosso Deus para promover concepções puramente humanas que se revelaram ser trágicas inverdades. Por conseguinte, perante o Tribunal divino, a culpa de sangue é-lhes diretamente imputável.

Certamente, é muito provável que não tenham nutrido nenhuma intenção maldosa e que o seu objetivo não fosse causar dano; contudo, devemos ter em mente que simples intenções louváveis não saberiam em caso algum expiar uma transgressão bíblica. As Escrituras são cristalinas a esse respeito. A título de ilustração, o livro de Deuteronômio estipula explicitamente:

Deuteronômio 22:8

«Se você construir uma casa nova, também deve fazer um parapeito para o seu terraço, a fim de que a culpa de sangue não recaia sobre os da sua casa, se alguém cair dele.»

Não há dúvida de que esse construtor não desejava a morte de ninguém; contudo, se ele omitisse a instalação desse “parapeito” e um drama ocorresse, ele carregava a sua casa com uma “culpa de sangue”. Imaginemos um construtor israelita perfeitamente consciente dessa regra de segurança, mas que escolhe deliberadamente esquivar-se dela. Vários dos seus contemporâneos interpelam-no colocando-lhe diante dos olhos essa injunção das Escrituras, mas ele permanece surdo aos seus avisos e recusa-se obstinadamente a cercar o seu teto com um resguardo. Tal atitude não agrava consideravelmente o seu caso? Se um indivíduo perde a vida em razão da sua negligência e do seu entetamento, espera ele escapar ao castigo divino alegando simplesmente a ausência de más intenções?

Ora, são vocês que ocupam a função de “construtores” espirituais, e negligenciaram prover os seus ensinos desse “parapeito” protetor; por conseguinte, uma multidão dos nossos irmãos pereceu, e outros ainda sofrerão o mesmo destino. Vocês não ignoravam, contudo, nada dos princípios bíblicos envolvidos, visto que as nossas publicações tratam disso abundantemente há décadas. Além disso, cada vez que elaboram um discurso ou uma diretriz, dispõem de um departamento de pesquisa capaz de escutinar o menor artigo publicado nos nossos periódicos ao longo dos últimos cento e cinquenta anos. Vocês orgulham-se regularmente do grau de precisão quase cirúrgico que caracteriza as suas investigações, recordando, por exemplo, que para a simples ilustração de um mosaico antigo, solicitam museus internacionais e financiam deslocações aéreas a fim de garantir uma exatidão histórica absoluta.

Dispondo de tal arsenal de recursos e de tal perícia, como é concebível que não tenham discernido o erro flagrante da sua atitude? Como puderam ignorar o caráter experimental e potencialmente deletério dessa injeção?

Contudo, receberam milhares de correspondências e de apelos de aflição emanados de publicadores que lhes imploravam para corrigir o rumo, baseando-se rigorosamente nos princípios bíblicos em jogo. Vocês escolheram fazer ouvidos de mercador. Ao pisotear esses pontos de referência bíblicos fundamentais, omitiram deliberadamente construir esse “parapeito” salvador.

Transponhamos novamente a cena respeitante a esse construtor israelita rebelde: imaginem que ele se apodera de um fragmento de papiro no qual está registrado o mandamento divino, que o rasga com desprezo em mil pedaços, e depois exclama que permanece o único senhor a bordo na sua morada. Mais uma vez, a analogia é impressionante: vocês são esse construtor insubmisso. Pelas suas ações, cumpriram ao pé da letra esta palavra da Escritura:

Isaías 42:19, 20

«Quem é cego, senão o meu servo, E tão surdo como o mensageiro que eu envio? Quem é tão cego como aquele que foi recompensado, Tão cego como o servo de Jeová? Você vê muitas coisas, mas não presta atenção. Seus ouvidos estão abertos, mas você não escuta.»

Era do seu dever discernir o perigo, mas vocês comportaram-se como “cegos”; era do seu dever prestar ouvidos, mas agiram como “surdos”. Os assuntos aos quais concederam toda a sua atenção e a sua minúcia — à imagem da exatidão histórica do desenho de um mosaico — eram, contudo, de uma importância irrisória perante as vidas dos nossos irmãos. Ao agirem assim, vocês coaram muito exatamente o “mosquito, mas engoliram o camelo” (Mateus 23:24).

Deveriam ter tomado a medida da situação, tal como uma multidão de entre nós o fez dispondo de muito menos meios do que vocês. Uma simples pesquisa temática no nosso site oficial JW.ORG, efetuada a partir de um modesto telefone celular, teria bastado para lhes recordar que é fundamentalmente imprudente e contrário aos princípios bíblicos recomendar ou impor escolhas de ordem médica.

Ousariam pretender hoje que ignoravam tudo sobre o perigo e que ninguém os tinha alertado? Era o assunto até esse ponto obscuro ou complexo? Estavam os dados e os avisos realmente inencontráveis?

A ausência de intenção maldosa não saberia absolvê-los. Aos olhos da Justiça Divina expressa através das Escrituras Sagradas, a responsabilidade de todas estas perdas em vidas humanas incumbe-lhes de maneira indiscutível.

Este princípio de responsabilidade civil e espiritual, já ilustrado pela obrigação do “parapeito”, é reiterado com força na Lei mosaica através do exemplo da guarda de um animal doméstico. O livro de Êxodo estipula de fato:

Êxodo 21:28, 29

«Se um touro chifrar um homem ou uma mulher, e a pessoa morrer, o touro será apedrejado até a morte, e a sua carne não deve ser comida; mas o dono do touro ficará livre de punição. Mas, se o touro costumava chifrar, e o seu dono tiver sido advertido, mas não o tiver mantido preso, e o touro matar um homem ou uma mulher, o touro deve ser apedrejado e o seu dono também deve ser morto.»

É claro que, se um touro que nunca tinha manifestado perigo matasse de repente um transeunte, o seu proprietário não era considerado culpado. Em contrapartida, se o animal “tinha o hábito de escornar no passado” e o proprietário tinha sido “avisado”, mas “não o mantinha sob vigilância”, a situação mudava radicalmente. Se ocorria um drama e alguém morria por causa do animal, o próprio proprietário devia ser “morto”, pois carregava a responsabilidade de uma culpa de sangue.

O proprietário desse touro certamente não desejava a morte de outrem; contudo, visto que tinha recebido avisos claros e que tinha escolhido ignorá-los por pura insensatez, a sua negligência tornava-o plenamente culpado e passível da pena capital. Como já destaquei, vocês foram alertados por uma multidão de irmãos, mas recusaram-se a escutar. Ao assistir aos seus Friss hírek a vezetőtestülettől oficiais, constata-se de que maneira tentaram, repetidas vezes, lançar o descrédito sobre aqueles que lhes imploravam para não promover este produto médico. Vocês tinham sido formalmente avisados de que esse “touro” — a injeção — apresentava graves perigos, mas não manifestaram nenhuma

vigilância e fecharam os olhos. Pior ainda, indignaram-se contra aqueles que chamavam a sua atenção para esses riscos e perseguiram-nos.

Contudo, como já mencionei e demonstrei através de exemplos precisos, incontáveis dados estatísticos e estudos médicos rigorosos estavam disponíveis muito antes da divulgação das suas diretrizes. Essas informações estavam perfeitamente acessíveis e documentadas, mas vocês varreram os nossos avisos com um encolher de ombros. Mais uma vez, pouco importa que aleguem a ausência de intenção maldosa: aos olhos de Jeová, vocês são culpados de negligência criminosa, e a sua Palavra escrita fornece a prova irrefutável disso.

Esta mesma exigência de responsabilidade verifica-se na Lei através do exemplo da propagação de um incêndio. O livro de Êxodo enuncia de fato:

Êxodo 22:6

«Se houver um incêndio e ele se alastrar pelos espinheiros e consumir feixes colhidos, a plantação de cereais ou todo o campo, aquele que causou o incêndio dará uma indenização pelo que foi queimado.»

Aqui, o princípio jurídico é cristalino: “aquele que acendeu o fogo”, mesmo que perca o controle dele e que o incêndio se propague até devastar as colheitas de outrem, é considerado plenamente responsável pelas perdas materiais. Certamente, o autor do sinistro não tinha necessariamente uma intenção maldosa; não deixa por isso de ter de assumir a responsabilidade pelos estragos causados pelas chamas e restituir uma compensação justa.

O que teria acontecido se esse incêndio se tivesse propagado até uma habitação, prendendo toda uma família nas chamas e causando a sua morte? Que sorte teria sido reservada àquele que tinha acendido esse fogo? Nenhuma compensação financeira saberia bastar para resgatar a perda de vidas humanas.

Ora, vocês também “acenderam um fogo” que não consumiu feixes de cereais ou campos de trigo, mas seres humanos — os seus próprios irmãos e irmãs espirituais! Podem decentemente “compensar” a morte desses companheiros com reparações pecuniárias? Certamente que não! Essas vidas preciosas só poderão ser restituídas pelo Cristo Jesus por ocasião da ressurreição.

Foi sob o seu impulso, e porque os incentivaram a isso instrumentalizando o nome de Deus, que os nossos irmãos, bem como os seus filhos, se submeteram a essa injeção. Foi dessa maneira que o “incêndio” se propagou a toda a congregação. A quem incumbe a responsabilidade se, hoje, alguns perderam a vida e outros sofrem de graves patologias? Trata-se aí de uma culpa de sangue que vocês estão na incapacidade total de resgatar por vocês mesmos, mesmo que possuíssem todo o ouro do mundo. De um ponto de vista humano, os danos são irreparáveis; só o Soberano do universo tem o poder de remediar a situação.

Deuteronômio 19:4-6

«Isto é o que deve acontecer no caso do homicida que fugir para lá a fim de continuar vivo: quando ele sem querer golpear o seu próximo, sem que o tenha odiado antes — por exemplo, se ele for com o seu próximo à floresta para juntar lenha e levantar o machado para cortar a árvore, e o ferro do machado se soltar do cabo, atingir seu próximo e este morrer —, então o homicida deve fugir para uma dessas cidades para ficar vivo. Do contrário, o vingador do sangue, enfurecido, poderia perseguir, alcançar e matar o homicida, visto que a distância até a cidade seria muito grande. No entanto, ele não merecia morrer, pois não odiava seu próximo.»

Aqui, a Lei apresenta-nos um caso particularmente marcante: o homicídio involuntário. O texto descreve um homem que “golpeia o seu próximo involuntariamente” porque o ferro do seu machado se soltou subitamente do cabo, ferindo mortalmente a pessoa que se encontrava ao seu lado. Para preservar a sua vida, esse homem devia fugir imediatamente para uma das “cidades de refúgio”, caso contrário o “vingador do sangue”, movido pelo ardor do seu coração, tê-lo-ia morto. Depreende-se claramente desta ordenança divina que, mesmo que o lenhador não tivesse nenhuma intenção de matar, tornou-se culpado de negligência por ter omitido a verificação da sua ferramenta de trabalho e a garantia da sua solidez. Essa imprudência custou a vida a um ser humano.

Para responder a essa situação, Jeová tinha previsto seis cidades de refúgio, estrategicamente distribuídas por todo o território de Israel, a fim de que qualquer autor de um homicídio acidental pudesse encontrar

nelas um abrigo rápido. À sua chegada, o fugitivo devia expor o seu caso aos anciãos à entrada da cidade. Após exame dos fatos, estes acolhiam-no e concediam-lhe asilo. Se o autor do homicídio involuntário negligenciasse entrar na cidade ou se afastasse dela, o parente próximo da vítima — o vingador do sangue — tinha pleno direito de o executar para lavar a contaminação da terra.

A este respeito, a enciclopédia bíblica *Estudo Perspicaz das Escrituras* traz o seguinte esclarecimento sobre a função e o papel do “vingador do sangue”:

«As leis justas de Jeová estabeleciam uma nítida distinção entre o crime voluntário e o crime accidental. No segundo caso, a amorosa provisão das cidades de refúgio protegia os homicidas involuntários contra os vingadores do sangue (Núm 35:6-29; De 19:2-13; Jos 20:2-9). Criaram-se também tribunais para examinar os casos de assassinato. — De 17:8, 9; 2Cr 19:10.»

Depreende-se, portanto, de maneira cristalina que, mesmo perante um homicídio involuntário, Jeová exige que o grau de responsabilidade seja estabelecido e que medidas reparadoras rigorosas sejam tomadas. Este precedente histórico coloca em destaque o perigo extremo em que vocês se encontram hoje: vocês nem sequer discerniram a necessidade absoluta de fugir para a “cidade de refúgio” a fim de submeter o seu caso ao exame dos anciãos. Enquanto recusarem essa atitude e persistirem na impenitência, permanecem “a descoberto”, expostos a ser alcançados e executados pelo “vingador do sangue”.

Parece-me supérfluo detalhar-lhes aqui quem prefiguram o “vingador do sangue” e a “cidade de refúgio”, de tal modo as nossas publicações oficiais explicitaram estes tipos proféticos ao longo dos anos. Limitar-me-ei, contudo, a citar um trecho particularmente marcante, em razão da aplicação direta e atual que faz deles:

Sob o título “Permaneça na ‘cidade de refúgio’ e viva!”, *A Sentinela* de 15 de novembro de 1995, página 15, declarava:

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1995844>

«JESUS CRISTO, o Vingador do sangue da parte de Jeová, está prestes a agir. Este Vingador, junto com suas forças angélicas, agirá em breve contra todos os impenitentes

culpados de derramamento de sangue. Deveras, Jesus servirá como Executor da parte de Deus durante a “grande tribulação” que rapidamente se aproxima. (Mateus 24:21, 22; Isaías 26:21) A humanidade terá de enfrentar então a sua culpa de sangue.»

Esta revista identifica explicitamente o Cristo Jesus como o “vingador do sangue” que executará o julgamento divino sobre todos os que carregam uma responsabilidade na morte de seres humanos desde a fundação do mundo. Sendo assim, de que tipos de homicídios vai ele cobrar vingança? É o que especificam os parágrafos 4 e 5 nestes termos:

«4 Sim, existe mesmo uma culpa de sangue compartilhada ou comunal. Pense na imensa culpa de sangue que recai sobre Babilônia, a Grande, o império mundial da religião falsa. Ora, ela está embriagada com o sangue dos servos de Jeová! (Revelação [Apocalipse] 17:5, 6; 18:24) As religiões da cristandade afirmam seguir o Príncipe da Paz, mas as guerras, as Inquisições religiosas e as Cruzadas mortíferas tornaram-na culpada de sangue perante Deus. (Isaías 9:6; Jeremias 2:34) Na realidade, cabe-lhe a maior parte da culpa pela morte de milhões de pessoas nas duas guerras mundiais deste século. Portanto, os adeptos da religião falsa, bem como os apoiadores e os participantes das guerras humanas têm culpa de sangue perante Deus.

5 Alguns têm causado a morte de pessoas deliberadamente ou por negligência. Outros têm participado em matanças coletivas, talvez persuadidos por líderes religiosos, de que esta era a vontade de Deus. Ainda outros têm perseguido e matado servos de Deus. Mesmo que não tenhamos feito algo assim, porém, compartilhamos a responsabilidade comunal pela perda de vidas humanas porque não conhecíamos a lei e a vontade de Deus. Somos como o homicida desintencional ‘que, sem saber, matou seu próximo e não o tinha anteriormente odiado’. (Deuteronômio 19:4) Tais pessoas deviam implorar a Deus misericórdia e deviam correr para a antitípica cidade de refúgio. Do

contrário, terão um encontro fatal com o Vingador do sangue.»

Esses parágrafos lançam luz sobre uma realidade indiscutível: os “líderes religiosos” carregam a responsabilidade pela morte de milhões de pessoas por usarem indevidamente o nome de Deus e por convencerem os seus semelhantes de que as suas diretrizes refletem a vontade divina. O artigo precisa que os próprios “servos de Deus” podem figurar entre as vítimas desses extravios, e que, mesmo se o autor do homicídio ignorasse a lei de Jeová, não deixa de ser considerado responsável. A conclusão deste estudo é inequívoca: os indivíduos que se encontram em tal situação devem implorar o perdão divino e fugir sem demora para a “cidade de refúgio antitípica”. Caso contrário, o seu encontro com o Vingador do sangue ser-lhes-á fatal.

Esta constatação doutrinária confirma o perigo extremo a que vocês se expõem ao recusarem assumir as suas próprias falhas. Em toda a lógica bíblica, as suas ações deveriam ter sido objeto de um exame minucioso perante uma comissão judicativa, seguido de um arrependimento público proporcional à gravidade da ofensa. Vocês associaram indevidamente o nome de Jeová às suas exortações, incentivando as ovelhas a submeterem-se a essa injeção sob o pretexto de que se tratava da “vontade de Jeová”. Por essa imprudência, carregam a responsabilidade pela morte de muitos Testemunhas de Jeová, e outros ainda sofrerão as consequências a longo prazo.

Visto que as nossas publicações recordam que a ignorância da lei divina não constitui uma desculpa válida, que linha de defesa lhes resta, a vocês que pretendem ensinar essa lei sem contudo lhe obedecerem? Após terem orquestrado tal desastre espiritual e sanitário, dispõem ainda da menor legitimidade para apontar o dedo aos “líderes religiosos” da “Babilônia, a Grande” e acusá-los de carregar uma culpa de sangue?

Por que persistem em “manter-se em terreno aberto”, recusando procurar refúgio nas provisões protetoras previstas por Jeová? Alimentam a ilusão de que o “vingador do sangue” não pedirá contas pelo enorme dano causado às suas ovelhas?

É aliás notável que a totalidade do nosso arsenal doutrinário convirja para esta mesma regra: o homicídio involuntário não apaga de modo algum a culpa. Como prova, o exame do texto do dia de 29 de janeiro de

2024 — publicado três anos após o início da crise sanitária — é particularmente revelador a este respeito:

« A capacidade de raciocínio guardará você. — Pro. 2:11.

A Lei que Jeová deu à nação de Israel incluía orientações para evitar acidentes graves em casa e no trabalho. (Êxo. 21:28, 29; Deu. 22:8) Se alguém matasse uma pessoa sem intenção, sofria graves consequências. (Deu. 19:4, 5) E a Lei dizia que, se alguém causasse um dano a um bebê no útero, mesmo sem querer, devia ser punido. (Êxo. 21:22, 23) Fica claro nas Escrituras que Jeová quer que façamos o possível para evitar acidentes. Mostramos que damos valor ao presente da vida por tomar medidas de segurança em casa e no trabalho. Por exemplo, deixamos remédios, produtos de limpeza e objetos afiados longe do alcance de crianças. E quando precisamos jogar fora esse tipo de coisa, fazemos isso de forma segura. Também somos cuidadosos quando mexemos com fogo, líquidos quentes e ferramentas elétricas. Além disso, não dirigimos quando nossas reações estão mais lentas por causa de remédios, álcool ou falta de sono. E não usamos dispositivos móveis enquanto dirigimos. w23.02 21-22 §§ 7-9. »

Este comentário formula-o sem ambiguidade: “se alguém matasse uma pessoa sem intenção, sofria graves consequências”, e apoia-se nomeadamente no caso trágico da perda de um bebê no útero. Vejamos de que maneira a Lei divina avalia a gravidade deste ato através do texto sagrado:

Êxodo 21:22, 23

«Se homens brigarem e ferirem uma mulher grávida, e ela der à luz prematuramente, mas não houver um acidente fatal, aquele que causou o acidente pagará a indenização imposta pelo marido da mulher; ele a pagará por meio dos juízes. Mas, se houver um acidente fatal, se dará vida por vida,»

Aqui, o princípio estabelecido pelo Soberano do universo é de uma clareza absoluta: quem quer que esbarre acidental e involuntariamente numa mulher grávida, provocando a perda do filho que ela carrega, é

considerado responsável pela destruição de uma vida. É esse o olhar infalível do nosso Deus sobre a sacralidade da vida desde a concepção. Se a mãe ou a criança sofressem apenas uma lesão, era exigida uma compensação financeira fixada pelos juízes; em contrapartida, se ocorresse a morte da criança no útero, a Lei exigia “alma por alma”.

Contudo, vocês divulgaram diretrizes incentivando toda a comunidade dos irmãos a receber essa injeção, chegando ao ponto de instrumentalizar certos relatos bíblicos para conferir uma autoridade divina às suas recomendações. Muitas irmãs grávidas concederam uma confiança absoluta às suas declarações, e crianças no útero pereceram tragicamente. O aumento das anomalias e das interrupções involuntárias da gravidez à escala mundial na sequência dessas campanhas de vacinação é um fato que cada um pode observar. Estudos e relatórios dão conta de correlações particularmente alarmantes respeitantes à queda da natalidade e aos riscos acrescidos para as mulheres grávidas após a administração destes produtos médicos. Os dados relativos a estas perdas estão acessíveis e constituem um dossier acusatório que vocês não podem fingir ignorar.

Certamente, o seu objetivo não era provocar a morte destes recém-nascidos. Contudo, uma multidão de futuras mães no seio das nossas congregações consentiu nesse procedimento unicamente porque vocês lhes apresentaram essa atitude como conforme à vontade de Jeová. Sem as suas exortações oficiais e repetidas, a prudência natural delas teria prevalecido. Enganadas pelas suas afirmações, elas encontram-se hoje na aflição. Aos olhos da Lei divina enunciada no livro de Êxodo, a responsabilidade destas vidas interrompidas incumbe-lhes em razão da negligência caracterizada dos seus Friss hírek a vezetőtestülettől. A análise rigorosa dos fatos não permite chegar a nenhuma outra conclusão.

Faço questão de reiterar que não faz parte da minha intenção sondar os seus motivos profundos ou imputar-lhes uma má intenção deliberada, pois erigir-se em juiz dos corações constitui um pecado diante de Deus. O meu propósito não se refere às intenções, mas a fatos tangíveis e verificáveis. É doravante manifesto que as suas decisões erradas resultaram na doença e na morte de muitos companheiros cristãos.

Esta situação é em tudo comparável a um homicídio involuntário causado pela condução negligente de um veículo. Em tal caso, a culpa

está estabelecida independentemente das intenções do condutor. Se um irmão, por imprudência ou desatenção ao volante do seu carro, atropela e mata um pedestre, quais são as disposições teocráticas previstas a seu respeito?

O manual confidencial *“Apascentem o Rebanho de Deus”*, sob o título “CASOS DE TRANSGRESSÃO QUE OS ANCIÃOS DEVEM EXAMINAR” no seio do capítulo dedicado aos critérios de formação de uma comissão judicativa, estipula explicitamente:

«**38. Homicídio.** Uma pessoa não se torna culpada de sangue apenas por tirar intencionalmente a vida a alguém; ela também pode tornar-se culpada de sangue se causar a morte de alguém por negligência ou por violar as leis de trânsito ou outras regras de segurança estabelecidas por César. Os anciãos vão averiguar os fatos e, se se justificar, formarão uma comissão judicativa para tratar do assunto. A decisão da comissão será baseada em fatos claramente estabelecidos, e não apenas em qualquer decisão tomada pelas autoridades. — Deu. 22:8; w06 15/9 p. 30.»

Um irmão que causa involuntariamente a morte de outrem por negligência deve imperativamente comparecer perante uma comissão judicativa e expõe-se à desassociação da congregação se não manifestar um arrependimento sincero. Até ao dia de hoje, a sua recusa obstinada em reconhecer as suas falhas e em assumir a responsabilidade pelos danos causados constitui, aos olhos da comunidade, a prova evidente da sua culpa. A situação é de uma gravidade absoluta; é por isso que a formação de uma comissão judicativa é exigida a fim de examinar minuciosamente as suas ações e de lhes fazer tomar consciência do alcance das suas ofensas perante o Soberano do universo.

Para fundamentar esta regra de procedimento teocrático, as instruções do manual *“Apascentem o Rebanho de Deus”* remetem explicitamente para as diretrizes detalhadas na seguinte publicação:

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2006688>

Este artigo de *A Sentinela* de 15 de setembro de 2006, página 30, enuncia princípios capitais no que tange à responsabilidade legal e espiritual do cristão. Passarei agora a citar os trechos pertinentes,

parágrafo por parágrafo, a fim de fazer deles a aplicação direta à situação atual:

«Perguntas dos Leitores

Qual é a responsabilidade da congregação caso um cristão, ao dirigir, sofra um acidente que resulte na morte de alguém?

Deve-se considerar a possibilidade de ter havido culpa de sangue, pois a congregação precisa evitar ter responsabilidade comunal nesse sentido. (Deuteronômio 21:1-9; 22:8) Um motorista que é responsável por um acidente fatal pode incorrer em culpa de sangue se tiver sido descuidado ou tiver violado deliberadamente uma das leis de César de segurança ou de trânsito. (Marcos 12:14) Mas há outros fatores a considerar.»

Aqui, a diretriz da organização é inequívoca: a avaliação de uma falta grave não admite evasivas, sob pena de ver estabelecer-se uma “responsabilidade coletiva”. Este princípio de equidade teocrática demonstra com força que, se as suas ações não forem objeto de nenhuma medida de disciplina religiosa, Jeová considerará a congregação inteira responsável pelo mal tolerado no seu seio. É-nos espiritualmente impossível fechar os olhos à gravidade das suas falhas.

«No antigo Israel, o homicida que fugia para uma cidade de refúgio tinha de ser julgado. Se ficasse provado que o homicídio tinha sido acidental, recebia permissão para ficar na cidade, protegido contra o vingador do sangue. (Números 35:6-25) Da mesma forma, se um cristão estiver envolvido num acidente fatal, os anciãos devem examinar o caso para determinar até que ponto ele foi culpado. A congregação não tomará necessariamente as suas decisões com base na decisão das autoridades civis ou do tribunal.»

Incumbe, portanto, aos anciãos designados pelo espírito santo tomar em mãos o seu caso a fim de determinar com precisão a extensão da sua culpa. No quadro da ordem teocrática, as sentenças ou as absolvições proferidas pelas instâncias judiciais deste mundo têm

apenas um valor relativo; só prevalece a aplicação rigorosa e imparcial dos princípios bíblicos.

«Por exemplo, mesmo que do ponto de vista estritamente técnico um tribunal considere o motorista culpado de ter violado a lei, os anciãos encarregados de examinar o caso podem determinar que ele não teve culpa na morte ocorrida porque tinha pouco ou nenhum controle sobre as circunstâncias que levaram ao acidente. Por outro lado, mesmo que o tribunal declare o motorista inocente, os anciãos podem achar que ele é culpado de ter tirado a vida de alguém.»

Os veredictos dos tribunais seculares e as estratégias dos conselheiros jurídicos deste mundo não têm nenhum peso aqui, pois essas instâncias recorrem com frequência a artifícios processuais para inocentar culpados. Segundo as instruções teocráticas, cabe exclusivamente aos anciãos determinar se a pessoa envolvida “tinha pouco ou nenhum controle sobre as circunstâncias”. Ora, é imperioso constatar que vocês exerciam um controle absoluto sobre as diretrizes emitidas e que demonstraram uma obstinação manifesta ao recusar conformar-se com os avisos da Palavra de Deus.

«A decisão dos anciãos deve se basear nas Escrituras e em fatos claramente estabelecidos, como a própria confissão do motorista e/ou o testemunho confiável de duas ou três testemunhas oculares. (Deuteronômio 17:6; Mateus 18:15, 16) Se a culpa do motorista for estabelecida, será formada uma comissão judicativa. Se a comissão achar que o transgressor está arrependido, ele receberá repreensão apropriada e restrições com relação aos seus privilégios na congregação. Por exemplo, ele não poderá mais servir como ancião ou servo ministerial. Outras restrições podem ser impostas. Além disso, ele terá de prestar contas a Deus por sua negligência ou falta de cuidado que levou a um acidente fatal. — Gálatas 6:5, 7.»

A decisão dos anciãos da congregação deve imperativamente “ser baseada nas Escrituras e em fatos claramente estabelecidos”. Ao longo desta acusação, expus argumentos bíblicos rigorosos, diretamente

“baseados nas Escrituras”, demonstrando que vocês carregam a responsabilidade por transgressões de uma extrema gravidade. Registre também “fatos claramente estabelecidos” e verificáveis por todos.

A acumulação destas provas deveria incentivá-los à contrição e levá-los a manifestar um arrependimento sincero, o que deveria resultar na perda imediata dos seus privilégios de serviço. Após terem orquestrado tais diretrizes, é biblicamente inaceitável que conservem as suas funções de supervisão. Manter a sua autoridade é ao mesmo tempo contrário às exigências da Palavra de Deus e altamente prejudicial para a segurança espiritual e física da congregação, como demonstrarei mais adiante.

« Por exemplo, se o tempo estivesse ruim por ocasião do acidente, o motorista devia ter tomado mais cuidado. Se estivesse com sono, devia ter parado para descansar até que a fadiga passasse, ou deixado outra pessoa dirigir.

Imagine agora que o motorista estivesse correndo demais. Para um cristão, exceder o limite de velocidade é esquecer-se de pagar “a César as coisas de César”. Esse comportamento também demonstra desrespeito ao caráter sagrado da vida, visto que coloca a vida de outros em perigo. (Mateus 22:21) Mas vejamos outro aspecto da questão. Que exemplo daria ao rebanho um ancião que não se importasse com as leis de trânsito de César, ou até mesmo as violasse deliberadamente? — 1 Pedro 5:3. »

Este lembrete doutrinal põe em evidência que, a fim de proferir um veredicto justo relativo às suas ações, é indispensável realizar uma investigação aprofundada e examinar todos os seus pormenores. Os elementos registrados nesta correspondência fornecem precisamente as bases necessárias para esclarecer este assunto. Aliás, o artigo destaca que o “desrespeito ao caráter sagrado da vida” constitui um fator determinante na avaliação da falta; ora, para medir a extensão desse desacato, vocês devem ser submetidos a um exame rigoroso. Incumbe-lhes doravante explicar com toda a transparência por que razão incentivaram os nossos companheiros cristãos a receber substâncias médicas experimentais e altamente questionáveis, revelando a inteira verdade sobre as suas motivações.

Qualquer pessoa compreenderá facilmente a lógica deste parágrafo: se um pastor do rebanho fica desqualificado por ter violado as leis de trânsito, sob o fundamento de que daria um mau exemplo, uma questão crucial se impõe. O que tem mais peso: a legislação rodoviária de um governo humano ou as leis soberanas do Deus Todo-Poderoso? Se um irmão que despreza deliberadamente a segurança rodoviária perde os seus privilégios de supervisão, que destino deve ser-lhes reservado, a vocês que alteraram ensinamentos bíblicos fundamentais?

«Um cristão não vai impor uma programação que exija que os outros corram na estrada para chegar na hora marcada a determinado lugar. Em geral, basta sair um pouco mais cedo ou ajustar o horário para ter tempo suficiente. Fazendo assim, a pessoa não ficará tentada a correr e poderá obedecer às leis de trânsito estabelecidas pelas “autoridades superiores”. (Romanos 13:1, 5) O motorista evitará assim envolver-se num acidente fatal e tornar-se culpado de sangue. Dará também um bom exemplo e manterá uma boa consciência. — 1 Pedro 3:16.»

O artigo conclui insistindo de maneira vibrante na necessidade absoluta de os superintendentes darem o exemplo em todas as coisas e de preservarem uma consciência pura diante de Deus e dos homens. É precisamente nesse mesmo espírito que o apóstolo Pedro registra esta exortação capital:

1 Pedro 3:16

«Mantenham uma boa consciência, de modo que, sempre que falarem contra vocês, aqueles que falam contra vocês fiquem envergonhados por causa da sua boa conduta como seguidores de Cristo.»

Sendo assim, uma questão crucial se impõe: quem, de vocês ou de mim, deveria sentir “vergonha” à luz dos princípios examinados até agora? Se o comportamento de vocês tivesse sido exemplar e plenamente conforme ao que se espera de um “discípulo de Cristo”, concederiam os irmãos nas congregações o menor crédito aos argumentos apresentados nesta carta? A sua própria consciência deveria ditar-lhes a resposta.

Toda esta exposição demonstra de forma irrefutável que a comunidade dos irmãos não pode permanecer inativa e que uma comissão judicativa

deve ser formada com urgência para analisar a sua conduta bem como a sua culpa de sangue. Vocês devem, sem mais demoras, comparecer perante esta instância teocrática para responder pelas suas ações. Como lembra o artigo de *A Sentinela* citado anteriormente, as decisões dos tribunais humanos não têm aqui nenhum valor jurídico. Só importa a aplicação dos princípios bíblicos, pois eles permitem estabelecer a culpa segundo os critérios de Jeová e para a pureza da congregação.

Esta distinção fundamental entre as leis do mundo e as exigências divinas é, aliás, confirmada de modo muito surpreendente pela própria organização. O site oficial [jw.org](http://www.jw.org) — a própria plataforma que serviu de apoio aos seus relatórios do Corpo Governante para promover esta injeção médica — enuncia-o explicitamente nas suas próprias condições de utilização:

<https://www.jw.org/pt-pt/termos-de-utilizacao/>

«Secção médica

O conteúdo da secção médica deste site (“Secção médica”) serve apenas para fornecer informações. Esta secção não tem o objetivo de fornecer conselhos médicos e não foi preparada para substituir a consulta, o diagnóstico ou o tratamento com um profissional. A Secção médica não recomenda nem defende especificamente médicos, procedimentos, testes, produtos, opiniões ou informações mencionadas nesta secção.

Em caso de dúvidas relacionadas com tratamentos ou problemas de saúde, consulte sempre um médico ou outro profissional qualificado da área médica.

Este site fez esforços para disponibilizar na Secção médica informações exatas e atualizadas. No entanto, as informações contidas na Secção médica são fornecidas “TAL COMO ESTÃO”, sem nenhum tipo de garantia, expressa ou implícita. Este site nega todas as garantias, expressas ou implícitas, relacionadas com o conteúdo da Secção médica, incluindo, entre outras, garantias implícitas de comercialização ou adequação a um objetivo específico. Este site não garante a confiabilidade, a exatidão, a utilidade, a validade no tempo e a integridade de nenhuma

informação contida na Secção médica. Este site não assume responsabilidade ou obrigação por qualquer erro ou omissão no conteúdo da Secção médica. A confiança em qualquer informação fornecida na Secção médica é uma questão de decisão e risco pessoal. Em nenhuma circunstância, este site deverá ser responsabilizado por qualquer reivindicação ou dano (o que inclui, entre outros, danos acidentais e consequenciais, danos pessoais ou morte por negligência, danos financeiros, ou danos resultantes da perda de dados ou da interrupção de negócios) resultantes do uso ou da incapacidade de usar a Secção médica, não importa se a reivindicação ou os danos se baseiam em garantias, contratos, delitos ou qualquer outra teoria legal, e independentemente de este site ter sido alertado ou não quanto à possibilidade de tais reivindicações ou danos.»

Além disso, acrescenta-se:

«Exclusão de garantias e limite de responsabilidade

Este site e toda a informação, conteúdo, materiais e outros serviços disponíveis por meio dele são fornecidos pela Watchtower na forma “tal como está”. A Watchtower não faz representações nem dá garantias de qualquer tipo, expressas ou implícitas.

A Watchtower não garante que o site esteja livre de vírus ou outros componentes nocivos. A Watchtower não se responsabilizará por danos de qualquer tipo que surjam pelo uso de qualquer serviço ou por quaisquer informações, conteúdos, materiais ou outros serviços disponíveis no site, incluindo, mas não se limitando a danos diretos, indiretos, acidentais, punitivos e outras consequências (incluindo danos monetários).»

Todo este formalismo jurídico pode parecer irrepreensível à primeira vista, mas basta analisar os seus relatórios do Corpo Governante para perceber que se trata apenas de uma fachada teórica, em total contradição com as suas ações reais. Este quadro legal foi manifestamente redigido por conselheiros jurídicos com o único

objetivo de esquivar a organização das consequências judiciais das suas próprias decisões. O contraste entre as suas isenções de responsabilidade por escrito e a pressão pastoral exercida no terreno é impressionante:

A cláusula: “O site não tem como objetivo dar aconselhamento médico nem substituir um tratamento médico.” A realidade: Vocês ultrapassaram as suas competências ao dispensar verdadeiras diretrizes médicas, colocando-se de fato acima dos profissionais de saúde. Esqueceram-se da instrumentalização de relatos bíblicos — tais como os exemplos de Naamã, de Moisés ou da grande multidão — durante esses desastrosos relatórios do Corpo Governante?

A cláusula: “O site não recomenda nem aprova nenhum teste médico, médico, produto, procedimento, opinião ou informação específica...”

A realidade: Vocês promoveram e apoiaram ativamente a administração de uma substância experimental. Chegaram ao ponto de declarar, em substância, que era preciso vacinar-se, expressando publicamente a sua incompreensão perante aqueles que ousavam emitir dúvidas legítimas.

A cláusula: “Se tiver dúvidas sobre uma doença ou tratamento, siga o conselho de um médico ou de um profissional de saúde qualificado.”

A realidade: Aos companheiros cristãos que expressavam reservas, vocês censuraram uma falta de fé, exigindo deles uma obediência cega aos seus decretos administrativos em vez do livre arbítrio médico.

A cláusula: “O uso das informações apresentadas na seção médica é inteiramente da sua responsabilidade.”

A realidade: Ao comprometer indevidamente a reputação do nome de Deus, vocês virtualmente garantiram aos irmãos que preservariam a sua vida na “terra dos viventes” se se submetessem a essa injeção, insinuando que Jeová guiava diretamente essa diretriz.

A cláusula: “Este site não oferece nenhuma garantia quanto à confiabilidade, exatidão, atualidade, utilidade ou inteireza das informações...”

A realidade: Vocês apresentaram os seus discursos como infalíveis e de origem divina, dando ordem ao rebanho para não dar crédito a nenhuma outra fonte de informação ou estudo científico exterior à plataforma oficial.

A cláusula: “Este site da internet não poderá ser responsabilizado por nenhum dano...”

A realidade: Vocês exerceram uma coerção espiritual sem precedentes sobre as Testemunhas de Jeová no mundo inteiro, chegando ao ponto de lançar o descrédito e acusar de divisionismo aqueles que escolhiam seguir a sua consciência.

A cláusula: “A Watchtower não será responsabilizada por prejuízos de qualquer espécie.”

A realidade: Vocês afirmaram, de maneira explícita e implícita, que este produto era eficaz e salvador, criando uma obrigação moral imperiosa que neutralizou a prudência dos cristãos. Jesus dizia bem a respeito de líderes religiosos que manifestavam tal duplicidade:

Mateus 23:1-4

«Jesus disse então às multidões e aos seus discípulos: “Os escribas e os fariseus se sentaram no lugar de Moisés. Portanto, façam e cumpram tudo o que eles dizem a vocês, mas não ajam como eles, pois falam, mas não praticam o que dizem. Amarram cargas pesadas e as põem nos ombros dos homens, mas eles mesmos não estão dispostos nem a movê-las com o dedo.»

Assim como os fariseus da antiguidade, vocês se assentaram “no assento de Moisés”, arrogando-se uma autoridade legislativa e espiritual absoluta. Tudo o que lemos nas condições de utilização do nosso site com respeito à neutralidade médica reflete exatamente a linha de conduta que deveriam ter mantido. Contudo, agiram exatamente ao contrário nos seus relatórios do Corpo Governante, nas suas cartas oficiais e nas suas recomendações prementes. À semelhança desses líderes religiosos do primeiro século, amarravam “fardos pesados” e os colocavam sobre os ombros dos seus irmãos durante a crise sanitária, fardos que quebrantaram e custaram a vida a muitos deles. Hoje, diante do desastre, recusam-se a mover esses fardos com “o seu dedo” para reparar o mal causado ou apresentar desculpas. O seu exemplo tornou-se tão prejudicial para o rebanho que as palavras de Jesus ressoam com uma força temível: “Não façam segundo as ações deles.”

É inteiramente possível que, mobilizando conselheiros jurídicos hábeis, vocês consigam instrumentalizar as cláusulas de isenção de responsabilidade do nosso site oficial para escapar a condenações

perante os tribunais civis. No entanto, como lembram os nossos próprios manuais de procedimento teocrático, a atuação de uma comissão judicativa no seio da congregação é totalmente independente dos veredictos proferidos pela justiça humana. Se estes artifícios legais podem protegê-los contra a responsabilidade civil ou criminal deste mundo, revelam-se de uma total inutilidade para os livrar da justiça do Soberano do universo, visto que está escrito a seu respeito:

Provérbios 5:21

«Pois os caminhos do homem estão diante dos olhos de Jeová; Ele examina todas as suas veredas.»

Quando Jeová “examina todos os seus caminhos”, alimentam seriamente a ilusão de que as cláusulas de isenção de responsabilidade do jw.org lhes darão a menor legitimidade aos Olhos dele ou lhes permitirão ser declarados justos perante Ele? No entanto, o Filho de Deus anunciou com uma clareza temível o argumento que muitos lhe apresentariam no dia em que vier executar o julgamento divino:

Mateus 7:22, 23

Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos em seu nome, não expulsamos demônios em seu nome e não fizemos muitas obras poderosas em seu nome?’ Mas eu lhes declararei, então: ‘Nunca os conheci! Afastem-se de mim, vocês que fazem o que é contra a lei!’»

O que responderão vocês então a Jesus Cristo? Atrever-se-ão a dizer-lhe: “Senhor, Senhor, não incentivamos nós as ‘ovelhas’ a receber esta injeção em teu nome, e em teu nome não lhes pedimos para estarem com o esquema vacinal em dia, e em teu nome não marginalizamos todos os que recusavam submeter-se aos nossos decretos?”

O que lhes replicará o Rei estabelecido por Jeová quando vier executar o julgamento, com a espada da justiça na mão? Foi realmente em nome de Jesus Cristo que vocês exerceram tal insistência, ou sob a influência das potências deste mundo? É agora manifesto que vocês promoveram esta campanha médica e que, consequentemente, a sua culpa de sangue está comprometida perante Deus, perante o seu Filho e perante toda a congregação. Vocês não podem esquivar-se a esta evidência.

Mesmo que disponham da estrutura jurídica mais poderosa que exista, é-lhes imperioso manter em mente este aviso infalível da Escritura:

1 João 2:1, 2

«Meus filhinhos, eu lhes escrevo estas coisas para que vocês não cometam pecado. Contudo, se alguém cometer um pecado, temos um ajudador junto ao Pai: Jesus Cristo, um justo. E ele é um sacrifício propiciatório pelos nossos pecados; contudo, não apenas pelos nossos, mas também pelos do mundo inteiro.»

A palavra traduzida por “ajudante” é *parákletos* e, de acordo com o dicionário de Vine, significa o seguinte:

«“*Parákletos* (παράκλητος, G3875), lit., chamado para o lado de alguém, para a sua ajuda, é antes de tudo um adjetivo verbal e sugere a capacidade ou a adaptabilidade para prestar ajuda. Era usado nos tribunais para designar um conselheiro jurídico, um advogado; portanto, de modo geral, aquele que pleiteia a causa de outrem, um intercessor, um advogado, como em 1 Jo 2:1, a respeito do Senhor Jesus. No seu sentido mais amplo, significa aquele que ajuda, que consola. Cristo era isso para os seus discípulos, pela implicação das suas palavras ‘outro (*allos*, outro da mesma espécie, não *héteros*, diferente) Ajudante’, no tocante à vinda do Espírito Santo (João 14:16). Em João 14:26; João 15:26; João 16:7 é chamado de ‘o Ajudante’. ‘Consolador’ corresponde ao nome ‘Menahem’, que os hebreus davam ao Messias.’»

Sendo assim, quando a Escritura apresenta Jesus como um ajudante, isso significa que ele cumpre a função de um “advogado” celestial, pleiteando a nosso favor com base no seu “sacrifício propiciatório”, para que o Soberano do universo não nos impute as nossas transgressões.

Alimentam a ilusão de que os conselheiros jurídicos deste sistema de coisas poderão apagar a sua culpa de sangue perante Jeová e perante a congregação? Por favor, irmãos, não ponham a sua confiança nos advogados dispendiosos deste mundo. Jesus Cristo, por sua vez, não cobra honorários; procurem antes o seu favor e voltem-se para o único defensor capaz de lhes conceder a salvação.

Contudo, se vocês se recusarem a manifestar um arrependimento autêntico pelas decisões que tomaram, acreditam verdadeiramente que Jesus Cristo aceitará ser o seu “advogado” e defendê-los perante o trono divino? É inteiramente evidente que, sem um arrependimento público perante a congregação pela culpa de sangue contraída, vocês incorrerão no julgamento divino, ainda que as instituições judiciais do mundo de Satanás os declarem inocentes. É a este respeito que o apóstolo João registrou este aviso solene:

1 João 1:5-10

«Esta é a mensagem que ouvimos dele e que estamos anunciando a vocês: Deus é luz, e não há nenhuma escuridão nele. Se fazemos a declaração: “Estamos unidos com ele”, mas continuamos andando na escuridão, estamos mentindo e não estamos praticando a verdade. No entanto, se estamos andando na luz assim como ele mesmo está na luz, estamos unidos uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo o pecado. Se fazemos a declaração: “Não temos pecado”, estamos enganando a nós mesmos e a verdade não está em nós. Se confessamos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça. Se fazemos a declaração: “Nós não pecamos”, fazemos dele um mentiroso, e a sua palavra não está em nós.»

O apóstolo João expressa essa verdade com uma clareza cristalina: não podemos decentemente pretender estar em união com Deus enquanto continuamos a andar nas trevas espirituais, pois “Deus é luz”. Se nos recusarmos a andar na luz confessando a verdade, o sangue de Jesus não pode purificar-nos das nossas faltas. Reivindicar uma pretensa inocência declarando “não temos pecado” equivale a enganar-nos a nós mesmos e a fazer de Deus um mentiroso, provando assim que a Sua palavra não habita em nós.

Irmãos, as Escrituras demonstram de forma irrefutável que as suas decisões administrativas comprometeram a sua culpa de sangue. Se manifestassem um arrependimento autêntico, lembrem-se de que Deus é “fiel e justo para nos perdoar os nossos pecados”. Em contrapartida, se persistirem na sua obstinação em negar os fatos, rejeitam o testemunho direto da Bíblia, confirmando assim que “a sua palavra não está em

vocês”. A gravidade espiritual da sua situação exige um exame imediato e sem concessões deste dossiê por uma comissão judicativa.

A Lei mosaica, registrada há cerca de 3.500 anos, ilustra perfeitamente o rigor absoluto de Jeová diante da perda de uma vida humana, mesmo quando o autor direto é desconhecido. Estipulava que, se um corpo fosse descoberto no campo sem que se soubesse quem o havia golpeado, os anciãos da cidade mais próxima deviam realizar um sacrifício de propiciação e declarar solenemente:

Deuteronômio 21:7

«e devem dizer: ‘Nossas mãos não derramaram este sangue, e nossos olhos não o viram ser derramado.»

Por que tinha Jeová instituído tal procedimento? O Soberano do universo exigia que, se uma testemunha dispusesse da menor informação sobre esse crime, se manifestasse imediatamente; abster-se de falar transmitia uma culpa comunitária e expunha o indivíduo ao castigo divino.

Imagine por um momento que um homem com conhecimento dos fatos se tivesse posto perante esse sacrifício e perante Jeová, negando descaradamente qualquer envolvimento ou qualquer informação sobre o assunto. Não revelaria tal atitude uma iniquidade flagrante? Não seria a prova absoluta de uma falta de fé destrutiva? Sendo assim, não estaria a justiça divina plenamente legitimada a golpear esse homem com uma maldição?

Irmãos, é inteiramente compreensível que as pessoas deste mundo, privadas do conhecimento da verdade, se mostrem corrompidas, mentirosas ou covardes. Em contrapartida, é inadmissível que homens que afirmam conhecer a Deus e pretendem ser Seus representantes terrestres desviem o olhar e se recusem a reconhecer a realidade dos fatos. Podem vocês realmente proferir estas palavras em toda a boa consciência perante Jeová e perante toda a congregação:

“As nossas mãos não derramaram este sangue, nem os nossos olhos viram o assassinato.”

Ignoram ainda hoje que os nossos companheiros cristãos viram a sua saúde alterada ou a sua vida despedaçada em consequência das suas diretrizes alheias às Escrituras? Vão persistir em negar a evidência à maneira das instituições seculares deste sistema de coisas?

Lembrem-se de que o apóstolo João, como foi sublinhado anteriormente, identificou Caim como um filho do Diabo. Ora, o que motivou precisamente essa condenação sem apelo? O relato inspirado de Gênesis registra esta resposta memorável:

Gênesis 4:9

«Mais tarde, Jeová perguntou a Caim: “Onde está Abel, seu irmão?” E Caim respondeu: “Não sei. Será que eu sou guardião do meu irmão?”»

Depois de tirar a vida ao seu irmão, Caim, confrontado com a justiça de Jeová, fechou-se na negação pretendendo ignorar a situação, chegando ao ponto de retorquir com arrogância que não era o guardião do seu irmão. Por essa esquiva, ele recusava assumir a responsabilidade do seu ato de sangue. Era obviamente insensato imaginar que Jeová não tinha sido testemunha do drama ou que tal falta podia permanecer oculta aos olhos do Criador.

Irmãos, qual será a sua linha de defesa perante Jeová quando ele exigir contas a respeito dos nossos companheiros cristãos cuja vida foi despedaçada? Dirão com desapego: “Ignoramos o que aconteceu”, ou ainda: “Não somos os seus guardiões, cada um devia assumir as suas próprias escolhas”? Atrever-se-ão a sustentar esse olhar perante Aquele cujos olhos penetram todas as coisas? Escolherão imitar a postura de Caim, negando a sua responsabilidade teocrática e opondo a mentira à verdade divina?

Desde o momento em que diretrizes oficiais incentivaram a adoção de substâncias médicas associadas posteriormente a patologias graves — tais como miocardites ou outras afecções incapacitantes que resultaram em desfechos fatais em muitos adultos e crianças —, a conclusão impõe-se por si mesma:

É imperativo que vocês compareçam perante uma comissão judicativa. Incumbe-lhes expor aí as razões pelas quais se desviaram das Escrituras e comprometeram a neutralidade cristã ao patrocinar esses produtos experimentais, e explicar por que razão, ao longo destes últimos três anos, nenhuma démarche de arrependimento público foi empreendida para curar as feridas do rebanho.

Veja no anexo 4 a comissão judicativa que teve lugar em 14 de julho de 2025.

EM DESACORDO COM OS REQUISITOS PARA UM ANCIÃO

O livro *“Cuidem do Rebanho de Deus”* indica claramente que, quando um irmão é objeto de exame por uma comissão judicativa, deve renunciar à totalidade das suas responsabilidades e privilégios de serviço. Os requisitos para assumir funções de superintendência estão registrados com precisão nas cartas a Timóteo e a Tito, e o seu exame permite medir todo o alcance das diretrizes deste manual de procedimento.

Antes de analisar esses critérios bíblicos, gostaria de propor uma ilustração explícita.

Imagine que você visita uma congregação na qual todos os anciãos são brancos, ao passo que metade dos publicadores é constituída por irmãos e irmãs de cor. Visto haver um racismo latente na região, você se preocupa em saber se as tensões ligadas à segregação e à discriminação afetam a vida da comunidade. Interrogados por você, os anciãos asseguram-lhe que não há nenhum problema, afirmando que agem com bondade e que todos esses publicadores prosperam plenamente ao seu lado.

No entanto, ao conversar diretamente com os irmãos e irmãs de cor, você descobre que eles se dizem unanimemente vítimas de discriminação por parte do corpo de anciãos. Além disso, no trabalho de pregação, as pessoas de cor do território confirmam que esses anciãos têm uma péssima reputação quanto à maneira como tratam a minoria. Mesmo que os anciãos persistam em negar essas acusações, quem tem razão? É evidente que, se metade da congregação os coloca formalmente em causa, esses responsáveis não põem as suas palavras em prática e enganam a si mesmos com um falso raciocínio. Não exigiria tal situação que se reexaminasse de perto se esses homens ainda satisfazem os requisitos bíblicos?

Se aplicarmos esta ilustração à sua situação, o único método objetivo para determinar se vocês realmente respeitaram os irmãos que escolheram não se vacinar consiste em interrogá-los sobre o impacto dos seus relatórios do Corpo Governante. Vocês afirmarão sem dúvida que nunca tiveram a intenção de maltratar quem quer que fosse;

contudo, a sua própria avaliação não tem aqui nenhum valor. O que importa é o testemunho daqueles que sofreram esses maus-tratos espirituais. Ora, entre os irmãos que permaneceram firmes nas suas convicções, não existe um único que valide a sua argumentação ou que se tenha sentido respeitado pelas suas intervenções.

É com esta necessária lucidez que convém analisar os requisitos da superintendência, do ponto de vista mesmo dos companheiros cristãos que foram lesados pelas suas ações.

No seu artigo intitulado “Qualifica-se Você para Servir?”, *A Sentinela* de 1 de setembro de 1990 (páginas 23-24) detalha cada um desses critérios sagrados. Examinemo-los um por um, detendo-nos especificamente naqueles que põem em evidência a gravidade das suas falhas.

1 Timóteo 3:1-7

«Esta declaração é digna de confiança: Se um homem está se esforçando para ser superintendente, deseja uma obra excelente. O superintendente, portanto, deve ser irrepreensível, marido de uma só esposa, moderado nos hábitos, sensato, ordeiro, hospitaleiro, qualificado para ensinar. Não deve ser bebedor nem violento, mas deve ser razoável, não briguento. Não deve amar o dinheiro. Deve presidir bem à sua própria família, tendo os filhos em sujeição com toda a seriedade. (Pois, se um homem não souber presidir à sua própria família, como cuidará da congregação de Deus?) Não deve ser recém-convertido, para que não se encha de orgulho e caia no julgamento aplicado ao Diabo. Além disso, deve ter também um bom testemunho de pessoas de fora, a fim de que não caia em desonra e num laço do Diabo.»

Tito 1:6-9

«o ancião deve estar livre de acusação, ser marido de uma só esposa e ter filhos crentes que não sejam acusados de devassidão nem de rebeldia. Porque, como administrador designado por Deus, o superintendente tem de estar livre de acusação, não deve ser obstinado, nem alguém que se ire com facilidade, nem bebedor, nem violento, nem ávido de ganho desonesto, mas deve ser hospitaleiro, amar o que é bom, ser sensato, justo, leal, ter autodomínio, apegar-se firmemente à palavra fiel com respeito à sua arte de ensino,

para que possa tanto encorajar por meio do ensinamento sadio como repreender os que o contradizem.»

IRREPREENSÍVEL; LIVRE DE ACUSAÇÃO; QUE TENHA UM BOM TESTEMUNHO DE PESSOAS DE FORA DA CONGREGAÇÃO (1 TIMÓTEO 3:2, 7, 8, 10; TITO 1:6, 7)

Os termos gregos utilizados são os seguintes:

“*Anénkletos* (ἀνέγκλητος, G410), significa que não pode ser chamado a prestar contas (de *a*, privativo; *n*, eufônico, e *enkaleo*, chamar), isto é, sem nenhuma acusação, após uma investigação pública; ‘irrepreensível’ (1Co 1:8; Cl 1:22; 1Ti 3:10 e Tit 1:6-7). Isto não implica um simples Absolvição, mas a inexistência de todo o tipo de encargo ou acusação contra uma pessoa. É o que é estipulado a respeito dos anciãos. *Anepíleptos* (ἀνεπίληπτος, G423), lit.: que não pode ser apanhado; portanto, não exposto à censura, irrepreensível (de *a*, privativo; *n*, eufônico, e *epilambano*, apoderar-se). Usado em 1Ti 3:2 e 1Ti 5:7: ‘irrepreensível’ em ambos os textos; 1Ti 6:14: ‘sem... repreensão’.” »

Torna-se assim incontestável que vocês já não preenchem os requisitos de um homem “irrepreensível” ou “livre de acusação”. A sua linha de conduta durante a crise sanitária revelou-se profundamente repreensível. Hoje, centenas de milhares de companheiros cristãos estão em condições de lhes censurar o facto de se terem desviado das Escrituras, ao passo que as gravações dos seus relatórios do Corpo Governante, transmitidas à escala mundial, fornecem a prova material da sua promoção ativa dessa campanha médica.

Ao associarem indevidamente o nome de Jeová a diretrizes profanas — pretendendo que essas instruções derivavam da orientação divina quando, na realidade, se alinhavam com as exigências das instituições deste sistema de coisas —, vocês comprometeram gravemente a reputação da organização. Esse posicionamento alterou a nossa neutralidade cristã aos olhos do público. Muitas pessoas que recusavam esta injeção por convicção pessoal rejeitam agora a nossa mensagem, considerando que capitulámos perante as pressões do mundo. Ao colocarem assim uma pedra de tropeço diante do ministério público,

cometeram uma falta que nenhum ancião poderia assumir sem perder imediatamente os seus privilégios de serviço.

O apóstolo Tito lembra com firmeza que “como mordomo de Deus, o superintendente tem de estar livre de acusação” (Tito 1:7).

O termo grego traduzido por “intendente” é *oikonómos* (οἰκονόμος, G3623). Segundo o dicionário de Vine (Vine's Expository Dictionary of Old and New Testament Words), esta palavra designa:

« “*Oikonómos* (οἰκονόμος, G3623), (*oikos*, casa; *nómos*, lei), lit., aquele que dirige uma casa (Gál 4:2), designa um alto funcionário encarregado da administração da casa, da direção dos outros servos e da guarda dos filhos menores. Veja ADMINISTRADOR, MORDOMO, TESOUREIRO.” »

Vocês, que se apresentam perante a fraternidade mundial como “o escravo fiel e prudente”, estão sujeitos a uma obrigação de exemplaridade absoluta e deveriam estar acima de qualquer censura. Ora, a realidade das suas ações situa-se nos antípodas dessa exigência espiritual.

Vejamos precisamente o que disse Jesus a respeito da responsabilidade que pesa sobre os ombros de tal administrador:

Lucas 12:47, 48

«Então aquele escravo que entendeu a vontade do seu senhor, mas não se aprontou nem fez o que ele lhe pediu, será espancado com muitos golpes. Mas aquele que não entendeu e fez coisas que merecem punição será espancado com poucos golpes. Realmente, de todo aquele a quem muito foi dado, muito será exigido; e daquele que foi encarregado de muito, será exigido mais do que o normal.»

Visto que ocupam a posição mais elevada no seio da nossa organização, carregam a responsabilidade mais pesada que pode caber a um cristão. As Escrituras estabelecem uma regra imutável: àquele a quem se “deu muito”, tem-se o direito de “exigir muito” em retorno (Lucas 12:48).

É moralmente e teocraticamente inadmissível que tenham agido com tal leviandade espiritual e que continuem hoje a exercer as suas funções de superintendência como se nada tivesse acontecido. Perante o prejuízo sofrido pelo rebanho, a manutenção dos seus privilégios sem uma

démarche imediata de prestação de contas constitui um ultraje aos princípios de justiça de Jeová.

SENSATO (1 TIMÓTEO 3:2)

O comentário de *A Sentinela* anteriormente citada traz esta precisão essencial quanto ao alcance deste requisito:

«“17 **Sensato** (1 Timóteo 3:2). O ancião deve ser razoável e prudente. Ele precisa ser coerente e lógico na sua maneira de falar e de agir. A sua atitude humilde e equilibrada baseia-se na sabedoria divina e nos ensinamentos salutares da Palavra de Jeová, que ele deve estudar assiduamente. — Romanos 12:3; Tito 2:1.”»

As orientações transmitidas durante os seus relatórios do Corpo Governante, associadas à sua gestão diretiva da crise sanitária, demonstram de maneira flagrante que vocês agiram com irrazão e com uma falta total de bom senso. Longe de se mostrarem “sensatos” ou “razoáveis”, vocês varreram qualquer forma de humildade pastoral ao se recusarem a ouvir os avisos legítimos dos seus companheiros. Ao se afastarem dos ensinamentos salutares da Palavra de Deus para patrocinar protocolos profanos com consequências dramáticas, introduziram diretrizes espiritualmente e fisicamente prejudiciais para o rebanho. Tal leviandade administrativa opõe-se frontalmente ao respeito escrupuloso dos princípios bíblicos que deveria ter guiado as suas decisões. Como podem ainda ousar pretender que as instruções sanitárias impostas à congregação mundial eram as melhores?

É precisamente sobre esta necessidade absoluta de não ultrapassar as suas prerrogativas por orgulho que o apóstolo Paulo se expressa no texto mencionado pelo artigo. Ele declara em Romanos 12:3:

Romanos 12:3

«Pois, por meio da bondade imerecida que me foi concedida, digo a cada um de vocês que não pense de si mesmo mais do que é necessário pensar, mas que cada um pense de um modo que revele bom senso, conforme a medida de fé que Deus lhe deu.»

Quando chegam ao ponto de pensar de vocês mesmos “mais do que é necessário pensar”, perdem inevitavelmente a humildade indispensável a um bom julgamento espiritual.

A título de exemplo, basta relembrar a intervenção do irmão David Splane durante o seu relatório do Corpo Governante. A sua crítica virulenta contra todos aqueles que recusavam submeter-se a diretrizes contudo alheias às Escrituras ilustra perfeitamente este desvio. Tal atitude demonstra que desenvolveram uma estima elevada demais de vocês mesmos e da sua autoridade administrativa, o que se opõe frontalmente às qualidades de modéstia e de moderação exigidas num autêntico superintendente cristão.

HOSPITALEIRO (1 TIMÓTEO 3:2; TITO 1:8)

A revista supracitada prossegue a sua análise das qualidades exigidas:

«“19 **Hospitaleiro** (1 Timóteo 3:2; Tito 1:8). O ancião ‘segue o curso da hospitalidade’. (Romanos 12:13; Hebreus 13:2.) A palavra grega para ‘hospitaleiro’ significa literalmente ‘amigo de estranhos’. Sendo hospitaleiro, o ancião acolhe os novos que vêm às reuniões cristãs e manifesta tanto interesse pelo pobre como pela pessoa abastada. Ele é hospitaleiro para com os que viajam a favor dos interesses do cristianismo e encaminha-os ‘de um modo digno de Deus’. (3 João 5-8.) O ancião manifesta hospitalidade sobretudo para com os seus companheiros cristãos segundo as necessidades deles e na medida em que a sua situação o permite. — Tiago 2:14-17.”»

A hospitalidade, do termo grego *philoxenia*, significa literalmente “amor a estranhos” e traduz-se na prática por uma disposição ativa em responder às necessidades do próximo assim que as circunstâncias o permitem. Como demonstra a parábola do Bom Samaritano, a sua governação falhou terrivelmente a este dever sagrado. Em realidade, a fraternidade tem o direito de conhecer o impacto real e as consequências desta campanha de vacinação no seio da nossa comunidade, mas vocês optaram por envolver estes dados no segredo.

Durante os seus relatórios do Corpo Governante anteriores, vocês próprios afirmaram que ocultar estatísticas ou números factuais não constituía uma manifestação de amor; e, no entanto, movidos por essa mesma lógica de transparência seletiva, orquestraram a promoção deste produto médico. Assim sendo, por que persistem em ocultar os dados sanitários e os relatórios de efeitos secundários atualmente na sua

posse? Se os nossos companheiros cristãos tivessem pleno conhecimento da realidade dos factos, muitos empreenderiam pesquisas pessoais e renunciariam a receber injeções adicionais. Tal transparência provavelmente salvar-lhes-ia a vida, visto que a probabilidade de desenvolver patologias graves aumenta com a repetição das doses. Muitos publicadores sofrem hoje de afeções crónicas sem sequer tomarem consciência de que a causa primária reside nestas diretrizes médicas.

O comentário da revista lembra que a hospitalidade cristã deve expressar-se para com os nossos companheiros “segundo as suas necessidades e na medida em que a sua situação o permite”. Sendo assim, demonstram a atitude de um “amigo de estranhos” atento, pronto a fornecer a verdade factual de que o rebanho necessita cruelmente para a sua preservação?

O reconhecimento público dos seus erros administrativos e proféticos faria hoje a diferença entre a vida e a morte para um grande número de servos de Deus. A sua recusa obstinada em abordar a questão testemunha uma falta flagrante de amor e de hospitalidade espiritual. Como podem pretender ser modelos de hospitalidade para com pessoas de fora se se mostram incapazes de fornecer aos seus PRÓPRIOS IRMÃOS o alimento e os avisos vitais de que necessitam imediatamente?

QUALIFICADO PARA ENSINAR (1 TIMÓTEO 3:2)

O parágrafo 20 da revista diz:

«**20 Qualificado para ensinar** (1 Timóteo 3:2). Não é por ter aptidões intelectuais ou a sabedoria do mundo que um ancião é qualificado para dar um ensino espiritual (1 Coríntios 2:1-5, 13). Se ele o é, é porque se apega ‘firmemente à palavra fiel quanto à sua arte [ou maneira] de ensinar, para que seja capaz de exortar pelo ensino que é salutar e de repreender os que contradizem’. (Tito 1:9; veja Atos 20:18-21, 26, 27.) Ele tem de ser capaz de ‘instruir com brandura os que não estiverem favoravelmente dispostos’. (2 Timóteo 2:23-26.) Mesmo que um ancião não seja o melhor orador público da congregação, ele deve estudar suficientemente a Palavra de Deus para estar em

condições de instruir e aconselhar os seus companheiros, que também estudam a Bíblia. (2 Coríntios 11:6.) Ele deve saber dar um ‘ensino salutar’ que ajude as famílias e os membros da congregação a levar uma vida de devoção a Deus. — Tito 2:1-10.” »

Este raciocínio está plenamente em conformidade com a lógica bíblica. Ao comparar os requisitos do apóstolo Paulo, constata-se uma harmonia perfeita: a qualidade de um homem “qualificado para ensinar” (1 Tim. 3:2) é indissociável da sua obrigação de “apegar-se firmemente à palavra fiel quanto à sua arte de ensinar” (Tito 1:9). Na ordem teocrática, a eloquência inata, a retórica humana ou a estética de um discurso não têm qualquer valor intrínseco; apenas conta o apego absoluto e exclusivo às Escrituras inspiradas. Se um instrutor se afasta do fundamento bíblico, perde a sua qualificação divina e já não pode reivindicar a menor autoridade de ensino no seio da congregação.

Foi amplamente demonstrado que vocês romperam este vínculo de fidelidade com a Palavra de Deus. As suas intervenções públicas não só se desviaram da linha bíblica, mas também deturpam o sentido dos textos sagrados com o objetivo de conceder uma aprovação teocrática a uma campanha médica profana. Em vez de se confiarem exclusivamente na “palavra fiel”, exortaram a fraternidade mundial a conformar-se com opiniões humanas e com diretrizes seculares moldadas por agendas globalistas.

Contudo, a responsabilidade daqueles que dirigem a comunidade cristã exige uma vigilância de cada instante, como Paulo destacou com gravidade em 1 Timóteo 3:15:

1 Timóteo 3:15

«para que, caso eu demore, você saiba como deve se comportar na família de Deus, que é a congregação do Deus vivente, coluna e amparo da verdade.»

Um servo de Deus deve agir com a plena consciência de que a congregação é “coluna e amparo da verdade” (1 Tim. 3:15), e não um meio de propaganda ao serviço da indústria farmacêutica. No entanto, é forçoso constatar que as instruções e as exortações prementes que vocês deram se baseavam diretamente nas diretrizes da OMS e de

multinacionais corrompidas. Tais mensagens não constituíam de modo algum um “ensino são” nem “palavras sãs”.

O número doloroso dos nossos companheiros cristãos que descansam hoje nos cemitérios ou que sofrem nos hospitais dá um testemunho silencioso, mas esmagador, deste desvio. Na sua qualidade de instrutores, o seu dever sagrado exigia que colocassem a sua confiança absoluta na “palavra fiel” de Jeová, o “Deus da verdade”, em vez de se tornarem o eco de estruturas comerciais submetidas ao sistema de coisas daquele a quem Jesus chamou “pai da mentira” (Salmo 31:5; João 8:44).

É precisamente sobre esta rigor moral e doutrenal absoluta que o apóstolo Paulo insiste ao dirigir-se ao seu companheiro de serviço. O texto de Tito 2:7, 8 declara: “Mostra-te em todas as coisas um exemplo de boas obras. Demonstra pureza no teu ensino, seriedade, e usa de palavras sãs, irrepreensíveis, para que aqueles que se opõem fiquem envergonhados, por não terem nada de mau a dizer a nosso respeito.”

Tito 2:7, 8

«e seja exemplo de boas obras em tudo. Ensine o que é puro, com toda a seriedade, usando palavras sadias que não possam ser criticadas, para que os opositores fiquem envergonhados, não tendo nada negativo a dizer sobre nós.»

Queridos irmãos do Corpo Governante, ponham a mão no coração e respondam perante Jeová: os relatórios do Corpo Governante que publicaram para impor e promover esta campanha de vacinação constituem, aos vossos olhos, exemplos de “boas obras”? Podem sinceramente sustentar que dispensaram um “ensino puro”, ou têm de admitir que ele estava corrompido pelos conceitos deste mundo?

Pensam que sinto “vergonha” ao dirigir-vos esta correspondência por nela registar inverdades? Ou será que a vergonha está do vosso lado, vocês que se recusam a encarar de frente as realidades dolorosas e as consequências trágicas que vos assinalo?

Irmãos, vocês são hoje interpelados com gravidade na vossa qualidade de instrutores da Palavra de Deus. Têm de prestar contas pela própria natureza daquilo que ensinaram a partir da vossa tribuna teocrática. Infelizmente, ao optarem por vincular a autoridade das Escrituras a

imperativos profanos, delapidaram a confiança do rebanho e perderam toda a legitimidade espiritual no seio da congregação.

NÃO ESPANCADOR, MAS RAZOÁVEL, NÃO BRIGÃO (1 TIMÓTEO 3:3; TITO 1:7)

A revista prossegue assim:

«“21 **Não espancador, mas razoável, não brigão** (1 Timóteo 3:3; Tito 1:7). Sendo pacífico, o ancião não espanca os outros fisicamente nem os maltrata por meio de observações insultuosas ou magoadas (veja 2 Coríntios 11:20). (Um dos requisitos anteriores, ‘não beberão brigão’, mostra que ele não se entrega a abusos de álcool, que muitas vezes estão na origem de disputas.) Sendo razoável (ou ‘flexível’), e não autoritário ou difícil de agradar, ele não faz uma grande questão de assuntos menores (1 Coríntios 9:12; Filipenses 4:5; 1 Pedro 2:18). Visto que o ancião não é brigão, evita disputas e ‘não é irascível’. — Tito 3:2; Tiago 1:19, 20.”»

Foi já amplamente demonstrado que as vossas decisões administrativas instilaram “conflitos e lutas” no seio dos lares e das congregações dos nossos irmãos à escala internacional. Tal ensino revela-se diametralmente oposto ao fruto da “paz” produzido pelo espírito de Deus. Além disso, durante os vossos vários relatórios do Corpo Governante, caluniaram os publicadores que recusavam esta injeção, visando-os com acusações de “conversa ultrajante” e imputando-lhes motivações insensatas.

Em momento algum desta crise sanitária demonstraram flexibilidade; pelo contrário, a cada nova intervenção, a vossa postura rigidificou-se. A vossa governação revestiu-se de um carácter puramente autoritário: quem quer que ousasse questionar a fundamentação das vossas diretrizes ou se recusasse a alienar a sua consciência cristã expunha-se a medidas disciplinares que chegavam à desassociação da congregação, sob o pretexto falacioso de fomentar divisões.

É precisamente este tipo de servidão espiritual e de abuso de autoridade no seio da comunidade de crentes que o apóstolo Paulo

denunciava com uma ironia mordaz. O texto de 2 Coríntios 11:20, mencionado no parágrafo, declara:

2 Coríntios 11:20

«De fato, suportam a quem quer que os escravize, a quem quer que devore os seus bens, a quem quer que tome o que vocês têm, a quem quer que se enalteça sobre vocês, a quem quer que lhes bata no rosto.»

Não se pode negar que, por esta gestão coerciva, vocês se “elevaram acima dos vossos irmãos” e que “bateram no rosto” simbolicamente de quem quer que se recusasse a alinhar a sua consciência pelos vossos decretos. Além disso, os companheiros que se submeteram às vossas injunções foram “despojados” do seu livre-arbítrio e do seu discernimento cristão, encontrando-se de facto reduzidos a “escravos” de um ensino humano e prejudicial.

A análise deste período sombrio demonstra de forma límpida que vocês não preencheram de modo algum este requisito bíblico de brandura e de flexibilidade pastoral. À luz dos critérios da Palavra de Deus, perderam a aptidão espiritual exigida para assumir a responsabilidade de pastores e dirigir o rebanho de Jeová.

NÃO AUTOWILLFUL, MAS NÃO OBSTINADO (TITO 1:7)

Se há uma disposição de espírito que vocês manifestaram de forma flagrante durante os vossos relatórios do Corpo Governante, é precisamente uma natureza “obstinada”.

A revista prossegue a sua análise definindo assim esta falha grave e incompatível com o cargo de superintendente:

«“22 **Não obstinado** (Tito 1:7). Literalmente, isto significa ‘que não está inclinado a agradar a si mesmo’. (Veja 2 Pedro 2:10.) Um ancião não deve ser dogmático, mas deve avaliar as suas capacidades com humildade. Não pensando ser o mais capaz, partilha humildemente as responsabilidades com outros e dá grande valor a uma multidão de conselheiros. — Números 11:26-29; Provérbios 11:14; Romanos 12:3, 16.”»

A análise da palavra grega é igualmente interessante:

«*authades* (αὐθάδης, G829), condescendente/auto-indulgente (*autos*, si mesmo; *edomai*, agradar), designa aquele que, dominado pelo interesse próprio e sem qualquer consideração pelos outros, afirma com arrogância a sua própria vontade; ‘orgulhoso’ (Tito 1:7); ‘obstinado’ (2 Ped. 2:10; em oposição a *epieikes*, bondoso, suave, por exemplo em 1 Tim. 3:3), ‘alguém que sobrestima de tal forma qualquer determinação a que chegou no passado que não se deixará demover dela’ (Trench, comparando e contrastando com *philautos*, egoísta, egocêntrico; Sinónimos ¶xcii).¶ Na LXX, Gên. 49:3, Gên. 49:7; Prov. 21:24.2»

Vocês manifestaram um desprezo flagrante pela consciência alheia, optando por impor com arrogância a vossa própria vontade em detrimento da dos vossos irmãos, e até acima das diretrizes explícitas da Palavra de Deus. O vosso ensino revestiu-se de um dogmatismo absoluto, chegando ao ponto de pretender que submeter-se aos vossos decretos equivalia a submeter-se ao próprio Deus, e que quem quer que ousasse levantar uma dúvida carecia de fé. Convencidos de que ninguém podia analisar ou compreender a situação sanitária melhor do que vocês, diabolizaram sistematicamente qualquer informação ou investigação científica divergente das vossas diretrizes. Sobrestimaram de tal forma os vossos próprios raciocínios que se tornou impossível para vocês recuar ou reconhecer o menor erro; fecharam os ouvidos a todas as vozes de aviso.

Em vez de cederem a esta presunção administrativa, o vosso dever de pastores exigia que seguissem escrupulosamente o conselho inspirado que o apóstolo Paulo dirigiu aos Romanos:

Romanos 12:16

«Tenham para com os outros a mesma atitude que vocês têm para consigo mesmos; não fixem a mente em coisas grandiosas, mas deixem-se guiar pelas coisas humildes. Não sejam sábios aos seus próprios olhos.»

Se não tivessem sido “sábios aos vossos próprios olhos” e se tivessem optado por centrar a vossa governação na humildade cristã, em vez de na ambição de uma autoridade centralizada e diretiva, esta correspondência nunca teria razão de ser. Mais doloroso ainda, tal

fidelidade às Escrituras teria permitido que um grande número dos nossos companheiros cristãos permanecesse, ainda hoje, na terra dos vivos.

O recurso a dicionários revela-se muitas vezes indispensável para compreender com exatidão o alcance dos termos bíblicos e teocráticos. É por isso que apresento abaixo as definições precisas das palavras-chave mencionadas, a fim de expor plenamente a natureza das vossas falhas.

«**Dogmatismo:** Presunção daqueles que querem que a sua doutrina ou as suas afirmações sejam consideradas verdades absolutas, sem qualquer contradição.

Arrogante: Uma pessoa que carece de humildade, ou que se sente ou julga superior aos outros, é qualificada como arrogante. É um adjetivo utilizado para expressar uma característica negativa ou uma falha de personalidade de um indivíduo. Ser arrogante significa ser altivo, jactancioso, vaidoso. Julga-se perito em todos os assuntos e, conseqüentemente, não tem qualquer interesse em ouvir as opiniões dos outros. Uma pessoa arrogante chega ao ponto de desprezar e ofender os outros.

Orgulho (Orgulhoso): O orgulho é uma característica pessoal ou uma atitude da pessoa que acredita ter uma posição de superioridade ou de privilégio em relação aos outros. Poderia também designar uma pessoa arrogante, altiva, vaidosa.”»

LEAL (TITO 1:8)

O parágrafo 24 de *A Sentinela* diz o seguinte:

«**24 Leal** (Tito 1:8). O cristão qualificado para ser ancião demonstra um apego inabalável a Deus e cumpre a lei divina, não importa como a sua integridade seja provada. Ele faz o que Jeová espera dele, nomeadamente sendo um leal proclamador do Reino. — Mateus 24:14; Lucas 1:74, 75; Atos 5:29; 1 Tessalonicenses 2:10.”»

Irmãos, a evidência dos factos demonstra que vocês não mantiveram a vossa lealdade à lei divina. Ao optarem por alinhar as vossas diretrizes

pelas exigências dos governos seculares e das estruturas deste sistema — assimiláveis aos elementos da “fera” —, abandonaram o apego inabalável que é devido exclusivamente a Jeová. O autêntico servo leal cumpre estritamente e em todo o tempo o que Jeová espera dele; contudo, nesta provação, vocês capitularam para realizar o que a “Fera” esperava de vocês.

Ninguém nega a intensidade das pressões políticas e mediáticas que pesavam sobre vocês nessa altura. No entanto, a marca distintiva do cristão íntegro reside na sua capacidade de colocar a lei divina acima de tudo, não importa como a sua lealdade seja provada.

O facto de um grande número de publicadores e de famílias, em todo o mundo, ter optado por respeitar escrupulosamente os princípios bíblicos recordados ao longo desta correspondência — muitas vezes ao preço de grandes sacrifícios pessoais — prova de forma irrefutável que vocês tinham, também, a possibilidade de se manterem firmes. Dispunham das mesmas Escrituras e do mesmo modelo pastoral. No entanto, perante a pressão do mundo, tomaram a decisão deliberada de abandonar esses princípios para privilegiar compromissos administrativos.

NECESSIDADE URGENTE DE UM COMISSÃO JUDICIAL

Como foi claramente indicado acima, a culpa de sangue, por si só, exige a formação de uma comissão de jurisdição. Se adicionarmos a isso os outros pecados mencionados — cometidos contra Jeová, sua Palavra, Jesus Cristo, os irmãos e as qualificações para anciãos —, fica evidente que a sua situação espiritual é muito preocupante. Os pecados são manifestos, mas uma comissão de anciãos deve avaliar os detalhes de várias questões essenciais:

Foi simplesmente uma falta de bom senso da sua parte? Quantos avisos você recebeu exatamente? Quais ensinamentos bíblicos você leu e por que os rejeitou? Por que você não se arrependeu até agora? Por que não tentou reparar os danos causados? Que tipo de pressão você sofreu da parte dos governos e das organizações do mundo de Satanás? Por que você se associou a eles? Com que argumentos aceitou essa ligação e quem está por trás disso? Por que você segue ao pé da letra os conselhos de organizações seculares como a OMS, que faz parte da «fera»? Por que você se desviou dos princípios bíblicos conhecidos e das informações contidas em nossas próprias publicações? Que ensino você dava a respeito do «touro que chifra uma pessoa», em relação às vacinas? Por que não foi prudente em um assunto tão perigoso? Essas perguntas, entre outras, são indispensáveis para entender o que aconteceu, para ajudá-lo a se arrepender e para tomar medidas a fim de que uma situação assim nunca mais se repita. Como eu disse, não sei por que você se desviou desse assunto e não vou julgar suas intenções; no entanto, o pecado é claramente visível e não pode ser tolerado. Não há como chegar a outra conclusão. Seus erros devem ser tratados com urgência no salão do reino por uma comissão de anciãos maduros e espirituais, que se submetem lealmente à Palavra de Deus. Se você não se arrepender de tudo o que fez, sua vida está em perigo, pois nenhum pecado é apagado sem um arrependimento genuíno.

Atos 3:19

«Arrependam-se, portanto, e deem meia-volta, a fim de que os seus pecados sejam apagados, para que venham tempos de refrigério da parte de Jeová»

Veja no Anexo 4 a comissão de jurisdição que ocorreu em 14 de julho de 2025.

POR QUE NÃO ENVIEI UM LIVRO MAIS CEDO?

As razões pelas quais não enviei este livro mais cedo são as seguintes. Em fevereiro de 2022, a crise global da COVID-19 abrandou subitamente em todo o mundo e os irmãos deixaram de falar sobre a vacinação nos *Friss hírek a vezetőtestülettől*. Na altura, estava prestes a pegar na pena, mas imaginei que muitos irmãos, muito mais experientes do que eu, vos escreveriam. Decidi, por isso, aguardar para observar a evolução da situação e ver se estas questões seriam resolvidas. Enquanto esperava, optei por seguir o exemplo bíblico de Eliú, que soube manter-se em silêncio para deixar os homens de experiência falar primeiro.

Jó 32:4-7

«Eliú tinha esperado para responder a Jó, pois eles eram mais velhos do que ele. Quando Eliú viu que os três homens não tinham nada para dizer em resposta, a sua ira se acendeu. Então Eliú, filho de Baraque, o buzita, tomou a palavra e disse: “Sou jovem, E vocês são idosos. Por isso eu respeitosamente fiquei calado E não me atrevi a dizer-lhes o que sei. Eu disse a mim mesmo: ‘Que a idade fale, E que a multidão de anos declare a sabedoria.’»

Eliú respeitava os mais velhos e achava que cabia à «idade e à sabedoria falar». Sabemos que os três companheiros de Jó não lhe deram bons conselhos, e foi precisamente por isso que Eliú acabou por quebrar o silêncio. No nosso caso, os irmãos receberam milhares de chamadas e cartas com sábios conselhos, mas rejeitaram-nas; não ouviram a idade e a sabedoria. Então, por que falar hoje? Por que abordar este assunto mais de dois anos após os factos? Foi porque ouvi alguns discursos de Jeffrey Winder que me levaram a refletir sobre a necessidade de escrever agora. É por essa razão que esta carta pode parecer chegar atrasada. Mas, na realidade, não está atrasada: está adiantada. Como demonstrei, os irmãos cometeram vários erros graves. No entanto, nos discursos do irmão Winder, juntou-se outro pecado, um pecado que não posso tolerar. Ele supera todos os anteriores, e foi isso que desencadeou a redação e o envio desta carta. O que o irmão Winder declarou é a causa direta desta iniciativa.

JEFFREY WINDER: SERMOS MODESTOS BENEFICIA OS OUTROS (MAT. 22:39)



https://www.jw.org/finder?srcid=share&wtlocale=TPO&lank=pub-jwb-108_14_VIDEO

Se o link acima não funcionar: <https://ody.sh/EoZOV0oNCF>

O irmão Winder começa a sua alocução falando sobre a modéstia, relacionando-a diretamente com o amor e apresentando-a como uma qualidade essencial que beneficia os outros. Em seguida, ele declara:

“ Eis o que dizia uma *Sentinela*: ” na Bíblia, a modéstia refere-se à avaliação correta de si mesmo e à consciência das próprias limitações ”, e em seguida diz: ” na palavra grega original, a ênfase parece ser dada ao efeito que essa consciência, a consciência das nossas limitações, tem no nosso comportamento em relação aos outros ”. Com essa ideia em mente, vejamos três exemplos que mostram que a nossa modéstia faz bem aos outros e, nesses três exemplos, tratar-se-á de dar conselhos aos outros, que é também sobre o que fala o nosso comentário de hoje. Para cada exemplo, explicaremos a situação, veremos como demonstrar modéstia nessa situação e, finalmente, como a nossa modéstia faz bem aos outros. ”

Tudo isso está correto, e é absolutamente verdade que a modéstia está intrinsecamente ligada ao reconhecimento das nossas próprias limitações. O irmão Winder continua dizendo:

«Então a primeira situação é simplesmente um amigo que vem nos pedir um conselho. Ele enfrenta uma dificuldade, ou uma provação, ou tem uma decisão complicada a tomar, quer apenas uma opinião ou um conselho, e recorre a nós. Como demonstrar modéstia nessa situação? Bem, voltamos ao nosso texto de hoje, 1 Coríntios 4:6, " não vão além do que está escrito ". A nota de estudo para esse versículo indica: " Essa regra implica que os adoradores de Jeová não devem ensinar nada que vá além das leis e dos princípios expostos na sua Palavra. "»

Irmãos, é inacreditável! O que o irmão Winder declara contradiz ponto por ponto o que os irmãos fizeram durante a pandemia. Como demonstrei ao analisar os *Friss hírek a vezetőtestülettől*, os irmãos foram muito «além do que está escrito», e até mesmo além das orientações habituais das nossas próprias publicações, com o único objetivo de compelir os irmãos a se vacinarem. O irmão Winder qualifica esse exemplo como «simples», e certamente o é. Sendo assim, temos o direito de questionar a sua real maturidade espiritual: como puderam aconselhar tão mal os nossos irmãos? Como puderam falhar num ponto de lógica espiritual tão elementar?

Além disso, o irmão Winder especifica na sua ilustração que se trata de um amigo que «recorre a nós» para pedir conselho. Mas no nosso caso, quem pediu a vossa opinião? Por que tentaram impor dogmaticamente a vossa opinião tendenciosa, quando ninguém solicitava a vossa arbitragem sobre essa escolha terapêutica?

Se aplicarmos o próprio raciocínio do irmão Winder, os irmãos não agiram com modéstia e foram «além das leis e dos princípios da Palavra de Deus». Deveriam ter guardado para vocês as vossas convicções pessoais sobre as vacinas; afinal, a vida privada dos membros do Corpo Governante só a eles diz respeito. Em vez disso, ultrapassaram os limites do que está escrito e instrumentalizaram a vossa autoridade teocrática para pressionar o rebanho. Como podem hoje proferir tais discursos, como se não tivessem feito nada de errado?

Jeffrey Winder continua dizendo:

“ Portanto, demonstraremos modéstia ao dar ao nosso amigo um conselho baseado na Bíblia. Em outras palavras, confiamos em Jeová no que diz respeito a aconselhar os outros. Então, por que, se formos modestos, estamos a fazer um favor ao nosso amigo? Em primeiro lugar, fazemos-lhe um favor porque, honestamente, às vezes erramos, não é verdade? Porque a Palavra de Jeová é perfeita e os conselhos de Jeová são sempre para o nosso bem. Mas a nossa modéstia também vai ajudar o nosso amigo porque vai permitir-nos ouvi-lo bem; com modéstia reconheceremos que precisamos de conhecer todos os factos, que precisamos de entender bem a situação, tanto quanto possível, para podermos encontrar princípios bíblicos sobre os quais o nosso amigo possa refletir antes de tomar a sua decisão. E, no final, a nossa modéstia será útil porque os nossos conselhos serão baseados na Bíblia, haverá mais hipóteses de corresponderem àquilo de que o nosso amigo precisa. ”

Mais uma vez, o que o irmão Winder diz é absolutamente correto, mas o grande problema reside no facto de as suas próprias palavras condenarem tudo o que os irmãos fizeram durante a pandemia. Torna-se evidente que as orientações tendenciosas que dispensaram eram apenas o reflexo de ideias pessoais e, de modo algum, «os conselhos e a direção de Jeová», ao contrário do que falsamente alegaram. As vossas orientações provam que Jeová não guiou essa iniciativa, uma vez que não se baseavam nos princípios bíblicos, como já demonstrei. Vocês mesmos reconhecem que «as opiniões pessoais podem estar erradas», ao passo que «a Palavra de Deus é perfeita».

Sendo assim, por que razão puseram de parte a Palavra de Deus? Por que ensinaram os protocolos da OMS? Eram os «Testemunhas de Jeová» ou os «Testemunhas da OMS» durante esta crise?

O irmão Winder também destaca que a modéstia nos impele a ser bons ouvintes. Ouviram os milhares de irmãos que enviaram cartas e telefonaram para Betel, ou optaram por ignorar os seus apelos? Será que cada novo *Friss hírek a vezetőtestületől* demonstrava uma

consideração pelos sentimentos dos vossos irmãos magoados, ou, pelo contrário, confirmava a vossa intenção de impor essas diretivas a cada Testemunha, sem exceção?

O irmão Winder conclui afirmando que, agindo assim, «haverá mais hipóteses de os nossos conselhos corresponderem àquilo de que o nosso amigo precisa». Os vossos conselhos não correspondiam de todo àquilo de que o rebanho precisava.

O irmão Winder passa agora para a segunda situação:

«Situação número 2. Como adaptar a nossa atitude segundo o assunto que é abordado pelo nosso amigo? Neste cenário, o nosso amigo confia em nós, partilha connosco um problema de saúde que está a enfrentar. Digamos que ele está a considerar um tratamento médico e gostaria de ter a nossa opinião sobre o assunto. Como ser modesto nesta situação? Claro que nos compadecemos realmente do nosso amigo, queremos fazer tudo o que for possível para o ajudar, mas, também aqui, o princípio fundamental de 1 Coríntios 4:6 aplica-se, ou seja, não ir além de certos limites. Neste tipo de situação, será o nosso papel dar a nossa opinião sobre problemas de saúde? A *Sentinela* dizia: ‘perante a doença, cabe a cada cristão adulto levar a sua própria carga, assumir a responsabilidade pela escolha de um tratamento.’»

Mais uma vez, estes conselhos são absolutamente corretos e equilibrados. É claro que a escolha de um tratamento médico é da estrita responsabilidade individual, e era precisamente isso que as nossas publicações explicavam no nosso site antes da difusão dos *Friss hírek a vezetőtestületől* a partir de 2021. Mas, como demonstrei, os irmãos varreram esse património doutrinal para fazer exatamente o contrário, ocultando ou distorcendo certos princípios bíblicos fundamentais com o objetivo de obrigar todos os irmãos a vacinarem-se.

Em que medida o que o irmão Winder expõe aqui se alinha com a declaração inequívoca de Tony Morris afirmando que «vocês têm de se vacinar»? Como é que isso se ajusta às intervenções do irmão Lett e do irmão Splane instando-nos a «não questionar a Jeová» — o que

subentendia de forma abusiva que as suas diretivas vacinais vinham diretamente de Deus? Como se harmoniza com os vídeos de ficção da organização que mostravam irmãos a fazer a «escolha certa», ou seja, a de obedecer e submeter-se à injeção? Como é que o que o irmão Winder diz aqui pode concordar com a manipulação repetida, multiforme e constante que exerceram sobre os irmãos durante a pandemia para os coagir? Como conciliar isso com o desprezo, os abusos e a tortura emocional infligidos a companheiros cristãos cuja consciência recusava essa intervenção médica?

Isso não pode, de forma alguma, ser conciliado. As palavras do irmão Winder agem como uma condenação direta das vossas próprias ações. Na realidade, o irmão Winder afirma explicitamente que recusar agir assim equivaleria a ultrapassar os «limites da nossa autoridade». É precisamente esse o cerne da minha argumentação nesta carta: vocês ergueram-se acima da consciência alheia e abusaram da vossa autoridade teocrática. O irmão Winder não faz mais do que confirmar cada uma das minhas acusações.

Além disso, o irmão Winder recorda este princípio fundamental: «A *Sentinela* disse que, quando surgem problemas de saúde, cabe a cada cristão escolher o tratamento que irá seguir». No entanto, quando recordei essa verdade durante a pandemia, citando *A Sentinela* de 15 de setembro de 2015 (páginas 8 a 12) perante o superintendente de circuito e os anciãos, fui praticamente tratado como um apóstata. Acusaram-me de falta de fé sob o pretexto de não estar a acompanhar o «carro de Jeová». Deixaram-me claro que devia conformar-me com os *Friss hírek a vezetőtestületől* e com as instruções de Jeová transmitidas pela sua organização terrestre — ou seja, por vocês. Censuraram-me por estar ancorado no passado, a minha reputação foi destruída e, ainda hoje, os irmãos olham para mim com desconfiança devido às calúnias espalhadas a meu respeito. Pior ainda, outros publicadores foram desassociados da congregação pelo único delito de terem citado essa mesma *Sentinela* e de terem posto em evidência o vosso desvio.

Se, como defende o irmão Winder, «A *Sentinela* dizia que, quando surgem problemas de saúde, cabe a cada cristão escolher o tratamento que irá seguir», por que razão pisaram vocês mesmos essa instrução durante a crise? Relegaram as nossas próprias publicações para segundo plano para abraçar os protocolos da OMS. Atrevem-se realmente hoje,

por meio deste adoração matinal apresentado pelo irmão Winder, a dar-nos lições sobre a forma de dar conselhos médicos?

Gálatas 2:18

«Se eu edifico novamente as mesmas coisas que já derrubei, demonstro ser um transgressor.»

Vocês «demoliram» os princípios bíblicos durante a pandemia e, hoje, pretendem «reconstruí-los»: isso prova de forma irrefutável que transgrediram a Palavra de Deus. Acreditam que os princípios divinos podem ser adotados ou descartados como simples peças de roupa que mudamos consoante o tempo? Quando o tempo está «bom», ostentamos os princípios bíblicos, mas assim que o tempo fica «mau», cobrimo-nos com as roupas que a «fera» nos fornece para nos poupar a dificuldades. Ouçam o que o próprio Jesus declarou:

Apocalipse 16:15

«Escute: Venho como um ladrão. Feliz aquele que fica desperto e conserva consigo as suas roupas, para que não ande nu e as pessoas não olhem para a sua vergonha.»

Quando «despiram» os princípios bíblicos para vestir as roupas da OMS, ficaram completamente nus. Foi um espetáculo profundamente vergonhoso, e todos nós fomos testemunhas disso. Pensam que essa vergonha se apagou só porque o «bom tempo» voltou e hoje agem como se nada tivesse acontecido? Imaginam que esquecemos a vossa nudez espiritual?

O irmão Winder prossegue assim com a sua argumentação:

«Se mantivermos isso em mente, a modéstia vai impelir-nos a pensar bem antes de oferecer um conselho de ordem médica, ou antes de dissuadir o nosso amigo de fazer um tratamento que lhe foi prescrito. Mas o que podemos fazer para o ajudar? Bem, podemos ouvi-lo com compaixão, podemos mostrar-lhe que nos importamos sinceramente com ele, estamos lá para ele, podemos pensar na ajuda prática que lhe podemos prestar, e podemos tranquilizá-lo dizendo que o apoiaremos independentemente da decisão que tomar. E por que razão a nossa modéstia vai fazer bem ao nosso amigo? Na verdade, preservamos a sua dignidade, porque o deixamos livre para tomar a decisão

por si mesmo. Isso vai protegê-lo de consequências lamentáveis no caso de o nosso conselho médico não ser adequado à sua situação. E também vai proporcionar-lhe o amor, o consolo e o apoio de que precisa neste período difícil.»

Mais uma vez, tudo o que o irmão Winder expõe aqui corresponde exatamente ao que deveria ter sido feito e ao que esta carta defende. Mas «pensaram bem» antes de dispensar um parecer médico tão desastroso? Por meio destas palavras, vocês mesmos se condenam, pois ordenaram-nos que nos vacinásemos sem nos reencaminhar para o nosso médico assistente nem para outras fontes de informação da nossa escolha.

O irmão Winder afirma que devemos «ouvir com empatia» para que os outros «sintam o amor que temos por eles». Todos nós, cuja consciência recusava essa injeção, sentimos essa suposta afeição? Era amor ou uma condenação sistemática o que transparecia nos vossos *Friss hírek a vezetőtestületől?* O sentimento profundo que nos habitava era o de uma ingerência intolerável nas nossas decisões pessoais, uma tentativa de nos coagir a aceitar um tratamento médico cujos efeitos a curto, médio ou longo prazo ninguém conhecia.

Na verdade, o irmão chega ao ponto de declarar: «Imagine o que aconteceria se os conselhos médicos que lhe déssemos não fossem os melhores para ele e tivessem consequências lamentáveis.»

Repito-o, pois é inacreditável que o irmão Winder se atreva a proferir tais palavras depois de tudo o que orquestraram em 2021 e 2022!

«Imagine o que aconteceria se os conselhos médicos que lhe déssemos não fossem os melhores para ele e tivessem consequências lamentáveis.»

Não precisamos de «imaginar»: foi precisamente isso que aconteceu, e hoje vemos os tristes resultados com os nossos próprios olhos. Milhares de irmãos nossos morreram e outros estão gravemente doentes na sequência das diretivas médicas irresponsáveis e contrárias às Escrituras que difundiram.

A continuação do discurso do irmão Winder aborda outro exemplo que não é relevante para o caso em questão.

Caros irmãos do Corpo Governante, a exposição do irmão Winder estava, em teoria, perfeitamente fundamentada; ele apresentou a Palavra de Jeová tal como se encontra na Bíblia. Foi essa posição bíblica que outros irmãos e eu sempre defendemos, e que mantivemos ao longo de toda a pandemia, apesar da vossa pressão e da do mundo. Aliás, os irmãos partilhavam dessa posição até à difusão do *Friss hírek a vezetőtestületől* número 6 de 2021. Foi nesse momento que a varreram completamente para se submeterem aos governos e às empresas farmacêuticas, escolhendo o compromisso e faltando à lealdade para com a Palavra de Deus.

As provas documentais — quer se trate de vídeos ou de cartas da organização — são incontestáveis, como demonstrei ao longo dos meus escritos. Deixaram que a pressão do sistema vos fizesse abandonar os princípios bíblicos. E hoje, agora que a crise passou, regressam tranquilamente às normas divinas que nunca deveriam ter abandonado.

Como é fácil defender os princípios bíblicos quando a pressão diminui e tudo vai bem! Como é fácil ensinar o que é correto quando o «bom tempo» voltou! Como é fácil reivindicar-se Testemunha de Jeová quando o mundo não nos oprime!

No entanto, como recordam os critérios bíblicos exigidos para os anciãos, a verdadeira lealdade manifesta-se quando a integridade é provada em todas as circunstâncias.

É por isso que o apóstolo Paulo escreveu:

2 Timóteo 4:1, 2

«Eu lhe ordeno solenemente perante Deus e Cristo Jesus, que julgará os vivos e os mortos, pela sua manifestação e pelo seu Reino: Pregue a palavra; faça isso urgentemente, em tempos favoráveis e em tempos difíceis; repreenda, censure, exorte, com toda a paciência e arte de ensino.»

A «Palavra de Jeová» deve ser pregada «em tempo favorável e em tempo difícil». No entanto, vocês só a pregam nos «tempos favoráveis»; assim que o mundo exerce pressão sobre vocês, abandonam a Palavra de Deus. Lamento ter de vos dizer isto, mas foi exatamente isso que a pandemia pôs em evidência. Não foram de modo algum fiéis à Palavra divina porque, quando surgiu o «tempo difícil» da crise sanitária, ocultaram-na completamente.

Quando os governos pressionaram as confissões religiosas para que promovessem a vacinação, por que razão não lhes contrapuseram os mesmos argumentos que o irmão Winder expõe hoje? Por que não defenderam corajosamente a neutralidade cristã e a liberdade de consciência?

Qualquer pessoa que faça um mínimo de pesquisa pode constatar que o conjunto das religiões deste sistema, incluindo vocês, sofreu essas pressões políticas e que todas, sem exceção, capitularam. Os relatórios que documentam a forma como as autoridades seculares instrumentalizaram os líderes religiosos para impor essas injeções são a prova evidente disso. Ao agirem assim, alinharam-se pelos métodos deste mundo.

O que o apóstolo Paulo escreveu no passado a respeito dos defensores da circuncisão cumpriu-se à letra através da vossa atitude:

Gálatas 6:12

«Aqueles que querem causar uma boa impressão segundo padrões humanos são os que tentam obrigar vocês a ser circuncidados, e eles fazem isso só para não serem perseguidos por causa da estaca do Cristo.»

Pressionaram os irmãos a vacinarem-se para evitar problemas com os governos e para não serem mal vistos por este sistema, moldando exatamente a vossa atitude pela daqueles que, no primeiro século, promoviam a circuncisão para evitar qualquer perseguição.

O discurso que o irmão Winder profere hoje, outros irmãos e eu poderíamos proferir em toda a boa consciência. Poderíamos expressar-nos olhando a assistência olhos nos olhos, movidos por uma convicção total, porque permanecemos fiéis. Ao longo de toda a pandemia, resistimos às pressões e defendemos os princípios bíblicos, como Jeová esperava dos seus servos.

Caros irmãos do Corpo Governante, vocês não têm essa liberdade de palavra. Deveriam, pelo contrário, sentir vergonha e baixar a cabeça em silêncio, em vez de se dirigirem a nós de cabeça erguida e com tamanha firmeza. Perderam a autoridade moral para se expressarem sobre tal assunto. Se estes princípios fossem objeto de um estudo de *A Sentinela*, nem sequer teriam a legitimidade de levantar a mão para fazer um comentário. Não consigo compreender como, após as decisões que

tomaram, podem ensinar estes valores sem terem apresentado o mínimo pedido de desculpas prévio.

Para medir a gravidade de tal atitude, imaginem um irmão que tratasse constantemente a sua esposa com dureza, ridicularizando-a em público com piadas magoadoras ao ponto de a fazer chorar. Se esse mesmo irmão proferisse um discurso perante a congregação sobre o amor e a consideração que um marido deve demonstrar à sua companheira, o que pensaria a assistência? O que pensariam vocês se ele comesse a descrever as formas de honrar a esposa, chegando ao ponto de lhe dirigir um sorriso afetuoso a partir do palco, diante dos olhos de todos? Não o acusariam de hipocrisia? Os seus ouvintes sentiriam que ele está qualificado para lhes dar lições?

É fundamental que ouçam o que Deus pensa de tal atitude. Naturalmente, a minha intenção não é pretender que a vossa situação seja irreversível, mas é indispensável que analisemos juntos o alcance do texto bíblico que se segue.

Salmos 50:16-23

«Mas, a quem é mau, Deus dirá: “Que direito você tem de recitar as minhas leis E de falar do meu pacto? Pois você odeia a disciplina E dá as costas às minhas palavras. Quando vê um ladrão, você o aprova; E anda com os adúlteros. Você usa a boca para divulgar o que é mau, E a falsidade está presa à sua língua. Senta-se para falar mal do seu irmão; Revela as falhas do filho da sua própria mãe. Quando você fez essas coisas, eu fiquei calado; Então você pensou que eu seria como você. Mas agora vou repreendê-lo E vou apresentar a minha causa contra você. Por favor, considerem isso, vocês que se esquecem de Deus, Senão vou dilacerar vocês, e não haverá quem os livre. Quem oferece agradecimentos como sacrifício me glorifica; E quanto àquele que segue o caminho determinado, Eu o farei ver a salvação da parte de Deus.”»

Estas palavras divinas dirigem-se diretamente aos «maus»; é, portanto, evidente que não quereríamos por nada deste mundo manifestar tais defeitos nem cometer tais ações, sob pena de sofrer a desaprovação de Deus.

Esse texto fala de não conviver com os «adúlteros». No entanto, os irmãos cometeram um ato muito mais grave ao tornarem-se culpados de um adultério espiritual, como demonstrei anteriormente.

Também se fala de dar o seu consentimento aos «Ladrões». Seguiram à risca as diretivas discriminatórias deste mundo e introduziram-nas no seio da congregação, perseguindo assim os irmãos não vacinados. Além disso, retransmitiram as recomendações de empresas farmacêuticas cuja ambição gananciosa era enriquecer à custa da saúde pública. As vacinas contra a COVID-19 «roubaram» literalmente a vida e a saúde de muitos dos nossos irmãos. Estes «ladrões» sabiam perfeitamente que os seus produtos comportavam riscos maiores, uma vez que eles mesmos o estipulavam nos seus contratos confidenciais, ao mesmo tempo que afirmavam publicamente que estas substâncias eram «seguras e eficazes». Ao agirem assim, tornaram-se seus cúmplices.

O texto evoca ainda aqueles que viram as costas às «palavras de Jeová» e que «odeiam a disciplina». Rejeitaram os seus princípios, bem como todos os irmãos que tentaram chamar a vossa atenção para estes desvios. Ameaçaram numerosos anciãos para os remeter ao silêncio e desassociaram sistematicamente aqueles que recusavam submeter-se e optavam por questionar-vos abertamente. Pouco vos importava que eles vos enfrentassem com a verdade ou que se apoiassem nas Escrituras.

É também mencionada a ação de «espalhar o mal» e de «usar a língua para enganar». Difundiram diretivas erradas que puseram doentes os nossos companheiros ou os levaram à morte. Além disso, distorceram as Escrituras de forma falaciosa para legitimar a vacinação.

O salmista fala de «sentar-se e falar contra o seu próprio irmão, expondo os seus defeitos». Foi exatamente isso que fizeram: sentaram-se, em cada *Friss hírek a vezetőtestületől*, para caluniar os irmãos que recusavam a injeção, pondo em causa as suas motivações profundas, bem como a sua fé, e inventando-lhes faltas imaginárias, como atestam os conteúdos do nosso site JW.org e as provas apresentadas neste livro.

É sublinhado que aqueles que agem assim «pensam que Deus é como eles». Não cessaram de alegar que as vossas instruções vinham de Jeová e que qualquer pessoa que as contestasse carecia de confiança Nele.

Por fim, o texto visa aqueles que «se esquecem de Deus». Em momento algum se lembraram dos princípios de Jeová; substituíram-nos pelos protocolos de laboratórios que se assemelham em tudo a «ladrões».

A todos aqueles que este salmo fustiga, Jeová dirige esta pergunta solene:

«Com que direito recitas os meus decretos ou falas do meu pacto?»

Reitero esta declaração em termos claros e incisivos, pois emana do próprio Jeová e reveste-se de uma importância capital: «Com que direito recitas os meus decretos ou falas do meu pacto?»

Segundo o ponto de vista de Jeová, quem quer que cometa tais ações já nem sequer tem a legitimidade de citar as suas leis.

Sendo assim, na vossa opinião, o que pensa Jeová do vosso comportamento passado, quando pretendem hoje ensinar a sua lei pregando o amor, a compreensão, a afeição e o respeito pela consciência alheia? Possuem ainda a autoridade espiritual necessária para manejar a Palavra de Deus e instruir o rebanho após tais falhas? Não pensam que deveriam, em primeiro lugar, demonstrar um arrependimento sincero?

O salmo conclui com estas palavras: «Àquele que se mantém no caminho certo farei ver a salvação de Deus». Vocês seguiam os princípios bíblicos antes do *Friss hírek a vezetőtestületől* número 6 de 2021, mas abandonaram-nos sob a pressão da «fera». Agora que a tempestade passou, revestem-se de novo das normas divinas. Tal atitude insere-se num «caminho certo» ou num trilho tortuoso? Lembram-se do que o livro de Provérbios declara a respeito do homem de caminhos tortuosos?

Provérbios 3:32

«Pois Jeová detesta a pessoa falsa, Mas tem amizade íntima com os íntegros.»

Jeová quer que os nossos caminhos sejam retos, e não tortuosos ou sinuosos; toda a Escritura o atesta. Sem sombra de dúvida, e como lembra este salmo, vocês devem “considerar isto” (versículo 22).

Irmãos, vocês perderam a autoridade moral necessária para validar ou apoiar o discurso proferido por Jeffrey Winder. É precisamente por essa razão que um ancião que não está “livre de acusação” deve ser

removido do seu cargo: ele não tem mais o direito de ensinar a congregação enquanto não estiver espiritualmente reestabelecido. A autoridade moral é uma condição absoluta para estar diante do rebanho e aconselhá-lo.

Quando ouvi esse discurso, não podia acreditar no que estava ouvindo. Se eu tivesse cometido as faltas que vocês cometeram, seria incapaz de me apresentar diante dos irmãos para apoiar tais declarações. Eu não teria conseguido fazer isso sem expressar, antes, um arrependimento público. É por isso que estas perguntas se impõem:

Por que parecem ignorar uma realidade tão evidente? Que tipo de lógica vocês usam para apoiar e justificar tal comportamento? A continuação da intervenção do irmão Winder ajudou-me a entender o raciocínio de vocês e acabou por motivar a redação deste livro.

JEFFREY WINDER: COMO É QUE A LUZ FICA MAIS CLARA?



https://www.jw.org/finder?srcid=share&wtlocale=TPO&lank=pub-jwb-108_9_VIDEO

Se o link acima não funcionar: <https://ody.sh/T61pORt9Sp>

O discurso do irmão Winder aborda a forma como Jeová nos transmitiria novas explicações espirituais e corrigiria os nossos erros passados. Ele começa por desenvolver uma longa argumentação para legitimar as ideias que expõe e levar o auditório a adotá-las sem reservas. Voltarei a esse raciocínio mais tarde, pois é totalmente falacioso e constitui precisamente uma das causas principais de todas as controvérsias ocorridas durante a pandemia. Por agora, são os próprios conceitos apresentados pelo irmão Winder que me chamam a atenção, e é por isso que vou abordá-los diretamente.

Para introduzir o seu assunto, ele cita Provérbios 4:18:

Provérbios 4:18

«Ela é árvore de vida para os que se apegam a ela, E os que a agarram firmemente serão considerados felizes.»

Depois de desenvolver vários pormenores e afirmar que Jeová nos transmite “a luz” de forma progressiva, não “de uma só vez”, mas em “pequenas doses”, ele declara:

“ Abraão tinha tudo o que precisava para servir a Jeová adequadamente na época em que vivia. Nós temos a

vantagem de viver durante os últimos dias, a época em que o verdadeiro conhecimento se tornaria abundante.

Apesar de tudo, ele é revelado, comunicado num ritmo que conseguimos absorver, que somos capazes de acompanhar para poder aplicar, e agradecemos a Jeová por isso.

Portanto, é isso o que as Escrituras nos ensinam, mas também a nossa experiência, sobre a forma como a luz se torna cada vez mais brilhante na nossa época. Ela é transmitida por meio do espírito santo, por intermédio do escravo fiel e prudente. Jeová revela-a progressivamente e no momento em que é necessária.

Sendo assim, partindo daí, não ficamos encabulados quando há mudanças, e não precisamos de pedir desculpas por não termos entendido bem as coisas no passado. Entendemos que é assim que Jeová procede: ele revela as coisas progressivamente quando o seu povo precisa.

E, além disso, o Corpo Governante não é inspirado nem infalível, por isso pode cometer erros em pontos doutrinários e em orientações organizacionais. ”

O que o irmão Winder declara é de uma gravidade absoluta, e é a razão principal que me levou a empreender a redação desta obra.

A desresponsabilização teocrática: uma transferência de culpa

Em primeiro lugar, a ideia de responsabilizar a Deus pelas mudanças doutrinárias transparece claramente quando ele afirma: “Jeová revelou-nos este conhecimento num ritmo que conseguimos absorver.”

Segundo essa lógica, o responsável supremo por tudo o que vocês ensinam seria o próprio Jeová. O espírito santo é apresentado como o ator principal que utiliza o canal do “escravo fiel e prudente”, de maneira progressiva e no momento oportuno. O objetivo dessa manobra é cristalino: atribuir a Jeová e ao espírito santo a autoria de cada mudança ou diretriz. Apoiados nesse postulado, vocês deduzem o seguinte: “Sendo assim, partindo daí, não ficamos encabulados quando há mudanças, e não precisamos de pedir desculpas por não termos entendido bem as coisas no passado.”

O raciocínio é de uma conveniência notável: Jeová e o espírito santo ditam as doutrinas; se Eles decidem modificá-las, vocês modificam-nas. Assim, não sentem nenhum remorso nem pedem desculpas, visto que tudo resultaria da vontade divina. Vocês eximem-se de qualquer responsabilidade alegando que Jeová transmite a sua verdade de forma progressiva e segundo as necessidades.

Contudo, quando a questão da vossa inspiração divina é levantada, vocês retorquem: “O Corpo Governante não é inspirado nem infalível, por isso pode cometer erros em pontos doutrinários e em orientações organizacionais.”

Como conciliar tal contradição? Por um lado, afirmam que Jeová, por meio do seu espírito, lhes transmite orientações às quais vocês se limitam a obedecer; por outro lado, alegam a imperfeição e a falta de inspiração para justificar os vossos erros. Não se trata de uma simples incoerência: é um desvio muito mais alarmante.

A ilustração da sala escura e do regulador de luz

Para expor o absurdo teológico desta posição, usemos uma ilustração concreta.

Imaginem uma sala grande e fechada, sem janelas, cheia de móveis preciosos e vasos de grande valor. A intensidade da iluminação depende de um regulador de luz rotativo, controlado exclusivamente pela “mão de Jeová”. Vocês encontram-se nessa sala para cumprir várias tarefas. De repente, fica tudo às escuras porque Jeová decide diminuir a intensidade luminosa. Vocês optam, ainda assim, por continuar a trabalhar no escuro: esbarram no mobiliário e partem vários vasos preciosos.

São vocês os responsáveis pelos estragos? Segundo a vossa lógica, absolutamente não. Não têm de sentir vergonha nem de pedir desculpas, visto que foi Jeová quem mexeu no botão. Visto que ele conhece as vossas imperfeições, se quisesse evitar que vocês partissem esses objetos, bastava-lhe aumentar a luz. Se não o fez, é porque isso fazia parte dos seus propósitos.

Se alguém vos repropasse por essas destruições, vocês responderiam-lhe: “Aquele que fez o olho não saberia o que somos capazes de ver? Pode Deus errar? De modo algum. Se não entendemos por que razão ele deixou esses vasos partirem-se, é porque a nossa inteligência é

limitada diante da incomensurável sabedoria divina. Os seus caminhos são inescrutáveis.”

Sob o disfarce de uma falsa humildade, vocês apresentam-se como escravos submissos à vontade soberana, abrigando-se por trás de Romanos 9:20: “Como pode o barro dizer ao oleiro como fazer as coisas?”

Na realidade, essa argumentação lança vitupério sobre o nome de Jeová. Para medir a sua perversidade, transponhamos este raciocínio para a escala de um cristão comum.

O paralelo com o pecado individual

Imaginem que um irmão comete adultério e é convocado perante uma comissão judicativa. Os anciãos esforçam-se por despertar nele o arrependimento, lembrando-lhe a dor causada ao seu cônjuge, à sua família, à congregação e a Jeová.

Imaginem que esse irmão lhes responde:

“Prezados irmãos, vocês sabem que eu procuro sempre fazer a vontade de Deus, mas sou imperfeito. Jeová conhece os meus limites. Contudo, foi ele quem permitiu que eu conhecesse essa mulher e que se criassem laços, levando-me ao adultério. Como diz David no Salmo 139, Jeová examina-me e conhece-me, sabe quando me sento e quando me levanto. Se ele conhecia as minhas fraquezas carnis, por que razão não fez nada para me fechar o caminho? Ignoro-o, mas limitei-me a submeter-me à vontade divina, como sempre fiz. O seu conhecimento ultrapassa o meu entendimento. Não questiono a sua sabedoria e não vejo utilidade em pedir desculpas, pois isso seria pôr em causa a Providência que colocou essa pessoa no meu caminho.”

O que fariam os anciãos perante tal discurso? Desassociariam esse irmão em poucos minutos por insolência e ausência total de arrependimento.

O balanço da crise sanitária

No entanto, é exatamente essa a atitude que vocês adotam. Durante a pandemia, vocês deixaram de lado princípios bíblicos claríssimos, embora registados nas nossas próprias publicações. Alteraram o sentido das Escrituras para impor uma vacinação experimental, usando a autoridade do nome de Deus. Quando alguns irmãos tentaram alertar-

vos, foram ignorados, removidos dos seus cargos ou rotulados de apóstatas.

Hoje, quando as consequências dramáticas dessas diretrizes médicas são visíveis — irmãos doentes, famílias enlutadas, consciências violadas —, a vossa única resposta é afirmar que não têm de prestar contas porque Jeová é quem controlava o “regulador de luz”.

Pretenderão que a luz divina da época vos obrigava a capitular perante as exigências da OMS e a abandonar a neutralidade cristã? Que as vidas destruídas não passam de “vasos partidos” por falta de iluminação, pelos quais vocês não poderiam ser responsabilizados?

O verdadeiro sentido de Provérbios 4:18

O próprio texto de Provérbios 4:18, que o irmão Winder cita para se justificar, condena a vossa posição. Esse versículo estabelece que **“a vereda dos justos é como a luz brilhante da manhã, que clareia mais e mais até ser pleno dia”**.

A luz espiritual que vem de Jeová é progressiva e constante; ela não retrocede, não tateia e não se contradiz. Os princípios da Palavra de Deus já estavam disponíveis e perfeitamente claros antes de 2021. Jeová nunca diminuiu a intensidade da sua luz durante essa crise.

Se muitos publicadores detetaram a armadilha na altura, foi porque a luz da Palavra de Deus continuava a iluminar a sala. Se vocês não viram nada, não foi por falta de luz, mas sim porque escolheram deliberadamente fechar os olhos para ceder à pressão do mundo. Ao fechar os olhos, agiram às cegas e causaram imensos prejuízos no meio de uma sala que, no entanto, estava perfeitamente iluminada.

Hoje, vocês voltam a abrir os olhos e encarregam o irmão Winder de recordar oportunamente o respeito pela consciência individual em matéria de saúde, como se nada tivesse acontecido. Jeová não é de modo algum responsável por essas reviravoltas. Vocês não podem usar a sua Palavra para ensinar a modéstia e o amor enquanto lhe imputam a responsabilidade pelos vossos próprios desvios passados.

Aliás, Provérbios 4:19, que se segue imediatamente ao versículo que vocês invocam textualmente, declara:

Provérbios 4:19

«O caminho dos maus é como a escuridão; Eles nem

sabem o que os faz tropeçar.»

É evidente, prezados irmãos: Jeová faz a “luz” aumentar de forma progressiva e sempre na mesma direção, “até ser pleno dia”. Em contrapartida, quando nos encontramos diante do “caminho da escuridão”, fica claro que Jeová não é a origem de tal proceder.

Jeová de modo algum dispensaria a sua luz para depois a retirar, provocando assim o nosso tropeço, antes de restituir essa mesma clareza que nos tinha tirado. Tal funcionamento evoca antes o oscilar de uma lâmpada defeituosa prestes a apagar-se.

Aqueles de vocês que imaginam que a orientação de Jeová se assemelha aos sobressaltos de uma lâmpada oscilante fariam bem em meditar nas palavras do profeta Isaías:

Isaías 40:26

«Ergam os olhos para o céu e vejam. Quem é que criou estas coisas? Foi Aquele que as faz sair como um exército, por número; Ele chama-as a todas por nome. Por causa da sua imensa energia dinâmica e do seu atemorizante poder, Não falta nem sequer uma delas.»

Por favor, meus irmãos, “levantem os olhos para o céu” e meçam o alcance das vossas declarações. O nosso Deus todo-poderoso, que faz sair o exército das estrelas do universo pela sua imensa energia, diverte-se a “acender e apagar a luz” de forma caprichosa? Será que Ele nos ilumina durante um tempo para depois nos mergulhar subitamente, e sem aviso, nas trevas, antes de acender a luz novamente mais tarde? Será que Jeová, o Soberano do universo, se reduz a uma simples “lâmpada oscilante”?

Ensinar que os vossos próprios desvios são o produto da orientação do nosso Deus poderoso e dinâmico constitui um insulto caracterizado contra Jeová. Lembrem-se do que o próprio Jesus Cristo ensinou, e do que o apóstolo João deu testemunho?

1 João 1:5

«Esta é a mensagem que ouvimos dele e que vos anunciamos: Deus é luz, e não há nenhuma escuridão nele.»

É absolutamente impossível que Jeová “apague a luz” para cegar os seus servos e levá-los a cometer erros. Por que razão agiria ele assim? O

discurso que vocês fazem para justificar os vossos desvios contradiz frontalmente o ensino de Jesus Cristo. Vocês fecharam deliberadamente os olhos à luz de Jeová e carregam a inteira responsabilidade dessa escolha.

Por favor, irmãos, examinem o que se segue para tomarem plena medida da gravidade dos vossos argumentos. Lembram-se do momento em que mencionei o relato de Arão a moldar o bezerro de ouro e a incitar o povo à idolatria? Vejamos o que Moisés lhe pergunta nessa altura, e a resposta que Arão se atreve a dar-lhe:

Êxodo 32:21-24

«E Moisés disse a Arão: “O que é que este povo te fez para que trouxesses tamanho pecado sobre eles?” Arão respondeu: “Não fiques furioso, meu senhor. Sabes muito bem que o povo tem uma inclinação para o mal. Eles disseram-me: ‘Faz-nos um deus que vá à nossa frente, pois não sabemos o que aconteceu a este Moisés, o homem que nos tirou da terra do Egito.’ Por isso, eu disse-lhes: ‘Quem tiver enfeites de ouro deve tirá-los e dar-mos.’ Então, atirei o ouro ao fogo e saiu este bezerro.”»

Como podemos constatar, Arão recusava-se a reconhecer que as suas próprias mãos tinham moldado o bezerro de ouro: ele lançou a culpa sobre “o povo” e chegou ao ponto de culpar “o fogo”. De uma forma totalmente absurda, alegou ter simplesmente atirado o ouro ao fogo e que o bezerro tinha saído dali como por magia, recusando-se assim a assumir a mínima responsabilidade.

Felizmente, após essa primeira reação defensiva, Arão mudou de atitude. Graças às súplicas de Moisés, Jeová usou de misericórdia para com ele e não o destruiu, embora a Sua ira inicial tivesse sido grande. Mas imaginem por um instante o que teria acontecido se Arão tivesse respondido a Moisés nestes termos:

“Não te ires, Moisés. Tu sabes bem que Jeová me confiou a responsabilidade deste povo e que ele conhece as minhas fraquezas. O povo pressionou-me e Jeová, que tudo sabe, permitiu-o. Portanto, o que aconteceu fazia parte da vontade de Jeová; não tenho de prestar contas por isso porque não sou culpado. Não sinto nenhuma vergonha pelo que fiz e não tenho a menor necessidade de pedir desculpas.”

O que teria Jeová feito imediatamente perante tal insolência? Não é evidente que um raio teria caído do céu para reduzir Arão a cinzas num instante? Se Arão se tivesse atrevido a proferir uma mentira tão blasfema, a sua execução teria sido imediata.

Como demonstrei, vocês agiram de uma forma tristemente semelhante à de Arão com o seu bezerro de ouro, mas a vossa falta ultrapassa a dele. Com efeito, não só se recusam a reconhecer os vossos erros, como ainda atribuem as consequências dramáticas das vossas escolhas aos decretos de Deus. Como é possível que lancem a culpa sobre o Criador pelas vossas próprias falhas a fim de se esquivarem às vossas responsabilidades? Será que a vossa arrogância se tornou tão grande que estão dispostos a levar Deus a julgamento? Esqueceram-se das palavras do cântico que Jeová pediu ao seu povo para cantar?

Deuteronómio 32:3-5

«Pois declararei o nome de Jeová. Falem sobre a grandeza do nosso Deus! A Rocha — tudo o que ele faz é perfeito, Pois todos os seus caminhos são justos. Deus de fidelidade, que nunca é injusto; Justo e reto é ele. Eles é que agiram corruptamente; Não são seus filhos, o defeito é deles. São uma geração pervertida e corrompida!»

Vocês “declararam a grandeza do nosso Deus” ou culparam-no pelas vossas próprias falhas?

Atrevem-se a comparar a “ação perfeita de Deus” ao oscilar de uma lâmpada defeituosa prestes a apagar-se?

Exaltam o “Deus de fidelidade” ao atreverem-se a afirmar que a morte e a doença sofridas por muitos irmãos resultavam da Sua vontade divina, sob o pretexto de que a ordem para se vacinarem emanava d’Ele?

À luz deste cântico, quem são realmente aqueles “que agiram de modo arruinado”?

Para destacar o perigo de tal postura, proponho-vos outro exemplo histórico. Lembra-se do que aconteceu ao rei Herodes quando proferiu um discurso retumbante perante a multidão? A Escritura relata o evento nestes termos:

Atos 12:21-23

«Num determinado dia, Herodes vestiu a roupa real, sentou-

se no tribunal e começou a fazer um discurso público. Assim, o povo que estava reunido começou a gritar: “É a voz de um deus e não de um homem!” Instantaneamente, o anjo de Jeová feriu-o, porque ele não deu glória a Deus. E ele morreu comido por vermes.»

Notem que Herodes “não deu a glória a Deus”, e foi exatamente por essa razão que um anjo de Jeová o feriu. No vosso caso, vocês foram ainda mais longe. Não só se recusam a dar a Deus a glória e a honra que Ele merece, como também lançam a inteira responsabilidade das vossas próprias faltas sobre Ele. E como se essa transferência de culpa não bastasse, afirmam publicamente não ver nenhuma necessidade de “sentir vergonha ou de pedir desculpas”, sob o pretexto de que tudo resultava da vontade divina.

Tal atitude não demonstra que os vossos raciocínios se tornaram totalmente distorcidos? Não se estão a colocar numa situação muito mais alarmante do que a de Herodes? O que vos deveria ensinar o facto de Jeová ter executado esse rei por uma falha muito menor do que os desvios que vocês tentam hoje justificar?

Poderia multiplicar os exemplos, de tão claramente que a Bíblia expõe a posição correta a adotar em matéria de responsabilidade espiritual. Para o ilustrar mais uma vez, lembrem-se do que Adão respondeu quando Deus o chamou a prestar contas após o seu pecado:

Génesis 3:12

«O homem disse: “A mulher que me deste para estar comigo, foi ela que me deu do fruto da árvore, por isso, comi.”»

Adão tentou covardemente lançar a culpa sobre Deus pelo seu próprio pecado, censurando-o por lhe ter dado Eva!

Hoje, nós dizemos-vos:

“Muitos irmãos morreram e foram cruelmente afetados pelas vossas instruções. Vocês partiram muitos vasos e objetos de grande valor.”

E a vossa resposta resume-se, em última análise, a declarar:

“Nós não somos responsáveis. A luz que Jeová nos concedeu não nos permitia ver mais longe do que aquilo que vimos.”

Como se atrevem a fazer Jeová carregar a responsabilidade dos vossos próprios desvios? Não se dão conta de que estão a moldar a vossa atitude pela de Adão?

Consideram que teria sido necessário que um anjo descesse do céu para vos dar a entender que era desarrazoado recomendar tal vacinação? Ou esperavam que o próprio Jesus Cristo deixasse o seu trono celestial para vos vir explicar isso em pessoa?

Irmãos, esta obstinação ganha uma ressonância particularmente grave à luz dos ensinamentos que Jesus ministrou na parábola do homem rico e de Lázaro. Enquanto se encontra em tormentos simbólicos, esse homem rico suplica a Abraão nestes termos:

Lucas 16:27-31

«Por sua vez, o rico disse: ‘Nesse caso, peço-te, pai, que o envies à casa do meu pai, pois tenho cinco irmãos. Deixa que ele os avise, para que não venham também para este lugar de tormento.’ Contudo, Abraão disse: ‘Eles têm Moisés e os Profetas. Que os escutem.’ E ele respondeu: ‘Não, pai Abraão! Se alguém dentre os mortos for ter com eles, eles vão arrepender-se.’ Porém, Abraão disse-lhe: ‘Se eles não escutam Moisés nem os Profetas, não serão persuadidos nem mesmo se alguém se levantar dentre os mortos.’»

Era, assim, fundamental compreender que, se esses homens se mostrassem incapazes de escutar “Moisés e os Profetas” — ou seja, a Lei escrita —, nenhum milagre, nem mesmo uma ressurreição, conseguiria convencê-los.

É exatamente isso o que acontece no vosso caso. Vocês ignoraram deliberadamente “Moisés e os Profetas”, colocando de parte as Escrituras, e recusaram-se a ouvir os avisos de todos os que tentaram alertar-vos. Por conseguinte, alegar que Jeová é o autor dessas reviravoltas é uma postura imperdoável: isso equivale, no plano espiritual, a rejeitar a clareza de um milagre divino e a própria autoridade de Jesus Cristo ressuscitado.

Torna-se agora evidente que toda a argumentação desenvolvida pelo irmão Winder tem um único objetivo: legitimar a vossa recusa sistemática em pedir desculpas quando mudam de opinião ou cometem um erro. Ao agirem dessa forma, vocês contradizem frontalmente os

preceitos e os ensinamentos de Jesus, reproduzindo a atitude que Pedro e João no passado denunciaram.

Já o demonstrei, mas é indispensável reiterá-lo para sublinhar todo o seu alcance: Jesus declarou:

Mateus 5:23, 24

«Portanto, se lewares a tua dádiva ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem algo contra ti, deixa a tua dádiva em frente ao altar e vai. Faz primeiro as pazes com o teu irmão e, então, volta e oferece a tua dádiva.»

Como demonstrei, Jesus não só ordena que se perdoe, mas impõe também um passo ativo de arrependimento e de reconciliação. Ele especifica inclusive que esse passo deve preceder imperativamente a apresentação de qualquer “dádiva a Deus”. Isto prova, sem margem para dúvidas, que o Cristo transformou o pedido de perdão numa obrigação fundamental para quem deseja adorar a Deus de modo aceitável.

Ora, pelo raciocínio falacioso proposto pelo irmão Winder, as ordens explícitas de Jesus Cristo são esvaziadas do seu sentido e anuladas. Tenta-se justificar a ausência de remorsos e a recusa em pedir desculpas pelo dano causado, o que colide frontalmente com a autoridade do nosso Senhor. Por que razão se recusam a admitir que a responsabilidade por estes desvios vos cabe a vocês, e tão-somente a vocês? Por que razão se recusam a “fazer a paz” com os milhares de irmãos e irmãs que feriram profundamente com as vossas diretrizes contrárias às Escrituras?

É então que Jeffrey Winder declara:

«Os irmãos fazem o melhor que podem, com o que têm e com o que entendem no momento, mas ficam felizes quando Jeová acha necessário corrigir as coisas, de poder transmitir isso à família de irmãos.

E quando isso acontece, é porque é o momento escolhido por Jeová; nós entendemos isso e aceitamos de muito boa vontade.»

A vós pedem realmente tudo o que podem “com o que têm”? É uma mentira absoluta e de uma flagrância total. Vocês dispunham de uma multidão de informações factuais e espirituais que demonstravam que

não se devia impor essa vacinação, e escolheram ignorá-las. Irmãos do mundo inteiro enviaram-vos cartas detalhando minuciosamente os princípios bíblicos em jogo; vocês não as levaram em conta. Jeová não decidiu subitamente “corrigir” seja o que for hoje: as suas normas eram claras desde o primeiro dia. Foram vocês que se rebelaram contra a Palavra de Deus, contra os princípios registados nas nossas próprias publicações e contra os avisos dos vossos companheiros cristãos, a fim de se curvarem às exigências da “fera selvagem”.

Atrevem-se a sugerir que Jeová achou necessário “pôr as coisas em ordem” e que vocês se limitaram a submeter-se a isso com humildade?

A vossa manobra visa convencer a congregação da vossa irrepreensibilidade, nem que para isso os irmãos venham a desconfiar de Deus e a contestar a Sua justiça. O facto de muitas publicações recentes baterem na mesma tecla quanto a essa narrativa prova que vocês estão perfeitamente conscientes da profunda perturbação e dos estragos que causaram durante a crise sanitária.

Ao escutar essa intervenção do irmão Winder, a evocação bíblica do “homem que é contra a lei” (ou “o homem do que é contra a lei”) veio-me imediatamente à mente. Sem entrar aqui numa análise profética da sua identidade global, desejo destacar algumas das suas características fundamentais, a fim de alertar contra a sua ressurgência no nosso próprio comportamento.

Depois de exortar os tessalonicenses a não se deixarem extraviar por falsas declarações ou por supostas cartas inspiradas a respeito do dia de Jeová, o apóstolo Paulo escreve:

2 Tessalonicenses 2:3-5

«Que ninguém vos desencaminhe, de maneira nenhuma, porque esse dia não virá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem que é contra a lei, o filho da destruição. Ele é um opositor e exalta-se acima de tudo o que se chama deus ou que é objeto de adoração, de modo que se sinta no templo de Deus, exibindo-se como um deus. Não se lembram de que, quando eu ainda estava convosco, costumava dizer-vos estas coisas?»

O “homem que é contra a lei” é descrito aqui como estando sentado no “templo de Deus”.

De que templo se trata? Na sua primeira carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo aclara essa noção ao escrever:

1 Coríntios 3:16, 17

«Vocês não sabem que são templo de Deus e que o espírito de Deus mora em vocês? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus irá destruí-lo; pois o templo de Deus é santo, e vocês são esse templo.»

Parece, portanto, evidente que este “homem que é contra a lei” está sentado no próprio coração da congregação de Cristo, fazendo-se passar por um deus e elevando-se acima de tudo o que é digno de respeito ou de adoração.

Prezados irmãos, vocês não podem negar que desafiaram abertamente a lei de Jeová e que se instalaram de forma absoluta à frente da congregação. Vocês exigem, de facto, que cada uma das vossas diretrizes seja aplicada por todos, sem a menor hesitação nem a menor dúvida. Pior ainda, durante a pandemia, imiscuíram-se acima da consciência individual dos cristãos, constrangendo-os a agir contra as suas convicções profundas para obedecerem apenas aos vossos decretos. Exigir tal submissão cega equivale precisamente a apresentar-se “como um deus”, reclamando para vocês mesmos a obediência exclusiva que só devemos a Jeová.

Além disso, colocam-se acima do nosso próprio Deus ao atreverem-se a imputar-lhe a responsabilidade pelas vossas próprias faltas a fim de se esquivarem ao dever de as reconhecer, tudo isto invocando essa teoria indefensável da “lâmpada oscilante”.

Será que a vossa pretensão à “divindade” se tornou tão imensa que estão dispostos a rebaixar a reputação de Jeová para preservar a vossa própria autoridade? Será que a vossa arrogância é a tal ponto desmedida que escolhem fazer o Criador do universo carregar o peso dos vossos pecados?

Vocês deveriam meditar muito seriamente no aviso que o profeta Obadias dirigiu a Edom:

Obadias 1:3, 4

«A arrogância do teu coração enganou-te, Tu, que resides nos refúgios do rochedo, Que moras nas alturas, que dizes no teu coração: ‘Quem é que me fará descer para a terra?’

Mesmo que fizesses a tua morada no alto como a águia, Ou que colocasses o teu ninho entre as estrelas, Eu fazia-te descer de lá”, diz Jeová.»

A autossuficiência e a complacência espiritual são armadilhas temíveis que Jeová abomina, como atesta a totalidade das Escrituras Sagradas. Estou convencido de que recusariam categoricamente que se pudesse identificar a vossa atitude com a do “homem que é contra a lei”; cabe-vos, portanto, corrigir esses erros sem mais demoras, a fim de afastar definitivamente tal condenação.

Infelizmente, esta lamentável tendência para se autojustificarem e ocultarem o pecado não é um facto isolado, mas sim uma postura que se repete de forma sistémica. Para fazer disso uma demonstração cabal, desejo examinar um trecho do discurso intitulado “Um problema e uma solução”, proferido por Edward Aljian. A sua intervenção constitui, a este respeito, uma ilustração perfeita desta deriva.



https://www.jw.org/finder?srcid=share&wtlocale=TPO&lank=pub-jwb-113_6_VIDEO

Se o link acima não funcionar: <https://ody.sh/umjQE5VkcW>

Este discurso, transmitido no programa de junho de 2024, foi proferido por ocasião da graduação da 155.ª turma da Escola de Gileade. Nele é explicado que, quando recebemos instruções que descontentam a nossa lógica, persistir em agir de forma diferente torna-se um problema espiritual grave. Segundo estas palavras, devemos aderir plenamente, e até no mais íntimo de nós mesmos, às novas diretrizes.

Sendo assim, o que convém fazer segundo este discurso se surgirem dúvidas quanto às instruções recebidas? Eis um resumo das ideias principais:

- Considerar que a mudança emana de Jeová, aceitando que Ele é o seu único iniciador.
- Abster-se de qualquer queixa ou crítica relativamente aos reajustamentos e às novas orientações.
- Romper o apego aos métodos antigos para transferir a fidelidade exclusiva para as instruções atuais. Mesmo sem compreender os seus fundamentos, a obediência deve ser imediata e incondicional.

Torna-se flagrante que o objetivo procurado é aniquilar toda e qualquer contestação perante as vossas decisões. Exigem dos irmãos e irmãs uma submissão cega, instrumentalizando a autoridade divina para a legitimar.

Para testar a validade dessa lógica, é legítimo perguntar: o que aconteceu aos irmãos que, sem compreenderem por que razão abandonavam o princípio da neutralidade ao recomendarem a vacinação, acabaram por ceder às vossas imposições? Estarão tranquilos hoje perante essa decisão que lhes impuseram?

Infelizmente, um grande número daqueles que vos concederam essa obediência absoluta que tanto exigem encontram-se hoje atingidos pela doença ou perderam a vida.

Os conceitos que desenvolvem aqui para impor uma disciplina cega revelam-se extremamente perigosos, e demonstrarei em seguida até que ponto Jeová os rejeita.

Para consolidar a ideia de que é proibido colocar-vos em causa, o irmão Aljian recorre a uma ilustração particularmente embaraçosa, que diz muito sobre o vosso estado de espírito. Eis as suas palavras ao minuto 08:38:

«É uma ilustração que ouvi há vários anos, numa graduação de Gileade. Interessante, não?

Um dos vossos instrutores falou daqueles velhos barcos a vapor que funcionam a carvão. No topo estão o capitão e a tripulação, lá em baixo estão homens que apanham sem

parar carvão com a pá para a caldeira do barco, mas imaginem que um desses homens pousava a pá no chão e ia ter com um colega para lhe dizer: ‘ei, estou enganado ou o barco começa a virar à esquerda? Isso parece-me um bocado estranho, não? Normalmente, aqui, devíamos continuar a ir em frente e não devíamos mudar de direção; pergunto-me se o capitão sabe realmente o que está a fazer. Sabes que mais, vou lá acima dizer-lhe duas palavras.’

Nesse momento do discurso, o orador parou de contar a sua história, simplesmente aproximou-se do microfone e disse: ‘trata lá do carvão!’

Grandes risos...

Isso somos você e eu, não é? Você e eu tratamos do carvão, estamos ocupados a fazer o trabalho que Jeová nos pediu para fazer, é nisso que estamos concentrados, deixamos Jeová tratar de Isaías 60:17, o cobre, o ouro, a prata. Nós tratamos do carvão mantendo-nos empenhados e bem ocupados nas atividades espirituais.

Portanto, enquanto Jeová conduz o barco que é a sua organização, ele também nos conduzirá ao estado de espírito correto, ajudará a cultivar o contentamento e a adaptarmo-nos à mais maravilhosa das mudanças: passar deste mundo para a vida no novo mundo.»

Esta ilustração do “barco a vapor” é bastante estarrecedora e revela sem qualquer equívoco o fundo do vosso pensamento, sejam quais forem os vossos discursos. Nesta metáfora, vocês ocupam o papel de “capitão” do navio, instalado no convés superior, enquanto nós somos relegados para o porão escuro, ao lado da caldeira, a “apanhar carvão com a pá”.

O exemplo colocado em cena é o seguinte: um fogueiro da caldeira “deixa cair a pá” e começa a “pensar” que o “capitão” está a seguir o caminho errado. Esse operário tem a audácia incrível de se retirar do porão sufocante, ultrapassa a “barreira proibida” e sobe ao topo do navio para interpelar o “capitão” sobre o que considera ser uma má trajetória.

O irmão interrompe então a sua narrativa para lançar num tom sarcástico: “Trata mas é do carvão”, desencadeando os risos de todo o auditório. Contudo, todos sabem que não se trata de uma brincadeira: as suas palavras são de uma seriedade absoluta. Longe de rir, deveríamos antes chorar ao ouvir tal discurso.

A mensagem é cristalina: o operário não tem de pensar, deve simplesmente “atirar o carvão” e deixar fazer aqueles que pretendem saber dirigir o navio.

Quem é esse capitão segundo vocês? Trata-se de Jeová ou de Jesus Cristo? Certamente que não. Se eles estivessem ao leme, a questão de subir ao convés para contestar as suas diretrizes nem sequer se colocaria. É evidente que esse “capitão” vos representa diretamente e que esse “barco a vapor” designa a nossa organização.

A prova disso é que a fórmula empregada pelo orador — “Pergunto-me se o capitão sabe realmente o que está a fazer” — é quase palavra por palavra a que o irmão Splane utilizava no relatório do Corpo Governante n.º 9 de 2021, ao minuto 4:08. O irmão Splane repreendia aí severamente os irmãos que se atreviam a colocar em causa as diretrizes do Corpo Governante relativamente à promoção da vacina.

«Alguém poderia dizer: ‘Será que eles sabem realmente do que estão a falar?’ Mas, no fundo, será que a verdadeira questão não é antes: ‘Será que Jeová sabe do que está a falar?’

Para dizer as coisas de outra forma: ‘Será que acredito mesmo que Jeová dirige a nossa organização? Estou convencido de que Jeová torna os seus servos perspicazes, para que permaneçam na “terra dos vivos”?’»

É, portanto, absolutamente evidente que, na vossa mente, vocês são os “capitães” incontestados da organização. Segundo essa lógica, quem quer que se atreva a interrogar-vos está, na realidade, a interrogar o próprio Jeová, sob o pretexto de que seriam guiados por Ele e dotados de uma “perspicácia” quase divina.

Esta ilustração do “barco a vapor” demonstra sem ambiguidade a alta opinião que têm de vós mesmos e aquilo que ensinam: consideram-se acima de todos os outros irmãos, instalados no “passadiço de

comando”, e estimam que TODOS nós vos devemos obedecer cegamente, sem nunca emitir a menor dúvida.

A ideia que veiculam é que vos É MUITO INCÓMODO que alguém vindo do “porão escuro” venha assinalar-vos um erro. Recusam-se a ouvi-lo, considerando que ele deveria antes limitar-se ao seu trabalho “no carvão”. A vós apenas pertenceria a “perspicácia”, ao passo que nós, os restantes, só seríamos bons para executar as tarefas sem começar a pensar.

Para dar um exemplo concreto: eu próprio saí desse “porão escuro” subindo a “escada proibida” até vós, no “convés”, a fim de vos assinalar “um erro na vossa direção perspicaz”. O que tencionam fazer de mim? Vão mandar-me à força de volta para a cave para continuar a apanhar carvão com a pá, ou vão pura e simplesmente atirar-me ao mar para me entregar aos tubarões?

Irmãos, não só seguiram o caminho errado, como provocaram um verdadeiro “naufrágio”. O navio apresenta agora uma brecha terrível no casco e a água entra a rodos. Em vez de demonstrarem tal arrogância, por que não descem do vosso pedestal para começar a tapar o buraco que vocês mesmos causaram?

O verdadeiro capitão deste navio em aflição é Jesus Cristo. Vocês não são de modo algum os capitães; são apenas marinheiros, ao mesmo título que todos nós.

Lembram-se do que o Cristo declarou a respeito dos fariseus e da posição que os seus discípulos deveriam adotar?

Mateus 23:6-12

«Gostam do lugar mais destacado nos banquetes, dos primeiros assentos nas sinagogas, dos cumprimentos nas praças públicas e de serem chamados ‘Rabi’ pelos homens. Mas vocês não sejam chamados ‘Rabi’, pois um só é o vosso Instrutor, e todos vocês são irmãos. Além disso, não chamem a ninguém na terra vosso pai, pois um só é o vosso Pai, o celestial. Nem sejam chamados líderes, pois o vosso Líder é um só, o Cristo. Porém, o maior entre vocês tem de ser o vosso servo. Quem se enaltecer será humilhado, e quem se humilhar será enaltecido.»

Jesus Cristo indicou claramente que os fariseus amavam e procuravam ser chamados “Instrutor”, “Pai” ou “Líder”. O termo “capitão” insere-se exatamente na mesma lógica. O que pensam disso? Jesus proibiu formalmente os seus discípulos de se deixarem elevar por títulos como “líder” ou “instrutor”, pois atribuir-se tais distinções equivale a usurpar o lugar exclusivo que pertence apenas ao Filho de Deus.

Sendo assim, estão a glorificar-se ou a humilhar-se ao retratarem-se como “os capitães do navio”? Ao ensinarem que Jeová só concede a sua perspicácia ao vosso grupo exclusivo e que o resto de nós se deve contentar em “apanhar carvão com a pá”, não estão precisamente a insinuar que são os nossos mestres e os nossos líderes?

Retorquirão certamente que esta metáfora emana do irmão Aljian e não de vós, mas esse argumento não colhe. Este irmão colabora estreitamente convosco e conhece perfeitamente a vossa linha de pensamento. Além disso, trabalha no Departamento de Redação e possui uma longa experiência em discursos oficiais. Nunca teria avançado tais conceitos sem a vossa inteira aprovação.

Jesus ordenou, contudo: “Tão-pouco sejais chamados líderes”. Se o irmão Aljian estava a seguir o caminho errado, por que razão não o corrigiram? Se este discurso constituía um deslize, por que razão o integraram e transmitiram no programa oficial do JW Broadcasting para que a totalidade dos irmãos o recebesse?

Perante tal exaltação humana, não deveriam ter reagido com a mesma firmeza que o anjo do Revelação, que recusou categoricamente receber uma glória indevida?

Apocalipse 22:8, 9

«Era eu, João, que ouvia e via estas coisas. Quando as ouvi e vi, prostrei-me aos pés do anjo que me tinha mostrado estas coisas, para adorá-lo. Contudo, ele disse-me: “Cuidado! Não faças isso! Sou apenas um coescravo teu e dos teus irmãos, os profetas, e dos que obedecem às palavras deste rolo. Adora a Deus.”»

Não deveriam ter-se lembrado de Pedro e imitá-lo?

Atos 10:25, 26

«Quando Pedro entrou, Cornélio foi ao seu encontro, prostrou-se aos seus pés e prestou-lhe homenagem. 26

Todavia, Pedro levantou-o, dizendo: “Levanta-te! Eu também sou apenas um homem.”»

Não deveriam ter refletido no que Paulo e Barnabé fizeram e imitá-los?

Atos 14:11-16

«Quando as multidões viram o que Paulo tinha feito, gritaram na língua licaónica: “Os deuses desceram até nós em forma humana!” Eles começaram a chamar Zeus a Barnabé e Hermes a Paulo, pois era ele que lhes dirigia a palavra. O sacerdote de Zeus, cujo templo ficava na entrada da cidade, levou touros e grinaldas até aos portões, e queria oferecer sacrifícios com as multidões. Quando os apóstolos Barnabé e Paulo souberam disso, rasgaram as suas roupas, correram para o meio da multidão e gritaram: “Homens, porque é que estão a fazer isto? Nós também somos humanos e temos as mesmas fraquezas que vocês. E estamos a declarar-vos as boas novas para que abandonem estas coisas vãs e se convertam ao Deus vivente, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que há neles. Em gerações passadas, ele permitiu que todas as nações andassem nos seus próprios caminhos,»

Se pessoas ou irmãos nos colocam num pedestal que não nos cabe, temos o dever imperativo de os corrigir. Deveríamos, à imagem dos apóstolos, “rasgar as nossas vestes” e “correr para o meio da multidão” para pôr fim a essa deriva.

Por que razão não agem assim?

Se admitem ser imperfeitos e capazes de cometer erros como qualquer pessoa, por que razão NUNCA pedem perdão, como qualquer pessoa? Recusar reconhecer os próprios erros é uma manifestação inequívoca de orgulho, e as Escrituras lembram que Jeová detesta a arrogância.

O que teria pensado Jesus Cristo se o anjo tivesse declarado isto a João: “É errado da sua parte ajoelhar-se, mas é muito sábio em reconhecer a minha posição particular, excecional e única perante Deus, como intermediário entre si e Ele”?

O que teria pensado Jesus Cristo se Pedro tivesse dito isto a Cornélio: “Não se curve porque Deus não aprova isso, mas felicito-o por admitir

que não estamos ao mesmo nível e que fui escolhido por Jesus Cristo para deter as chaves do Reino; é excelente que reconheça isso”?

O que teria pensado Jesus Cristo se Paulo e Barnabé tivessem lançado à multidão: “Somos humanos, mas visto que somos guiados por Deus, detemos a autoridade e vocês devem obedecer-nos cegamente”?

É evidente que se estes servos do passado tivessem tido atitudes tão desrespeitosas, teriam demonstrado uma falsa humildade. As suas palavras teriam revelado uma profunda alteração das suas motivações espirituais.

Contudo, prezados irmãos, é precisamente este tipo de duplo comportamento que adotam regularmente. Por um lado, formulam declarações oficiais para dar a impressão de que recusam qualquer forma de veneração; por outro, exigem que a totalidade dos irmãos vos obedeça sem nunca contestar as vossas decisões, ao mesmo tempo que se abstêm sistematicamente de apresentar desculpas. Esta atitude trai um “coração dividido”, uma postura extremamente perigosa quando se sabe que Jeová exige um “coração pleno”.

O livro de Provérbios ensina-nos o seguinte:

Provérbios 6:16-19

«Há seis coisas que Jeová odeia, Sim, sete coisas que ele detesta: Olhos arrogantes, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, O coração que planeia tramas perversas, pés que correm rapidamente para a maldade, A testemunha falsa que só diz mentiras E todo aquele que semeia discórdias entre irmãos.»

Aqui está a tradução adaptada para o contexto e o vocabulário das Testemunhas de Jeová em português (com a pontuação e os termos bíblicos específicos, como *relatório do Corpo Governante*, *irmãos*, *fera*, etc.) :

Aqui vemos como a arrogância está intimamente ligada a outros pecados. É mencionado em primeiro lugar que Jeová odeia os “olhos altivos”. O que pode nos levar a demonstrar esses “olhos altivos”? É precisamente o orgulho e a teimosia que nos impedem de admitir nossos erros, o que só faz piorar a situação.

Pensem em tudo o que a sua arrogância gerou durante aqueles desastrosos relatórios do Corpo Governante promovendo a vacinação:

Uma “língua mentirosa”: Vocês enganaram os irmãos, fazendo-os acreditar que Jeová estava inspirando suas diretrizes de promoção da vacina, e persistem em não reconhecer isso.

“Mãos que derramam sangue inocente”: Muitas pessoas inocentes, hoje falecidas ou condenadas pelo câncer e por outras doenças, não deveriam terminar a vida assim. Elas nunca teriam aceitado essa vacina se vocês não as tivessem induzido ao erro.

“Um coração que trama projetos prejudiciais”: Vocês alteraram o sentido das Escrituras para apoiar a vacinação, pervertendo a verdade bíblica de maneira grotesca.

“Uma testemunha falsa que profere mentiras”: Não foi apenas uma, mas várias supostas “Testemunhas de Jeová” que destilaram mentiras em cada relatório do Corpo Governante favorável à vacina. Mais do que dar testemunho de Jeová, essas intervenções atuavam como porta-vozes da OMS.

“Pés que se apressam para correr para o mal”: Cada relatório do Corpo Governante era pior e mais distorcido do que o anterior, como degraus de uma escada que descem para um subsolo cada vez mais escuro. Por que vocês não pararam para refletir em suas ações? Por que ignoraram aqueles que apontavam seus erros?

“Aquele que semeia discórdias entre irmãos”: Isso envolve qualquer pessoa, desde o mais humilde até o mais elevado dentro da assembleia. Alegar que vocês não semearam a divisão ao abandonar a posição bíblica de neutralidade é uma pura mentira.

Fica bem claro que Jeová detesta tudo o que vocês produziram nesses discursos, fruto de uma falta cruel de humildade. É verdade que todos cometemos erros, mas o homem humilde se apressa em corrigi-los. O arrogante, por sua vez, recusa o ajuste, o que leva inevitavelmente ao desastre; foi exatamente isso o que aconteceu.

A Bíblia está repleta de versículos que alertam contra o enaltecimento próprio. É, portanto, incompreensível que vocês persistam em se colocar como “capitães do navio” acima de qualquer contestação.

Por que vocês levaram esse navio ao naufrágio? Porque, em vez de seguir os mapas marítimos de Jeová, adotaram os da “fera”, desprezando as ordens do verdadeiro Comandante e optando por lançar ao mar aqueles que ousavam usar a “escada proibida”.

Essa metáfora do barco a vapor prova que vocês exigem uma submissão que pertence de direito apenas a Deus e a Cristo. Somente eles são perfeitos e isentos de erros, e é por essa razão que a Bíblia declara a respeito dos fiéis discípulos de Cristo:

Apocalipse 14:4

«Estes são os que não se contaminaram com mulheres; de facto, são virgens. Estes são os que estão a seguir o Cordeiro para onde quer que ele vá. Foram comprados dentre a humanidade como primícias para Deus e para o Cordeiro,»

Aqui está a continuação traduzida para o português, mantendo a linguagem adaptada ao contexto:

Fica bem claro ali que uma das características mais marcantes dos fiéis servos de Deus é seguir o Cordeiro para onde quer que ele vá. No entanto, por meio de seus ensinamentos, vocês reescreveram esse texto para impor a ideia de que agora é preciso seguir a vocês para onde quer que vocês vão.

Esse texto, que nunca foi colocado no papel, mas que vocês gravaram na mente e no coração de muitos irmãos, declara na realidade o seguinte:

Apocalipse 14:4 (revisado)

«Estes são os que não se poluíram com mulheres; de fato, são virgens. Estes são os que continuam a seguir o Corpo Governante para onde quer que ele vá. Estes foram comprados dentre a humanidade como primícias para Deus e para o Cordeiro,»

Por que vocês se colocam no lugar do Cordeiro e exigem o que pertence somente a ele? Jesus Cristo nunca comete erros, ao passo que se tornou inegável, ao longo da pandemia, que vocês erraram gravemente, como demonstrei neste livro.

Queridos irmãos, vou lhes dizer as coisas francamente, e espero que não se sintam ofendidos, pois minha intenção não é feri-los. Quando ouvi o discurso de Jeffrey Winder e notei que vocês lançavam a inteira responsabilidade de seus próprios erros sobre Jeová, compreendi, irmãos, que vocês estavam golpeados pela “cegueira”.

Mais uma vez, isso não é um insulto, mas apenas uma pessoa “cega” pode se obstinar, como vocês fazem, em exigir que os outros a sigam

sem a menor hesitação, quando está claro aos olhos de todos que cometeu uma falta de imensa gravidade.

Apenas uma pessoa “cega” se recusa a pedir perdão após ter pecado, desviando-se assim do que declara a primeira carta de João, chegando ao ponto de colocar a culpa em Deus e arquitetar raciocínios absurdos para evitar a vergonha ou o arrependimento.

Está claro que vocês precisam de ajuda espiritual com máxima urgência. Jesus Cristo dirigiria a vocês hoje exatamente as mesmas palavras que dirigiu à congregação de Laodiceia:

Apocalipse 3:17, 18

«Visto que dizes: “Sou rico, adquiri riquezas e não preciso de nada”, mas não sabes que és miserável, coitado, pobre, cego e nu, aconselho-te a comprares de mim ouro refinado pelo fogo, para que fiques rico; vestes brancas, para que fiques vestido e para que não se exponha a vergonha da tua nudez; e colírio para aplicares nos olhos, a fim de que possas ver.»

A sua “nudez” e a sua “cegueira”, como mencionadas nesse versículo, ficaram totalmente evidentes através de cada uma de suas decisões relativas à vacinação.

Queridos irmãos do Corpo Governante, o fato de vocês apresentarem falhas tão grandes coloca em imenso perigo toda a congregação, pois Jesus também nos deu este aviso:

Lucas 6:39

«Então, contou-lhes também uma ilustração: “Será que um cego pode guiar outro cego? Não cairão ambos num buraco?»

Se vocês não discernem verdades tão fundamentais quanto as que acabo de expor, como podem pretender guiar os outros? Onde terminarão, então, aqueles que continuam a se deixar dirigir por vocês?

A resposta é evidente: “Não cairão ambos num buraco?”

Foi precisamente essa constatação que me levou a pegar na pena e a escrever este livro, de tão evidente que se tornou o fato de vocês se recusarem a reconhecer o seu pecado. Os conceitos contrários às Escrituras que vocês propagam, combinados com a sua total falta de

arrependimento pelas faltas cometidas durante a pandemia, tornam indispensável e urgente a formação de uma comissão judicativa para analisar o conjunto dessas falhas.

Veja no Apêndice 4 a comissão judicativa que ocorreu em 14 de julho de 2025.

EFEITO SOBRE OS IRMÃOS E IRMÃS

É salutar analisar o impacto psicológico e espiritual que os discursos de Jeffrey Winder mencionados anteriormente podem ter tido sobre muitos irmãos e irmãs.

Tomemos o caso de um irmão que, no início da pandemia, recusava a vacinação por uma desconfiança legítima em relação à indústria farmacêutica e aos seus produtos. Apesar da pressão crescente de vários boletins de notícias, ele se mantém firme. No entanto, após a transmissão dos relatórios do Corpo Governante 10-2021 e 1-2022, ele acaba cedendo. Essas comunicações insistiam fortemente na necessidade de vacinar-se, baseando-se em depoimentos apresentados como exemplares.

Esse irmão escolhe, então, silenciar suas dúvidas profundas, convencido de que Jeová exige a sua submissão e a de sua família. Para superar suas reticências, ele repete para si mesmo incansavelmente:

“O ‘escravo fiel’ nos guia e nos protege, é preciso obedecer mesmo sem entender.” “Esse escravo certamente analisou a questão muito mais a fundo do que eu.” “Devo demonstrar minha fé obedecendo às instruções de Jeová, mesmo que a lógica me escape.” “Jeová não permitirá que um mal nos aconteça enquanto seguimos os seus representantes; eles nos deram essa garantia.”

Ele decide, portanto, tomar o produto, assim como toda a sua família. Poucos dias depois, a tragédia acontece: um de seus filhos morre subitamente de uma parada cardíaca durante um treino esportivo. Pouco depois, sua esposa desenvolve um câncer fulminante. Para completar, ele próprio nota distúrbios cardíacos inéditos que afetam sua saúde.

Devastado, esse irmão começa a fazer pesquisas aprofundadas. Ele descobre com amargura a existência de dados confiáveis que alertavam sobre os riscos dessas terapias experimentais, informações que, no entanto, estavam acessíveis.

Perguntas obsessivas o assaltam: por que vocês exigiram uma confiança exclusiva em suas diretrizes, ao mesmo tempo em que proibiam que as pessoas se informassem em outros lugares? Como vocês puderam agir com tanta leviandade? Ao se aprofundar, ele chega à conclusão de que

princípios bíblicos cardinais foram sacrificados para obter o favor do sistema.

O que sente esse irmão quando ouve vocês hoje dando lições de modéstia ao proibir a recomendação de escolhas médicas?

O que ele sente quando vocês afirmam não sentir necessidade de se arrepender, nem o menor sentimento de vergonha após os seus erros?

O que ele sente quando vocês persistem em pretender que as instruções sanitárias da época eram excelentes e ditadas por Jeová?

Está claro que um homem assim fica sobrecarregado pela angústia, pelo ressentimento e pela revolta diante do prejuízo causado à sua família, atônito com a insensibilidade de vocês.

Membros do Corpo Governante, vocês não deveriam apresentar desculpas públicas pela pressão exercida e reconhecer as suas falhas, em vez de se enclausurarem na negação?

O próprio Jesus declarou a esse respeito:

Mateus 5:23-26

«Portanto, se lebares a tua dádiva ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem algo contra ti, deixa a tua dádiva em frente ao altar e vai. Faz primeiro as pazes com o teu irmão e, então, volta e oferece a tua dádiva. “Resolve rapidamente as questões com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho do tribunal, para que não aconteça que o teu adversário te entregue ao juiz, e o juiz ao oficial de justiça, e tu sejas mandado para a prisão. Digo-te categoricamente: De modo algum sairás de lá até pagares a tua última pequena moeda.»

Quantos irmãos e irmãs podem hoje acusar vocês de lhes ter causado um prejuízo imenso por meio de diretrizes irresponsáveis? Sem dúvida NORMES MILHÕES.

No entanto, Cristo foi de uma clareza absoluta: se um único “irmão” tem um motivo de queixa contra nós, devemos interromper tudo para resolver essa questão imediatamente, antes de sermos levados perante o “juiz”. O que ele lhes dirá, então, quando vir as milhões de acusações legítimas apresentadas contra vocês no Dia do Julgamento? Vocês podem esperar escapar se se recusarem a se arrepender AGORA? Não deveriam dar prioridade absoluta a esse drama humano em vez de

perder um tempo precioso legislando sobre detalhes fúteis como o uso de calças pelas irmãs ou o uso da barba pelos irmãos?

É verdade que a imperfeição humana faz com que todos cometamos erros. No entanto, quando uma falta é trazida à luz e a pessoa persiste obstinadamente nesse caminho errado, a culpa se torna esmagadora.

Jesus também declarou:

Mateus 5:40

«E, se alguém te quiser levar perante o tribunal para te tirar a túnica, deixa-o ficar também com a tua capa.»

Para preservar a paz, deveríamos estar dispostos a abrir mão de muitas coisas, como Jesus ensinou. No caso presente, ninguém está exigindo as suas “roupas” ou os seus “mantos”; tudo o que pedimos é que vocês demonstrem arrependimento e apresentem desculpas sinceras.

Se, segundo os critérios de Cristo, devemos estar dispostos a abandonar bens preciosos para restabelecer a paz, é pedir demais que vocês pronunciem estas palavras: “Nós nunca deveríamos ter recomendado essa vacina, pois essa diretriz não vinha de Jeová”? É tão difícil admitir isso?

À angústia profunda daqueles que sofrem diretamente os efeitos colaterais da vacinação soma-se a aflição de outro grupo de fiéis. Eu gostaria de fazer um paralelo entre essa situação e o exemplo que Balaão nos deixou.

O apóstolo Pedro, inclusive, menciona o caso de Balaão nestes termos:

2 Pedro 2:15, 16

«Abandonaram o caminho reto e desviaram-se. Seguiram o caminho do filho de Beor, Balaão, que amou a recompensa de fazer injustiça, mas foi repreendido por violar aquilo que era certo. Um animal de carga, mudo, falando com uma voz humana, refreou o proceder louco do profeta.»

Esse homem abandonou “o caminho reto” e seguiu por uma vereda funesta, que passou para a história sob o nome de “caminho de Balaão”. Era um caminho que Jeová lhe havia ordenado formalmente que não seguisse, mas ele se recusou a escutar.

O relato desse acontecimento nos conta o seguinte:

Números 22:22-31

«No entanto, a ira de Deus acendeu-se porque ele estava a caminho, e o anjo de Jeová colocou-se de pé na estrada, a fim de impedi-lo. Balaão estava montado na sua jumenta, e dois dos seus ajudantes estavam com ele. E, quando a jumenta viu o anjo de Jeová parado na estrada com uma espada desembainhada na mão, tentou sair da estrada e entrar no campo. Contudo, Balaão começou a bater na jumenta para fazê-la voltar à estrada. Então, o anjo de Jeová permaneceu parado num caminho estreito entre duas vinhas, com muros de pedra dos dois lados. Quando a jumenta viu o anjo de Jeová, começou a encostar-se contra o muro e entalou o pé de Balaão contra o muro; e Balaão bateu-lhe novamente. O anjo de Jeová colocou-se mais adiante, num lugar estreito, onde não havia como se desviar nem para a direita nem para a esquerda. Quando a jumenta viu o anjo de Jeová, deitou-se debaixo de Balaão, de modo que Balaão ficou furioso e voltou a bater-lhe com o seu bastão. Por fim, Jeová fez com que a jumenta falasse, e ela disse a Balaão: “O que é que te fiz para me bateres três vezes?” Balaão respondeu à jumenta: “Fizeste de mim parvo. Se eu tivesse uma espada na mão, matava-te!” A jumenta perguntou a Balaão: “Não sou eu a jumenta que sempre montaste até hoje? Já alguma vez agi assim contigo?” Ele respondeu: “Não!” Então, Jeová abriu os olhos de Balaão, e ele viu o anjo de Jeová parado na estrada com uma espada desembainhada na mão. Ele curvou-se imediatamente e prostrou-se com o rosto por terra.»

A história conta que Jeová “se acendeu em ira” porque Balaão tinha decidido seguir por um caminho que Ele não aprovava. Foi por isso que Ele enviou um anjo no seu caminho, com uma espada desembainhada na mão; mas Balaão não podia vê-lo. A jumenta em que ele estava montado viu o anjo e tentou se desviar pelo campo, mas Balaão, furioso, começou a bater no pobre animal para trazê-lo de volta ao caminho que ele se obstinava em seguir.

Depois, o anjo reapareceu num caminho estreito, e a jumenta se encostou contra o muro para evitá-lo, espremendo o pé de Balaão. De novo fora de si, Balaão bateu na jumenta sem piedade.

Por fim, a jumenta se deitou debaixo de Balaão porque o anjo bloqueava novamente a passagem. Mas Balaão, que continuava sem ver nada, seguiu punindo selvagememente a sua montaria inocente com a sua vara.

Foi então que Jeová abriu a boca da jumenta, que perguntou a Balaão por que ele a estava espancando pela terceira vez.

Balaão, em vez de ficar perplexo por ouvir o animal falar, respondeu-lhe de modo insensato. Ele admitiu que a sua fúria era tamanha que, se tivesse uma espada na mão, a mataria imediatamente. Ele queria eliminar a pobre besta que acabara de falar com ele! A sua ira o cegava a ponto de eclipsar toda a lucidez, deixando-o pronto para eliminá-la com as próprias mãos.

Finalmente, Jeová abriu os olhos de Balaão, que viu o anjo e compreendeu que a jumenta não estava errada, mas que, sem ela, era ele quem teria perdido a vida.

Peço a vocês, meus irmãos, que parem por um instante e reflitam nisto:

Que “voz” vocês ouvem ao ler tudo o que escrevi até agora?

Pergunto-lhes novamente:

Que “voz” vocês ouvem ao ler tudo o que escrevi até agora?

Quem fala com vocês por meio desta carta? É a mesma “voz” que vocês ouviram em todas as correspondências anteriores?

Trata-se apenas, aos seus ouvidos, de palavras de sabedoria humana e de especulações pessoais?

Jesus Cristo disse:

Lucas 10:16

«Quem vos escuta escuta-me a mim. E quem vos desconsidera também me desconsidera a mim. Além disso, quem me desconsidera, desconsidera também Aquele que me enviou.»

Se um irmão fiel nos dá conselhos baseados nas Escrituras, Jesus Cristo considera que ele fala em seu nome. Se rejeitamos os avisos baseados na Palavra de Deus, recusamos na realidade escutar a voz de Jesus Cristo e de Jeová, que se expressam por meio desses irmãos.

A história de Balaão contém a esse respeito uma lição fundamental.

Irmãos, vocês escolheram apoiar a vacinação, mas “esse caminho” não era o de Jeová. O caminho de Jeová é “reto” e claramente traçado nas Escrituras, ao passo que o “caminho de Balaão” é tortuoso e oposto à vontade divina. Vocês se desviaram durante a pandemia; muitos irmãos discerniram isso e se recusaram, à imagem da “jumenta”, a seguir por esse caminho.

Eles tentaram se desviar desse mau caminho, mas vocês os “espancaram”, exatamente como Balaão maltratava a sua pobre montaria. Vocês os fustigaram nos relatórios do Corpo Governante, insinuando que lhes faltava neutralidade e fé na organização de Deus. Vocês os denegriram, acusando-os de semear a discórdia e assimilando-os quase aos partidários da religião falsa. Vocês continuaram a desferir-lhes golpes ao caluniá-los, alegando que eles não criam realmente no Reino de Jesus Cristo e que contestavam as autoridades superiores deste mundo.

Todos esses ataques visavam forçá-los a trilhar a vereda que vocês insistiam em querer seguir. Mas eles se recusavam a isso, pois viam, bloqueando a passagem, “um anjo, com a espada desembainhada”. Por fim, exaustas desses maus-tratos, “essas jumentas” tomaram a palavra, dirigindo a vocês uma multidão de cartas.

Escutem! Escutem novamente o que lhes gritam essas “jumentas espancadas”!

“Por que eles nos batem assim? Por que nos maltratam tão duramente?”, perguntavam essas pobres montarias, com os olhos cheios de lágrimas. “Acaso já falhamos com eles alguma vez? Não estivemos sempre ao lado deles? Será que não percebem que um anjo está ali parado, com a espada desembainhada, e que os destruirá se obstinarem nesse caminho tortuoso? Não veem que não somos rebeldes?”, exclamavam elas, cobertas de feridas e inconsoláveis. “Estamos tentando salvar a vida deles. Será que não entendem isso? Jeová não aprova este caminho. Até quando vão nos bater com a sua vara?”, gemiam, doloridas, essas pobres criaturas que mancavam sobre os seus membros feridos.

Mas, à semelhança de Balaão, vocês não escutaram essas “jumentas” e continuaram a espancá-las. Vão levar o paralelismo até o fim e adotar as palavras dele como suas: “Se eu tivesse uma espada na mão, mataria a todas, pois elas me fazem parecer um tolo”?

Queridos irmãos do Corpo Governante, todos esses irmãos fiéis a Jeová há décadas, que nunca se desviaram do caminho reto e que sempre trabalharam ao seu lado, estão no caminho errado? Esses irmãos são maus e sediciosos? Por qual razão vocês se recusam a ouvi-los?

Esta carta também faz eco à “voz suplicante” das “jumentas que falam”. Ora, as jumentas podem se expressar por si mesmas? Quem está realmente por trás dessa voz? Em sua opinião, que motivação me levou, a mim e a outros, a escrever para vocês? Achar que fazemos isso por simples falta do que fazer?

Queridos irmãos do Corpo Governante, façam a si mesmos esta pergunta: o que sentem todos esses irmãos comparáveis a “jumentas espancadas” quando percebem que vocês buscam exculpar a sua própria falta? O que sentem quando os ouvem objetar que “fazem o que podem com os elementos à sua disposição”? Vocês não tinham recebido a “voz das jumentas” por escrito, além de disporem de centenas de publicações extremamente explícitas sobre o assunto?

Podem afirmar, em toda a boa-fé, que ninguém os tinha avisado? Essas “jumentas” feridas não têm motivos para dizer que vocês adulteram os fatos e mascararam a verdade para esquivar-se do reconhecimento do seu pecado?

Sabem o que Balaão fez depois desse episódio? O relato histórico nos mostra:

Números 22:34

«Balaão disse ao anjo de Jeová: “Pequei, porque não sabia que o senhor estava parado na estrada para vir ao meu encontro. Agora, se isto é mau aos seus olhos, eu voltarei para trás.”»

Até mesmo Balaão acabou reconhecendo o seu pecado. Irmãos, não é vergonhoso que Balaão os tenha superado ao declarar: “Pequei”, ao passo que vocês persistem em manter silêncio? Como pode um falso profeta como Balaão ter sido capaz de reconhecer os seus erros, e vocês ainda não o terem feito?

No entanto, embora Balaão tenha compreendido a situação, ele apesar de tudo persistiu nesse “caminho tortuoso”. Diante disso, pode-se perguntar: o que aconteceu com a pobre “jumenta”? Ela continuou a segui-lo?

O relato não diz, mas ela certamente fugiu a toda a velocidade; era um animal, mas não era estúpida!

Da mesma forma, muitos irmãos e irmãs não fazem mais parte da congregação hoje por causa de suas ações e de seus discursos que negam a evidência do pecado. Eles fugiram, como aquela montaria. E o mais trágico é que alguns perderam completamente a fé porque vocês se tornaram para eles uma causa de tropeço.

A sua recusa em expressar lamento e apresentar desculpas deixa prever que vocês persistirão em seus desvios, o que não deixará de provocar novas crises e trazer muitos males no futuro.

NECESSIDADE URGENTE DE UM ARREPENDIMENTO PÚBLICO

Irmãos, cheguei a um ponto neste livro em que preciso fazer uma pausa.

O apóstolo Paulo declarou, a respeito dos combates espirituais que devemos travar:

2 Coríntios 10:4, 5

«Porque as armas do nosso combate não são carnis, mas poderosas em Deus para demolir fortalezas. Pois estamos a demolir raciocínios e toda a barreira que se ergue contra o conhecimento de Deus, e estamos a levar todo o pensamento para o cativeiro, para o fazer obediente ao Cristo;»

E ele também declarou, a respeito da armadura com a qual devemos nos revestir:

Efésios 6:17

«Aceitem também o capacete da salvação e a espada do espírito, isto é, a palavra de Deus,»

Com “a espada do espírito”, isto é, a Palavra de Deus, nenhum “raciocínio tortuoso ou especulação mentirosa que se levanta contra o conhecimento de Deus pode se sustentar”.

Citei a Palavra de Deus ao longo de todo este livro, e não há dúvida de que o ensino que vocês promoveram, bem como a sua própria conduta durante a pandemia, eram errados e contrários à vontade divina. As suas ações não podem “se sustentar” quando confrontadas com o exame rigoroso das Escrituras.

No entanto, ao combater as ideias distorcidas que vocês ensinaram, tive, pela força das circunstâncias, de “golpeá-los” da maneira mais contundente, ou seja, publicamente, pois não existia nenhuma outra alternativa e a situação era de uma gravidade extrema.

O livro de Deuteronômio declara a esse respeito:

Deuteronômio 25:3

«Ele pode golpeá-lo com até 40 golpes, não mais do que isso. Se ele continuasse a golpeá-lo com mais golpes, o teu

irmão seria humilhado diante de ti.»

Para Jeová, há um limite para os “golpes”, mesmo que sejam merecidos. E estou prestes a atingir os “40 golpes” por meio de tudo o que acabo de expor; não continuarei, portanto, a “golpear”, pois o meu objetivo não é “humilhá-los”. O meu único objetivo é denunciar um raciocínio tortuoso.

Como dizia o sábio Salomão, há um tempo para tudo:

Eclesiastes 3:3

«Tempo para matar e tempo para curar; Tempo para derrubar e tempo para construir;»

O tempo de “matar e derrubar” as falsas ideias já passou (pelo menos por enquanto); agora é tempo de “curar e construir”.

Eu lhes disse que uma das razões pelas quais enviei este livro era para ajudar vocês e todos os irmãos e irmãs do mundo. Era também para obedecer à minha própria consciência. Mas há outra razão, extremamente importante.

A razão é que o nosso Pai amoroso ama muito vocês, queridos irmãos do Corpo Governante.

Vocês talvez pensem que estou tentando “destruí-los” com este livro? Se pensam assim, estão enganados.

Samuel Herd, Geoffrey Jackson, Stephen Lett, Gerrit Lösch, Mark Sanderson, David Splane, Kenneth Cook, Gage Fleegle, Jeffrey Winder e Tony Morris — de quem ninguém sabe onde se encontra —, para todos vocês, há uma mensagem clara na Palavra de Deus: Jeová ama vocês muito mais do que podem imaginar.

Jeová ama vocês mesmo que tenham distorcido as Escrituras e mesmo que tenham “esmurrado” injustamente as ovelhas dele. Ele ama vocês, mesmo que tenham seguido as instruções da “Fera”. Mesmo que sejam “culpados de culpa de sangue” e se recusem obstinadamente a reconhecer o seu pecado, ele ainda os ama.

Jeová nunca os abandonou nem os rejeitou, mesmo quando vocês se afastaram dele. Repetidas vezes ele lhes enviou “profetas, sábios e instrutores públicos”, e vocês “mataram alguns, pregaram outros em estacas, e a outros açoitaram e perseguiram”. (Mateus 23:34)

Jeová nunca deixou de “enviar profetas para trazê-los de volta à razão”; ele “lhes deu avisos, mas vocês se recusaram a escutar”. (2 Crônicas 24:19) Jeová os avisou “repetidamente por meio de mensageiros” porque “tinha compaixão de vocês”, mas vocês “zombaram dos seus mensageiros e desprezaram as suas palavras”. (2 Crônicas 36:15, 16)

A má conduta de vocês causou dor ao nosso Pai amoroso. Quantas vezes “eles o magoaram e o puseram à prova, entristecendo o Santo de Israel”! (Salmo 78:40, 41) Mas ele nunca os deixou nem os abandonou; ele “permanece fiel, pois não pode negar a si mesmo”. (2 Timóteo 2:13)

Ele estende a sua “direita de justiça” para que vocês a segurem e se levantem. Durante a pandemia, vocês tropeçaram e caíram, mas não queremos que fiquem prostrados. Jeová quer renovar as suas forças. Não é verdade que ele promete que ‘com a sua mão os sustentará e lhes dará força’? (Isaías 41:8-13) Não é isso o que todos nós queremos?

Levantem-se, queridos irmãos!

A grande maioria dos seus irmãos a quem vocês prejudicaram quer perdoá-los. Nós ansiamos em perdoar e esquecer. Não há “alegria no céu quando um pecador se arrepende” do seu mau caminho? (Lucas 15:7)

Irmãos, se vocês se arrependerem sinceramente, isso encheria os nossos corações de alegria. Quanta felicidade vocês nos dariam! Correríamos para abraçá-los e “perdoá-los liberalmente e generosamente, assim como Jeová faz com todos nós”. (Colossenses 3:13) “Choraríamos com vocês” pela alegria que o seu arrependimento nos daria. (Romanos 12:15) Queremos perdoar e esquecer, “queremos a paz e a unidade do espírito no vínculo da paz”. (Efésios 4:3-6)

O nosso Pai “não deseja que ninguém seja destruído, mas deseja que todos alcancem o arrependimento”. Nenhum irmão guiado pelo espírito santo deseja que vocês sejam abatidos; nenhum “filho amado de Deus” deseja isso, porque “imita” a misericórdia do seu Pai, seguindo “o caminho do amor”. (2 Pedro 3:9; Efésios 5:1)

Quando vocês levantam as mãos para orar, “Jeová esconde os olhos”, porque vê que as suas mãos estão “cheias de sangue”. (Isaías 1:15) Vocês não podem fazer o pecado desaparecer; os olhos de Jeová “estão fixos no que vocês fizeram”. Acham que “podem esconder o que fizeram” Daquele que tudo vê?

Mas Jeová lhes diz:

“Venham, pois, e ajustemos as contas entre nós. Embora os seus pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve.” (Isaías 1:18)

Os seus pecados “vermelhos como a escarlata” serão apagados se vocês se arrependerem de todo o coração e exercerem fé no sacrifício do Filho, confessando e reparando os seus erros na medida do possível. (1 João 2:2) Portanto, “arrependam-se e dêem a volta por cima, para que os seus pecados sejam apagados, a fim de que venham épocas de revigoração da parte do próprio Jeová”. (Atos 3:19) “Humilhem-se sob a mão poderosa de Deus, para que ele os enalteça no tempo devido”, mais alto do que vocês podem imaginar. (1 Pedro 5:6)

Se vocês se arrependerem, essas “vestes” manchadas de sangue que usam serão substituídas por “vestes brancas” reluzentes. (Revelação 3:5) Vocês “serão completamente lavados e purificados de toda a culpa” e verão a “imensa misericórdia do nosso Deus, que apaga toda transgressão” daqueles que se desviam humildemente do mal. (Salmo 51:1-3) Todas as transgressões que cometeram “não serão lembradas contra vocês”. (Ezequiel 33:14-16) É a tal ponto misericordioso o Deus a quem adoramos!

Lembrem-se de que aqueles que “estão em união com Cristo não têm condenação” e que estar em união com Cristo significa “confessar os nossos pecados para que sejamos perdoados”. (Romanos 8:1; 1 João 1:9) NÓS LHE SUPICAMOS, IRMÃOS: parem de negar o pecado e de dar desculpas; “exerçam fé para que sejam salvos”. (João 3:16-18)

Pensem nisso, queridos irmãos do Corpo Governante: há milhares de anos, o nosso Deus observa “a humanidade com os seus olhos atentos do alto do seu trono majestoso”. (Salmo 11:4) Ele tem olhado “especialmente para os justos”, vendo como eram maltratados e espancados pelo mundo do Diabo, e ele sempre escutou as suas orações. (Salmo 34:15)

Não importa o momento ou o lugar, a história sempre se repete em todos aqueles “que exercem fé”:

“Pela fé, eles derrotaram reinos, promoveram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões, apagaram a força do fogo, escaparam do fio da espada, da fraqueza foram feitos poderosos,

tornaram-se valentes na guerra, puseram em fuga exércitos invasores. Mulheres receberam os seus mortos por meio da ressurreição; mas outros homens foram torturados porque não aceitaram a libertação por algum resgate, a fim de alcançarem uma ressurreição melhor. Sim, outros passaram por provações como zombarias e açoites, e até mesmo correntes e prisões. Foram apedrejados, provados quanto à fé, serrados ao meio, mortos pela espada; andavam vestindo peles de ovelhas e de cabras, necessitados, atribulados, maltratados. O mundo não era digno deles. Vagueavam pelos desertos e montanhas, e pelas cavernas e grutas da terra.” (Hebreus 11:33-38)

A história sempre se repetiu, uma e outra vez, em todos aqueles que queriam fazer o bem e que não obedeceram ao mundo do Diabo.

Há 2 000 anos, Jeová “nos enviou o seu Filho” e nos ensinou muitas coisas que eram um “sagrado segredo”. (João 3:16-18; Colossenses 4:3) Jesus nos fez “conhecer o Pai” e nos ensinou quanto amor ele tinha por nós. (João 14:8-12; Lucas 10:22) Antes de ser preso, ele disse aos seus discípulos durante a refeição noturna do Senhor: “Eu lhes digo que de modo algum berei novamente deste produto da videira até aquele dia em que o berei novo, com vocês, no Reino do meu Pai.” (Mateus 26:29) Depois, ele foi maltratado e morreu para que todos fôssemos “libertados por resgate por meio do seu sangue”. (Efésios 1:7)

No terceiro dia, ele ressuscitou e “durante 40 dias ensinou aos seus discípulos coisas sobre o Reino”. Depois, subiu ao céu e sentou-se à “direita de Deus” para observar o seu povo e “estar com ele até o fim”. (Atos 1:3-9; Romanos 8:34; Mateus 28:20)

Mas a fé nele e em seu Pai nunca foi passiva. Essa fé não é indiferente ao sofrimento do seu povo. Toda vez que os seus filhos sofriam aflição, “isso também era aflitivo para eles”. (Isaías 63:9) A “congregação é o seu corpo”, e qualquer golpe desferido contra os seus discípulos é um golpe desferido contra ele; qualquer ferida é uma ferida para Jesus e seu Pai. (1 Coríntios 12:12-27; Mateus 24:31-46). Eles sofreram ao ver como o seu próprio povo foi maltratado repetidas vezes ao longo da história.

Há tanta dor e injustiça que, simbolicamente, todos os que morreram fiéis gritam com voz forte:

“Eles gritavam com voz forte: ‘Até quando, Soberano Senhor, santo e verdadeiro, conterás o julgamento e a vingança do nosso sangue contra os que moram na terra?’” (Revelação 6:10)

Sim, quando é que tudo isso vai acabar?

Deus lhes disse que descansassem mais um pouco, “até que se completasse também o número dos seus coescravos e dos seus irmãos que estavam para ser mortos assim como eles foram”. (Revelação 6:11) Tudo deve continuar “mais um pouco” até que o “número” escolhido seja atingido.

Nós vivemos hoje no fim de tudo isso.

Se olharmos para trás, temos uma “grande nuvem de testemunhas” que, repetidas vezes, demonstraram a sua fidelidade a Deus nas piores circunstâncias e nos antecederam. O nosso legado remonta a Abel, e temos na nossa genealogia todos os fiéis servos de Deus. E se olharmos para o futuro, vemos todas as “feras” com as quais cada um deles, ao longo da história, se confrontou. Essa “fera selvagem” recebe o seu poder “do dragão” para dominar toda a humanidade e formar o seu império. (Revelação 13:1-8)

O que vai acontecer é tão impressionante que a gente para por aqui. E nos lembramos do que está escrito:

“Se alguém tem ouvidos, escute. Se alguém destina à cativeiro, vai para o cativeiro. Se alguém matar à espada, tem de ser morto à espada. É aqui que se exige a perseverança e a fé dos santos.” (Revelação 13:9, 10)

Será necessária “uma verdadeira fé e perseverança” para fazer frente a tudo o que está vindo.

Irmãos, durante a pandemia, a “trombeta” começou a tocar! Vocês não a ouviram? Vêm a seguir “o som da buzina, da flauta, da cítara, da harpa triangular, do instrumento de cordas, da gaita de foles e de todos os outros instrumentos musicais”. (Daniel 3:4, 5) Todos esses instrumentos começarão aos poucos a tocar a mesma “melodia satânica” tocada há milênios. O “volume” vai aumentar e o “ritmo” vai acelerar, até que, em determinado momento, o ponto máximo seja atingido e “todo o mundo caia de joelhos”.

Eles se ajoelharão “com grande admiração” diante da “imagem”, e a “fera selvagem” olhará para eles com ar ameaçador, com a sua “boca

aberta” e mostrando os seus “grandes dentes”. O “dragão estará atrás dela”, usando-a como uma marionete para realizar o que Deus interrompeu no momento da “Torre de Babel”. (Gênesis 11:4-8)

Mas ali, diante de todos, nós estaremos de pé. Não nos curvaremos diante dessas “estátuas e deuses sem vida”, como todos os fiéis que nos antecederam e que passaram pela mesma provação ao longo da história. (Daniel 3:12) Não importa os “60 côvados de altura da imagem”, não importa o “tamanho dos dentes” da “fera imunda”, não importa o “olhar irado” do dragão. Não importa que “o forno esteja 7 vezes mais quente”, o nosso Deus está “conosco e não teremos medo”. (Salmo 118:6, 7)

E, como muitos outros antes de nós, eles nos pegarão e “nos lançarão no fogo”. Mas o modelo profético de Sadraque, Mesaque e Abednego se cumprirá: Deus nos salvará do fogo e dos planos da maligna “fera selvagem” que deseja nos destruir. (Daniel 3)

Um milagre nunca visto antes acontecerá. Após milhares de anos observando a história da humanidade, Deus se levantará por meio do seu Rei designado, Jesus Cristo. Ele se levantará do seu trono e montará no seu “cavalo branco” com todo o “exército do céu”, composto por milhões de anjos prontos para a batalha, e virá “à” terra para pôr fim ao sofrimento. (Revelação 19:11-15)

A “fera selvagem junto com o falso profeta” e os “comandantes militares” das nações “farão guerra”, mas perderão a batalha. (Revelação 19:19) A “fera selvagem será presa” e “lançada viva no lago de fogo que queima com enxofre” junto com o seu “falso profeta”, por ter promovido “a marca” e enganado a humanidade. (Revelação 19:20) Todos os apoiadores da “fera selvagem” serão eliminados pela “longa espada” de Jesus Cristo, que alcançará todos os lugares da terra, e ninguém escapará. (Revelação 19:21) O “dragão será acorrentado” e lançado num abismo por 1 000 anos, para que não perturbe mais a humanidade (Revelação 20:1-3).

A “pedra do Reino” esmagará a “estátua” do domínio humano e se tornará uma “montanha que enche toda a terra”.

“Nos dias desses reis, o Deus do céu estabelecerá um reino que jamais será destruído. E esse reino não passará para nenhum outro povo. Ele

esmagará todos esses reinos e porá fim a eles, e apenas ele permanecerá para sempre.” (Daniel 2:44)

E todos os que nos fizeram sofrer receberão a sua justa retribuição: “pois é justo da parte de Deus retribuir com aflição aos que lhes causam aflição. Mas vocês, os que sofrem aflição, receberão alívio”. (2 Tessalonicenses 1:5-12)

Os “céus e a terra passarão” e serão substituídos pelos “novos céus e nova terra” que aguardamos ao longo da história e nos quais “haverá justiça”. (2 Pedro 3:13; Revelação 21:1) Todas as coisas “se farão novas”, porque “a tenda de Deus estará com a humanidade”. (Revelação 21:3-5)

Chegará finalmente o tempo para os mortos “ouvirem a voz de Jesus Cristo” e ressuscitarem. (João 5:28, 29) Veremos todos os que morreram fiéis surgirem diante dos nossos olhos. Veremo-los chegar com saúde, inteiros e com um grande sorriso. Veremo-los rir, correr e fazer ouvir novamente as suas vozes. Correremos para abraçá-los, e não conseguiremos soltá-los.

E enquanto os abraçamos fortemente, choraremos como nunca choramos em toda a nossa vida. Mas não será um choro de “tristeza ou dor emocional”, pois estas terão desaparecido para sempre. (Revelação 21:4) Esse choro servirá para nos purificar e levar embora de forma definitiva toda a dor, angústia e ansiedade que o mundo sombrio do Diabo nos fez passar. (2 Coríntios 4:4) Essas lágrimas removerão todas as coisas más do passado, e estaremos completamente em paz e tranquilidade!

A “noite finalmente terá passado” e o “dia radiante” terá chegado! (Romanos 12:12) O “sol da justiça” terá despontado no horizonte, “os seus raios nos curarão e saltaremos de alegria”! (Malaquias 4:2) Todos ressuscitarão, do menor ao maior, “nem mesmo um fio de cabelo da sua cabeça se perderá”. (Lucas 21:18)

E quando estivermos todos reunidos, Jesus Cristo cumprirá a promessa feita aos seus discípulos e “erguerá o copo com todos os que estiverem reunidos ao seu redor”, com “Abraão, Isaque e Jacó, no Reino”. (Mateus 8:11; Marcos 14:25) Todos nós faremos o mesmo e, olhando-nos de cabeça erguida, compreenderemos plenamente que valeu a pena “correr a corrida”; teremos triunfado no “nosso combate contra o

mundo” e obtido “a coroa que não murcha”, de vitória, honra e glória. (1 Coríntios 9:25, 26)

Queridos irmãos do Corpo Governante, vocês estarão entre os que erguerão o copo naquele dia?

Se vocês estiverem lá naquele dia e eu também estiver, procurem entre os rostos ao seu redor aquele que olhará para vocês com um grande sorriso de satisfação. Esse rosto será o meu, queridos irmãos, pois desejo de todo o meu coração que vocês sejam salvos, e seria uma imensa alegria poder abraçá-los.

Vocês têm uma esperança maravilhosa, meus irmãos. Vão perdê-la por continuarem obstinadamente a negar o pecado? Vão perder o Reino por serem teimosos e não reconhecerem o que fizeram?

“Levantem-se, queridos irmãos, e voltem para a corrida para continuar correndo, mas sem o peso do pecado.” (Hebreus 12:1) Gritem como os cegos que suplicavam a Jesus: “Senhor, faz que os nossos olhos se abram!”. (Mateus 20:33)

A mão do nosso Deus está estendida para vocês. Ele ainda não os abandonou nem os rejeitou, apesar da desordem que vocês causaram. “Aproximem-se de Deus, e ele se aproximará de vocês. Limpem as mãos e purifiquem o coração.” (Tiago 4:8) Vocês têm muito “valor”, não por fazerem parte de um Corpo Governante, mas porque são ovelhas. (Lucas 12:6, 7)

“Escutem! Alguém está clamando no deserto: ‘Preparem o caminho de Jeová! Façam uma estrada reta no deserto para o nosso Deus. Que todo vale seja elevado e toda montanha e colina sejam rebaixadas. O terreno acidentado tem de se tornar plano, e o terreno rochoso, uma planície alagada.’” (Isaías 40:3, 4)

Não digam que não sabiam de nada; digam-nos a verdade. Jeová é o “Deus da verdade” e exige que o “adoremos com verdade”. (Salmo 31:5; João 4:24) Não somos filhos do “pai da mentira”. (João 8:44)

“Examinemos e escrutinemos os nossos caminhos, e voltemos para Jeová!” (Lamentações 3:40)

Escutem o que Jeová lhes diz por meio de Joel:

“Vistam-se de pano de saco e lamentem-se, ó sacerdotes; uivem, ó ministros do altar. Venham, passem a noite vestidos de pano de saco, ó

ministros do meu Deus; pois a oferta de cereais e a libação foram retidas da casa do seu Deus. Santifiquem um tempo de jejum. Convoquem uma assembleia solene. Ajuntem os anciãos e todos os habitantes da terra na casa de Jeová, seu Deus, e me peçam ajuda.” (Joel 1:13, 14)

“Toquem a buzina em Sião! Dêem um grito de alarme no meu santo monte! Tremam todos os habitantes da terra, pois o dia de Jeová está chegando! Está próximo!” (Joel 2:1)

“‘Contudo, mesmo agora’, declara Jeová, ‘voltem para mim de todo o seu coração, com jejum, com choro e com lamentação. Rasguem o seu coração, e não as suas vestes, e voltem para Jeová, seu Deus, pois ele é compassivo e misericordioso, paciente e cheio de amor leal, e lamentará a calamidade. Quem sabe se ele não mudará de ideia e recuará, e deixará atrás de si uma bênção, uma oferta de cereais e uma libação para Jeová, seu Deus?’” (Joel 2:12-14)

Vocês precisam se arrepender publicamente! “Toquem a buzina em Sião!”, “Santifiquem um tempo de jejum; convoquem uma assembleia solene”.

Todos os envolvidos precisam pedir perdão!

“Ajuntem o povo, santifiquem a congregação. Reunam os idosos, ajuntem as crianças e os bebês de peito. Saia o noivo do seu quarto interior, e a noiva da sua câmara nupcial. Entre o pórtico e o altar, chorem os sacerdotes, os ministros de Jeová, e digam: ‘Tem compaixão do teu povo, ó Jeová!’” (Joel 2:15-17)

Não se esqueçam de que “o machado já está posto à raiz das árvores. Toda árvore que não produz bom fruto será cortada e lançada no fogo”. (Lucas 3:9)

“Portanto, agora, ó reis, mostrem perspicácia; aceitem a correção, ó juízes da terra! Sirvam a Jeová com temor e alegrem-se com tremor. Honrem o filho, para que Deus não se irrite e vocês não pereçam no caminho, pois a sua ira se acende rapidamente. Felizes todos os que se refugiam nele!” (Salmo 2:10-12)

“Ajoelhem-se diante do Rei e reconheçam o seu pecado”; se o fizerem, “ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça”. (Filipenses 2:9-11; 1 João 1:9) Gritem tão alto quanto o cobrador de impostos que suplicava diante de todos: “Ó Deus, sê misericordioso comigo, um pecador.” (Lucas 18:13)

Reconheçam o seu erro publicamente, assim como Davi fez quando a sua imprudência causou a morte de 70 000 israelitas:

“Cometi um grande pecado ao fazer isso. Mas agora, por favor, perdoa o erro do teu servo, pois agi de modo muito tolo.” (1 Crônicas 21:8)

“Fui eu que mandei contar o povo! Fui eu que pequei e fiz o mal! Mas estas ovelhas, o que fizeram? Ó Jeová, meu Deus, que a tua mão venha contra mim e contra a casa de meu pai, mas não tragas este flagelo sobre o teu povo.” (1 Crônicas 21:17)

Confiem Naquele que disse: “Se o meu povo, sobre o qual se invoca o meu nome, se humilhar, orar, buscar a minha face e se converter dos seus maus caminhos, ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra.” (2 Crônicas 7:14)

Queridos irmãos do Corpo Governante, lembrem-se de que “quem encobre as suas transgressões não terá bem-sucedido, mas aquele que as confessa e abandona obterá misericórdia”. (Provérbios 28:13) Produzam “frutos próprios do arrependimento”, sabendo que “Jeová, seu Deus, é compassivo e misericordioso, e não desviará o rosto de vocês se voltarem para ele”. (2 Crônicas 30:9; Mateus 3:8)

Escutem o apóstolo João implorar a vocês: “Arrependam-se, pois o Reino dos céus se tem aproximado.” (Mateus 3:2) Todos os seus pecados durante a pandemia “serão apagados se vocês se arrependerem e se converterem sinceramente a Jeová”. (Atos 3:19)

Não peçam que o dia de Jeová venha, irmãos, se vocês ainda não se arrependeram. “Ai dos que dizem: ‘Que a sua obra se apresse! Que venha depressa, para que a vejamos! Que o conselho do Santo de Israel se cumpra, para que o conheçamos!’” (Isaías 5:19)

Ajoelhem-se diante de Jeová. “Jeová não é vagaroso com respeito à sua promessa, como alguns pensam, mas ele é paciente com vocês, porque não deseja que ninguém seja destruído, mas deseja que todos alcancem o arrependimento.” (2 Pedro 3:9) “‘Acaso me me agrado da morte de alguém?’, declara o Soberano Senhor Jeová. ‘Portanto, voltem-se e vivam!’” (Ezequiel 18:32)

O sacrifício que Deus quer de vocês “é um espírito quebrantado” pelos pecados cometidos; Jeová “não desprezará um coração quebrantado e esmagado”. (Salmo 51:17)

Não se esqueçam de que o tempo está se esgotando: “Busquem a Jeová enquanto ele pode ser achado. Chamem por ele enquanto está perto.” (Isaías 55:6)

Há uma mensagem muito clara para vocês nas Escrituras: “Diga-lhes: ‘Assim diz Jeová dos exércitos: “Voltem para mim”, declara Jeová dos exércitos, “e eu voltarei para vocês”, diz Jeová dos exércitos.’” (Zacarias 1:3)

Vocês vão se arrepender dos seus pecados e voltar para a “corrida”, ou vão continuar a escondê-los? Vão continuar a negar o que fizeram, colocando em perigo o seu futuro eterno?

A humilhação pública que peço não é para lhes fazer mal, mas sim para salvar a sua vida!

Hebreus 12:5, 6

«E esqueceram-se totalmente da exortação que vos é dirigida como a filhos: “Meu filho, não menosprezes a disciplina da parte de Jeová nem desanimes quando és corrigido por ele. Pois Jeová disciplina aqueles a quem ama; de facto, açoita a cada um a quem recebe como filho.”»

Continuarei a orar por vocês, queridos irmãos do Corpo Governante, para que compreendam tudo isso e possam se arrepender dos seus terríveis pecados.

Não lhes desejo nenhum mal e, como muitos irmãos, desejo que Jeová e Jesus Cristo lhes perdoem e tenham compaixão de vocês.

PROBLEMAS NO HORIZONTE

Irmãos, antes de concluir o meu livro, desejo abordar três grandes problemas cujo perigo veio à tona durante a pandemia de COVID-19. Inicialmente, a minha intenção era tratar de quatro, mas o desenvolvimento aprofundado do último ponto teria exigido o acréscimo de cerca de uma centena de páginas, o que teria prolongado excessivamente esta correspondência. Limitar-me-ei, portanto, a esses três assuntos-chave. Se essas falhas não forem corrigidas, constituirão uma armadilha temível que fará tropeçar e destruirá muitos irmãos no futuro. A crise sanitária foi apenas uma amostra do que nos aguarda, e é imperativo tirar lições dela.

AMIZADE INDEVIDA COM A FERA SELVAGEM

A nossa organização identificou claramente a ONU, ou a estrutura que lhe sucederá, como a “fera selvagem” das profecias bíblicas. Essa entidade é uma inimiga declarada do Reino de Deus; ela persegue os seus servos e corrompe a humanidade. A Palavra de Deus a qualifica sem ambiguidade como uma “coisa repugnante”.

É verdade que essa organização conta no seu íntimo com pessoas bem-intencionadas, que ignoram totalmente a maneira como o Diabo as manipulará no futuro. Não deixa de ser menos evidente que, por intermédio da ONU, a sociedade humana sofre uma degradação profunda, moldada nos desígnios e nos planos do Diabo.

Entre as suas diretrizes, ela promove o aborto — isto é, o assassinato de inocentes — sob o disfarce de “políticas de saúde pública”. Além disso, exerce pressões constantes sobre os Estados para impor uma ideologia de gênero transgressora, bem como outros desvios éticos. A isso se soma a vontade de formatar a mente das crianças, paralelamente a correntes ideológicas que buscam despenalizar a pedofilia.

Basta consultar o documento intitulado “Padrões para a Educação Sexual na Europa”, que contém as diretrizes destinadas às escolas de educação infantil e de ensino fundamental, para medir a perversidade que subjaz a essa organização:

<https://www.bzga-whocc.de/en/publications/standards-for-sexuality-education/>

Eis os seus principais pontos:

Crianças de 0 a 4 anos deveriam se iniciar na masturbação e desenvolver interesse pelo seu próprio corpo e pelo dos outros. Crianças entre 4 e 6 anos deveriam se iniciar na masturbação e ser incentivadas a expressar as suas necessidades e desejos sexuais. Crianças entre 6 e 9 anos deveriam aprender mais sobre relações sexuais, pornografia na internet, amor secreto e autoestimulação. Crianças entre 9 e 12 anos deveriam ter a sua primeira experiência sexual e aprender a usar a pornografia na internet. A OMS pede aos professores do mundo todo que ensinem às crianças de 9 anos como ter relações sexuais pela primeira vez, como vivenciar a experiência sexual usando a internet e telefones celulares, e a aprender diferentes técnicas sexuais.

Existem muitas informações sólidas e verificáveis que permitem compreender que a ONU promove o mal de diferentes maneiras:

<https://www.alertadigital.com/2023/05/16/documentos-la-onu-y-la-oms-defienden-que-las-escuelas-preparen-a-los-ninos-para-tener-parejas-se-masturber-sexuellement-utiliser-la-pornographie-et-apprendre-le-sexe-oral/>

Na verdade, quem fizer um pouco de pesquisa pode encontrar vínculos entre a ONU e organizações luciferianas:

<https://tierrapura.info/2024/05/25/que-es-el-dia-mundial-de-invocacion-el-ritual-promovido-por-la-organizacion-lucis-trust-y-ligado-a-le-un/>

Tendo em conta tudo isso, está muito claro que nós, servos de Deus, não devemos ter nada a ver com essa organização. Paulo disse:

2 Coríntios 6:14-18

«Não se ponham em jugo desigual com descrentes. Pois que afinidade tem a justiça com o que é contra a lei? Ou o que é que a luz tem em comum com a escuridão? Além disso, que harmonia há entre Cristo e Belial? Ou o que é que o crente tem em comum com o descrente? E que acordo há entre o templo de Deus e os ídolos? Pois nós somos templo de um Deus vivente, como Deus disse: “Residirei entre eles e andarei entre eles, e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.” “Portanto, saiam do meio deles e separem-se”, diz Jeová, ‘e porem de tocar em

coisas impuras”]; “e eu irei acolher-vos”. “E eu irei tornar-me um pai para vocês, e vocês irão tornar-se filhos e filhas para mim”, diz Jeová, o Todo-Poderoso.”»

É inteiramente claro que não devemos nos colocar sob um mesmo “jugo” com eles, pois o “templo de Deus” não tem nenhuma relação com os “ídolos” satânicos. Não deveríamos em caso algum colaborar ao lado deles nem manter o menor vínculo com eles.

Essa exigência é tão absoluta que, para que Deus nos aceite como seus “filhos”, é-nos ordenado que paremos de “tocar na coisa impura”.

No entanto, quando a pandemia de COVID-19 eclodiu, vocês abandonaram os princípios da Palavra de Deus, como demonstrei, para passar a recomendar com insistência todas as diretrizes emanadas da OMS, que é uma agência da ONU. Tal atitude revelou-se incompreensível e profundamente chocante.

Tudo o que provém da ONU deveria, por princípio, suscitar a maior desconfiança enquanto não se provar que é inofensivo, pois é evidente que essa estrutura serve aos interesses do Diabo.

Que relações deveríamos manter com um dos principais instrumentos que o Diabo utiliza “para enganar toda a terra habitada”? (Revelação 12:9) Como pudemos depositar a nossa confiança numa entidade que seduz o mundo por meio de “grandes sinais”, e contra a qual somos avisados há décadas? (Revelação 13:13, 14)

No entanto, ao contrário de toda a lógica bíblica, vocês promoveram os objetivos dessa organização, que Deus contudo condenou ao “lago de fogo e enxofre”. (Revelação 19:20) Por qual razão vocês transigiram com a sua neutralidade e exerceram pressões para que os irmãos recebessem essa vacinação, moldando assim a sua posição às exigências da ONU? Essa é uma pergunta legítima que todos nós nos fazemos e que hoje está reduzida a conjecturas. Mas um dia a verdade virá plenamente à tona, pois Jesus declarou:

Lucas 12:2

«Mas não há nada cuidadosamente oculto que não venha a ser revelado, e não há nada secreto que não se torne conhecido.»

Mas é instrutivo analisar certos dados que permitem entrever o que pode ter sido tramado nos bastidores, e sobre os quais esclarecimentos da sua parte serão indispensáveis.

Como mencionado anteriormente, está agora estabelecido que o governo americano exerceu pressões diretas sobre os grupos religiosos para que fizessem a promoção da vacinação. Os argumentos e a retórica empregados pelas autoridades concordam estranhamente com aqueles que foram martelados nos relatórios do Corpo Governante. É, portanto, muito provável que vocês mesmos tenham sido alvo de pressões, ou até de ameaças veladas, para alinhar o seu discurso com a agenda sanitária mundial:

<https://www.un.org/fr/countering-disinformation>

https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/332047/WHO-2019-nCoV-Religious_Leaders-2020.1-spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y

<https://www.who.int/fr/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>

<https://tierrapura.info/2024/03/14/el-gobierno-americana-obliga-a-los-lideres-religiosos-a-impulsar-las-vacunas/>

Naturalmente, nenhuma coerção externa justificaria que alguém se desviasse da neutralidade cristã ou violasse a consciência individual dos crentes em matéria de escolhas terapêuticas. Diante de pressões e intimidações, o seu dever era permanecer inflexíveis. Cabia a vocês defender os princípios bíblicos diante de qualquer autoridade deste mundo, tendo em mente as palavras do apóstolo Paulo:

2 Timóteo 1:7, 8

«Pois Deus não nos deu um espírito de cobardia, mas de poder, de amor e de bom senso. Assim, não te envergonhes do testemunho sobre o nosso Senhor, nem de mim, prisioneiro por causa dele. Porém, confiante no poder de Deus, participa em suportar sofrimentos pelas boas novas.»

Mas há outros detalhes que eu gostaria de comentar e penso que eles mostram claramente o que aconteceu.

Se observarmos atentamente o vídeo promocional intitulado “Nos Bastidores de “Entrega o Teu Caminho a Jeová” , que vocês prepararam, notamos um símbolo claro:



https://www.jw.org/finder?srcid=share&wtlocale=TPO&lank=pub-jwbvod24_2_VIDEO

Se o link acima não funcionar: <https://ody.sh/aeP2szurjW>



Esse símbolo aparece nas tendas, nos sacos de mantimentos, bem como na camisa dos atores.







O símbolo aparece cerca de 12 vezes e não está ali por acaso. A quem pertence esse símbolo? Pertence ao ACNUR:

<https://www.unhcr.org/fr>

A sua própria página indica que se trata de uma agência das Nações Unidas para os refugiados.

Por que esse símbolo aparece no vídeo da nossa organização e vocês o mostram repetidamente?

Refletindo primeiro nas palavras do irmão Gage Fleegle (membro do Corpo Governante) no vídeo ao minuto 4:25:

«Faltou tempo para criar um cenário 3D que desse a impressão de que o filme tinha sido rodado na África.

Portanto, para que as cenas fossem credíveis, os irmãos e irmãs da África continuaram a prestar a sua ajuda. O apoio deles foi inestimável.

A equipe de Patterson colaborou com a África do Sul para o elenco, os acessórios, o cenário, os locais de filmagem e os figurinos.

Por exemplo, certos padrões de tecido podiam evocar uma determinada religião ou mesmo uma afiliação política; por isso, não queríamos usá-los no filme.

A mensagem do filme devia tocar todos os espectadores. Não se devia, portanto, evocar uma região da África em particular.

Também tomamos o cuidado de não direcionar a um país, uma tribo, um povo ou uma língua.

O campo de refugiados era muito realista; alguns moradores dos arredores de Betel de Patterson pensavam que um campo de refugiados real tinha se instalado ali.»

É claro que se deu grande atenção a todo tipo de detalhes, como as cores e os padrões das roupas, para não violar a neutralidade política. Sendo assim, uma pergunta se impõe:

Por que imprimiram esse logotipo da “fera selvagem” nas camisetas dos figurantes?

Por que o afixaram nas tendas? Por que o fizeram figurar nos sacos de mantimentos?

Se faltou tempo para preparar as cenas exatamente como vocês queriam, por que investiram tempo e fundos dedicados para reproduzir esse logotipo? Tal atitude faz sentido? Por que um irmão vestindo essa camiseta aparece de forma tão evidente diante da câmera, dando a impressão de que o filme é diretamente patrocinado por essa agência?

Teria vocês se esquecido de que esse símbolo é o de um braço da ONU, uma instituição política que a Bíblia retrata como uma “fera selvagem” posicionada contra Deus? Vocês não se deram conta disso? Estavam

com toda a atenção voltada para a cor dos tecidos a ponto de ocultar esse símbolo? Seria isso uma ilustração do que significa “coar o mosquito e engolir o camelo”? (Mateus 23:24)

Na realidade, o vídeo especifica que o campo de refugiados que serviu de cenário foi inteiramente projetado pelos irmãos perto de Betel, nos Estados Unidos. Isso significa que vocês encomendaram deliberadamente tendas e mandaram imprimir camisetas com esse logotipo. Esses acessórios não foram emprestados por terceiros, o que poderia explicar uma falta de vigilância. Vocês ordenaram expressamente a sua fabricação, já que a totalidade dos cenários foi confeccionada para as necessidades da filmagem.

Pensem nisso, irmãos do Corpo Governante! Se vocês tivessem omitido esse logotipo, a mensagem espiritual destinada aos irmãos teria perdido a sua força? Absolutamente não. O impacto teria permanecido o mesmo, até porque a maioria dos publicadores nem sequer notou esse detalhe. Então, por que o espalharam por toda parte se isso não agrega nada de construtivo às Testemunhas de Jeová? Não é, no mínimo, suspeito?

Além disso, se o objetivo era simplesmente adicionar realismo, por que não criaram um logotipo fictício? Isso teria preservado a neutralidade cristã de qualquer comprometimento. A título de exemplo, quando as nossas publicações alertam contra os entretenimentos violentos, os cartazes de cinema nela representados são inteiramente fictícios. Vocês agem assim para não promover nenhuma produção do mundo, sendo o importante o princípio destacado, e não uma marca real. Criar um emblema fictício é uma tarefa simples, muito mais fácil do que conceber um falso cartaz de filme. No entanto, vocês fizeram outra escolha. Por quê?

Por que usar ofertas dedicadas a Jeová para fazer publicidade de organizações oriundas do mundo de Satanás no íntimo dos nossos próprios vídeos? Imprimir esses logotipos representa um custo. Por que tomaram essa decisão, quando ensinam que é preciso manter-se à parte das estruturas políticas do sistema do Diabo?

O argumento do realismo esbarra numa contradição maior: se o realismo exigia esse logotipo, teria sido necessário, por coerência, vestir os personagens com as cores de partidos políticos reais para refletir fielmente as situações de crise. Ora, visto que vocês rejeitaram

sensatamente qualquer vestimenta suscetível de evocar uma facção política, deveriam, com a mesma rigidez, ter rejeitado esse logotipo oficial. É uma evidência que sobressai das próprias explicações do irmão Gage Fleegle.

Parece dificilmente contestável que a presença desse logotipo indica que esse filme não se destinava unicamente aos irmãos... Ele se dirigia também a instâncias externas. Mas a quais?

Formulo aqui o que se assemelha a uma análise dos fatos, e será necessário que esclarecimentos sejam prestados diante de irmãos maduros, pois esses elementos merecem um exame atento.

Em suma, é do conhecimento público que as Nações Unidas ou os organismos afiliados, quando concedem facilidades ou reconhecimentos a grupos, esperam em troca que estes demonstrem a sua adesão às suas diretrizes e aos seus princípios orientadores. Essas instâncias não concedem nada sem contrapartida; elas exigem uma forma de alinhamento.

Vocês deveriam se lembrar do que Jesus declarou:

Mateus 6:24

«Ninguém pode ser escravo de dois senhores; pois, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Vocês não podem ser escravos de Deus e das Riquezas.»

Este filme demonstra sem equívoco a qualquer líder político que a nossa organização apoia o ACNUR e as Nações Unidas. No início do vídeo, ao minuto 00:35, um irmão faz uma forma de promoção para a ONU ao declarar:

«Segundo a Organização das Nações Unidas, no fim de 2022, havia no mundo 108 milhões de pessoas deslocadas, o que representa 20 milhões a mais do que no ano anterior.»

Por que vocês citam os inimigos de Deus como uma fonte credível? Para cada Testemunha de Jeová, a ONU deveria ser um motivo de reprovação; o seu próprio nome não deveria “aparecer na sua boca”. Esqueceram-se do que Deus declarou:

Êxodo 23:13

«Tenham o cuidado de fazer tudo o que vos disse. Não mencionem o nome de outros deuses; não se ouça o seu nome dos vossos lábios.»

O escândalo em que a nossa organização esteve envolvida como ONG junto das Nações Unidas de 1992 a 2001 é um fato conhecido e provado. É claro que alguns tentarão minimizar a situação pretendendo que não havia ali nada de repreensível. Mas a realidade bíblica é muito diferente: essa organização é retratada como uma “fera assustadora” que acabará por impor a sua “marca” a cada indivíduo, enquanto busca destruir os cristãos que desejam permanecer fiéis a Deus. Na sua opinião, por qual razão a Bíblia a descreve como uma fera tão perigosa?

É realmente justo e inofensivo associar-se com ela? Não percebem o perigo desse vínculo proibido?

O apóstolo Tiago, no entanto, avisa-nos:

Tiago 4:4

«Adúlteras, não sabem que a amizade com o mundo é inimizade com Deus? Portanto, quem quer ser amigo do mundo torna-se inimigo de Deus.»

Trata-se claramente de um adultério espiritual. Creio que Jeová se importa muito mais com essa atitude adúltera do que com a cor das roupas dos atores.

Além de tudo isso, a OMS também é um braço da ONU, assim como o ACNUR. São os diferentes “tentáculos” de um mesmo “polvo”. Por que, então, vocês recomendaram a vacinação (promovida pela OMS), deixando de lado a neutralidade cristã?

É muito provável que essa relação proibida e adúltera que vocês mantêm com ela — e que salta aos olhos nesse vídeo — seja a razão, ou pelo menos uma das razões, do seu extravio durante a pandemia.

Se um homem descobrisse a foto de outro homem na carteira da sua esposa, ficaria profundamente abalado, não é verdade? Não importa que ela alegue que é apenas um amigo: essa foto não tem nada que estar ali. A sua simples presença revela que algo vai mal com essa esposa.

Não existe nenhuma desculpa para promover a “Fera” e associar-se amigavelmente com ela. Esses logotipos não deveriam figurar nas

nossas produções, pois materializam o adultério que vocês cometem, quer aceitem reconhecê-lo ou não. Além disso, a OMS ostenta um símbolo sinistro que evoca de maneira marcante a imagética satânica.



Esse símbolo marcou cada uma das suas palavras durante os seus discursos, nos relatórios do Corpo Governante e nas suas instruções durante a pandemia. Basta ler as recomendações da OMS, que já citei, para constatar que cada diretriz que vocês deram levava o selo da “fera” e o seu símbolo.

Mais uma vez, pergunto-lhes: por que pensam que Jeová, no livro de Revelação, a representa sob a forma de uma “fera selvagem imunda, cheia de nomes blasfemos e assassina”, e não sob a forma de um gatinho fofo e inofensivo?

Esqueceram-se do que cremos há décadas? Em vez de retratar a ONU assim:



Mostrar-lha assim:



Trata-se de um gatinho que se pode acariciar e com o qual se pode brincar?

Se fomos avisados de que ela seduzirá o mundo inteiro e tentará fazer com que traímos a Deus, é sábio associar-se a ela?

A Bíblia lembra-nos:

Provérbios 13:20

«Quem anda com sábios irá tornar-se sábio, Mas quem se junta aos tolos acabará mal.»

Pensem em todos os danos que vocês causaram aos seus irmãos e irmãs durante a pandemia ao “passarem tempo” com ela. Queridos irmãos, ela é perigosa, não a subestimem!

Na verdade, no futuro, a Fera (a ONU, ou a estrutura que lhe sucederá) começará a impor a sua “marca” imunda, cuja natureza exata permanece ainda desconhecida.

Irmãos do Corpo Governante, gostaria que nos projetássemos no futuro e nos fizéssemos algumas perguntas:

Recomendarão a “marca da Fera” a todos os nossos irmãos, como fizeram com a vacina? Se a ONU lhes pedir — e ela pedirá —, vocês vão submeter-se como se submeteram durante a pandemia de COVID-19? Se capitularem novamente, os nossos irmãos aceitarão a “marca da Fera”, como fizeram com a vacina, considerando que a “instrução” vem de Jeová e que, mesmo que pareça “ilógica”, é preciso obedecer àqueles que tomam a dianteira?

A crise da vacina foi uma verdadeira “janela para o futuro”, pois o cenário que envolveu essa obrigação era praticamente idêntico ao que o livro de Revelação descreve a respeito da “marca”. É claro que a vacina em si não é a “marca”, mas esses acontecimentos recentes deveriam incentivar-nos a prestar uma atenção redobrada à situação.

O adultério espiritual de que fomos testemunhas não augura nada de bom.

Assim como vocês exibem a promoção das ideias do ACNUR (um tentáculo da Fera), também retransmitem as diretrizes da OMS (outro dos seus tentáculos). O símbolo inserido no seu vídeo promocional demonstra um alinhamento com o ACNUR, ao passo que as injunções vacinais repetidas nos relatórios do Corpo Governante demonstram uma submissão à OMS. A única diferença é que, nas comunicações oficiais, vocês não colocaram um logotipo; mas quem quer que examine os seus documentos oficiais, como mencionei nos links anteriores, constata sem qualquer equívoco que vocês moldaram as suas ordens pelas da OMS e, portanto, pelas da ONU.

Há inegavelmente negociações “nos bastidores”, e isso torna-se flagrante quando se analisa com lucidez o que este vídeo promocional revela.

Queridos irmãos do Corpo Governante, não basta arrependerem-se das suas escolhas; é imperativo romper definitivamente essa relação adúltera. Se não o fizerem, caminhamos direto para o desastre!

A história do filho pródigo lembra-nos a atitude do pai quando vê regressar o seu filho extraviado:

Lucas 15:20

«Assim, levantou-se e foi ao encontro do seu pai. Enquanto ele ainda estava longe, o pai avistou-o e teve pena; então, correu, e abraçou-o e beijou-o ternamente.»

Será que teria “corrido e abraçado ternamente” o seu filho, se ele tivesse regressado com uma prostituta pelo braço? Teria o Pai aceitado de bom grado essa relação?

Jeová não lhes perdoará enquanto não tiverem parado de tocar na “coisa impura” e enquanto não demonstrarem que “odeiam até a roupa manchada pela carne”, o que constitui manifestamente um adultério espiritual (Judas 23).

Em conclusão, todos os vínculos com as organizações que Jeová e o seu Filho consideram como inimigos do seu Reino e da sua assembleia devem ser imediatamente rompidos.

Se isso não for feito, não só o que sofremos da sua parte se repetirá por ocasião da próxima pandemia, mas também sofreremos, desta vez confrontados com a “marca da fera”, e sabemos que será muito pior.

A PERIGOSA DOUTRINA DAS INSTRUÇÕES FUTURAS “ILLÓGICAS, ESTRANHAS E DIFÍCEIS DE APLICAR”

Há muito tempo que uma ideia surge com insistência em todas as nossas publicações. Encontramo-la no texto do dia, em *A Sentinela*, bem como em vários vídeos e discursos. Ouvimo-la também durante a última assembleia, através de vários temas abordados e até na representação dramática.

Esta ideia é repetida tão frequentemente que se torna verdadeiramente penoso ouvi-la. Trata-se do conceito segundo o qual receberemos no futuro instruções “ilógicas, estranhas e difíceis de aplicar”.

Este parágrafo de *A Sentinela* (edição de estudo) de fevereiro de 2022 resume perfeitamente o que é martelado uma e outra vez:

<https://wol.jw.org/pt-PT/wol/d/r296/lp-tpo/2022280>

«15 O fim deste mundo mau está muito próximo. Por isso, agora mais do que nunca, precisamos de confiar na maneira de Jeová fazer as coisas. Porquê? Porque, durante a grande tribulação, talvez recebamos instruções que sejam difíceis de entender ou de obedecer. É claro que Jeová não vai falar diretamente connosco. É bem provável que ele use os homens que estão na liderança para nos dar orientações. Nessa época, não vai ser o momento para questionar a orientação que recebemos por talvez nos perguntarmos: ‘Será que esta orientação é mesmo de Jeová, ou é uma coisa que os irmãos que estão na liderança inventaram?’ Na grande tribulação, vamos precisar de confiar em Jeová e na organização dele. E isso vai depender de como estamos a seguir as orientações agora. Se você já confia nas orientações que recebe hoje e lhes obedece sem pensar duas vezes, é bem provável que faça o mesmo durante a grande tribulação. — Luc. 16:10»

Aqui está a continuação da tradução em português:

As ideias de base que ali são desenvolvidas são as seguintes:

- Transmitir-nos-ão diretrizes que parecerão “estranhas, difíceis de aplicar ou ilógicas” de um ponto de vista humano e, apesar disso, teremos de lhes obedecer cegamente.
- Esta instrução “ilógica” virá de Jeová, que a comunicará por meio dos “seus representantes”, isto é, VOCÊS.
- Devemos provar desde já que estamos prontos para nos submeter, obedecendo às decisões que nos parecem injustificadas hoje.

Todo este raciocínio foi martelado de forma intensiva durante a pandemia de COVID-19, e esta retórica não cessou desde então.

É verdade que podemos às vezes ignorar os detalhes complexos de certas decisões, elementos que se revelam contudo essenciais para compreender o seu fundamento. A Bíblia lembra, aliás, que “o amor tudo crê” (1 Coríntios 13:7). Estamos naturalmente inclinados a pensar que os irmãos agem para o nosso bem, e não procuramos alimentar

uma desconfiança sistemática em relação às suas iniciativas. Mas, como para todas as coisas, há um limite que não deve ser ultrapassado.

Podem vocês realmente exigir de nós uma obediência absoluta diante de ordens “estranhas ou ilógicas”? É realmente isso o que Jeová espera dos seus servos? Infelizmente, a maioria dos irmãos e irmãs está firmemente convencida disso. Deixaram-se seduzir por este conceito errôneo, imaginando erradamente que tal submissão é a prova da sua fé em Jeová.

No entanto, as Escrituras Sagradas demonstram sem ambiguidade que toda esta doutrina baseada em futuras instruções “estranhas, difíceis de aplicar e ilógicas” é falaciosa e extremamente perigosa. Por exemplo, Jesus declarou:

João 16:13, 14

«No entanto, quando ele vier, o espírito da verdade, ele irá guiar-vos a toda a verdade, pois não falará da sua própria iniciativa, mas falará o que ouvir e irá declarar-vos as coisas que virão. Ele irá glorificar-me, porque receberá do que é meu e vo-lo declarará.»

Jesus disse que seríamos guiados pelo espírito da verdade. Por que Jesus não disse que o “escravo fiel e prudente” nos guiaria à verdade? Por que não disse que devíamos prestar atenção a esse “escravo”, mesmo que não compreendêssemos o que ele diz e achássemos isso ilógico? Terá Jesus Cristo se esquecido de ensinar isso?

Já expliquei ao longo desta carta que “ser guiado pelo espírito” está ligado ao fato de obedecer à própria consciência. Vejamos o que nos dizem as publicações.

Em *A Sentinela* de 15 de março de 2006, páginas 21 a 25, sob o tema: “Cada um levará a sua própria carga”, o parágrafo 6 diz:

<https://wol.jw.org/pt-PT/wol/d/r296/lp-tpo/2006206>

«6 Algo indispensável na questão de tomar decisões é a faculdade da consciência, uma faculdade herdada que envolve a habilidade de julgar. A nossa consciência pode ‘acusar-nos ou até mesmo desculpar-nos’. (Romanos 2:14, 15) No entanto, para que a consciência aja da maneira correta, precisa de ser influenciada pelo conhecimento

exato da Palavra de Deus e reagir ao passo que aplicamos o que aprendemos. Uma consciência não treinada é facilmente influenciada por costumes e hábitos locais. O nosso ambiente e as opiniões de outras pessoas também nos podem desencaminhar. O que acontece à nossa consciência quando os seus avisos são ignorados repetidas vezes e os padrões divinos violados? Com o tempo pode ficar cauterizada, ou seja, “marcada como que com ferro em brasa”, tornando-se como uma pele cicatrizada – insensível e sem reação. (1 Timóteo 4:2) Por outro lado, uma consciência treinada pela Palavra de Deus é um guia seguro.»

A questão é, portanto, clara: se permitirmos que a nossa consciência seja influenciada pelo «espírito de Deus» e se a alimentarmos com «a sua Palavra», ela nos dará a direção de que precisamos. Mas, como diz o comentário, se não prestarmos atenção à nossa consciência, «ela ficará cauterizada como que com ferro em brasa e perderá toda a sensibilidade». Não é uma coisa boa ir contra a própria consciência. Jesus disse de fato o seguinte sobre as suas ovelhas, isto é, sobre aquelas que são guiadas pelo Espírito, pela sua própria consciência e pela Palavra:

João 10:2-6

«Mas quem entra pela porta é o pastor das ovelhas. A este o porteiro abre-a, e as ovelhas escutam a sua voz. Ele chama as suas ovelhas por nome e leva-as para fora. Depois de retirar todas as suas ovelhas, ele vai à frente delas, e elas seguem-no, porque conhecem a sua voz. De modo algum seguirão um estranho, mas fugirão dele, porque não conhecem a voz de estranhos.” Jesus fez esta comparação, mas eles não entenderam o que ele lhes disse.»

Está claro que as suas ovelhas não reconhecem o «pastor» pela sua aparência, mas pela «sua voz», ou seja, pelo seu ensino. Se a voz é o ensino, a «voz de estranhos» é um «ensino estranho». Repito isso porque é muito importante: Se a voz é o ensino, a «voz de estranhos» é um «ensino estranho». Esse reconhecimento que as «ovelhas» de Cristo fazem as leva a fugir rapidamente da «voz de estranhos». Como é que as

ovelhas percebem isso? As «ovelhas» conhecem a «voz do pastor» e tudo o que não está de acordo com essa voz é simplesmente estranho e elas o rejeitam. Portanto, ensinar que, se acharmos que uma instrução dada por pessoas imperfeitas é «ilógica e estranha», devemos «fechar os olhos» e obedecer, contradiz o próprio Jesus Cristo. Jesus Cristo nunca ensinou tal absurdo; pelo contrário, ele ensinou exatamente o oposto. As ovelhas devem fugir quando ouvem algo «estranho». Isso pode ser lido em *A Sentinela* de 1.º de setembro de 2004, sob o tema: «Cuidado com “a voz de estranhos”». O parágrafo 17 diz:

“ 17 Sem dúvida, quanto melhor conhecemos a voz, ou mensagem, de Jeová, tanto melhor podemos detectar a voz dum estranho. A Bíblia revela como podemos aprender a conhecer a voz de Deus. Ela diz: ‘Teus próprios ouvidos ouvirão uma palavra atrás de ti, dizendo: “Este é o caminho. Andai nele.”’ (Isaías 30:21) Essa ‘palavra’ atrás de nós vem da Palavra de Deus. Toda vez que lemos a Bíblia, ouvimos como que a voz do nosso Grande Pastor, Jeová. (Salmo 23:1) Assim, quanto mais estudamos a Bíblia, tanto mais nos familiarizamos com a voz de Deus. Esse conhecimento íntimo permite-nos então detectar instantaneamente a voz de estranhos. — Gálatas 1:8. ”

Tudo isso é exato, e Gálatas 1:8 é citado, dizendo:

Gálatas 1:8

«No entanto, mesmo que um de nós ou um anjo do céu vos declare como boas novas algo além das boas novas que vos declarámos, que ele seja amaldiçoado.»

Mesmo que um anjo do céu ensinasse algo «estranho», ele estaria sob a maldição de Deus e deveríamos rejeitá-lo. Na verdade, já comentei anteriormente como, na carta aos Gálatas, Paulo explica que nem mesmo Pedro ou os outros apóstolos podiam ensinar coisas «estranhas». Portanto, as Escrituras não permitem de forma alguma ensinar conceitos estranhos esperando que os outros os aceitem cegamente; em vez disso, elas alertam repetidamente sobre o perigo de se deixar seduzir por ensinamentos estranhos. Por exemplo, diz-se em Hebreus:

Hebreus 13:8, 9

«Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre. Não sejam desencaminhados por ensinamentos variados e estranhos, pois é melhor que o coração seja fortalecido pela bondade imerecida do que por alimentos, que não beneficiam os que se preocupam com eles.»

E sabe-se que, quando Paulo fala de ensinamentos «diversos e estranhos», ele se referia a ideias diferentes e novas que se desviavam do que Jesus Cristo ensinou, visto que ele é «o mesmo ontem, hoje e para sempre». Portanto, não é nada bíblico ensinar que devemos obedecer a um «ensino estranho», mesmo que venha da parte de vocês. É igualmente incorreto atribuir a Deus diretrizes «estranhas», fazendo os irmãos acreditarem que ele exige deles tal submissão. Se somos realmente guiados pelo espírito santo e pela Palavra de Deus, devemos rejeitar o que é estranho e, acima de tudo, não obedecer a isso. Se vocês apresentam algo «estranho» aos irmãos, deveriam parar e se perguntar: por que o que dizemos parece «estranho» aos irmãos? Será porque contradiz as Escrituras? Será que eles acham isso estranho porque vocês estão violando a consciência individual deles? Vocês têm a mesma Bíblia que nós; portanto, qualquer instrução que derem deve estar solidamente baseada nela. Se vocês não conseguem apoiar por meio das Escrituras a «instrução estranha» que estão promovendo e se isso fere a consciência dos irmãos, estamos diante de um grande problema. Nesse caso, vocês estariam promovendo ideias puramente humanas e sem base. Pior ainda, estariam tentando justificá-las usando a falsa doutrina da «instrução estranha» para que todos se cale e ninguém os contradiga. Não aprendemos que um dos requisitos para um ancião é «ensinar de acordo com a Palavra fiel»? Ensinar «coisas estranhas» é se desviar deliberadamente das Escrituras. O apóstolo Paulo também escreveu o seguinte:

Romanos 12:1, 2

«Portanto, suplico-vos, irmãos, pelas compaixões de Deus, que apresentem os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e aceitável a Deus, prestando assim um serviço sagrado com a vossa faculdade de raciocínio. E parem de se moldar de acordo com este mundo, mas sejam transformados, por renovar a vossa mente, para comprovarem por vocês mesmos a boa, aceitável e perfeita vontade de Deus.»

É preciso prestar um serviço sagrado a Deus com a sua «razão»; é isso o que ele aprova e o que lhe agrada. A respeito desse texto, *A Sentinela* de 15 de junho de 1995 declara no artigo intitulado «Serviço sagrado com a sua faculdade de raciocínio»:

“ 4 A frase “com a sua faculdade de raciocínio” traduz o termo grego *logikós*, que significa “racional” ou “ponderado”. Os servos de Deus são exortados a usar sua consciência treinada pela Bíblia. Em vez de basear suas decisões num número sem-fim de regras preestabelecidas, eles precisam considerar cuidadosamente os princípios bíblicos. Precisam entender a “gramática” da Bíblia, quer dizer, ver como os seus vários princípios se relacionam. Assim podem tomar decisões equilibradas usando sua faculdade de raciocínio. ”

O serviço prestado a Deus deve ser «racional e ponderado», portanto não pode basear-se em «instruções ilógicas». A palavra «lógica» vem, aliás, do grego *logikós*. Por conseguinte, afirmar que deveríamos obedecer a instruções «ilógicas» contradiz frontalmente Romanos 12:1. A sua falsa doutrina vai completamente contra a própria «gramática» da Bíblia. O apóstolo Pedro também escreveu:

1 Pedro 2:2

«Como bebês recém-nascidos, desenvolvam um forte desejo pelo leite não adulterado da palavra, para que, por meio dele, cresçam para a salvação,»

É interessante notar que outras traduções da Bíblia vertem esse texto como:

1 Pedro 2:2 (*Bíblia na Linguagem de Hoje*)

«Como crianças recém-nascidas, desejem o leite espiritual e puro, para que, bebendo dele, vocês cresçam e alcancem a salvação»

Se analisarem o termo grego, é também *logikós* que é empregado para qualificar o «leite espiritual e puro». Pedro faz assim referência ao desejo ardente pelo «leite puro» da Palavra, o que é profundamente «lógico». Por conseguinte, ensinar que deveríamos «fechar os olhos» e obedecer a instruções «ilógicas e estranhas» contradiz frontalmente as palavras do apóstolo Pedro. Por simples dedução, entendemos que esses «ensinos ilógicos» equivalem a um leite adulterado ou impróprio

para o consumo, incapaz de nos nutrir espiritualmente. Devemos desejar o «alimento lógico» da Palavra de Deus — comparável a um leite nutritivo indispensável para o nosso crescimento espiritual — e não essas «instruções estranhas, ilógicas e difíceis de praticar» que acabam por envenenar o rebanho, como constatamos durante a pandemia por meio dos relatórios do Corpo Governante. Eu poderia citar ainda muitos outros textos bíblicos, mas já é manifesto que essa doutrina é errada e deve ser rejeitada. Jesus declarou: «Contudo, a sabedoria é comprovada pelas suas obras» (Mateus 11:19). A doutrina do ensino «ilógico e estranho» demonstra ser sábia e aprovada por Deus? O que esse ensino produziu na realidade? Tivemos um exemplo impressionante disso durante a pandemia de COVID-19. Durante essa crise, muitos irmãos e irmãs que não tinham a intenção de se vacinar optaram por «fechar os olhos», depositando a sua confiança nessa ideia errada que vocês propagavam. Ao fazerem isso, aceitaram a injeção pensando estar demonstrando fé em Jeová. Estavam convencidos de que deviam se submeter a essas «instruções de Jeová», mesmo achando-as inadequadas ou potencialmente perigosas para a sua saúde. Hoje, muitos deles morreram, outros estão gravemente doentes, e outros ainda tropeçaram a ponto de abandonar a verdade, como demonstrei anteriormente. Esse ensino era bom segundo os critérios estabelecidos por Jesus Cristo? Obviamente não. Da minha parte, optei, a exemplo de muitos outros, por confiar nas Escrituras, na minha consciência e no meu discernimento, sem me deixar levar por esse desvio doutrinário. E não tenho absolutamente nada a lamentar. Nenhum daqueles que optaram por desobedecer ao «ensino ilógico e estranho» sobre a vacinação divulgado nos comunicados oficiais lamenta a sua decisão hoje. Pelo contrário, estamos ainda mais determinados a nos conformar com a exortação bíblica de «apegar-se ao padrão de palavras saudáveis» (2 Timóteo 1:13). As palavras da Bíblia literalmente preservaram a nossa saúde, ao passo que os «ensinos ilógicos» que vocês promoveram condenaram ao sofrimento e à morte muitos dos que foram enganados. O leite que deram de beber aos nossos irmãos estava envenenado. O que teria acontecido durante a pandemia se os irmãos tivessem entendido que deviam se deixar guiar exclusivamente pela sua própria consciência? Eles simplesmente não teriam dado importância às suas declarações nos comunicados oficiais, e muitos deles ainda estariam vivos ao nosso lado. A doutrina de um «ensino ilógico, estranho e difícil de praticar» causou diretamente a perda de muitos dos nossos irmãos.

Trata-se, portanto, de um ensino perigoso e mortal que deve ser imediatamente erradicado da congregação cristã. Prezados irmãos do Corpo Governante, vocês no entanto escreveram estas palavras, que já citei e com as quais estou em perfeito acordo. A *Sentinela* de fevereiro de 2017, páginas 23 a 28, no parágrafo 12, declara:

«12 O Corpo Governante não é inspirado nem infalível. Portanto, pode cometer erros em assuntos doutrinários ou organizacionais. De fato, o *Índice das Publicações da Torre de Vigia* inclui a entrada “Esclarecimento de Crenças”, que lista os ajustes no nosso entendimento da Bíblia desde 1870.»

Se vocês reconhecem abertamente que não são «infalíveis e que podem cometer erros em assuntos doutrinários e organizacionais», não podem decentemente esperar que os irmãos e irmãs os sigam cegamente. Vocês também não podem continuar a dispensar a doutrina de um «ensino futuro ilógico», pois isso seria se contradizer de forma flagrante. Ou será que vão ousar pretender ainda que tudo isso fazia parte da vontade de Jeová, tentando se justificar atrás da teoria da «luz progressiva»? Os fatos demonstraram cruelmente que vocês estavam errados. Vocês cometeram erros graves que precisam imperativamente retificar, como evidenciei repetidamente ao longo deste livro. É, portanto, vital que esses desvios sejam corrigidos com toda a urgência; se vocês não o fizerem, a história se repetirá inevitavelmente durante uma próxima crise mundial, e muitas outras pessoas morrerão desnecessariamente. Se vocês se recusarem a se corrigir e cometerem um novo erro de interpretação, desta vez referente à «marca da fera», arrastarão uma multidão de irmãos para uma destruição certa. É um mero fantasma temer tal cenário? A pandemia de COVID-19 provou que os meus avisos não se baseiam em teorias sem fundamento: foi exatamente o que aconteceu com a questão da vacina. Se vocês falharam desde já, quando a pressão atual não é de modo algum comparável àquela que teremos de enfrentar, o que acontecerá no futuro se persistirem nesse caminho sem se reformar? O próprio Jesus nos dá a resposta:

Lucas 16:10

«Quem é fiel no mínimo também é fiel no muito, e quem é injusto no mínimo também é injusto no muito.»

Se vocês falharam durante a pandemia e não foram fiéis, farão exatamente o mesmo no futuro se não se corrigirem. Pensem nisto, meus irmãos: o que é mais fácil? Enganar 9 pessoas ou desviar 8 milhões? Vocês certamente me responderão que desviar apenas 9 pessoas é muito mais simples. Portanto, se Satanás procura nos destruir a todos, como ele vai proceder? Proponho-lhes duas opções:

Ou ele tentará enganar, um por um, os 8 milhões de Testemunhas de Jeová. Ou concentrará todas as suas forças para desviar 9 pessoas, fazendo ao mesmo tempo o restante do rebanho acreditar que nunca deve questionar a sua palavra. É evidente que a segunda opção é a mais temível e a mais eficaz. Sendo assim, promover a obediência cega a líderes religiosos serve aos interesses do Diabo ou aos de Deus? Está mais do que claro que o ensino segundo o qual devemos «fechar os olhos» e obedecer a vocês em todas as circunstâncias não vem de Deus. Essa doutrina só serve e só é útil ao Diabo, cujo objetivo é enganar «até mesmo os escolhidos» (Mateus 24:24). Essa é, aliás, uma das razões fundamentais pelas quais Jesus Cristo não queria que os seus discípulos estabelecessem para si «líderes, comandantes ou instrutores» para seguir ceticamente. Jesus sabia perfeitamente que, na presença de líderes humanos inquestionáveis, a tarefa se tornaria um jogo de crianças para o Adversário. A doutrina de uma obediência a instruções «ilógicas, estranhas e difíceis de praticar» deve ser imediatamente banida da congregação de Cristo. Esse ensino é uma mentira antibíblica que já se revelou mortal para muitas das suas ovelhas e constitui uma armadilha diabólica introduzida no meio de nós para nos causar o maior dano.

O ESCLARECIMENTO SOBRE A IDENTIDADE DO ESCRAVO FIEL E PRUDENTE

O que contribuiu amplamente para os problemas causados pela pandemia de COVID-19 continua sendo a explicação moderna dada a respeito do «escravo fiel e prudente». Já mencionei o discurso de Jeffrey Winder intitulado «Como a luz se torna cada vez mais brilhante?», cujas conclusões são profundamente erradas. Mas o importante agora é analisar o processo subjacente que levou a essas ideias falsas — ideias que acabaram, por ricochete, lançando a culpa sobre o próprio Jeová. O irmão Winder começa, aliás, declarando no seu discurso:

«Nos últimos anos, a Reunião Anual tem sido a ocasião para anunciar e explicar esclarecimentos doutrinários, ou seja, novas luzes sobre a verdade. Claro que isso não acontece em toda Reunião Anual, mas quando Jeová revela algo, costuma ser na Reunião Anual que o anúncio é feito. Então, será que vai haver alguma nova luz hoje? Acho que o irmão Cook já deixou escapar alguma coisa. De qualquer forma, estamos ansiosos para ver o que tem, ou seja, o que o programa nos reserva. Mas você já se perguntou: “Como é que Jeová revela esclarecimentos doutrinários, ou seja, novas luzes, hoje em dia, na nossa época?” Quando os membros do Corpo Governante se reúnem na sua qualidade de “escravo fiel e prudente”, o que é que acontece? Como é que a luz se torna mais brilhante, exatamente? Como é que Jeová usa esse escravo para esclarecer o nosso entendimento? Bem, antes de mais nada, o que é que as Escrituras nos ensinam? Vamos examinar quatro pontos.»

O irmão começa por declarar que é «Jeová quem revela algo novo». Ele afirma igualmente que Jeová «revela esclarecimentos doutrinários, ou seja, novas luzes». Essas clarificações, segundo o irmão Winder, são trazidas pelo «escravo fiel e prudente» (isto é, vocês) e é assim que «a luz se torna cada vez mais brilhante». Está claro que tudo o que o Corpo Governante faz é sistematicamente atribuído a Jeová porque, segundo essa lógica, vocês seriam o «escravo fiel e prudente» de quem Jesus falou. Mas vejamos como o discurso prossegue:

«O primeiro: Por qual meio Jeová torna a luz mais brilhante? Para saber, vamos a 1 Coríntios 2 e leiamos juntos o versículo 10: “Pois é a nós que Deus as revelou por meio do seu espírito, porque o espírito pesquisa todas as coisas, até mesmo as coisas profundas de Deus.” Então, como Jeová revela essa luz? Por meio do seu espírito. Reconhecemos o papel fundamental que o espírito de Jeová desempenha para revelar a verdade.»

Claro, o espírito santo é aquele que revela as coisas e TODOS nós nos beneficiamos disso. Leiamos todo o contexto do que o apóstolo Paulo escreveu para compreendê-lo bem:

1 Coríntios 2:6-10

«Ora, falamos de sabedoria entre os que são maduros, mas não da sabedoria deste sistema de coisas nem da sabedoria dos governantes deste sistema de coisas, os quais ficarão reduzidos a nada. No entanto, falamos da sabedoria de Deus expressa em segredo sagrado, a sabedoria escondida, que Deus predeterminou antes dos sistemas de coisas, para a nossa glória. Esta é a sabedoria que nenhum dos governantes deste sistema de coisas chegou a conhecer, pois, se a tivessem conhecido, não teriam executado o glorioso Senhor. Mas, como está escrito: “O olho não viu e o ouvido não ouviu, nem foram concebidas no coração do homem as coisas que Deus preparou para os que o amam.” Porque foi a nós que Deus as revelou por meio do seu espírito, pois o espírito investiga todas as coisas, até mesmo as coisas profundas de Deus.»

Paulo diferencia o «sagrado segredo» revelado por Cristo da sabedoria puramente humana, e explica que o espírito santo lhes revela esse «sagrado segredo». Ele acrescenta a seguir:

1 Coríntios 2:11-13

«Entre os homens, quem é que sabe as coisas de um homem, a não ser o espírito do homem que está dentro dele? Assim, também, ninguém sabe as coisas de Deus, a não ser o espírito de Deus. E nós não recebemos o espírito do mundo, mas o espírito que vem de Deus, para que soubéssemos as coisas que nos foram bondosamente dadas por Deus. Também falamos destas coisas, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com as ensinadas pelo espírito, ao explicarmos assuntos espirituais com palavras espirituais.»

Aqui, Paulo mostra que não temos «o espírito do mundo», mas «o espírito de Deus», e é por isso que conhecemos as «coisas de Deus». Como temos «o espírito de Deus», não usamos «a sabedoria humana», mas expressamos «as palavras de Deus». Paulo continua dizendo:

1 Coríntios 2:14-16

«Contudo, o homem físico não aceita as coisas do espírito de Deus, pois para ele são tolice; e ele não pode conhecê-las, porque são examinadas espiritualmente. No entanto, o homem espiritual examina todas as coisas, mas ele próprio não é examinado por nenhum homem. Pois “quem chegou a conhecer a mente de Jeová, para poder instruí-lo”? Nós, porém, temos a mente de Cristo.»

Aqui, Paulo diferencia o «homem físico», que não entende nada das realidades espirituais e se apoia na sabedoria humana, do «homem espiritual», que examina todas as coisas de um ponto de vista espiritual. O sentido que Paulo dá a esses termos é límpido: qualquer pessoa que aceita Jeová e se deixa guiar pelo seu espírito torna-se uma pessoa espiritual; caso contrário, permaneceria apenas um homem físico ou carnal. É de notar que se especifica aqui que o «homem espiritual» não se apoia na «sabedoria humana», mas expressa exclusivamente as «coisas do espírito». Infelizmente, durante a pandemia, vocês abandonaram o «espírito» para promover a «sabedoria humana» da «fera». Após esclarecer este ponto, vejamos como o discurso do irmão Winder prossegue:

«Segundo ponto: A quem é que Jeová revela esses esclarecimentos doutrinários? Bem, para responder, vamos a Mateus capítulo 24 e leiamos juntos Mateus 24 no versículo 45: “Quem é realmente o escravo fiel e prudente a quem o seu senhor encarregou dos seus domésticos para lhes dar o alimento no tempo apropriado?” Portanto, é evidente que Cristo encarregou o “escravo fiel e prudente”, e é por meio dele que Jeová, por meio de Cristo, faz com que nos seja fornecido o alimento espiritual. Assim, apenas com esses dois primeiros pontos, vemos claramente que uma verdade divina é transmitida do céu para a terra, por meio do espírito santo, através do “escravo fiel e prudente”.»

Aqui, a palavra inspirada de Paulo é novamente distorcida. Em momento algum no texto que vocês citam — «Pois é a nós que Deus as revelou por meio do seu espírito» (1 Coríntios 2:10) —, Paulo faz alusão a um grupo especial que receberia revelações divinas exclusivas ou que

atuaria como um «canal único». O contexto desta primeira carta aos Coríntios mostra claramente que ele diferencia simplesmente o «homem físico» do «homem espiritual», e nada mais. Se lermos o conjunto das suas cartas, constatamos que ele de modo algum incentiva a crença numa elite ou num «grupo especial» usado da maneira como o irmão Winder menciona aqui. É, portanto, totalmente errado deturpar este texto aos Coríntios para apoiar a ideia de um canal exclusivo dirigido pelo espírito santo. Além disso, vocês também deturpam as palavras de Jesus. Na sua ilustração, ele fala apenas de um «escravo fiel e prudente» encarregado de «dar o alimento no tempo apropriado»; ele não menciona de forma alguma um «grupo especial» beneficiando de uma direção divina direta. Tampouco diz que todos deveríamos obedecer cegamente a esse grupo sob o pretexto de que as suas declarações constituiriam a própria instrução de Jeová. Na realidade, Paulo ensina exatamente o contrário nos seus escritos, como já destaquei. O próprio Jesus usou muitas parábolas envolvendo escravos, que contradizem frontalmente as suas interpretações atuais, e analisaremos mais adiante o que elas realmente significam. O irmão Winder prossegue declarando:

“ Terceira pergunta: Quando é que Jeová torna a luz mais brilhante? Bem, voltemos simplesmente a Mateus 24:45. O escravo daria esse alimento “no tempo apropriado”, o que é uma indicação temporal muito clara, não acham? Sendo assim, Jeová revela esclarecimentos doutrinários quando ele decide, quando é necessário e quando isso nos vai ajudar a fazer a sua vontade. ”

Mais uma vez, Jesus em nenhum lugar diz que haveria um grupo de cerca de 9 pessoas que ele usaria para ditar a todos a conduta a seguir. Jesus fala apenas em dar «o alimento no tempo apropriado». Ora, se há uma coisa que este livro evidencia, é que «o alimento» que vocês distribuíram durante a pandemia de COVID-19 através dos boletins de notícias não tinha nada de «apropriado». Pareceu-se antes com um «veneno» que causou a perda de muitos dos nossos irmãos, tanto no plano físico como no espiritual.

Dar o «alimento no tempo apropriado» não tem absolutamente nada a ver com o fato de alterar constantemente crenças bíblicas enquanto se exige que cada um as aceite sem pestanejar.

“Quarto ponto: Em que ritmo ele torna a luz mais brilhante? Tudo de uma vez como um caminhão basculante? Ou gradualmente como um fio de água? Bem, a resposta está no livro de Provérbios, no capítulo 4 e no versículo 18: “Mas a vereda dos justos é como a brilhante luz da manhã, que clareia mais e mais até à plena luz do dia.” Portanto, aqui a Bíblia usa o exemplo da luz da manhã. E o que é que isso nos ensina? A Sentinela disse: “A comparação empregada neste versículo nos permite entender que Jeová revela o seu propósito ao seu povo de forma progressiva.” Assim, tal como a luz da manhã se torna cada vez mais brilhante, o nosso entendimento das verdades bíblicas vai-se refinando progressivamente no momento em que precisamos, e no momento em que o podemos absorver e pôr em prática. E estamos gratos por isso, não é verdade? É mais fácil para os nossos olhos quando o brilho da luz aumenta de forma progressiva. É a mesma coisa para o nosso entendimento do propósito de Jeová. Tomemos, por exemplo, o caso de Abraão. Será que na sua época Abraão estava em condições de entender completamente tudo o que Jeová ia fazer e revelar: como ele usaria as 12 tribos de Israel, a Lei mosaica, o papel de Cristo, o pagamento do resgate, a congregação cristã do século I, a esperança celestial, os últimos dias e os detalhes da grande tribulação? De modo algum! Ele não teria conseguido lidar com tudo isso. Não precisava disso. Mas Abraão tinha tudo o que era necessário para servir a Jeová devidamente na época em que vivia. Nós temos a vantagem de viver durante os últimos dias, a época em que o “verdadeiro conhecimento” se tornaria abundante. Apesar de tudo, ele é revelado, comunicado num ritmo que podemos absorver, que somos capazes de acompanhar para poder aplicá-lo. E agradecemos a Jeová por isso. Portanto, é isso o que nos ensinam as Escrituras, mas também a nossa experiência, sobre a forma como a luz se torna cada vez mais brilhante na nossa época. Ela é transmitida por meio do espírito santo, por intermédio do “escravo fiel e prudente”, Jeová a

revela progressivamente e no momento em que precisamos dela. ”

Já expliquei que o texto bíblico afirma que «a luz dos justos é como a luz brilhante que se torna cada vez mais clara», o que significa que a luz aumenta continuamente. Portanto, se vocês abandonam um entendimento correto para adotar uma ideia falsa, como fizeram durante a pandemia, isso prova sem equívoco que não foram guiados por Jeová.

No entanto, vocês alegam ser o «canal» exclusivo que Deus usa, mesmo sendo manifesto que cometeram erros graves. Toda a argumentação do irmão Winder visa, no fundo, apenas tentar justificar essa teoria de uma «lâmpada oscilante», cuja total absurdidade já foi demonstrada. Tal raciocínio não é, infelizmente, um caso isolado. Constantemente, nas publicações e nos discursos, textos bíblicos são isolados e retirados do seu contexto para legitimar as suas afirmações de que vocês são «o escravo fiel e prudente» e de que deveríamos aceitar as suas diretrizes sem a menor hesitação.

Mas o que queria Jesus realmente dizer através da sua ilustração do escravo fiel e prudente? Para o compreender bem, deixemos a palavra ao próprio Jesus. Examinemos primeiro o relato registrado no Evangelho de Mateus; diz-se ali:

Mateus 24:45-51

«Quem é realmente o escravo fiel e prudente, a quem o seu senhor encarregou dos seus domésticos, para lhes dar o alimento no tempo apropriado? Feliz é esse escravo se o seu senhor, quando vier, o encontrar a fazer isso! Digo-vos a verdade: Ele vai encarregá-lo de todos os seus bens. “Mas, se esse escravo mau disser no coração: ‘O meu senhor está a demorar’, e começar a espancar os seus coescravos, e a comer e a beber com os bebedores, o senhor desse escravo virá num dia em que ele não espera e numa hora que ele não sabe. Ele irá puni-lo com a maior severidade e designar-lhe um lugar entre os hipócritas. É lá que ocorrerá o seu choro e o ranger dos seus dentes.»

Aqui, falamos apenas de um «escravo» encarregado de cuidar da casa e de alimentar os outros domésticos. Este escravo pode revelar-se «fiel e prudente» ou, pelo contrário, «mau, bêbado e briguento». É no regresso

do seu senhor, Jesus Cristo, que este o recompensará ou o punirá severamente em função dos seus atos. O texto não diz absolutamente mais nada. Vejamos agora o que nos ensina o relato paralelo do Evangelho de Lucas. Logo após ter lembrado que o «Filho do Homem» virá à hora em que menos se espera, Jesus declara:

Lucas 12:42-48

«E o Senhor disse: “Quem é realmente o mordomo fiel, o prudente, a quem o seu senhor encarregará do grupo de assistentes para lhes continuar a dar a sua medida de mantimentos no tempo apropriado? Feliz é esse escravo se o seu senhor, quando vier, o encontrar a fazer isso! Digo-vos a verdade: Ele vai encarregá-lo de todos os seus bens. Mas, se aquele escravo disser no coração: ‘O meu senhor demora-se’, e começar a espancar os servos e as servas, e a comer, a beber e a embriagar-se, o senhor desse escravo virá num dia que ele não espera e numa hora que ele não sabe, e irá puni-lo com a maior severidade e designar-lhe um lugar entre os infiéis. Então, aquele escravo que entendeu a vontade do seu senhor, mas não se preparou nem fez o que ele lhe pediu, será espancado com muitos golpes. Mas aquele que não entendeu e fez coisas que merecem punição será espancado com poucos golpes. Realmente, de todo aquele a quem muito foi dado, muito será exigido; e daquele que foi encarregado de muito, será exigido mais do que o normal.»

Aqui mais uma vez, encontra-se exatamente a mesma ideia que no relato de Mateus. Jesus fala de um escravo que pode revelar-se bom ou mau, e que será julgado em função dos seus atos no regresso do senhor.

No entanto, no versículo 47, é apresentado um pormenor crucial: fala-se de vários escravos que não fizeram a vontade do senhor e que recebem punições diferentes segundo o seu grau de conhecimento dessa vontade. Isso demonstra claramente que de modo algum se trata de uma profecia aplicável a um grupo específico ou a um indivíduo em particular. É uma parábola que ilustra as diferentes atitudes que podemos adotar e as consequências que delas decorrem. Em lugar algum se menciona que um «escravo» atuaria como «canal exclusivo» através do qual Jeová comunicaria com o seu povo, nem que deveríamos obedecer-lhe mesmo que as suas diretrizes nos escapem ou

nos pareçam contrárias à razão. Na realidade, ao especificar que esse escravo é perfeitamente capaz de se desviar e de se comportar mal, Jesus adverte-nos explicitamente de que nunca se deve conceder uma obediência cega a um humano, quaisquer que sejam as suas responsabilidades no âmbito da congregação.

Logo após ter apresentado a ilustração do «escravo fiel e prudente» registrada no Evangelho de Mateus, Jesus cita o exemplo das virgens prudentes e das virgens tolas, e depois regressa a uma parábola envolvendo escravos, embora esta apresente algumas nuances em relação à anterior:

Mateus 25:14-30

«Pois assim acontece no caso de um homem que, antes de viajar para fora, convocou os seus escravos e confiou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois e ainda a outro um, a cada um segundo a sua capacidade, e viajou para fora. Aquele que recebeu cinco talentos foi imediatamente negociar com esse dinheiro, e ganhou mais cinco. Do mesmo modo, aquele que recebeu dois ganhou mais dois. Mas o escravo que recebeu apenas um foi-se embora, cavou um buraco no chão e escondeu o dinheiro do seu senhor. “Depois de muito tempo, o senhor desses escravos voltou e ajustou contas com eles. Então, aquele que tinha recebido os cinco talentos apresentou-se e trouxe outros cinco talentos, dizendo: ‘O senhor confiou-me cinco talentos. Veja, ganhei mais cinco talentos.’ O seu senhor disse-lhe: ‘Muito bem, escravo bom e fiel! Foste fiel ao cuidar de poucas coisas. Vou encarregar-te de muitas coisas. Participa da alegria do teu senhor.’ A seguir, aquele que tinha recebido dois talentos apresentou-se e disse: ‘O senhor confiou-me dois talentos; veja, ganhei mais dois talentos.’ O seu senhor disse-lhe: ‘Muito bem, escravo bom e fiel! Foste fiel ao cuidar de poucas coisas. Vou encarregar-te de muitas coisas. Participa da alegria do teu senhor.’ “Por fim, o escravo que tinha recebido um talento apresentou-se e disse: ‘Eu sabia que o senhor é um homem exigente, que colhe onde não semeou e junta onde não espalhou. Por isso, fiquei com medo e escondi o seu talento no chão. Aqui está o que é seu.’ Em resposta, o seu senhor disse-lhe: ‘Escravo mau e preguiçoso, quer isso dizer que sabias que

eu colho onde não semeei e junto onde não espalhei? Então, devias ter entregado o meu dinheiro aos banqueiros, e, na minha vinda, eu iria recebê-lo com juros. “Portanto, tirem-lhe o talento e deem-no àquele que tem dez talentos. Pois a todo aquele que tem, mais será dado, e ele terá abundância. Mas, quanto àquele que não tem, até mesmo o que tem lhe será tirado. E lancem o escravo imprestável na escuridão lá fora. É lá que ocorrerá o seu choro e o ranger dos seus dentes.’»

Aqui também, dois tipos de escravos são destacados: por um lado, aqueles que cumprem o que o senhor espera deles e, por outro, aquele que falta aos seus deveres. Mas um pormenor crucial merece ser sublinhado: existem vários escravos «bons e fiéis». Permitam-me repeti-lo, pois é um ponto fundamental:

Existem vários escravos «bons e fiéis».

Isso demonstra mais uma vez que Jesus não traça o retrato profético de um grupo de indivíduos preciso. Ele expõe simplesmente duas trajetórias distintas que os seus discípulos podem escolher seguir, e sobre as quais serão finalmente julgados.

O escravo «mau e preguiçoso» do capítulo 25 acaba por «chorar e ranger os dentes», exatamente como o escravo «mau» do capítulo 24 que se junta aos bêbados. Jesus trata, portanto, aqui do mesmo tema, ilustrando-o sob ângulos diferentes.

Ou vão agora teorizar que existem duas categorias distintas de «escravos fiéis e prudentes»? Vão defender que há, por um lado, a classe do escravo dos «cinco talentos» e, por outro, a do escravo dos «dois talentos»?

É evidente que tudo isso pertence ao âmbito da parábola destinada a transmitir uma lição moral e espiritual, e não de uma profecia linear. O relato de Lucas vem, aliás, confirmá-lo:

Lucas 19:11-27

«Enquanto escutavam estas coisas, ele contou outra ilustração, porque estava perto de Jerusalém e eles achavam que o Reino de Deus ia aparecer instantaneamente. Assim, ele disse: “Um homem de origem nobre viajou para um país distante, a fim de se tornar rei e voltar. Chamando dez dos seus escravos, deu-lhes dez

minas e disse-lhes: 'Façam negócios com estas minas até eu voltar.' Mas os seus contrerrâneos odiavam-no e enviaram um grupo de embaixadores atrás dele, para dizer: 'Não queremos que este homem se torne rei sobre nós.' "Por fim, quando ele voltou depois de se tornar rei, convocou os escravos a quem tinha dado o dinheiro, a fim de saber o que tinham ganho com a sua atividade comercial. Então, o primeiro aproximou-se e disse: 'Senhor, a sua mina rendeu dez minas.' Ele disse-lhe: 'Muito bem, escravo bom! Visto que te mostraste fiel num assunto muito pequeno, recebe autoridade sobre dez cidades.' Então, chegou o segundo, dizendo: 'Senhor, a sua mina produziu cinco minas.' Ele disse também a este: 'Tu também, toma conta de cinco cidades.' Mas outro chegou, dizendo: 'Senhor, aqui está a sua mina, que deixei escondida num pano. Pois eu tive medo de si, visto que é um homem severo; retira o que não depositou e colhe o que não semeou.' Ele disse-lhe: 'Pelas tuas próprias palavras te julgo, escravo mau. Quer dizer que tu sabias que eu sou um homem severo, que retiro o que não depusitei e colho o que não semeiei? Então, porque é que não puseste o meu dinheiro num banco para que, na minha vinda, eu o recebesse com juros?' "Com isso, ele disse aos que estavam ali: 'Tirem-lhe a mina e deem-na àquele que tem dez minas.' Mas eles disseram-lhe: 'Senhor, ele já tem dez minas!' Ele respondeu: 'Digo-vos que a todo aquele que tem, mais será dado; mas, quanto àquele que não tem, até mesmo o que tem lhe será tirado. Além disso, tragam cá esses meus inimigos, que não quiseram que eu me tornasse rei sobre eles, e matem-nos à minha frente.'"

Temos aqui algo muito semelhante ao que é relatado em Mateus, mas com algumas diferenças. Falamos aqui de 10 escravos que recebem cada um uma mina. Aparentemente, nove revelam-se fiéis e bons, enquanto o último é mau. Será necessário, por causa disso, ver nesta parábola tipos proféticos, como vocês fazem com a do «escravo fiel e prudente»? São vocês os 9 «escravos fiéis e prudentes», e será essa a razão pela qual aumentaram o número de membros do Corpo Governante para atingir precisamente esse número? Quem é então o mau escravo? Anthony Morris, talvez? E a quem redistribuíram a «mina» de Anthony Morris? É absolutamente ridículo pegar arbitrariamente numa ilustração

e querer a todo o custo encontrar nela figuras proféticas. Se agíssemos dessa forma, acabaríamos por justificar qualquer coisa. Caros irmãos, estas variações nas ilustrações de escravos dadas por Jesus demonstram que ele de modo algum profetizava a existência de um «canal único». Com efeito, se tomássemos as suas palavras ao pé da letra como profecias, ele contradizer-se-ia constantemente nos pormenores de um relato para outro. A ilustração do «escravo fiel e prudente» é totalmente comparável às outras parábolas de escravos e não deve ser tratada de forma diferente. Se consideram a ilustração do «escravo fiel e prudente» como uma profecia, por que não fazem o mesmo com as outras? É completamente arbitrário ensinar que uma é profética e as outras não. Todas estas ilustrações se assemelham e transmitem a mesma ideia: duas trajetórias possíveis e o balanço que daí resulta quando Jesus vem prestar contas com os seus servos. No entanto, em todas as suas publicações e em discursos como o de Jeffrey Winder, vocês persistem em ensinar que «o escravo fiel e prudente» se refere a um «grupo especial», isto é, a vocês mesmos. Por exemplo, esta ideia de «grupo especial» é explicitamente retomada na enciclopédia Estudo Perspicaz das Escrituras. O raciocínio apresentado nessa obra apoia-se no fato de que, no Evangelho segundo Lucas, o escravo é qualificado como «mordomo» (ou seja, um responsável ou um administrador). Vocês deduzem daí que ele detém uma autoridade absoluta sobre todos os domésticos da casa. Este deslize semântico tem apenas um objetivo: legitimar a obediência cega dos publicadores às suas instruções, como vemos constantemente repetido nas nossas reuniões. Contudo, a definição da palavra «mordomo» (oikonomos) segundo o dicionário bíblico de VINE é a seguinte:

“ «oikonomos» (οἰκονόμος, G3623), (oikos, casa; nomos, lei) lit., aquele que dirige uma casa (Gál_4:2), designa um servo superior responsável pela administração da casa, pela direção dos outros domésticos e pela guarda dos filhos menores. Ver ADMINISTRADOR, MORDOMO, TESOUREIRO. ”

Para compreender o que Jesus queria realmente expressar, o mais seguro é examinar como os seus próprios discípulos entenderam essas ilustrações sobre o «escravo», visto que foram ensinados diretamente por ele. Veremos assim se o que lhes apresento é verdadeiro ou falso. O que diz o apóstolo Pedro, por exemplo?

1 Pedro 4:10, 11

«Conforme cada um recebeu um dom, use-o para servir os outros como bom administrador da bondade imerecida de Deus, que é expressa de vários modos. Se alguém fala, que o faça como quem fala as proclamações de Deus; se alguém serve, que o faça como quem depende da força que Deus fornece; para que, em todas as coisas, Deus seja glorificado por meio de Jesus Cristo. A glória e o poder são dele para todo o sempre. Amém. *L'encyclopédie Étude perspicace des Écritures* omet soigneusement de citer ce passage de Pierre lorsqu'elle cherche à valider la théorie du « canal spécial ». Ce texte biblique est pourtant d'une importance capitale.»

Aqui, o apóstolo Pedro evoca os «dons» que os membros da congregação recebem, o que corresponde exatamente aos «talentos» ou às «minas» confiados pelo senhor nas parábolas de Jesus. Ele especifica que estes dons devem ser administrados em conformidade com os desejos do senhor que os dispensou, fazendo de cada cristão, individualmente, um «mordomo» responsável por esse depósito. Pedro detalha em seguida estes diferentes dons e a forma como devem ser colocados ao serviço da comunidade para glorificar a Deus.

De onde tira Pedro esta lógica e estas expressões? Terá ele inventado tudo isso ou estava a fazer diretamente eco aos ensinamentos de Jesus Cristo? É impressionante constatar que ele usa precisamente o termo grego *oikonomos*, a palavra exata empregada no Evangelho de Lucas para designar o «mordomo».

Demonstra Pedro pelos seus escritos que se considerava membro de um «canal único» investido de uma autoridade piramidal e a cumprir uma suposta profecia de Jesus?

Obviamente que não. Se ele tivesse acreditado que a função de «mordomo fiel e prudente» era o monopólio de um comitê restrito, nunca teria podido encorajar a totalidade dos crentes a tornarem-se, eles também, «bons mordomos».

Da mesma forma, acreditava Pedro que um grupo exclusivo com o título de «mordomo fiel e prudente» iria surgir séculos mais tarde? Nem de perto nem de longe. Se ele tivesse essa visão do futuro, em vez de incitar cada cristão a exercer ativamente a sua mordomia individual,

teria ordenado a todos que esperassem passivamente que esse canal oficial aparecesse para receber as suas diretrizes.

O tom e os argumentos de Pedro provam que ele compreendia perfeitamente a nossa condição comum: somos todos escravos que devem fazer frutificar os seus respectivos dons no âmbito da congregação.

Alguns versículos mais adiante, Pedro acrescenta, aliás, uma reflexão particularmente digna de interesse:

1 Pedro 5:1-4

«Portanto eu, que também sou ancião, testemunha dos sofrimentos do Cristo e participante na glória que será revelada, faço este apelo aos anciãos no vosso meio: pastoreiem o rebanho de Deus, que está aos vossos cuidados, servindo como superintendentes não por obrigação, mas de boa vontade perante Deus; não por amor ao ganho desonesto, mas com entusiasmo; não dominando sobre os que são a herança de Deus, mas tornando-se exemplos para o rebanho. E, quando o pastor principal tiver sido manifestado, receberão a imperecível coroa de glória.»

Ele diz que aqueles que exercem responsabilidades não devem comportar-se como «senhores» sobre a «herança de Deus», enquanto cumprem o seu papel de «superintendentes».

A palavra «superintendente» (frequentemente traduzida por «encarregado» ou episkopos em grego) significa, segundo o dicionário de W.E. Vine:

“ «episkopos» (ἐπίσκοπος, G1985), lit., superintendente (epi, sobre; skopeo, vigiar ou inspecionar), e a partir do qual termos como episcopal, etc., são traduzidos por «superintendente» em Atos 20:28 (ESV); ver BISPO. ”

Assim, mesmo se usa o termo oikonomos ou mordomo, Pedro de modo algum concebe que os irmãos investidos de uma responsabilidade de supervisão na congregação possam agir como «senhores da herança de Deus». A «mordomia» bíblica não consiste em exercer um poder de mando sobre os outros nem em os constranger a submeterem-se à nossa vontade.

É moldando o nosso comportamento por este modelo de humildade que receberemos a «coroa de glória» das mãos de Jesus Cristo. Pedro faz assim aqui direta alusão ao «regresso do senhor» vindo recompensar os seus escravos, um tema que atravessa — como vimos — todas as ilustrações dadas por Cristo.

Vejamos agora o que Paulo diz a respeito dos «escravos». Quando escreveu as suas instruções a Tito relativamente à designação de anciãos, declarou nomeadamente:

Tito 1:5-7

«Deixei-te em Creta para que corrigisses as coisas que precisavam de ser endireitadas e fizesses designações de anciãos em cada cidade, conforme as instruções que te dei: o ancião deve estar livre de acusação, ser marido de uma só esposa e ter filhos crentes que não sejam acusados de devassidão nem de rebeldia. Porque, como administrador designado por Deus, um superintendente tem de estar livre de acusação, não deve ser obstinado, nem alguém que se ire com facilidade, nem beberão, nem violento, nem ávido de ganho desonesto,»

Aqui, ele usa os termos *oikonomos* (mordomo) e *episkopos* (superintendente ou responsável) como sinónimos perfeitos, o que demonstra que os anciãos da congregação local são, eles também, «mordomos».

Isso prova mais uma vez que a afirmação segundo a qual a palavra *oikonomos* no Evangelho de Lucas se referiria a um «grupo especial» de líderes mundiais é totalmente falsa. Se este termo designasse uma elite exclusiva, Paulo nunca o aplicaria dessa forma aos anciãos de cada congregação. Afinal de contas, se esses anciãos cumprem corretamente o seu trabalho de mordomia, comportam-se então, ao seu nível, como «mordomos fiéis e prudentes».

Paulo junta-se assim exatamente ao pensamento de Pedro: os anciãos da congregação devem gastar as suas energias pelos irmãos e usar as suas capacidades em benefício dos outros a fim de glorificar a Deus, com a promessa de que o Cristo os recompensará no seu regresso. Paulo também escreveu o seguinte:

1 Coríntios 4:7

«Pois quem é que te torna diferente dos outros? Realmente, o que tens tu que não tenhas recebido? Se tu, de facto, recebeste tudo o que tens, porque é que te gabas como se não o tivesses recebido?»

A que faz Paulo alusão aqui? Não estará ele a falar de não se gabar dos «dons recebidos»? De onde lhe veio essa ideia? Será possível que esteja a citar Jesus Cristo e a parábola dos escravos?

Aos Efésios, Paulo escreve também:

Efésios 4:8-16

«Pois as Escrituras dizem: “Quando ele subiu ao alto, levou consigo cativos; deu dádivas em homens.” Ora, o que significa a expressão “ele subiu”, senão que também desceu às regiões mais baixas, isto é, à terra? O mesmo que desceu é também aquele que subiu muito acima de todos os céus, para dar plenitude a todas as coisas. E ele deu alguns como apóstolos, alguns como profetas, alguns como evangelizadores, alguns como pastores e instrutores, para o reajustamento dos santos, para a obra ministerial, para edificar o corpo do Cristo, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento exato do Filho de Deus, o estado de homem adulto, alcançando a estatura da plenitude do Cristo. Então, já não devemos ser crianças, atirados como que por ondas e levados para lá e para cá por todo o vento de ensinamentos, pela esperteza de homens, pela astúcia de artimanhas enganosas. Mas, dizendo a verdade, cresçamos em todas as coisas, por amor, em direção àquele que é a cabeça, Cristo. Por meio dele, todo o corpo é harmoniosamente unido e coordenado mediante as juntas que suprem o que é necessário. Quando cada membro funciona bem, contribui para o desenvolvimento do corpo, à medida que se edifica a si mesmo em amor.»

Aqui, Paulo expõe claramente a mesma ideia. Cristo deu «dons em homens» à congregação. Paulo faz manifestamente alusão às ilustrações de escravos mencionadas por Jesus. A ideia que ele apresenta é que, na congregação, todos os irmãos têm funções diferentes e possuem «dons» que devem colocar ao serviço dos outros para fazer crescer a comunidade, pois essa é a vontade do senhor. «O senhor distribuiu os dons» e cada «escravo» tem a responsabilidade de fazê-los frutificar.

De fato, ele diz mais tarde aos efésios:

Efésios 4:17-20

«Portanto, digo e exorto-vos no Senhor: não continuem a andar como andam as pessoas das nações, na futilidade da sua mente. Elas estão mentalmente em escuridão e apartadas da vida que pertence a Deus, por causa da ignorância que há nelas, por causa da insensibilidade do seu coração. Tendo perdido todo o senso moral, entregaram-se à conduta insolente para praticar com ganância todo o tipo de impureza. Mas vocês não aprenderam que o Cristo seja assim,»

Aqui, ele encoraja-os a não perderem tempo como fazem as «pessoas das nações», que se encontram «mentalmente na escuridão» e estão «afastadas da vida que pertence a Deus». Não é exatamente a mesma coisa que faz o «escravo mau» que enterra o seu talento ou esconde a sua mina? Não é a atitude do escravo que começa a «beber e a embriagar-se» com o mundo, em vez de alimentar os seus companheiros? O «escravo mau», em vez de trabalhar para o Reino, desperdiça o seu tempo para os seus próprios interesses. É precisamente por isso que «o senhor» o pune no seu regresso: ele não fez nada para fazer frutificar os «dons» que lhe tinham sido confiados. Como constatamos, a mesma ideia espiritual é sistematicamente repetida, expressando-se simplesmente sob formas diferentes. Para resumir tudo isto: Nada na Bíblia indica que vocês façam parte de um «grupo especial» profetizado pelo próprio Jesus Cristo. Tão-pouco é bíblico defender que deveríamos todos submeter-nos às suas diretrizes, sem nunca questionar nada, sob o único pretexto de que afirmam «dirigir a casa». Em termos simples, Jesus Cristo mostrou claramente que cada um de nós deve esforçar-se por edificar a congregação trabalhando com todas as suas forças, usando os seus dons pessoais em benefício dos outros. Se agirmos assim, seremos recompensados; mas se faltarmos ao nosso dever, seremos condenados do mesmo modo que um escravo mau. Com estes argumentos, caros irmãos, a minha intenção não é de todo promover a anarquia. É perfeitamente lógico que em qualquer organização sejam tomadas decisões e realizadas ações de forma ordeira para gerir as coisas corretamente. Mas administrar uma estrutura não equivale a ensinar aos outros que se possui uma «autoridade divina» inquestionável. Significa ainda menos

que estão autorizados a substituir-se à consciência individual dos irmãos, como infelizmente fizeram durante a pandemia. A doutrina de um «escravo fiel e prudente» único não se sustenta, mesmo que se quisesse acreditar erradamente que Jesus profetizava um «grupo especial». Se permanecermos verdadeiramente objetivos, deveríamos perguntar-nos francamente: Foram «fiéis» aos princípios bíblicos durante a pandemia? As suas instruções transmitidas durante as Atualizações do Corpo Governante foram «prudentes»? É mais do que claro que não preenchem esses critérios. «Bateram» espiritualmente nos seus irmãos durante a pandemia para os forçar a submeterem-se? «Beberam vinho», no sentido figurado, com os líderes políticos que impunham a vacina e marginalizavam os não vacinados? Como se comportaram realmente, no fundo? Caros irmãos, não têm qualquer base bíblica para se identificarem com um pretense «escravo fiel e prudente» profético. Aliás, vejam o que está escrito na A Sentinela de 15 de março de 2015. Esse artigo menciona, com razão, que as explicações bíblicas devem permanecer simples e que não se devem procurar tipos e antítipos proféticos onde as Escrituras não os indicam explicitamente. Contudo, no parágrafo 10, vocês declaram:

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2015202>

«10 Como seria de esperar, ao longo dos anos, Jeová tem ajudado “o escravo fiel e discreto” a se tornar cada vez mais discreto, ou prudente. A prudência tem levado o escravo a ser mais cauteloso quanto a dizer que determinado relato bíblico é um drama profético, a menos que haja uma base bíblica clara. Além disso, observou-se que algumas das explicações antigas sobre tipo e antítipo são difíceis demais para muitos leitores. Fica difícil entender, lembrar e aplicar os detalhes desses ensinamentos — quem representa quem e por quê. No entanto, mais preocupante ainda é que as lições morais e práticas dos relatos bíblicos em consideração podem ser ofuscadas ou perdidas no esforço de encontrar possíveis cumprimentos proféticos. É por isso que nossas publicações hoje se concentram mais nas lições simples e práticas sobre fé, perseverança, devoção a Deus e outras qualidades vitais que aprendemos de passagens bíblicas.»

Aqui, vocês caem em plena contradição: reconhecem explicitamente que «um relato bíblico só é um drama profético se for fundamentado nas Escrituras» e, no entanto, continuam a aplicar a parábola do escravo como uma profecia rígida que vos diz respeito. Onde é que a Bíblia indica claramente que o relato do «escravo fiel e prudente» constitui um «modelo profético» ou um antítipo moderno? Vocês não podem de modo algum provar, pelas Escrituras, que esta ilustração é uma profecia com um cumprimento histórico único, e muito menos afirmar que Jesus Cristo falava de vocês. Na realidade, as palavras de Jesus e os escritos dos seus apóstolos, que citei anteriormente, demonstram exatamente o contrário.

Mateus 23:8-12

«Mas vocês não sejam chamados ‘Rabi’, pois um só é o seu Instrutor, e todos vocês são irmãos. Além disso, não chamem a ninguém na terra de seu pai, pois um só é o seu Pai, o celestial. Nem sejam chamados de líderes, pois o seu Líder é um só, o Cristo. Mas o maior entre vocês tem de ser o seu servo. Quem se enaltecer será humilhado, e quem se humilhar será enaltificado.»

Segundo o dicionário Vine:

“ «rabi» (ῥαββεί, G4461) era um termo aramaico que significava «meu instrutor», um título respeitoso para se dirigir aos instrutores judeus. A palavra «pai» é pater (πατήρ, G3962), de uma raiz que significa nutridor, protetor, sustentador (lat., pater, pai). A palavra «líder» é kathegetes (καθηγητής, G2519), propriamente um guia (relacionado com kathegeomai, ir à frente, dirigir; kata, abaixo; hegeomai, dirigir), designando o instrutor (Mat 23:10, duas vezes); alguns manuscritos contêm-no em Mat 23:8 (TR), onde os mais comumente aceites têm o número 1.¶ ”

Jesus, através de três ensinamentos distintos, afirma uma verdade límpida: nenhum homem deveria elevar-se acima dos seus semelhantes, pois somos todos iguais. Será, contudo, essa a realidade que prevalece hoje na congregação? Consideram os irmãos que vocês são realmente os seus pares, ou percebem-vos antes como uma elite superior e intocável? Assim que expressam uma diretriz, o consenso exige uma obediência cega, sob o pretexto de que a voz do «escravo fiel e

prudente» não poderia ser contestada. Pior ainda, se vos der a vontade de vos libertarem dos princípios bíblicos — como foi o caso com o princípio de neutralidade durante a pandemia —, a maioria dos fiéis segue-vos sem piscar os olhos. Este desvio não é uma simples suposição: é um fato recente, flagrante, do qual fomos todos testemunhas. Decorre diretamente da autoridade desproporcionada que atribuem a vós mesmos. A maioria dos irmãos simplesmente já não se atreve a exercer o seu espírito crítico, pois passou a olhar para vocês como guias infalíveis e senhores incontestáveis. Em última análise, a doutrina do «escravo fiel e prudente» tal como a difundem produz exatamente o inverso do que o Cristo ordenou aos seus discípulos. Sendo assim, impõe-se uma questão crucial, e faço-a novamente de tão fundamental que é: como poderia Jesus Cristo apoiar uma doutrina que gera precisamente o que ele condena? Como salientei anteriormente, o apóstolo Pedro tinha proibido formalmente os superintendentes de dominar o rebanho. O termo exato que ele emprega em grego é:

“ «*katakuriēuo*» (κατακυριεύω, G2634), exercendo o domínio (kata, abaixo; kurios, senhor), ver, B. Traduzido «dominar» (1Pe 5:3); ver também DOMÍNIO, A, n.º 3, REGRA, n.º 2. ”

Ele fazia assim alusão ao ensinamento de Jesus. O Cristo tinha, aliás, sublinhado esse ponto no dia em que dois dos seus discípulos procuraram ocupar as posições mais elevadas no seu Reino.

Mateus 20:20-28

«Aproximou-se dele então a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos e, curvando-se diante dele, pediu-lhe algo. Ele lhe perguntou: “O que você quer?” Ela respondeu: “Declare que estes dois filhos meus se sentarão um à sua direita e outro à sua esquerda, no seu Reino.” Jesus disse em resposta: “Vocês não sabem o que estão pedindo. Será que podem beber o cálice que eu estou para beber?” Disseram-lhe: “Podemos.” Ele lhes disse: “De fato, vocês beberão o meu cálice, mas sentar-se à minha direita e à minha esquerda não cabe a mim conceder; esses lugares pertencem àqueles para quem o meu Pai os preparou.” Quando os outros dez souberam disso, ficaram indignados com os dois irmãos. Mas Jesus os chamou e disse: “Vocês sabem que os governantes das nações dominam sobre elas

e que os grandes homens exercem autoridade sobre elas. Não deve ser assim entre vocês; mas quem quiser se tornar grande entre vocês tem de ser o seu servo, e quem quiser ser o primeiro entre vocês tem de ser o seu escravo, assim como o Filho do Homem veio, não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate em troca de muitos.”»

Aqui, Jesus explica claramente que, na sua congregação, não pode haver um «grupo especial» que exerça uma autoridade absoluta e domine sobre as suas ovelhas. Por conseguinte, a ideia segundo a qual Jesus colocaria um «escravo fiel e prudente» acima da comunidade como um «canal único» ao qual deveríamos todos obedecer cegamente é completamente falsa. Se assim fosse, o Cristo contradizer-se-ia totalmente. Tenta-se frequentemente sustentar a legitimidade deste «escravo fiel e prudente» estabelecendo paralelos com outros relatos bíblicos, como o papel de Moisés no seio da nação de Israel. No entanto, basta analisar objetivamente a questão para constatar que essas comparações são inadequadas e fora de contexto. Por exemplo, A Sentinela de julho de 2024 declara nos parágrafos 10 e 11:

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2024481>

«10 Confie na organização de Jeová. No passado, Jeová usou Moisés e depois Josué para dar instrução ao Seu povo. (Jos. 1:16, 17) Os israelitas eram abençoados quando reconheciam esses homens como representantes de Jeová. Centenas de anos depois, quando a congregação cristã foi formada, eram os 12 apóstolos que orientavam o povo de Deus. (Atos 8:14, 15) Depois, esse grupo aumentou e incluiu outros anciãos em Jerusalém. Por seguirem a orientação que recebiam desses homens fiéis, “as congregações eram fortalecidas na fé e cresciam a cada dia”. (Atos 16:4, 5) Hoje, nós também somos muito abençoados quando seguimos as orientações da organização de Jeová. Mas como você acha que Jeová se sentiria se a gente não aceitasse quem ele escolheu para tomar

a liderança? Podemos responder a essa pergunta vendo o que aconteceu quando os israelitas estavam indo para a Terra Prometida.

11 Certa vez, quando os israelitas estavam indo em direção à Terra Prometida, alguns homens de destaque desafiaram Moisés e a designação que Jeová tinha dado a ele. Eles disseram: “Toda a assembleia [não apenas Moisés] é santa, todos eles, e Jeová está no meio deles.” (Núm. 16:1-3) Embora fosse verdade que para Jeová ‘toda a nação’ era santa, Jeová tinha escolhido Moisés para tomar a liderança. (Núm. 16:28) Ao criticarem Moisés, esses rebeldes, na verdade, estavam criticando Jeová. Eles não se concentraram no que Jeová queria, eles se concentraram no que eles queriam: mais poder e destaque. Jeová destruiu esses homens e também milhares de outros que concordaram com eles. (Núm. 16:30-35, 41, 49) Hoje, da mesma forma, sabemos que Jeová desaprova aqueles que desrespeitam as orientações de sua organização.»

Os parágrafos citados afirmam que «Jeová escolheu Moisés», o que é exato. Mas como podia um israelita ter a certeza disso? Todos os israelitas viram com os seus próprios olhos Moisés anunciar as dez pragas do Egito, que se cumpriram ao pé da letra (Êxodo 7-12). Todos viram Moisés dividir o mar e atravessá-lo no meio de muralhas de água erguidas à sua direita e à sua esquerda (Êxodo 14:21, 22). Todos viram a coluna de nuvem e de fogo parar por cima da sua tenda, provando que Jeová falava diretamente com ele (Êxodo 33). Todos viram Moisés subir à montanha e ouviram Deus descer ali por entre relâmpagos, trovões e tremores de terra. Moisés foi o único, entre três milhões de pessoas, a penetrar na nuvem (Êxodo 20:18-21). Por fim, todos viram que o seu rosto radiava de tal forma luz depois de ter falado com Deus que ele tinha de cobrir-se com um véu (Êxodo 34:29, 30). Sendo assim, quem podia duvidar de que Moisés era o escolhido de Deus? Quem podia legitimamente negar o seu estatuto de representante divino? Na realidade, Corá não se opôs simplesmente a Moisés; rebelou-se contra o próprio Jeová, manifestamente cegado pela inveja. Por que razão, então, se comparam a Moisés? Dispõem das mesmas garantias que ele? O vosso rosto radia ao ponto de terem de usar um véu depois de

conversarem com Deus? Jeová apoia as vossas diretrizes colocando uma coluna de fogo à entrada dos vossos quartos? Realizaram o menor milagre que seja? Que prova tangível podem fornecer para demonstrar que Deus vos escolheu e que devemos obedecer-vos cega e prontamente? Na verdade, limitam-se a proclamar-se «grupo especial» sob o título de «escravo fiel e prudente», atribuindo a vós mesmos a autoridade de Moisés sem possuírem a menor das suas credenciais. A este respeito, existe outro relato muito revelador relativo a Moisés: aquele em que Miriã e Arão se rebelam contra ele. A história conta:

Números 12:1-10

«Miriã e Arão começaram então a falar contra Moisés por causa da esposa cuchita com quem ele havia se casado, pois ele havia tomado uma esposa cuchita. Eles diziam: “Será que Jeová falou somente por meio de Moisés? Não falou também por meio de nós?” E Jeová estava escutando. Ora, Moisés era de longe o mais manso de todos os homens na face da terra. De repente, Jeová disse a Moisés, a Arão e a Miriã: “Saíam, vocês três, para a tenda de reunião.” De modo que os três saíram. E Jeová desceu na coluna de nuvem, ficou à entrada da tenda e chamou Arão e Miriã. Ambos se aproximaram. Então ele disse: “Ouçam as minhas palavras, por favor. Se houvesse um profeta de Jeová entre vocês, eu me daria a conhecer a ele numa visão e lhe falaria num sonho. Mas com o meu servo Moisés é diferente! A ele foi confiada toda a minha casa. Falo com ele face a face, abertamente, não por enigmas; e ele vê a aparência de Jeová. Por que, então, vocês não temeram falar contra o meu servo, contra Moisés?” Portanto, a ira de Jeová se acendeu contra eles, e ele os deixou. A nuvem se retirou de cima da tenda, e, no mesmo instante, Miriã foi atacada de lepra branca como a neve. Quando Arão olhou para Miriã, viu que ela estava com lepra.»

Aqui, Jeová expressa uma verdade indiscutível: a posição de Moisés é única e sem igual. Miriã e Arão tinham recebido, no máximo, visões ou sonhos. Segundo a escala de valores estabelecida por Deus, eles situavam-se muito abaixo de Moisés. Caros irmãos, falam face a face com Jeová como fazia Moisés? Fala-vos ele claramente e sem enigmas? Obviamente não. Então, recebem pelo menos visões ou sonhos proféticos como Arão e Miriã? Sejamos honestos: se seguirmos os

critérios definidos pelo próprio Criador neste relato, vocês não atingem sequer a posição de Arão ou de Miriã. Constatação que não é minha, deriva diretamente das palavras de Deus. Comparar-se a Moisés é um erro grave. É a lição que nos ensinam os exemplos de Corá, Datã, Abirão, Arão e Miriã, mas também dos fariseus que, exatamente como vocês hoje, se tinham sentado «na cadeira de Moisés» (Mateus 23:2). Por que razão Jeová recusava que alguém se comparasse a Moisés? Muito simplesmente porque Moisés era uma figura profética que representava Jesus Cristo.

O próprio Moisés declarou:

Deuteronômio 18:15-22

Jeová, seu Deus, fará surgir para você, dentre os seus irmãos, um profeta semelhante a mim; vocês devem escutá-lo. Pois foi isso que você pediu a Jeová, seu Deus, em Horebe, no dia em que a assembleia estava reunida, quando você disse: 'Que eu não ouça mais a voz de Jeová, meu Deus, nem veja mais este grande fogo, para que eu não morra.' Então Jeová me disse: 'O que eles disseram é bom. Eu farei surgir para eles, dentre os seus irmãos, um profeta semelhante a você, e porei as minhas palavras na boca dele, e ele lhes falará tudo que eu mandar. De fato, exigirei uma prestação de contas do homem que não escutar as minhas palavras, que ele falar em meu nome. "Se um profeta presunçosamente falar em meu nome alguma palavra que eu não lhe mandei falar ou falar em nome de outros deuses, esse profeta deverá morrer. Mas talvez você diga no seu coração: "Como saberemos que Jeová não falou essa palavra?" Quando o profeta falar em nome de Jeová e o que ele disser não acontecer nem se cumprir, então Jeová não falou aquela palavra. O profeta a falou presunçosamente. Você não deve ficar com medo dele.'»

O apóstolo Pedro retomou, aliás, as palavras de Moisés para identificar explicitamente Jesus Cristo como o profeta anunciado:

Actos 3:19-23

«Arrependam-se, portanto, e deem meia-volta, a fim de que os seus pecados sejam apagados, para que venham tempos de refrigério da parte de Jeová e ele envie o Cristo

que lhes foi designado, Jesus. A este, o céu tem de reter até o tempo do restabelecimento de todas as coisas, das quais Deus falou pela boca dos seus santos profetas da antiguidade. Realmente Moisés disse: 'Jeová, seu Deus, fará surgir para vocês, dentre os seus irmãos, um profeta semelhante a mim. Escutem tudo que ele lhes disser. Sim, todo aquele que não escutar esse Profeta será completamente destruído dentre o povo.'»

Estêvão usou também o mesmo argumento quando citou Moisés perante o Sinédrio (Atos 7). Deveríamos todos manifestar uma profunda gratidão a Deus pelo facto de Pedro e Estêvão terem aplicado as palavras de Moisés a Jesus Cristo. Se as Escrituras não tivessem sido tão explícitas, vocês não teriam sem dúvida hesitado em atribuir a vós mesmos essa profecia, pretendendo ser esse famoso profeta. Visto que Moisés era a prefiguração profética do Cristo, compreende-se por que razão Jeová se mostrava tão inflexível para com quem quer que tentasse usurpar o seu lugar. A posição de Jesus Cristo é exclusiva; rivalizar com ele é atrair sobre si a rejeição de Deus. É precisamente por essa razão que Jesus proibiu os seus discípulos de se fazerem chamar «rabi» ou «instrutor», lembrando que só temos um único «Líder», o próprio Cristo. Ao compararem-se a Moisés para legitimarem a vossa autoridade sobre a congregação, desencaminham-se para longe das Escrituras e cometem uma falta grave.

Lembram-se, aliás, do que Jesus Cristo declarou?

Lucas 14:8-11

«Quando você for convidado por alguém para uma festa de casamento, não se recoste no lugar mais destacado. Talvez uma pessoa de mais destaque do que você também tenha sido convidada. Então aquele que convidou a ambos chegará e dirá a você: 'Dê o seu lugar a este homem.' Então você irá, envergonhado, ocupar o último lugar. Mas, quando você for convidado, vá se recostar no último lugar, para que, quando chegar o homem que o convidou, ele lhe diga: 'Amigo, passe para um lugar mais importante.' Então você terá honra na frente de todos os outros convidados. Porque todo aquele que se enaltecer será humilhado, e aquele que se humilhar será enaltificado.'»

Imaginem a reação do «senhor da casa» se vos encontrasse sentados, não num lugar de honra, mas no próprio assento que lhe pertence. Não é precisamente isso que fazem ao compararem-se a Moisés e ao reivindicarem a sua autoridade?

Utilizam outros paralelos para tentar justificar a existência desse «grupo especial» que nomeiam «o escravo fiel e prudente», mas é agora flagrante que essa doutrina não passa de uma ilusão. Lembro-me de que, em 2013, quando começaram a ensinar essa interpretação, pensei para mim mesmo: «É um erro, mas é totalmente inofensivo e não causará qualquer mal.»

Quão enganado eu estava! Atribuir-se um papel profético é precisamente o desvio de «Jezabel». Longe de ser uma fantasia sem consequências, trata-se de uma doutrina temível, como a pandemia de COVID-19 tristemente colocou em evidência.

Esta crise revelou que usaram de uma autoridade indevida sobre o rebanho para incitar os irmãos a vacinarem-se. Muitos cederam por pura submissão, convencidos da vossa superioridade espiritual. Uma tal dinâmica é extremamente perigosa, quando prevemos para o futuro pressões mundiais ferozes. Se tropeçarem de novo e capitularem perante a «Fera» — como fizeram durante a pandemia ao abandonarem princípios bíblicos límpidos —, arrastarão a maioria dos irmãos na vossa queda.

Pensemos por um instante no que teria acontecido se, durante essa crise, os fiéis tivessem assimilado plenamente o ensinamento do Cristo segundo o qual só ele nos deve governar. A partir do momento em que tivessem começado a impor escolhas médicas, teriam sido convocados por um comitê de anciãos para se explicarem sobre esse desvio em relação às Escrituras. Se tivessem persistido, teriam sido simplesmente destituídos das vossas funções ou desassociados da congregação por dissidência bíblica e abuso de poder. Ninguém teria agido por uma obediência cega que julgava dever a Deus. Muitos dos nossos irmãos, hoje doentes ou falecidos na sequência dessa submissão, estariam ainda vivos e com boa saúde.

Contudo, nada disso aconteceu, em razão desse dogma falacioso e perigoso do «escravo fiel e prudente» que mantêm sem o menor fundamento bíblico sério.

A conclusão impõe-se por si mesma: a tese segundo a qual formariam um «grupo especial» anunciado por Jesus Cristo é um erro teológico maior, tal como a ideia de que deveríamos seguir-vos de olhos fechados. O único que devemos seguir «para onde quer que ele vá» é Jesus Cristo, e certamente não vocês (Revelação 14:4).

Esta doutrina nociva deve ser extirpada da congregação cristã como uma «raiz venenosa e mortal», a fim de evitar que cause outros estragos no futuro.

GUERRA OU PAZ NA CONGREGAÇÃO?

Chegamos ao fim deste livro, caros irmãos do Corpo Governante. Encontramo-nos agora na encruzilhada dos caminhos, entre o caminho da vida e o da morte (Deuteronómio 30:19). No bom caminho encontram-se irmãos e irmãs que vos amam sinceramente e que esperam de todo o coração ver-vos progredir nele. Fazemos-vos grandes sinais com a mão, chamamos por vocês em alta voz para que se juntem a nós, como Jeová deseja.

O nosso desejo mais profundo é abraçar-vos, perdoar os sofrimentos passados e virar definitivamente a página sobre esses erros. Aspiramos profundamente a percorrer, ao vosso lado, esta estrada que leva ao Reino de Jesus Cristo.

Contudo, a realidade permanece: não vos podemos obrigar a seguir por esse caminho. Cada um de nós dispõe do seu livre-arbítrio, e essa decisão pertence-vos exclusivamente. Ignoro que vereda escolherão seguir, mas, no que me diz respeito, a minha escolha está definitivamente tomada.

Josué 24:15

«Agora, se vocês não acham bom servir a Jeová,»

Este livro, como anunciei, será tornado público para que cada um fique plenamente esclarecido sobre os princípios bíblicos que envolvem a questão das vacinas, e para que ninguém se deixe enganar pela mentira. Vocês tiveram mais de dois anos para corrigir os vossos erros, mas preferiram ocultá-los; é por isso que os vossos atos devem hoje ser expostos aos olhos da congregação mundial. Todos os irmãos e irmãs tomarão assim consciência dos verdadeiros desafios e compreenderão que vacinados e não vacinados merecem exatamente o mesmo respeito. Quaisquer que sejam as decisões individuais que daí decorram, uma verdade impor-se-á doravante com uma clareza absoluta à mente de cada um, quer tenha optado ou não por se vacinar. Todos compreenderão que: «Somos as ovelhas do rebanho do Senhor, e não os ratos do laboratório de Satanás.» Nenhum líder humano, nenhum chefe religioso nem nenhum suposto profeta se apropriará do nosso corpo, pois este pertence exclusivamente ao nosso Pai Jeová e ao nosso Rei Jesus Cristo. A mensagem transportada por este livro começará a

ressoar em espanhol, desdobrando-se depois em inglês, francês, alemão, e não sei em quantas outras línguas mais. Do que estou certo é de que numerosos colaboradores se unirão, cada um na sua língua, para fazer brilhar a verdade e traduzir estas linhas para o bem de todos. As redes sociais e os canais de informação serão amplamente utilizados para que cada membro da comunidade possa ler este texto e medir o alcance dos vossos atos. Jeová saberá cuidar para que este esclarecimento chegue àqueles que o devem receber. Pensem nisto, caros irmãos: se cada pessoa que recebe este livro o transmitir no dia seguinte a três irmãos do seu conhecimento, e se cada um reproduzir esse gesto, serão precisos menos de quinze dias para que a comunidade inteira tome conhecimento dele. Jeová pode escolher enterrar esta mensagem no esquecimento, tal como pode tocar os corações para incentivar à partilha. Entrego inteiramente esta causa nas mãos do nosso Pai e de Jesus Cristo; deixemos que eles decidam por nós. Vocês tinham o dever de dizer a verdade, mas preferiram calar-se, opondo o silêncio onde era vital falar. É por isso que esta profecia se cumprirá:

Lucas 19:40

«Mas ele disse em resposta: “Eu lhes digo que, se eles ficassem calados, as pedras clamariam.”»

Outros quebrarão o silêncio para proclamar o que vocês deveriam ter dito. O tempo fez o seu trabalho e, doravante, «as pedras» começam a clamar.

Caros irmãos, lembrem-se do que Paulo declarou:

Romanos 11:21

«Pois, se Deus não poupou os ramos naturais, também não poupará você.»

Caros irmãos do Corpo Governante, não subestimem este livro. A própria mão que «vos enxertou na oliveira» pode, de um momento para o outro, traçar na parede à vossa frente estas palavras temíveis: «MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM», antes de vos cortar definitivamente dessa oliveira (Romanos 11; Daniel 5:25-28). Por favor, arrependam-se e reparem os sofrimentos que causaram. Mesmo que deseje de todo o meu coração ver-vos fazer a escolha certa e perseverar no bom caminho, pode ser que prefiram seguir pela vereda errada. «Tornei-me, porventura, vosso inimigo por vos dizer a verdade?» (Gálatas 4:16)

Talvez optem por «retribuir-me o mal pelo bem» (Provérbios 17:13) em resposta a este livro, e persistam obstinadamente nos desvios que denunciei. Se assim for, seria de uma tristeza infinita.

Saibam uma coisa: cada Testemunha de Jeová é, por essência, um ardente defensor do nome divino. Se tivessem de impor novamente esta vacina pretendendo que é a vontade de Jeová, e se continuassem a torcer as Escrituras para servir os interesses da «fera imunda», obrigariam-me a opor-me frontalmente a essas imposturas. Se me calasse, seria uma falsa testemunha de Jeová; seria um cobarde que assiste à profanação do nome de Deus sem dizer uma palavra. Caros irmãos, se optarem pelo mau caminho, a guerra será inevitável. Mas não será uma guerra de divisão ou de discórdia: será um combate em defesa da verdade. A Escritura declara:

Judas 1:3, 4

«Amados, embora eu estivesse fazendo todo o possível para lhes escrever a respeito da salvação que temos em comum, achei necessário escrever para exortá-los a travar uma luta árdua pela fé que de uma vez para sempre foi entregue aos santos. A razão é que se infiltraram entre vocês certos homens que há muito tempo foram designados pelas Escrituras para este julgamento; eles são homens ímpios, que transformam a bondade imerecida de nosso Deus numa desculpa para conduta insolente e que se mostram falsos para com o nosso único dono e Senhor, Jesus Cristo.»

É da responsabilidade do verdadeiro cristão «lutar arduamente pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos» e recusar que ela seja alterada pela mentira. É um imperativo tão absoluto que, como salienta Judas, devemos deixar de lado tudo o resto para nos dedicarmos plenamente a isso. Uma tal posição trará inevitavelmente provações àqueles que a adotarem, mas Paulo dirige-nos este lembrete:

2 Timóteo 2:3

«Como bom soldado de Cristo Jesus, participe em suportar sofrimentos. »

Como «soldados de Cristo», temos o dever de combater a mentira e de preservar a verdade de toda a contaminação, quaisquer que sejam as consequências. Quando tomei a decisão de me batizar, o meu

compromisso não foi com uma organização humana chamada «Testemunhas de Jeová» cujas estruturas vocês dirigissem e cujas doutrinas alterassem ao sabor das vossas preferências. Recuso-me a usar o nome de «Testemunha de Jeová» como uma simples etiqueta denominacional. Fui batizado para pertencer à casa de Deus e para ser uma das suas testemunhas atestadas. É uma aliança estritamente pessoal que selei com Jeová, unindo-me intimamente a ele e ao seu Filho. Se pretendem desassociar-me da congregação em razão dos meus escritos, saibam desde já que essa sentença não terá para mim qualquer valor. Vocês não detêm qualquer autoridade sobre a minha relação com o Criador. Pretender perante a comunidade que deixei de ser uma Testemunha de Jeová seria uma mentira e uma calúnia. Como poderiam justificar a minha desassociação quando redijo este livro precisamente para defender a honra de Jeová perante os vossos desvios? Este texto é a prova concreta da minha fidelidade como testemunha. Acusar-me-iam de semear a divisão? Demonstrei nestas páginas que os verdadeiros artífices da divisão são vocês, quando impulsionaram os irmãos a tornarem-se adeptos da «Santa Vacina». E isto é apenas uma ínfima parte das vossas faltas. Sejamos perfeitamente claros: mesmo que pronunciem a minha desassociação, continuarei a reivindicar-me Testemunha de Jeová. Concluirei simplesmente que apostataram e que estão a extraviar o rebanho. Nenhuma outra conclusão é possível, pois este livro coloca-vos perante as vossas responsabilidades. Repeti estas verdades sob diferentes ângulos e com a ajuda de numerosos textos bíblicos para que não subsista qualquer zona de sombra e para que nenhum argumento possa vir a legitimar a vossa gestão da pandemia. Se recusarem ouvir-me, não terei outra escolha senão informar diretamente os irmãos da vossa falha. Pensam que uma desassociação me levará a renegá-lo para me lançar no mundo corrompido do Diabo? Isso não me interessa. Fui formado para defender Jeová, e é isso que farei, mesmo que venham a falhar e a abandonar o bom caminho. Permanecerei íntegro perante ele e ajudarei os nossos companheiros a abrir os olhos se persistirem no erro. O meu desejo mais profundo continua a ser a paz, mas o desfecho desta situação depende inteiramente da vossa reação. Atrevo-me a esperar, caros irmãos, que meçam o alcance deste livro e que tomem as decisões que se impõem. Outra crise sanitária mundial se avizinha, e a pressão que exercerá será muito mais temível do que a da COVID-19. Se não retificarem a trajetória desde já, tropeçarão de novo, e uma verdadeira rutura

ocorrerá no seio das congregações, pois muitos irmãos recusarão que lhes confiscuem a verdade para lhes impor opiniões humanas. Comunidades inteiras desligar-se-ão da vossa tutela sob a bandeira: «Congregação livre das falsas doutrinas do Corpo Governante» Embora não apoie qualquer ato de vandalismo, força é constatar que verão a frase «Somos as ovelhas do rebanho do Senhor, não os ratos do laboratório de Satanás» surgir nas paredes dos Salões do Reino, dos Salões de Assembleias e em faixas através do mundo. Não poderão continuar a agir em segredo agora que as vossas práticas estão expostas à luz do dia, sob pena de desencadear um conflito destrutivo. Pensam realmente que os fiéis guardarão silêncio ao tomarem consciência de que os seus entes queridos foram incitados a injetar substâncias experimentais em nome da vontade de Jeová? A paz ou a confrontação está nas vossas mãos. Suplico-vos, caros irmãos, amadureçam a vossa reflexão, submetam-se a Jeová e reconheçam os vossos erros pelo bem e pela unidade da casa de Deus. Para retomar as palavras de Paulo aos anciãos de Éfeso: «Por isso vos tomo hoje por testemunhas de que estou limpo do sangue de todos os homens, pois não me esquivei de vos anunciar todo o conselho de Deus.» (Atos 20:26, 27) Partilhei convosco todas as verdades necessárias para vos ajudar a agradar a Jeová. Posto isto, esta démarche exonera-me de qualquer responsabilidade perante uma eventual culpa de sangue. No Dia do Julgamento, quando Jesus Cristo me perguntar: «Que fizeste pelas minhas ovelhas?», eis exatamente o que lhe responderei:

«O Corpo Governante extraviou-se ao promover um mau caminho; percebi isso e tentei corrigi-los com amor.» «Tentei reconduzi-los à tua Palavra para que guiassem corretamente os irmãos nas questões de submissão às autoridades, de escolhas médicas e de respeito pela consciência.» «Não sabendo se aceitariam estas observações, optei por tornar estes elementos públicos para evitar que outros fossem enganados.» «Agi da única maneira possível para proteger as tuas ovelhas de novas feridas.» E estejam certos de que Jesus Cristo compreenderá a minha démarche. Caros irmãos do Corpo Governante, mantenho a esperança de que façam a escolha certa. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para vos esclarecer, e continuarão nas minhas orações. Dirijo-me agora a vós, irmãos e irmãs que leem estas linhas: A todos os que receberam a vacina e que não sentem qualquer efeito indesejável até à data: se agiram em pleno conhecimento de causa após

se terem documentado pessoalmente, a vossa decisão é soberana e ninguém tem o direito de vos culpar por ela. Cabe-vos assumir as vossas escolhas e os eventuais riscos. Em contrapartida, se consentiram nesse ato unicamente sob a pressão das campanhas mediáticas, sem análise prévia, a situação é mais preocupante. As vossas decisões devem ser refletidas, pois as implicações são graves. Não se trata apenas da vossa própria existência ou da da vossa família: o vosso corpo pertence a Deus, e não a vós mesmos. Devem cuidar dele segundo as suas exigências. A Escritura declara, aliás:

1 Tessalonicenses 5:21

«Certifiquem-se de todas as coisas; apeguem-se ao que é bom.»

Para provar tudo isto, é indispensável que se informem seriamente sobre a questão. Certamente, empreender tais pesquisas pode revelar-se desgastante, mas não deveríamos aceitar algum stress perante um desafio tão crucial? Não merece esta questão ser aprofundada? Por onde começar as vossas investigações? Ao analisar as fontes e os dados disponíveis, constata-se que os discursos oficiais e os meios de comunicação tradicionais ocultaram frequentemente uma parte da realidade. Poderia ter saturado este livro com informações técnicas, mas preferi não o fazer para não sobrecarregar o texto e evitar que as minhas intenções fossem mal interpretadas. Hoje em dia, numerosos canais, inclusive entre os nossos irmãos, partilham estudos científicos e relatórios sobre os efeitos da vacinação que se revelam muito úteis para tomar uma decisão esclarecida. Como é evidente, é necessário fazer uma triagem, pois as falsas informações convivem com análises rigorosas. Ninguém pretendeu que fosse simples discernir as coisas, mas, com um pouco de esforço e critério, a verdade permanece acessível a todos. Seja qual for a vossa posição, dediquem algum tempo a informar-se seriamente, a fim de não terem quaisquer lamentações no futuro. Dirigindo-me àqueles que foram vacinados e que sofrem hoje de problemas de saúde relacionados com essa injeção: Caros irmãos e irmãs, é profundamente doloroso e devastador constatar que a vossa saúde foi alterada por esses produtos. Aperceberem-se de que foram induzidos em erro por pessoas em quem depositavam a vossa inteira confiança pode, legitimamente, suscitar sentimentos muito sombrios. Contudo, suplico-vos, não deixem que o ressentimento ganhe raízes no vosso coração. O amargor gera o ódio, e o ódio leva à perda da

aprovação divina. É extremamente perigoso deixar que essas emoções tomem o controlo. É perfeitamente natural e compreensível sentir ira perante uma tal injustiça, mas lembremo-nos de que «a ira do homem não produz a justiça de Deus» (Tiago 1:20). Esta situação é uma terrível pedra de tropeço, mas Jeová não é de modo algum responsável pelos desvios dos homens que comprometem o seu nome. Vocês foram enganados, mas agiram com a convicção sincera de agradar a Deus. Demonstraram fé, e ele sabe-o. O nosso Deus ama-vos, vocês têm um valor imenso aos seus olhos, e ele «não é injusto para se esquecer da vossa obra». Ele promete atar as vossas feridas e restabelecer a justiça. As Escrituras atestam-no:

Ezequiel 34:15, 16

«“Eu mesmo cuidarei das minhas ovelhas e eu mesmo as farei deitar-se”, diz o Soberano Senhor Jeová. “Procurarei a perdida, trarei de volta a desgarrada, enfaixarei a que estiver ferida e fortalecerei a fraca, mas eliminarei a gorda e a forte. Destas eu cuidarei com julgamento.”»

Ter efeitos indesejáveis é uma provação terrível, mas o pior teria sido receber a «marca da Fera». Haverá, apesar de tudo, um aspeto positivo a reter? Por favor, considerem que fizeram a tomada de consciência necessária agora: compreenderam que nunca se deve acreditar cegamente nos homens nem nos «profetas autoproclamados», sob pena de comprometer a vossa salvação futura. Talvez a única maneira de integrar plenamente esta lição fosse sofrer pessoalmente as consequências dessa injeção. Se esta pandemia não tivesse ocorrido e tivéssemos sido projetados diretamente perante a provação da «marca da Fera», qual teria sido a vossa reação? Teriam aceitado essa «marca» com a mesma submissão que a vacina, se o Corpo Governante vo-la tivesse recomendado? O que vos aconteceu, embora horrível, trouxe-vos uma clareza de espírito que poderá bem salvar-vos a vida no futuro. Agradeçam a Jeová pelo discernimento de que dispõem hoje, pois adquiriram essa certeza antes que a provação final se apresente; persistir na ignorância ter-vos-ia conduzido infalivelmente a um erro fatal. Tentem discernir o benefício oculto por trás do mal suportado: estão doravante muito melhor preparados. Dirigindo-me àqueles que não foram vacinados apesar da pressão: A todos vós que recusaram essa injeção, que permaneceram firmes na vossa decisão e que recusaram submeter-se, dirijo as minhas mais sinceras felicitações. Fizeram o que

era justo ao preservar a integridade da vossa consciência. Uma verdadeira «época de caça aos não vacinados» abriu-se em muitas congregações, onde estes foram marginalizados, ou até espiritualmente «exterminados». Sentiram-se, sem dúvida, profundamente isolados, à imagem do profeta Elias. Contudo, quando ele era tomado pelo desânimo, Jeová dirigiu-lhe estas palavras:

1 Reis 19:18

«E ainda tenho 7.000 em Israel, todos os que não se ajoelharam diante de Baal e que não o beijaram.»»

Não estão sós, caros irmãos e irmãs. Por todo o mundo, companheiros foram desprezados e perseguidos por essa mesma razão. Viram a sua reputação ser pisada e perderam o afeto de membros da sua família ou de amigos por causa dessas diretivas vacinais.

A todos vós, Jesus Cristo dirige estas palavras:

Mateus 5:10-12

«Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque a eles pertence o Reino dos céus. “Felizes são vocês quando as pessoas os insultam e perseguem, e, mentindo, dizem todo tipo de coisas más contra vocês, por minha causa. Alegrem-se e fiquem cheios de alegria, porque a sua recompensa é grande nos céus; pois assim perseguiram os profetas antes de vocês.»

Tendes aí uma recompensa que ninguém vos poderá jamais tirar, e é uma razão legítima para «saltar de alegria».

O que atravessámos durante esta pandemia foi terrível, mas funcionou como uma verdadeira «janela para o futuro», revelando-nos as dinâmicas das provações vindouras. O que se avizinha será certamente muito mais intenso, mas não devemos nutrir qualquer temor, pois o salmista descreve assim a condição daqueles que andam pela fé:

Salmos 112:7

«Não terá medo de más notícias. Seu coração é firme, confia em Jeová.»

Uma vez passada a provação final, tudo será plenamente restabelecido. O nosso Pai bem-amado, bem como o nosso único Rei e Soberano, Jesus Cristo, repararão a totalidade das ofensas e dos danos causados.

Para obter a força de superar o que se avizinha, não existe melhor maneira de encerrar este livro do que apropriar-se das palavras inspiradas de Judas:

Judas 24, 25

«Àquele que é capaz de proteger vocês para que não tropecem e de fazê-los ficar de pé, sem defeito, à vista da sua glória, com grande alegria, ao único Deus, nosso Salvador, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, seja a glória, a majestade, o poder e a autoridade desde toda a eternidade, agora e por toda a eternidade. Amém.»

Doravante, o monopólio da vossa palavra e a censura exercida sobre a vacinação chegam ao fim.



Anexo 1 - Carta enviada a todos os betelitas e servos a tempo inteiro para os incitar a vacinarem-se

CORPO GOVERNANTE DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

1 Kings Drive, Tuxedo Park, New York 10987-5500, Estados Unidos

6 de agosto de 2021

A TODOS OS SERVOS ESPECIAIS A TEMPO INTEIRO EM BETEL E NO CAMPO

Caros irmãos e irmãs:

É claro que estamos a entrar numa nova fase da pandemia de COVID-19. Com o surgimento de variantes altamente contagiosas, o vírus espalha-se rapidamente pelo mundo, em especial entre aqueles que não estão vacinados. Por conseguinte, partilhamos estas informações importantes. Mantenham-nas sob estrita confidencialidade. Não as devem partilhar com outras pessoas.

Três fatores importantes a ter em conta relativamente à vacinação foram mencionados no vídeo n.º 6 do Relatório do Corpo Governante de 2021: (1) Como Testemunhas de Jeová, não temos qualquer objeção religiosa à vacinação. (2) Quase 20 000 dos nossos caros irmãos e irmãs morreram do vírus COVID-19. (3) Em alguns países, as «autoridades superiores» promulgam leis que exigem a vacinação. Noutros, incentivam fortemente os seus cidadãos a vacinarem-se. Como refere a nota de estudo de Romanos 13:5: «Um cristão submete-se aos governos humanos quando uma ordem não contradiz as leis de Deus.» (Rom. 13:1-5)

Até ao momento, 17 957 membros da família de Betel em todo o mundo foram vacinados. Contudo, não recebemos qualquer relatório a dar conta de um único membro da família de Betel que tenha tido uma reação adversa grave ou que tenha ficado gravemente doente na sequência da vacina. Em vez disso, observámos que, no território da filial dos Estados Unidos, noventa e nove por cento dos publicadores que foram hospitalizados devido à COVID-19 ou que morreram da doença não estavam vacinados. Tendo isto em mente e após reflexão

ponderada e oração, decidimos que preferimos que todos os que realizam um serviço especial a tempo inteiro em Betel e no campo sejam vacinados, se possível.

Embora a vacinação seja um assunto pessoal, devemos reconhecer que as nossas decisões pessoais afetam frequentemente outras pessoas. As nossas decisões afetam também a forma como a organização de Jeová nos pode utilizar num serviço especial a tempo inteiro. Por exemplo, aqueles que estão vacinados podem ter maiores oportunidades de apoiar atividades espirituais. Como assim? Cada vez mais autoridades regionais e nacionais exigem uma prova de vacinação para que as pessoas se possam reunir em público. Com o passar do tempo, preocupações semelhantes poderão afetar a forma como utilizamos os nossos Salões do Reino e os nossos Salões de Assembleias. Podem igualmente afetar o trabalho dos superintendentes itinerantes que visitam as congregações ou dirigem assembleias. As deslocações também podem ser restringidas para as pessoas não vacinadas. Até a nossa capacidade de pregar publicamente pode ser afetada. É claro que, além dos benefícios para a saúde, existem boas razões para os membros dos serviços especiais a tempo inteiro se vacinarem.

À luz do exposto, solicitámos ao Departamento de Cuidados de Saúde (HCD) que entre em contacto convosco relativamente ao vosso estado vacinal atual. Se não puderem vacinar-se por uma razão médica, por favor informem o HCD. Eles poderão prestar-vos ajuda.

Oramos para que Jeová vos dê sabedoria ao refletirem sobre estas questões importantes. Por favor, aceitem uma expressão do nosso amor e profundo respeito por cada um de vós.

Os vossos irmãos,

Corpo Governante das Testemunhas de Jeová

6/8/21-E

Anexo 2 - Carta para pressionar os anciãos a vacinarem-se

<https://effets-indesirables-jw.fr/ressources/communicationauxancienscontreopinionpersonnellesept2021.pdf>

Comunicação

27 de setembro de 2021

1. **Vacinação contra a Covid-19 e respeito pelas autoridades superiores:** A nossa solicitude e o nosso amor por vós impelem-nos a enviar-vos esta comunicação importante (1 Cor. 12:25). Em razão da atual pandemia, num número crescente de países, as autoridades públicas tornam a vacinação contra a Covid-19 obrigatória para os seus cidadãos, ou então incentivam-na fortemente. Os recentes relatórios do Corpo Governante ajudaram o povo de Jeová a compreender o ponto de vista do escravo fiel sobre este assunto.
2. Várias filiais relataram que alguns anciãos expressaram opiniões pessoais bem vinculadas, criticando a vacinação contra a Covid-19. Por que razão é isto preocupante? Romanos 13:1 explica que «as autoridades existentes foram colocadas por Deus nas suas posições relativas». Além disso, a nota de estudo sobre Romanos 13:5 diz o seguinte: «Um cristão submete-se aos governos humanos quando uma ordem não contradiz as leis de Deus.» Lê-se em Romanos 13:2: «Quem se opõe à autoridade [pública] toma uma posição contra a disposição de Deus.» Por conseguinte, os anciãos devem ter o cuidado de não expressar opiniões pessoais que vão contra as instruções das autoridades superiores. Se um ancião tiver essa atitude, deve parar imediatamente (Mat. 22:21; Rom. 13:4-7). Caso contrário, poderá tornar-se culpado de causar divisões na congregação.
3. Em Romanos 16:17, os anciãos recebem esta exortação: «[Mantenham] o olho naqueles que causam divisões e dão margem para tropeço, contrariamente ao ensino que aprenderam, e evitem-nos.» Segundo a Bíblia, os anciãos têm, portanto, a responsabilidade de dar conselhos a qualquer cristão, incluindo um ancião, que cause divisões na congregação

(Gál. 6:1). Os superintendentes de circuito acompanharão de perto a situação. Parabenizamos-vos, caros irmãos, por permanecerem ‘firmemente apegados’ à Palavra de Deus, por promoverem a unidade da congregação e por darem o exemplo ao ‘honrar’ as autoridades públicas (Tito 1:9; 1 Ped. 2:13-17). Agradecemos a vossa cooperação neste domínio e aproveitamos a oportunidade para vos assegurar todo o nosso amor fraternal.

PARA OS COORDENADORES DOS CORPOS DE ANCIÃOS

1. **Comunicação para os anciãos:** Por favor, organizem uma reunião do corpo de anciãos esta semana para discutir a comunicação para os anciãos, bem como os textos bíblicos dados como referência.

9/27/21-F

Anexo 3 - Carta de acompanhamento do livro, enviada ao Corpo Governante e às filiais

15/09/2024

Caros irmãos do Departamento de Serviço da filial das Testemunhas de Jeová,

Nesta breve carta de apresentação, desejo expor-vos as razões, bem como os objetivos, do livro impresso que vos envio.

A Bíblia diz-nos:

Gálatas 6:1

«Irmãos, mesmo que um homem, sem perceber, dê um passo em falso, vocês que têm qualificações espirituais tentem reajustar esse homem num espírito de brandura. Mas olhe cada um para si mesmo, para que não seja tentado também.»

Isto mostra-nos claramente que, quando alguém comete uma falta grave, devemos repreendê-lo com amor e brandura.

Quem é abrangido por este aviso? É uma medida reservada unicamente aos publicadores da congregação?

Com certeza que não! Cada membro da comunidade cristã deve poder beneficiar desta manifestação de amor, independentemente dos seus privilégios de serviço ou da sua importância na estrutura organizacional.

A título de exemplo, sabemos que Pedro era um apóstolo escolhido e designado pelo próprio Jesus Cristo. Contudo, a carta aos Gálatas revela-nos que Paulo não hesitou em repreendê-lo publicamente devido à sua conduta errada (Gálatas 2:11-14). Cada um de nós sabe que «todas as coisas escritas anteriormente foram escritas para o nosso ensino» (2 Timóteo 3:16, 17). Este exemplo histórico conserva, portanto, todo o seu valor pedagógico para nós hoje.

Sendo assim, o que convém fazer quando um membro da família de Betel comete um pecado grave?

O livro «Pascam o Rebanho de Deus», no capítulo 12, parágrafo 43, estipula explicitamente quanto às faltas cometidas por betelitas:

« 43. Se um membro da congregação que está numa das formas de serviço indicadas abaixo for acusado de uma falta grave ou confessar ter cometido uma, dois anciãos que estejam ao corrente dos factos devem contactar imediatamente o Departamento de Serviço, que lhes dará instruções sobre como tratar a situação. Isto aplica-se a irmãos e irmãs que são betelitas, voluntários temporários em Betel, servos ou voluntários de construção, servos ou voluntários não residentes em Betel, voluntários intermitentes em Betel, servos ou voluntários de construção não residentes, teleservos ou televoluntários, teleassistentes, missionários, pioneiros especiais temporários, pioneiros especiais, ou servos designados num Salão de Assembleias ou num centro de escolas bíblicas. »

Assim, os irmãos investidos da responsabilidade de tratar as faltas graves cometidas pelos membros de Betel são precisamente os membros da comissão do Departamento de Serviço. É essa a razão pela qual vos envio esta documentação.

Quem é o autor dos incumprimentos graves a que faço alusão? Nenhum outro senão os próprios membros do Corpo Governante.

Antes que descartem o livro anexo («Carta aberta ao Corpo Governante das Testemunhas de Jeová»), considerando-o uma provocação ou uma brincadeira de mau gosto, quero assegurar-vos de que a minha iniciativa é, infelizmente, de uma gravidade absoluta. Descobrirão neste dossier as provas factuais que sustentam a minha acusação.

Os desvios que denuncio estão diretamente ligados à posição não bíblica adotada pelo Corpo Governante durante a pandemia de Covid-19. Através das suas declarações, levaram os nossos irmãos a acreditar que era a vontade de Jeová que recebessem essa injeção.

A minha iniciativa não visa fazer a apologia da não vacinação. Cada indivíduo possui o direito inalienável de escolher ou recusar um ato médico, e a sua decisão deve ser soberanamente respeitada, em conformidade com os princípios da Palavra de Deus. Acredito

firmemente na estrita neutralidade cristã em matéria de tratamentos terapêuticos. O problema reside no facto de o Corpo Governante ter precisamente abdicado dessa neutralidade ao promover ativamente uma substância experimental que, além do mais, alterou a saúde de muitos companheiros e levou outros à morte.

Desde o momento em que vidas de irmãos foram ceifadas, a questão do «homicídio involuntário» coloca-se, segundo os próprios critérios definidos pelo livro «Pascam o Rebanho de Deus».

Por favor, não interpretem mal as minhas intenções. Não pretendo que o Corpo Governante tenha agido com malícia ou má-fé; muito provavelmente recomendou o que considerava ser o melhor naquele momento. No entanto, todos sabemos, à luz das instruções do manual «Pascam o Rebanho de Deus», que quando existem fortes presunções de negligência que resultaram em morte, impõe-se uma análise aprofundada dos factos, independentemente das intenções iniciais da pessoa em causa. O homicídio por negligência não se qualifica pela intenção, mas sim pelas consequências dos atos.

Aliás, o manual estipula o seguinte no capítulo 12, parágrafo 38:

« 38. Homicídio. Uma pessoa não é culpada de ter derramado sangue apenas quando mata alguém voluntariamente; também poderia ser culpada de ter derramado sangue se provocasse a morte de alguém por negligência ou por não ter respeitado as regras de trânsito ou outras regras de segurança estabelecidas por César. Os anciãos verificarão os factos e, se isso se justificar, designarão uma comissão de disciplina religiosa, que examinará o assunto. A decisão desta comissão apoiar-se-á em factos claramente estabelecidos e não simplesmente numa decisão eventualmente tomada pelas autoridades (Deut. 22:8; w06 15/9 p. 30). »

O Corpo Governante «provocou verdadeiramente a morte de alguém por negligência». Tudo isto está amplamente documentado no dossier anexo.

Esta acusação de uma extrema gravidade justifica, por si só, a abertura de um inquérito, tanto mais urgente quanto se dirige a irmãos investidos das mais altas responsabilidades. As Escrituras recordam, de facto, que

eles devem ser totalmente «irrepreensíveis» (1 Timóteo 3:2; Tito 1:6). Encontrará no documento anexado o conjunto de provas que demonstram de forma detalhada que esta denúncia é fundamentada e requer um tratamento imediato. É imperativo que uma comissão judiciária, composta por irmãos qualificados e guiados pelo espírito de Deus, assuma este caso.

Se me fosse dada a oportunidade de falar pessoalmente com os membros do Corpo Governante, apresentar-lhes-ia estes factos diretamente. Contudo, residindo no outro lado do mundo, a publicação deste livro impôs-se a mim como o único meio de lhes transmitir estes elementos.

Porquê ter escolhido o formato de uma carta aberta? Descobrirá os motivos precisos ao longo da sua leitura, mas a razão essencial prende-se com a própria gravidade da situação, que me impõe expor estes desvios publicamente. Além disso, a difusão deste documento junto dos irmãos já começou, e zelarei pessoalmente para que cada fiel desejoso de o ler possa ter acesso a ele na sua própria língua.

Caros irmãos, a hora é grave. Ouso esperar que meçam a importância de uma ação imediata perante a amplitude dos incumprimentos assinalados. Não ignoro a multidão de tarefas e obrigações que absorvem o vosso tempo, mas a Bíblia exorta-nos a «certificar-se das coisas mais importantes» (Filipenses 1:10). Hoje, entre todas as vossas atribuições, nenhuma reveste uma importância superior a esta. Como vos indicava, numerosos irmãos já percorrem estas linhas e muitos outros os seguirão; não abrandarei os meus esforços enquanto esta situação não for levada ao conhecimento de todos.

A integralidade dos factos registados neste dossier deve imperativamente ser transmitida ao Corpo Governante, que deve ser informado sem demora. Se esta carta vier a ser ignorada, destruída ou remetida ao esquecimento, tornar-se-ão cúmplices das injustiças cometidas. Ao realizar esta iniciativa, «estou limpo do sangue de todos os homens» (Atos 20:26, 27); cabe-vos agora assumir plenamente as vossas responsabilidades perante Deus.

Saibam também que esta carta será comunicada às outras filiais em todo o mundo, a fim de que toda a comunidade seja advertida das realidades presentes.

Oro para que Jeová, o nosso Pai amoroso, e Jesus Cristo, o nosso único Rei, vos concedam a sabedoria indispensável para tratar este assunto segundo a sua vontade.

Fraternalmente,

O vosso irmão, Lucas

Anexo 4 - Comissão de disciplina religiosa do Corpo Governante de 14 de julho de 2025

Em 2025, um grupo de irmãos franceses tomou a iniciativa inédita de convocar oito membros do Corpo Governante perante uma comissão de anciãos, a fim de responderem pelos graves incumprimentos doutriniais e pastorais constatados no decorrer dos anos de 2021 e 2022. Embora lhes tenha sido enviada uma convocação formal e devidamente documentada, nenhum deles, como seria de esperar, se dignou dar-lhe seguimento ou demonstrar a menor consideração.

Judicial Committee
Yann Bertha
14, allée Valentin 33470 Gujan-Mestras
France
contact@adverse-events-jw.org

April 30, 2025

David Splane
1020 Red Mills Road
WALLKILL, NY 12589
USA

Dear David Splane,

You are summoned to appear before a judicial committee due to the following actions you are alleged to have committed between 2021 and 2023:

- Brazen Conduct (sfl 12.16)
- Deliberate, Malicious Lying; Bearing False Witness (sfl 12.22),
- Fraud, Slander (sfl 12.24),
- Manslaughter(sfl 12.38),
- Apostasy (sfl 12.39).

The hearing will take place via videoconference using Google Meet on June 22, 2025, at 9:00 AM (New York time) at the following address: <https://meet.google.com/avn-ximx-fqp>

If you are unable to attend, you may contact the committee at the following email address: contact@adverse-events-jw.org.

Your brothers,

Lucas

Serge

Yann

Ghislain

Apesar disso, a comissão realizou-se a 14 de julho de 2025 na ausência dos acusados. As conclusões e o decorrer desta audiência foram posteriormente tornados públicos a 15 de setembro de 2025 nas redes sociais. Pode consultar o relatório oficial deste evento através da seguinte ligação:



https://youtu.be/mHs_Yb3ukkc?si=QOnAiX3-D3tm-B59

Quem quer que tente desacreditar as conclusões desta comissão invocando uma falta de competência jurídica faria bem em recordar as palavras de Jesus Cristo, que ensinou em

Mateus 18:18-20 :

«Digo-lhes a verdade: Tudo o que vocês amarrarem na terra já terá sido amarrado no céu, e tudo o que soltarem na terra já terá sido solto no céu. Também lhes digo esta verdade: Se dois de vocês, na terra, concordarem em qualquer coisa importante que pedirem, ela lhes será concedida pelo meu Pai, que está no céu. Pois, onde há dois ou três reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles.»

Se a comissão se conformou fielmente às Escrituras, então Jesus Cristo estava sentado entre eles, e a decisão tomada é válida no próprio céu, em acordo com o princípio de Mateus 18:18.

Por conseguinte, ao recusar arrepender-se, o Corpo Governante encontra-se numa posição espiritual extremamente perigosa. Ao

escolher ignorar este aviso público, expõe-se ao julgamento divino e testemunha doravante contra si mesmo diante de Deus, bem como diante da congregação dos fiéis.

Acesso online

https://eventos-adversos-jw.org/carta_aberta/

Versões digitais em PDF e EPUB.

Acesso através das plataformas Apple Books e Amazon.

Versão impressa disponível na Amazon.

Idiomas disponíveis: espanhol, inglês, francês, alemão, croata, italiano, húngaro, polaco, romeno e português.